

O ÚLTIMO DOS MAGOS



BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

LISA MAXWELL

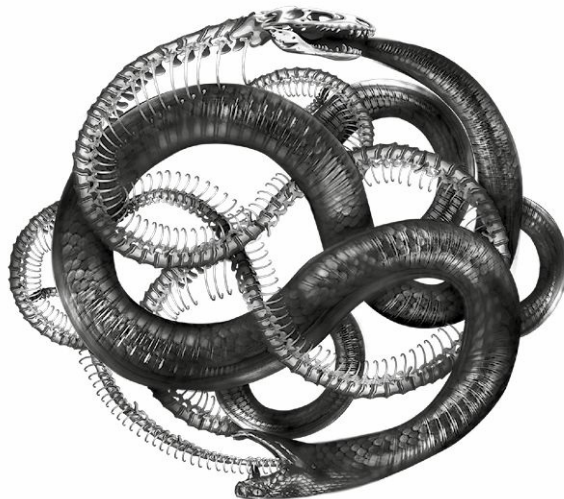
PLATA 31



LISA MAXWELL

TRADUÇÃO: Lavínia Fávero

O ÚLTIMO DOS MAGOS



PLATA
FORMA 21

TÍTULO ORIGINAL **The Last Magician**

Brazilian Portuguese language copyright © 2017 by Vergara & Riba Editoras S.A.

Original English language copyright © 2017 by Lisa Maxwell

Published by arrangement with Simon Pulse, an Imprint of Simon & Schuster Children's Publishing Division

All rights reserved. No part of this book may be reproduced or transmitted in any form or by any means, electronic or mechanical, including photocopying, recording or by any information storage and retrieval system, without permission in writing from the Publisher.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras.

EDIÇÃO **Fabício Valério e Flavia Lago**

EDITORA-ASSISTENTE **Thaíse Costa Macêdo**

PREPARAÇÃO **Boris Fatigati**

REVISÃO **Flávia Yacubian**

DIREÇÃO DE ARTE **Ana Solt**

DIAGRAMAÇÃO **Gabrielly Alice da Silva**

COLABORAÇÃO **Rodrigo Caetano**

DESIGN DE CAPA **Russell Gordon**

ILUSTRAÇÃO E *LETTERING* DE CAPA © 2017 **Craig Howell**

ILUSTRAÇÃO DE CONTRACAPA © 2017 **Cliff Nielsen**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maxwell, Lisa

O último dos magos [livro eletrônico] / Lisa Maxwell; tradução

Lavinia Fávero. – 1. ed. – São Paulo : Plataforma21, 2017.

2 Mb; PDF

Título original: The Last Magician.

ISBN 978-85-92783-44-0

1. Ficção fantástica 2. Ficção – Literatura juvenil I. Título II. Série.

17-08041 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção fantástica : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

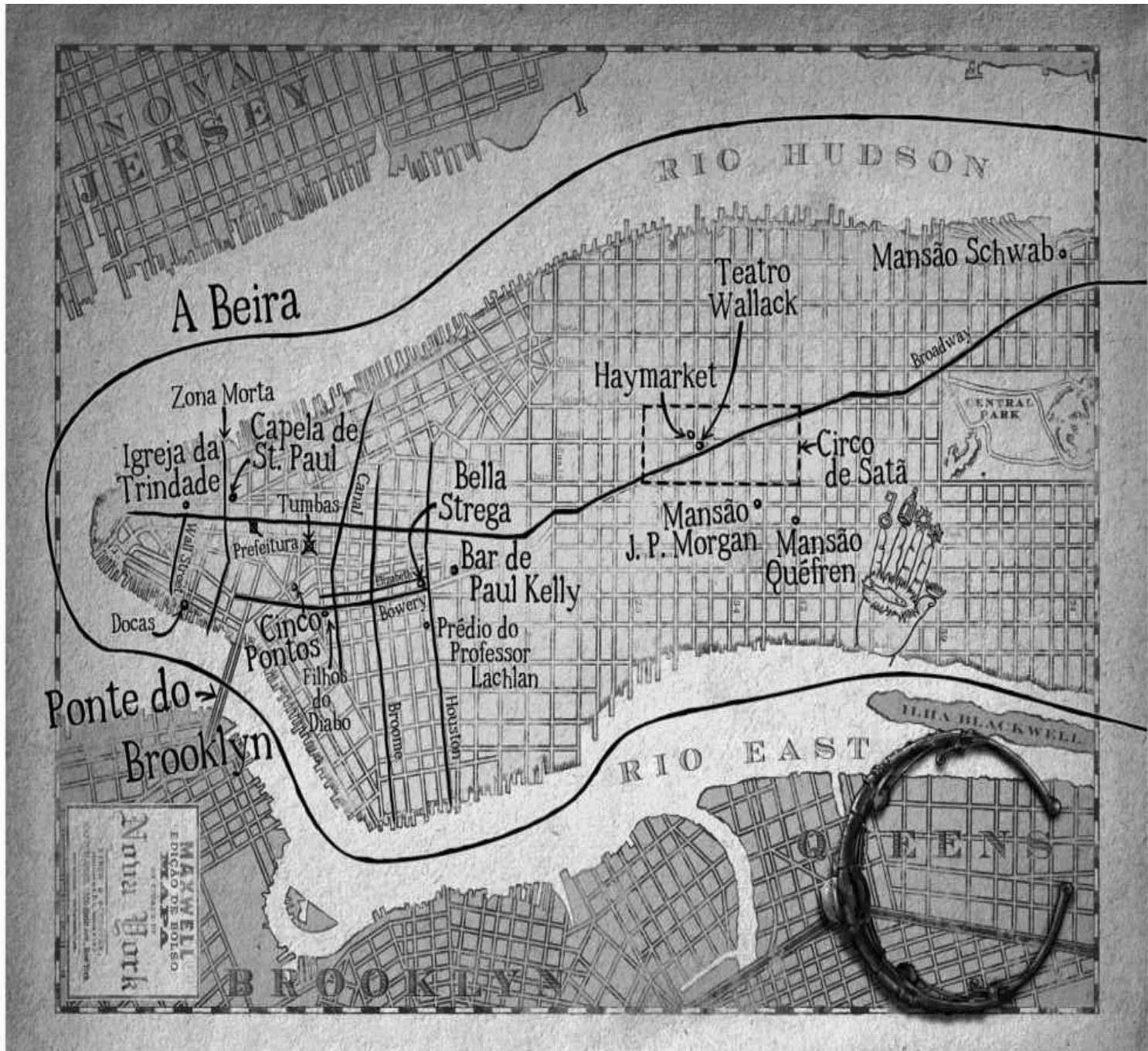
CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

plataforma21.com.br | plataforma21@vreditoras.com.br

Para Harry, prova de que a magia existe





O MAGO

Março de 1902 – Ponte do Brooklyn

O Mago ficou parado no limite do seu mundo e lançou um último olhar para a cidade. Os pináculos das igrejas se erguiam como dentes pontudos, e as janelas sem vista dos prédios decrepitos brilhavam ao nascer do sol. Ele a amara, um dia. Naquelas ruas sem lei, um menino podia se tornar o que quisesse – e ele havia se tornado. Mas, no fim, a cidade não era nada além de uma prisão. E agora o mataria. Ponto-final.

Era tão cedo que a ponte estava vazia, um vão solitário que abarcava os dois lados do rio. Seus cabos, lá no alto, estavam iluminados pela luz suave do amanhecer, e os únicos sons eram os das ondas, lá embaixo, e o crepitar das tábuas de madeira debaixo dos seus pés. Por um instante, ele se permitiu imaginar que uma multidão tinha começado a se formar. Quase podia enxergar o rosto tenso de cada um, em burburinho silencioso, esperando sua última tentativa de enganar a morte. Levantou um dos braços e saudou a plateia invisível. Na sua cabeça, os presentes irromperam em vivas. Então o Mago se forçou a dar o sorriso que sempre estampava em cima do palco: aquele, que era pouco mais do que uma mentira.

Mas, até aí, os mentirosos são os melhores magos. E ele, por acaso, era excepcional.

À medida que foi baixando o braço, o silêncio e o vazio da ponte foram tomando conta dele, e a dura realidade ficou bem clara. Sua vida até podia ter sido construída sobre um alicerce de mentiras, mas sua morte seria o seu número mais grandioso. Porque, pela primeira vez, não seria uma enganação. Pela primeira vez, seria uma verdade total. Seu último número de escapismo.

Ele tremeu, só de pensar. Ou, quem sabe, o tremor fora causado, simplesmente, pelo vento gélido que atravessava o tecido fino do seu casaco. Mais algumas semanas, e o ar não seria nem um pouco gelado.

“Melhor assim.” A primavera era ótima e tudo mais, mas o fedor pútrido das ruas e os prédios sem ar eram outra coisa, completamente diferente, no verão. Aquela sensação de ter gotas de suor escorrendo o tempo todo pelas suas costas. O jeito que a cidade meio que enlouquecia por causa do calor. *Disso* ele não sentiria a menor falta.

O que, claro, era mais uma mentira.

“Ainda posso ir embora”, pensou, tomado de um desespero súbito. Poderia atravessar o que restava da ponte e arriscar a sorte cruzando a Beira.

Talvez fosse *mesmo* para o outro lado. Algumas pessoas tinham feito isso, afinal

de contas. Talvez, simplesmente, acabasse como a mãe. Ele bem que merecia.

Havia uma pequena chance de sobreviver e, se isso acontecesse, talvez pudesse recomeçar. Tinha vários números para apresentar. Já mudara de vida e de nome antes e poderia fazê-lo de novo. Poderia *tentar*.

Mas sabia que não tinha como dar certo. Ir embora seria apenas um tipo diferente de morte. E a Ordem, que não era afetada pela Beira como ele, jamais desistiria de caçá-lo. Quando o encontrasse – e o encontraria – não lhe daria paz. A Ordem não pararia de usá-lo, até não sobrar mais nada.

O Mago arriscaria a sorte pulando na água.

Subiu na grade de proteção e teve que se segurar no cabo para manter o equilíbrio, naquele vento forte de primavera. Lá longe, na direção da cidade, ouviu o ranger das carruagens e os gritos loucos e raivosos das pessoas, assinalando que o momento de indecisão havia passado.

“Um único passo é uma coisa tão pequena.” Tinha dado incontáveis passos todos os dias, sem sequer perceber. Mas aquele passo...

O ruído no começo da ponte ficou mais alto, mais próximo, e ele soube que havia chegado a hora. Se o pegassem, não haveria magia, números ou mentiras capazes de ajudá-lo. Então, antes que o alcançassem, soltou o cabo, deu aquele último passo e foi – *com o Livro* – para o único lugar aonde a Ordem não poderia segui-lo.

A última coisa que ouviu foram os gemidos afrontosos do Livro. Ou talvez tenha sido o som que irrompia de sua garganta à medida que ele se entregava ao ar.

P A R T E

I

A LADRA

Dezembro de 1926 – Upper West Side

Não foi em um passe de magia que Esta conseguiu deixar a festa sem ser notada. As notas alegres do piano foram ficando mais baixas à medida que ela se afastava do salão de baile. Qualquer que seja o ano, ninguém presta muita atenção à criadagem. Por isso, ninguém percebeu quando ela foi embora. E ninguém percebeu que seu largo vestido preto estava um pouco amontoado na lateral, marcando a faca escondida no meio das saias.

Mas, até aí, é comum as pessoas não notarem o que está bem na frente do seu nariz.

Mesmo através das portas pesadas, ainda ouvia de leve as notas do *ragtime* que o quarteto tocava. O fantasma da melodia, alegre demais, a seguiu pelo *hall* de entrada, com seu imponente pé-direito em madeira entalhada e pedra polida. Tamanha grandeza, no entanto, não a comoveu. Mal ficou impressionada e, definitivamente, não se intimidou. Pelo contrário: movia-se com confiança – “que é uma espécie de magia”, pensou. As pessoas acreditam na confiança, mesmo quando não deveriam. Talvez, *principalmente* quando não deveriam.

O imenso lustre de cristal até lançava feixes de luz pelo *hall* cavernoso, mas os cantos do cômodo e o teto alto, com molduras de madeira, permaneciam escuros. Atrás das palmeiras, que alcançavam dois andares de altura, mais sombras estavam à espera. O *hall* podia parecer vazio, mas havia muitos lugares para se esconder na mansão, muitas chances de alguém estar olhando. Esta continuou seu caminho.

Quando chegou à elaborada e grandiosa escadaria, olhou para o primeiro piso, onde havia um enorme órgão de tubos. No andar de cima, na área privativa da casa, havia quartos cheios de objetos de arte, joias, vasos de valor inestimável e inúmeras antiguidades – fáceis de roubar, já que todos estavam no salão de baile, bêbados e distraídos com a festa barulhenta. Mas Esta não estava lá por causa desses tesouros, por mais tentadores que fossem.

E, *definitivamente*, eram tentadores.

Ela parou por um segundo, mas então o relógio tocou, completando mais uma hora e assinalando que estava mais atrasada do que imaginara. Olhou para trás, por cautela passou pela escadaria e entrou em um corredor que levava a uma parte mais escondida da mansão.

Fazia silêncio. Tudo estava quieto. O ruído da festa não a seguia mais, e ela finalmente pôde soltar um pouco os ombros, liberando um suspiro e relaxando os músculos das costas, saindo da postura ereta e dura da criada que fingia ser. Inclinou

a cabeça para o lado e começou a alongar o pescoço. Mas, antes que pudesse sentir o desejado alívio, alguém segurou seu braço e a puxou para a escuridão.

Por instinto, girou o corpo, agarrando firme o pulso do agressor, então, com todo o seu peso, o puxou para a frente e para baixo, até ele soltar um grito abafado, com o cotovelo ao ponto de quebrar.

– Que droga, Esta, sou eu – sussurrou a voz conhecida. Estava uma ou duas oitavas mais aguda do que o normal, por causa da pressão que ela ainda exercia sobre o seu braço.

Xingando-o baixinho, Esta soltou o braço de Logan e o sacudiu, enojada.

– Você devia saber que não pode me agarrar desse jeito. – Seu coração ainda palpitava, e ela não conseguiu sentir nenhum remorso por Logan estar esfregando o próprio braço. – Aliás, qual é a sua?

– Você está atrasada – disparou Logan, com o belo rosto bem próximo ao dela.

Com cabelo dourado e olhos azuis do tipo que inspiram garotas que não sabem nada da vida senão escrever poemas, Logan Sullivan era mestre em usar a sua aparência em benefício próprio. Mulheres o desejavam, e homens desejavam ser como ele, mas Logan não tentava seduzir Esta. Não mais.

– Bem, estou aqui agora.

– Você deveria estar aqui há dez minutos. Por onde andou? – indagou.

Esta não precisava responder. Irritaria Logan ainda mais se mantivesse segredo, mas não conseguiu conter o sorriso satisfeito e mostrou o prendedor de gravata de diamante que roubara de um velho de mãozinhas afoitas, no salão de baile.

– Sério? – disse Logan, olhando feio para Esta. – Você arriscou o serviço por *isso*?

– Era isso ou dar um soco nele – respondeu, encarando Logan para enfatizar o argumento. – Não gosto que passem a mão em mim, Logan.

Na verdade, não foi uma decisão esbarrar no velho quando ele tentou agarrar uma jovem criada, e fingir que limpava champanhe do casaco enquanto pegava o prendedor da gravata de seda. Esta talvez devesse ter se afastado, mas não o fez. Não pôde.

Logan continuou olhando feio para ela, mas Esta se recusou a se arrepender. Arrependimento é coisa de gente que arrasta o passado consigo por todos os lados, e Esta nunca foi de carregar esse tipo de peso morto. Além disso, quem, em sua consciência, se arrependeria de um diamante? Mesmo naquele corredor mal iluminado, a pedra era uma beleza: toda reluzente. Também dava segurança a Esta, não apenas por seu valor, mas por lembrá-la de que, acontecesse o que acontecesse, ela sobreviveria. A inebriante descarga de adrenalina ainda corria por suas veias, e nem mesmo a irritação de Logan era capaz de aplacá-la.

– Você gosta de qualquer coisa que o serviço exija – retrucou Logan, cerrando os olhos para ela.

– É, gosto – disse, com a voz baixa, nem um pouco intimidada. – Sempre gostei,

sempre vou gostar. O Professor sabe disso, e pensei que você também teria se dado conta, a essa altura.

Esta olhou feio para Logan por mais um segundo, depois lançou outro olhar satisfeito para o diamante, só para irritá-lo. Definitivamente, tinha quase quatro quilates, mais do que ela havia pensado.

– Não podemos nos dar ao luxo de correr riscos desnecessários esta noite – continuou ele, ainda com a cabeça nos negócios. Claramente, ainda acreditando que tinha algum tipo de autoridade naquela situação.

Esta ignorou a acusação e guardou o diamante.

– Nem foi um risco – argumentou, sincera. – Vamos embora bem antes de o velhaco notar sua falta. E você *sabe* que não tem como ele ter visto que fui eu que o roubei.

Suas vítimas nunca percebiam. Esta lançou um olhar desafiador para Logan.

Ele abriu a boca, como se fosse argumentar, mas Esta o cortou:

– E, então, você encontrou?

Esta já sabia a resposta: *é claro* que ele havia encontrado. Logan era capaz de encontrar qualquer coisa. Essa era a sua razão de ser. Pelo menos, a razão de fazer parte da equipe do Professor. Mas permitiu que ele se gabasse um pouco porque precisava que Logan não tocasse mais no assunto do diamante. Os dois não tinham tempo para um dos seus ataques, e por mais que odiasse admitir, Esta tinha, *sim*, se atrasado.

Logan espremeu os lábios, como se lutasse contra a vontade de continuar a ladainha sobre o diamante, mas – como sempre – seu ego venceu, e ele confirmou:

– Está no salão de bilhar, como esperávamos.

– Vá na frente – disse ela, com uma expressão que, esperava, fosse gentil o suficiente. Conhecia a planta da mansão tão bem quanto Logan, mas sabia, por experiência própria, que era melhor deixar o garoto se sentir útil ou, quem sabe, até um pouco no comando da situação. Na pior das hipóteses, ele sairia do seu pé.

Logan hesitou por mais um instante, mas finalmente meneou a cabeça. Esta o seguiu em silêncio, com um ar muito presunçoso, pelo corredor mal iluminado.

As paredes em volta dos dois estavam repletas de pinturas de nobres austeros de diversos Estados europeus falidos. Mas Charles Schwab, o dono da mansão, estava tão distante da realeza quanto Esta. Vinha de uma família de imigrantes alemães, e todo mundo na cidade sabia disso. A casa não ajudara em nada: fora construída do lado errado do Central Park, ocupava uma quadra inteira, com seus cristais e detalhes folhados a ouro, rebuscados demais. O que havia dentro dela podia até valer uma fortuna, mas, em Nova York, nem mesmo uma fortuna era capaz de comprar a admissão nos círculos sociais mais exclusivos.

Pena que isso não duraria muito. Dentro de alguns anos, a Quinta--Feira Negra chegaria, trazendo a Grande Depressão, e todas as obras de arte daquelas paredes, assim como todos os móveis, seriam liquidados para pagar as dívidas de Schwab. A

mansão ficaria vazia por uma década, quando seria demolida para dar lugar a mais um prédio de apartamentos comuns. Se o lugar não fosse tão explicitamente cafona, até que seria triste.

Mas ainda faltavam alguns anos para isso, e Esta não tinha tempo para se preocupar com o futuro dos magnatas do aço. Muito menos quando tinha um serviço a fazer e menos tempo do que planejava.

Os dois viraram em outro corredor, que terminava em uma pesada porta de madeira. Antes de abri-la, Logan prestou atenção aos ruídos. Por um segundo, Esta temeu que ele fosse entrar no cômodo também.

Em vez disso, Logan balançou a cabeça, sério, e disse:

– Fico de guarda.

Grata por não ter Logan no seu cangote enquanto trabalhava, Esta mergulhou no cheiro de lustra-móveis e charutos. Um espaço bem masculino, o salão de bilhar não era cheio dos enfeites dourados e dos cristais que adornavam o resto da casa. Pelo contrário: as poltronas de couro capitonê estavam dispostas em pequenos grupos, e uma enorme mesa de bilhar era o centro das atenções, parecendo um altar.

O cômodo estava abafado, por causa do fogo da lareira, e Esta puxou a gola alta do vestido, avaliando os riscos de desabotoar a gola ou de enrolar as mangas. Precisava ficar à vontade para trabalhar, e ninguém além de Logan estava ali...

– Ande logo – reclamou ele. – Schwab vai começar o leilão logo, logo, e precisamos cair fora antes.

Ainda de costas para Logan, Esta olhou ao redor do salão e se obrigou a respirar fundo para não matá-lo.

– Você descobriu onde está o cofre?

– Na estante – respondeu Logan, depois fechou a porta, aprisionando-a no cômodo sufocante.

O silêncio que a cercava só era quebrado pelo tique-taque compassado de um relógio de pé – *tique... taque... tique* –, lembrando que, a cada segundo que passava, os dois ficavam um segundo mais perto de serem descobertos. E, se fossem vistos...

Mas Esta afastou esse medo da sua cabeça e focou no que fora fazer ali. A parede oposta à enorme lareira estava repleta de prateleiras, com volumes de capa de couro idênticas. Esta admirou-os, passando os dedos de leve sobre as lombadas novinhas em folha.

– Onde você está? – sussurrou.

Os títulos brilhavam de leve na luz fraca, guardando segredos, enquanto Esta tateava a parte de baixo das prateleiras. Não demorou muito para encontrar o que estava procurando: um pequeno botão enterrado na madeira, onde nenhum criado poderia esbarrar acidentalmente, e que apenas um ladrão pensaria em buscar. Quando Esta o apertou, ativou um mecanismo dentro das prateleiras, em um clique firme e preciso que fez um quarto da parede vir para a frente, o suficiente para ela puxar as prateleiras articuladas.

Exatamente como esperava: um cofre com segredo da marca Herring-Hall-Marvin. Com espessura de oito centímetros, em aço fundido, grande o bastante para um homem sentar confortavelmente lá dentro, era o cofre mais sofisticado que se poderia comprar em 1923. Esta nunca tinha visto um tão novo. Aquele modelo específico era brilhante, laqueado de verde-escuro, com o nome Schwab gravado em uma caligrafia ornamentada. Um belo cofre para guardar as coisas que os ricos têm na mais alta conta. Por sorte, Esta desvendara combinações mais desafiadoras do que aquela quando tinha 8 anos.

Dobrou os dedos, ansiosa. Passara a noite toda se sentindo fora de si: o vestido incômodo que usava, ter que olhar para o chão quando lhe dirigiam a palavra... Era como desempenhar um papel que não lhe caía bem. Mas ali, na frente do cofre, finalmente pôde se sentir à vontade, ser ela mesma.

Encostou a orelha na porta e começou a girar o mecanismo. Um clique... dois... o som do atrito do metal nos cilindros internos, enquanto ela escutava as batidas do coração do segredo.

Os segundos passavam, tique-taqueando com uma certeza fatal. Mas, quanto mais trabalhava, mais Esta relaxava. Entendia segredos de cofre melhor do que pessoas. Segredos não mudavam por capricho ou por causa do clima, e ainda estava por vir uma combinação que Esta não pudesse desvendar. Em questão de minutos, tinha descoberto três dos quatro números. Girou o mecanismo novamente, prestes a descobrir o quarto...

– Esta? – sussurrou Logan, atrapalhando sua concentração. – Já terminou?

E lá se foi o último número. Ela virou para trás, fazendo cara feia.

– Poderia ter terminado, se você me deixasse em paz.

– Ande logo – disparou e voltou a se esconder no corredor, fechando a porta.

– “Ande logo” – resmungou Esta, imitando o tom imperioso de Logan, abaixando-se novamente para ouvir os cliques. Até parece que a arte de arrombar cofres podia ser exercida com pressa. Até parece que Logan tinha alguma ideia de como fazer aquilo sozinho.

Quando o último cilindro se encaixou no lugar certo, ela sentiu uma satisfação extrema. Agora era só tentar a combinação. Só mais um minuto, e o conteúdo do cofre estaria à sua disposição. E, em mais um minuto, ela e Logan cairiam fora. Schwab jamais ficaria sabendo.

– Esta?

Ela soltou um palavrão.

– Que foi agora?

Não olhou para Logan dessa vez e manteve o foco na segunda – e incorreta – combinação.

– Vem vindo alguém – respondeu ele, olhando para trás. – Vou distraí-lo.

Foi então que Esta olhou para Logan e viu a expressão tensa dele, de ansiedade.

– Logan... – disse, mas ele já tinha ido embora.

Pensou em ajudá-lo, mas abandonou a ideia e se virou para o cofre. Logan sabia se cuidar sozinho. Ele cuidaria dos dois, porque era assim que faziam. Era assim que trabalhavam. Esta tinha que fazer sua parte e deixar Logan fazer a dele.

Mais duas combinações incorretas, e o calor do cômodo começou a tomar conta da sua pele, o cheiro de tabaco e fumaça de madeira queimavam a garganta. Esta secou a testa com a manga e queria esquecer a sensação de que o vestido a estrangulava.

Tentou de novo, ignorando a trilha de suor que escorria pelas suas costas, por baixo de todas aquelas camadas de tecido. Oito. Vinte e um. Treze. Vinte e cinco. Deu um puxão na maçaneta e, para seu alívio, a pesada porta do cofre se abriu.

Vindo do lado de fora, ouviu um trovejar baixo de vozes masculinas, mas estava ocupada demais, avaliando o conteúdo do cofre, para prestar atenção. As diversas prateleiras e compartimentos estavam repletos de envelopes de lona, com ações e títulos do Tesouro, pastas-arquivo cheias de papéis, pilhas de notas de tamanho exagerado, arrumadas com cuidado. Esta olhou para o dinheiro, decepcionada por não poder levar uma sequer daquelas cédulas esquisitas. Para o plano deles dar certo, Schwab não podia ficar sabendo que alguém estivera ali.

Encontrou o que procurava em uma das prateleiras de baixo.

– Olá, belezinha – ronronou, pegando a caixa preta alongada. Mal a tinha segurado com as duas mãos quando as vozes se ergueram no corredor.

– Isso é um ultraje! Eu poderia acabar com o senhor com um simples telegrama – vociferava Logan, e sua voz podia ser ouvida através da pesada porta de madeira. – Quando eu contar para o meu tio... Não, para o meu *avô* sobre o tratamento terrível que recebi aqui – continuou –, o senhor não conseguirá fechar mais um negócio sequer deste lado do Mississippi. E, provavelmente, nem do outro. Ninguém que tenha alguma importância falará com o senhor depois de eu...

“Deve estar falando com Schwab”, pensou Esta, tirando um grampo do cabelo e começando a tentativa de abrir a fechadura da caixa. Schwab tentava deixar sua marca na cidade há anos. A casa fazia parte desse plano, mas o conteúdo daquela caixa era uma parte ainda mais importante. E era do conteúdo daquela caixa que Esta precisava.

– Seja razoável, Jack – disse outra voz, provavelmente de Schwab. – Tenho certeza de que é apenas um mal-entendido.

O pânico começou a subir devagar pela pele de Esta, à medida que seu cérebro absorvia as palavras do homem. “Jack”? Então não era só Schwab que estava lá fora.

Por melhor que Logan fosse, nunca era bom estar em menor número. Entrar e sair rápido, fazendo o mínimo de contato. Essa era a regra que os mantinha vivos.

Esta sacudiu o grampo na fechadura por alguns segundos, até sentir o mecanismo ceder, e a caixa se abrir.

– Tire suas mãos imundas de mim! – gritou Logan, alto o suficiente para Esta ouvir. Era um sinal de que a situação estava se complicando a uma velocidade que

ele não conseguiria conter.

Ela pôs a caixa de volta na prateleira, para conseguir levantar as saias e pegar a faca que escondera ali. Mesmo com aquela confusão no corredor, Esta sentiu uma onda de admiração pelas habilidades de Mari, ao comparar a faca que trazia à adaga cravejada que estava sobre o forro de veludo preto da caixa. Sua amiga conseguira mais uma vez. Não que isso a surpreendesse.

Mariana Cestero podia replicar qualquer coisa: qualquer objeto de qualquer época, incluindo o convite em alto-relevo para a festa daquela noite e a adaga de quinze centímetros que Esta carregava entre as dobras da saia. A única coisa que Mari não conseguira replicar exatamente foi a pedra no cabo da adaga, o Coração do Faraó, pois a pedra era mais do que parecia ser.

Uma granada não lapidada que, diziam, fora removida de uma das tumbas do Vale dos Reis. Acreditava-se que a pedra continha o poder do fogo, o elemento mais difícil de manipular. Fogo, água, terra, ar e espírito, os cinco elementos que a Ordem da Ortus Aurea estava obcecada em entender e se utilizar para construir o seu poder.

Mas eles estavam enganados, é claro. Magia elemental não passava de um conto de fadas inventado por aqueles que não possuíam magia nenhuma – os Sundren –, para explicar as coisas que não conseguiam entender. Só que interpretar mal esse tipo de magia não tornava a Ordem menos perigosa. Só porque a pedra não controlava o fogo não significava que não havia *algo* de especial no Coração do Faraó. O Professor Lachlan não desejaria possuí-la se aquilo não fosse verdade.

Mesmo sob a luz suave da lareira, a granada quase brilhava, de tão bem polida. Sem fazer nenhum esforço, Esta podia sentir o magnetismo da gema, sentir-se atraída, não do mesmo modo que fora atraída pelo prendedor de gravata de diamante, mas em um nível mais profundo, mais inato.

Afinal de contas, a magia elemental até podia ser um conto de fadas, mas a magia em si era real o suficiente.

Organizações como a Ordem da Ortus Aurea tentavam se apoderar da magia há séculos. Schwab comprara a adaga e organizara o leilão daquela noite na esperança de entrar na Ordem por meio do dinheiro. Mas, como a única magia que a Ordem possuía era cerimonial, artificial e corrompida – práticas pseudocientíficas como a alquimia e a teurgia –, seus membros não teriam como sentir o que Esta sentia. Só descobririam que a pedra feita por Mari era falsa bem depois, quando fossem fazer experimentos e tentar conjurar o poder dela. E, mesmo então, concluiriam que havia sido Schwab quem os enganara... ou que Schwab não sabia diferenciar a pedra falsa da verdadeira. Já o milionário acreditaria que o antiquário que lhe vendera a adaga lhe aplicara um golpe. Ninguém se daria conta da verdade: que o Coração do Faraó fora roubado bem debaixo dos seus narizes.

Esta fez a troca, colocando a adaga falsificada dentro da caixa forrada de veludo e guardando a adaga verdadeira no bolsinho escondido da saia. Era mais pesada do que aquela que carregara a noite inteira, como se o Coração do Faraó tivesse um

peso e uma densidade inesperados, que Mari não fora capaz de prever. Por um instante, Esta temeu que Schwab percebesse, sim, a diferença. Então pensou na casa – naquela tentativa exagerada de mostrar quantos dígitos tinha sua conta bancária – e esqueceu o medo. O magnata não era do tipo que entendia quais detalhes eram realmente importantes.

Fora do salão, algo se espatifou, e uma voz desconhecida gritou. Com movimentos mais rápidos, Esta trancou a caixa, colocou com cuidado na prateleira, exatamente onde estava, e fechou o cofre. Já travava a estante quando ouviu Logan gritar – um gemido inarticulado de dor.

E então um tiro alvejou a noite.

“Não!”, pensou Esta, correndo até a porta, com o disparo ainda zunindo nos ouvidos. Precisava chegar aonde Logan estava. O garoto até podia ser um pé no saco, mas era o *seu* pé no saco. E era a sua obrigação tirar os dois dali em segurança.

Do outro lado do corredor, Logan estava deitado no chão, tentando se levantar, enquanto Schwab tentava tirar a arma de um homem loiro com sinais de calvície, usando um *smoking* saliente em volta da cintura larga. Lutando contra o dono da casa, o loiro apontou a arma para Logan mais uma vez.

Esta entendeu a situação na hora e, imediatamente, respirou fundo para se acalmar, obrigando-se a ignorar o caos que se decortinava à sua frente. Concentrou a atenção no ritmo compassado do seu coração.

Tum. Tum. Tum.

Compassado como os cilindros de um cofre se movendo para o seu devido lugar.

Tum. Tum. Tum.

Na próxima batida, o tempo ficou mais espesso para ela, o mundo à sua volta quase congelou: as mandíbulas balançantes de Schwab pararam de se mexer. As gotas de suor raivoso que pingavam das têmporas do homem loiro pareceram ficar suspensas no ar, caindo em uma câmera penosamente lenta no chão.

Parecia que alguém estava adiantando o mundo como se fosse um filme, quadro por quadro, com todo o cuidado. E *ela* era este alguém.

“Encontre o intervalo entre o que é e o que não é”, ensinara o Professor Lachlan.

Porque a magia não está nos elementos. A magia vive nos espaços, nos vazios entre todas as coisas, conectando-as. Está ali, à espera daqueles que sabem encontrá-la, daqueles que têm a habilidade nata de entender essas conexões: os Mageus.

Daqueles como Esta.

Ela não precisara usar magia naquela noite, até então, nem para fugir da festa nem para abrir o cofre, mas precisou naquele momento, então se abriu às suas possibilidades. Para Esta, era algo quase tão natural quanto respirar encontrar os espaços entre os segundos e as batidas do coração dos outros. Correu até Logan, roubando tempo, e atravessou voando aquele quadro vivo quase congelado.

Esta, no entanto, não era capaz de parar completamente o tempo. Não podia reverter o momento e impedir que o dedo do homem loiro apertasse o gatilho de

novo.

Ainda não estava ao lado de Logan quando o som do tiro estilhaçou a sua concentração. Tinha perdido o controle do tempo, e o mundo voltou a girar bruscamente. Para Esta, pareceu que levou uma eternidade entre passar pela porta do salão de bilhar e chegar aonde estava, exposta, no corredor. Mas para os dois homens, a aparição pareceu instantânea. Para membros da Ordem, aquilo seria imediatamente reconhecível como efeito da magia.

Os homens congelaram por um instante, com os olhos quase cômicos de tão arregalados. Mas então, o loiro se recompôs. Soltou-se de Schwab, levantou a arma e mirou.

Agosto de 1900 – Esquina da East 36 com Madison Avenue

Dolph Saunders nasceu para viver à noite. As horas silenciosas, quando a cidade escurecia e as ruas ficavam livres da ralé que circulava à luz do dia, eram as suas preferidas. Mesmo havendo a possibilidade de encontrar criminosos e fascínoras, as pessoas que saíam depois que os lampiões públicos eram acesos eram como ele: despossuídos e renegados que viviam nas sombras, cavando uma vida miserável à margem da sociedade. Aqueles que entendiam que a única regra que importa é não ser pego.

Mas, naquela noite, as sombras não lhe serviam de conforto. Escondido, do outro lado da rua da mansão de J. P. Morgan, ele xingou a si mesmo por estar de mãos atadas. O seu bando estava atrasado, e havia um incômodo no ar: a sensação de que algo estava à espreita, prestes a acontecer, era forte demais. Dolph não gostava nem um pouco disso. Ainda mais depois de tantos dos seus terem desaparecido. E, principalmente, porque a vida de Leena corria perigo.

Não era incomum pessoas desaparecerem naquela parte da cidade. Era só atravessar a rua errada para cruzar com a gangue errada. Era só cruzar com o líder de gangue errado para ninguém mais ouvir falar de você. Mas aqueles que possuíam a antiga magia, especialmente os que gozavam da proteção de Dolph, sabiam como evitar a maior parte das confusões. Uma porção dos seus parceiros desaparecendo no espaço de um mês? Não podia ser coincidência.

Saunders não tinha dúvidas de que a culpa era da Ordem, mas seus membros andavam quietos nos últimos tempos. Há semanas não davam uma batida na rua Bowery. O que, por si só, já era estranho. Mas, mesmo com o Conclave marcado para o fim do ano, o bando de Dolph não ouvira um pio sobre os planos da Ordem. Dolph desconfiava do silêncio e não era do tipo que costumava deixar quem lhe era leal sem respostas. Por isso que Leena, sua parceira em absolutamente tudo, arranhou um emprego de criada na casa de Morgan, um dos membros do mais alto escalão da Ordem. Os dois tinham esperança de que alguém da mansão deixaria escapar alguma coisa.

Nas duas últimas semanas, Leena tinha polido prataria e esfregado o chão... e não descobrira nada a respeito dos Mageus desaparecidos. E fazia duas noites que não voltava para casa.

Ele é quem deveria ter ido. Eram seus comparsas, sua responsabilidade. Se alguma coisa acontecesse com Leena...

Dolph forçou-se a abandonar esse pensamento. “Ela vai ficar bem.” Leena era

inteligente, forte e mais determinada e cabeça-dura do que qualquer um que conhecia. Era capaz de enfrentar qualquer situação sozinha. Mas sua magia só funcionava com as afinidades de outros Mageus. Seria inútil contra a Ordem.

Como se adivinhasse os pensamentos sombrios de Dolph, uma carruagem de aluguel parou ao lado da casa. Como não havia nenhuma entrega prevista para aquela noite, a movimentação só fez aumentar a apreensão de Dolph. Com a carruagem atrapalhando a visão, ele não conseguiria enxergar se houvesse algum problema.

Antes que pudesse mudar de posição, vozes masculinas e zangadas ecoaram na noite. Um minuto depois, a porta da carruagem se fechou, com uma batida, e o cocheiro estalou o chicote para fazer os cavalos galoparem.

Dolph ficou observando o veículo desaparecer, e seus sentidos ficaram em alerta quando ouviu som de passos se aproximando. Pegou a bengala, preparado para o que viesse.

– Dolph?

Era Nibsy Lorcan. Um enjeitado do orfanato para meninos que aparecera no bar de Dolph havia alguns anos. Discreto e despretensioso, era fácil não prestar atenção nele. Mas Dolph sabia reconhecer a força e o teor da afinidade de alguém a quilômetros de distância. Acreditara que Nibsy seria uma valiosa aquisição para o seu bando, e tinha razão. Com fala mansa e inteligência mordaz, o menino conquistara o respeito até do mais bruto do bando de Dolph. E, com habilidade de prever as consequências das mais diversas decisões, logo se tornou um dos braços direitos de Dolph.

Quando Nibsy ficou à vista, as lentes grossas dos seus óculos brilharam ao luar.

– Dolph? Cadê você?

Dolph saiu das sombras, revelando sua presença. Apesar do calor da noite, a pele dele parecia ser feita de gelo.

– Você conseguiu encontrá-la?

Nibs balançou a cabeça, tentando recuperar o fôlego para conseguir falar.

– Onde é que ela está? – perguntou Dolph, com a garganta apertada, procurando mais uma vez algum sinal na mansão. – O que foi que aconteceu?

– A Ordem já devia estar à nossa espera – respondeu, ainda ofegante. – Pegaram Spot primeiro, logo de cara. Uma facada na barriga, sem perguntas. E, depois, Appo.

– E Jianyu?

– Não sei. Não vi para onde foram. Mas encontrei Leena. Morgan a prendeu na adega, mas... não consegui chegar até ela. Criaram algum tipo de barreira. Tinha uma nuvem, meio que uma neblina, no ar. Quando cheguei perto, era como se eu fosse morrer. – Nibsy tremeu e respirou fundo de novo. – Ela está bem fraca. Não conseguiria arrastá-la para fora de lá. Mas Leena atirou isso aqui para mim – disse, mostrando um pequeno objeto enrolado em musselina. – E falou para eu deixá-la lá. Então, veio mais gente, e... Foi isso que eu fiz. Sinto muito. Eu não deveria... – Sua

voz falhou. – Eles a levaram.

Dolph pegou o objeto da mão de Nibs. Um pedaço de pano enrolado em volta de um botão de metal – que ele reconheceu ser do uniforme de criada que Leena usava. O trapo não pesava mais do que uma pluma. Estava desfiado em um dos lados. Leena devia tê-lo arrancado de uma das anáguas. E tinha usado algo parecido com sangue para escrever nele duas palavras em latim. “Seu próprio sangue”, compreendeu Dolph. A mensagem era tão importante que valia a pena sangrar para transmiti-la. Mas, ao ver as letras borradas, já adquirindo uma coloração de ferrugem, Dolph sentiu um pavor de gelar os ossos.

– Vamos buscá-la.

Dolph se recusava a imaginar outra saída. Passou o dedo no retalho, sentindo a maciez dele e o eco tão conhecido da energia de Leena. Transferiu a sua própria energia para o pano, para os rastros do sangue de Leena, tentando sentir mais e entender o que acontecera. Dolph Saunders era capaz de sentir a afinidade, se a pessoa a tivesse. Era capaz até de tocá-la e se apoderar dela, se encostasse na pessoa. Mas interpretar objetos nunca fora seu forte.

Mesmo assim, Nibs tinha razão: o leve rastro de Leena que conseguiu sentir parecia estranho, fraco. Jogou o botão fora, mas guardou o pedaço de pano no bolso interno do casaco. Aquele que ficava mais perto do coração.

– Ainda temos tempo – disse, já se dirigindo para o local onde a carruagem os aguardava.

Como as ruas estavam sem trânsito, logo alcançaram o outro veículo. Mas, enquanto o seguiam pela cidade, rumo ao sul, Dolph teve um pressentimento a respeito do destino do veículo. Quando finalmente viraram na Park Row, teve certeza.

Pediu para o cocheiro parar a carruagem na entrada do parque que cercava a Prefeitura. Atrás dos jardins, escurecidos pela noite, ficava o grandioso e imenso terminal que tapava a vista da ponte do Brooklyn. De aço e vidro, erguia-se quase como um alerta no meio da noite. Atrás dele, estava a primeira ponte desse tipo a cruzar um volume tão grande de água. E, bifurcando a ponte, ficava a Beira, o limite invisível que impedia os Mageus de sair da cidade com sua magia intacta. Que os impedia de corromper as terras e os campos mais além com um poder que a Ordem – e a maioria da população – acreditava ser perigoso e selvagem.

Leena, assim como Dolph, nascera em meio à antiga magia. E o fato de a Ordem trazê-la até a ponte só poderia significar uma coisa: sabiam o que Leena era. E usariam a Beira para destruir sua afinidade. Para destruir *a própria* Leena.

Dolph não podia permitir.

Observou a carruagem de aluguel, que levava Leena através terminal, em direção à entrada de veículos do outro lado da ponte.

– Vou a pé – disse. – Fique aqui. De vigia.

– Tem certeza? – perguntou Nibs.

– Não podemos correr o risco de chamar a atenção deles. – Não teriam como se esconder se os seguissem de carruagem. Mas, se fossem pela passarela de pedestres, mais acima, tinham uma chance de surpreendê-los, tinham uma chance de salvar Leena. – Eles vão ter que esperar para pagar o pedágio. Vai ser fácil alcançá-los.

– Mas e sua perna? – argumentou Nibs. – Eu poderia...

Dolph lançou um olhar mortífero para Nibsy.

– Minha perna nunca me impediu de fazer o que precisa ser feito. Você fica aqui, como falei. Se eu não voltar até a carruagem aparecer de novo, vá avisar o pessoal. Se isso der errado, a Ordem pode ir atrás de todo mundo. – E ficou encarando Nibs, tentando transmitir com seu olhar o peso daquele momento.

Nibsy arregalou os olhos de leve.

– Você vai voltar – disse. – Vai trazer Leena de volta.

Dolph ficou satisfeito com as palavras de incentivo, mas não ia se deixar levar por elas. Baixou a boina sobre os olhos e começou a andar em direção ao terminal. Ignorou a rigidez da própria perna, como sempre, e subiu os degraus largos que levavam à entrada da ponte. Lá em cima, manteve distância das finas colunas de luz que os lampiões lançavam sobre as tábuas da passarela. Valendo-se das sombras para se manter escondido, moveu-se depressa, apesar do passo desigual. Convivia com isso há tanto tempo que já fazia parte dele.

A carruagem de aluguel parou antes da primeira torre da ponte: logo depois da beira do rio. Lá embaixo, três silhuetas apareceram. E uma delas moveu o braço para trás, para puxar a quarta. Mesmo a distância, Dolph sabia que era Leena. Sentiu a afinidade dela: familiar, quente, *sua*. Mas Leena estava pendurada, inerte entre os captores. Dolph também sentiu a fraqueza da magia da companheira e, quando se aproximou, pôde ver o que tinham feito com ela, o rosto machucado e o lábio sangrando. Viu quando Leena se encolheu, soltando o ar com dificuldade, e lutou contra os homens, que começaram a arrastá-la em direção à torre, em direção à Beira.

O sangue dele ferveu.

Dolph, como qualquer outro Mageus da cidade, sabia o que acontecia quando alguém com a antiga magia cruzava aquele limite. Assim que dava um passo além da Beira, era sugado. Se a pessoa tivesse sorte, e a afinidade fosse fraca – mais um talento do que um verdadeiro poder –, poderia sobreviver, mas ficaria para sempre arruinada, por perder essa parte de si mesma. E passaria o resto da vida sofrendo a dor dessa perda.

Mas a Beira deixava a maioria vazia, destruída. Com frequência, morta. Então, Dolph entendia o que aconteceria a Leena, que era um dos Mageus mais poderosos que ele conhecia.

Mantendo-se nas sombras, calculou suas chances de tirar Leena das mãos daqueles homens. Conseguiria acabar com um deles facilmente, mesmo com a perna daquele jeito, e a lâmina envenenada na sua bengala daria conta do outro. Mas e o

terceiro? Não dava tempo de voltar e buscar Nibs, não que o menino fosse de muita ajuda em uma briga.

– Levantem-na, rapazes – disse o líder do trio. – Quero ver o medo nos olhos dela... Verme imundo.

Os dois homens colocaram Leena de pé, e um deles lhe deu um soco certo no rosto.

O sangue de Dolph pulsou, ele mal conseguia controlar a raiva. Mas se obrigou a ficar quieto, a não sair correndo e estragar a única chance de libertá-la.

Mesmo assim, ver outro homem tocá-la, lhe fazer mal... Os nós dos seus dedos doeram, de tanto que apertou a bengala. “Destruir a Beira que se dane.” Dolph destruiria tudo e todos.

Esgueirou-se pelas sombras até ficar quase em cima deles. Já conseguia sentir a energia fria da Beira. Ao contrário da magia natural, que era quente e viva, a Beira causava uma sensação gélida. De ruína e podridão. Era uma magia perversa, um poder corrompido pelos rituais e amplificado pela energia que sugava dos outros. E, como toda magia que não é natural, cobrava seu preço.

Ali, tão perto, cada centímetro do seu corpo queria dar as costas e fugir. Ali, tão perto, podia sentir como seria fácil lhe arrancarem tudo o que era. Mas não deixaria ninguém encostar em Leena daquela maneira de novo.

O homem que havia falado levantou a cabeça de Leena pelos cabelos.

– Ah, aí está você – disse, dando risada, quando ela abriu o olho esquerdo e olhou para o homem. Seu olho direito continuava fechado de tão inchado. – Você sabe o que está prestes a acontecer com você, espiã? Aposto que sim. Aposto que consegue sentir, não é? – continuou, gargalhando. – É o que vermes da sua laia merecem.

Leena fechou o olho. Não para demonstrar fraqueza, mas para recuperar suas forças.

“Essa, sim, é a minha garota”, pensou Dolph, ao ver Leena murmurar uma praga bem suja. Em seguida, abriu o olho que não estava machucado e cuspiu na cara do homem.

Ele reagiu no mesmo instante. Esticou a mão, e a cabeça de Leena foi para trás com a força da bofetada.

Dolph já estava se movimentando. Subiu na grade de proteção e arrebentou o lampião público com a ponta da bengala. Como presas que sentem o caçador por perto, lá embaixo os homens ficaram parados quando a luz se apagou, tentando descobrir, com toda a atenção, de onde vinha o barulho.

– O que vocês estão esperando? – gritou o líder, quebrando aquele silêncio tenso. A voz tinha um tom de nervosismo que não estava presente antes. – Arrastem-na até aqui.

Os homens não obedeceram de imediato. Enquanto hesitavam, ainda ajustando o olhar à falta de luz, Dolph mudou o tapa-olho de lado, para ver com a vista já acostumada à escuridão. Com a ponte lá embaixo bem visível e nítida, pulou da

passarela sem fazer ruído. Ignorou a dor aguda que sentiu na perna ao aterrisar em cima do líder, derrubando-o no chão e enfiando a lâmina escondida na ponta da sua bengala na panturrilha do homem. Que soltou um grito, como se estivesse sendo queimado vivo.

Aquele veneno em particular tinha uma tendência a arder.

Enquanto o líder esperneava, Dolph se virou para o próximo homem, que já lutava contra um oponente invisível. Em um espasmo súbito, ele se deteve, de olhos arregalados, e caiu no chão. Jianyu apareceu, como se tivesse se materializado no meio da noite, cumprimentou Dolph balançando a cabeça, e os dois se viraram para enfrentar, juntos, o terceiro homem.

O único oponente que restava parecia estar tão paralisado pelo medo que não se deu conta de que era melhor sair correndo. Segurava Leena à sua frente, como se ela fosse um escudo.

– Me deixe em paz, senão a mato – disse, com a voz falhando, piscando os olhos na escuridão.

Dolph foi andando, firme, na direção deles, e Jianyu deu a volta, colocando-se do outro lado do homem.

– Você já estava morto no instante em que encostou o dedo nela – murmurou Dolph, quando ficou a um braço de distância do homem.

Ele deu alguns passos trôpegos para trás, e Leena aproveitou a oportunidade para tentar se soltar. Mas o homem estava muito desequilibrado, e a segurava com muita força. Em vez de soltá-la, levou-a para o chão consigo, afastando-se de Dolph e se aproximando do frio poder da Beira.

Sem pensar na própria segurança, Dolph esticou o braço na direção dos dois, mas seus dedos mal seguraram a manga do casaco do homem. O tecido rasgou, e ele – junto com Leena – caiu de costas na Beira.

Dolph soube o exato momento em que Leena cruzou o limite, porque sentiu a surpresa, a dor e o desespero dela com a mesma agudez que sentiria se fossem seus. A noite à sua volta se acendeu, com o poder da magia que percorreu seu corpo sendo drenada dela. Que gritava e se contorcia, arqueando as costas em um ângulo que parecia doloroso. As pernas e os braços ficaram rígidos e tremiam com o poder terrível que se apoderava dela.

O homem que a segurava também gritava, mas não por causa da Beira. Quando Leena começou a ter convulsões, ele a soltou e correu, desaparecendo no meio da noite, pela outra margem, por onde Dolph não podia segui-lo.

Mas Dolph só tinha olhos para Leena. Observava, em um horror inútil, o corpo da sua companheira se sacudir de dor, por sua magia estar sendo arrancada. Foi na sua direção, superando o próprio medo, profundamente arraigado, que tinha da Beira. Mas, quando os seus dedos roçaram a energia gelada, Dolph não conseguiu ir adiante.

– Leena! – gritou. – Olhe para mim!

Ela bateu no chão, exaurida, mas ainda gemendo e se contorcendo de dor. Dolph não conseguia mais sentir a afinidade dela.

– Leena! – gritou, com um misto de fúria e terror na voz.

Foi o suficiente para distraí-la por um instante e, mesmo com o rosto se contorcendo, ela tentou se virar na direção do som da voz de Dolph.

– Isso – falou ele, quando, finalmente, cruzaram o olhar.

Leena estava com uma expressão indócil, da dor e do choque causados pelo efeito devastador da Beira, mas ainda não estava morta. Enquanto o coração dela batesse, havia uma chance, pensou Dolph, tentando convencer a si mesmo, afastando-se da verdade.

Ninguém volta da Beira.

Ainda assim, Leena era diferente, convenceu-se Dolph, enquanto a parceira tentava focar a atenção nele. Por um instante, pensou tê-la visto, a sua Leena, em algum lugar por trás da agonia que retorcia o rosto dela.

– Preciso que você venha até mim, *Streghina*. Preciso que você tente – implorou.

E, como era a pessoa mais forte que Dolph conhecia, ela tentou, *sim*. Obrigou-se a se movimentar, estender o braço, com as pernas tremendo do esforço para voltar à segurança.

– Isso, meu amor. Só mais um pouquinho – disse Dolph, esforçando-se para que sua voz não se transformasse no rugido animal que sentia se avolumar dentro de si.

Com as últimas forças, ela foi avançando centímetro a centímetro. A expressão era de agonia, mas continuou se mexendo. A sua Leena. O seu coração.

– Você consegue. Só mais um pouquinho.

Mas então Leena olhou para Dolph. Os olhos dela, que eram tão belos, tinham um tom assustador de vermelho-sangue. A expressão era determinada, e ela tentou sussurrar alguma coisa. Mas, antes que pudesse terminar o que tinha a dizer, desabou no chão, fora do alcance de Dolph.

– Não! – gritou ele. – Você não pode nos abandonar. Não pode desistir agora.

Dolph ousou ajoelhar-se o mais perto da Beira que pôde, na esperança de que Leena continuasse se movimentando.

Mas a companheira apenas piscou para ele, mal conseguindo focar a visão do olho que não estava machucado.

“Não”, pensou Dolph, enfurecido. Ele não aceitaria o destino de Leena. *Não podia* aceitar. Não a sua Leena, que sempre estivera ao seu lado, desde que eram crianças. Não a mulher que tinha sido sua parceira em todos os aspectos, mesmo com todos os erros que ele cometera. Não podia deixá-la ali. E não importava o que isso lhe causaria.

Dolph se obrigou a espichar o braço na direção de Leena, a atravessar, pouco a pouco, o frio lancinante. A ignorar aquela dor martirizante. Entrar em contato com a Beira era como atravessar um vidro com a mão e sentir os estilhaços rasgando a pele e os músculos. Ou como mergulhar em metal derretido, se aço líquido pudesse ser

mais frio do que gelo.

Mas mesmo essa dor não era nada, comparada à ideia de perder Leena.

Finalmente, conseguiu segurar a mão dela. Que piscou devagar, com uma expressão vaga, ao sentir a pressão do seu toque. Só que, agora que seus dedos agarravam os de Leena, Dolph descobriu que não tinha forças para puxá-la. A Beira já enlaçava seu pulso com energia gelada, alojando-se bem fundo, por baixo da sua pele, para chegar ao cerne de quem e do que ele era.

Então, de repente, Dolph estava se mexendo. Jianyu o agarrara pelas pernas e puxava, ele e Leena, para longe da divisa invisível. Com a força que lhe restava, Dolph tomou Leena nos braços e a acomodou no colo, quase sem perceber o torpor dentro do próprio peito.

– Não fui rápido o bastante – disse Jianyu. – Tentei pegá-la antes deles, mas...

Dolph nem ouvia.

– Não – sussurrou, passando os dedos pelo rosto de Leena. A respiração da companheira fazia um ronco fraco nos pulmões. Dolph a abraçou e balançou o corpo dela, implorando que Leena ficasse com ele. – Não consigo fazer isso sem você.

Só que ela não reagiu.

– Não! – gritou Dolph, quando se deu conta de que o corpo de Leena ficara inerte nos seus braços. – Não!

Sem parar, vociferou para a noite, endurecido pelo ódio e pela angústia, que o aprisionaram, como se ele fosse um fóssil do homem que fora.

UM SALTO NO TEMPO

Dezembro de 1926 – Upper West Side

Esta congelou quando o homem loiro apontou a arma para ela. Tinha uma expressão de nojo e expectativa, alternando a mira entre Esta e Logan.

– Eu avisei – esperneou para Schwab. – Eu avisei que alguma coisa desse tipo iria acontecer.

– Jack! – berrou Schwab, segurando de novo o braço do homem. – Abaixе essa arma!

Jack sacudiu o braço para se soltar.

– Você não faz ideia do que eles são, do que são capazes. – Então, se virou para Esta e Logan: – Quem mandou vocês? Falem! – Estava aos berros, com o rosto vermelho de fúria, sem parar de balançar a arma para lá e para cá, alternando a mira entre os dois.

Esta lançou um olhar para Logan e percebeu a mancha escura que se espalhava pela camisa branca, por baixo do paletó do *smoking*. Ele abriu os olhos e cruzou o olhar com o seu. Não parecia mais tão convencido.

– Não serei arruinado de novo – disse o homem loiro, voltando a destravar a arma e firmando a mira em Logan. – Não desta vez.

“Jamais revele o que você é capaz de fazer.” Era uma das regras mais importantes para eles. Porque, se a Ordem soubesse o que Esta era capaz de fazer, jamais desistiria de caçá-la. Mas aqueles homens já a tinham visto. E a mancha na camisa de Logan se espalhava em uma velocidade alarmante. Esta tinha que tirá-lo dali, tinha que levá-lo de volta.

Teve a impressão que tudo aconteceu ao mesmo tempo...

Ouviu o clique da arma sendo engatilhada, mas já estava espichando o tempo à sua volta.

– Nããããã! – gritou Logan, com a voz tão lenta e alarmada quanto aquele instante se tornara.

O “BUM” ecoante da pistola.

Esta percorreu depressa a distância que faltava do corredor e se colocou entre Logan e a arma.

Segurou Logan em volta do peito, voltou à segurança... concentrou toda a sua força e o seu poder para ir além... e puxou os dois para uma versão vazia do mesmo corredor.

A luz do dia atravessava a vidraça suja no final do corredor, iluminando osovelos de poeira que os dois haviam levantado no ar parado da casa completamente

silenciosa.

Logan gemeu e saiu de cima de Esta.

– Que diabos você fez? – perguntou.

Ela ignorou o próprio incômodo e absorveu o corredor mudado, a casa desocupada, silenciosa.

– Tirei nós dois de lá.

– Na frente *deles*?

Logan estava pálido e tremia.

– Eles já tinham me visto.

– Você não precisava ter aparecido daquele jeito – disparou, fazendo careta e recuperando o equilíbrio. – Eu tinha tudo sob controle.

Esta deveria ter se irritado por Logan ter voltado tão rápido ao seu jeito pé no saco de sempre, mas estava quase aliviada demais para dar importância. Isso significava que o ferimento, provavelmente, não o mataria. Por enquanto.

Esta fez sinal com a cabeça para a camisa ensanguentada de Logan.

– É, você estava indo muito bem mesmo.

– Não ponha a culpa em mim. Se você não tivesse ido atrás de um diamante, não teria se atrasado para me encontrar. Poderíamos ter caído fora antes de Schwab chegar – argumentou. – Nada disso teria acontecido.

Ela olhou feio para Logan, não dando a mínima. Mas sabia – e odiava esse fato – que ele tinha razão.

– Eu tirei você de lá, não tirei? Ou quem sabe você preferia estar morto.

– Eles vão saber.

– Eu *sei* – retrucou Esta, entredentes.

Para Schwab e o outro homem, parecia que Esta e Logan tinham desaparecido, e pessoas *não* desaparecem assim, simplesmente. Não sem usar magia – magia *natural*. Magia antiga. Até Schwab seria capaz de entender.

– A Ordem vai ouvir falar disso – disse Logan, insistindo em discutir. – E sabe-se lá o que vão fazer...

– Talvez não tenha importância – respondeu Esta, tentando se livrar da própria incerteza. – Nunca mudamos nada antes.

– Ninguém nunca tinha nos visto antes – insistiu Logan.

– Bom, não vivemos nos anos 1920. Até parece que vão ficar procurando dois adolescentes pelos próximos cem anos.

– A Ordem tem boa memória.

Logan olhou feio para Esta, ou pelo menos tentou, porque seus olhos ainda não estavam focando direito, e a tontura que normalmente o acometia depois de um salto no tempo estava causando efeitos bem palpáveis. Foi para trás, apoiado nos cotovelos.

– Onde estamos, aliás?

Esta olhou em volta, para a quietude bolorenta do corredor. No mesmo instante,

teve menos certeza de suas decisões. – Não sei direito – admitiu.

– Como você pode não saber? – perguntou Logan, com um tom arrogante demais para quem, provavelmente, teria sangrado até a morte. – Não foi você que nos trouxe até aqui?

– Foi, mas não tenho certeza do ano *exato* em que estamos. Eu só estava tentando tirar a gente de lá, e aí a arma disparou e...

Esta parou de falar ao sentir uma dor aguda no ombro, que a fez se lembrar do que havia acontecido. Tocou com cuidado o tecido úmido e rasgado.

Logan percorreu seu corpo com o olhar desfocado.

– Você foi atingida?

– Estou bem – disse ela, frustrada por ter hesitado e acabado na trajetória da bala. – É só um arranhão, estou bem melhor do que você.

Então levantou do chão e estendeu a mão para Logan.

Ele permitiu que Esta o ajudasse, mas balançou, sem muito equilíbrio, e apoiou todo o peso nela para conseguir ficar de pé.

– Não deve ser mais do que 1948. Provavelmente, estamos nos anos 1930, pela aparência da casa. Você consegue caminhar? – perguntou, antes que Logan reclamasse mais.

– Acho que sim – disse ele, fazendo careta e pressionando o local do ferimento. O esforço que fizera para levantar tinha feito quase toda a cor do seu rosto se esvair.

– Que bom. Seja lá o que for, posso levar a gente de volta a partir daqui – falou. Seu ombro latejava, mas a bala passara de raspão. Esta ficaria boa. Mas, se não levasse Logan de volta para o Professor Lachlan logo, não podia afirmar que o companheiro resistiria. – Precisamos ir lá para fora.

O fato é que a habilidade de Esta para manipular o tempo tinha limitações, e a principal delas era que o tempo é ligado ao espaço. Lugares carregam as marcas de toda a sua história, tudo em camadas, uma sobre a outra – passado, presente e futuro. Ela conseguia se movimentar verticalmente através dessas camadas, mas o local tinha que existir no momento em Esta queria alcançar. A mansão Schwab fora demolida em 1948. *Não* existia no tempo de Esta. Logo, ela não tinha como voltar estando ali dentro. Só que as ruas do Upper East Side ainda eram praticamente as mesmas.

Logan cambaleou um pouco, e os dois quase conseguiram sair da casa vazia sem maiores problemas. Mas, quando chegaram à porta da frente, Esta ouviu ruídos vindos das profundezas da mansão.

– O que foi isso? – perguntou Logan, levantando a orelha para escutar melhor.

– Não sei – respondeu Esta, puxando-o.

– Se for a Ordem...

– Temos que sair daqui. *Agora* – disse ela, cortando-o.

Esta abriu a porta ouvindo uma dupla de vozes graves que ecoavam pelos corredores vazios. Puxou Logan para o frio gelado do dia, e os dois foram

cambaleando até os portões da mansão.

Viajar pelas camadas do tempo não era tão fácil quanto espichar os intervalos entre os instantes, para fazer os segundos passarem mais devagar. Demandava muito mais energia e também algo que focasse essa energia e aumentasse a afinidade de Esta: uma pedra bem parecida com o Coração do Faraó, que ela usava engastada em um bracelete de prata, escondido debaixo da manga do seu uniforme de criada.

Roçando no seu braço, a pedra ainda estava quente por causa do salto no tempo que fizera há poucos minutos. A dor do ferimento e tudo o mais que havia ocorrido a deixara esgotada, então encontrar a camada certa de tempo estava sendo mais difícil do que de costume. Quanto mais Esta tentava, mais a pedra esquentava, a ponto de quase arder na sua pele.

Esta nunca fizera duas viagens em um intervalo tão curto. Ela e a pedra, provavelmente, precisavam de mais tempo para se recuperar. Mas tempo, que ironia, era algo que nenhuma das duas tinha, se Esta quisesse evitar que a vissem de novo.

As vozes ficaram mais próximas.

Ela se obrigou a ignorar a ardência lancinante da pedra no seu braço e, com cada gota de determinação que lhe restava, finalmente encontrou a camada de tempo de que precisava e arrastou-se com Logan até ela.

A neve que os cercava desapareceu, e Esta teve a conhecida sensação de empuxo por estar fora das regras normais do tempo. A mansão Schwab, que parecia um castelo, se dissipou em tijolos marrons-avermelhados da fachada reta de um prédio residencial, e a cidade – a *sua* cidade – apareceu. Os carros caros e modernos, as árvores do verão, repletas de folhas, e outras estruturas das ruas se materializaram de repente. Era de manhã cedo, apenas alguns instantes depois de eles terem originalmente partido, e as ruas estavam vazias e silenciosas.

Esta soltou uma gargalhada de alívio ao cair debaixo de Logan na calçada quente.

– Conseguimos – disse, procurando sinais de Dakari, o guarda-costas do Professor Lachlan, que lhes serviria de motorista.

Mas Logan não respondeu. Sua pele estava cinzenta, e os olhos estavam vidrados debaixo das pálpebras semicerradas. A cidade moderna zumbia, cheia de vida, à sua volta.

LIBERO LIBRO

Novembro de 1900 – Região da Bowery Street

Dolph Saunders sentou no seu escritório às escuras e passou o dedo no frágil retalho de tecido que estava na sua mão. Não precisava de luz para ver o que estava escrito. Tinha decorado aquela única frase há meses: “*libero Libro*”.

“Liberte-se do Livro.”

Pelo menos, era isso que achava que significava – o “e” estava borrado. Talvez fosse mais bem traduzido como: “Do Livro, liberte-se”?

– Dolph?

Uma réstia de luz rasgou, à força, a escuridão da cela autoinfligida.

– Me deixe em paz, Nibs – resmungou Dolph.

Então, pôs o retalho na mesa à sua frente e secou o que restava da garrafa de uísque que mamara a manhã inteira.

A porta se abriu mais um pouco, espalhando luz pelo cômodo, e Dolph levantou a mão para se proteger da claridade.

– Você não pode ficar aqui o tempo todo. Tem que cuidar dos seus negócios – disse Nibs, indo até a janela e abrindo as cortinas. – Tem gente que depende de você.

– Você não dá muito valor à sua vida, não é, pirralho? – gritou, quando a claridade lhe deu uma pontada de dor na cabeça.

Nibs lançou-lhe um olhar mordaz.

– Tenho quase 16 anos, sabia?

Dolph soltou um grunhido apático de reprovação, mas não se deu ao trabalho de olhar para o garoto.

– Se continuar abrindo essa sua boca, não vai viver até lá.

– Se você continuar bebendo até morrer, não vou chegar até o fim do mês mesmo – disse Nibs, calmamente, ignorando a ameaça. – Nenhum de nós vai. Não com Paul Kelly e sua gangue no nosso encalço. O bando de Monk Eastman também anda fazendo barulho. Se você não voltar a trabalhar e mostrar que ainda tem forças para tomar conta do que é seu, eles vão tomar uma atitude. Você vai perder tudo o que construiu.

Dolph bateu com a garrafa na mesa.

– Deixe que venham.

– E as pessoas que serão prejudicadas nesse processo?

– Não posso salvar a todos – respondeu, com uma pontada de culpa. Tinha mandado Spot e Appo para o túmulo, não tinha? E sequer havia conseguido proteger Leena, a única pessoa que protegeria a qualquer – a *todo* – custo.

– Leena não aprovaria essa sua atitude – falou Nibs arriscando-se a chegar mais perto da mesa.

– Não... – alertou Dolph, querendo dizer tantas coisas ao mesmo tempo. “Não fale nela. Não me lembre do que perdi. Não me obrigue a ser o homem que não sou mais. Não...”

Mas Nibs nem piscou.

– Essa é a mensagem que ela me deu naquela noite, não é? Você ainda está tentando descobrir o que significa?

Instintivamente, Dolph pegou o pedaço de tecido e passou os dedos pelas letras desbotadas.

– Leena ia querer que eu fizesse isso.

– Posso ver?

Com relutância, ele entregou o frágil retalho a Nibsy, que o examinou através das grossas lentes dos óculos, com uma expressão séria e concentrada, tentando decifrar o latim.

– Você já descobriu? De que livro acha que ela estava falando?

– Não tenho certeza, mas acho que estava falando *do* Livro.

Nibs olhou para Dolph por cima dos óculos, com os olhos acesos de confusão e curiosidade.

– *Do* Livro?

Dolph balançou a cabeça.

– O *Ars Arcana*.

Nibsy fez uma expressão de surpresa.

– O Livro dos Mistérios? – Devolveu o retalho franzindo a testa. – Mas ele é só um mito. Uma lenda.

– Pode até ser, mas, para um livro que guarda todos os segredos da magia, há histórias demais para não ser verdade – respondeu Dolph, segurando o tecido com todo o cuidado.

– É mesmo?

Dolph assentiu com a cabeça.

– Algumas histórias alegam que o *Ars Arcana* pode ser o Livro de Toth, um volume antigo criado e usado pelo deus egípcio da sabedoria e da magia, que se perdeu com a queda das dinastias. Há quem diga que é um registro do começo da magia, roubado de um templo da Babilônia antes de a cidade ruir. Todas as histórias terminam com o desaparecimento do Livro – explicou Dolph, encolhendo os ombros. – Quem diz que alguém não o encontrou? Quem diz que as histórias não são reais? Se o *Ars Arcana* existe, quem diz que não está em poder da Ordem? Olhe só a devastação que a Beira tem causado...

– Mas a Ordem...

– O poder da Ordem tem que vir de alguma coisa – interrompeu Dolph, irritado. – Eles não são Mageus. Não têm uma afinidade natural com a magia, como podem ter

o poder que têm agora, por mais corrompido que seja?

Nibs sacudiu a cabeça.

– Nunca tinha parado para pensar nisso.

– Eu já. Quem pode dizer que esse livro não é o Livro? Por que mais Leena estaria disposta a se sacrificar?

Nibs hesitou:

– E o que você vai fazer?

– Não sei – respondeu Dolph, soltando um suspiro cansado e colocando o retalho sobre a mesa. – Leena não era nenhuma iniciante. Se existia alguém que poderia se defender da Ordem, era ela. Nem você percebeu o quanto a situação era grave.

– Sinto muito.

– Eu não culpo você. Foi decisão dela. E minha. Mas não sei se posso tomar essa decisão por outra pessoa.

– Mas a mensagem de Leena... – continuou Nibsy, franzindo a testa. – E se esse livro, o *Ars Arcana*, ou seja lá o que for... E se ele for mesmo a chave para nossa liberdade?

– Não sei se posso pedir para alguém se arriscar dessa maneira por um palpite.

– As pessoas já estão se arriscando – disse Nibs. – A cada dia que passa, mais gente vem para essa cidade, acreditando que encontraram um refúgio, só para descobrir que estão em uma prisão. A cada dia que passa, chegam mais e mais Mageus aprisionados pela Beira. Pela Ordem.

– Você acha que eu não sei? – resmungou Dolph, pegando a garrafa e fazendo cara feia ao ver que estava vazia.

– Essas pessoas precisam de alguém que as proteja. Que as lidere – respondeu Nibs, tirando a garrafa da mão de Dolph.

“Esse alguém não pode ser eu.”

Dolph coçou o queixo, e a barba que ali crescia o surpreendeu. Leena teria odiado. Ela gosta que seu rosto esteja sempre limpo e lisinho e costuma passar os dedos pela sua pele, deixando rastros de calor.

“Costumava passar os dedos na minha pele”, corrigiu-se. Mas já fazia meses que Leena se fora, e Dolph não sentira nada desde então, com exceção do gelo alojado no peito. E do vazio que preenchia o fundo da sua alma.

– Não posso liderá-los. Não mais.

O menino inclinou a cabeça para o lado, com uma expressão de expectativa, mas não insistiu.

– Acabou.

Um silêncio constrangedor se estabeleceu, e Dolph ficou imaginando se já havia sido tão jovem. Quando tinha 16 anos, já formara seu próprio bando. Já tinha dado início a essa jornada equivocada para mudar seu destino. Era apenas uma década mais velho do que Nibsy, mas esses anos o tinham envelhecido. E os últimos meses o endureceram mais do que uma vida inteira de arrependimentos.

– Acabou *tudo*? – perguntou o menino, cauteloso.

Dolph lambeu os lábios ressecados.

– Não. Tudo não. Mas, quando estiquei o braço para segurar Leena, a Beira levou o bastante.

– As marcas?

– Não consigo mais senti-las. Também não serei capaz de controlá--las – explicou, lançando um olhar inquisidor para Nibs. – Não vão ter medo de mim se ficarem sabendo.

– Então, não vamos permitir que saibam – disse Nibsy, olhando bem sério para Dolph, por um longo tempo. – Controle não tem nada a ver com medo. Controle é fazer os outros pensarem que seguir você foi ideia deles.

– Se descobrirem, vão se virar contra mim, e sem Leena...

– Mesmo sem Leena, você ainda tem Viola para protegê-lo. Não está indefeso.

Nibsy tinha razão. A habilidade que Leena tinha de desarmar a afinidade de qualquer um que quisesse fazer mal a Dolph o ajudara a construir seu império, mas Viola era capaz de matar qualquer um sem sequer tocar na pessoa. Ele estava arranjando desculpas, fugindo de medo, e isso era algo que Dolph jamais fizera.

– Faça isso por ela – insistiu Nibsy. – Se Leena lhe mandou essa mensagem, é isso que queria. Que você fosse atrás do Livro, atrás da Ordem. Você não acha que era isso que ela queria que você fizesse?

– Certo. Ponha algumas pessoas nesse serviço. Pessoas da nossa confiança. Não quero que se espalhem boatos sobre o que estamos procurando. Se mais alguém descobrir que o *Ars Arcana* existe...

Dolph não concluiu o pensamento, mas os dois entenderam como seria perigoso se os outros soubessem o que ele estava procurando. Um livro que continha todos os segredos da magia? Quem quer que o possuísse seria incontrolável, como a Ordem.

O que significava que Dolph Saunders tinha que encontrá-lo primeiro.

– Pode deixar – garantiu Nibs. – Mas você pode me fazer um favor?

– Que foi agora? – perguntou Dolph, franzindo as sobrancelhas, irritado.

– Tome um banho ou algo assim. A sarjeta lá atrás está fedendo menos do que você.

A CHAVE DE ISHTAR

Dias atuais – Orchard Street

O primeiro sinal de que algo estava errado foi a entrada do prédio do Professor Lachlan, na Orchard Street. Quando Dakari os trouxe de volta, o edifício parecia o mesmo do lado de fora. Mas, do lado de dentro, tudo havia mudado. Havia um novo *hall* de entrada, ultramoderno, com portaria e tudo, e um guarda que ela nunca tinha visto antes. Além disso, medidas de segurança adicionais em cada andar, em cada porta.

O prédio sempre fora uma espécie de fortaleza, um lugar estranho para chamar de lar. Mas, agora, sua austeridade fazia as ameaças invisíveis que estavam lá fora parecerem muito mais funestas.

Só que isso não era o pior.

A oficina bem iluminada do sótão, onde Mari produzia tudo o que a equipe precisava, não passava de uma despensa empoeirada. Esta voltara de 1926 para descobrir que Mari se fora.

Mari não apenas deixara de fazer parte da equipe. Mari não *existia* mais.

Esta usou todas as habilidades que aprendera com o Professor Lachlan ao longo dos anos para procurar a amiga. Buscou nos registros de imigração e de antepassados por algum sinal de Mari e da família dela. Mas, em vez disso, encontrou evidências perturbadoras de que o seu mundo havia mudado, de alguma maneira.

E isso ia além do desaparecimento de Mari. Pequenas transformações e diferenças sutis mostravam que a Ordem da Ortus Aurea tinha se tornado mais forte e ousada a partir do final dos anos 1920, quando não existia nada. Ondas de deportações. Conflitos que não existiam antes. Mudanças de presidentes aqui e acolá. Todas essas evidências mostravam que a Ordem era mais poderosa hoje do que era antes de Esta e Logan irem para o passado roubar o Coração do Faraó.

Com as mãos trêmulas, Esta pesquisou a única data da qual morria de medo: a noite do assalto. Precisava saber se tinha sido isso a origem das mudanças. Precisava ter certeza.

E não se surpreendeu quando se descobriu nos registros históricos, sendo que jamais deveria estar ali. Não pelo nome, claro. Ninguém presente naquela noite teria como saber quem ela era. Mas encontrou um pequeno artigo que falava da invasão e do roubo do Coração do Faraó.

A Ordem sabia que Esta levava a adaga verdadeira.

E, por aqueles míseros centímetros de papel impresso, ficava claro que sabiam

que Mageus estavam por trás disso.

Esta subestimou o perigo que haviam enfrentado. Tinha sido criada para derrotar a Ordem, treinada desde que era garotinha para adquirir as habilidades necessárias para fazer exatamente isso. Esta lera os registros históricos – públicos e privados – e passara a infância estudando os efeitos devastadores da Ordem nos Mageus do passado. Treinava todos os dias com Dakari para conseguir lutar e se defender de qualquer ataque, e ainda não tinha entendido de verdade. Talvez porque a Ortus Aurea e tudo o que os seus membros fizeram estava tão distante no tempo que mais parecia um mito do que realidade. As histórias eram apavorantes, mas, na realidade, a Ordem em si sempre fora pouco mais do que uma sombra no canto dos olhos de Esta, o bicho-papão que morava fechado no seu armário. Fora tão fácil saltar no tempo, roubar coisas bem debaixo do nariz deles, que ela nunca entendeu... não de verdade.

Sim, a Ordem criara a Beira e, sim, ao longo dos anos, essa barreira invisível tinha, com sucesso, arrancado a magia – e os Mageus – do país. Talvez tenha havido um tempo em que todo mundo sabia que a magia existia. E, certamente, houve um tempo em que as pessoas temiam e perseguiam quem a possuía. Mas, no final do século XX, a antiga magia – a magia *natural* – já estava quase esquecida. Como um conto de fadas. E, à medida que o público esquecia a magia, esquecia os seus medos. A Ordem tinha se tornado clandestina. Ainda representava uma ameaça para os poucos Mageus que restavam, claro, mas, sem o apoio do público, operava em segredo, e seu alcance era limitado.

Agora, as mudanças no prédio do Professor Lachlan, as pequenas diferenças nos livros de história e, mais pessoalmente, o fato de Mari ter sumido do mapa, faziam Esta pensar que a situação não era mais assim.

Ela havia causado isso.

Com as decisões que tomara, de algum modo, trocara a vida de Logan pela de Mari, trocara a relativa segurança que havia em sua vida por esse outro futuro, desconhecido. E nem havia se dado conta de que isso era possível.

Esta sabia que viajar para outras épocas tinha seus riscos, mas o Professor Lachlan lhe ensinara que o tempo era como um livro. Era possível arrancar uma página, riscar uma palavra aqui e ali, e a história continuava a mesma, com exceção dessas pequenas passagens. Ele sempre acreditara que seria necessário algo monumental para alterar o fim da história.

Aparentemente, expor seus poderes para salvar Logan fora o suficiente. Três dias depois de levar Logan de volta para o seu tempo, Esta estava sentada na beirada da cama dele, observando sua respiração vagarosa e constante. Logan perdera muito sangue, e a afinidade de cura de Dakari não era tamanha a ponto de debelar a infecção que atacava seu corpo. O rapaz ainda não se recuperara.

Não que Esta fosse muito próxima de Logan, mas o moço fazia parte da equipe do Professor Lachlan. Precisavam dele. E vê-lo tão pálido e estático a abalava mais do

que teria imaginado.

Esta soube, na hora, quando o Professor Lachlan entrou no quarto, os passos suaves pontuados pelo clique da muleta. Mas não se virou para cumprimentá-lo, nem quando o Professor avançou mais alguns passos e parou, como costumava fazer quando tinha algo a discutir com ela.

– Não fale nada. Por favor. Não toque no assunto.

– E se eu tiver vindo lhe agradecer por tê-lo salvado?

– Mentira.

E foi aí que Esta se virou. O Professor Lachlan não saíra de perto da porta. Estava apoiado, como sempre, na sua muleta prateada.

Ela não sabia exatamente quantos anos o Professor tinha, mas, apesar da idade avançada, ainda estava em forma e era esbelto. Vestia o mesmo uniforme de calças de *tweed* e camisa social amarrotada que usara para dar aula a hordas de estudantes da Universidade de Columbia, por anos e anos. Era um homem baixo, não muito mais alto do que Esta, quando ficava com as costas retas. À primeira vista, era subestimado pelas pessoas, que quase sempre o ignoravam por julgarem-no velho demais para que prestar atenção nele valesse a pena.

A maioria das pessoas é idiota.

A catarata, que atacou o Professor por anos e anos, tornava a sua visão enevoada, mas, mesmo assim, tinha olhos astutos, alertas. Há três dias, quando Esta lhe contou o que havia acontecido e tentou explicar o sumiço de Mari, ele simplesmente escutou, com a mesma expressão impassível de sempre, depois a dispensou. Os dois não se falavam desde então.

– Você ia me dizer que eu desobedeci a regra mais importante – falou Esta. Fazia três dias que esperava ouvir o sermão do Professor. – Coloquei todos nós em perigo ao revelar o nosso disfarce e expor o que somos para a Ordem. Já sei – disse, sentindo a pontada pela perda de Mari doer ainda mais.

– Que bom, então. Ainda bem que você me poupou desse trabalho – respondeu o Professor, sem sorrir. – Precisamos conversar – completou, depois de um instante. – Venha comigo.

Como o Professor Lachlan não esperou para ver se ela concordava, Esta não teve muita escolha a não ser deixar Logan sozinho e ir atrás dele pelo corredor, até o elevador. Subiram naquela máquina antiga em silêncio, a cabine vibrava e sacolejava ao escalar até o topo do prédio, que era propriedade do Professor. Já havia sido de apartamentos residenciais, mas agora ele era dono de tudo. Esta crescera nos seus corredores estreitos, e aquele era o único lar que ela conhecia. Foi uma infância estranha, cheia de adultos e de segredos – pelo menos até Logan aparecer.

Quando as portas se abriram, os dois entraram direto na biblioteca do Professor, cujas paredes eram forradas de livros, do chão até o teto. Esses não eram como os de Schwab, livros não lidos de lombadas douradas. As prateleiras do Professor Lachlan

eram repletas de títulos encapados em couro desbotado ou tecido gasto, a maioria se despedaçando pelos anos de uso.

Ninguém tinha uma coleção como aquela. O Professor comprara a maioria dos títulos da sua biblioteca pessoal usando nomes falsos. Alguns, pedira para Esta resgatar dos seus donos relutantes ao longo dos anos. Muitos dos seus colegas sabiam que a coleção era grande, mas ninguém sabia o quanto era extensa, quão profundos eram os seus segredos – nem mesmo integrantes da sua própria equipe. Na verdade, ninguém, vivo ou morto, sabia tanto sobre os segredos de Nova York quanto James Lachlan. Esta passara quase todos os dias da sua infância naquele cômodo, aprendendo tudo o que precisava saber para se encaixar em qualquer período da história da cidade.

Ela odiava essas horas. Era um tempo que teria preferido passar em um dos passeios diários que os dois faziam, as longas e tortuosas caminhadas em que o Professor Lachlan lhe mostrava a cidade, rua por rua. Ou, melhor ainda: flanando pela cidade sozinha, pondo em prática a habilidade de bater carteiras, ou de degladiar com Dakari na sala de treino. Mas as longas horas que passou estudando na biblioteca lhe foram úteis. O conhecimento a havia livrado, a ela e a Logan, de muitas situações difíceis.

Só não ajudou em nada na mansão Schwab. Esta pensou que precisava se lembrar de pesquisar mais sobre o homem loiro – Jack – seja lá quem ele fosse. Se os seus caminhos se cruzassem de novo, estaria preparada.

O Professor Lachlan foi entrando aos poucos na biblioteca, arrumando um monte de papéis e livros pelo caminho. Ficou claro que não tinha pressa nenhuma de tocar no assunto.

Era um teste, Esta sabia. Um teste conhecido, no qual ela estava predestinada a falhar.

– O senhor falou que precisamos conversar? – perguntou, sem conseguir mais suportar o silêncio.

O Professor a olhou com uma expressão que fazia com frequência, que impedia mesmo as pessoas mais próximas dele adivinharem seus pensamentos. Seria um ótimo jogador de pôquer, se gostasse de apostas. Mas nunca fazia nada a menos que tivesse certeza de quais seriam os resultados.

– Tenha paciência, menina – falou, a resposta que sempre dava quando achava Esta muito impulsiva. O que acontecia com uma frequência bem alta, de acordo com ele.

Lachlan deu mais alguns passos vagarosos em direção à mesa, e seu rosto se enrugou por causa do esforço. Quando a muleta escorregou, fazendo-o cambalear, Esta chegou perto dele em um segundo.

– O senhor deveria sentar – disse, mas o Professor a rechaçou com um olhar que a fez andar para trás.

Lachlan odiava quando alguém se preocupava. Nunca quis admitir que poderia

precisar que alguém se preocupasse com ele de vez em quando.

“Jamais exponha as suas fraquezas”, ele lhe ensinara. “No mesmo instante em que os outros se derem conta de que você é mole, podem lhe enfiar a faca.”

– Não tenho tempo para sentar – respondeu, lançando um olhar indecifrável para Esta. – Você permitiu que um membro da Ordem a visse.

Seu tom deixava claro que suas palavras tinham a intenção de repreender, além de informar.

– E o que eu deveria ter feito? – perguntou Esta, levantando o queixo. – Deixar Logan para trás? Eu salvei a vida dele. Eu o trouxe de volta para o senhor. Mantive nossa equipe unida.

A expressão do Professor Lachlan não se modificou, mas algo no ar mudou.

– Você perdeu a tarefa de vista.

– Eu trouxe a adaga.

Ele espremeu os lábios e disparou:

– Sim, mas não foi só isso que você trouxe, foi?

– Tentei dar o diamante para o senhor.

– Não lhe mandei lá para roubar diamantes. Se não tivesse se atrasado, conforme planejamos, nada disso teria acontecido.

– Não posso dizer que me arrependo – respondeu Esta, obrigando--se a olhá-lo nos olhos. – Vi uma oportunidade e a aproveitei. Exatamente como o senhor me ensinou.

– Aproveitou mesmo, não? – disse o Professor Lachlan, olhando-a de cima abaixo. – Você sempre foi boa aluna; provavelmente, até melhor que Logan, ainda que menos disciplinada. Mas sua impulsividade, dessa vez, teve consequências.

Como Esta aprendera havia muito tempo a não se encolher sob o peso e a expectativa do olhar do Professor, não foi naquele momento que se encolheu. Mas ser lembrada dos seus erros surtira efeito.

Ela sentiu um aperto na garganta e disse:

– O que o senhor quer que eu faça? Posso voltar, consertar tudo.

– E o que você faria? Tentaria se controlar? – respondeu o Professor Lachlan, sacudindo a cabeça. – Nem sei se isso é possível. E não vou arriscar danificar a pedra por uma tarefa boba. – Então, fuzilou Esta com o olhar firme e paciente, como fazia desde que ela era pequena. – O que está feito, feito está. Continuamos a partir daqui. Como sempre.

– Mas e a Ordem? – lembrou Esta. – O senhor mesmo disse, eles me viram. – E aí virou para o Professor, forçando-se a olhá-lo nos olhos, como ele havia ensinado quando ela era menina. – O objetivo de roubar coisas do passado é eu conseguir surpreender os membros da Ordem. Mas agora eles sabem. Podem até estar esperando por mim.

“Sou inútil para o senhor”, Esta não conseguia parar de pensar.

E se isso fosse verdade, que papel poderia desempenhar no mundo do Professor?

Se não pudesse executar a tarefa para a qual havia sido treinada, qual seria o seu lugar?

– Eles viram você em 1926, é verdade. Mas isso só significa que sabem quem e o que você é *depois* daquele momento – respondeu ele. Então, lançou-lhe um olhar que dava a entender que Esta deveria ter descoberto isso sozinha.

Foi quando ela entendeu.

– Mas não *antes* – sussurrou.

– Não, antes não.

– *Deve* haver muito o que roubar antes dos anos 1920.

O Professor Lachlan lhe lançou mais um olhar indecifrável, que a fez ficar em silêncio, e continuou seguindo pelas pilhas de livros e jornais velhos, em direção ao grande cofre na parede lateral da sala.

Colocou a mão no sensor e, quando a porta foi liberada, retirou uma grande caixa de dentro do cofre. Esta se manteve em silêncio e não se incomodou em perguntar se Lachlan precisava de ajuda, nem mesmo quando ficou claro que ele precisava. Por fim, o Professor conseguiu chegar até a grande mesa que ficava no meio do cômodo.

A pesada mesa de carvalho estava coberta de pilhas de papéis e de livros. Ele colocou a caixa em cima de uma das pilhas menores, sentou-se na sua cadeira de espaldar alto e pôs a muleta de lado antes de se dar ao trabalho de falar.

– Lá atrás, quando encontrei você perambulando sozinha pelo Seward Park, não pensava em adotar uma criança. Mas, quando descobri o que você era capaz de fazer, a sua afinidade com o tempo, me dei conta de que você poderia ser a chave para os meus planos – disse, inclinando-se para a frente. – É por isso que passei os últimos 12 anos treinando você, ensinando tudo o que precisava saber para ir a qualquer ponto do passado da cidade e se virar sozinha. Não adotei você porque queria que roubasse bugigangas reluzentes e jornais velhos – continuou, com um tom de irritação. E, então, parou de falar, como se tivesse se dado conta de que havia deixado as suas emoções transparecerem. Em seguida, começou de novo, de forma mais controlada: – Tudo isso nunca teve a ver com ficar rico, menina. Cada uma das suas tarefas tinha um propósito – explicou. Depois abriu a caixa e concluiu: – Eu precisava de informações, e essas informações me levaram aos diversos tesouros que você conseguiu trazer para mim.

O Professor foi tirando os objetos da caixa, um por um.

– Você conhece bem o Coração do Faraó – disse, tirando do estojo a adaga recém-roubada. – Mas a primeira peça verdadeira que você roubou foi a Estrela de Djinni.

Ele tirou da caixa um colar pesado que Esta se lembrava de ter roubado de uma joalheria no Upper East Side, há uns quatro ou cinco anos. Engastada em platina, havia uma rara pedra de turquesa que parecia conter uma galáxia inteira em suas profundezas.

– E tenho certeza de que você se lembra da Lágrima de Delfos – falou, mostrando um anel de ágata com uma pedra tão clara e pura que parecia quase líquida.

É claro que Esta lembrava. Mal tinha completado 13 anos quando a tirou do dedo de uma *socialite*, em algum momento dos anos 1960. Foi a primeira joia que roubou do passado, o primeiro roubo que fizera com a ajuda de Logan. O rapaz foi uma aquisição inesperada – e não muito bem-vinda – ao bando. Esta não ficou muito feliz quando o Professor Lachlan lhe apresentou Logan, sobrinho de um dos seus contatos. Viu o fato como um sinal de que não confiavam nela o suficiente, de que o Professor achava que não estava preparada para sair sozinha. E ficou menos feliz ainda quando foram todos juntos, cada um segurando uma das suas mãos, para a Nova York dos anos 1950. Logan encontrara o anel, e Esta o roubara. E o odiou um pouco por ter sido tão necessário.

Mas Logan acabou conquistando Esta – rápido demais. Ela era jovem e não tinha muita experiência com outras pessoas que não fossem do pequeno círculo social do Professor Lachlan. Então, no começo, não conseguia enxergar nada além do charme de Logan. Caiu nos seus encantos, até se dar conta de que tudo era um jogo para ele. Não que o rapaz fosse sem coração ou indiferente. Era tão dedicado e leal à equipe – e ao Professor Lachlan – quanto Esta. Mas, fosse uma joia brilhante ou uma menina que nunca fora beijada, só se interessava pela conquista. E, assim que a conquista terminava...

– E, então, temos o Olho do Dragão – continuou o Professor Lachlan, trazendo a atenção de Esta de volta para o presente e tirando uma tiara faiscante da caixa. Ao centro da joia, havia um grande âmbar, tão salpicado de ouro que praticamente brilhava.

Esta encontrara essa peça em Chinatown, em algum momento dos anos 1940. Tinha 14 anos, e foi a primeira grande tarefa que realizaram sem que o Professor Lachlan os acompanhasse. Nessa época, Esta já aceitara Logan como era e tinha desenvolvido, de má vontade, uma amizade com o garoto. O Professor Lachlan precisava de Logan e confiava nele, e Esta confiava no Professor Lachlan. Simples assim.

– E, então, veio a Chave.

Por fim, o Professor pegou a gema que Esta mais conhecia: a Chave de Ishtar. A pedra era estranha, escura, parecida com uma opala, e brilhava como um arco-íris. Estava engastada em um bracelete que cabia perfeitamente no bíceps de Esta. Era a pedra que possibilitava que ela viajasse verticalmente através das camadas do tempo. A jovem sentiu uma pontada no estômago quando viu o risco que dividia a superfície em dois, um lembrete de mais uma das consequências dos seus erros.

Quando os dois finalmente voltaram para o edifício da Orchard Street, Esta compreendeu a rachadura. A única explicação para o fato era ter usado demais a pedra sem dar o tempo suficiente para que ela esfriasse, mas não se sabia o que isso significava em termos do poder da gema. Esta esperava que fosse um sinal positivo o fato de a joia, mesmo estando do outro lado da sala, chamá-la com o seu calor e a sua energia de sempre.

Olhar para os objetos que estavam em cima da mesa era como olhar para a sua própria história, mas Esta sabia que o que havia ali à mostra era mais do que uma sessão de nostalgia. Ao ver os cinco objetos sobre a mesa do Professor, podia perceber que existia um padrão que nunca havia notado.

O Professor Lachlan passou o dedo pela rachadura da Chave de Ishtar e ficou pensativo antes de dizer:

– Essas cinco pedras estavam em poder da Ortus Aurea. Na época em que a Ordem estava no auge da sua força, eram guardadas em uma sala protegida chamada *Mysterium*, um cofre bem escondido no quartel-general da Ordem, a Mansão Quéfren. Só as pessoas dos mais altos escalões tinham acesso a elas, mas sua existência era a fonte absoluta do poder da Ordem, até que as joias foram roubadas.

Esta olhou para o Professor.

– Como assim, roubadas? – perguntou.

– Em 1902, um grupo de Mageus tentou derrubar a Ordem – explicou, apontando para um recorte de jornal. – Entraram no *Mysterium* e levaram os tesouros mais importantes. Mas um integrante do bando traiu os demais, e o roubo deu errado. O bando se separou, e os objetos desapareceram.

A garota passou os olhos pelo pedaço de papel desbotado.

– Mas é um artigo sobre um incêndio – disse, confusa. Não havia nenhuma menção a um assalto.

– Claro que é. A Ordem não podia permitir que ninguém ficasse sabendo o que realmente acontecera. Se corresse o boato de que haviam roubado tesouros tão importantes e, ainda por cima, que foram as pessoas que eles tentavam controlar que haviam feito isso, seus membros pareceriam fracos. Correriam o risco de serem atacados por outros grupos se tentassem retaliar. Esconderam seus prejuízos. Esconderam seus fracassos. Fingiram que nada havia acontecido, que tudo continuava igual.

“E funcionou. Pelo menos, por um tempo. Já lhe contei sobre os primeiros anos do século passado. Você sabe o quanto essa cidade era perigosa para as pessoas que detinham a antiga magia. Os incêndios, as batidas disfarçadas de ações policiais corriqueiras para proteger a cidade. E sempre havia a Beira. Roubar os artefatos da Ordem não mudou nada disso. Mas, à medida que os anos foram passando, a antiga magia começou a se enfraquecer e a ser esquecida. As novas gerações eram mais fracas do que as anteriores, e a cidade começou a esquecer que a temia.

“Só que a Ordem nunca esqueceu. Por anos e anos, os membros dos altos escalões tentaram encontrar esses tesouros e reuni-los novamente. Mas, graças ao nosso trabalho, nunca conseguiram. De vez em quando, uma das joias aparecia em um leilão, como o que ocorreu na mansão Schwab, ou surgiam boatos de que outra fora encontrada. Mas, desde o assalto original, essas joias jamais tinham estado no mesmo recinto.”

O Professor sorriu, com brilho nos seus velhos olhos, e falou:

– Até agora.

Não precisou dizer para Esta que havia algo naquelas pedras que as tornavam mais do que aparentavam ser. Assim como a Chave de Ishtar a atraía, os artefatos todos juntos pareciam saturar o espaço inteiro com uma energia quente e inebriante.

– Sabe – continuou o Professor –, seguimos um método nas nossas ações dos últimos anos. Uma por uma, descobri o destino das pedras. Uma por uma, eu as recolhi e as guardei em segurança. Mas não é o suficiente. Tudo o que fizemos foi apenas um prelúdio para uma joia específica, o último dos artefatos – falou. Então, inclinou-se para a frente e completou: – Tenho tomado muito cuidado, ou será que você não notou? Cada uma das suas tarefas foi um pouco mais para trás no tempo, um pouco mais desafiadora. Eu estava preparando você para a tarefa mais importante de todas.

Esta se endireitou um pouco. O Professor Lachlan ainda estava disposto a confiar nela. Ainda *precisava* dela.

– Quem é a vítima? – perguntou, deixando transparecer na sua voz um desejo profundo de provar a ele que podia realizar a tarefa.

O Professor sorriu e respondeu:

– Precisamos do último objeto que foi roubado naquele dia. Um livro.

Esta não conseguiu disfarçar a decepção. Já tinha roubado muitos livros para o Professor ao longo dos anos.

– O senhor quer que eu roube mais um livro?

– Não, não apenas *mais um* livro – corrigiu, com os olhos brilhando. – Você vai roubar o Livro: o *Ars Arcana*.

Mesmo com todo o seu treinamento e as muitas e muitas horas que passara estudando sobre a cidade e a Ordem, Esta jamais ouvira aquele nome específico. Sua confusão deve ter ficado visível.

– É um livro lendário, uma narrativa que, dizem, é tão antiga quanto a própria magia – explicou o Professor, com um leve tom de irritação. – Por muitos anos, estive em poder da Ordem, e acredito que pode me revelar como usar as pedras para acabar com ela de uma vez por todas. Imagine só, menina: os poucos Mageus que ainda restam não vão mais precisar se esconder. Seremos *livres*.

“Livres.” Esta não sabia ao certo o que essa palavra significava. Amava a cidade em que vivia e nunca pensara nem desejara uma vida fora dali. Mas o Professor Lachlan olhava para ela com uma expressão de esperança e carinho.

– Diga onde ele está, e o livro será seu – respondeu Esta.

– Bem, é aí que as coisas se complicam – disse o Professor Lachlan, com uma expressão abatida. – O Livro se perdeu. Provavelmente, foi destruído.

– Destruído?

O Professor Lachlan balançou a cabeça e continuou:

– Um dos ladrões traiu o bando. Pegou o Livro e sumiu. Se o Livro ainda existisse, a essa altura eu já teria encontrado. Eu ou Logan. – Seus olhos voltaram a

brilhar. – É por isso que você tem que impedir que o traidor desapareça. Se conseguir pegar o Livro e trazê-lo para cá, mudará *tudo*.

Com o sangue fervendo de expectativa, Esta se manteve calma, centrada.

– Quem é ele? Onde eu o encontro?

O Professor Lachlan examinou Esta por mais um instante, e sua boca arqueou-se sutilmente. Não era um sorriso de verdade, mas foi o suficiente para revelar que ela tinha começado a reconquistar um pouco da sua aprovação.

– Na primavera de 1902, quando o assalto aconteceu – disse ele, batendo o dedo no recorte de jornal. – Você vai ter que ir mais longe no tempo do que jamais foi. A cidade era bem diferente naquela época.

– Eu dou conta – disse Esta.

– Você não entende... A *magia* era diferente naquela época. Agora a cidade é praticamente desprovida de magia. Agora as pessoas pensam que a magia é um mito. Mas, naquela época, parecia que tinha eletricidade correndo pelas ruas. As pessoas sabiam que a antiga magia existia, e temiam quem a possuísse. Naquela época, ainda existia aquela sensação no ar de que algo estava prestes a acontecer. Todo mundo estava escolhendo um lado.

– Eu sei – retrucou Esta. – O senhor me ensinou tudo isso.

– Talvez tenha ensinado – disse o Professor. Então, soltou um suspiro, pegou o bracelete de Esta de cima da mesa e o examinou, franzindo a testa ao inspecionar a rachadura na pedra. – Mas ainda não sei se você está preparada. Seu desempenho na última tarefa me deixa na dúvida.

Esta teve vontade de pegar o bracelete, mas se segurou. Não era exatamente dela: o Professor só permitia que o usasse quando precisava de algo do passado. O resto do tempo, o mantinha guardado no cofre. Mesmo assim, Esta sempre *sentiu* que o bracelete era dela, desde a primeira vez que o pôs no braço, há pouco mais de seis anos, quando tinha 11 anos, e ele lhe mostrou que ela estava destinada a coisas mais grandiosas do que apenas bater carteiras bem recheadas do bolso de turistas.

– Não vou decepcionar o senhor de novo – prometeu Esta.

Mas o Professor não lhe entregou o bracelete. Ainda estava castigando Esta, mesmo que sutilmente. Provocando-a com a promessa de lhe entregar a pedra, mas lembrando a quem a Chave de Ishtar – e o poder que vinha com ela – realmente pertencia.

– Não podemos nos dar ao luxo de esperar Logan melhorar. Você vai atrás do Livro agora, e irá sozinha.

– Sozinha? – perguntou Esta. – Mas, sem Logan, como irei encontrá-lo?

Confusa com a mudança no método rotineiro de trabalho, Esta franziu a testa.

– Mas, se esperarmos Logan melhorar, podemos chegar lá antes deles. Entrar e sair depressa, como o senhor sempre diz. Não correremos o risco do Livro desaparecer.

– Não – disse o Professor Lachlan, curto e grosso. – Não vai dar certo.

– Mas com a minha afinidade...

– Não é suficiente – disparou o Professor, interrompendo-a. – Você acha que pode simplesmente entrar assim, sem mais nem menos, na fortaleza da Ordem e passar a mão no Livro? Você é uma ladra talentosa, mas foi preciso um bando para entrar lá, para passar por todos os níveis de segurança. E a pessoa que acabou traindo o bando foi essencial para isso.

– Deve haver outro jeito, mais fácil – argumentou Esta.

– Mesmo que houvesse... – falou o Professor Lachlan, sacudindo a cabeça. – Cada uma das nossas tarefas foi cuidadosamente planejada para que a Ordem nunca ficasse sabendo quando foi roubada. Cada vez que você passou a mão em um artefato, planejei tudo para que o roubo fosse invisível, para que não conseguissem nos conectar a ele. Fiz isso por um motivo. Mas olhe o que aconteceu da última vez: você *mudou* algo ao se revelar. Quanto mais o nosso presente pode ser afetado se você bagunçar os eventos do passado?

Ele bateu de novo no recorte de jornal e continuou:

– O assalto tem que acontecer *exatamente* como ocorreu naquela época. Você não pode correr o risco de mudar nada. Pense só: se o assalto não ocorrer ou a Ordem souber quem estava por trás dele, não há como prever o que isso pode causar no futuro. No *nosso presente*. A única diferença possível é quem vai ficar com o Livro. Se não, pense só nas repercussões que podem ser geradas.

Esta pensou em Mari e soube exatamente quais poderiam ser os efeitos.

– Além disso – falou o Professor, examinando a rachadura na superfície da pedra –, não sei se a Chave de Ishtar aguenta levar duas pessoas através do tempo de novo. Você colocou muita pressão na pedra com o que fez na mansão de Schwab. Tem que fazer isso sozinha – completou. E ainda não estava sorrindo quando entregou o bracelete de prata a Esta. – A menos que ache que não está à altura do desafio.

A garota hesitou antes de pegar o bracelete. Aquilo também parecia um teste, mas, se ela falhasse dessa vez, que outros danos poderia causar? Quantas vidas mais colocaria em perigo?

Mas, se fosse bem-sucedida... Talvez, roubando o Livro, pudesse consertar tudo. Talvez conseguisse trazer Mari de volta.

Pensou nas incontáveis pessoas que, como ela, poderiam estar vivendo nas sombras da cidade, com suas afinidades fracas e prejudicadas pelos anos de falta de uso e pelas gerações de esquecimento. Se um erro podia causar tantas mudanças no seu presente, o que a destruição da Ordem poderia acarretar? Se Esta conseguisse, poderia fazer mais do que simplesmente corrigir os erros que cometera e consertar o seu presente. Talvez pudesse reescrever o próprio futuro. Trazer a magia de volta ao mundo.

Não precisaria mais se esconder – nem ela nem ninguém.

Então, pegou o bracelete. A prata ainda estava gelada de ficar guardada no cofre, mas Esta o colocou no braço sem sentir um arrepio sequer. Mais uma vez, sentiu a

atração da pedra, como se algo a aquecesse lá de dentro. Algo que parecia uma possibilidade... e uma promessa de poder.

– Diga quem foi que traiu o bando – falou, determinada. – Quem eu preciso impedir?

A boca do Professor Lachlan se curvou, formando um sorriso, mas os olhos não transmitiam nada além de um ódio gelado.

– Encontre o Mago – respondeu. – E o detenha antes que ele destrua nosso futuro.

FILHOS DO DIABO

Agosto de 1901 – Região da Bowery Street

Harte Darrigan se amaldiçoou umas dez vezes ao se enfiar na multidão que lotava o Filhos do Diabo, um clube de boxe enfumaçado, no Lower East Side, que levava o nome da gangue que o administrava. O som de ossos sendo partidos no encontro de rostos e punhos cerrados fazia o público se exaltar com tamanha euforia que a pulsação de Harte disparou e derreteu toda a sua coragem.

A espelunca estava cheia do tipo de gente que Harte fizera de tudo para não se tornar. Representavam os grupos mais perigosos da humanidade – se é que se podia chamar de humanidade – ao sul da Houston, a avenida larga que separava os que têm daqueles que não têm e provavelmente nunca terão. Darrigan podia até ser um enganador e golpista, mas pelo menos era dos honestos. Ou, pelo menos, achava que era. Arriscara tudo para sair da gangue de Paul Kelly, três anos antes, e não desejava que a vida que conseguira construir para si mesmo desde então fosse corrompida pela guerra sem fim entre as facções que governavam Manhattan.

Apesar disso, lá estava ele.

Não deveria ter ido ali. Fora um imbecil ao concordar com aquela reunião, um imbecil completo ao permitir que Dolph Saunders o convencesse a voltar para aquele mundo com uma promessa impossível: liberdade. Um jeito de sair da cidade. Era uma ilusão tola.

Harte devia ser um tolo mesmo, pois sabia do que Dolph Saunders era capaz e, mesmo assim, concordou em encontrá-lo. Já tinha testemunhado a crueldade de Dolph com seus próprios olhos e, se fosse um pouco mais esperto, daria meia-volta e iria embora antes que fosse tarde demais...

Foi quando uma voz conhecida começou a chamar seu nome no meio da multidão, e Darrigan entendeu que havia perdido a chance de ir embora.

O fedelho que se aproximava dele devia ser o cara mais magrelo e mais baixinho do recinto. Usava óculos apoiados na ponta do seu nariz reto e, ao contrário da maioria do público do Filhos do Diabo, não estava vestindo as cores vivas nem o estilo chamativo que caracterizava os mandachuvas da Bowery. Em vez disso, o menino usava suspensórios por cima de uma camisa simples sem gola, o que o fazia parecer uma criança supercrescida. Ao contrário dos homens de peito musculoso que se encolhiam com suas bebidas depois de um longo dia de trabalho puxado, Nibsy Lorcan tinha o ar de quem passava a maior parte do tempo dentro de casa, debruçado sobre livros.

– Harte Darrigan – disse Nibsy, cumprimentando-o com um aceno de cabeça. –

Que bom ver você.

– Gostaria de poder dizer o mesmo, Nibs.

O garoto enfiou as mãos nos bolsos e respondeu:

– Estávamos começando a achar que você não apareceria.

– Seu patrão me fez achar que eu seria um imbecil se não viesse e, pelo menos, ouvisse o que ele tem a dizer.

Nibs deu um sorriso simpático.

– Para imbecil, você não serve, Darrigan.

– Não sei se posso concordar com você, Nibs, já que estou aqui e tal. Aliás, onde está Dolph? Ou ele mandou você para fazer o serviço sujo, como sempre?

– Está lá atrás, esperando – respondeu Nibsy, passando os olhos pelo salão. – Você sabe como ele é.

– Sei – disse Harte. – Sei exatamente como ele é. E também deveria saber que era melhor não ter vindo aqui.

Harte se virou para ir embora, mas Nibs o segurou pelo braço.

– Você já está aqui. É melhor ouvir o que ele tem a dizer – falou Nibsy, sacudindo os ombros, dando a entender que não era nada demais, mas Darrigan não acreditou. – Pelo menos tome alguma coisa. Não tem como negar uma bebida de graça, tem?

Nibsy lançou um olhar para as portas no fundo do salão.

Harte até podia ser um imbecil, mas era um imbecil curioso. Não conseguia imaginar o que poderia ter deixado Dolph tão desesperado a ponto de pedir sua ajuda depois da briga que tiveram. E queria saber o que teria tomado conta dele – um homem que preferia esconder seus segredos – que o levou a fazer promessas tão loucas.

– Vou ouvir o que ele tem a dizer, mas não quero bebida nenhuma.

Nibs se balançou entre um pé e outro, incomodado, antes de recuperar seu sorriso afável.

– Por aqui – disse ele, levando Harte até os fundos do bar, atravessando as portas do clube até uma sala mais discreta e silenciosa.

Fazia anos que Harte não o via, mas Dolph não mudara em nada. O mesmo rosto magro e duro, marcado por um nariz fino como faca afiada. A mesma mecha branca na parte da frente do cabelo que tinha desde que os dois eram crianças. O mesmo olhar calculista em seus olhos frios. Ou, pelo menos, no olho que Darrigan conseguia enxergar – o outro estava coberto com um tapa-olho de couro.

Havia mais quatro pessoas na sala. Harte reconheceu Viola Vaccarelli e Jianyu Lee, a assassina e o espião de Dolph. Os outros dois caras eram desconhecidos. Pelas calças espalhafatosas e chapéus-coco, Harte deduziu que eram capangas, contratados para o caso de as coisas darem errado. O que significava que Dolph confiava em Darrigan tanto quanto Darrigan confiava em Dolph.

“Ótimo.” Os dois até podiam ter sido amigos um dia, mas era melhor assim.

– Que bom ver você de novo, Destemido – disse Dolph, usando um velho apelido

que Harte abandonara faz tempo.

Harte Darrigan não pôde deixar de perceber que Dolph não estendeu a mão para cumprimentá-lo, só apertou com mais força a cabeça de górgona de prata da bengala.

– Não posso dizer que o sentimento é correspondido.

Os dois espalhafatosos no canto fizeram cara feia, mas Viola mal mexeu a boca. Ainda não tinha pegado as facas, e Harte ainda não estava morto. Então, por ora, não corria perigo.

– Quer beber alguma coisa? – perguntou Dolph, acomodando-se na cadeira sem, no entanto, convidar Darrigan para sentar.

– Vamos deixar de conversa fiada, Dolph. Por que você queria me ver? Sabe que larguei essa vida.

– Não foi o que eu ouvi dizer. Seja lá qual for a liberdade que deseja, Paul Kelly ainda tem você na coleira, não?

– Ninguém me tem na coleira – disse Harte, com um tom de advertência na voz. Mas não ficou surpreso de Dolph saber a verdade. Ele sempre conseguia descobrir exatamente aquilo que as pessoas queriam esconder. – E sei que não tem como você conseguir fazer o que sugeriu. Sair da cidade? Não nasci ontem.

– Então, por que veio? – perguntou Dolph.

– Bem que eu gostaria de saber – respondeu Harte. Então, se deu conta de que estava amassando a aba do chapéu e se obrigou a relaxar os dedos.

Os olhos de Dolph brilharam.

– Você nunca conseguiu resistir a um desafio, não é mesmo?

– Vai ver, eu queria saber se os boatos a seu respeito eram mesmo verdade – falou Harte, com um tom de frieza. – Se você realmente tinha enlouquecido depois do que aconteceu com Leena, como todo mundo diz.

– Não quero falar sobre isso – cortou Dolph, fazendo uma expressão de fúria, apesar de seu rosto ter ficado meio pálido. – *Ninguém* fala disso se quiser continuar respirando.

– Aposto que não – retrucou Harte. Então, sacudiu a cabeça e falou: – Isso é um erro. – Virou-se para ir embora, mas Jianyu se colocou na frente da porta, impedindo a passagem. – Mande-o sair, Dolph.

– Tenho uma proposta para você – disse Dolph, ignorando a exigência de Harte.

– Não estou interessado – respondeu e se virou para Jianyu. – Aposto que seu tio deve estar muito orgulhoso de você, não é? Deve adorar que você banque o cachorrinho para esse sacripanta aí.

Todo mundo sabia que Jianyu Lee era sobrinho de Tom Lee, o líder da On Leong Tong, de Chinatown. O fedelho poderia ter seu próprio território, talvez até ser líder da própria gangue, mas estava ali, trabalhando para Dolph. E Dolph Saunders era assim mesmo: atraía as pessoas. Mesmo as pessoas que deveriam ter um pouco de inteligência.

Jianyu só deu um sorriso sombrio, uma expressão que dava a entender que Harte

não devia forçar a barra.

– Falei para você *mandar ele sair*, Dolph – repetiu Darrigan, tentando não demonstrar o nervosismo. Ele até podia ser tolo, mas não era imbecil a ponto de não se dar conta do perigo que estava correndo.

– Acho que você vai se interessar se me der cinco minutos – disse Dolph. – Ou sempre posso pedir para um dos meus homens convencê-lo.

– Ameaças? – perguntou Harte, olhando para os dois caras durões que estavam atrás de Dolph. – Isso não faz muito seu estilo, meu velho.

Dolph devia ter vinte e poucos anos. Mas, com a mecha de cabelo branco e o fato de ter nascido para ser líder, Dolph sempre parecera mais velho. Houve uma época em que “velho” era um termo carinhoso, usado entre amigos. Não mais. Agora Harte disparava o apelido como se fosse um insulto.

A boca de Dolph se curvou de leve, absorvendo a pancada, mas essa foi a única reação.

– Nunca foi mesmo – admitiu. – Mas acontece que cachorro velho pode, *sim*, aprender novos truques. – Sua boca, então, voltou a ficar reta. – Sente-se. Dê-me cinco minutos antes de sair fazendo escândalo. Ou você ainda não melhorou esse seu temperamento?

Os dois pelintras de peito estufado atrás de Dolph se mexeram, como se estivessem se preparando para atender à próxima ordem do patrão. Harte olhou para eles, desconfiado, e avaliou se seria mais inconveniente ficar com o olho roxo ou com o orgulho ferido, caso se rendesse. É muito difícil convencer a plateia quando se está com a aparência de um criminoso qualquer.

Então, voltou para a mesa e se sentou.

– Cinco minutos. Mas já vou dizendo que não estou interessado nos seus golpes. Nunca estive.

– Não vou desmascarar essa sua mentira específica, mas sair da cidade não é nenhum golpe – disse Dolph, fazendo sinal para Nibsy servir uma dose de uísque para Harte. – É uma possibilidade real.

Os pelos da nuca de Darrigan se levantaram, em sinal de alerta. Só havia uma maneira de sair da cidade: atravessando a Beira. E essa era uma viagem que Harte não tinha o menor interesse em fazer. Não por escolha própria. Nem à força.

Ele se remexeu na cadeira.

– Mais ameaças? – perguntou, cauteloso.

– Não é uma ameaça. É uma proposta. Uma saída.

– Nenhum de nós pode sair da cidade – falou Harte, ainda com cautela, imaginando o que Dolph estaria aprontando. – Não sem pagar o preço. Qualquer Mageus da cidade sabe disso.

Dolph deu um grande gole do copo que estava à sua frente, bem devagar, e fez sinal para Nibs lhe servir outra dose antes de responder:

– A Beira nem sempre existiu, Darrigan. Você já parou para pensar que, se a

Ordem conseguiu fazê-la, deve haver um modo de *desfazê-la*?

– Agora tenho *certeza* de que você está me fazendo perder tempo – disse Harte, sacudindo a cabeça. – Se você soubesse como fazer um buraco nessa ratoeira de cidade, já teria feito e começado a cobrar entrada para atravessá-lo. – Então, recuou com a cadeira, pensando em ir embora, mas Jianyu estava atrás dele e empurrou seus ombros para baixo. O dedo do espião pressionava com força um ponto sensível ao lado do seu pescoço, obrigando-o a continuar sentado. – Tire o seu laçao de cima de mim, Dolph, tenho um compromisso.

– A Ortus Aurea não possui nenhuma magia real – continuou Dolph. – Tudo o que eles têm, tudo o que podem fazer, é um poder falso. E tudo tem seu preço. A Beira não é magia de verdade, mas, mesmo assim, está destruindo a verdadeira magia.

– Pareceu-me bem real quando sugou tudo o que minha mãe era e a transformou em uma sombra do que costumava ser.

– Não estou dizendo que a Ordem não é poderosa. O que *estou* dizendo é que pode ser detida – respondeu Dolph. – Os homens da Ordem encaram a magia como uma espécie de marca do divino. Não conseguem acreditar que as massas pobres e oprimidas que vieram parar nesta cidade podem ter uma conexão mais forte com a divindade do que eles. Mas você sabe tão bem quanto eu que a magia não tem nada a ver com anjos ou demônios. A antiga magia, do tipo que eu e você conhecemos intimamente, é uma conexão com o próprio mundo. Não dá para separar afinidades em categorias estanques ou elementos, assim como não dá para separar fogo e ar. Um precisa do outro. Quando a Ordem tenta dividir os elementos e controlá-los através dos seus rituais e da sua pretensa ciência, há um custo a pagar. Enfraquece a magia como um todo.

– Engraçado, logo você estar falando isso – disse Harte, seco. Avaliou a pressão no ombro e descobriu que ainda não podia se mexer.

Dolph franziu a testa, mas não respondeu ao desafio subentendido de Darrigan.

– Você sabe que eu tenho razão. O poder que eles detêm não é uma parte natural do mundo, como o nosso, e acredito que a Beira pode ser destruída se conseguirmos tirar deles a fonte do seu poder.

– Você está falando em atacá-los de frente.

O que era uma sandice, até mesmo para Dolph.

– Estou falando em destruir a única ferramenta que eles têm para nos controlar.

– Você está falando de um conto de fadas.

Dolph mal piscou.

– Todos os dias, pessoas vêm para esse país, para essa cidade, porque acreditam que seus filhos estarão mais seguros aqui do que em sua terra natal. São atraídas pela promessa de uma vida sem a superstição e o ódio que há em seu próprio país. É tudo mentira. Qualquer Mageus que entra na cidade é fígado, como um peixe em uma rede. Assim que chegam aqui, não podem sair sem desistir daquilo que os define. E, encurralados nessa ilha, como estão, ficam à mercê da Ordem. Presos, engaiolados,

sempre mantidos no seu devido lugar por aqueles que estão no poder.

– Já sei de tudo isso, Dolph – disse Harte. Seu estômago queimava. Óbvio que ele sabia. – Mas existem *maneiras* de ganhar a vida aqui, mesmo a cidade sendo como é.

Dolph o olhou com desdém.

– Maneiras como a sua?

– Eu me dei muito bem.

– Claro que sim. Você conseguiu comprar umas roupas novas elegantes, um bom apartamento numa área segura da cidade e tem dinheiro na conta. Até encontrou uns amigos bem relacionados. Mas você acha que viveria um dia sequer se esses seus novos amigos descobrissem quem você realmente é? – disparou Dolph, inclinándose para a frente. – O *que* você é?

Harte se recusou a se amedrontar.

– Você está planejando revelar quem sou e destruir a vida que construí? Já sobrevivi a coisas piores.

– Não, Darrigan. Prefiro que você use essa sua nova vida em nosso benefício.

– Não estou interessado em contribuir para que você se beneficie.

Dolph ignorou a alfinetada.

– Que bom que você conseguiu fazer o que fez, mas sempre foi mais obstinado do que a maioria das pessoas. Muita gente não é assim. E, mesmo sendo tão obstinado, há um limite do que pode conquistar nessa cidade. Eu e você já fomos amigos, então sei como deve ser desagradável esconder quem você é. Enquanto a Ordem tiver poder sobre as pessoas da sua espécie, isso sempre será um ponto fraco. Mas, se a principal ferramenta da Ordem para nos controlar for destruída, você poderia ter outra vida. A Beira *pode* ser desfeita, estou convencido.

– Você não tem como ter certeza disso – desafiou Harte. – E eu gosto muito da minha vida. Não quero morrer por causa de uma das suas teorias insanas.

– Não é uma teoria – retrucou Saunders. Então, fez sinal com a cabeça para Jianyu, que aliviou a pressão nos ombros de Darrigan. Em seguida, tirou um pequeno retalho de tecido do bolso e pôs em cima da mesa, para que ele pudesse ler o que estava escrito. – Leena morreu para me entregar isso.

Harte leu as letras borradas no retalho e olhou para Dolph.

– Não falo italiano.

– É latim.

– O que quer dizer?

– *Libero Libro*. Quer dizer que a Ordem tem um livro...

– Tenho certeza de que eles têm muitos livros.

– Provavelmente – disse Dolph, sem cair na provocação. – Mas há um livro em particular que protege mais do que qualquer outro, e conseguir esse livro significa a libertação da nossa espécie.

Darrigan lançou um olhar desconfiado.

– Um único livro não é capaz de fazer tudo isso.

– O *Ars Arcana* é.

Depois dessa, Harte ficou em silêncio por um instante.

– Você acha que a Ordem está com o *Ars Arcana*?

Dolph bateu com o dedo no pedaço de tecido.

– Acho.

Darrigan sacudiu a cabeça.

– Mesmo que você tenha razão, mesmo que a Ordem detenha o Livro dos Mistérios, você nunca conseguirá pegá-lo. Todo mundo sabe que a Mansão Quéfren é uma fortaleza. Você não conseguiria nem passar pela porta, muito menos pôr a mão em algum livro, no *Ars Arcana* ou qualquer outro.

– Acho que você está enganado. Com a equipe certa, podemos entrar e pegar o Livro. Pense nisso, Destemido... Poderíamos mudar *tudo*. Seria o fim dos cortiços. O fim dessa vida contando tostões. Sem a Beira no nosso caminho, você poderia sair dessa cidade como um homem livre e ir atrás da sua fortuna. Poderia fazer *qualquer coisa*, ir a *qualquer lugar*, e, de quebra, manter sua afinidade.

Harte ignorou a tentação da promessa.

– As únicas pessoas que podem passar pela porta da Mansão Quéfren são os membros da Ortus.

– Então, teremos um membro que nos deixará entrar – disse Nibs.

Por um instante, Darrigan só conseguiu olhar para o rapaz, de queixo caído.

– *Você* também está louco. Esqueceu que eles nos *odeiam*? Não tem como um membro da Ordem ajudar um de nós.

Dolph fuzilou Harte com um olhar sugestivo.

– Essa vida que você construiu o fez entrar em contato com umas pessoas bem interessantes. Ouvi dizer que foi visto com Jack Grew, um dos sobrinhos de J. P. Morgan, creio eu.

– E daí? – respondeu Harte, ainda mais desconfiado do que antes.

– Morgan é um dos membros do mais alto escalão da Ordem.

– Não – falou Darrigan, sacudindo a cabeça, afastando-se da mesa e ficando de pé.
– De jeito nenhum. *Não*.

Mas as mãos fortes de Jianyu o obrigaram a sentar de novo, com violência, e o mantiveram sentado.

– É o que você disse. Você conseguiu construir uma vida completamente nova. Nome novo. Terno novo. Endereço novo do lado certo da cidade. Se continuar se enturmando com as pessoas certas, pode nos pôr lá dentro.

Harte deu uma risada abafada.

– Não estou a fim de cometer suicídio. Além do mais, mesmo que isso que está propondo fosse possível, mesmo que você e o seu bando conseguissem entrar lá e roubar esse Livro, a Ordem simplesmente não aceitaria a derrota. Caçariam cada Mageus dessa cidade. Você mataria centenas de pessoas inocentes. Milhares, talvez.

Ninguém que tivesse magia, ou alguma ligação com pessoas que têm magia, estaria a salvo.

– Essas pessoas *já* não estão a salvo – argumentou Dolph. – Já vivemos como ratos, lutando uns contra os outros para conseguir os restos que a Ordem nos dá. Todo mundo está tão preocupado em conseguir mais um pouquinho para si mesmo que não se dá conta de que estamos matando uns aos outros por causa de lixo.

– A Ordem da Ortus Aurea *depende* disso, Harte. Quer que nos encaixemos nas velhas divisões, que nos apeguemos ao que já conhecemos para que não possamos imaginar um futuro melhor. Mas já imaginamos. Olhe para as pessoas que estão neste recinto neste exato momento: Viola, Jianyu. Comecei a montar uma equipe que pode derrubar a Ordem de uma vez por todas. Só que preciso de alguém que nos ponha lá dentro. Alguém que tenha talento para isso – falou, cerrando os dentes. – Alguém como você.

Harte sabia o quanto devia custar a Dolph dizer essas palavras, mas não era o suficiente. Não considerando o quanto a Ortus Aurea era perigosa e tudo o que ele tinha a perder.

– Seus cinco minutos se acabaram.

Dolph ficou olhando para Harte por um bom tempo, depois levantou a mão e fez sinal para que Jianyu o soltasse.

– Não espero uma resposta agora – disse, dispensando Harte. – Você ouviu e, quem sabe, pensará no assunto. Conversaremos de novo.

Sem a pressão que segurava seus ombros, Darrigan ficou de pé.

– Não conversaremos, não. Não estou interessado agora e não ficarei interessado dentro de dez dias. Então, me deixe em paz, sim?

Em seguida, foi desviando das pessoas do salão, que ainda estava lotado, xingando a si mesmo mais uma vez pela curiosidade, pela estupidez de ter ido até ali. Porque, droga, Dolph tinha razão. Ele tinha ouvido e estava pensando. Estava pensando na possibilidade de sair daquela cidade maldita. De ser livre de uma vez por todas.

Dolph Saunders até podia precisar dele, mas Harte, com certeza, não precisava de Dolph. Daria um jeito de fazer isso sozinho.

Darrigan conseguiu escapar da multidão e saiu do bar para a boca da noite. Como não olhou para trás uma vez sequer, não pôde ver o sorriso que se esboçou na boca de Dolph.

POR TRÁS DO EFÊMERO MOMENTO PRESENTE

Dias atuais – Orchard Street

Na noite seguinte, Esta sentou na beirada da cama e, novamente, ficou lendo e relendo o recorte de jornal amarelado, como se aquele pedaço de papel centenário pudesse lhe revelar algo mais sobre o que acontecera na noite do assalto. Provavelmente, ela não deveria ter tirado o recorte da sala do Professor Lachlan, mas não conseguira se controlar. O Professor a mandaria de volta no tempo, sozinha dessa vez, e por um período mais longo do que ela jamais ficara no passado. Tudo estava acontecendo muito rápido. Esta não estava nem perto de se sentir confiante como queria.

Alguém bateu na porta do seu quarto, e ela deu um pulo.

– Já vai!

Os dedos tremiam quando guardou o recorte em um envelope de papel encerado, escondendo-o no corpete o mais fundo que conseguiu.

Bateram de novo.

– Esta?

A voz foi abafada pela porta pesada.

Aliviada por não ser o Professor Lachlan, abriu a porta e deu de cara com Dakari. Olhou para o rosto conhecido e perguntou:

– Está na hora?

– Ainda não. Vim dar mais uma olhada no seu braço.

Dentre eles, Dakari era a pessoa que estava há mais tempo com o Professor Lachlan. O Professor o tinha encontrado em um clube de luta ilegal, há mais de vinte anos. Depois de ganhar seus trocados vencendo lutas, Dakari passou a cobrar dos oponentes o privilégio de serem tratados por ele, para que pudessem voltar à sua vida normal sem os machucados que deixara em seus corpos.

Não era um trabalho que Dakari fazia por escolha. Então, quando o Professor lhe ofereceu um emprego, ele aceitou. Meio guarda-costas, meio curandeiro, Dakari tinha mais de 1,80 metro de puro músculo. Mas, quando sorria – e sorria com frequência para Esta –, revelava a alma gentil que realmente tinha.

– Está tudo bem – disse Esta, sem deixá-lo entrar no quarto. Dakari já tinha dado uma olhada no braço dela pela manhã, afinal de contas.

– Preciso de distração.

Ele empurrou de leve a porta e entrou no quarto de Esta.

Com um suspiro dramático, ela desabotoou a gola do vestido o suficiente para que Dakari pudesse ver o ombro dela. Havia tirado o curativo no dia anterior, e o

ferimento à bala não era nada mais do que um ponto de pele nova e rosada que, um dia, mal deixaria cicatriz.

Dakari segurou o braço, pressionou o dedão no ponto e ficou olhando para Esta, muito concentrado. A pele da menina não era exatamente clara, mas a dele era mais escura. As palmas das mãos eram ásperas, por causa dos anos de luta, mas a mágica parecia uma pulsação suave, um calor que caracterizara a maior parte da sua infância. Aquelas mãos eram capazes de matar um homem de 532 maneiras, mas também curaram cada um dos arranhões e machucados de Esta – a maior parte deles adquiridos após sessões de treinamento dadas como castigo. Por causa de Dakari, Esta sabia cuidar de si mesma. E, por causa de Dakari, sempre sentiu que havia alguém para tomar conta dela.

Se Esta o perdesse, assim como perdera Mari...

– Vai ficar bom – disse ele, depois de examiná-la. – Sarou o suficiente para você não precisar se preocupar com infecções. Está pronta?

Esta confirmou com a cabeça.

– Então, por que você me parece tão insegura? – perguntou Dakari, franzindo a testa. – Você nunca fica insegura antes de um serviço.

– Estou bem – respondeu ela, olhando para baixo. Mas Dakari segurou o queixo dela e o levantou, obrigando-a a olhá-lo nos olhos.

– Conte-me. Antes que as suas preocupações se transformem em uma distração que pode levar à morte.

Esta hesitou, mas acabou falando:

– Você não se lembra mesmo da Mari?

Dakari franziu a testa de novo.

– É isso que está incomodando?

A garota balançou a cabeça de novo.

– Com a confusão que fiz, mudei as coisas. Ela era minha amiga, e agora nem existe mais.

– Você não tem como saber se foram suas ações que apagaram a vida dela.

– Mas e se foram? E se eu cometer outro erro? E se, quando eu voltar, mais pessoas tiverem sumido? Outras vidas tiverem sido apagadas?

Dakari pensou por um instante, depois tirou da bota um pequeno canivete com um cabo de osso entalhado. Estendeu-o para Esta e, quando ela o pegou, o guarda-costas olhou bem sério para a garota.

– Era do meu pai. Ele me deu antes de eu sair do meu país. Eu só o entregaria para alguém da minha confiança. Aconteça o que acontecer, confio minha vida a você.

O canivete estava quente de ter ficado na perna de Dakari. E, apesar de pequeno, o peso do objeto dava uma sensação de segurança.

– Obrigada – disse Esta, sentindo um aperto na garganta por causa da emoção. Então, guardou o canivete dentro da própria bota de abotoar. – Eu o trarei de volta para você, não importa o que acontecer.

– Sei disso – respondeu Dakari, dando uma piscadinha. – E estarei esperando.
Esta respirou fundo e falou:
– Vamos acabar logo com isso.

* * *

Eram quase quatro da manhã de uma terça-feira quando Esta se sentou no banco traseiro do carro de Dakari, e os dois se encaminharam para o seu destino, bem depois de todos os bares terem fechado. As pessoas deveriam estar em casa, dormindo nos apartamentos minúsculos. Mas, mesmo tarde da noite, a cidade ainda brilhava. As ruas ainda fervilhavam de vida enquanto o carro andava devagar, passando pelos prédios baixos do bairro, em direção às torres da região de Midtown.

Esta baixou o vidro, deixando a brisa quente do verão roçar em seu rosto. Com ela, vieram os cheiros conhecidos da cidade, azedos e fortes, com aquele sufocante odor metálico de exaustão e o cheiro característico de muitas pessoas dividindo um pedaço minúsculo de terra. Mas era também tentador: o aroma de perigo e de possibilidades, que vivia e exalava das ruas lotadas. Por mais suja e frenética que fosse, a cidade – *aquela* cidade – era seu lar. Esta nunca quis estar em outro lugar.

Dakari virou na Rua 28 e parou em um estacionamento estreito que ocupava a quadra entre duas ruas. O estacionamento fora um beco no século anterior – um dos incontáveis lugares da cidade onde não haviam construído nada por cima nem mudado a ponto de se tornarem irreconhecíveis. Um lugar onde ela podia saltar para o passado sem ser vista.

Dakari parou assim que entrou no estacionamento, então desligou o motor e se virou para Esta. Passando o braço pelo grande banco traseiro, olhou para ela e perguntou:

– Você está pronta?

Esta respondeu com o que, esperou, fosse um confiante “sim” com a cabeça, e os dois saíram do carro. Dakari se encostou na parte de trás e ficou observando a garota.

– Vejo você em alguns minutos? – perguntou, transformando a costumeira despedida em interrogação.

Apesar do calor da noite de verão e das camadas de linho e veludo que usava, Esta sentiu um frio súbito. E obrigou-se a ignorar a sensação. Era só mais uma tarefa, lembrou. A *sua* tarefa.

– Como sempre – respondeu Esta, dando a piscada costumeira. Não perdeu o ar de confiança até virar de costas para Dakari.

A voz do guarda-costas chegou aos seus ouvidos como um sussurro:

– Cuide-se, E.

Esta olhou para trás.

– Você está duvidando de mim?

– Nem em um milhão de anos.

Os olhos de Dakari ainda tinham uma expressão solene quando ele levantou o queixo, em um cumprimento silencioso.

Por um instante, Esta se imaginou entrando de novo no carro e pedindo para Dakari dirigir. “Apenas dirija.” Dakari sempre a tratou com predileção. Provavelmente, faria o que Esta pedisse, sem fazer nenhuma pergunta.

Não que Esta quisesse fugir da responsabilidade que o Professor Lachlan lhe havia incumbido. Ela nem precisava de tanto tempo assim... Apenas uma volta na quadra para acalmar os nervos. Mais uns minutos na companhia das luzes brilhantes e do ritmo acelerado *daquela* cidade. A *sua* cidade.

Mas não queria que Dakari soubesse que estava nervosa. Já era bem ruim ter que admitir isso para si mesma. Assim, segurou com mais força a alça da bolsa de mão e começou a caminhar em direção ao centro do estacionamento, afastando-se do carro e da presença tranquilizadora de Dakari.

E não se permitiu olhar para trás de novo.

O estacionamento estava silencioso e cheirava a uma mistura de mijo, lixo e exaustão, como só Nova York durante o verão. Alguma coisa saiu correndo de baixo dos carros adormecidos, mas Esta ignorou o ruído. À medida que foi andando, deixou as dúvidas se dissiparem.

Ou melhor: ela se forçou a dissipar as suas dúvidas.

Tentar encontrar a camada de tempo certa é algo parecido com folhear um livro. Às vezes, Esta conseguia ver de relance o que cada camada continha: o reluzir do cromo, um farfalhar de saias. Era preciso usar todo o seu poder de concentração para encontrar uma única imagem e se segurar nela, focar em uma única data. Só então podia atravessá-la em um salto. E, é claro, era preciso usar o poder da Chave de Ishtar.

Ao olhar além do momento presente, a pedra respondia ficando mais quente, quase zunindo contra sua pele já aquecida. O ruído que o lixo e os escombros faziam, ao rolar pelos cantos dos prédios, o brilho pálido de uma luz de segurança amarelada em cima de uma porta... Tudo isso ficava embaçado à medida que Esta fazia a busca entre as camadas dos momentos do passado. Mais para trás, mais para trás, mais para trás... Até encontrar o que estava procurando.

Um dia específico. Um momento específico que estava à sua espera por baixo do mundo moderno.

Esta esticou a mão na direção desse instante, preparando-se para a sensação perturbadora de atravessar seu próprio tempo. O destino estava bem ali, ao alcance da sua habilidade. Mas, assim que sentiu a energia da própria magia formigando na pele, os pés congelaram no ar, e a respiração ficou presa no peito, ao mesmo tempo que foi invadida por uma sensação inesperada de pavor absoluto.

A imagem que tinha na cabeça ficou borrada, e seu próprio mundo voltou ao seu campo de visão.

– Merda.

Esta jogou a bolsa no chão e deu um passo para trás, afastando-se do reluzir do passado e do que precisava fazer. Sentia os dedos pegajosos e úmidos dentro das luvas macias de couro, mas a pedra fervia contra a sua pele.

Acima dela, o topo iluminado do Empire State a observava, zombando da sua falta de habilidade para sumir com ele. Para encontrar um tempo em que o edifício ainda não definia o céu da cidade.

Esta não costumava ficar nervosa, mas ali estava ela, lutando para se livrar do sobressalto, obrigando-se a reunir coragem para fazer algo que já fizera uma centena de vezes. Conhecia a cidade, suas ruas e seus segredos. Suas pessoas e, principalmente, seu passado. O Professor Lachlan fizera questão que ela dedicasse cada segundo da sua infância preparando-se para aquilo. Estava pronta.

Então, por que aquilo parecia ser tão impossível?

– Você está bem? – perguntou Dakari.

A garota respirou fundo para se acalmar, mas não olhou para trás.

– Sim – mentiu.

Precisava se concentrar. Era por *isso* que o Professor Lachlan a salvara. Era por *isso* que ele a havia resgatado, tirado Esta do orfanato, lhe dado o único lar que ela conhecia. Se não conseguisse fazer a única coisa que o Professor lhe pedira, para onde iria? Quem poderia ser?

Esta pegou a bolsa de novo e, com os dentes cerrados de determinação, soltou o ar pelo nariz. A cabeça latejava, mas com a mão enluvada segurou a alça da bolsa e começou de novo.

“Ali...”

A época que procurava estava bem ali, logo abaixo do efêmero momento presente. Esta encontrou a data que o Professor Lachlan havia indicado esperando por ela, por baixo das camadas de anos e lembranças. Naquele instante, o medo se dissipou um pouco, e a certeza do que estava prestes a fazer tomou conta de Esta.

Ela levantou o pé para dar um passo e sentiu o conhecido empuxo de estar, ao mesmo tempo, despedaçando-se e caindo em si mesma. Mas, então, sentiu de novo uma pontada de pavor desconcertante, como se fosse um alerta.

“Tem alguma coisa errada.”

Mas Esta não tinha o costume de ficar nervosa. Obrigou-se a atravessar esse sentimento, a atravessar o passado.

Cada célula do seu corpo pegava fogo no momento em que as paredes de tijolos à sua volta começaram a ficar borradas e os carros começaram a desaparecer. As luzes da cidade tornavam-se mais fracas, a ponta do Empire State foi sumindo, e ela começou a sentir a rajada de vento gelada do inverno daquele outro tempo. Uma parede de gritos surgiu da boca do estacionamento onde o carro de Dakari ficara à espera.

Esta hesitou, o corpo protestava diante do esforço de continuar se segurando no

presente enquanto o passado a puxava. A visão ficou nítida de novo, e ela viu Dakari brigando com um trio de silhuetas encapuzadas, com uma expressão determinada, lutando para se soltar.

“Preciso ajudá-lo...”

– Dakari!

– Vai! – gritou ele, olhando para Esta com tanta determinação que ela não conseguiu mais segurar o presente.

– Dakari! – gritou Esta de novo, ao ouvir um tiro e ver o corpo grande do amigo cambalear e cair no chão. O choque a fez ir para trás, bem além do ponto em que o chão sujo deveria ter aparado a queda.

Esta não conseguia parar. Tinha perdido o controle sobre a sua cidade, o seu próprio tempo, e estava caindo na luz em si, mal conseguindo se segurar antes de aterrisar em um duro e profundo monte de neve.

P A R T E

II

O CANTO DA SEREIA

Fevereiro de 1902 – Teatro Wallack

Harte Darrigan tirou um fiapo do seu colete carmim e deu mais uma olhada em sua aparência no espelho embaçado do camarim. Levantou o queixo e procurou se havia algum ponto no maxilar que o barbeiro deixara de raspar na habitual visita vespertina. Então, passou os dedos pelo cabelo curto e escuro, acima das orelhas, para se certificar de que estava liso e bem penteado. Ter saído dos holofotes não significava que tinha saído do palco. A vida se tornara uma apresentação, um longo golpe, o mais próximo que conseguiria chegar da liberdade.

Ouviu uma batida na porta do camarim e franziu a testa.

– Sim?

Toco, o técnico de palco, abriu a porta.

– Tem um minuto?

– Vou sair para encontrar alguém dentro de alguns...

– Certo. Certo – disse Toco, fechando a porta. Tinha uma bituca grossa de charuto entre os dentes e, à medida que falava, caía no chão as cinzas da ponta ainda acesa.

– É o seguinte: o gerente anda reclamando ultimamente, e...

– Esse assunto de novo?

Harte soltou um suspiro irritado para esconder o nervosismo. Sabia o que ia ouvir porque tinham tido uma conversa parecida na semana anterior. E na semana anterior a essa. A cidade tinha muitos teatros e, por melhor que fosse o número, as pessoas se entediavam depressa.

– Sim, esse assunto de novo.

Toco tirou o charuto do meio dos dentes e usou para dar dramaticidade ao argumento, sacudindo-o no ar e espalhando mais cinzas no chão.

– Isso aqui é um *te-aaa-tro*, Darrigan – falou, dando ênfase à segunda sílaba. – Um negócio, e negócios precisam dar lucro.

– Eles têm muito lucro, e você sabe disso – retrucou Harte, ignorando a reclamação e se virando para arrumar o nó do lenço que trazia no pescoço. – O público foi bem razoável hoje à tarde e muito bom à noite.

– Eu sei, eu sei. Mas razoável e muito bom já não bastam. Os donos andaram falando de, de repente, trocar algumas coisas... Mudar alguns números – falou Toco, lançando um olhar sugestivo para Darrigan.

Que parou de mexer os dedos. A seda em volta do seu pescoço, de repente, parecia muito apertada.

– O que você está tentando dizer?

– Não estou *tentando* dizer nada. O que *estou* dizendo é que você tem que inventar alguma coisa para atrair mais público. Alguma coisa nova.

Harte se virou para Toco.

– Eu fiz um número novo, ou será que não estavam olhando? O escapismo desta noite foi diferente. Duas algemas, grilhões e três metros de correntes de aço...

– Sim, sim. Você se trancou dentro de uma caixa grande. Grande coisa. Faz anos que Houdini escapa desse tipo de coisa. Ninguém mais liga. Você quer atrair um público de verdade? Precisa de algo maior. Algo mais chamativo – falou Toco, colocando o charuto de volta na boca.

Darrigan cerrou os dentes para não dizer algo do qual poderia se arrepender depois.

– É só isso?

– É, fedelho. Acho que é. Só queria explicar para você qual é o busílis. Imaginei que você ia querer saber.

Harte não agradeceu. Ficou em silêncio e sem expressão. Toco deu de ombros e saiu do camarim. Assim que a porta se fechou, e Darrigan ficou sozinho, limpou as cinzas que tinham caído no chão.

Ainda perturbado, virou para o espelho e respirou fundo, depois deu um sorriso para si mesmo. Seus olhos cinza-claros procuraram, em seu reflexo, por algum sinal que transparecesse sua vida do passado. Não podia se dar ao luxo de um passo em falso ou uma fresta na fachada que cultivara com tanto cuidado e que apresentava ao mundo. Aquela noite, nada poderia ser deixado ao acaso.

Finalmente satisfeito, tirou o sorriso do rosto, com o peso e a certeza de uma cortina que desce entre um ato e outro. Pegou as luvas e o casaco, depois o chapéu, que estava em cima da mesa, apagou a luz e saiu do camarim.

Era pouco depois da meia-noite, e o teatro já estava vazio e silencioso. Apresentar-se naquela casa não era nem um pouco parecido com trabalhar nas espeluncas da Bowery, que permaneciam abertas a noite toda, com a plateia bêbada sempre pedindo mais: mais pele, mais riso, mais frágeis porções de amor-próprio. Noite após noite, Harte tentara se segurar.

Ele escapara daqueles salões sujos de cerveja havia mais de um ano, mas o aviso de Toco era mais um lembrete de que não era necessário muito para voltar. Que não havia nenhum outro lugar para ir a não ser para baixo.

Darrigan não podia permitir que isso acontecesse.

Sons distantes que ecoavam pelo prédio cavernoso avisaram que ainda havia alguns retardatários. Sem dúvida, estavam reunidos no camarim das coristas, bebendo Nitewein para queimar o excesso de energia trazido pela plateia. Ou para anestesiar a dor constante de precisar esconder quem realmente eram.

O mundo do teatro era repleto de Mageus. O palco era um bom lugar para aqueles que possuíam magia se esconderem bem debaixo do nariz de todos. Mas, para muitos artistas, usar a afinidade no palco significava ansiar ainda mais por ela. A

aprovação ruidosa da plateia só amplificava o desejo de responder ao antigo chamado da magia, de assumir quem realmente eram. Muitos recorriam a bebidas misturadas a ópio para conter a dor que isso causava. Normalmente, isso bastava para que aguentassem até a próxima apresentação.

Para Harte, era exatamente o contrário: o aplauso era a única coisa que aliviava um pouco a dor.

Ele fora convidado para aquelas reuniões muitas vezes. Mas, naquela noite, não fora. Na verdade, fazia tempo que não o convidavam, se fosse parar para pensar. Em algum momento, os colegas deviam ter desistido das tentativas bem intencionadas de incluí-lo no seu círculo social.

Provavelmente, era melhor assim, pensou, livrando-se de qualquer arrependimento como se fosse um fiapo no casaco. Ele tinha segredos demais para correr os riscos de se entrosar. Principalmente agora.

– Saindo de fininho sem nem se despedir?

A voz chegou até Harte através da escuridão, rouca e efusiva.

Ele apertou com mais força a aba do novo chapéu de seda. Já estava nervoso por causa do aviso de Toco, mas deu o sorriso forçado e encantador de sempre.

– Você acha mesmo que eu iria embora sem me despedir de você, Evelyn? – disse, virando-se de frente para a dona da voz.

– Você está sempre fugindo de mim – ronronou ela. – Mas nunca sei por quê.

A mulher se colocou em um fecho de luz e fez biquinho, manhosa, com sua boca cor de rubi. Seus olhos estavam vidrados por causa do álcool. Ainda que todas as noites Darrigan passasse a poucos centímetros dela quando saía do palco e deixava a mulher tomar conta dos holofotes, isso pouco importava. A familiaridade não adiantava nada contra o efeito que Evelyn DeMure causava, pois cada gota da sua atração era calculada, manipulada e, principalmente, imbuída de magia.

No seu número, ela e duas “irmãs” usavam maiôs cor de pele por baixo de vestidos de inspiração grega que mal cobriam as partes mais escandalosas do corpo. Com as pernas à mostra quase até a altura das coxas e correndo o risco de os vestidos se abrirem completamente a qualquer momento, as três cantavam uma série de canções cheias de duplo sentido e piadas obscenas que mantinham o público – tanto masculino quanto feminino – excitado, querendo mais.

Evelyn não estava usando o maiô naquele momento. Seus olhos ainda estavam delineados com *kajal*, e os lábios, pintados com um tom vivo. O robe bordado verde-esmeralda estava caído, revelando um de seus ombros aveludados e a curva dos seios fartos. O cabelo tingido de *henna*, de um vermelho vibrante demais para ser natural, era macio e emoldurava o rosto de um modo desarrumado.

Um belo conjunto, admitiu Harte. Mesmo com as marcas da idade em volta dos olhos, Evelyn era capaz de deixar qualquer homem de joelhos.

Mas Darrigan não era um dos tipos que lotavam os teatros ansiosos por ver as coxas de uma mulher – ou algo mais – e que caía aos pés dela na porta do palco.

Sabia que o poder de sedução de Evelyn vinha de algo que ia além da simples beleza. Mesmo bêbada de Nitewein como estava, sussurros de magia denunciavam sua tentativa de conquistá-lo.

Ignorando o aperto que sentiu nas entranhas, cumprimentou-a com a cabeça, todo formal. Não se deixaria abater, especialmente pelos truques de uma sereia como Evelyn.

– Aonde você vai, correndo desse jeito? – murmurou, dando mais alguns passos na direção de Harte. Gata e rato.

O desejo se manifestava dentro dele, mas Darrigan se manteve firme, com a indiferença fingida de sempre aos muitos encantos de Evelyn.

– Assunto urgente, devo dizer.

E deu um sorriso malandro, que revelava que não era nada daquilo.

A expressão de Evelyn mudou, e Harte acreditou ter visto um quê de mágoa por trás do orgulho que ela usava como escudo. Mas, até onde sabia, aquilo também fazia parte da encenação de Evelyn, outro efeito perfeitamente calculado para derrotá-lo.

Darrigan poderia descobrir, é claro. Seria muito fácil tirar uma das luvas e fingir que tinha caído na sua sedução bastante óbvia. Só seria preciso tocá-la... Em vez disso, deu um passo para trás, colocou o chapéu na cabeça, em um ângulo libertino, e tocou na aba, em uma despedida silenciosa.

– Você não vai mesmo me contar aonde vai? – insistiu ela. Então, cruzou os braços, levantou o robe para cobrir o ombro à mostra e apertou os lábios.

Harte a tinha deixado chateada, mas não a magoara.

– Desculpe, querida. Não sou desses que beijam e vão embora.

E, com uma piscadela, deixou-a ali, parada, nos fundos do palco vazio, e saiu noite afora.

Por um instante, deu-se o luxo de se entregar à situação. Ali, na sombra da porta do palco, ele se permitiu respirar, imaginar um futuro em que poderia ser mais do que lapelas engomadas e lenços impecavelmente amarrados. Mais do que aquela máscara.

Quanto mais, ele não sabia... Isso dependeria de tudo correr bem naquela noite.

Ajeitando de novo o chapéu, enfiou a bengala debaixo do braço e checkou as horas no relógio de bolso, para ver o quanto estava atrasado. “Poderia ser pior”, pensou, satisfeito de se afastar da atração que a magia de Evelyn exercia e do peso do recado de Toco.

Naquela noite, as coisas começariam a mudar. Naquela noite, ele finalmente daria os primeiros passos em direção à verdadeira liberdade. Começou a andar, indo para uma parte da cidade conhecida como Circo de Satã, seu destino certo.

UM CÉU DE ESTRELAS

Rua 28, perto da Quinta Avenida

Esta ficou de pé, meio cambaleando, um medo lancinante percorrendo seu corpo. Não se deu conta do choque gelado com o monte de neve nem da dor atroz no braço, no ponto onde o bracelete de prata queimava sua pele. O eco do tiro ainda fazia seus ouvidos zunirem.

“Dakari.”

Virou-se em direção à entrada do estacionamento, aberto e à sua espera, mas a rua adiante estava mal iluminada por um lampião público antigo. Ainda sem muito equilíbrio, deu um passo hesitante para a frente, tirando a neve molhada da saia. Acima da sua cabeça, o céu estava vazio, absolutamente sem nenhum dos arranha-céus que estavam lá há apenas alguns instantes.

“Não...”

Mesmo com a neve se acumulando nas várias saias, ela foi cambaleando em direção à rua. Músculos e ossos doíam, como sempre acontecia depois de uma viagem no tempo. “Não”, pensou ao chegar na entrada do beco.

Mas não havia contestação capaz de mudar os fatos.

Esta pisou na calçada larga de paralelepípedos e absorveu a cidade transformada à sua volta. Alguns minutos antes, os ombros altos e as faces sem expressão dos prédios comuns, parecidos com caixas, preenchiam as ruas. Agora, as estruturas eram mais baixas, atarracadas, com fileiras de janelas que mais pareciam olhos inquisidores. Alguns prédios não mudaram tanto assim, mas agora as lojas de rua tinham toldos desbotados, enrolados para protegê-los do peso da neve. Onde antes havia um cânion de prédios, agora mal havia um barranco de lojas, como se a vida na cidade fosse o reverso da natureza, e o tempo acumulasse as coisas em vez de levá-las embora.

A garota embebeu tudo aquilo, o silêncio das ruas e o brilho das estrelas – podia enxergar *estrelas de verdade* – acima da sua cabeça. Maravilhada com o quanto tudo parecia conhecido e diferente ao mesmo tempo, mal ouviu o bater abafado de cascos. Era um som tão raro na sua cidade que não lhe pareceu um perigo, e foi a tempo que ela olhou para trás, evitando ser atropelada por uma carruagem.

O cocheiro gesticulou, bravo, e a xingou ao passar por ela. As rodas da carruagem prenderam suas saias, fazendo-a vacilar para trás. O salto da bota escorregou na rua congelada, e ela caiu com força no chão, estatelada na sarjeta cheia de neve derretida.

Tremendo por causa da adrenalina que ainda pulsava no seu corpo, Esta levantou

e limpou o vestido. De novo.

Um apito estridente soou, e Esta olhou para cima, procurando o perigo. Em vez disso, encontrou um velho de rosto vermelho, com a camisa imunda aberta, deixando à mostra os pelos que subiam pelo peito. Estava pendurado na escada de incêndio do segundo andar, espremendo os olhos para Esta, como se tivesse dificuldade de firmar a visão.

– *Süsse* – gritou, segurando as calças sem cinto enquanto se pendurava, bêbado, na beirada do frágil corrimão da escada. – Perdeu a cabeça hoje, *ja, Süsse*? Posso te ajudar a encontrá-la.

O velho falava com a língua enrolada, e as palavras em alemão não pareceram estranhas aos ouvidos de Esta.

“Certas coisas nunca mudam”, pensou ela. O nojo que sentiu substituiu o pânico. Fez um gesto obsceno e xingou o velho na sua própria língua. O homem se dobrou de tanto rir e quase caiu da escada de incêndio. Quando recuperou o equilíbrio, Esta já tinha voltado para o beco relativamente seguro.

A bolsa, entretanto, havia sumido. A única evidência que restava eram as pegadas na neve que levavam ao outro lado da rua.

– Não – sussurrou.

Foi um erro ridículo, de principiante, que ela jamais teria cometido se não tivesse se distraído com o ataque e não estivesse tão abalada pela lembrança do corpo de Dakari arqueando e caindo no chão. A bolsa continha tudo do que iria precisar...

Só que nada disso tinha importância. Esta precisava voltar. Tinha que ajudar Dakari. Certificar-se de que ele não estava...

Não conseguia nem pensar na palavra.

Segurando-se para não chorar, respirou fundo e se concentrou em encontrar seu próprio tempo: camadas marcadas por luzes mais vivas, buzinas estridentes e o brilho da cidade se espalhando bem acima da sua cabeça.

Mas não havia nada.

Nenhuma faísca de passado ou de futuro. Nada além do momento presente em uma cidade desconhecida preenchida pelo cheiro gelado do inverno e uma noite tão silenciosa que chegava a incomodar.

Esta sentiu um aperto no peito, seu corpo inteiro tremia enquanto tentava abrir os botões minúsculos da manga. Finalmente, conseguiu soltar o último. O ar gelado fez sua pele à mostra arder quando puxou a manga para cima o máximo que pôde e colocou a mão por baixo do tecido.

Então, tirou o bracelete e soltou um suspiro de dor. Não tinha notado o machucado até então, mas o braço latejava e doía na região onde a camada superficial da pele tinha sido arrancada pelo metal. O choque da dor, no entanto, não era nada comparado ao choque do que viu quando examinou o bracelete.

A prata queimada ficara preta, e a pedra iridescente estava coberta pelo que parecia uma fuligem negra. Confusa pela aparência da joia, Esta a tocou de leve com

a ponta do dedo, e a pedra se esmigalhou ao seu contato, desintegrando-se como cinza, até restar apenas a prata vazia e chamuscada.

A Chave de Ishtar desaparecera.

Em um primeiro momento, Esta não conseguiu processar o que estava vendo. Sua pedra não podia ter sumido.

Será que queimara porque Esta hesitara entre o passado e o presente? Será que ela colocara muita pressão na pedra, que já estava rachada?

À medida que o sumiço da pedra começou a se tornar realidade e se instalar na sua mente, a perda a atingiu como a dor de um membro amputado. Ou, talvez, como algo ainda mais vital, como seu próprio coração. Sem a pedra, Esta não era capaz de encontrar as camadas do tempo. Sem a pedra, não era nada além do que uma ladra excepcional, presa em uma cidade que não era a sua.

O pânico esvaziou seu peito, deixando-a sem ar, ofegante.

Estava presa. No passado.

Nunca mais discutiria com Logan a respeito de quem estava no comando de um serviço nem se deleitaria com a expressão de surpresa nos olhos de Dakari quando ela o derrotava no tatame. Nunca mais veria a cidade que conhecia e amava, com sua velocidade estonteante, o corre-corre barulhento e os prédios reluzentes, que apagavam as estrelas. Morreria *ali*, em outra cidade, que sequer representava uma nota de rodapé nos livros de história. Sozinha e perdida no tempo.

Esta caiu de joelhos na neve, derrotada pela realidade da sua situação. Mas, à medida que a umidade gelada começou a penetrar nas camadas de saias que usava, lhe ocorreu uma ideia: a *sua* pedra desaparecera, sim. Mas a pedra não. A Chave de Ishtar ainda existia, naquele tempo, como todos os demais artefatos. Como o Livro que o Professor pedia para ela buscar.

Era isso, então? Será que o Professor Lachlan tinha razão a respeito das propriedades da pedra? Ele dissera que as gemas eram únicas, *singulares*. Talvez, a Chave de Ishtar tivesse se desintegrado porque já estava ali, esperando por Esta no passado.

Mas, se era esse o caso, será que o Professor sabia que aquilo iria acontecer, que ela ficaria presa ali? E, se sabia, por que não a avisara?

A situação como um todo parecia mais um dos testes do Professor, o que significava que era mais uma chance de Esta provar a ele seu valor. Só que, desta vez, a sua vida – seu próprio futuro – estava em jogo.

Esse pensamento só a deixou ainda mais determinada. Se conseguisse pôr as mãos no Livro, também poderia pôr as mãos em uma versão anterior da pedra. Assim que os tivesse em seu poder, poderia voltar para seu próprio tempo. Poderia ver se Dakari estava bem.

Outra carruagem passou fazendo barulho na entrada do beco, rangendo as rodas de madeira, o *po-ploc po-ploc* dos cascos do cavalo interrompendo o silêncio da noite. Teoricamente, Esta treinara todas as habilidades necessárias para se encaixar

no passado, para se misturar às pessoas da época e fazer o que precisava fazer. Mas teoria e realidade pareciam duas coisas muito diferentes naquela situação em que se encontrava, sozinha em um beco escuro, ouvindo carruagens sacolejando pelas ruas onde deveriam soar o ronco suave e as buzinas estridentes dos automóveis.

Só que ficar preocupada com o próprio destino não adiantaria nada. A cidade até podia ter mudado drasticamente, mas Esta, não. Ainda podia pôr o plano em ação. Iria até o Haymarket e encontraria Bridget Malone, como o Professor Lachlan instruía. A mulher ajudara meninas com magia a encontrar lugares onde podiam usar as habilidades, lugares que não eram quartos de bordéis. Se os boatos fossem verdadeiros, a cafetina trabalhava para Saunders. Esta só precisava chamar a atenção de Bridget.

A única possibilidade era continuar seguindo em frente, como sempre.

Esta olhou em volta e se situou. Por mais que as ruas parecessem diferentes, sua própria cidade ainda estava lá, puxando-a na direção aonde precisava ir e, com um pouco de sorte, na direção de Bridget Malone.

UMA BOCA E TANTO

Haymarket

Quando Harte virou na Sexta Avenida, já podia ver o brilho do Haymarket, logo adiante. Era o mais conhecido – e o mais notório – salão de baile da cidade. Lá dentro, gente que vivia para cima da Houston se acotovelava com garçonetes que moravam em cortiços, a música tocava até altas horas da noite e, pelo preço certo, as cabines privativas dos andares de cima podiam ser usadas para qualquer tipo de entretenimento que o cliente desejasse.

Não que Darrigan precisasse desse tipo de diversão. Ele sabia muito bem o que esse tipo de relacionamento podia fazer com as pessoas. Já tinha visto o que isso fizera com a mãe e sabia, por experiência própria, como o amor e a paixão a tinham deixado desesperada a ponto de jogar tudo para o alto – incluindo ele.

Só que Harte não era mais aquele garotinho. Se a noite saísse como planejava, poderia deixar para trás todas aquelas lembranças e todos aqueles arrependimentos.

Ele saiu das sombras e subiu nos trilhos elevados que corriam acima da entrada do salão de baile. Subiu três degraus e passou pela entrada estreita. Mesmo antes de entrar completamente, as notas alegres de um *ragtime* que começara a fazer sucesso e o *zum-zum-zum* dissonante do público o tomaram de assalto.

No instante em que passou pela porta, uma garota de cabelo loiro quase branco pegou seu casaco. Era tão jovem que nem mesmo a pintura do seu rosto poderia cobrir a inexperiência. Era muito solícita – talvez fosse nova ali. Mas Harte sabia que a inocência por baixo do pó e da maquiagem não duraria muito. Não em um lugar como o Haymarket.

Endireitou os ombros, com um puxão.

– O senhor Jack Grew está me esperando – disse, com o mesmo tom convincente que fazia o público se inclinar para a frente e ouvir com atenção aquela voz aveludada. Entregou o chapéu – mas não as luvas. Estas, guardou dentro do paletó.

– Ele não chegou ainda – respondeu a garota, com as bochechas muito vermelhas. Mais uma marca da sua inocência fadada a desaparecer.

– Pode avisá-lo que estou no bar quando ele chegar? – pediu, dando algumas moedas a ela.

Começou a atravessar a multidão que se amontoava, enojado com o cheiro marcante e forte dos perfumes, que mal encobria o odor azedo de suor que havia por baixo. Aquilo o lembrava demais do quão longe tinha chegado, daquelas manhãs em que a mãe chegava cambaleando em casa com o mesmo cheiro.

Tentando se livrar das lembranças, encontrou um lugar no balcão lotado e fez o

pedido, dando uma gorjeta maior do que o necessário para a mulher que o serviu. Os olhos da moça se acenderam, mas Harte virou a cara para ela, deixando claro que não estava interessado.

O primeiro andar do salão do baile já estava lotado. Mulheres com vestidos de seda de cores vibrantes e sorrisos falsos abraçadas bem coladas aos homens que as guiavam pelo salão. Os minutos passavam enquanto Harte bebericava. Quando seu drinque acabou, não pediu outro. Passara meia hora do horário em que deviam se encontrar, e Jack ainda não tinha aparecido.

“Que tudo isso vá para o inferno.”

Ele não ia ficar ali. Provavelmente, não deveria nem ter ido. Desde que Toco o advertira, nada mais naquela noite lhe parecia certo, e Harte não teria sobrevivido tanto tempo ignorando seus instintos. Voltaria para o seu apartamento, tomaria um banho escaldante no precioso silêncio e tiraria a sujeira que acumulara no dia. Podia lidar com Jack outra hora.

Harte colocou o copo vazio em cima do balcão, mas, ao se virar para sair, sentiu o inconfundível calor da magia por perto.

“Impossível.”

Ninguém seria burro o suficiente de usar sua afinidade no Haymarket, ainda mais com tantas pessoas presentes ligadas de alguma forma com a Ortus Aurea. Ainda mais com o salão inteiro monitorado pelos olhos aguçados dos seguranças de Edward Corey. Corey, o dono do Haymarket, jogava dos dois lados. Era bem relacionado com a Ordem, mas havia boatos de que usava Mageus como seguranças, pessoas dispostas a dedurar a própria espécie em troca de um pagamento generoso toda semana.

Foi quando ele sentiu de novo: o farfalhar da magia chamando a ele e a qualquer um no entorno que tivesse algum tipo de afinidade.

Harte examinou a multidão. Nos cantos do salão, ficou claro que os homens de Corey também sentiram. Já estavam se movimentando, procurando a pessoa que tinha contrabandeado o poder para o salão.

Em seu campo de visão periférico, um faiscar verde-escuro chamou a sua atenção, no mesmo instante em que sentiu mais uma onda de calor. Harte se virou e encontrou a causa daquilo: uma garota que sorria para o parceiro de dança, muito mais velho do que ela, enquanto enfiava os dedos, sorradeira, no bolso dele.

Harte já estava na metade do salão quando se deu conta de que ela não se parecia com as outras garotas. Era jovem, o que não era incomum naquela profissão, mas o rosto não estava coberto com a costureira pintura, e os olhos não tinham a fadiga das mulheres que já desistiram da vida. A roupa, um vestido de veludo verde-escuro, ajustava-se bem demais ao seu corpo esbelto para ter sido comprado pronto. Era óbvio que vinha de uma família rica. Mas, pela maneira como colocara a mão direita no bolso do parceiro, sem que ele percebesse, não era nenhuma punquista novata. Uma combinação intrigante.

Quando o parceiro de dança olhou para Harte, ele já estava segurando o pulso da garota, tendo tirado a mão dela do bolso do velho e interrompido a dança dos dois.

– Posso ajudá-lo? – disse o homem, irritado.

Harte abriu um sorriso simpático e fez olhos carinhosos e vidrados quando virou para a garota. Ela tentou se soltar, mas Harte a segurou com força.

– Eu estava procurando por você, querida – falou, fingindo que a língua estava enrolada.

– O senhor me desculpe, mas esta moça já está ocupada – falou o velho, tentando tirar a garota das mãos de Harte. – Vá procurar uma das outras.

– Mas eu a *amo* – respondeu Harte, recusando-se a perder o controle da situação. Para aumentar o efeito dramático, balançou-se um pouco.

As grossas sobrancelhas do velho se franziram, em uma expressão de reprovação.

– Talvez, então, o senhor devesse cuidar melhor dela.

– O senhor tem razão – concordou Harte, virando-se para a garota, que estava olhando feio para ele, com aqueles olhos cor de uísque, ardentes como a bebida. Harte lhe devolveu um sorriso bêbado.

– Eu jamais deveria ter deixado você partir, não depois de ter *roubado* meu coração – insistiu, satisfeito ao ver que a garota arregalou de leve os olhos quando ele deu ênfase à palavra “roubado”.

– Creio que não o conheço – disse a garota, com a voz um pouco trêmula.

Ela pronunciava bem as palavras, falava baixo, como alguém que tinha educação. Até aí, entretanto, Harte também tinha. Considerando o lugar de onde ele viera, o fato de a garota não ter sotaque não significava muita coisa. A pergunta mais interessante era onde ela havia aprendido a bater carteiras. E por que o Professor não havia lhe alertado que era melhor não usar magia no Haymarket.

– A senhorita não pode ter se esquecido de mim tão depressa – respondeu Harte. Sem deixar de representar, levantou a outra mão e a levou ao peito, como se tivesse recebido um golpe. – Ora, foi na sexta--feira passada que nos encontramos aqui. A banda tocava essa mesma canção, quando seus olhos cruzaram com os meus, do outro lado do salão. Eu relutei, mas a senhorita foi... – passou para um tom mais baixo, de segredo – ... *convvincente*.

Ele deu uma piscadela provocante para a garota, depois virou para o seu parceiro e disse:

– É fácil ignorar o quanto ela faz pouco-caso de tamanha beleza.

Então, olhou de soslaio para a garota, que ainda tentava se soltar dele. Sentiu uma pontada de culpa, ao ver o medo que se escondia por trás da raiva refletida nos olhos da moça, mas os homens de Corey estavam perto demais. Era melhor que a menina sentisse medo dele do que tivesse que enfrentá-los.

Só que a razão pela qual decidira ajudá-la escapava ao seu entendimento. Harte não era nenhum cavaleiro de armadura, não bancava o protetor de ninguém.

– Sim, bem... – disse o velho, olhando incomodado para a garota e entregando-a

para Harte. – Quem sou eu para impedir um amor de juventude?

Harte puxou a garota mais para perto, e o velho se afastou, perdendo-se no meio da multidão.

– Calma – sussurrou, com a cabeça perto do rosto da garota.

Ela tinha um cheiro esmaecido de flores e de algo suave e almiscarado, como sândalo. Era esse cheiro que um dia de verão deveria ter, concluiu, não aquele fedor das ruas.

A garota ainda lutava para se soltar dele, mas Harte a segurou com mais força, um ajuste sutil que, para qualquer outro casal dançando, pareceria um abraço.

– Entre na brincadeira e não faça cena.

– Você vai ver só o que é cena – sussurrou ela, entredentes.

A moça não era pequena. Tinha quase a mesma altura de Harte, e os traços estavam mais para interessantes do que para uma beleza clássica. Em qualquer outra pessoa, a boca larga e o nariz muito reto não teriam dado certo, mas, nela, era algo estonteante. Seus olhos tinham um brilho de fúria e, droga, a deixavam ainda mais atraente.

Ou talvez, fosse só o uísque falando mais alto...

A garota se sacudiu de novo, acomodando-se nos braços dele. Então, de repente, ela girou, tentando fazer Harte perder o equilíbrio. Mas ele já tinha vivido sua cota de lutas vis. Contra-atacou com facilidade, abraçando-a para segurá-la de volta, em um rodopio digno dos homens e mulheres que estavam na pista de dança.

– Impressionante – murmurou ele, começando a dançar uma valsa com a garota.

A moça cerrou os olhos dourados e as bochechas ficaram vermelhas com o esforço que fez para se soltar. Harte tinha razão: a pele dela estava sem maquiagem. Assim, limpa, parecia tão lisinha e macia quanto uma pétala de flor.

“Eu deveria soltá-la.”

Por trás da garota, Harte viu um dos homens de Corey avançando devagar pela pista de dança, ainda procurando pela fonte da magia. O homem se virou e olhou na direção da moça.

– Dance comigo – disse Harte, levando-a para longe do homem, em direção ao centro da pista lotada.

A energia percorreu o corpo dela, que ainda se debatia para se soltar de Harte.

– Eu não dançaria com você nem que...

Os homens de Corey estavam se aproximando. Sem pensar nas consequências, Harte cobriu a boca da garota com a sua, apertando-a nos braços e puxando-a mais para perto.

O beijo teve exatamente o efeito desejado: o calor da magia da garota se transformou em frio, e o corpo dela ficou todo tenso. A moça começou a empurrar os ombros de Harte. Como os homens de Corey estavam bem do seu lado, ele intensificou o beijo, puxando-a para perto dele e para longe dos homens.

A garota tinha um cheiro puro como uma oração por baixo do aroma suave de

sabonete, e fazia tanto tempo que Harte não ficava assim perto de uma mulher – de ninguém, na verdade – que precisou usar cada gota de seu autocontrole para não perder a cabeça. Mal conseguiu acompanhar os dois guardas com os olhos quando eles se afastaram.

De uma hora para outra, o corpo da garota ficou maleável nos seus braços, e Harte reagiu por instinto. Não conseguiria se controlar nem que se esforçasse muito. E não se esforçou. Em vez disso, trouxe-a mais para perto, sentindo nas pontas dos dedos a suavidade do veludo do vestido dela, enquanto a garota retribuía o beijo.

Talvez estivesse enganado, pensou, enquanto a garota mexia a boca, acompanhando seu ritmo. Talvez ela não fosse tão inocente assim, afinal de contas.

Harte sentiu que o cérebro estava pesado, anestesiado, sem saber o que pensar dela...

E mesmo essa percepção parecia distante e obscura enquanto os lábios da garota roçavam nos seus. Ele sequer pensava quando abriu de leve a boca, tentando sentir o gosto dela. Não estava achando aquilo uma péssima ideia quando a moça abriu a boca. Harte estava simplesmente perdido.

Naquele momento, o perigo que os homens de Corey representavam não existia. Nem os corpos que se apertavam em volta deles. Harte não conseguia pensar em nada, a não ser na sensação da boca da garota contra a sua, o cheiro dela, que aguçava seus sentidos... até que os dentes afiados da menina o morderam na língua com força suficiente para sair sangue.

Então, a soltou e levou a mão à boca, deixando escapar um grito de surpresa. “Você me mordeu”, teve vontade de dizer. Mas, quando abriu os olhos, a garota já tinha sumido. Os únicos rastros foram a energia formigante da súbita explosão de magia e o gosto de sangue na boca de Harte.

E ela não se misturou ao público do salão. *Não*. Estava ali em um segundo e, em um piscar de olhos – em *menos que um piscar de olhos* –, simplesmente desapareceu. Harte passara anos pensando em números de ilusionismo, mas nunca vira nada parecido com aquilo.

Precisava sair dali antes que os homens de Corey voltassem.

Em vez disso, ficou parado, como um imbecil, no meio dos corpos que rodopiavam, com a língua latejando, a cabeça enevoada pelo uísque, e o corpo inteiro eletrizado pela lembrança da boca da garota tocando a sua. Impressionado com ela, contra a sua vontade.

– Darrigan?

Uma voz, chamando por ele, chegou através da névoa dos seus pensamentos.

– Harte Darrigan, é você mesmo?

Com a cabeça ainda girando, Harte se virou e se deparou com Jack Grew, que atravessava o salão. Era tarde demais para fugir. Engoliu o sangue que se acumulava na boca e acenou para Jack. Não ficou muito contente de vê-lo. Só conseguia pensar na garota.

– Achei mesmo que era você – disse Jack, dando um sorriso que denunciava que já estivera bebendo. – Bem, venha. Estou em uma mesa ali no canto – completou, apontando para o outro lado do salão lotado.

– Vá na frente – disse Harte, simpático.

Com cautela, tentou sentir a língua, ainda dolorida, com os dentes, e se obrigou a esquecer a menina e se concentrar na situação que se descortinava à sua frente. Ela não era mais problema seu, mas Jack podia ser a sua solução.

DESPERDÍCIO DE BOTAS

Esta se escondeu em uma alcova no segundo andar e tentou se acalmar. Abriu os dois botões de cima do pesado vestido de veludo para dissipar o calor que subira pelo pescoço.

Aquele homem a beijara.

Ainda conseguia senti-lo nos lábios, ainda sentia o gosto de uísque do hálito dele. Não sabia quem ele era ou por que a tinha escolhido, mas o odiava por isso.

Em primeiro lugar, o homem tinha acabado com as suas chances de bater a carteira do velho – e, com isso, suas chances de chamar a atenção de Bridget Malone – e depois, como se não bastasse, tinha lhe dado um beijo, como se tivesse direito a isso.

Quando ele inclinou a cabeça na sua direção, parecia que o tempo ficara mais lento, como se o salão à sua volta tivesse borrado, e Esta, congelado. Não que o rapaz tivesse o poder de parar o tempo *de verdade*, não como Esta tinha. Simplesmente, o fato era que ela – que tinha passado a vida inteira treinando para se defender de ataques, que era mestre em escapar de situações difíceis – sabia o que estava prestes a acontecer e, mesmo assim, por algum motivo, não conseguiu se afastar nem pôr um fim naquilo.

Pior, tinha retribuído o beijo. “Como uma imbecil.”

Quando os lábios do homem finalmente tocaram os seus, Esta estava preparada para um ataque, por isso se surpreendeu com o jeito carinhoso dele, a ponto de não conseguir pensar. Sentiu o calor da boca, o cheiro de sabonete, roupa limpa e limão, e algo dentro dela se abriu. Não que Esta nunca tivesse sido beijada. Óbvio que já fora beijada. Por Logan, por homens que precisou distrair em diversos serviços. Até podia dizer que gostava daquele emaranhado de respirações, da excitante sensação de empuxo do desejo.

Mas ainda não tinha se dado conta do quanto ansiava por carinho. O quanto ainda era suscetível à sede de um contato humano que fosse além do simples contato físico dos treinos de luta com Dakari. Por *calor*.

A boca daquele homem lhe tinha proporcionado isso e, por um instante, ela se entregou ao beijo com a mesma facilidade que respirava. Sequer tentou se controlar. Era como se todos os erros que cometera com Logan voltassem a acontecer.

Se fosse sincera consigo mesma, diria que isso a incomodava mais do que o beijo em si.

Por sorte, Esta não tinha tempo para ser sincera consigo mesma nem para pensar naquele beijo. *Nem* em como fora imbecil. Ainda bem, recobrou o juízo e se vingou dele. Para valer.

Pena que isso só fazia com que se sentisse ligeiramente melhor.

Do seu privilegiado campo de visão, na alcova, Esta podia ver o salão inteiro, inclusive o rapaz. Que fora tão dominador na pista de dança que Esta pensou que ele fosse mais velho. Agora que o via com mais atenção, no entanto, se deu conta de que devia ser apenas uns dois anos mais velho do que ela.

Esta não conseguia parar de observá-lo. “É importante conhecer o inimigo”, tentou se convencer. O fato de o rapaz ser agradável aos olhos era só mais um detalhe. O terno que usava se ajustava perfeitamente aos ombros largos. Esta sabia, por experiência própria, que não havia ombreiras naquele paletó – sentira a força dele quando o rapaz segurara o seu pulso e a abraçara. Mesmo assim, alguma coisa nele a incomodava. Quer dizer, alguma coisa além do modo como beijava.

Talvez fosse simplesmente porque o velho ditado era verdadeiro: golpistas não caem em golpes. Só que, depois de examiná-lo por alguns minutos, Esta percebeu que toda a confiança e o charme do rapaz eram uma encenação. Ou, pelo menos, parte de uma. Assim como o charme natural de Logan era um modo de manipular as pessoas e a expressão feroz de Dakari era só uma fachada para a doçura.

Quanto mais o observava, mais percebia que o rapaz estava pouco à vontade. Ele se remexia. Puxava de leve as mangas, tocava as têmporas para se certificar de que o cabelo estava no lugar, colocou as luvas sobre a mesa, alinhando as pontas dos dedos... Parecia que não conseguia parar de checar sua aparência. Quanto mais Esta observava, mais se perguntava o que ele estava tentando esconder. Ou do que estava se escondendo.

Então, se deu conta de algo: o outro homem que estava sentado na mesa lhe parecia conhecido. Esta demorou um pouco para se lembrar de onde. Mas, assim que se deu conta de que ele era mais velho da última vez que o tinha visto, reconheceu com facilidade que o rapaz loiro era o homem que atirara em Logan na mansão Schwab.

Afastou-se do corrimão. Ainda faltavam mais de vinte anos para ela roubar o Coração do Faraó e, naquele passado, o homem não a conhecia. Provavelmente, estava segura naquele momento, mas era muita coincidência aquele homem, que estragara tudo na mansão Schwab, também estar ali.

Esta precisava encontrar Bridget Malone antes que mais alguma coisa acontecesse...

– Muito bem, o que temos aqui? – disse uma voz, vinda detrás dela.

A garota deu um pulo, se virou e deu de cara com um homem alto, com uma barbicha de cabrito, comendo-a com os olhos. Sua barriga protuberante chegava antes dele na pequena alcova. Com o homem, chegou o fedor azedo de suor, cerveja e perfume em excesso.

– Corey disse que tinha uma surpresa para mim esta noite – continuou. O grande anel de ouro com sinete brilhava, e ele abria e fechava os dedos, em uma óbvia demonstração de empolgação. – Vejo que você chegou antes de mim – falou, já

estendendo a mão para a abrir a gola de Esta.

No começo, pensou que o homem estava enganado ou a tinha confundido com outra pessoa. Mas os olhos dele percorriam o seu corpo, parando no seu peito, na sua cintura apertada pelo espartilho e nos quadris. De repente, lembrou-se de onde estava, em uma das áreas semiprivativas onde as meninas que trabalhavam no salão atendiam os clientes. O homem, obviamente, pensou que Esta estava esperando por ele de propósito e, antes que tivesse a chance de corrigi-lo, já tinha chegado mais perto, bloqueando a passagem dela com o corpo avantajado.

“Eu *realmente* não quero machucar mais ninguém esta noite”, pensou, quando o homem deu mais um passo para a frente. Esta foi recuando, até ficar esmagada contra o corrimão e pesou as opções.

– Ora, ora – disse o homem, enrolando a língua e cambaleando na direção de Esta. O sorriso nos lábios deixava à mostra os dentes amarelados. Ela levantou as mãos, preparando-se para ser atacada. – Nada disso – completou, com um tom de excitação.

O homem a agarrou, e foi mais leve e ágil do que Esta imaginara. Ela mal teve tempo de se concentrar no presente, de encontrar espaços entre os segundos para conseguir criar um caminho livre e fugir do velho. O salão parou, as risadas espalhafatosas e as notas metálicas da banda se transformaram em um leve rumor. O homem ficou quase cômico de tão vagaroso, como se estivesse se movimentando em um ar tão espesso e sólido quanto areia.

Como um relâmpago, uma sensação de alívio atravessou Esta. Foi quase fácil demais desviar do corpo imenso do homem. A garota deu risada ao ver a confusão estampada nos olhos do velho quando ela escapou da alcova, saindo do alcance das mãos dele. No mesmo instante em que soltou o tempo, o mundo voltou à vida de sopetão, e o homem caiu duro no chão, soltando um gemido.

De tão aliviada, Esta não se deu conta de que ele estava bem alerta. Antes de conseguir fugir completamente, o homem a agarrou pelo tornozelo.

– Solte-me! – gritou Esta, entredentes. Não queria chamar atenção, não ali, naquele salão lotado. Tinha que escapar daquela situação e encontrar Bridget. Precisava voltar ao que realmente importava: o Livro, a pedra. O serviço que fora fazer ali.

Mas o homem parecia estar se divertindo.

– É assim que vai ser, é? – falou, dando risada e a puxando com força, arrastando-a pelas tábuas do chão de volta para a alcova.

Naquele momento, Esta daria qualquer coisa para ter outros poderes – ser capaz de causar um vento forte ou emitir choques. Mas tudo o que podia fazer era manipular o presente. Uma afinidade muito poderosa quando queria roubar prendedores de gravata com diamantes, mas inútil quando alguém a segurava. A menos que quisesse diminuir a velocidade do tempo para o homem também.

– Não estou aqui por sua causa – disse, tentando se soltar.

– Você estava esperando por mim – disse ele, com os olhos brilhando diante daquela situação de conquista.

– Corey, seja lá quem ele for, não me mandou aqui – insistiu Esta, dando alguns chutes fortes, na tentativa de que ele soltasse seu tornozelo.

O homem simplesmente deu risada e enfiou os dedos na pele dela. Os olhos dele estavam alertas e mais claros do que poucos segundos antes. Esta não tinha recuperado o equilíbrio quando ele deu um puxão forte e inesperado que a levou para o chão. Próximo a eles, um grupo de pessoas olhou para trás, viu os dois lutando e, na mesma hora, virou o rosto.

O homem dava risada e continuava puxando. À medida que ele a arrastava, fazia as saias de Esta subirem cada vez mais, deixando suas pernas à mostra, enquanto a menina tentava se livrar dele. Mas não adiantava. O velho segurava a perna dela, e com os dedos, que pareciam umas salsichas, ia subindo pelas saias, beliscando as coxas desnudas de Esta, acima das anáguas e além...

Sem se importar com quem a estava vendo, Esta deu um chute furioso, que acertou em cheio o rosto dele. Sentiu o rachar dos ossos que se partiram através do solado fino da bota, depois o sangue jorrando do nariz quebrado do homem – que urrou como um urso ferido, mas, mesmo assim, não soltou o tornozelo dela. Apertou os dedos e torceu a perna, causando dor, os olhos vivos com uma espécie de excitação mórbida, e Esta sentiu os próprios ossos latejarem com tamanha pressão.

Desesperada, Esta o chutou de novo. E depois mais uma vez. Exatamente como Dakari havia lhe ensinado. Até os saltos das botas de abotoar ficarem cobertos pelo sangue do homem. Finalmente, ele soltou os dedos da perna dela, e caiu inconsciente no chão.

Esta saiu depressa se arrastando para longe dele, mal se dando conta de que havia um grupo de pessoas à sua volta. O rosto do homem esparramado do chão estava todo quebrado, mas ele ainda respirava. Pelo menos por enquanto.

As pessoas que a cercavam ficaram em silêncio. Esta cruzou o olhar com o de uma menina com as bochechas rosa demais e pele cinzenta por baixo da maquiagem.

– Eu não queria... – começou a se explicar, mas as palavras morreram em sua boca quando a menina soltou um grito, ao mesmo tempo em que dois homens deram um passo na direção de Esta.

Ela teve certeza, pela expressão das pessoas, que se explicar não a levaria a lugar nenhum.

Então, ficou de pé, com as pernas tremendo. Tentaria encontrar Bridget depois. Por enquanto, precisava ir o mais longe possível daquele salão lotado e dos leões de chácara que lhe torciam o nariz. Mas, de repente, não conseguia respirar. Os pulmões pararam de funcionar, e o peito ficou apertado, como se tivessem retirado todo o oxigênio do recinto. Em pânico, procurou, na natureza-morta em volta dela, por algum sinal de ataque, mas a visão já começava a ficar borrada. Desesperada, lutava para puxar o ar que parecia não existir ali.

Antes que conseguisse se concentrar nos segundos que passavam por ela, antes que conseguisse encontrar os espaços entre os instantes para conseguir escapar, uma dor aguda a atingiu na parte detrás da cabeça. E, então, tudo ficou escuro.

A ABORDAGEM

Jack olhou para cima, para a confusão que ocorria no mezanino, mas a ignorou, sem voltar a olhar. Harte, no entanto, tinha sentido a pontada de magia, a energia perceptível que circulava pelo ambiente, que só alguém que tivesse afinidade com a antiga magia seria capaz de reconhecer. Ficou se perguntando qual seria a sua fonte, e se a garota tinha sido vítima da atenção indesejada dos seguranças de Corey.

Se isso tivesse acontecido mesmo, seria em parte culpa dele, por tê-la assustado. Jamais deveria tê-la beijado. Deveria ter encontrado outra maneira. Sentiu um aperto no estômago, de culpa, mas não podia fazer nada pela menina naquele momento.

Ele voltou a olhar para Jack, que pegava dois copos de uísque da bandeja da garçonete. Sobrinho pródigo de J. P. Morgan, Jack Grew era um dos filhos privilegiados da cidade. Sua família era muito envolvida com a máquina política, e todos eram membros conhecidos da Ordem da Ortus Aurea. Por isso, ninguém teria ficado mais surpreso do que Harte quando Grew apareceu em seu camarim depois de uma apresentação, meses antes, extasiado com o *show* e desesperado para saber tudo sobre suas habilidades.

Harte manteve certa distância de Jack... até a noite em que Dolph Saunders o convocou para propor aquela missão suicida. Depois disso, Harte começou a ver Jack por outro ângulo e passou a cultivar, com cautela, uma amizade com ele, tentando descobrir qual seria a melhor maneira de usá-lo. E como poderia manter Jack longe de Dolph.

– Já faz algumas semanas que não o vejo – disse Harte, aceitando um dos dois copos. – Fiquei surpreso ao receber sua mensagem hoje.

– Desculpe por isso – falou Jack, fazendo careta. – Não tenho tido tempo para nada ultimamente – completou, antes de dar um longo gole na bebida. – Meu tio ficou a semana inteira no meu pé, pedindo ajuda na recepção de abertura de uma exposição que planeja fazer no Metropolitan Museum. Mas ela abre na sexta-feira. Então, até o fim da semana, isso deve ter acabado.

– Ah, é? Não ouvi nada a respeito... – disse Harte, deixando as palavras morrerem, como se o fato de ele não ter ouvido falar da exposição contasse pontos contra o evento.

– Um grande evento beneficente – respondeu Jack, com um tom sarcástico, com a boca dentro do copo vazio. – Uma grande perda de tempo.

Harte deu um sorriso cínico e comentou:

– Que gentileza a sua ajudar seu tio.

Jack deu uma risada de desdém ao ouvir a piada.

– Não tem nada a ver com gentileza. Eu teria dado um jeito de me safar dessa,

mas quis aproveitar a oportunidade para espiar umas coisinhas.

– Ah, é? – disse Harte, com um tom causal e uma expressão de desinteresse, pois tinha aprendido, nos últimos meses, que essa era a melhor maneira de conquistá-lo. No começo, Jack era cauteloso e fechado quando conversavam sobre sua família ou sobre a Ordem, mas Harte sabia como convencer a plateia. Não demorou muito para Jack começar a dividir informações por vontade própria, numa tentativa de provar a própria importância e conquistar Harte.

– Meu tio tem uma coleção e tanto de obras de arte do Império Otomano, e algumas dessas peças são bastante inusitadas. As mais raras e valiosas ele costuma guardar para si mesmo. Mas, com o Conclave se aproximando no fim do ano, não resistiu à oportunidade de se exhibir.

– Algo que me interesse? – perguntou Harte, tomando o cuidado de manter o tom leve e despretensioso.

Jack balançou a cabeça.

– Talvez. Alguns dos selos e tabuletas remontam à antiga Babilônia, e há um manuscrito que foi propriedade do próprio Newton – respondeu Jack, sorrindo. – Não posso dizer que será um sacrifício checar de perto essas peças. Até porque não me dão acesso às coleções que ficam guardadas na Mansão Quéfren.

– Continuam fazendo pouco de você, hein? – comentou Harte, sacudindo a cabeça, em um gesto de reprovação.

– É claro – resmungou Jack. – Só o Conselho Supremo tem acesso ao acervo e, até que eu consiga provar meu valor, meu tio não vai apoiar minha entrada. Agora, se tudo correr bem nesse evento, talvez eu fique um passo mais perto. Eles não podem me impedir de entrar no Conselho para sempre – falou. Olhou para Harte e completou: – Eles sabem tão bem quanto eu que são praticamente fósseis. Não querem encarar os fatos: que é apenas uma questão de tempo até se tornarem completamente obsoletos. O mundo está mudando rápido demais para continuar apegado ao passado.

– É uma verdadeira desgraça – murmurou Harte, fingindo tomar outro gole de uísque. – É muita idiotice deles subestimarem você, Jack. Você é melhor do que todos eles juntos – completou, levantando o copo. – Um brinde para que isso termine logo e você volte a se dedicar a empreendimentos mais importantes.

– Está aí uma boa razão para beber – concordou Jack. Levantou o copo, mas parou antes de fazer o próprio brinde. – Falando em idiotice... – resmungou, ao ver que um trio de rapazes usando paletós sob medida se aproximava.

Quando pararam perto da mesa, os três pares de olhos examinaram Harte com o tipo de tédio e indiferença que apenas os verdadeiros ricos sabem demonstrar.

– Cavalheiros – disse Jack, com um tom de relutância, antes de levantar para cumprimentá-los.

Harte fez a mesma coisa. Não foi difícil reconhecer os três. Considerando a frequência com que saíam nas colunas sociais, qualquer um os reconheceria. Um

deles era da família Vanderbilt; outro, Robert Winthrop Chandler, primo dos Astors; e o último era J. P. Morgan Jr., primo de Jack. Aqueles jovens eram filhos privilegiados da cidade, reis do seu próprio mundo – ou poderiam ser, quando seus pais finalmente resolvessem entregar seus reinos ou morrer.

– Que prazer enorme encontrar você aqui, Jack – disse Chandler, com um brilho frio nos olhos. – Mas creio que não conheço seu amigo.

Jack fez as devidas apresentações. Se algum dos três reconheceu o nome de Harte, não fez transparecer. Também não se deram ao trabalho de estender a mão para cumprimentá-lo.

– É uma honra conhecê-los, cavalheiros – falou Harte, sem abandonar sua expressão simpática e impassível ao fazer uma reverência contida, em resposta ao insulto de não ter sido cumprimentado como manda o figurino.

– Você não vai nos convidar para sentar? – perguntou J. P. Morgan Jr., levantando uma das sobrancelhas, em um ar desafiador.

Harte praticamente podia sentir a relutância exalando de Jack, mas não havia nada que o herdeiro pudesse fazer.

– Por gentileza – respondeu Jack, apontando para as cadeiras vazias ao redor da mesa. – Por que não se juntam a nós?

Os três homens trocaram olhares frios entre si e então, em uma espécie de consenso sardônico, sentaram nas cadeiras. Eram mais velhos do que Jack, mais próximos dos 30 do que dos 20 anos. Harte entendeu na mesma hora que viam Jack como uma piada, e ele como um intruso.

Não que fossem falar algo com todas as letras. Jack não era a pessoa mais rica ou a mais poderosa da mesa, mas ainda era um deles – mesmo após ter sido arrastado pela família de volta para casa, humilhado, depois de quase ter se casado com a filha de um pescador grego, durante sua grande viagem.

No entanto, a boa educação dos amigos tinha limites.

Uma garçonete trouxe mais uma cadeira para a mesa. Deu um sorriso bêbado para Jack e se enroscou nos seus ombros para sussurrar algo no seu ouvido que o fez cair na gargalhada. A aparência da serviçal só serviu para lembrar Harte de como a outra garota era única. Aquela, responsável pela dor que sentia na língua. Aquela que, depois de tê-lo feito perder todo o juízo, desaparecera.

Harte tentou se livrar desses pensamentos. Não podia se dar ao luxo de voltar a pensar na garota naquele momento. Não enquanto estava rodeado por aqueles homens – todos, sem exceção, membros da Ordem. Todos, sem exceção, mais poderosos que o próprio Jack.

Ele cuidou de sustentar uma cara simpática enquanto todos esperavam Jack terminar de falar com a garçonete, que já estava sentada no colo dele. Bem em frente a Harte, estava J. P. Morgan Jr., o herdeiro da fortuna de Morgan, e seu sucessor na Ordem. O jovem J. P. fazia uma expressão sugestiva, como se soubesse exatamente o quanto Harte estava se sentindo pouco à vontade.

Morgan levou com esmero um cigarro enrolado à boca e deu uma longa tragada, espremendo os olhos e exalando a fumaça pelo nariz enquanto falava.

– Jack já falou sobre você. Disse que faz um *show* e tanto.

Harte inclinou a cabeça como se não tivesse percebido o desdém com o qual o primo de Jack pronunciou a palavra “*show*”. Como se ele não passasse de um macaquinho de realejo.

– Fico contente que ele tenha falado tão bem de mim.

Morgan, ainda espremendo os olhos, encolheu os ombros.

– Basicamente, falou como você está se desperdiçando, desperdiçando seus talentos, no palco.

Harte permitiu-se uma leve entortada na boca.

– Meus talentos foram feitos para o palco. E o palco, por sua vez, tem me tratado bem – respondeu. Então, deu uma puxadinha na manga esquerda, com plena consciência de que chamava a atenção para a abotoadura de pedra preciosa que brilhava nela.

Vanderbilt entrou na conversa.

– O senhor é um enigma e tanto, senhor Darrigan – disse. – Que tipo de sobrenome é esse, irlandês? Ou Darrigan é apenas seu nome artístico?

– Temo que seja o único sobrenome que alego possuir – respondeu Harte, com a voz perigosamente átona.

– Você é um homem misterioso, então? – debochou o primo de Jack. – Já ouvi sua história antes. Um clássico. Veio do nada e aqui está, uma estrela da Broadway. Ora, até minha mãe já assistiu uma apresentação sua. Ela jura que o senhor faz um número e tanto – completou, dando uma risada cínica. – E insistiu que o senhor deve ter algum tipo de poder verdadeiro.

– Sua mãe é muito gentil.

– Será? Costumo pensar que ela é assaz leviana – retrucou Morgan, dando de ombros, em um gesto de indiferença. – Mamãe ficou nervosa, mas falei que, obviamente, isso seria impossível. Todos sabemos que, se o senhor fosse esse tipo de lixo, já teriam se livrado do senhor, não é verdade? – A ameaça foi clara. – A Ordem teria ouvido falar do senhor. Então, o que faz devem ser meros truques, falei para mamãe. Ilusionismo. Nada de magia real.

Harte manteve a máscara simpática e atenciosa que fora seu tíquete para sair dos cortiços e entrar sob a luz dos holofotes.

– Tenho certeza de que a Ordem teria se livrado de qualquer ameaça, se eu representasse uma. Tenho o mais profundo respeito pelo trabalho que seus membros fazem, garantindo nossa segurança, controlando aqueles que ameaçam nosso estilo de vida. Mas posso lhe assegurar que não há nada de simples nos meus truques – respondeu, com um ar casual, enquanto o pavor subia pela sua pele. Harte estava muito encrocado. Havia muitas variáveis para as quais não havia se preparado: primeiro a garota, depois aquela conversa sobre magia.

“Maldito seja Jack, que me enfiou nessa.”

– Não? – desafiou o jovem Morgan, esboçando um sorriso de desdém.

Harte não reagiu à ironia.

– Se Jack falou de mim para os senhores, então tenho certeza de que lhes contou. Fiz um estudo cuidadoso das artes herméticas – disse Harte, inclinando a cabeça. – Alquimia, astronomia, teurgia. As ramificações comuns das ciências ocultas. Não apresento *truques* – completou. E teve que se segurar para não olhar para Jack pedindo ajuda e manter a concentração no primo dele. – Apresento demonstrações das minhas *habilidades* e do conhecimento que adquiri após muitos anos de estudo.

– Sim, ele deve ter mencionado algo do tipo – falou Morgan.

– O senhor não acreditou.

Não foi uma pergunta. A certeza presunçosa da própria superioridade estava clara como a luz do dia no rosto de Morgan. Assim como a descrença de que alguém que não fosse da sua classe pudesse adquirir qualquer tipo de poder. Foi preciso um esforço considerável da parte de Harte para não sorrir diante da ironia desse fato.

– Tomo as minhas próprias decisões – falou o primo de Jack, apertando os olhos ao dar mais uma longa tragada no cigarro antes de apagá-lo, violentamente, no tampo de mármore. – Apesar de que, quando se trata de lixo irlandês... – disparou, passando os olhos pelas roupas impecáveis, feitas sob medida de Harte – ... ou o que quer que o senhor seja, nem há decisão a tomar – completou. Inclinou-se para a frente, com os olhos brilhando de maldade. – Qual foi mesmo o boato que ouvi sobre o senhor? Ah, sim... Filho bastardo de um china.

Os outros homens da mesa se remexeram nas cadeiras. Por mais que Jack fosse a ovelha negra da família, a boa educação e as boas maneiras eram algo profundamente enraizado neles.

Por sorte, Harte não sentia o peso da boa educação. Sua boca se curvou, em uma expressão maldosa, a resposta mordaz já estava na ponta da sua língua. Mas, antes que pudesse falar, sentiu o roçar conhecido da magia e teve a perturbadora sensação de que alguém o observava. Esqueceu as palavras e ficou alerta.

Colocou-se de pé instantaneamente, procurando a fonte daquela sensação.

Morgan deu risada.

– Já vai, Darrigan?

Os outros também riram, mas Jack ainda estava muito ocupado com a garçonete para sequer perceber como as coisas estavam indo mal na mesa.

Harte não conseguiu encontrar nenhum sinal do vestido de veludo da garota nem dos olhos cor de uísque. “Pode ter sido um dos seguranças de Corey”, pensou, o que não era, nem de longe, melhor. Já havia magia demais no ar, e Harte Darrigan não podia correr o risco de ser associado à magia. Muito menos com aqueles homens por perto, membros da Ordem que representavam uma ameaça muito maior do que os seguranças de Corey.

Morgan deu um sorriso de deboche por cima da taça de champanhe.

– Está se sentindo um peixe fora d'água, por acaso?

Jack finalmente tirou os olhos do amontoado de seda e musselina que estava no seu colo.

– Você não pode ir embora tão cedo – balbuciou, confuso. – Você... você... nem terminou a bebida – disse Jack, como se isso fosse realmente importante.

Harte ignorou Morgan e lançou um olhar sarcástico para Jack.

– Não estou mais com sede.

– Mas...

– Jack, cavalheiros... Se existe algo que aprendi nos meus muitos anos no palco é a hora de sair dele – falou Harte. Cumprimentou os demais homens inclinando a cabeça, fixou o olhar frio em Morgan, para dar a entender que não tinha medo dele, e completou: – Depois nos falamos, Jack.

Verdade seja dita: as alfinetadas de Morgan não doeram nem um pouco, comparadas com sua língua inchada.

No instante seguinte, ele já estava se espremendo na multidão, em direção à porta. Mas não conseguia se livrar da sensação de que alguém o observava, o seguia, enquanto se movimentava sem parar em direção à liberdade gelada que a noite lhe oferecia.

NA CALADA DA NOITE

Harte mal tinha chegado ao fim da quadra quando ouviu a voz de Jack chamando por ele, em meio ao burburinho das calçadas lotadas. No começo, não parou, apenas continuou correndo – para bem longe do Haymarket. Para bem longe daquele fracasso de noite. Mas Jack estava determinado.

Com um suspiro, Harte parou e se virou, dando a Jack uma chance de o alcançar. Era melhor acabar logo com aquilo...

Jack tinha o tipo de boa aparência aristocrática que a maioria dos membros da sua classe possuía: um nariz reto e estreito, olhos claros, testa quadrada e forte. Não era muito mais velho do que o próprio Harte, mas a humilhação que sofrera na Grécia cobrara seu preço. Longe das luzes faiscantes do salão de baile, parecia acabado, exausto. O rosto vermelho e úmido do esforço da corrida. Isso fazia a sua pele inchada e as olheiras parecerem muito piores.

– O que foi, Jack? Voltou para mais um *round*? Por acaso você se esqueceu de incluir algum insulto?

– Você foi embora – disse Jack, ignorando o sarcasmo e a raiva de Harte. Os olhos injetados denunciavam sincera confusão. Como se ninguém jamais o tivesse deixado falando.

Provavelmente, devia ser verdade. Por mais que Jack fosse a atual ovelha negra da família, poucas pessoas teriam arriscado que um insulto chegasse aos ouvidos do seu famoso tio. Harte, provavelmente, também não podia se dar a esse luxo, ainda mais se quisesse que Jack confiasse nele. Mas estava nervoso demais para dar importância a isso. Morgan Jr. e os outros rapazes haviam chegado perto demais da verdade e, naquele instante, ele sentiu seus cuidadosos planos se esmigalhando entre os dedos.

– Veja bem, Jack. Só vim até aqui hoje porque você me convidou. Não esperava ser o divertimento da noite. Normalmente, a plateia costuma me pagar para ter este prazer especial.

– Não é nada disso, Darrigan...

– Foi *exatamente* isso, Jack.

– Eu não esperava que eles aparecessem, e então...

Jack respirou fundo, como se quisesse recuperar o fôlego.

– E, então, você ficou sentado lá, com a mão enfiada no vestido de uma rapariga, permitindo que seu primo me insultasse.

Jack teve a decência de fazer uma cara de desconforto quando ouviu a acusação.

– Desculpe-me, Darrigan, mas...

– Mas nada, Jack. Não são essas as pessoas de quem você vive reclamando? *Eles* não entendem sua genialidade. *Eles* não entendem os perigos que enfrentamos –

imitou Harte. Então, fuzilou Jack com um olhar cáustico. – Achei que *nós* nos entendíamos...

– E nos entendemos! – protestou Jack.

– Mas hoje você me atirou aos leões – continuou Hart.

Ele respirou fundo e se afastou de Jack. Seria muito fácil invocar a velha indignação, a amargura que, pensava, tinha deixado para trás há muito tempo. Seria muito fácil continuar deixando que as palavras daquela gente o afetassem. O que não serviria de nada, especialmente em uma situação delicada como aquela.

Harte precisava se acalmar, manter a cabeça fria. Precisava garantir que ele – e não suas emoções – ficasse no controle da situação. Estava se esforçando há muito tempo para conquistar a confiança de Jack para estragar tudo naquele momento.

– Olha, vamos para outro lugar conversar – sugeriu Jack. – Eu lhe pago uma bebida e lhe recompenso pelos meus erros. Podemos conversar. Sem eles.

– Não sei... – desconversou Harte, olhando no relógio ostensivamente. “Deixe que Jack seja a parte interessada”, pensou, recuando mentalmente. Não dá para forçar um golpe. A vítima precisa acreditar que foi ideia dela.

Jack já estava descendo a sarjeta.

– Permita-me chamar um táxi. Há um bar tranquilo na Quarta...

– Já está ficando tarde, e faço a primeira apresentação mais cedo amanhã – disse Harte, sem sair do lugar.

Porque a última coisa que ele queria era ir para outro bar cheio de fumaça. Precisava caminhar, pôr a cabeça no lugar. Precisava ficar longe por um tempo de Jack Grew e de todos os sentimentos que aquela noite despertara.

Precisava que Jack quisesse falar com ele.

– De qualquer modo, essa noite para mim já terminou – completou Harte e fechou o casaco para se proteger da brisa gélida de inverno.

Jack baixou o braço e, por um momento, parecia não saber direito o que fazer. Então, endireitou-se e arregalou os olhos, com uma súbita expressão de avidez.

– Sabe de uma coisa? – disse Jack. – Você deveria ir.

– Ir aonde? – perguntou Harte. Manteve o tom casual, para que Jack não percebesse o quanto o convite o afetava, o quanto seu coração bateu mais forte no peito e o quanto, de repente, até respirar parecia difícil.

– À abertura da exposição. Como meu convidado.

“Estou chegando perto. Estou chegando muito perto.”

– Tenho que fazer o *show* das oito horas... – começou a falar.

– Ah, entendo – respondeu Jack, afundando os ombros.

– Mas só subo no palco bem depois das nove – continuou Harte. – Tenho certeza de que posso dar uma passada rápida.

– Você deveria mesmo – insistiu Jack, parecendo aliviado.

– Vou ver o que faço – respondeu Harte, sentindo a emoção daquela pequena vitória percorrer seu corpo. Mas se forçou a continuar fazendo uma expressão

apática, plácida.

– Eu lhe mandarei o convite, em todo caso.

– Claro, Jack. Faça isso – respondeu, saudando-o. – Nós nos vemos por aí – disse e, sem mais nem uma palavra, deu as costas e deixou Jack sozinho com a balbúrdia do Circo de Satã.

Enquanto caminhava, o trem elevado rebombava acima da sua cabeça, cuspidendo fumaça de carvão ao se dirigir ao destino final, para então a cidade ficar em silêncio. As calçadas lotadas deram lugar a ruas repletas de serenas casas geminadas. Naquele silêncio, Harte sentiu um arrepio e teve certeza de que algum tipo de perigo o perseguia.

Manteve o passo e virou à direita, indo pela rua que terminava na Madison Square. Escondeu-se no silêncio dos jardins e esperou.

Não demorou muito para que visse seu perseguidor nos portões do parque. Harte o reconheceu imediatamente. Xingando-o entredentes, pensou em suas opções. Por fim, decidiu que uma abordagem direta era a melhor coisa a fazer.

– Por que você está me seguindo, Nibsy? – perguntou, saindo das sombras.

As lentes dos óculos do rapaz brilhavam à luz da lua.

– Harte Darrigan? É você? – falou Nibs, como se não o tivesse seguido aquele tempo todo. Como se fosse uma surpresa dar de cara com um velho amigo em um parque vazio na calada da noite.

– Você sabe muito bem que sou eu. Veio me seguindo nas últimas três quadras – respondeu Harte. E foi na direção do rapaz até quase se encostarem. – Você também estava no Haymarket? – indagou, imaginando se a sensação de desconforto que o fizera levantar poderia ter vindo, afinal, de Nibsy e não da garota.

– No Haymarket?

O rapaz parecia confuso, mas Darrigan não acreditou naquela encenação nem por um segundo. As pessoas tinham uma tendência a subestimar Nibsy Lorcan porque ele não tinha uma afinidade clara. Mas, até aí, Harte também não tinha. Nibs escondia bem seus segredos, mas Harte sabia que, para Dolph Saunders confiar tanto em alguém, como confiava naquele garoto, essa pessoa devia ter algo de especial. Poderia ser muito fácil descobrir o que era, mas Nibsy tinha um jeito de se manter fora de alcance. Um mecanismo de defesa, supunha Harte. E um mecanismo de defesa que, pelo visto, funcionava muito bem.

Mesmo ali, naquela situação, Nibsy se defendeu.

– Nem tente dizer que você não sabia que eu estava no Haymarket – disse Harte, cansado demais para lidar com mais alguma coisa naquela noite.

Por trás dos óculos, os olhos do rapaz eram indecifráveis. Mas Harte teve a impressão de que estavam absorvendo tudo.

– É, você me pegou – respondeu Nibsy, com um tom afável. – Bridget me contou que você se encontrou com Jack Grew.

Então, os dois estavam finalmente se entendendo. Nova York podia ser uma das

maiores cidades do mundo, mas Harte deveria saber que não podia fazer nada sem que alguém ficasse sabendo.

– Sim, eu me encontrei com ele mesmo. Com Vanderbilt, Chandler e mais dois. E desde quando isso é da sua conta? E por que você estava esperando por mim?

– Precisava falar com você. Não me deixam mais entrar no camarim – respondeu, com um tom de reprovação.

– É uma nova regra – falou Harte, faltando com a verdade. E a verdade é que era uma nova regra que *ele* havia criado. Há algumas semanas, Nibsy começara a aparecer e a importuná-lo com a proposta de Dolph. A situação foi se tornando tão incômoda que Harte nem conseguia pensar direito, muito menos se concentrar para fazer o *show*.

Além disso, ele tinha os seus planos, e não podia correr o risco de Nibsy se encontrar com Jack.

O rapaz franziu a testa, como se entendesse que aquilo não era exatamente uma mentira, mas que também não era verdade. E era isso que fazia Harte se preocupar em relação ao garoto: ele sempre parecia saber um pouco demais quando, na verdade, não deveria saber nada.

– O fato de você ter encontrado Jack Grew significa que você pensou na proposta de Dolph?

– De jeito nenhum – respondeu Darrigan, sacudindo a cabeça.

Na verdade, tinha feito quase nada *senão* pensar na proposta de Dolph. Era esse o motivo para estar se aproximando de Jack. Harte não ia se juntar à gangue maltrapilha que Dolph Saunders estava formando. Já tinha trabalhado para os outros o suficiente por uma vida inteira. Mas pensou muito no *porquê* de Dolph estar reunindo aquelas pessoas. E em como ele poderia realizar o mesmo roubo, só que melhor, e sozinho.

– Dolph ainda quer muito que você participe – disse Nibsy, esfregando as mãos para se aquecer. – Precisa que você dê uma resposta positiva.

Harte gostava de teatro como qualquer um, mas não estava acreditado na encenação de humildade e modéstia que Nibs estava fazendo para ele.

– E por que isso? Até onde eu sei, Dolph não precisa de ninguém com talento artístico. E eu só sei fazer coelhos sumirem.

Nibsy não esboçou reação nem desmascarou a mentira de Harte, o que o fez se perguntar o quanto Dolph contara a seu respeito para o rapaz.

– Dolph ainda acha que você é nossa porta de entrada. Com você na equipe, esse assalto será uma aposta garantida – respondeu Nibsy, abaixando a cabeça para olhar por cima da armação dos óculos. – Você tem que, pelo menos, pensar a respeito.

– Tive um dia longo, Nibs. Fiz duas apresentações hoje e tenho mais três amanhã. Só consigo pensar na sensação da minha cama, quando eu finalmente conseguir afundar nela – falou Harte, dando um tapinha no ombro do rapaz e apertando-o de leve. Não era culpa do garoto Dolph fazê-lo passar por aquilo, mas Harte não tinha

coração mole a ponto de se importar com ele. – Cuide-se e pare de me seguir, sim? – completou, ao passar por Nibs.

– Então, o que eu digo para Dolph? – gritou o garoto.

Harte se virou e deu alguns passos para trás.

– Fale que ainda não tenho interesse nessa missão suicida que ele inventou.

Ainda mais quando tinha seus próprios planos.

Haymarket

A primeira coisa que Esta notou quando recuperou os sentidos foi que não estava sozinha. A cabeça ainda doía por causa da pancada, e ela estava jogada contra uma parede úmida, que tinha cheiro de bolor e coisa velha, como costumam ter os porões.

Manteve a respiração constante, o corpo parado, e foi descendo a mão devagar até a perna. Seus dedos acabaram encontrando o começo da bota, mas o canivete de Dakari havia sumido.

De uma vez só, o ar saiu dos seus pulmões. Os seus olhos se abriram, e o peito ficou apertado, em uma tentativa desesperada de respirar.

– Ah, então eu tinha razão – grasnou uma voz cavernosa. – Você está *mesmo* acordada.

Esta teve dificuldade de ajustar a visão à claridade repentina e, quando conseguiu, notou que a luz no recinto não vinha de uma lâmpada, mas de uma pessoa que segurava uma chama bruxuleante na palma da mão.

– Já chega, Werner – disse a mulher, fazendo sinal com a cabeça para o rapaz que estava ao seu lado, que olhou feio para Esta. Um instante depois, ela conseguiu respirar de novo.

– Você deve estar se perguntando onde está – disse a mulher, dando um sorriso maldoso e satisfeito. Era pequena e surpreendentemente longilínea, considerando o cavernoso tom de tenor. Com cabelo acobreado e pele muito clara, devia ter sido bonita um dia, mas agora parecia apenas acabada. O menino tinha mais ou menos a mesma idade de Esta, era estrábico, e tinha um sorriso de desdém nos lábios.

Esta não ligava muito para onde estava, porque não ficaria ali por muito tempo. Concentrou-se nos segundos que passavam, mas a cabeça estava zonz e confusa. Quando tentou diminuir a velocidade do tempo, sentiu uma dor lancinante atrás dos olhos. Não conseguiu conter o suspiro de pânico, que escapou da garganta quando o tempo se esvaiu pelos seus dedos, fugindo dela.

– É efeito do ópio – disse a mulher, quando Esta tentou se encostar de novo na parede. – Não poderíamos permitir que você fosse embora tão cedo, não é mesmo? Você verá que é impossível invocar sua afinidade enquanto a droga estiver no seu sangue. Então, é melhor se contentar em ser nossa hóspede por mais um tempinho. Até decidirmos qual será seu destino.

– Por favor – suplicou Esta, obrigando-se a falar baixo. Tinha notado algo doce e pegajoso no ar e sentia tonturas.

– Você me causou um problema e tanto, menina – interrompeu a mulher, quase

sussurrando. – O homem que você derrubou é o senhor Murphy, que, por acaso, é um dos melhores clientes do senhor Corey, e um dos homens mais poderosos desta cidade. Poucas pessoas são burras o bastante para irritá-lo como você fez. Ele não vai descansar enquanto não encontrar a garota que quebrou aquele nariz horroroso dele e não ficará satisfeito enquanto não pagar essa pessoa na mesma moeda. E essa pessoa não serei eu. O senhor Murphy é muito malvado. Do tipo que se deleita com cada segundo de dor, se é que você me entende.

Esta não se mexeu, mas a mulher esboçou um sorriso mesmo assim.

– Ah... Quer dizer que você me entende – continuou. O sorriso sumiu dos seus lábios, e, nos olhos, apareceu uma expressão de frieza. – Então, também vai entender que não tem muito tempo até o senhor Corey lhe entregar para o senhor Murphy. A menos que você me dê um bom motivo para ele não fazer isso, é claro.

Esta tentou controlar sua expressão para não deixar transparecer nada. Nem uma piscadela que denunciasse à mulher que a ideia de ficar à mercê daquele homem corpulento era mais do que repulsiva. Nem uma contração de músculo que delatasse o pânico que sentia por não conseguir invocar sua magia.

– Você se acha muito corajosa, não? Acha que pode se proteger de gente dessa laia? – debochou a mulher. – Veja, permita que eu lhe mostre...

O fogo que estava na palma da sua mão estendida aumentou, bruxuleou, e ela trouxe a chama mais para perto do rosto e, com a outra mão, abaixou a gola alta do vestido. Por baixo da renda, sua pele era cheia de cicatrizes, toda enrugada.

Esta não conseguiu se controlar e se encolheu toda.

– Eu já fui bonita como você. Pode continuar por aí, com o seu olhar determinado e a coluna ereta, mas até a mais forte das colunas quebra com facilidade sob a pressão de uma bota. Murphy tem olhos por toda a cidade. Com ou sem magia, você não vai durar dois dias sem ajuda ou proteção.

– A senhora pode me proteger de Murphy?

A mulher balançou a cabeça.

– Se valer a pena para mim. Você causou uma bela confusão para o senhor Corey, e as confusões de Corey sempre acabam sobrando para mim. Ele odeia confusão, menina. Então, se você não valer mais do que o problema que causou, entregarei você para o senhor Murphy enrolada em renda, com um laço da mais fina das sedas. E não vou me preocupar nem um pouco se voltará a ver a luz do dia ou não.

Esta começou a protestar, mas a mulher levantou a mão. Não havia sinais de queimadura nem cicatrizes onde ela segurava o fogo, e a pele de Esta voltou a formigar por causa da magia que saturava o ar do recinto.

– Contudo... Murphy não é um de *nós*. E prefiro que ele seja enforcado a ter uma gota de prazer pelo qual não tenha me pagado. Se você se mostrar uma garota inteligente, *talvez* eu conheça alguém que possa lhe proteger... enquanto você *continuar* sendo útil, quer dizer. – A mulher chegou mais perto e perguntou: – Diga, por que você veio parar no meu salão, se é óbvio que não estava procurando a

companhia de um homem?

– Vim procurar Bridget Malone.

A mulher não reagiu, a não ser pela contração de um pequeno músculo perto do olho. Examinou Esta por mais alguns instantes e depois trocou olhares com Werner, que encolheu os ombros sutilmente.

– Você disse Bridget Malone? – indagou a mulher. A voz dela, se é que isso era possível, ficara ainda mais rouca.

– Ouvi dizer que ela encontra um lugar para pessoas com certas... habilidades – respondeu Esta, sem deixar nem por um segundo de olhar a mulher nos olhos. “Pessoas como nós.”

– E quais são as *habilidades* que você julga possuir?

Esta tentou se concentrar novamente. A nuvem de ópio estava começando a se dissipar, e seu poder sobre ela estava enfraquecendo.

– Sei roubar – disse, apenas, tentando não se afastar da verdade.

– Roubar? – repetiu a mulher. Mesmo com a rouquidão, Esta pôde distinguir o tom de dúvida na voz. – Tem tanto ladrão nessa cidade que dá para encher três vezes as celas das Tumbas. Por que alguém precisaria de mais um?

– Porque eu sou a melhor. Posso roubar de diamantes a elefantes, e tudo mais que houver. Não há quem possa me deter... – respondeu Esta. Então, se inclinou para a frente, como se fosse confidenciar um segredo. – ... porque ninguém consegue me *ver*.

Werner deu risada, mas a mulher apenas ficou olhando para Esta, procurando sinais de mentira no rosto da garota.

Em seguida, retorceu os lábios, em uma expressão incrédula.

– Você tem como provar?

Esta respirou fundo, fechou os olhos e, na fração de segundo em que Werner e a mulher voltaram a trocar olhares desconfiados, ela fez o tempo parar, atravessou o cômodo e tirou o broche da gola do vestido da mulher. Antes que voltasse os olhos suspeitosos para o lugar onde Esta estivera, a menina já havia sumido.

Quando Werner passou correndo pela porta, com a mulher de olhos arregalados atrás dele, Esta estava esperando, encostada na parede, fora do cômodo, com uma expressão de tédio. Usar a afinidade ainda sob o efeito do ópio a tinha exaurido. Não poderia ter feito mais nada para fugir, mesmo se quisesse. Mesmo que Werner não a tivesse atacado imediatamente.

No instante em que o menino a viu, Esta sentiu um aperto no peito, e a garganta se fechou. Mas, dessa vez, ela estava preparada para a sensação perturbadora de sufocamento. Jamais sentira uma magia tão poderosa, o que era bem preocupante. Mas o pior é que, pelo jeito que obedecia às ordens da mulher, o garoto nem devia ser *tão* poderoso assim, em comparação com os demais. O Professor Lachlan tentara alertá-la. Mas foi naquele momento que Esta entendeu: a magia era *mesmo* diferente ali. Muito diferente de tudo o que ela havia vivenciado.

Só que não tinha tempo para se preocupar com isso. Se aqueles dois soubessem que lhe restavam poucas forças, Esta perderia a vantagem. Por isso, fingiu ter uma calma e uma confiança que não sentia. Quando a mulher percebeu que ela não tinha fugido – sequer tentara escapar –, deu um tapa no braço de Werner. Em um piscar de olhos, Esta conseguiu inspirar de novo.

– Belo truque – disse a mulher. A expressão dela não demonstrava nem uma gota de surpresa, de raiva, sequer de interesse. – Mas você não teria ido muito longe. Não com o senhor Murphy no seu encalço.

– Quem disse que eu estava tentando fugir? – retrucou Esta, estendendo o broche para que as pedras falsas brilhassem na luz que vinha da bola de fogo na mão da mulher. – Estava apenas provando como posso ser útil. Além disso, por que eu fugiria exatamente da pessoa que estou procurando? Senhorita Malone, creio eu?

A mulher ficou um pouco pálida, mas conseguiu manter a compostura. Estendeu a mão e pegou o broche que Esta segurava.

– Por favor – disse a garota. – Preciso de um lugar para ficar. Sou muito trabalhadora e serei leal a qualquer um que me ajudar.

– Essa cidade não precisa de mais ladrões.

– Garanto que vai valer a pena.

Esta passou a mão pelo corpete do vestido até encontrar um pequeno bolso escondido no forro. Aliviada por ele não ter sido encontrado, como acontecera com o canivete, tirou o diamante que roubara na mansão Schwab.

– Tome – disse, oferecendo a pedra para Bridget. – É tudo o que tenho.

Depois de um bom tempo, Bridget pegou a pedra e a examinou, então olhou para Esta de novo e enfiou o diamante no bolso.

– Talvez eu conheça um lugar aonde você pode ir... Onde está sua família?

Esta foi tomada pelo alívio, mas se controlou. Ainda era cedo demais para comemorar.

– Morreu. Houve um incêndio...

A menina fez com que a voz falhasse de propósito e olhou para longe, para complementar a mentira.

Werner foi de um pé para o outro, incomodado, ao ouvir aquela palavra. Não restava dúvidas de que ele tinha as próprias experiências com os incêndios, que, na época, eram tão comuns na cidade. Esta aprendera com o Professor Lachlan sobre os incêndios “acidentais” que consumiam prédios inteiros cheios de Mageus refugiados, enquanto as brigadas de incêndio – controladas pela Ordem e dependentes dela – não tomavam nenhuma providência.

Bridget espremeu os olhos e perguntou:

– Ninguém virá procurar você?

– Ninguém a não ser o senhor Murphy.

No longo tempo que transcorreu, Esta precisou de todas as suas forças para não desistir. Se Bridget se recusasse a ajudá-la, não sabia o que iria fazer. O plano do

Professor dependia de Esta se expor e de a mulher se interessar pelo talento dela, mas não estava nos planos dos dois a menina se tornar inimiga de Bridget. Se a cafetina lhe desse as costas – ou, pior ainda, a entregasse para Murphy –, Esta já teria usado todas as suas forças na tentativa desesperada de provar seu valor. Não tinha mais nada a oferecer, nem mesmo o diamante. E, se a drogassem de novo, estaria mais do que perdida.

– Como você sabia quem eu era? – perguntou Bridget.

– Sei muito bem reconhecer uma – explicou, dando de ombros. – Um bom ladrão sabe reconhecer uma vítima.

Os traços de Bridget registraram o entendimento do que as palavras de Esta davam a entender – que *ela* era a vítima –, mas a mulher não respondeu ao insulto.

– Você hesitou quando eu disse seu nome.

Bridget franziu a testa.

– Eu não...

– Não muito. E aí percebi que um músculo do seu rosto se mexeu muito sutilmente. Se eu não estivesse prestando atenção, jamais teria percebido.

Convenientemente, Esta não mencionou o fato de que estava sempre prestando atenção, sempre alerta. O Professor Lachlan a treinara bem demais.

Bridget apertou os lábios. Em seguida, disse para Werner:

– Leve-a até Dolph Saunders. Ele deve estar no Strega a essa hora.

Ao ouvir aquele nome, Esta teve uma sensação de vitória, mas a ignorou. Não ia pôr o carro na frente dos bois. Ainda não.

– Por favor... – falou, hesitando um pouco quando Bridget espremeu os olhos. – Você pode devolver meu canivete?

– Que canivete? – perguntou Bridget, com o rosto impassível.

– O que estava dentro da minha bota. O que você pegou.

A expressão de Bridget não se alterou.

– Depois de eu salvar você do senhor Corey, depois de eu lhe oferecer ajuda para encontrar quem a proteja, você ainda me acusa de roubo?

Esta olhou nos olhos firmes de Bridget e pesou as opções. Precisava do canivete – da segurança e da tranquilidade que o objeto representava, o fato de ser uma ligação com seu próprio tempo. Mas também precisava que Bridget Malone a apresentasse para Dolph Saunders.

“Dakari vai entender”, pensou.

Voltaria ali depois. Teria muito tempo para recuperar o canivete.

Quando percebeu que Esta não iria mais argumentar, Bridget lançou um olhar presunçoso para a menina e se dirigiu a Werner novamente.

– Se Saunders não ficar satisfeito com as habilidades dela, traga-a de volta, que a entregaremos para o senhor Corey – disse. Então, olhou para Esta, com uma expressão de advertência. – E, se ela tentar fazer qualquer coisa, mate-a.

UMA NOVA ERA

Docas

Jack Grew fechou os olhos para tentar fazer com que sua cabeça latejasse menos enquanto a carruagem sacolejava. Talvez aquela última rodada de drinques tivesse sido um erro. Na verdade, a noite inteira fora um erro, do começo ao fim... Só a parte do rabo de saia, que acabou fugindo com o conteúdo da sua carteira, tinha valido a pena, pensou, dando um leve sorriso. E a garota nem levava muito. Ele sabia que não devia ir com a carteira recheada a um lugar como o Haymarket, não importasse o que o resto da família pensasse dele atualmente.

Jack mostraria a eles o quanto estavam enganados, uma hora ou outra. Era apenas uma questão de tempo até o projeto ficar pronto. E, então, seu tio e seus primos e todos os demais esqueceriam daquele incidente desagradável na Grécia, com a garota, e reconheceriam o valor da sua visão. Cairia de novo nas boas graças da Ordem, e não teriam escolha a não ser voltar a tratá-lo com o respeito que merecia.

Além disso, Grew nem teria se casado *de verdade* com a garota. Ela o enfeitiçara. Enganara Jack com seu poder.

E, então, a moça fugiu com o anel da avó de Jack, provando que a família inteira – incluindo Júnior – tinha razão. Algo que, na verdade, era o único pecado da filha do pescador que Jack jamais perdoaria.

Na maior parte dos dias, Jack tentava não pensar na garota – nem em toda aquela confusão. Mas, à medida que a carruagem sacolejava, não conseguia controlar o rumo que seus pensamentos tomavam. Talvez fosse por causa da última rodada de uísque. Ou talvez pelo desastre que a noite havia sido, como um todo. Mas a lembrança dos seus erros o chamava, e Jack não conseguia fazer nada além de chafurdar no passado.

Fora viajar tão ingênuo, tão cheio de expectativas. Pensou que descobriria grandes segredos nas bibliotecas e nos laboratórios célebres da Europa, para ajudar na obra da Ordem. Mas, em vez disso, encontrara uma garota.

Ela o fizera acreditar que era diferente das outras. Por um tempo, Jack caiu no sol do seu sorriso e na promessa reluzente dos seus olhos, e começou a pensar que, talvez, a Ordem tivesse entendido mal a ameaça que os Mageus representavam para o país. Mas, no final das contas, a filha do pescador se revelou uma facínora, uma criminosa como todos os demais. No final das contas, a traição que cometeu provou que a Ordem tivera razão o tempo todo. Se não fossem controladas, as pessoas que possuíam a antiga magia tirariam vantagem das pessoas boas, das pessoas *normais*. Se pudessem ser livres, destruiriam tudo o que cruzasse seu caminho.

“Mas, céus, como ela era linda. Com curvas nos lugares certos e uma boca...”

A carruagem parou de chofre, e Jack se segurou para não cair para a frente. Aquela última rodada, *definitivamente*, fora um erro.

– Espere por mim – ordenou ao cocheiro, quando ele parou completamente. – Só vou levar um minuto.

Apesar do frio, o ar cheirava a peixe e tinha um odor metálico de óleo e máquinas. Como o vento batia mais forte ali, perto da água, Jack levantou a gola de pele para se proteger do ar gelado e foi caminhando em direção ao seu destino, uma construção comprida e baixa, que quase não se distinguia das demais. Pôs sua chave no cadeado pesado e entrou.

Lá dentro não estava muito mais quente, mas havia um pequeno aquecedor aceso no canto, onde um velho estava sentado, curvado sobre o trabalho e de costas para a entrada. Faíscas de um soldador voavam à sua volta, conferindo-lhe uma silhueta que lembrava uma gárgula, só que de carne e osso. Quando o homem ouviu a porta bater, desligou o soldador e se virou para cumprimentar Jack.

– Como está ficando? – perguntou Jack.

O homem levantou a pesada máscara de proteção, revelando um rosto envelhecido pelo tempo e marcado por cicatrizes de algum contratempo anterior.

– Ficando – respondeu, dando os ombros.

– Quanto falta?

O homem pensou e respondeu:

– Uma semana, talvez mais. Mas o senhor precisa encontrar um modo de estabilizar o poder que isso gera antes de estar funcionando de verdade.

Jack franziu a testa. Uma semana não era muito, e o Conclave só ocorreria no final do ano. Ainda dava tempo de consertar. Mesmo assim, com os fracassos daquela noite ainda frescos na memória, foi atacado pela impaciência.

– Vamos ver como ela funciona.

O velho fez uma careta.

– Ainda não conectei os receptores. Não vai acumular carga suficiente...

– Isso não tem importância. Quero ver o progresso.

Jack foi até o centro do recinto, onde havia um grande objeto coberto por um pano. Pegou uma das pontas e puxou o tecido, imaginando-se no momento, que não demoraria muito a chegar, em que repetiria o mesmo gesto, revelando sua criação, seu maior triunfo, para a Ordem. Então, ninguém mais daria risada dele.

Uma grande máquina brilhava, inerte, à luz tremeluzente do lampião a óleo. Largos braços orbitais rodeavam o globo central, como um imenso giroscópio. E como em um giroscópio, ajudariam a equilibrá-la.

O corpo ainda não estava completo: havia plugues e fios desconectados brotando dos painéis que faltavam. Mas, uma hora, os mecanismos internos da máquina seriam cobertos com um elegante aço polido. Uma bela máquina para uma nova era. Uma era moderna, livre da ameaça da magia selvagem e descontrolada dos Mageus.

Jack pensara em trazer Harte Darrigan com ele aquela noite para lhe mostrar o progresso que fizera. Tinha a sensação de que Darrigan entenderia e até ficaria impressionado pelo que ele conseguira realizar em tão pouco tempo.

Só que ainda não era o suficiente. Jack ainda não conseguira descobrir como fazer para conter a energia que a máquina gerava. A Beira poderia fazê-lo, mas era uma magia tão velha e ultrapassada... Se ao menos conseguisse descobrir *como* a Beira fazia aquilo, resolveria seu problema, poderia aplicar os velhos métodos ao seu novo projeto.

A Ordem, no entanto, não revelava seus segredos, nem mesmo para os próprios membros. Até que Jack conseguisse provar seu valor, não o deixariam entrar no *Mysterium* para procurar as respostas que precisava encontrar. Teria que descobri-las sozinho.

Jack achava que Harte podia ajudá-lo. Considerando os incríveis feitos que o vira fazer no palco – coisas que apenas alguém com profundo conhecimento de como funcionava a magia era capaz de fazer –, o homem devia saber algo que pudesse ajudá-lo a resolver esse último enigma.

E Harte entendia a importância de ter uma plateia. De um pouco de drama. Era disso que a *Ortus Aurea* precisava: segredos e pequenos ataques não eram suficientes. Não mais. Muito menos com aquelas hordas que não paravam de crescer e de chegar ao seu território, trazendo *Mageus* escondidos entre elas.

O que era necessário para aquele novo século, em primeiro lugar, era uma demonstração de poder que impedisse que os vermes enxergassem a cidade como um paraíso para sua magia selvagem. Chega de simplesmente conter a ameaça. Chega de tentar mantê-los fora dali. Era óbvio que a experiência da quarentena para os imigrantes em Ellis Island fora um fracasso. Apesar das inspeções, *Mageus* ainda entravam no país.

Não. Eles precisavam ser eliminados.

Jack tinha a impressão de que Harte também entenderia isso, mas o primo assustara o ilusionista.

“Júnior sempre foi uma verdadeira aporrinhção”, pensou ele, com amargura. Tão cheio de si, julgando-se tão importante...

– Ande logo – disse para o velho. – Ligue os fios.

Jack andou em volta da máquina, admirando o trabalho em metal e sua modernidade. Se ela funcionasse – e, uma hora ou outra, *funcionaria*, não tinha dúvidas – tudo mudaria. Mostraria a todos eles, e então seria o homem que lideraria a Ordem rumo ao futuro.

O BELLA STREGA

Enquanto Werner levava Esta para o sul da cidade, o vento a açoitava como se muitas facas rasgassem suas saias, mas ela mal sentia. Bridget ordenara que o menino a levasse até Dolph Saunders, ou seja: Esta tinha dado mais um passo em direção ao seu objetivo.

Não havia muitos sinais de Saunders nos documentos históricos: uma anotação em um diário aqui, um recorte de jornal ali. Apenas boatos sussurrados que tinham sobrevivido ao longo dos anos. Ele era descrito como um fantasma. Um louco. Um gênio. E, em algum momento, simplesmente sumiu.

Ao contrário dos demais líderes de gangue, que só tinham interesse em se afiliar aos seus contrterrâneos, usando a ligação com a pátria natal para recrutar membros, Saunders colecionava Mageus como certas pessoas colecionam moedas antigas. Só que nada nos registros chegava a explicar o fato de ele ter conseguido reunir tantas pessoas díspares sob sua proteção e seu controle. Indivíduos que, por direito, deveriam ser inimigos.

Resumindo, Dolph Saunders foi tão poderoso quanto misterioso. Mas, seja lá o que tenha sido – “ou *seja*”, lembrou Esta –, a menina precisava dele. Foi ele quem organizou a equipe para roubar os tesouros da Ortus Aurea. Com Bridget Malone a apresentando, era mais provável que Dolph Saunders confiasse em Esta. Então, a partir daí, seria responsabilidade dela conquistar um lugar na equipe. A partir daí, trabalharia às cegas.

Os dois continuaram passando por teatros com letreiros iluminados e restaurantes que levavam o nome em letras douradas, na fachada de vidro. À medida que caminhavam, Esta podia ver os ecos de um futuro que ainda não chegara – a distribuição das ruas continuaria a mesma através dos anos, a silhueta conhecida de algumas construções só mudariam dali a um século –, mas não era um futuro que Esta pudesse ter acesso. Não era mais capaz de esticar o braço, atravessando as camadas de tempo, e agarrar o mundo ao qual pertencia.

Enquanto caminhavam, a postura de Werner mudou. O andar descontraído e ligeiro que tinha quando saíram do Haymarket, ficou duro, cauteloso. Quando viraram na Bowery – a rua larga que brilhava ainda mais do que a Broadway –, a postura dele como um todo denunciava que o menino levantara a guarda. O que fez Esta levantar a guarda também.

Mesmo no tempo de Esta, a Bowery era tomada por prédios mais baixos, característicos da Lower Manhattan. Naquele momento, trilhos elevados do que seria o metrô os eclipsavam parcialmente, lançando sombras sobre as pessoas que se movimentavam nas calçadas lotadas abaixo deles. Enquanto Werner a guiava no

meio da multidão, o ronco quase ensurdecedor de um pequeno motor a vapor sacudiu as pesadas plataformas de metal, derramando fuligem nos pedestres e tomando conta do ar com uma nuvem de fumaça ácida.

Os dois desviaram de um grupo de pessoas reunido ao redor de uma mesa improvisada, feita com caixotes de madeira, debaixo do lume de um lampião público. Por trás dos caixotes, um menino usando um cachecol grosso e luvas sem dedo embaralhava cartas com a destreza de um crupiê de Las Vegas. “O golpe das três cartas”, entendeu Esta, e não pôde deixar de sorrir quando viu outro menino se movimentando no meio das pessoas, roubando moedas e relógios dos espectadores, que prestavam atenção ao trouxa que perdia dinheiro para a mesa.

Os dedos de Esta coçaram. Seria tão fácil ganhar a vida sem as inúmeras câmeras que vigiavam cada esquina e as carteiras cheias de cartões de plástico rastreáveis. Se ficasse presa ali para sempre, talvez pudesse ficar bem...

“Não.” Esta não se permitiria sequer pensar nessa possibilidade. Entraria para a equipe de Dolph Saunders, roubaria o Livro e a Chave de Ishtar, depois voltaria para a sua própria cidade. Não seria distraída pela promessa de uma carteira bem recheada. Havia outras pessoas que dependiam dela.

Uma hora, chegaram a uma taberna de esquina, com um letreiro ornamentado. Luzes brilhantes vermelhas e brancas delineavam as palavras “Bella Strega”, e o cartaz acima das letras retratava uma mulher vestida de preto, com uma cinturinha de vespa e um longo cabelo negro. Estava de costas para a rua, olhando para trás, com um brilho nos olhos dourados e um sorriso nos lábios escarlates.

– É aqui – disse Werner.

Esta pensou que, pelo tom de voz, ele parecia muito nervoso de ter que entrar ali.

Passou pelas portas duplas, atrás do menino, e quase suspirou quando a onda de calor que havia lá dentro atingiu seu rosto gelado. Uma pesada fumaça de charuto tomava conta do ar, e o cheiro de suor e cerveja velha era mais forte do que no Haymarket.

Além do fedor azedo de corpos demais no mesmo lugar e da nuvem de fumaça, tinha algo mais naquela taberna: um *frisson* de energia que soprava a superfície da pele de Esta, aquecendo cada centímetro do seu corpo, tanto quanto o aquecedor a carvão que estava em um dos cantos. Era a mesma sensação escaldante que tivera antes de Werner expulsar o ar dos seus pulmões. Mais um sinal de que, naquele tempo, a magia era diferente. Na sua própria cidade, Esta jamais deparara com uma magia como aquela, com afinidades tão fortes que modificavam o ar.

A energia eletrizante era uma espécie de advertência, mas o calor que percorria sua pele também era um conforto. Esta sempre tivera dificuldade de se sentir parte da equipe do Professor Lachlan, mas, ao entrar no covil de Dolph Saunders, se sentiu estranhamente em casa.

Werner puxou Esta para a frente dele, em direção aos fundos da taberna, onde um homem que só podia ser Dolph Saunders estava cercado de pessoas. Era mais novo

do que Esta imaginara: devia ter vinte e poucos anos, mas o cabelo preto tinha uma mecha branca que o fazia parecer mais velho, à primeira vista.

Ou, talvez, fosse a maneira que exercia a autoridade, com uma segurança que os meninos empetecados à sua volta não tinham. Dolph vestia uma roupa simples, com as mangas da camisa dobradas, deixando à mostra os braços fortes. Um deles trazia uma tatuagem de cobra em volta do pulso, que subia pelo braço. O cabelo não estava lambido para trás como o dos outros rapazes, mas caído em volta do seu rosto magro. E usava um tapa-olho que o fazia parecer um pirata. Em cima da mesa, à sua frente, havia uma bengala de ébano com o que parecia ser uma réplica da Medusa, feita de prata.

Não era um homem bonito. Não tinha o charme elegante que Logan cultivava para desarmar as vítimas. Mas, mesmo do outro lado do salão, Esta podia perceber que Dolph Saunders não deixava algo tão ordinário quanto o charme atrapalhar seu caminho.

– Ande logo – disse Werner, empurrando Esta na direção daquele grupo de pessoas.

Esta não pôde deixar de perceber o tom de nervosismo na voz de Werner, e não o condenou por isso. Apesar de Dolph estar sentado com uma indiferença desleixada, o poder que exercia no recinto ficava óbvio, pelo modo como todo mundo parecia atraído por ele. Mesmo quem não estava sentado à sua mesa lançava olhares furtivos em sua direção.

Ao notar que alguém se aproximava, Saunders parou de conversar com o menino de cabelos claros que estava sentado ao seu lado e levantou o rosto. O olho que não estava tapado era de um azul límpido. À medida que os dois foram se aproximando, a expressão dele ficou séria. Os instintos de Esta a instigavam a fugir, mas ela sabia que não teria uma segunda chance e foi em frente. Na direção do perigo que aquele homem personificava, na direção de sua única possibilidade de voltar para casa.

AMBIÇÃO E DESEJO

Dolph Saunders nunca gostou de surpresas. Dava muito valor aos olhos e ouvidos que tinha pela cidade, e pagava bem pelos lábios que lhe sussurravam segredos que muitos gostariam de manter escondidos. Então, não ficou nem um pouco contente quando viu Werner Knopf, o mais novo lacaios de Corey, entrar no seu salão sem sequer ter sido avisado.

Dolph olhou para Nibsy, que estava sentado ao seu lado, mas o rapaz sacudiu a cabeça, indicando que não sabia o motivo da visita.

Alguém ia pagar por aquela surpresa. Principalmente porque Werner não estava sozinho.

Dolph espremeu os olhos, em meio à fumaça, para ver melhor o rosto da garota. Mesmo com a afinidade enfraquecida, pôde sentir que ela era poderosa. “Outra surpresa desagradável.” Era a última coisa de que ele precisava. Principalmente agora, que não tinha mais Leena ao seu lado para neutralizar a ameaça da magia da menina, e com os boatos que corriam nas ruas, dizendo que ele não conseguira proteger a amada do poder da Ordem.

Sempre haveria boatos, claro. Os recém-chegados já traziam consigo os medos, passados pelos pais e pelos avós que tinham sobrevivido ao Desencantamento, às caças às bruxas e a inquisições que manchavam a história da Europa. No transcorrer de um século, os Mageus passaram de curandeiros e líderes admirados a seres temidos por aqueles que não tinham nenhuma afinidade. No transcorrer de um século, a ciência e a busca pela luz da razão tinham transformado a antiga magia em uma superstição perigosa, e os Mageus, em párias.

Forçados a viver às margens da sociedade, ensinaram os filhos a esconder quem eram. Os descendentes, desesperados por uma oportunidade de ter uma vida diferente, acreditaram nas histórias que eram contadas sobre aquela cidade, na promessa de que a magia ali era protegida. Carregaram consigo os medos, junto com suas míseras posses, através dos mares, e acabaram encurralados.

A garota era novidade para Dolph, o que significava que também era novidade na cidade, mas ela não parecia ter medo. Não vibrava com a mesma preocupação nem o mesmo temor de ser descoberta que marcava a maioria dos recém-chegados. “Interessante”, pensou ele, procurando no ar algum sinal das suas intenções e encontrando apenas desejo e ambição. Ambas qualidades admiráveis, mas também perigosas, dependendo de quem as detém.

Apertou a bengala e, após se certificar de que uma bela careta estava bem estampada no seu rosto, inclinou-se para a frente e cumprimentou Werner e a convidada.

– Quem é essa? – perguntou ao garoto, em alemão.

– Bridget a encontrou – respondeu Werner, inclinando a cabeça na direção da menina. – Achou que você podia se interessar.

A garota era alta e tinha uma postura ereta, que indicava a força interior que Dolph buscava nos membros do seu bando. Tinha um cabelo castanho, que emoldurava o rosto em formato de coração, e um nariz reto, um pouco comprido demais para ser chamado de delicado, mas que combinava com ela. As sobrancelhas eram escuras, arqueadas sobre os olhos cor de mel, que pareciam saber demais. Mas, ainda assim, eram olhos inocentes. Um ponto contra ela – inocência não valia de nada naquele mundo.

Dolph sinalizou para Werner se aproximar e abaixou a cabeça, de modo que o menino pudesse sussurrar no seu ouvido sobre a garota – sobre como quase matara Charlie Murphy, um integrante de destaque dentro da sociedade política republicana Tammany Hall, muito poderosa na cidade. O próprio prefeito pertencia a ela. Contou que a menina não revelara qual era a sua afinidade, mas que tinha roubado um broche bem debaixo do nariz de Bridget Malone, e que a cafetina mal conseguira levantar um dedo para detê-la. Sequer viu quando a menina o pegou.

Tudo muito interessante. Mas, de novo, perigoso, levando em consideração o estado frágil da afinidade de Dolph nos últimos tempos.

– Você sabe quem eu sou? – perguntou ele, observando cada mínima alteração na expressão dela.

A garota ficou em silêncio por um tempo antes de responder. Mas, quando o fez, seu tom de voz foi claro. Respeitoso, mas não acuado.

– A senhorita. Malone disse que o senhor é alguém que pode me oferecer proteção.

Em outros tempos, ele poderia ler as intenções dela como se fossem um livro aberto. Só que mesmo com a afinidade enfraquecida, conseguia sentir o gosto da mentira nas palavras da menina. Ela sabia exatamente quem ele era, mas não tentaria adulá-lo com elogios exagerados, como muitos o fariam.

– E por que eu perderia tempo fazendo algo do gênero? – perguntou, ficando curioso com o fato de a voz da menina sugerir medo, mas não muito. Ou ela era uma atriz excepcional ou alguém a tinha ensinado a fazer isso – e ensinado muito bem.

– Sou muito trabalhadora. Serei leal ao senhor – insistiu ela.

– Você tem que ser praticamente um milagre, considerando os problemas que pode me causar se eu a acolher. Charlie Murphy não ficará nem um pouco feliz, e a última coisa que quero, neste momento, é o Tammany Hall vindo atrás de mim.

Na verdade, Charles Murphy e toda a sua corja podiam bem ir plantar favas, no que dizia respeito a Dolph. Aqueles pombos empalhados do Tammany pensavam que mandavam na cidade. “Eles que continuem pensando”, Dolph sempre dizia a qualquer um que expressasse preocupação. A verdade sempre apareceria. O Tammany poderia ir atrás de votos e das manufaturas. Ele tinha outros planos.

– Posso lhe ser muito útil – disse a menina, endireitando as costas. Ficou quase da mesma altura de Werner.

– Já tenho mais punhuistas do que preciso – respondeu Dolph, depois de pesar as opções. Olhou para Werner e completou: – Devolva-a para Corey.

– *Não* – falou ela, girando o braço com violência e se soltando de Werner. – O senhor não tem ninguém como eu.

As pessoas que rodeavam Dolph ficaram em silêncio e começaram a prestar atenção na confusão que Esta tinha causado, conseguindo escapar da tentativa de Werner segurá-la de novo.

Dolph levantou a mão, fazendo sinal para o menino esperar, e a garota chegou mais perto da mesa.

– Sou capaz de roubar qualquer coisa – disse ela. – Minhas vítimas nunca me veem chegar nem ir embora. Nunca fui pega. *Nunca*.

Não era preciso usar magia para ver que, desta vez, não havia uma gota de mentira naquelas palavras. Dolph tentou, novamente, sentir o gosto da afinidade dela. Antes daquela noite, lá na ponte, teria sido algo muito fácil, mas não era mais. O salão estava tomado demais de magia para que Dolph conseguisse distinguir o poder da menina dos outros.

– O senhor *precisa* de mim – completou, tirando uma mecha de cabelo da frente dos olhos.

Ele bufou, achando graça. A garota devia saber que ele tinha o poder de destruir tudo o que havia de mais importante, mas, mesmo assim, não tinha medo de Dolph. Que não era um homem fácil de impressionar. Mas Dolph Saunders achou que aquela menina podia ter força de caráter o suficiente para fazer exatamente isso. Talvez, se a situação não fosse tão precária...

Nibsy limpou a garganta.

Dolph franziu a testa com a interrupção. Teria dado uma lição, caso fosse qualquer outra pessoa, mas Nibsy raramente errava em suas intuições. E, naquele instante, examinava a garota, pensativo.

– Você acha que devemos ficar com ela? – perguntou Dolph.

– Que mal há em ver o que ela é capaz de fazer? – respondeu, olhando para Dolph. – A garota pode bem ser útil.

Dolph se virou para ela e disse:

– Duvido que você seja especial. – Uma mentira deslavada, mas era melhor a garota não perceber que ele estava interessado. – Mas... se Bridget acha que você pode ajudar...

Antes que Dolph terminasse de falar, as luzes do bar resplandeceram, brilhando com tanta intensidade que muitas pessoas que estavam bebendo no balcão ou nas mesas espremeram os olhos, para se proteger da claridade. As luzes pulsaram duas vezes, a energia do recinto bruxuleou e crepitou, e então a eletricidade do bar acabou de vez.

A cidade estava acostumada a faltas momentâneas de luz e aos apagões, causados pela expansão da rede elétrica, mas aquilo tinha sido algo além. No mesmo instante em que o recinto foi tomado pela escuridão, Dolph sentiu que a pouca magia que ainda lhe restava desapareceu.

Por um momento, sentiu o choque de ser esvaziado. *Oco*. Como uma morte em vida.

A sensação durou menos de um minuto, mas o terror absoluto que sentiu quando a magia foi momentaneamente arrancada provocou um frio que chegou até os ossos. Mesmo depois de as lâmpadas se acenderem, e o local voltar a ficar iluminado, Dolph sentia um frio na pele, apesar do calor sufocante da taberna.

UM PÉSSIMO NEGÓCIO

Atrás do balcão, Viola Vaccarelli ficou observando as lâmpadas em volta da taberna se acenderem, iluminando as feições apreensivas dos fregueses. Entendeu os olhares nervosos que trocaram entre si, porque também sentira a mesma coisa. O apagão fora algo mais do que inconveniente de sempre.

Dolph cruzou o olhar com ela, do outro lado do salão. E já estava se acotovelando com a multidão inquieta, indo na sua direção.

Apoiando-se no balcão, falou baixo, como se não quisesse que ninguém mais ouvisse:

– Você sentiu isso?

Viola fingiu estar passando pano em um copo, mas balançou sutilmente a cabeça, prestando atenção no salão, procurando sinais de um ataque.

– O que foi aquilo? – murmurou, bem baixo, para os fregueses não ouvirem.

Atrás dela, um homem pediu mais uma bebida, mas Viola o ignorou e pôs um copo na frente de Dolph.

– Não faço ideia.

Mas ela não pôde deixar de perceber o quanto ele apertava a bengala. Desde aquela noite, lá na ponte, a noite em que perderam Leena, Dolph havia mudado. Viola sabia que a perda fora um duro golpe, mas devia haver algo mais para deixá-lo tão diferente. Antes, ele nunca deixava suas preocupações transparecerem. Agora, estava sempre com os nervos à flor da pele.

O freguês começou a assoviar, tentando chamar a atenção de Viola batendo com o copo no balcão.

– Ei! Não está me ouvindo, *puttana*? – gritou.

Dolph olhou para ele e começou a se afastar do balcão, mas Viola bateu no braço dele e sacudiu de leve a cabeça. Ela não precisava que ninguém lhe protegesse, pelo menos não de um *stronzo* bêbado que criava confusão.

– *Scusa* – disse, já tateando as saias e encontrando o conhecido peso da faca que levava escondida ali. – Já volto.

– Tente não matá-lo de um modo muito cruel – falou Dolph, afastando-se dela e dando um sorriso de leve dentro do copo.

Viola fez questão de que o homem estivesse olhando para ela quando abriu um sorriso simpático, bem devagar. O bêbado deu uma cotovelada no freguês que estava ao seu lado, vangloriando-se do seu sucesso, e a garçonete começou a se aproximar. Viola deixou o homem pensar que estava interessada nele, que até achara graça da sua pirraça, e, ainda sorrindo, levantou a faca e, com um gesto rápido, a atirou pelos ares.

O “*tum*” satisfatório que a arma fez ao encontrar um vão no zinco fundido, vibrou por todo o balcão, e Viola não disfarçou a risada ao ver a expressão de surpresa e horror que tomou conta do rosto do homem. Foi até ele bem devagar, para recuperar a faca, e, quando finalmente chegou ao fim do balcão, debruçou-se sobre ele para sussurrar um aviso no ouvido do bêbado.

Quando se afastou, ficando longe do fedor azedo do corpo dele e daquele bafo de cerveja, viu que o rosto do homem estava sem cor. *Va bene*. Que bom.

– Obrigado por não esfaqueá-lo – disse Dolph, com uma pitada de humor na voz, quando Viola voltou.

Ela fez um som gutural de reprovação.

– Você disse que era péssimo negócio matar fregueses, não? – respondeu, seca. Tinha dificuldade de controlar o sotaque italiano quando ficava brava e, por um instante, ouviu a mãe na própria voz e sentiu uma pontada feroz de saudade.

– Agradeço por você se preocupar com os meus lucros – brincou Dolph. – Talvez possa se preocupar também com as minhas posses. Vou precisar pagar para consertar o que você fez com o meu balcão – falou, franzindo a testa, pensativo. – Nem sei se é *possível* consertar a marca que essa sua faca fez nele.

Viola acabou com a preocupação de Dolph.

– Deixe aí, como aviso – respondeu, pegando outro copo para se distrair.

– Talvez eu deixe – disse ele, depois de um instante.

Viola podia praticamente sentir Dolph a observando, como ele fazia com frequência quando queria pressioná-la para se abrir com ele. Mas não tinha nada a dizer. Não ia chorar o leite derramado. Tomara suas decisões e, se tinha algum arrependimento, guardava para o padre McGean.

– Que brincadeira foi essa com as luzes?

Em um primeiro momento, parecia que a voz vinha do nada, mas então Jianyu se materializou ao lado de Dolph, com os cotovelos apoiados no balcão, como se estivesse lá o tempo todo.

“E devia estar mesmo”, pensou Viola, um tanto irritada. A habilidade que Jianyu tinha de desaparecer vinha a calhar quando Dolph precisava descobrir certas coisas, mas era um pouco inconveniente para os demais. No bando de Dolph, era impossível guardar segredos – por mais íntimos que fossem.

Fazia pouco menos de um ano que Jianyu se juntara a eles. Dolph até podia confiar no rapaz, depois de tão pouco tempo, mas Viola ainda se sentia pouco à vontade perto dele. Principalment e quando Jianyu estava com aquela cara mal-humorada.

Dolph abaixou a voz e começou a falar em cantonês, e os dois ficaram conversando por alguns instantes em um tom de voz tenso e baixo, conseguindo deixar Viola de fora. Quando sua frustração – e sua irritação – chegou ao limite, bateu o copo no balcão para chamar a atenção deles, mas os homens estavam envolvidos demais na discussão para notar.

Bem na hora em que Viola se cansou daquilo e ia dizer alguma coisa, a postura de Jianyu mudou.

– Você acha mesmo que pode ter sido coisa da Ordem? – perguntou, com um grave tom de dúvida. – Não faz o estilo deles atacar de um jeito tão direto. Seria correr o risco de afetar não apenas a nossa espécie.

Viola odiava ter que admitir, mas...

– Ele tem razão. A Ordem prefere atacar em segredo.

– Não sei o que mais pode ter sido – admitiu Dolph. – Não andam falando nada pelas ruas?

Jianyu sacudiu a cabeça e respondeu:

– Nem um pio.

– Não gosto nem um pouco disso – falou Viola. – Nada de bom acontece quando os ratos se escondem na toca.

– Concordo – disse Jianyu, lançando um olhar satisfeito para Viola. Então, inclinou a cabeça na direção do outro lado do salão. – Quem é a garota? Vi que entrou com Werner. Parece um gato prestes a dar o bote.

Viola não pôde controlar o sorriso ao se dar conta da pertinência da descrição.

– Foi Bridget quem mandou – respondeu Dolph, matando o que restava da cerveja e devolvendo o copo para Viola. – Disse que é ladra.

– Você já tem muitos ladrões – retrucou Viola, abandonando a ideia com a mesma facilidade que Dolph apresentara.

– Bridget não costuma me fazer perder tempo. Nibs acha que ela pode nos ser útil.

– Você vai testá-la? – perguntou Jianyu.

Dolph apertou os olhos na direção do outro lado do salão, onde estavam Werner e Esta.

– Sim, acho que vou, sim – respondeu. – Os lucros andam meio baixos nos últimos tempos, principalmente depois da última batida. Se ela conseguir trabalhar na Zona Morta sem ser detectada, pode ser um trunfo.

A moça não parecia ser grande coisa. Era alta, sim, e se portava com uma calma que Werner, claramente, não possuía. Mas suas roupas eram finas demais, a pele muito jovem e macia. Era preciso ter força para sobreviver a longo prazo no mundo de Dolph Saunders. E, a julgar pelo que via do outro lado do salão, Viola não tinha certeza se a menina a possuía.

– E se ela não conseguir? – perguntou Viola, quase com pena da garota.

– Não sou eu quem vai sair perdendo, não?

“Não, não mesmo”, pensou Viola. Dolph era bom para seus homens e fazia o que estava ao seu alcance para protegê-los. Certamente, se sentiria culpado se a perdesse, assim como sentia culpa por Spot e Appo... E, certamente, ainda estava de luto por causa de Leena. Mas dava muito valor àqueles que sabiam se cuidar sozinhos.

Nesse sentido, não era muito diferente dos outros líderes de gangue. Na Bowery, nem sempre as coisas são uma questão de bem e mal. Frequentemente, era uma

questão do que cada um conseguia aguentar. O quê – ou quem – está disposto a sacrificar para sobreviver. Essa era uma lição que Viola tinha aprendido muito bem.

Dolph deu um tapinha no ombro de Jianyu.

– Preciso de mais informações. Se foi coisa da Ordem, eles devem estar comemorando. Alguém vai abrir a boca.

Jianyu terminou a bebida e falou:

– Pode deixar comigo, eu mesmo vou procurar saber.

Saunders inclinou a cabeça para Viola, que chegou mais perto.

– Aquela menina... Quero que você fique de olho nela para mim esta noite, viu? Não vamos lhe dar uma segunda chance.

ROUBAR A COTA DA NOITE

Esta, que esperava com Werner, ficou observando Dolph Saunders avançar na sua direção pelo chão coberto de serragem da taberna. Ele mancava, apoiando o peso do corpo na bengala que segurava na mão esquerda, mas a menina não interpretou isso como uma fraqueza. Ainda mais depois de ver que os fregueses abriam caminho para Dolph sem dizer uma palavra.

Muito menos depois de ver que aquelas duas pessoas no balcão seguiam com os olhos cada um de seus movimentos, como se ele fosse o centro do universo delas. A moça atrás do balcão não parecia ser muito mais velha do que Esta, talvez tivesse uns 17 anos. E então havia o rapaz que surgira, ao que parece, do nada. O lugar ao lado de Dolph estava vazio e, num piscar de olhos, ele se materializara.

O garoto tinha cabelo preto, preso em uma longa trança que caía nas suas costas, um penteado antigo que Esta vira em Chinatown, quando roubara o Olho do Dragão. Estava vestido no estilo da época: colete justo e calças mais curtas, mas a camisa era de seda e tinha gola chinesa. Assim como a moça, era óbvio que tinha seus próprios talentos. Mesmo estando do outro lado do salão, Esta podia perceber, pela postura, que o rapaz sentia respeito por Dolph, mas tinha reservas.

– Minhas sinceras desculpas – disse Dolph, voltando ao seu lugar na pequena mesa redonda e fuzilando Esta e Werner com o seu olhar de um olho só.

– As luzes... – disse Werner, nervoso e em alemão, como se não quisesse que Esta entendesse.

– Acontece – respondeu Dolph, cortando o assunto.

Mas Esta entendeu que era uma mentira. O tremeluzir das luzes fora algo mais do que uma simples falta de energia. Não que Dolph Saunders tivesse dado algum sinal visível disso – continuou com a voz calma, a postura casual e quieta –, mas com o incômodo que reinava no salão, o seu silêncio falava mais alto do que qualquer coisa.

Dolph se virou para Esta e voltou a falar no inglês de antes, sem sotaque:

– Resolvi fazer um teste com você.

Ela balançou a cabeça, em sinal de reconhecimento e agradecimento, sem demonstrar, pela expressão, qualquer sinal da sensação de vitória que a invadiu. Tinha dado mais um passo em direção ao seu objetivo.

– Não fique tão convencida. Pelo menos, não ainda – resmungou Dolph. – A noite está devagar, e pelo menos quinze fregueses já foram embora por causa dessa brincadeira das luzes. Não vai chegar mais ninguém a esta altura da noite, até porque a energia ainda não voltou. Se você vai trabalhar para mim, precisa saber, antes de começar, que odeio perder e não suporto desperdício. E esta noite foi as duas coisas:

uma perda de dinheiro e um desperdício do talento dos meus empregados. Corrija isso. Você tem vinte minutos para tornar esta noite lucrativa. – Inclinou-se para a frente, com os olhos brilhando, e completou: – Roube-me a cota da noite, garota.

Esta não conseguiu conter o sorriso. “Roube-me a cota da noite”, como se fosse uma tarefa impossível. Como se ela não tivesse nascido exatamente para isso.

Seus braços e suas pernas podiam estar cansados, e a parte detrás da sua cabeça ainda doía do golpe que levara, mas o sangue estava livre dos efeitos do ópio. Então, sem dizer uma palavra, Esta deu as costas e se perdeu na multidão. Mesmo com a falta de luz elétrica, mal havia espaço para pisar entre homens e mulheres que fitavam, morosos, com olhos vidrados, os próprios copos. Presas fáceis, realmente.

Mas não era esse o tipo de vítima que costumava atrair Esta. Aquelas pessoas tinham certo desespero, um ar de exaustão, esperança e arrependimento, tudo misturado ao calor da magia. Deviam trabalhar muitas horas para conseguir pagar o pouco de relaxamento que uma noite no Strega podia lhes proporcionar. Não podia roubar delas. Nem mesmo por Dolph Saunders.

Além disso, Esta pressentia que não bastaria lhe trazer uma pilha de moedas. Para conquistar respeito e um espaço no seu mundo, seria preciso mais do que dinheiro.

De trás do balcão, a moça a observava, acompanhando-a no meio da multidão, com mudanças de posição muito sutis, sem nunca olhar na direção de Esta. Não restavam dúvidas de que Dolph pedira que ficasse de olho nela... o que lhe deu uma ideia.

Não demorou nem vinte minutos, mas o ópio a havia exaurido mais do que Esta imaginara, e ela precisou de toda a sua energia para dar um salto no tempo sem ser vista e andar pelo salão, escolhendo seus prêmios. Ainda não tinham se passado vinte minutos quando Esta ficou mais uma vez frente a frente com Dolph Saunders.

– Você ainda tem tempo – disse Dolph, mal olhando para ela. – Falei que não tolero desperdício.

Em resposta, Esta atirou uma carteira de couro bem recheada na mesa. O dinheiro saía pelo fecho aberto. Os olhos do homem que estava atrás de Dolph se arregalaram ao reconhecê-la, e ele pôs a mão no casaco, procurando a carteira que estava bem à sua frente.

Dolph ficou observando o homem pegar a carteira e contar as notas que estavam lá dentro. Virou-se, então, para Esta, nem um pouco impressionado.

– Com o resto do tempo, você poderia ter me trazido o dobro disso.

– Só posso lhe trazer o que eles têm e, com esse público, não é muita coisa – respondeu, sem pensar duas vezes. – Se eu roubar tudo, o que vai sobrar para comprarem suas bebidas?

Dolph Saunders franziu a testa, olhou para Werner e disse:

– Diga para Bridget que não dá para aproveitar essa menina.

Esta o ignorou. Mostrou-lhe um disco de metal polido que roubara do cara que aparecera no bar e sentara na mesa. Acontece que ele não era invisível de verdade.

Quando Esta desacelerou o tempo, pôde ver que o rapaz simplesmente manipulava as luzes e as sombras do recinto, curvando-as à sua volta para dar a impressão de que havia desaparecido.

Dolph ficou olhando para o disco.

– Impressionante. Mas, hoje em dia, é possível comprar um desses em qualquer lojinha da Mott Street.

– Mas eu não fui até a Mott Street. Lá se vendem essas aqui também?

Foi quando atirou na mesa uma faca de prata reluzente, de lâmina fina e pontuda, antes que ele terminasse de falar. A arma escorregou pela superfície de madeira toda riscada e parou bem na frente dele, com ponta afiada apontando diretamente para Dolph. O cabo sem revestimento tinha uma série de marcas parecidas com flechas, em “V”, gravadas no metal.

Dolph Saunders, então, se voltou para Esta, fuzilando-a com o olhar impassível.

– Você não deve dar muito valor à sua vida, para roubar de Viola.

– Pelo contrário: por dar muito valor a mim mesma, era o mínimo que eu podia fazer – respondeu. Inclinou-se para a frente, apoiando-se na mesa, para olhar nos olhos de Dolph. – Posso roubar todas as moedas que você quiser. Mesmo que eu tirasse cada centavo de todos os bolsos daqui, você ainda teria dúvidas sobre o meu valor. Mas posso fazer mais por você do que apenas roubar alguns dólares. Como eu disse... – Esta, então, segurou seu último trunfo, levantando-o para que toda a mesa pudesse ver – ... posso roubar qualquer coisa. Ninguém consegue me pegar. Nem o seu bando... – Ao dizer isso, colocou delicadamente sobre a mesa a cabeça de górgona de prata. – ... nem mesmo você.

Dolph pegou a peça que, há poucos instantes, estava bem presa à bengala. Com uma expressão indecifrável, examinou-a. Confirmando que, sim, a garota tinha conseguido roubar o rosto esculpido em prata bem debaixo do seu nariz. Bem debaixo das suas mãos, para ser mais exato. Então, olhou para Esta com aquele olhar frio, de um olho só.

A garota se remexeu no mesmo lugar, incomodada. Pela primeira vez naquela noite, achou que tinha ido longe demais. Talvez devesse ter parado na faca da garçonete. Um estranho círculo de silêncio rodeava a mesa de Dolph, como se todo mundo que estivesse ali pudesse perceber que algo no ar havia mudado – e não para melhor.

Mas então Dolph bufou, quase achando graça, e a boca dura dele se moveu de leve, no que poderia ter sido um sorriso. Algo no seu rosto mudou com isso; ele não parecia mais tão intimidador. Um sorriso de Dolph Saunders era como o de um tigre: surpreendente, perturbador e, mais do que tudo, um sinal de que o felino tem dentes.

Ele colocou a peça bem devagar no seu lugar, sacudindo a cabeça ao examinar a bengala completa. Então, olhou para o menino que estava ao seu lado, que balançou a cabeça de modo quase imperceptível.

– Agradeça a Bridget por mim – disse finalmente. – Vou ficar com a garota. Pelo

menos, por enquanto.

Werner se afastou da mesa, mas o alívio que Esta poderia sentir foi rapidamente apagado quando se deu conta de que estava sozinha com Dolph Saunders e os rapazes mal-encarados atrás da sua mesa. Todos tinham compleição física de boxeador, e seus coletes sob medida enfatizavam a cintura fina e os ombros largos. Cada um deles usava o mesmo uniforme: camisa de cor chamativa e chapéu-coco inclinado para a esquerda, sobre os cabelos lambidos para trás.

“Não são meninos”, lembrou esta. Naquela cidade, até rapazes com menos de 15 anos já eram homens havia muito tempo. Tinham conquistado malandragem sobrevivendo à infância, depois encontrado e mantido seu lugar em uma organização como a Filhos do Diabo. Seria uma idiota de confundir a juventude deles com inocência. Ou de esquecer o quão perigosos o mundo em que viviam os tinha tornado.

– Como você se chama, menina? – perguntou Dolph, olhando para ela.

– Esta. Esta Filosik.

– Filosik? Não conheço esse sobrenome. De onde é sua família?

– Não sei – respondeu, falando a verdade. – Nunca a conheci.

Dolph cerrou os dentes e a examinou.

– Se você me causar problemas...

– Não vou fazer isso – interrompeu ela.

Dolph esperou mais um instante, e parecia que o bar inteiro estava segurando a respiração, esperando pelo pronunciamento final.

Ele fez sinal para um dos rapazes chegar mais perto, um cara de cabelo ruivo, usando camisa vermelho vivo que não combinava com a pele clara e cheia de sardas. O colete justo que vestia enfatizava os ombros largos e atarracados, e ele tinha um lenço ridículo amarrado com um nó complicado em volta do pescoço. Com aquela roupa, parecia que estava brincando de ser cavalheiro, mas uma grande tatuagem que saía pela gola da camisa o contradizia. A marca no seu pescoço parecia a parte de cima de um círculo – um arco largo e ornamentado que, obviamente, tinha um significado maior –, mas Esta não conseguiu ver os detalhes na penumbra do bar.

– Sanguessuga vai lhe mostrar onde fica seu quarto – informou Dolph, depois de conversar com o rapaz. – Amanhã você começa a trabalhar na Zona Morta. Não faça eu me arrepender.

A ZONA MORTA

Na manhã seguinte, Esta já havia vestido o mesmo vestido de veludo verde da noite anterior – era a única peça de roupa que lhe restara –, quando ouviu um golpe forte na porta. Abriu-a e deu de cara com a conhecida faca de prata enfiada na madeira, e com a garota de cabelos escuros – e expressão ainda mais sombria –, que a esperava no corredor.

A garçonete da noite anterior chegou perto e tirou a faca da porta. Era cerca de uma cabeça mais baixa do que Esta e vestia uma saia simples e uma blusa lisa, em vez do vestido decotado que usava quando Esta roubara a faca dela. Os olhos tinham um tom impressionante de violeta-escuro, e seus vastos cabelos ondulados estavam presos em um nó na base do pescoço. A boca larga e macia exibia uma careta.

– Eu me chamo Viola – disse, com uma voz baixa e gutural que ainda trazia um leve sotaque italiano. Fez questão de limpar a ponta da lâmina e não se deu ao trabalho de olhar para Esta enquanto falava. – Não gosto de você. Dolph disse para eu não te matar por ter roubado minha faca, então não vou fazer isso. *Desta vez.* – Finalmente, levantou os olhos cor de violeta e apontou a ponta afiada da faca para a menina. – Mas não me teste de novo. *Capisce?*

Esta levantou as mãos, para mostrar que entendera.

Viola enfiou a faca na bainha ao lado da saia, entregou uma capa surrada de lã para Esta e inclinou a cabeça.

– Venha. Vamos te dar algo para encher a pança. Hoje você trabalha na Zona Morta.

A garçonete a levou escada abaixo, até a cozinha do Strega, e a apresentou para Tilly Malkov, uma menina com cabelo cor de rato. Tilly lhe ofereceu um pedaço de pão duro, um copo de café queimado cheio de leite e um sorriso de boas-vindas que fez os cantos dos seus olhos verdes e doces ficarem repletos de rugas.

Esta sentou na cadeira que Tilly lhe ofereceu, na mesa grande da cozinha. Pegou o pão e ficou de olho em Viola.

Depois de alguns minutos, Tilly surpreendeu Esta ao tocar na sua mão.

– Não se preocupe tanto – disse. Ao falar, um calor formigante espalhou-se pela pele de Esta, como a luz do Sol em um dia de verão. A menina fez sinal com a cabeça, brincando, na direção de Viola. – Ela não é tão ruim assim. É puro mel, sem ferrão – completou, dando uma piscadela.

Esta tirou a mão, sentindo-se incalculavelmente melhor, mais relaxada. Mas também mais à flor da pele.

– Não dê ouvidos a ela. A Libitina tem um ferrão bem bom – falou Viola, girando a ponta da faca afiada no tampo da mesa, com um olhar ameaçador.

– Você deu um nome para a sua faca – comentou Esta, achando graça, apesar da cara feia de Viola. – *Claro* que você deu um nome para a faca.

A menina de cabelo cor de rato apenas sorriu e sacudiu a cabeça, sem prestar atenção nas duas. Limpou as mãos no avental e voltou a trabalhar perto do fogão. Viola continuou fazendo careta e polindo a lâmina da faca, mas Esta não pôde deixar de perceber que ela seguia com os olhos cada movimento de Tilly. Nem que suas bochechas ficavam vermelhas sempre que a moça olhava para cima e dava um sorriso carinhoso.

Quando terminaram de comer, Viola levou Esta para fora, pela entrada dos fundos da taberna, que dava para a Elizabeth Street. A neve que caíra no dia anterior começava a derreter, transformando as ruas e calçadas em uma porqueira enlameada, que já começava a feder ao esterco e ao lixo que os montes de neve haviam coberto.

– Então... – Esta começou a falar, em uma tentativa de quebrar aquele silêncio constrangedor. Enrolou-se na capa emprestada, feliz por estar aquecida. – Você e Tilly...?

Viola virou-se para ela de súbito, com uma expressão feroz.

– Desculpe – disse Esta, dando-se conta da sua indiscrição. – É que... o jeito que você ficou olhando para ela... – tentou explicar – Achei que, talvez...

– Somos amigas – disparou Viola, mas as bochechas dela ficaram vermelhas de novo, e ela não era o tipo de garota que ficava bem enrubescida.

– Claro. Besteira minha – disse, sentindo uma ambivalência súbita. Sabia que não devia deixar seus conceitos modernos interferirem em um serviço. Fora descuido de sua parte, algo perigoso. Mas, por trás da censura nos olhos de Viola, havia medo... Quem sabe até uma certa tristeza?

A garçonete saiu andando de novo, sem dizer mais uma palavra sobre o assunto.

Era fácil acompanhar os passos curtos de Viola, mas difícil deixar o assunto morrer. Depois de caminhar uma quadra em silêncio, quebrado apenas pelo som dos seus pés esmagando a neve, Esta não aguentava mais a postura rígida dos ombros de Viola.

– Só para constar – disse, baixinho, sem diminuir o passo –, ela parece ser maravilhosa.

Viola parou de sopetão.

– Sim – concordou, lançando um olhar bem desconfiado para Esta. – Ela é.

Esperou mais dois segundos, como se desafiasse Esta a insistir no assunto, depois continuou andando pela calçada movimentada. Mas, desta vez, os passos ficaram mais leves, e a expressão não estava mais tão pesada quanto há poucos instantes.

Ao contrário da Bowery, que era um bulevar largo, a Elizabeth Street era uma ruazinha amontoada e estreita, cheia de prédios de tijolos vermelhos, grudados uns nos outros. As lojas já estavam abertas, e seus donos começavam a levar carrinhos de mercadorias para a calçada. Acima das vitrines atravancadas, havia as escadas de incêndio, penduradas na lateral dos prédios. Ceroulas e camisas flutuavam delas,

como se pessoas invisíveis tivessem resolvido parar para se debruçar no corrimão e apreciar a vista.

– A primeira regra – disse Viola, como se a conversa sobre Tilly jamais tivesse acontecido – é que não se rouba da própria gente. Pode roubar dos carros nas ruas do lado norte da Houston. Pode roubar na Zona e nas margens, mas não ponha a mão no bolso dos protegidos de Dolph. A segunda regra é que você não pode irritar nenhum dos outros patrões. Dolph dá um duro danado para manter Paul Kelly e Monk Eastman longe do seu pessoal. E não precisa que você estrague tudo.

– E como vou saber quem é quem?

Viola fez uma careta de impaciência.

– Você descobre. Por bem ou por mal.

As duas andaram mais algumas quadras, depois atravessaram até o ponto onde um bonde puxado a cavalo parou, perto da sarjeta. Viola abriu a porta de trás do veículo, que parecia um ônibus, e mandou Esta entrar. Depois de depositar duas moedas na caixa de metal toda batida que havia na parte da frente, elas sentaram nos bancos estreitos de madeira, dispostos no comprimento das janelas sujas. Como os vidros estavam fechados por causa do frio, lá dentro tinha um cheiro forte do tabaco, que era cuspidado e manchava o chão, e um odor metálico e pungente de óleo *diesel*.

Do lado de fora, os letreiros brilhantes dos salões de baile e as vitrines reluzentes das joalherias baratas davam lugar a lojas mais discretas, cheias de comidas enlatadas e produtos de limpeza. Quando fizeram o retorno e entraram na Canal Street, passaram pela lendária prisão que parecia com uma tumba egípcia.

– Faz tempo que você trabalha para Dolph? – perguntou Esta.

Viola olhou para ela de soslaio.

– Tempo suficiente – respondeu, voltando a olhar pela janela.

– E você gosta de trabalhar para ele? – insistiu Esta.

Em princípio, pareceu que Viola ignorou a pergunta. Mas, então, bem quando a menina pensou que não iria respondê-la, ela se virou.

– Olhe, provavelmente não vamos ser amigas, eu e você. Não preciso de mais amigos. Não preciso ficar tagarelando como essas donas, sobre o tempo ou o preço da carne. Trabalho para Dolph porque quero trabalhar, e ele me deixa fazer isso. Se eu gosto? – disse, encolhendo os ombros. – Não estou casada com algum idiota tendo um filho depois do outro, estou? Posso até trabalhar muito, mas sou boa no que faço. Dolph reconhece. O que mais tem para gostar?

– Nada – murmurou Esta, para demonstrar que entendera. Sabia como era se sentir útil. Se o Professor Lachlan não a tivesse encontrado, ela provavelmente não saberia o que era, o que era capaz de fazer. Não podia imaginar como seria sua vida se jamais sentisse a satisfação profunda, retumbante, de fazer um serviço bem feito. Seria simplesmente mediana – ou pior, uma aberração no seu mundo, onde a magia não era nada além de uma história de ninar. Talvez o Professor Lachlan não fosse um modelo de pai afetuoso, mas, pelo menos, lhe proporcionara isso.

Depois de uns quinze minutos sacolejando, o bonde diminuiu a velocidade aproximando-se da sarjeta, e Viola fez sinal para Esta descer.

– Estamos na Prefeitura – disse Esta, reconhecendo o prédio.

Viola fez um som gutural de desprezo.

– Vamos andar mais um pouco e, aí, você vai sozinha.

– Sozinha? – repetiu Esta, piscando os olhos de surpresa. Achava que Viola ficaria ali, observando.

– Você disse para Dolph que é uma boa ladra, não disse?

– Sim... – respondeu Esta, devagar, não gostando do rumo que a situação estava tomando.

– Os truques que você fez ontem à noite não provam nada. Não quer a proteção de Dolph? Então, precisa pagar trabalhando na Zona – disse Viola, apontando para a rua por onde caminhavam, mais embaixo. – Era bom de roubar na Wall Street, com todos aqueles banqueiros. Carteiras bem recheadas. Muito ouro e muitas joias. Coisa fácil de esconder. Mas, há alguns anos, o Inspetor Byrnes inventou a Zona Morta. O Byrnes já se foi, mas a Zona continua. Aqui no centro, prendem qualquer batedor de carteira conhecido na hora. Dolph perde muitos dos seus rapazes assim. Mas você é nova e ainda diz que pode roubar qualquer coisa? – falou, encolhendo os ombros. – Então, vai trabalhar na Zona Morta. Talvez não seja presa.

– E se eu for?

– Quer um conselho? Não seja. As Tumbas não são lugar para moças, nem mesmo uma feito você – disse Viola, levantando a sobrancelha, debochada.

As duas andaram pela Park Row, passando pelos dois torreões bem altos de uma construção estilo castelo, depois por um cemitério com cara de abandonado, com lápides que pareciam dentes quebrados, saindo da neve que ainda restava. Quando viraram a esquina, Esta deu de cara com a fachada amarronzada da Catedral de St. Paul.

– Só vou até aqui – avisou Viola, parando perto do pórtico ornamentado da Catedral. – Sou conhecida nessas bandas, mas você continua andando, umas três, quatro quadras para lá, e vai encontrar os banqueiros. Vai ser fácil atingir sua cota, se é tão boa quanto diz. Se não voltar... – Viola encolheu os ombros ao dizer isso – ... vai dar um jeito. Ou então não vamos mais nos preocupar com você.

COMO LÁ EM CIMA, CÁ EMBAIXO

Viola tinha razão. A sul da Fulton Street, o distrito financeiro da cidade era o paraíso dos ladrões. Banqueiros e advogados com carteiras recheadas e prendedores de gravata de ouro com pedras. Mulheres com bolsas cheias de moedas. Vítimas fáceis.

Um total desperdício de tempo.

Mesmo sem usar sua afinidade, não demorou muito para ela completar sua cota. E ir além. Menos de uma hora depois, esta encontrou o bonde que ia para o norte e já estava voltando para o Strega.

Ainda usava o bracelete de prata sem pedra por baixo da manga do vestido, para lembrar do que estava em jogo ali e do que precisava fazer. A noite inteira, se revirara na cama – se é que poderia ser chamada de cama – estreita e cheirando a mofo, pensando na pedra perdida. Planejando o próximo passo.

O Professor Lachlan alertara que era um risco muito grande mudar qualquer coisa no assalto, mas ele não sabia – ou não havia alertado Esta a respeito – que a Chave de Ishtar seria praticamente incinerada. A menina não planejava ficar presa no passado.

Já estava no escuro quando o assunto passou a ser Dolph Saunders. Precisava de mais informações, mais opções, caso as coisas não saíssem conforme planejado, porque *nada* poderia impedi-la de roubar a Chave de Ishtar. Ainda mais quando o futuro envolvia Dakari, baleado e, possivelmente, à beira da morte. Ninguém procuraria por ele, não até notarem que Dakari não voltara, e aí seria tarde demais.

De acordo com o recorte de jornal que Esta roubara do caderno do Professor Lachlan, a Mansão Quéfren ficava na Park Avenue. No seu próprio tempo, aquele pedaço da avenida era uma rua elevada, que levada à Grand Central Station. Mas, em 1902, a fachada grande e reluzente do terminal de ônibus e trens ainda não existia. A Lower Manhattan lhe parecera estranhamente conhecida naquela manhã. Mas as ruas de Midtown eram um mundo completamente diferente. Os grandiosos arranha-céus que, um dia, tomariam conta do firmamento sequer haviam sido imaginados. Em vez disso, a avenida era tomada por construções mais baixas e ornamentadas – mansões de aristocratas e grandes hotéis e, logo ao norte da rua 41, a enorme Mansão Quéfren.

O quartel-general da Ordem até podia ter o nome de uma das grandes pirâmides, mas, com seus quatro andares de mármore branco, mais parecia uma *villa* transplantada direto da Renascença italiana. Esta não teve dúvidas de que encontrara o lugar certo. Bem no alto do telhado, estátuas douradas de diversos deuses brilhavam no sol invernal. Acima da entrada principal, a cornija tinha gravadas as

palavras “Como lá em cima, cá embaixo”, uma frase supostamente dita por Hermes Trimegisto, a combinação mítica do deus grego Hermes com o egípcio Toth, que a Ordem considerava seu precursor. As pesadas portas de bronze tinham um símbolo inscrito que Esta reconheceu ser a Mão do Filósofo: uma receita alquímica que guardava os segredos para desbloquear poderes ocultos.

O Professor Lachlan lhe ensinara tudo isso como parte do seu treinamento. Mostrara as diferentes representações da mão para lhe ensinar as diferentes teorias da alquimia, para explicar como a Ordem interpretara mal e pervertera a própria noção de magia tentando, em um esforço para controlá-la, dividir a existência em partes estanques.

O prédio era impressionante, uma declaração das crenças da Ordem e uma demonstração do poder que tinha na cidade. O fato de jamais terem reconstruído a sede depois do roubo dos artefatos era uma evidência do quanto seu poder se enfraquecera. Mas a construção, do jeito que estava naquele momento, servia para lembrar Esta de tudo o que precisaria encarar. De tudo o que ela ainda tinha a perder. Mesmo do outro lado da rua, parecia um lugar impenetrável.

Como a rua estava deserta, Esta pegou o recorte de jornal, que estava no bolso escondido, e o leu de novo, procurando alguma pista do que realmente havia acontecido. Quando, no entanto, desdobrou o delicado papel, as letras, que eram bem nítidas, estavam borradas, manchadas. Parecia que cada uma delas se sacudia e contorcia na página, como se estivessem tentando se transformar em outras letras, formar outras palavras.

Esta piscou e esfregou os olhos cansados, certa de que estava vendo coisas. Mas, quando olhou de novo, as palavras ainda insistiam em continuar ilegíveis. Era como se o futuro, que fora um fato consumado, não fosse mais claro e determinado. O próprio assalto não era mais um fato consumado.

– Não – sussurrou, aproximando o papel dos olhos. Como se sua visão não fosse perfeita. Como se aproximá-lo pudesse impedir as palavras de continuarem girando e mudando de lugar na página.

Esta não fizera nada de errado... Será?

– Você!

A voz vinha de tão perto que ela mal teve tempo de se virar antes de o homem que encontrara na noite anterior pegar seu pulso. O rosto dele estava todo roxo e machucado, por causa da tentativa brutal de Esta escapar dele, mas uma expressão terrivelmente feliz o iluminava.

– Achei mesmo que era você.

Esta tentou se soltar, usando os movimentos erráticos para disfarçar o modo como amassou o recorte e o escondeu na manga.

– Solte-me – exigiu, lutando contra o homem. – Não quero mais machucá-lo.

E a última coisa que queria era chamar a atenção de alguém da Mansão Quéfren.

Charlie Murphy apenas deu risada e começou a arrastá-la pela rua.

– Você não terá a oportunidade de me machucar de novo. Não depois de eu acabar com você.

Ele riu de novo, segurou o pulso de Esta com mais força e torceu o braço dela, causando muita dor. Puxou-a tão perto que a menina podia sentir o bafo azedo do homem.

– Solte-me – repetiu, recusando-se a implorar.

– Sei o que você é. Reconheci o que fez no Haymarket – disse, com o rosto iluminado por uma expectativa quase profana. – Eu planejava mesmo caçar você. Estava ansioso para ver o medo estampado nos seus olhos quando a encontrasse.

– Sinto muito por desapontá-lo – debochou Esta, segurando o braço que agarrava o pulso dele. Usando todas as técnicas que Dakari lhe ensinara, virou-se violentamente. O movimento pegou Murphy de surpresa, como Esta pretendia, e ele a soltou, dando um grito de dor.

Mas isso só o deteve por um instante. O olhar de expectativa fora substituído por uma expressão de ódio implacável. Esta precisava fugir. Mas, antes que conseguisse desacelerar o tempo, Murphy arregalou os olhos. Ficou com o corpo completamente rígido e caiu, imóvel, batendo com força no chão.

A maneira como o corpo do homem corcoveara e caíra a abalou tanto que Esta perdeu o controle sobre o tempo. Antes que pudesse recuperá-lo, os braços dela foram presos ao lado do corpo, e ela sentiu um aroma terroso e apimentado, parecido com patchuli. Uma voz suave, sem corpo, sussurrou no seu ouvido, pedindo que ficasse quieta, e a menina se deu conta de que, talvez, Dolph Saunders não tivesse, afinal, a enviado ali sozinha.

SEGREDOS: UMA MOEDA DE TROCA

Dolph tivera razão ao desconfiar da nova garota. O que ela poderia estar fazendo ali, na Mansão Quéfren?

Segurando os braços dela, para mantê-la no lugar, Jianyu podia, praticamente, ouvir os pensamentos de Esta. O corpo inteiro da menina estava tenso, pronto para a briga, e ele não seria burro a ponto de subestimá-la. Presenciara o modo como ela se livrara de Murphy, e não duvidava que tivesse pensando em fazer algo igualmente desagradável com ele. A garota não era uma menina inocente, recém-saída do navio, à deriva naquela cidade perigosa. Era muito bem treinada.

– A menos que queira que isso chegue aos ouvidos de Dolph, fique quieta.

Ela hesitou, mas alguns minutos depois, deixou de resistir, tanto que ele pôde guiá-la pela rua, afastando-se dos olhos atentos da Mansão Quéfren. Quando chegaram na esquina, Jianyu parou de manipular a luz e se revelou.

Mas não soltou o braço de Esta.

– Você me seguiu? – perguntou ela, olhando para Jianyu.

– Você achava mesmo que não seria vigiada? Dolph Saunders não confia facilmente nos outros e, pelo jeito, é por um bom motivo. Por que veio até aqui?

– Vim dar uma caminhada – respondeu Esta, sem emoção. – Está fazendo um dia bonito.

– Então, por acaso, você veio dar um passeio na frente da Mansão Quéfren? – perguntou Jianyu, achando graça.

Esta apertou os lábios, mas não respondeu. Sim, ela fora muito bem treinada para manter a compostura quando era obviamente pega no flagra. Sabia que não adiantaria mentir naquela situação.

– Por que não está mais trabalhando? Não é nem meio-dia.

– Já acabei.

Não parecia ser mentira, mas a garota não ficara no centro tempo suficiente para ter acabado o serviço. Principalmente sem usar magia. Jianyu a seguira, escondendo-se com cuidado, e não sentira um suspiro sequer da afinidade dela.

– Você tinha uma meta de 35 dólares. É mais do que a maioria dos homens faz em um mês – disse.

– Posso lhe mostrar minha bolsa, se não acredita. Mas vai precisar me soltar para eu conseguir pegá-la – respondeu a garota, com olhar malicioso. – Está debaixo das minhas saias.

– Isso não explica o fato de você estar aqui, no prédio da Ordem – falou Jianyu, sem cair na armadilha.

A expressão da garota era impassível.

- Queria ver com meus próprios olhos.
- Por quê? – insistiu ele, ainda sem conseguir detectar nenhum sinal de mentira.
- Você não tem vontade de conhecer seu inimigo? – perguntou ela.
- E você vê a Ordem como inimigo?

– Você não? – respondeu Esta, devolvendo a pergunta.

Mas Jianyu não respondeu. Não lhe devia explicações.

– Vou soltar você, e então vamos voltar para o Bella Strega.

– Você vai contar o que aconteceu para Dolph, não vai? – indagou Esta, franzindo a testa.

– Não se vier sem resistir – Quando percebeu que a garota ficou surpresa, Jianyu explicou: – Acho que ganho mais, neste momento, se você ficar me devendo um favor.

– Não sei se quero lhe dever favores.

Jianyu inclinou a cabeça.

– Uma observação astuta de sua parte. Sinta-se à vontade para contar para Dolph, então, sobre o fato de você ter saído do seu posto e quase ter sido pega por um membro da Ordem na frente da Mansão Quéfren.

Pela expressão da garota, Jianyu teve certeza de que isso jamais aconteceria.

– É claro que você poderia tentar lutar comigo ou fugir. Nesse caso, conto tudo para Dolph. Você não vai ficar me devendo nenhum favor, mas também nunca mais estará segura nessa cidade. Porque Dolph Saunders e seus homens irão caçá-la.

Ela franziu a testa de novo.

– Não gosto de ser ameaçada.

– Ninguém gosta – retrucou Jianyu. – Mas, se você realmente não quer nosso mal, minhas palavras não representam nenhuma ameaça.

A expressão da garota continuava fechada e brava, mas também era inteligente. Jianyu pôde perceber o exato momento em que ela entendeu que não tinha muita escolha.

– Tudo bem – disse ela, mordida. – Meu nome é Esta, aliás. Você precisa saber meu nome, se está planejando me chantagear.

Jianyu soltou o braço da garota.

– Jianyu Lee. E eu já sabia seu nome.

Esta fez careta de novo, olhando para o pulso, como se esperasse ver alguma marca ali.

– Ótimo. Que bom que nos entendemos – resmungou. Olhando para ele, fez uma pequena reverência com a mão. – Bem, o que estamos esperando? Vá na frente.

Quando chegaram ao Strega, Dolph Saunders estava sentado no lugar de sempre, nos fundos do salão. Mas Jianyu sabia que o público não estava lá para beber.

Ele sentiu a curiosidade da garota, que ficou observando os homens e as mulheres se aproximarem de Dolph, um por um.

Aquela não era uma cena rara nos bairros mais pobres. Todos os líderes de gangue

trocavam favores e mantinham o pessoal na linha por meio de dívidas. O tio de Jianyu, pelo menos em nome, com frequência recebia uma corte parecida. Na Mott Street, Tom Lee recolhia propina para manter a polícia longe dos crupiês de *fan-tan*, o jogo de azar chinês, e para garantir proteção para os matadores de aluguel da Hip Sing. Era apenas um dos aspectos da vida em Chinatown, mas Jianyu o conhecia muito bem. E o odiava.

Tinha se mudado para aquele país – e para aquela cidade – porque Lee lhe prometera um futuro melhor do que o que teria na China. Mas, quando chegou, descobriu que o tio o havia trazido ilegalmente não para ajudá-lo, mas para usá-lo. Por causa de sua afinidade com a luz, Jianyu podia se tornar impossível de ser visto, ou seja: podia atacar sem ser percebido. Mas o rapaz não abandonara sua terra natal, a mãe e tudo o mais para se tornar um mercenário a serviço de um criminoso qualquer como Tom Lee.

Jianyu ainda não sabia se aprovava os métodos de Dolph Saunders, mas era óbvio que ele era bem diferente do tio. As pessoas que lotavam o Strega não eram como aquelas que Lee explorava. Chegavam de chapéu na mão, todas com um calombo nos ombros, que as fazia parecer que carregavam um peso invisível perpetuamente. Cada uma delas conversava com Dolph por alguns instantes, quase sempre pedindo para encontrar um filho, ajudar para pagar o aluguel ou se livrar de algum outro inconveniente.

As dívidas eram cobradas, sem dúvida, mas pelo menos nunca pediram para Jianyu fazer a cobrança.

Um minuto depois, Dolph levantou os olhos e viu os dois parados na parte de trás do bar. Falou algo para Nibs, que levantou e foi atravessar o salão lotado.

Nibs cumprimentou Jianyu balançando a cabeça em silêncio, depois se virou para a menina.

– Você já terminou? – perguntou, incrédulo.

A menina pôs a mão em uma dobra escondida nas saias e tirou dela uma bolsa pequena. Nibs a abriu, conferiu seu conteúdo com os dedos, olhou para Dolph e balançou a cabeça de leve.

– Eu assumo daqui para a frente – falou para Jianyu.

Que ficou sentido por ter sido dispensado, mas não discutiu. Eles que acreditassem que ele era obediente. Assim, ficava muito mais fácil ver qual era a verdadeira postura de cada um dos capangas de Dolph, em quem podia ou não confiar. Fácil também de descobrir seus segredos para usá-los no momento necessário.

TRABALHO DE BASE

O rapaz que dispensara Jianyu era novo, de cabelo claro, e usava óculos grossos e redondos apoiados na ponta do nariz fino.

– Me chamam de Nibs – disse, estendendo a mão. – Nibsy Lorcan.

Esta olhou bem para ele antes de apertar a mão. Os dedos sujos de tinta eram firmes, mas o rapaz não tinha mãos ásperas de lutador, e isso a deixou mais tranquila.

O garoto sorriu, um sorriso de menino, que parecia deslocado naquele bar.

– Ainda estão falando de você. De como roubou a peça da bengala de Dolph. Está todo mundo surpreso por Viola não ter te esfaqueado depois da peça que pregou nela, com a faca. Ela não deixa ninguém encostar nas armas dela. A menos que seja com a ponta afiada, se é que você me entende.

– Maravilha – disse Esta, sentindo-se, de repente, incomodada por receber tanta atenção.

O menino a encarou e falou:

– Não vou perguntar como conseguiu fazer isso. É problema seu. Pelo menos por enquanto. Mas já vou avisando: se Dolph resolver que não vale a pena se incomodar por você, ninguém vai poder fazer nada para ajudar.

– Entendido – respondeu ela, imaginando aonde Jianyu poderia ter ido. Ainda estava com os nervos à flor da pele por ter confrontado Murphy, depois por ter sido derrotada por Jianyu, e não gostava nem de pensar que o rapaz poderia usar sua visitinha à Mansão Quéfren contra ela, a qualquer instante. – Só quero conquistar meu lugar aqui. Se tiver mais alguma coisa que eu possa fazer, algum modo em que possa ser útil para Dolph...

– Eu aviso – falou Nibs, encerrando a conversa com um sorriso gentil.

Esta entendeu a indireta e mudou de assunto.

– O que está acontecendo? – perguntou, inclinando a cabeça.

– É a reunião semanal – explicou Nibs. – As pessoas vêm pagar dívidas ou pedir mais prazo. Outras vêm pedir favores.

– Parece lucrativo.

– Ah, Dolph não cobra nada – falou Nibs. E, quando Esta fez cara de surpresa, esclareceu, encolhendo os ombros: – Ele troca segredos. O que não deixa de ser lucrativo também.

– Aposto que sim. Que segredo seu ele sabe?

Nibs nem sequer pensou:

– Quem disse que não pode ser o contrário?

Esta deu risada, achando graça da bravata inesperada do rapaz.

As portas do bar se abriram, fazendo barulho, uma pancada alta que fez todos que estavam lá dentro olhar para a silhueta delineada pela luz da tarde. O menino assoviou baixinho.

– Dolph Saunders! – berrou a figura do meio. – Eu quero a garota.

O bar ficou estranhamente em silêncio, e os três homens foram se arrastando até o balcão do Strega. Esta reconheceu o da esquerda: era Werner. Ao vê-lo, ficou incomodada, virou de costas e abaixou a cabeça, para esconder o rosto.

– Quem é esse?

O rosto de Nibs não mostrou nenhum sinal de emoção.

– É Edward Corey, dono do Haymarket. Pelo jeito, sabe quem você é...

O estômago de Esta se revirou.

Dolph Saunders releu um último contrato com toda a calma, assinou e assoprou o papel para secar a tinta. Não se deu ao trabalho de olhar para o homem quando, finalmente, respondeu:

– O que você está fazendo aqui, Corey? – disse, com um tom claro de irritação. – Não é seu lado da cidade.

– Você me ouviu, Saunders. Vim buscar a garota. Sei que Bridget a mandou para cá.

Parecia que o salão inteiro estava segurando a respiração enquanto Dolph pensava na afirmação de Corey.

– Não sei de que garota você está falando. Ao contrário de você, não tenho esse tipo de negócio.

– Você está querendo me dizer que a garota não está aqui? – insistiu Corey, dando mais alguns passos ameaçadores para a frente. – Ou está me dizendo que está protegendo essa menina?

Só então Dolph olhou para Corey.

– Alguém aqui sabe de que garota ele está falando? – perguntou, fazendo-se de desentendido.

Esta começou a se movimentar lentamente, preparando-se para espichar o tempo à sua volta e fugir, mas Nibsy esticou a mão e a segurou. Estava encurralada. Não podia fazer nada sem chamar atenção, e não podia saltar no tempo sem revelar para Nibs o que realmente era capaz de fazer.

– Espere um pouco – sussurrou o rapaz, quase sem mexer a boca.

Um som alto, de algo sendo arranhado, cortou o silêncio do salão. Dolph Saunders levantou, e a cadeira caiu para trás.

– Acho que está enganado, Corey. Não tem garota nenhuma aqui para você.

– Não brinque comigo, Saunders. Charlie Murphy quer esta garota e, se não a conseguir, virá atrás de mim. E não posso permitir que isso aconteça. Vou mandá-lo bater direto na sua porta. Sabe que ele tem amigos que você não é nem capaz de imaginar. Vão caçar seu alvará, fechar essa espelunca de merda e acabar com tudo o que você construiu, toda a sua vida, com um simples estalar de dedos.

– Então, é aí que você se engana – falou Dolph calmamente.
– Engano coisa nenhuma. Se descobrirem o que você é, vão tirar tudo o que tem.
– Isso só teria importância se eu tivesse algo a perder. Mas você... Você tem muito a perder, não é, Corey? Gosta de bancar o importante com os meninos do Tammany, não gosta? – disse Dolph, sacudindo a cabeça. – Por acaso, sei que você também está tentando entrar para a Ordem. Está jogando de muitos lados ao mesmo tempo e, se algum deles descobrir o que *você* é...

Corey gaguejou por um instante:

– Você não sabe...
– Eu sei *tudo* sobre você, Corey – interrompeu Dolph, com uma voz cortante. – Sei do seu encontrinho com aquela mulher da Broome Street, mas acho que o marido dela não sabe. Sei o que comeu no almoço e o que está pensando em comer no jantar. Sei quem é sua família, *o quê* é a sua família. Então, sei que você é fraco o suficiente para passar despercebido, mas fico imaginando o que os seus amigos da Ordem vão pensar se souberem da verdade.

Dolph ficou calado um tempo, deixando as palavras pairarem no ar.

– Você está me ameaçando?
– Claro que não. Aqui todo mundo é amigo. Estamos nessa juntos... a menos que você nos entregue primeiro. Mas, se não quiser que todo mundo nesta cidade fique sabendo também, dê logo o fora do meu estabelecimento e volte lá para a parte rica da cidade, onde é o seu lugar. Você vai se entender com Murphy e fazê-lo se esquecer de que estava procurando uma garota.

Esta começou a relaxar um pouco quando viu que Corey hesitava. Seu rosto fino estava ficando de um tom alarmante de vermelho.

– Você... você...

Mas lhe faltaram palavras.

– É. Isso mesmo. Agora está me entendendo – disse Dolph, olhando para Werner.
– Acho que é melhor não aparecer mais por aqui, você não acha?

Werner balançou a cabeça timidamente, com uma expressão de pesar. Dolph levantou a cadeira e sentou de novo, dispensando-os sem dizer mais nem uma palavra.

Dolph não olhou mais para cima, mas quatro dos seus homens mais parrudos foram para a frente, com os braços grossos cruzados sobre o peito largo, e um brilho nos olhos que deixava bem claro que estavam loucos por uma boa briga. Pelo jeito, Corey entendeu a mensagem e, com um menear de cabeça, foi embora, seguido por Werner e pelo outro homem.

Esta soltou um suspiro de alívio, e o salão começou a voltar à vida, cautelosamente.

– Vamos – disse Nibs, sem soltar o pulso de Esta.

– Vamos para onde?

– Para outro lugar – respondeu ele. Devolveu a bolsa e foi puxando a menina. –

Para qualquer outro lugar. Confie em mim. Dolph vai estar de péssimo humor depois disso tudo.

Os dois saíram, enfrentando o ar gélido da tarde. As ruas ficariam tranquilas por um tempo, mas a Bowery já começava a despertar para a noite.

– Será que Corey vai mesmo dar um jeito em Murphy?

Nibs encolheu os ombros.

– Ele tem bons motivos para fazer isso. Se Murphy descobrir que Corey tem mentido para ele e para a Ordem, perderá tudo. Mas nem sempre as pessoas fazem o que é melhor para elas – disse Nibs, olhando para Esta por alguns segundos. – Sabe, talvez você possa fazer uma coisa por mim... e por Dolph. Seria um grande gesto de agradecimento, por ele ter protegido você.

– Claro. Qualquer coisa.

– Queria que você viesse assistir a um *show* comigo.

Esta ficou olhando para Nibs, confusa pelo estranho pedido. Depois, ao se dar conta do que ele estava lhe pedindo, qual era a sua intenção, ficou ainda mais frustrada.

– Olhe, você me parece um rapaz legal – disse, com toda a gentileza que conseguiu –, mas não estou interessada.

O menino sorriu de leve, como se tivesse achado graça.

– Não achei que estaria. Mesmo assim, queria que viesse comigo.

Seu tom era tão sincero que Esta quase acreditou.

– Só estou aqui para trabalhar.

– Divirta-me – disse ele, enfiando as mãos nos bolsos e girando nos calcanhares. – Considere parte do seu trabalho.

Esta apertou os olhos. A confiança que Dolph tinha em Nibs tornava quase impossível dizer não e, pelo jeito, ele sabia disso.

– Só um *show*?

Ele deu risada.

– OK, tudo bem. Quero que você conheça uma pessoa – respondeu, com uma expressão estranha. – Mas falo sério quando digo que isso faz parte do seu trabalho. Há meses que Dolph tenta fazer esse cara entrar na gangue. Mas, até agora, ele não se comoveu com nenhum dos meus pedidos. Quem sabe você tem mais sorte do que eu?

– Não sei por que teria – argumentou Esta.

– Tenho cá meus pressentimentos a seu respeito. Darrigan pode ceder a um rostinho bonito.

DESORIENTAÇÃO CLÁSSICA

Teatro Wallack

-Plateia difícil, a desta noite – disse Evelyn, por trás de Harte, que estava assistindo ao fracasso do monólogo de Julius Tannen.

Harte não se deu ao trabalho de virar para ela. Estava ocupado demais contando os lugares vazios do teatro. Toco tinha razão. As coisas não andavam nada boas.

No começo, as pessoas compareciam em peso para ver seu número. A cidade inteira comentava sobre os milagres que ele conseguia fazer no palco. Mas a cidade tinha uma população limitada. Não importava o quanto as apresentações fossem incríveis: depois de um tempo, todo mundo já tinha visto. Harte precisava de algo novo.

Melhor ainda: precisava sair dali.

– A qualquer instante, vão começar a atirar frutas – resmungou, enojado.

– Aposto que você achou que tinha escapado de tudo isso quando se mudou para a parte rica da cidade – disse Evelyn, com um tom divertido, mas nenhuma simpatia na voz. – Só serve para provar que mesmo o verniz da classe alta é superficial – completou, chegando mais perto e falando mais baixo: – Sentimos sua falta ontem à noite, depois do *show*.

Ele duvidava muito disso. Depois de vinte minutos, todos deviam estar tão bêbados de Nitewein que só se importariam com a próxima dose.

– Vai continuar sem me contar com quem você foi se encontrar, correndo daquele jeito? – ronronou ela, colocando as mãos sobre os ombros de Harte e olhando para ele. Os olhos dela eram doces, as pupilas estavam dilatadas e sem foco.

Fazendo careta para Evelyn, Harte tentou imaginar o que a fizera começar a beber tão cedo, mas se deu conta de que aquilo não tinha importância para ele. Sabia o que podia acontecer quando a gente se importava com os outros.

Harte sacudiu os ombros para se livrar das mãos de Evelyn.

– Ninguém importante – respondeu.

Não precisava de ninguém fazendo perguntas sobre seu encontro com Jack Grew. Já bastava Nibsy Lorcan, que voltara a segui-lo. E encurralá-lo daquele jeito, no parque? Não era nada bom. Se Dolph Saunders fizesse alguma ideia dos seus planos...

Mas não tinha como Dolph ficar sabendo. Harte fora muito cuidadoso. Ou, pelo menos, assim esperava.

Ele inclinou a cabeça, alongando o pescoço, tentando relaxar. A cidade, ultimamente, andava lhe dando uma sensação quase de claustrofobia, e os

acontecimentos da noite anterior não haviam ajudado em nada. E não ter conseguido fazer uma refeição decente desde que a menina o atacara... bem, só tornava a situação ainda pior.

A pessoa que se apresentava já recebia sinal do técnico de palco para acabar com a apresentação, então Harte deu uma última olhada no espelho pequeno pendurado na parede e limpou um borrão no *kajal* preto debaixo do seu olho direito, enquanto a orquestra começava a tocar as notas que indicavam sua deixa para entrar.

Por trás das luzes da ribalta, a plateia pequena se remexia nas cadeiras, insatisfeita, quando Harte subiu ao palco. Os rostos estavam franzidos, visivelmente impacientes para ver algo que valesse os cinquenta centavos que tinham pagado pelo ingresso. Harte não planejara nada novo, mas era tarde demais para fazer algo a esse respeito.

– Senhoras e senhores – conclamou, esperando sua voz ecoar pelo teatro enquanto encarnava a persona que aperfeiçoara para o palco. – Viajei muito para estudar as artes ocultas, as ciências herméticas. Hoje lhes apresento evidências de que nós, meros seres humanos, podemos ter contato com o divino. E que o divino... – falou, fazendo um floreio com a mão para acender uma chama sobre ela – ... pode, por sua vez, entrar em contato conosco.

A bola de fogo explodiu em sua mão, voejou no ar por um instante e, então, desapareceu. Era um truque muito simples, mas causava efeito. Um burburinho interessado começou a soar pela plateia, enquanto o assistente de palco trazia uma mesa cheia de apetrechos.

– Não se assustem – continuou, pegando dois aros de metal do diâmetro da sua cabeça. – Esta não é aquela magia de antigamente, dos selvagens e indóceis, capazes de seduzir e destruir. Não há perigo aqui – esclareceu, manipulando os aros para que se enganchassem e se soltassem em seguida. – Meus poderes não vêm de algo accidental como o nascimento, mas de um cuidadoso estudo científico e de muito treino. Como devotei minha vida a dominar as ciências ocultas, os poderes que vou demonstrar não exercem nenhum controle sobre mim. – Com outro floreio, os aros desapareceram. – Pelo contrário: eu os governo com minha vontade – concluiu, tirando um aro do ar e fazendo que se materializasse sob o olhar da plateia.

O teatro estava em silêncio, todos os olhos observando com atenção, à espera do seu próximo passo. Pobre ou rica, toda plateia era igual. Algumas pessoas podiam dizer que a antiga magia não era nada além de uma lenda. Outras podiam ainda temer sua existência. A maioria tinha aprendido a odiar quem tivesse afinidade com ela. Mas, assim como a Ordem, todas queriam desesperadamente que a magia fosse real. Queriam acreditar que havia algo maior do que elas mesmas – desde que esse algo pudesse ser controlado pelas pessoas certas.

Harte não se arrependia de usar contra as pessoas seus medos e suas esperanças, seus preconceitos e sua noção do que era certo. De lhes oferecer uma distração da verdade. Estava simplesmente sobrevivendo em um mundo que odiava o que ele era.

Assim que conquistou a atenção da plateia, sentiu-se relaxado para assumir seu papel. Tirou o paletó e enrolou as mangas da camisa para mostrar que não havia nada escondido debaixo delas. Depois fez uma série dos seus truques com cartas de sempre, que pareciam impossíveis, e outros números de ilusionismo com as mãos. O tempo todo, garantia a atenção da plateia contando histórias de viagens. Falou que havia sido hóspede na corte de um marajá, enquanto engolia doze agulhas e um pedaço de linha; insistiu que fora o feiticeiro da corte que o ensinou como trazer as agulhas de volta, enfiadas no cordão de seda, em intervalos regulares. Relatou que havia estudado os mistérios da ciência e da alquimia com os mais importantes mestres da Europa e descoberto muitos segredos do universo sob a sombra das pirâmides do Egito.

Tudo mentira, claro. Harte jamais colocara os pés fora da ilha de Manhattan, jamais sonhara que isso seria possível, até Dolph Saunders pôr essa ideia em sua cabeça.

– Senhoras e senhores – disse Harte, estendendo aquele instante de forma dramática antes de fazer o último número. – Demonstrarei agora meu domínio sobre as forças da vida e da morte. Para essa demonstração, a mais ousada de todas, precisarei de um voluntário. Alguém que tenha a força moral de enfrentar o engodo que é o Além e a coragem de encarar as mentiras que se escondem sob o véu do nosso entendimento.

Ele desceu do palco, para conseguir ver além do brilho das luzes da ribalta, e começou a procurar uma vítima. Normalmente, gostava de pegar um homem para esse truque, de preferência corpulento, que estivesse com cara de dúvida ou deboche. Alguém que a plateia acreditasse ser descrente e cético. Mas, ao examinar o público, encontrou outra pessoa: a garota que vira no Haymarket.

Em um primeiro momento, pensou que ela estava ali para vê-lo. Sentiu um aperto no estômago e seu corpo inteiro esquentar. Por um instante, não conseguiu se mexer. Só conseguia olhar fixamente para a moça, como se ela fosse uma estranha aparição, um fruto da sua imaginação.

Então, viu que a menina estava sentada ao lado de Nibsy Lorcan, e toda a sua empolgação se esvaiu.

Não podia ser uma mera coincidência o fato de os dois estarem no teatro e os dois o terem acochado na noite anterior. Mas qualquer um que fosse do bando de Dolph deveria saber que era burrice usar magia no Haymarket. Será que tudo aquilo fora uma armação? Mais uma maneira de Dolph acuá-lo?

Harte tiraria aquilo a limpo.

Desceu o pequeno lance de escadas até a plateia, fingindo estar procurando por um voluntário adequado. Quando chegou à fileira onde os dois estavam sentados, a garota encontrara algo interessante para examinar na costura das luvas. Estava com os dentes cerrados, as bochechas vermelhas.

“Ótimo”, pensou Darrigan. “Ela que fique nervosa.” Sua língua ainda latejava,

mas a maldita dor também o lembrava da sensação de ter a boca da menina roçando na sua. De como, por um instante – quando pareceu que ela retribuía o beijo por vontade própria –, Harte sentiu uma espécie de liberdade estonteante que, lá no fundo, morria de vontade de sentir de novo.

O que só provava o quanto ela era perigosa.

– Senhorita? – disse Harte, estendendo a mão enluvada para ela. – Poderia fazer a gentileza?

A garota olhou para cima, com uma expressão de medo e violência naqueles estranhos olhos castanhos.

– Ah, nunca sou gentil – disse, dispensando-o com um aceno.

Harte estendeu a mão de novo, e, quando ela ia recusar, Nibsy obrigou-a a levantar.

– Ela adoraria – disse o garoto. Havia certo brilho de expectativa nos olhos dele.

Ver Nibsy animado deveria ter levantado suspeitas em Harte, mas ele não tinha forças para se importar.

– Não faça escândalo – murmurou, quando a menina tentou se afastar. Harte já havia colocado o braço dela debaixo do seu. – Você apenas fará papel de boba – avisou, segurando o braço da moça com mais força, mantendo-a firme ao seu lado.

– Creio que você deve entender desse tipo de coisa – falou ela, dando um sorriso que mostrava todos os dentes. – Já que transformou isso em uma forma de arte.

A garota tinha uma expressão assassina. Mas, por algum motivo insano, isso só o deixou ainda mais curioso a respeito dela.

Por causa do seu sucesso, as mulheres sempre lhe sorriam e se atiravam em cima de Harte, mas nenhuma delas queria saber do ser humano por trás do nome. Queriam o mago experiente, o artista que podia pagar por vinhos e jantares e realizar o sonho delas de estar em cima do palco também. Aquela garota não queria nada disso. Não queria nada dele. Pelo menos, nada que estivesse disposta a admitir.

E Harte gostou disso.

Talvez sua mãe tivesse razão, afinal: certamente havia alguma coisa errada com ele.

– Por que você está aqui? – sussurrou Harte, concentrando-se no que realmente importava, levando-a pelo corredor até o palco.

– Ouvi falar que seria divertido – respondeu ela, sem ligar se as pessoas estavam ouvindo. Inclinou-se para a frente, como se fosse lhe contar um segredo, mas falou tão alto que toda a primeira fileira ouviu: – Acho que meu acompanhante me prometeu demais.

Harte engoliu a graça que sentiu e não demonstrou isso em sua expressão, enquanto a plateia ria, discretamente.

– Entendo – disse, soltando-a no primeiro degrau que levava até o palco. Foi subindo bem atrás e, quando chegou ao último degrau, sussurrou no ouvido dela: – E ontem à noite? É esse tipo de... *diversão* que você prefere?

A garota se contorceu, com os olhos cor-de-mel brilhando de raiva, mas Harte só lhe deu uma piscadela e se dirigiu ao público.

– Senhoras e senhores, esta criatura encantadora fez a gentileza de nos dar a honra de sua beleza e de sua coragem, nesta noite tão especial. Como se chama, senhorita?

A menina o xingou em silêncio, até que ele levantou a sobrancelha, em uma expressão de expectativa.

– Esta – respondeu ela, talvez porque tivesse compreendido que o jeito mais rápido de sair de cima do palco era cooperar.

– Nossa querida Esta, que tem um nome de estrela, graciosamente se voluntariou para me ajudar em uma das mais perigosas demonstrações da minha ligação com os poderes do Além.

Harte ignorou a risada de escárnio da garota e fez sinal para o assistente de palco, que trouxe uma grande caixa de madeira, pintada de modo a parecer um guarda-roupa ornamentado.

– A senhorita poderia inspecionar este guarda-roupa, procurando qualquer inconsistência, qualquer sinal de fundo falso? – perguntou, apontando para a caixa. Esta não se moveu de imediato, e Harte insistiu: – Por favor, tire as luvas e faça uma inspeção completa.

Então, estendeu as mãos, como se quisesse segurar as luvas para a garota.

A menina lhe lançou mais um olhar contrariado, mas tirou as luvas e as entregou para Harte. O couro era macio como uma pétala de flor, e Harte, mais uma vez, ficou imaginando de onde ela viria, para ter luvas tão finas, já que ficava óbvio que obedecia às ordens de Nibsy.

Esta começou a examinar a caixa, ainda retorcendo a boca atrevida, e Harte, de repente, teve uma lembrança indesejada da noite anterior, de como os lábios dela eram macios e quase acolhedores em...

– Ela é cúmplice! – gritou uma voz bêbada na plateia, uma interrupção bem-vinda considerando a direção que os pensamentos de Harte estavam tomando.

– Não sou, não – falou Esta. Então, antes que Harte pudesse impedir, ela gritou: – Você deveria subir aqui também e ver com seus próprios olhos. – Em seguida, bateu as pestanas para Harte e disse: – Ele pode subir, não pode? Você não tem nada a esconder, tem?

A plateia caiu na gargalhada.

– E então? – insistiu ela, na mais pura e fingida inocência.

Aquela garota o tinha encurralado. “Tudo bem. Vou lidar com essa situação, depois lido com ela.” Ele estampou seu sorriso mais sedutor, como se embarcasse na piada, se virou para a plateia e respondeu:

– Claro que não.

O homem que vaiara, por acaso, era corpulento, e o paletó ficava apertado em volta da barriga. Enquanto ele examinava o armário, uma energia de excitação e nervosismo corria pela plateia. Mas Harte Darrigan não errava. Não mais. Muito

menos no *seu* palco, o lugar onde mais se sentia em casa, no controle da situação. Moça nenhuma seria capaz de mudar isso, por mais que ver uma boca voluptuosa fazendo careta, achando graça, o fizesse lembrar da noite anterior e da sensação daqueles lábios contra os seus. Ele apertou a língua dolorida contra a ponta afiada de um dos dentes, só para lembrar o que tinha ocorrido da última vez que perdera a cabeça por causa daquela garota.

Quando os dois acabaram de examinar a caixa, Harte estendeu a mão, sem luva, para ajudá-la a entrar, protegendo-se do calor de seus dedos.

– Está satisfeita?

– Ah, não sei bem – disse, com um brilho maligno nos olhos. – Não sei se o senhor tem as habilidades para me satisfazer – completou, alto o suficiente para a plateia ouvir.

O público caiu na gargalhada de novo, e alguém na parte dos fundos assoviou.

Harte chegou bem perto dela, até conseguir sentir seu calor e detectar o cheiro suave e doce dos seus cabelos.

– Nunca ninguém reclamou – falou, estendendo a mão para ela de novo. – A menos que a senhorita esteja com medo...

Para a plateia, a relutância momentânea da garota fazia parecer que ela estava querendo brincar com o Mago, mas ele estava perto o suficiente para saber que o verdadeiro motivo para Esta ter medo era pegar na sua mão. Viu, nos olhos dourados da menina, a luta interna que travava para decidir entre aceitar o desafio e admitir que estava nervosa. E percebeu o exato instante em que o orgulho ganhou a batalha.

Esta deu mais um sorriso encantador para a plateia, instigando-a, ao fazer o Mago esperar mais um instante. Quando, finalmente, pôs seus dedos longos e finos na palma da mão de Harte, o choque causado pelo seu calor quase o fez se esquecer do alívio que sentiu. Se estivesse com a cabeça no lugar, talvez tivesse encontrado uma maneira de tirar proveito daquele momento. Mas só conseguiu olhar para as duas mãos juntas, sob o brilho dos holofotes – a dela parecia macia e pequena perto da sua.

– E então? – perguntou a garota, olhando mais uma vez para a plateia que, àquela altura, estava comendo na sua mão. – O senhor me prometeu... satisfação, não foi?

O homem que vaiara, que continuava no palco com eles, soltou uma gargalhada alta e estrondosa, e a plateia ficou ouriçada de novo. Mas, desta vez, Harte tirou proveito da excitação e a usou para dar o próximo passo.

Levantou a mão de Esta, apresentando-a para o público.

– A dama agora ficará à minha mercê. À mercê dos poderes do universo que nos cerca... poderes que eu controlo – disse, com um tom dramático, enquanto a levava até o armário. – Ao meu comando, ela desaparecerá desse mundo e irá para o Além. E só voltará quando eu chamar.

Ele então olhou para a garota, cujos olhos castanhos ainda riam dele. Quando apertou a mão de Esta de leve, fazendo os próprios poderes atravessarem seu corpo,

atravessarem a fina maciez da pele dela, aqueles olhos se arregalaram.

A garota olhou para as mãos, ali juntas, e sussurrou uma única palavra. Era o tipo de xingamento que a maioria das damas bem-educadas nunca sequer ouviu, muito menos usou.

– Talvez, mais tarde – sussurrou Harte, apertando a mão de Esta mais uma vez e mandando mais um pulso de energia através das pontas dos seus dedos. Então a ajudou a entrar no armário, deleitando-se por ela ter franzido as sobrancelhas, de confusão. – Aproveite a viagem – murmurou, para que a plateia não ouvisse.

Harte teve que se esforçar para manter a expressão impassível, a máscara de seriedade que aperfeiçoara para usar em cima do palco, quando fechou a porta na cara da garota e a trancou. Ele gostava de se exercitar com ela... gostava demais. Mas não tinha tempo para aquela moça, nem no seu palco nem na sua vida. Segurou uma das pontas do armário e a empurrou, fazendo-o girar como um pião. A caixa começou a rodopiar cada vez mais rápido, como que por vontade própria, até flutuar alguns centímetros acima do palco, que se transformaram em um metro. A plateia ficou em silêncio, apenas observando.

Levantando as mãos em um gesto dramático, Harte fez o armário parar de girar. Então, todos de uma vez, os lados se abaixaram, revelando uma caixa com moldura de aço, vazia e aberta. A plateia podia ver claramente uma cortina atrás dela.

Algumas pessoas aplaudiram, sem entusiasmo, mas a maioria permaneceu entediada. Nem um pouco impressionada.

– Talvez vocês achem que é uma questão de espelhos e truques de óptica... – disse Harte.

Então, tirou do paletó uma pequena pistola de cano curto, e o público ficou mais atento, com um interesse repentino pelo que estava por vir.

– Talvez o senhor possa me ajudar de novo – falou, fazendo sinal para o homem que vaiara se aproximar, e em seguida lhe entregou a pistola e uma única bala.

– O senhor poderia me dar a honra de carregar esta arma? – perguntou. Em seguida, se dirigiu à plateia: – Para garantir que não é nenhum truque com espelhos, que a moça realmente desapareceu, vou atirar naquele alvo – continuou, apontando para um grande painel estofado atrás da moldura vazia do armário.

Quando o homem terminou de carregar a pistola, Harte a pegou, posicionou o braço e mirou. Um rufar de tambores começou, grave e fatídico.

– Não! – gritou uma voz feminina, da plateia.

Ele não esboçou nenhuma reação. Apertou o gatilho, e a bala explodiu, saindo da arma, atravessando a caixa vazia e parando no alvo atrás dela.

A plateia aplaudiu um pouco mais, mas ainda estava silenciosa, à espera. Bem como Harte gostava. Nunca bastava fazer o voluntário sumir. O verdadeiro truque era trazê-lo de volta.

– Não temam – disse, fazendo a voz ecoar pela plateia. – Apesar de a bela Esta não estar mais no nosso mundo, vou chamá-la de volta. Observem...

Com mais um floreio da mão, as paredes do armário começaram a levantar, como uma flor que se fecha, e a caixa começou a rodopiar novamente, mais devagar dessa vez, e foi descendo até o chão do palco.

Harte chegou perto e deu mais um giro no armário, para as portas ficarem de frente para a plateia, e então o abriu com um floreio triunfante.

O público ficou completamente em silêncio e, um instante depois, começou a rir.

Harte se virou e viu o armário, vazio. A moça não estava lá dentro.

Soltou um palavrão entredentes e tentou não deixar o nervosismo transparecer. Dirigiu-se à plateia:

– Senhoras e senhores, permitam-me...

– Está me procurando? – gritou uma voz, já conhecida.

Ele sentiu a pele esquentar de repente. Conseguia ouvir as batidas do próprio coração retumbando nos ouvidos, e sua carreira inteira passou diante dos seus olhos. A plateia ficou inquieta, virando-se e esticando o pescoço para ver de onde vinha aquela voz.

A moça levantou e abanou.

– Estou aqui – disse ela, em uma das fileiras centrais do teatro.

As pessoas que estavam à sua volta levaram um susto. Ela bem que poderia ser um fantasma, pelo jeito que apareceu do nada no meio delas. Ficaram boquiabertas, e a garota foi pedindo licença, passando por cima de dois espectadores sentados, de queixo caído, e indo até o corredor central.

Em um primeiro momento, o público estava chocado demais para fazer algo além de olhar fixamente para a moça, e um silêncio ensurdecador tomou conta do cavernoso teatro. O próprio Harte não conseguiu fazer nada além disso. Ela tinha conseguido sentar no meio de uma fileira sem ser vista. Harte ficou de queixo caído, abismado por Esta ter conseguido ser mais esperta do que ele de novo. As pessoas começaram a aplaudir devagar, mas o entusiasmo foi crescendo até ficarem de pé, assoviando e pedindo mais.

A menina já tinha quase ido embora quando Harte se recuperou do choque e se deu conta de que precisava ir atrás dela. Esta lhe mandou um beijo e abanou para ele dos fundos do teatro, depois passou pelas portas que levavam ao *lobby*. Ele viu Nibs sentado no meio do público, que o ovacionava de pé. O garoto lhe deu um sorriso malicioso, levantou e começou a atravessar a plateia frenética, indo atrás da moça.

MESTRE DO ALÉM

Esta foi saindo do teatro – para longe, bem longe de Harte Darrigan. Mal percebeu que a noite já caíra sobre a cidade. A brisa gelada sequer a tocou. Não conseguia sentir mais nada além do choque de não estar mais dentro do armário, mas no meio da plateia.

Desviando das pessoas reunidas na calçada, na frente da bilheteria, não se deu ao trabalho de pedir licença ou diminuir o passo, nem mesmo quando acertou em cheio um homem corpulento que ajudava uma mulher a sair da carruagem. Precisava se afastar dali.

Precisava descobrir que diabos acabara de acontecer.

Lembrava-se de ter entrado no armário, lembrava-se de ter sentido o calor ardente da magia de Harte na palma da sua mão e de ter certeza de que ele havia feito algo com ela. Lembrava-se da piscadela que lhe dera – que prometia confusão – antes de trancá-la no guarda-roupas. Mas, depois disso...

Nada.

Absolutamente nada até perceber que estava de novo observando Harte Darrigan do meio da plateia. Nada até as risadas do público ao ver o armário vazio lhe despertarem do seu estupor.

Esta não sabia como tinha ido parar no meio do teatro – muito menos, no meio daquela fileira –, mas podia imaginar. Pela visível agitação de Harte quando se deu conta de que estava sozinho no palco vazio, entendeu que ainda devia estar dentro do armário. Ela deve ter resolvido usar a própria magia, ir para o meio da plateia, sem que nenhum dos dois percebesse. Mas não se lembrava de ter feito isso.

Desde o instante em que Nibsy dissera o nome de Harte, Esta teve certeza de que estava prestes a conhecer a pessoa que precisava deter – o Mago. No instante em que ele subiu ao palco, ela o reconheceu imediatamente como o rapaz do Haymarket. Em princípio, ficara incomodada. Mas, depois de observá-lo por alguns minutos, a preocupação se transformou em alívio. Com drama exagerado e magia cafona, não pôde acreditar que aquele era mesmo o Mago. “Impedi-lo será fácil”, pensou.

Mas, sentada na plateia, sem fazer ideia de como tinha ido parar ali, Esta se deu conta de que o Mago era mais do que aparentava ser. Que seria um oponente formidável.

Por sorte, só levou um segundo para se recompor e retomar o controle da situação. A surpresa de vê-la no meio da plateia transformou a expressão de Harte. Que pareceu tão desarmado que Esta quase se sentiu culpada pelos risos que o sumiço provocou. *Quase.*

Então, a expressão de Harte mudou de surpresa para outra coisa, e Esta teve

certeza de que precisava sair dali – depressa.

– Esta!

Mal ouviu chamarem seu nome enquanto desviava correndo da multidão, ainda mais rápido, porque tentava dominar o pânico. O Mago devia ter apagado sua memória ou a manipulado de algum outro modo. Aquilo era magia, claramente, não um truque malfeito como o restante dos seus números. Mas qual era a afinidade dele e qual o seu alcance? Será que ainda podia afetá-la? Ainda podia controlá-la?

Só de pensar, Esta tremeu, e não foi por causa do frio. O Professor Lachlan dependia dela para deter o Mago, mas Harte já estava com vantagem. E, agora, fizera Esta fugir.

Parou de repente, ficando imóvel e obrigando as pessoas que estavam atrás dela a desviarem. *Não*. Não permitiria que Harte a perseguisse. Isso não aconteceria de novo.

Esta virou e viu a placa do cruzamento que havia atravessado. E, acima dela, como se o tivesse conjurado com seus pensamentos, estava o Mago.

Com um tamanho impressionante, Harte Darrigan olhava para baixo, com olhos cinzentos, revoltos como uma tempestade, em um enorme cartaz que ocupava a maior parte da parede do teatro atrás dela.

– Esta! Espere! – disse Nibs, que finalmente a alcançara. Estava ofegante, mas a expressão tinha um brilho de entusiasmo. O garoto segurou o braço dela e completou: – Foi excelente. Saiu melhor do que se eu tivesse planejado. Como você conseguiu fazer aquilo?

– Não sei – murmurou Esta, soltando-se dele. Começou a sentir o frio, atravessando o veludo de seu vestido, e esfregou os braços, tentando se aquecer.

Nibs lhe entregou a capa que ela deixara para trás.

– Não sabe? – perguntou, surpreso.

Esta sacudiu a cabeça e vestiu a capa, que não conseguiu espantar o frio que ela sentia.

– Não lembro como foi que saí daquela caixa nem como fui parar no meio do teatro.

– Interessante – comentou Nibs, olhando para Esta por cima dos óculos.

– Você devia ter me avisado do que Harte é capaz de fazer – falou ela, virando-se para o garoto.

Nibsy sequer se mexeu ao perceber a raiva naquelas palavras.

– Achei que seria melhor se você fosse lá sem nenhuma expectativa. De qualquer modo, você foi brilhante. Tirou Harte do sério, coisa que eu nunca consegui – disse, com um tom óbvio de admiração. – Dolph ficará muito satisfeito.

Esta não conseguiu ficar feliz com a notícia. Não naquele momento.

– Queria ver o que é capaz de fazer. E não correu nenhum perigo *de verdade*. Eu só estava tentando chamar a atenção dele – continuou Nibsy, com uma expressão presunçosa por trás dos grossos óculos. – E você certamente conseguiu fazer isso.

Dolph tinha razão, quando resolveu ficar com você.

Ela olhou feio para o rapaz.

– O que você quer dizer com isso?

– Apenas o que eu disse. Dolph tomou a decisão certa quando não lhe entregou para Corey. Você é uma ladra excelente, mas também é mais do que isso, não é? – perguntou, espremendo os olhos.

– Só existe um jeito de descobrir – desafiou Esta, fazendo questão de olhá-lo nos olhos. Provocando o rapaz a aceitar o desafio. – Me dê outra coisa para fazer além de roubar bolsas.

Nibsy ficou olhando para ela, tenso, por um bom tempo, e Esta praticamente conseguiu ouvir os cálculos que o garoto fazia na cabeça.

– Talvez eu dê mesmo – disse ele.

Os dois caminharam em silêncio até encontrarem um bonde que ia na direção que queriam. Mas, durante todo o tempo, Esta poderia jurar que sentia os olhos do Mago a seguindo até em casa.

VELHOS AMIGOS

Harte fez uma reverência rápida para a plateia, mal ouvindo os aplausos e sem se dar ao trabalho de fazer os floreios de costume. Seu corpo inteiro tilintava da descarga de adrenalina que sentira ao ver a moça – Esta, dissera ela que era seu nome – se materializar do outro lado do teatro. Em sua cabeça, já passavam mil possibilidades. Ele precisava encontrá-la. *Precisava* saber como ela tinha feito aquilo.

Passou correndo por Toco, que gritava, dizendo que ele tinha que voltar para o palco e terminar a apresentação. Harte só precisava passar no camarim, pegar o casaco e as chaves. Mas, quando abriu a porta, viu que a saleta já estava ocupada.

– John – falou Harte, disfarçando a surpresa ao ver o braço direito de Paul Kelly sentado na poltrona próxima à sua penteadeira. John Torrio devia ter uns 19 anos, não era muito mais velho do que Harte. Ele tinha a mesma pele morena, o mesmo nariz pronunciado, mas não o mesmo estilo refinado do seu patrão – e ex-patrão de Harte –, o líder da gangue Cinco Pontos.

Pat Riley, mais conhecido em alguns círculos sociais como Navalha, estava inspecionando um par de algemas pendurado no espelho. Fazia meses que Harte vinha se esquivando de Kelly e seus homens – desde que Dolph lhe falara sobre o Livro. Então, o fato de aqueles dois aparecerem sem avisar, de forma inesperada, só podia significar que o patrão tinha cansado de ser paciente.

Harte buscou, nas profundezas da sua inquietação, o que – assim esperava – deveria ser um sorriso simpático e confiante.

– Cavalheiros, a que devo a honra?

– Kelly nos mandou – disse Torrio, ajeitando as lapelas pontudas do paletó. – Mas tenho certeza de que isso você já sabe, já que anda nos evitando. O patrão precisa dos seus serviços.

– Abandonei essa vida – respondeu Harte, fitando Riley, desconfiado. – Kelly sabe disso. A última vez era para ser a última vez. Temos um acordo.

Riley derrubou as algemas, que caíram com um estrondo sobre a mesa, virou e olhou bem para Harte.

– O acordo mudou.

“Sempre muda”, pensou Harte, segurando-se para não gritar tamanha a frustração.

John Torrio se esparramou confortavelmente na poltrona de Harte, e seus olhos refletiam a confiança presunçosa de quem podia contar com a autoridade de alguém como Paul Kelly para se garantir.

– Você sabe que Kelly tem olhos por todos os lados, Darrigan. Está querendo me dizer que achou que podia ficar de graça com o pessoal do J. P. Morgan sem que

ninguém ficasse sabendo?

– Vocês estão aqui porque tomei um drinque com Jack Grew?

– E com o filho do Morgan.

– Não conheço o filho do Morgan. E ele não quer me conhecer – disparou Harte, olhando para o casaco, por cima do ombro de Torrio. Não devia ter se incomodado em voltar para pegá-lo. Devia ter ido atrás da garota e evitado encontrar aqueles dois.

Mas, agora que parara para pensar, talvez devesse esquecê-la. A moça, de algum modo, estava envolvida com Nibsy, o que significava que também devia ter alguma coisa a ver com Dolph Saunders. E a última coisa de que Harte precisava era essa complicação em especial, ainda mais quando os capangas de Kelly estavam ali, sentados no seu camarim.

Mesmo assim, aquele truque de se materializar do outro lado do teatro em uma fração do tempo que qualquer outra pessoa levaria... tinha enlouquecido a plateia. Se pudesse repeti-lo, Harte não precisaria se preocupar com a venda de ingressos por um bom tempo. Por mais que a garota estivesse envolvida com Nibsy Lorcan, Harte queria saber como ela tinha feito aquilo. Só que, primeiro, tinha que se livrar daqueles dois homens que estavam no seu caminho.

– Mas você *conhece* Jack? – insistiu Navalha.

Torrio concordou.

– É o que basta para o patrão.

– Jack é apenas um admirador do meu trabalho – falou Harte, fazendo-se de desentendido, o que não deixava de ser verdade. – Ele acha que posso ensiná-lo a tirar moedas da orelha. Torná-lo tão rico quanto o tio.

Torrio deu uma risada de escárnio.

– Aposto que sim. Mas, como eu já disse, esse seu novo amigo interessa ao senhor Kelly. Muito.

Harte fez questão de desenrolar as mangas da camisa, sem deixar de observar os dois homens.

– Conheço muita gente. Não sabia que precisava contar para Kelly toda vez que vou beber com alguém.

Navalha respondeu, gritando:

– Cuidado, Darrigan. Kelly pediu para a gente conversar com você. Mas não disse que precisávamos ser gentis.

Harte ignorou Navalha e continuou prestando atenção em Torrio.

– Que interesse Kelly pode ter por Jack Grew, afinal de contas?

– Você conhece o patrão – respondeu Torrio, encolhendo os ombros. – Está sempre interessado em aumentar a rede de contatos. Jack Grew é um cara bem importante.

Harte não conseguiu conter a surpresa.

– Jack é um João-ninguém – disse, sendo sincero. – Até onde eu sei, quase juntou

os trapos com a filha de um pescador na Grécia, porque não tem o cérebro no lugar. O fedelho não consegue diferenciar a bunda do sovaco sem ajuda do papai, e a família inteira sabe disso. Kelly não conseguiria chegar a um metro de distância dele sem que o pessoal de Morgan fosse avisado.

– Você é tão descrente – debochou Torrio, cutucando as unhas antes de olhar nos olhos de Harte. – Acha mesmo que o senhor Kelly não sabe o que está fazendo?

– Kelly quer que você se aproxime de Grew – esclareceu Navalha.

– Que eu me aproxime dele? – repetiu Harte, sentindo uma pontada gelada no estômago, porque tinha entendido.

– Você sabe o que ele quer – disse Torrio, pegando o chapéu de cima da penteadeira de Harte.

Uma coisa era usar a afinidade nos políticos corruptos do Tammany ou nos fedelhos da vizinhança, mas mexer com a Ordem da Ortus Aurea? Se não fosse tão arriscado, Harte já teria feito isso. Se usasse magia, poderia controlar Jack com muito mais facilidade. Mas tinha certeza de que, se a Ordem ficasse sabendo, seria seu fim. Ou coisa pior.

– Não tenho nenhuma influência sobre Jack Grew – argumentou.

– Não foi isso que a gente ouviu. O que ouvimos é que você tem *jeito* para lidar com caras difíceis. – Torrio retorceu a boca dando uma espécie de sorriso de desdém. – Kelly quer que você o apresente para ele.

– Não entendo o porquê.

– Não que seja da sua conta, mas andam dizendo por aí que a Ordem vai fazer uma festinha importante logo, logo. Andam dizendo que todo mundo que tem alguma importância nessa cidade vai estar lá. Kelly não quer ficar preso num cortiço para sempre, Darrigan. Quer ser convidado para essa festinha, que ser convidado para fazer parte da Ordem. E tem certeza que você pode arranjar isso... Afinal de contas, já tem uma entrada com Jack.

– Gente como Jack Grew vem de um mundo diferente do nosso – disse Harte, encolhendo os ombros. – Mal conseguiram suportar que eu estivesse sentado na mesma mesa que eles e...

– Tenho certeza de que vai dar um jeito – interrompeu Torrio.

E deu um tapinha nada leve na bochecha de Harte.

– E se eu não conseguir dar um jeito?

– Você sabe que Kelly tem seus métodos de persuasão. Seria uma pena se alguém descobrisse seus segredinhos, não seria? Quem sabe o que poderia acontecer com você?

Paul Kelly sabia de muitos segredos de Harte Darrigan, diversas coisas que poderiam arruiná-lo se o antigo patrão resolvesse desmascará-lo.

– Entendo – disse Harte, bem devagar.

– Achei mesmo que entenderia – falou Torrio. Navalha Riley ficou sentado atrás dele, sem expressão.

– Preciso de um tempo para pensar. Descobrir a melhor maneira de fazer isso.

– O senhor Kelly achou que você diria isso mesmo. Ele tem plena confiança de que vai tomar a decisão certa. Eu? Já não tenho tanta certeza. Acho que pode precisar de um empurrãozinho – falou Torrio, dando de ombros. – E vou ter o maior prazer de lhe dar esse empurrãozinho.

– Bem, essa conversa foi muito esclarecedora, rapazes – respondeu Harte, estendendo a mão em uma tentativa desesperada de controlar a situação. – Mande as minhas lembranças para Kelly, sim?

Torrio olhou para a mão estendida, mas não a apertou.

– Você faz um bom *show*, Darrigan, mas o prazo para fazer a coisa certa está acabando.

O capanga inclinou a cabeça e foi saindo do camarim. Navalha lançou um olhar para Harte que dava a entender que não ficaria nem um pouco chateado se ele se desse mal. E foi atrás de Torrio, fechando a porta.

Harte passou a tranca na porta e afundou na poltrona perto da penteadeira. Ainda estava quente do corpo de Torrio, o que só servia para lembrá-lo do quanto estava encrencado. Paul Kelly, membro da Ordem? Ele sequer podia imaginar. Mas, se isso acontecesse... Harte não conseguiu deixar de tremer.

Ainda se lembrava da primeira vez que encontrara Paul Kelly há uns cinco, talvez seis anos. Naquela época, Dolph Saunders o colocara debaixo da sua asa, e Harte achava que era o dono do mundo. Então, quando descobriu que sua mãe estava de volta a Nova York – alguém a vira em um dos bordéis de Paul Kelly –, Harte não pediu ajuda de Dolph. Foi ver com os próprios olhos.

Fora lá xingar sua mãe por tê-lo abandonado. Quando, no entanto, se deu conta do que ela havia se tornado, entendeu qual fora o resultado de suas ações. Não podia simplesmente deixá-la ali. Foi fácil tirar a mãe daquele lugar. Mas é claro que Paul Kelly ficou sabendo e logo veio atrás dele.

Naquela época, Kelly estava começando a ficar conhecido. A gangue dele, na maioria, era formada por garotos italiano mal-encarados que não precisavam ter olho gordo para acabar com o dia de alguém, e pegaram Harte antes que Dolph descobrisse o que tinha acontecido. Mas Kelly viu algo de valor nas habilidades de Harte, então lhe deu uma escolha naquele dia, o que era muito mais do que costumava dar. Trabalhar para a Cinco Pontos ou terminar a curta vida no fundo do rio Hudson. Harte escolheu a Cinco Pontos. Apesar de tudo que já tinha vivido, ainda era muito ingênuo e não sabia que o rio poderia ser uma escolha melhor. Começou a usar o uniforme da Cinco Pontos antes que Dolph pudesse fazer qualquer coisa para ajudá-lo.

Alguns anos depois, quando Harte conseguiu descobrir um bom número de segredos de Kelly, negociou sua saída da gangue. Mudou de nome, mudou completamente de vida e começou a trabalhar nos teatros e museus de curiosidades na Bowery, aprendendo o ofício com alguns artistas da antiga. Acreditou que tinha

conseguido sair, mas não demorou nem seis meses para Kelly lhe pedir um “favor”. “Para um velho amigo.” Mas um favor levou a outro, que levou a outro, que levou a mais outro.

Harte tentava não pensar muito no fato de que os favores que fazia para Kelly com frequência coincidiam com seus momentos de sucesso no mundo do teatro. Convenceu-se de que foi por sua habilidade e não pela pressão de Kelly que conseguiu o primeiro *show* ao norte do rio Houston e a primeira aparição na Broadway. Mas a visita de Torrio e Navalha só sublinhava a verdade: Dolph Saunders tinha razão quando dizia que Kelly o mantinha na coleira. A única maneira de escapar da influência de Kelly era fugir daquela cidade amaldiçoada.

E a única maneira de fazer isso era pondo as mãos no Livro antes de qualquer um.

Harte pegou as algemas que Navalha Riley derrubara. Eram as primeiras algemas das quais escapara, quando ainda era um fedelho burro da Mott Street, que fora preso por roubar uma laranja meio podre do carrinho de um vendedor. Quando abriu essas algemas e fugiu da carroça da polícia que ia direto para o orfanato, teve o primeiro gostinho de como seria decidir o próprio destino. Harte as guardou como lembrança do quanto havia melhorado de vida e do quanto ainda precisava melhorar.

Claro, Dolph Saunders e Paul Kelly estavam no seu encalço, mas ele tinha algo que nenhum dos dois tinha, e ambos queriam: um contato disposto na Ortus Aurea. Mesmo assim, seria difícil convencer Jack de confiar nele a ponto de lhe abrir as portas da Mansão Quéfren. Seria muito arriscado ir contra uma organização que perseguia Mageus por esporte. Mas aquelas algemas eram uma prova de que já estivera em situações difíceis.

Harte pendurou as algemas no gancho, onde ficavam bem à sua vista. Sua vida inteira fora um grande número de escapismo. Fugir daquela prisão que era a cidade de Nova York não seria muito diferente.

MUDANDO DE PLUMAGEM

Esta passou os dias seguintes trabalhando na Zona Morta sem reclamar – e bem longe de Harte Darrigan. As letras e as palavras do recorte de jornal que guardava perto de sua pele não tinham parado de se mexer. O futuro, o assalto que precisava acontecer, ainda eram indeterminados, fato que a deixava nervosa, ansiosa. Se o assalto não acontecesse, ela jamais voltaria.

Na quarta-feira, trabalhou na Wall Street, batendo carteira de banqueiros distraídos, debaixo da chuva torrencial. Com aquele tempo horrível, levou mais tempo do que no dia anterior para atingir a cota, principalmente porque, sempre que possível, tentava usar apenas habilidades e não magia. Entendia que, *naquela* cidade, a magia era tanto um ponto fraco quanto uma ferramenta, uma marca pela qual um inimigo desconhecido podia rastreá-la ou encontrá-la.

Apesar da chuva, ainda era cedo quando voltou para o calor da cozinha de Tilly, exausta e faminta. A cozinha não estava vazia. Na ponta da longa e pesada mesa, estava sentado Dolph, rodeado por Viola, Jianyu e Nibs. Eles não prestaram atenção quando Esta chegou, mas, quando Tilly ouviu a porta se abrir, parou o que estava fazendo na pia. Ao ver que era Esta, secou as mãos no avental que cobria seu vestido, pegou um prato coberto e trouxe para ela.

– Você voltou cedo – disse a menina.

Colocou o prato na ponta do balcão e tirou o pano de cima, revelando fatias de queijo, salame e um cacho de uva que alguém já tinha beliscado.

Apoiando o quadril no balcão, Esta pegou uma das uvas que sobraram.

– Está uma confusão na rua. Consegui minha cota, por isso voltei. Não estava a fim de derreter.

Tilly lhe lançou um olhar confuso.

– Derreter?

– Não é nada – disse Esta, percebendo a gafe.

– Mais um vestido novo? – perguntou Tilly, provocando.

Esta encolheu os ombros e colocou uma uva na boca.

– Se a gente mudar a plumagem com frequência, a vítima não reconhece o passarinho.

As palavras saíram da sua boca naturalmente, sem pensar. E, no mesmo instante, a uva teve um gosto amargo. Aquelas eram palavras do Professor Lachlan, lições que repetira até fazerem parte de Esta. E ela o estava deixando na mão.

Ali, tão perto do calor do fogão, Esta tirou a capa molhada que estava usando. Fez sinal com a cabeça em direção à mesa onde Dolph estava sentado com Viola, Jianyu e Nibsy, todos cochichando.

– O que está acontecendo ali?

Tilly passou um copo de leite para Esta e lhe deu um olhar sarcástico.

– Grande planos, como sempre.

Dolph bateu na mesa com o punho cerrado, e Viola disse algo maldoso em italiano, gesticulando bastante.

– Pelo jeito, não está indo muito bem.

– Não está não, até onde eu sei – falou Tilly, voltando para a pia cheia de louça.

Esta pegou um pano e um dos pratos molhados que a menina colocara em cima do balcão. Ficou secando o prato, de orelha em pé para o grupo sentado à mesa.

– O que eles estão tentando fazer? – perguntou, em voz baixa.

Tilly olhou para ela de soslaio.

– Uma coisa que, provavelmente, vai matar um deles – murmurou. E sacudiu a cabeça, visivelmente incomodada com aquela ideia.

– Não é possível – disparou Viola. – Você quer que a gente entre em uma sala lotada, roube tudo bem debaixo do nariz deles e fuja sem ser pego. E, ainda por cima, batendo a carteira de todo mundo *ao mesmo tempo*? *Sei pazzo!*

– Já discutimos isso. Jianyu consegue entrar sem ser notado – argumentou Dolph.

– E depois o quê? – perguntou Nibs com delicadeza. – Ele não é ladrão, Dolph.

– Ele sabe roubar segredos muito bem – insistiu.

– Segredos não têm *peso* – disse Viola, pontuando as palavras com as mãos. – Isso é diferente. Você quer que ele leve tudo? Que roube uma sala cheia de membros da Ordem *enquanto* nós roubamos a exposição? É muita coisa para uma pessoa só.

– Talvez a gente não precise levar tudo – sugeriu Jianyu. – Levar uma ou duas peças de valor deve ser mais do que suficiente.

– Não! – gritou Dolph, batendo na mesa de novo. – Não é. Eles não podem saber o que estamos procurando. Se levarmos tudo, é menos provável que saibam por que foram roubados.

– Então, o que você sugere que a gente faça? – perguntou Viola.

– Vamos mandar você – disse Dolph.

– Ah! Fala sério. Não sou ladra, e não quer que eles morram, quer?

Esta tomou um gole de leite, usando o movimento como desculpa para olhar para o grupo tenso em torno da mesa, mas praticamente se engasgou quando percebeu que Nibs a observava.

– E ela? – perguntou Nibs, quando Esta se virou.

– Quê? – disparou Dolph.

– Esta, a menina nova. Ela já está há quase uma semana lá no centro, não? Você sabe que ela é talentosa, nem você conseguiu impedi-la de roubar – disse, encolhendo os ombros. – Por que não deixá-la batendo as carteiras do público? Jianyu pode se concentrar nas obras de arte.

Dolph se virou e olhou para Esta com o olhar gélido. Ficou examinando a menina por um instante, com uma expressão tensa.

– Não – falou, depois de um tempo, virando-se para a mesa.

– Ela tem mesmo dedos leves – insistiu Jianyu, lançando os olhos sobre ela. Então, lhe lançou um olhar indecifrável para lembrá-la de que sabia seu segredo.

– *Não* – repetiu Dolph, como se esse fosse o fim da conversa.

– Eu concordo – disse Viola, olhando feio para Esta. – A garota, não.

Por algum motivo foi o desprezo de Viola que inflamou os ânimos de Esta.

– Por que “a garota” não? – perguntou. Deu um passo na direção deles, sem parar de olhar Viola nos olhos. – Vocês precisam roubar alguma coisa, e é isso o que eu faço. Consegui tirar aquela faca de dentro do seu bolso, não foi?

– E não consegui mais – disparou Viola, apertando os olhos.

– Não me dei ao trabalho de tentar.

– Chega – disse Dolph antes que Viola pudesse responder.

Esta olhou pra ele.

– Você sabe que sou mais do que capaz.

– Mas não sei se posso confiar em você.

– Só existe uma maneira de descobrir – desafiou Esta.

Dolph não respondeu de imediato, ficou simplesmente olhando para ela, com olhos azuis, frios e sérios.

– Vocês são piores do que dois gatos de rua brigando por um beco – disse Tilly, trazendo um prato de comida até a mesa. – Esta é confiável, Dolph. Tenho um bom pressentimento em relação a ela. E, se você fosse sincero consigo mesmo, saberia que pode confiar nela.

– Você não sabe disso.

– Sei que ela já teria ido embora se você não confiasse – respondeu, lançando-lhe um olhar duro. – Use Esta. Talvez assim, as chances de você matar alguém sejam menores.

– Tilly tem razão – disse Nibs. – Podemos usar a garota.

– A garota tem nome – resmungou Esta.

– Tudo bem – concordou Dolph, pegando um dos biscoitos que Tilly trouxera. – Sente-se. Mas fique sabendo: se você nos trair...

– Vai morrer antes de conseguir levantar um dedo – completou Viola.

Jianyu ficou em silêncio, sem verbalizar seu próprio alerta, mas seus olhos ficaram parados, observando.

Por sorte, Esta não tinha planos de traí-los. Pelo menos, não por enquanto.

O CORAÇÃO DA MAGIA

O Strega já fechara as portas há muito tempo quando Dolph finalmente voltou para seu apartamento solitário. Houve uma época em que o lugar era cheio de vida e calor, mas agora o silêncio servia de penitência. Ele se acomodou na mesa perto da lareira para examinar as plantas do Metropolitan e as informações sobre a exposição que conseguira até então, assim como o último boletim de Jianyu.

Algum tempo depois, uma forte batida na porta perturbou a solidão. Dolph olhou para o relógio de parede e viu que tinha trabalhado até bem depois da meia-noite. Era muito tarde para alguém importuná--lo se não fosse importante.

– Entre – gritou, ficando na frente da mesa para esconder os papéis.

Viola entrou, e ele relaxou um pouco. Sentou-se de novo e fez sinal para a garçonete fechar a porta. Sua inquietação tomou conta do ambiente.

– Que foi? – perguntou ele apontando para a cadeira vazia na sua frente.

Viola sacudiu a cabeça.

– Não vou demorar.

Mas não falou de imediato.

– Tive um dia longo. Então, se você tem algo a dizer, é melhor falar logo.

Ela viu as folhas de papel e anotações que estavam sobre a mesa, depois olhou para Dolph.

– Você acha mesmo que é prudente incluir a garota nisso? – perguntou, por fim.

– Pelo jeito, é esse o consenso – respondeu Dolph, esparramando--se na cadeira.

Viola fez uma careta.

– Não confio nela.

– Você não confia em ninguém, Vi. Talvez, quem sabe, em Tilly, e mesmo assim...

Dolph encolheu os ombros, cansado. O que poderia dizer a esse respeito, já que Viola não falava nada?

Não que a condenasse por ser tão desconfiada. Ela tinha confiado na própria família, não tinha? Criada para ser a filha responsável, fizera tudo o que lhe pediram – tornou-se a arma do irmão quando ele começou a criar inimigos que vieram junto com a reputação que ele estava construindo na vizinhança. Mas, quando ouviram rumores de que Viola estava se aproximando demais de uma das professoras das aulas noturnas que frequentava, fizeram a mulher – e qualquer rastro do envolvimento amoroso – desaparecerem e tentaram leiloar a garota. Para seu próprio bem, é claro.

Sendo tão jovem e com a família que tinha, ela arriscara a vida ao ir embora de casa, e arriscara tudo mais ao trocar sua lealdade a Dolph por proteção. Não que

confiasse nele a ponto de contar tudo o que acontecera, mas ele descobriria sozinho. Sempre descobria.

Mesmo assim, nunca esqueceu o dia em que Viola apareceu no Strega com o lábio cortado, em ferida, a pele em volta do olho esquerdo tão roxa quanto a íris. Ela passou pelas portas da taberna com o queixo erguido, os ombros para trás, e lhe prometeu que faria tudo o que ele pedisse, se Dolph impedisse a família dela de levá-la para casa. Porque, se tentassem fazer isso, preferia matá-los do que viver controlada por eles, e não sabia se poderia conviver com culpa.

Viola cumpria a promessa que fizera a Dolph há mais de três anos, e ele acabou dependendo dela. Acabou quase gostando dos ataques de mau humor e respeitando o gênio intratável. Mas não tinha paciência para nada daquilo naquela noite.

A garçonete ficou em silêncio assim que sentou. Então, depois de pensar por um tempo, inclinou-se para a frente e falou em um tom baixo e hesitante:

– Poderíamos esperar um pouco, sabe? Não há motivo para pressa. Ou podíamos fazer o que Jianyu sugeriu e só roubar as obras de arte. Seria o suficiente para humilhar Morgan sem fazer todo mundo se arriscar por uma menina inexperiente que nem conhecemos direito.

Em qualquer outro momento, o argumento de Viola teria sido bem recebido. Normalmente, Dolph passava meses observando e esperando até pensar em confiar em alguém novo. Mas dessa vez...

– Não podemos esperar.

Fazia muito tempo que Dolph procurava respostas, e ainda lhe faltava uma peça importante do quebra-cabeças. Ele pegou uma folha de papel com uma lista de nomes.

– O que é isso?

– Mais pessoas sumiram.

Viola examinou a lista, espremendo os olhos e movimentando a boca sem emitir som ao tentar entender os nomes.

– Sempre tem gente que so... – ela parou de falar de repente e olhou para Dolph, surpresa. – Krzysztof Zeranski?

Dolph balançou a cabeça. A cidade tinha uma tendência a engolir os fracos, mas Mageus com afinidades fortes, como Krzysztof, normalmente conseguiam evitar esse destino. Só que, nos últimos tempos, alguns dos mais talentosos – e mais poderosos – tinham começado a desaparecer de novo, exatamente como no ano anterior.

– Ele ajudou a controlar um incêndio na Hester Street semana passada. É provável que alguém o tenha visto.

Viola lhe devolveu a lista.

– O que isso tem a ver com o serviço do Metropolitan?

– A Ordem está aprontado alguma. Olhe só esta lista, Viola. Krzysztof tem o talento de controlar a água. Eidelman cultiva flores quase impossíveis na sua

floricultura perto da Washington Square, e todo mundo sabe que precisa falar com Frieda Weber se quer que o sol brilhe no dia do casamento. Todos poderiam ser confundidos com elementais.

A garçonete sacudiu a cabeça.

– Mas não são. Água, ar, terra... Está tudo interligado. Evocar um é evocar o próprio coração da magia.

– Eu sei disso, e você sabe disso. Droga, todo Mageus nasce com esse conhecimento profundamente arraigado. Mas a Ordem e a gente como eles, pessoas que nunca sentiram uma vocação para se conectar com o mundo à sua volta, caem no mito de que é preciso separar as partes da magia para torná-la mais controlável. Veja só a Beira. Até parece que é possível separar a afinidade dos Mageus sem causar prejuízo a ambos. É impossível. Nenhum Mageus consegue se recuperar completamente do que a Beira causa, e cada vez que um dos nossos é enfraquecido por ela, a magia como um todo se enfraquece.

“Eu posso estar enganado. Posso estar vendo relações onde não existe, mas acho que não, isso já aconteceu antes, quando perdemos Leena. Esses nomes sugerem que está começando tudo de novo. Não posso ignorar esse fato, assim como não posso esquecer que, a cada dia que esperamos, ficamos mais perto do Conclave. A Ordem está planejando alguma coisa, alguma coisa maior do que tudo o que já vimos. E nosso prazo para descobrir o que é está acabando. Precisamos do *Ars Arcana*.”

– Isso também tem a ver com o Livro? – perguntou Viola, visivelmente irritada.

– Tem.

– Você realmente acha que um mero livro pode ser tão importante?

– Leena jamais teria se sacrificado por um *mero* livro, Viola. A menos que fosse *realmente* importante. Eu confiava nela enquanto era viva, e vou confiar nesse caso também. Estou convencido de que a Ordem está com o *Ars Arcana* e estou convencido de que precisamos dele para derrotá-los.

Os olhos violeta de Viola ainda expressavam dúvida.

– Se tivéssemos coragem, poderíamos derrubar a Ordem sem nos preocuparmos com um livro idiota. Quais seriam as chances deles contra nós? Somos todos *conigli* por não lutarmos contra eles.

Dolph sacudiu a cabeça.

– Pode ser que isso tenha sido verdade um dia, mas agora a magia está morrendo, já há algum tempo. Longe dos países do Velho Mundo, cada geração esquece um pouco mais. Você viu isso com seus próprios olhos, não viu? Que cada geração é um pouco mais fraca que a anterior. Talvez há cem, mesmo cinquenta, anos, teríamos alguma chance, mas eu não correria esse risco agora. Ninguém em sã consciência correria.

– Então, esperamos até estarmos preparados. Concentramos nosso poder – argumentou ela. – Poderíamos ir com calma, comendo o poder da Ordem pelas beiradas até ficarem fracos o bastante para podermos derrotá-los.

– Você não entende... – disse Dolph, inclinando-se para a frente. – O que estou tentando fazer é muito mais do que simplesmente derrubar a Ordem. Se eu estiver certo a respeito do *Ars Arcana*, ele reúne todos os segretos da magia.

– Nós *temos* os segredos da magia – falou Viola, batendo no próprio peito. – Correm no nosso sangue.

– É verdade, mas nos esquecemos disso. Poderíamos ser *tão* mais poderosos... A Ordem não seria capaz de impedir de novo *nenhum* Mageus de realizar seu destino. Poderíamos transformar esse país inteiro em um paraíso para nossa espécie. – Quando percebeu que Viola ainda franzia a testa, Dolph insistiu: – Isso se tornou algo maior do que eu, maior do que aquilo que perdi quando a Ordem roubou Leena de mim.

– E o que isso tem a ver com o museu? O Livro não está lá.

– A exposição de Morgan tem peças que preciso estudar – disse ele, empurrando o catálogo da exposição na direção de Viola. – Jianyu conseguiu passar a mão em um na gráfica que o estava imprimindo, então Dolph sabia exatamente o que Morgan tinha. Sabia exatamente do que precisava.

Viola olhou para ele, com ares de dúvida.

– Entrar na Mansão Quéfren não será suficiente. A Ordem deve guardar o *Mysterium* usando mais do que uma porta trancada. Espero algo parecido com aquilo que prendeu Leena antes de eles a matarem. Algo que faria mal a qualquer Mageus que tentasse se aproximar. Precisaremos romper essa proteção – disse ele, pegando o catálogo de volta e apontando para um objeto em particular. – Acho que isso pode dar certo.

Viola leu o texto sobre o objeto, ainda incerta .

– Morgan não colocaria algo tão perigoso, tão importante, em exposição – argumentou.

– Colocaria, se não soubesse o que é.

– Você não tem como ter certeza.

Não, claro que ele não tinha certeza, mas não podia simplesmente entrar no museu e examinar o objeto sem levantar suspeitas.

– Eu sei o suficiente, e Nibs está otimista.

Viola ficou observando Dolph, de olhos cerrados.

– Não... tem mais alguma coisa, alguma coisa que você não está nos contando.

– Se não contei, não é da sua conta – respondeu Dolph, deixando a impaciência transparecer nas palavras.

Mas Viola não deu atenção ao seu tom de repreensão.

– Você costumava confiar em mim, sabia?

Dolph soltou um suspiro exasperado.

– Eu *ainda* confio em você, Vi.

– Você anda guardando segredo de nós. – Viola sacudiu a cabeça. – Acho que você sempre guardou segredos de nós, mas agora acho que tem algo mais. Se não

tomar cuidado, vai acabar matando a todos.

– Você está me dizendo que quer sair? – perguntou ele, seco.

Viola o observou com os olhos afiados como as facas que levava escondidas nas saias. *Tique-taque, tique-taque*, fazia o relógio à medida que os segundos passavam, e parecia que a cada instante o momento em que tudo desmoronaria ficava mais perto.

Leena saberia o que dizer para acalmar Viola. Teria dito para Dolph que aquele esquema todo era um erro. Mas será que ele teria lhe dado ouvidos?

– Você está tentando me dizer que agora tenho escolha? – perguntou Viola, sem tirar os olhos de Dolph.

– Você sempre teve escolha – respondeu ele sem levantar a voz, com uma expressão plácida –, mas quando você me prometeu lealdade e aceitou minha marca, sabia quais eram as consequências.

Viola não esboçou nenhuma expressão.

– Não preciso das suas ameaças, Dolph. Com ou sem marca, sou uma mulher de palavra.

– Sei disso, Viola. Se não quer participar do serviço no Metropolitan, não quero que você vá. Há muita coisa em jogo para alguém não estar completamente comprometido. – Ele ficou em silêncio por um segundo e voltou a falar em voz mais baixa: – Mas sua ajuda é bem-vinda.

– Tudo bem – respondeu ela, depois de um bom tempo. – Mas se a garota nos trair...

– Não acho que ela vá fazer isso.

– Você vai marcá-la antes?

Dolph deveria marcá-la. Qualquer um que ele permitisse se aproximar a ponto de fazer um serviço como aquele devia ser obrigado a receber a marca. Mas, com sua afinidade enfraquecida, as marcas não faziam mais sentido. Ele não sabia o que poderia acontecer – o que revelaria – ao marcar a garota sem estar com a magia intacta.

Viola fez careta ao perceber a hesitação de Dolph.

– Você é muito mole com ela.

– Não sou, não.

– Você a admira – insistiu ela.

– Ela é uma ladra talentosa, mas...

– Posso entender por que – continuou Viola, ignorando Dolph. – Ela é cabeçadura e muito ousada, faz eu me lembrar de Leena, nesse sentido. Mas você está deixando a simpatia atrapalhar o julgamento. Tenho medo de que você confie nela pelos motivos errados.

– Tenho medo de que você não goste dela pelos motivos errados.

– E quais seriam os motivos certos, Dolph?

Mas, quando ele foi responder, descobriu que não sabia mais.

O METROPOLITAN

Central Park East

Esta olhou seu reflexo no vidro que cobria uma aquarela do século XVIII. Os olhos desdenhosos do homem de peruca do retrato a fitavam, e ela teve uma súbita e incômoda sensação de que a figura podia ver seu íntimo. Só esperava que ninguém mais tivesse essa capacidade.

Ignorando aquele olhar de reprovação, mexeu o pescoço da direita para a esquerda, para ter certeza de que todos os seus fios de cabelo ainda estavam debaixo do *tarbuch* de seda, o chapéu semelhante ao fez que toda a criadagem devia usar naquela noite. Foi uma sorte, pensou, terem que usá-lo. Ela era quase da altura da maioria dos homens, e era fácil amarrar o peito para esconder as curvas, mas, sem o chapéu, teria sido mais difícil esconder o cabelo e passar por um dos homens. Se não fosse assim, ela não tinha dúvidas de que Viola teria brigado para cortá-lo.

As calças de seda e os longos casacos que pareciam túnicas – tudo fazia parte do tema da exposição – também eram um bônus. Poder finalmente tirar as longas saias que usava lhe deu uma sensação de liberdade que não tinha há semanas. Não que os uniformes da criadagem ou qualquer um dos enfeites do ambiente fossem remotamente autênticos. Com o brilho da seda e os detalhes bordados que reluziam quando ela se mexia, a roupa parecia mais ter saído de um *show* de Las Vegas.

Aos seus olhos, Esta ainda parecia muito feminina, não havia como disfarçar a pele macia do rosto nem os cílios pretos e volumosos, mas ela conhecia aquele tipo de gente o suficiente para saber que só enxergavam o que esperavam ver. Isso se olhassem para a criadagem.

– Você... garoto! – gritou uma voz no fim do corredor. – Saia de perto daí!

Esta levou um susto, e, quando se virou, viu um homem de ombros largos e terno escuro vindo na sua direção. Um dos seguranças do museu. Ela se afastou do retrato e baixou os olhos.

– Você não tem trabalho para fazer?

– Já estou indo, senhor – disse ela, falando um tom mais baixo e tentando parecer rouca. Continuou de cabeça abaixada e tentou caminhar como os malandros quando passou por ele.

“Calma. Não falta muito...”

No entanto, ao passar pelo segurança, Esta sentiu ramificações de energia chegando até ela. A pele formigou, ao tomar consciência, e quase tropeçou de tão surpresa.

“Ele está usando magia.”

Não deveria haver outros Mageus no museu – Morgan era da Ordem, e a exposição estaria repleta de seus membros –, mas a centelha de magia apareceu de novo enquanto ela se afastava.

Esta continuou olhando para baixo e andou o mais rápido que conseguiu sem levantar suspeitas, mas não relaxou enquanto não saiu daquela galeria e entrou no vazio silencioso de um grande salão repleto de estátuas.

Quando achou que ninguém mais podia ouvi-la, soltou um palavrão em voz baixa e começou a correr. Virou em um canto e desceu os degraus de uma escadaria distante, de dois em dois. No final, entrou em uma galeria maior de esculturas, manteve o ritmo e a atravessou correndo.

– Já vai embora, tão cedo?

Uma sombra saiu de trás de uma grande urna.

Esta parou de repente, com o coração saindo pela boca, virou e deu de cara com Nibsy.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou.

Ele devia estar do lado de fora do museu, esperando para orquestrar a fuga.

– Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta – disse ele, franzindo a testa. – Você deveria estar lá em cima com os outros empregados. Coloquei minha mão no fogo por você.

– Eu não estava tentando ir embora. Estava procurando você.

Nibs lhe lançou um olhar de desconfiança.

– Temos um problema com os guardas: eles são Mageus.

O garoto franziu as sobrancelhas por cima dos óculos redondos e ficou olhando para ela.

– Você tem certeza? – perguntou, receoso.

– Claro que tenho certeza, sei reconhecer magia quando a sinto. O cara que me viu lá em cima? Estava usando. – Esta olhou para trás para se certificar de que o guarda não a seguira. – Acho que ele podia estar me examinando de alguma maneira.

Nibs franziu a testa. Não parecia estar tão preocupado quanto Esta pensou que estaria.

– Se ele estava checando sua afinidade, não deve ter forças para encontrá-la, a menos que você a use.

– Como você pode ter certeza disso?

– Você ainda está aqui.

O fato de Nibsy ter razão não fez Esta se sentir melhor.

– Achei que Morgan era membro da Ordem.

– Ele é do Conselho Supremo, o mais poderoso.

– Então, você não acha que os Mageus deveriam ser as *últimas* pessoas a estarem aqui esta noite?

– Você está aqui, eu estou aqui.

– Sim, para roubar as obras de arte. Não para protegê-las.

Nibsy pensou nisso por um instante.

– Poderia ser outro bando – disse, franzindo as sobrancelhas de novo.

Ficou olhando meio que para o vazio, como sempre fazia quando estava pensando.

– Mas não acho que seja isso.

– Será que estão trabalhando para Morgan?

– Ou para o museu. Mas, já que Morgan é um dos principais conselheiros, dá na mesma.

– Isso não faz sentido – falou Esta. – A Ordem nos odeia.

– É verdade, mas essa não seria a primeira vez que eles nos usam uns contra os outros. Há muitos Mageus nesta cidade desesperados a ponto de fazer quase qualquer coisa, incluindo trabalhar para a Ordem. Veja o caso do Haymarket. Corey pode até não ser membro da Ordem ainda, mas está tentando entrar. Pode não ser tão poderoso assim, mas é Mageus, assim como os seguranças que emprega. Mesmo que mantenha a própria identidade em segredo, quem trabalha para Corey sabe com quem ele anda se envolvendo, mas acha que está protegido por ser empregado dele. Essa gente está disposta a delatar outros Mageus, mesmo que esses infelizes acabem sendo entregues para a Ordem.

Esta se deu conta do perigo que corria naquela noite.

– Isso é terrível.

– Até pode ser, mas não dá para culpá-los. Corey paga. E paga bem. Já é bem ruim a Ordem nos obrigar a viver nas piores partes da cidade e usar sua influência na opinião pública para nos manter no nosso devido lugar, mas isso não basta para eles. Não. Ainda têm uma fraqueza: não conseguem sentir a magia como nós. Mas, se nos colocarem uns contra os outros, o problema está resolvido.

– Não nos preparamos para isso. Precisamos cancelar tudo e sair daqui. *Já*. Podemos voltar quando tivermos pensado em um jeito diferente de entrar...

Mas Nibsy não estava ouvindo. Olhou para o corredor, por onde os convidados começavam a chegar, com os olhos vidrados e sem foco. Então, de uma hora para outra, tomou uma decisão.

– Não.

– Não? – repetiu Esta, olhando para ele de queixo caído.

– Jianyu já está dentro da galeria.

Esta ficou paralisada.

– E a sala já está trancada?

Nibs balançou a cabeça.

– E quase cheia, com os convidados de Morgan.

– Não vamos conseguir avisá-lo – disse Esta, sentindo um peso no estômago ao se dar conta do quanto a situação em que se encontravam era complicada. – No instante em que as portas se abrirem, ele já era.

Parecia tudo muito simples quando repassaram o plano. Sem sensores de movimento nem câmeras, deveria ser fácil fugir de alguns guardas. Morgan se programara para inspecionar a galeria e a exposição antes da inauguração. Escondido, Jianyu entraria junto com ele e esperaria até trancarem a sala. Não existiam janelas nem outras portas – não havia como entrar ou sair a não ser pela entrada trancada e com guardas para a galeria ao lado, onde aconteceria a recepção.

Às oito da noite, Morgan faria um discurso, e então as portas da exposição seriam abertas para seus convidados. À essa altura, Jianyu já teria limpado a sala e se escondido, bem como o produto do roubo. Os convidados – todos os líderes da cidade e jornalistas que cobriam o evento – seriam os primeiros a ver que a tal grande exibição de Morgan não tinha nada além de molduras vazias e caixas de vidro. Só faltaria Jianyu fugir no meio da confusão. Fácil.

Durante todo esse tempo, Esta aproveitaria a distração causada pelo roubo para limpar o restante dos convidados – joias, dinheiro, qualquer coisa que pudesse deixar Morgan ainda mais envergonhado.

– Precisamos tirá-lo de lá – disse.

Só que Jianyu já estava trancado na sala, bloqueado por uma multidão que incluía Mageus que trabalhavam para o inimigo, procurando qualquer sinal de magia. Quando as portas se abrissem, as paredes estariam vazias e os guardas descobririam Jianyu, que estaria usando sua afinidade para se esconder. Assim que o encontrassem, seriam capazes de rastrear o golpe todo até Dolph e o resto do seu bando.

– Mesmo que você conseguisse tirá-lo de lá, não poderia cancelar o roubo – avisou Nibsy. – Dolph quer que isso seja feito, e quer que seja feito hoje à noite.

“Tem que haver um modo.”

– Então, teremos que fazer isso sem magia, ou seja: vamos precisar de uma distração – falou Esta, repassando seu plano e tentando imaginar o que o Professor faria. Lembrando que ele a ensinara a usar o que havia à disposição. – Na melhor das hipóteses, conseguiremos despistá-los, apontar para outra direção que não leve nem a Jianyu nem a Dolph. E precisaremos de reforços, caso tudo dê errado.

– No que você está pensando? – perguntou Nibs, curioso. Interessado.

– Acho que precisamos de Viola – respondeu Esta, torcendo para que aquela ideia improvisada, que estava formulando na hora, desse certo. Torcendo para que Viola não a matasse por causa do que ia pedir para que ela fizesse.

LADRA INTELIGENTE

Harte atravessou uma galeria vazia, seguindo o som das vozes que vinham lá de dentro. Já estivera no museu inúmeras manhãs, nos dias em que a entrada era gratuita, e ficara observando as pinturas que prometiam um mundo além daquela estreita faixa de terra que o aprisionava. Normalmente, nesses dias, as salas ficavam cheias de mulheres tagarelando, mais interessadas em discutir a roupa das outras visitantes do que olhar para as obras de arte. É por isso que, naquela noite, o silêncio lhe pareceu uma dádiva. Transformava o lugar inteiro em sua galeria de arte privativa, permitindo que imaginasse – só por um instante – que ele havia conquistado a vida que sonhara.

Parou em frente a uma pintura de paisagem, uma vista dramática de rios reluzentes e com montanhas ao longe, tocando o céu. Lugares assim existiam. Lugares limpos e abertos, livres do fedor da cidade, do seu ar poluído de carvão e das suas sarjetas cheias de lixo. Ele tinha que acreditar que, algum dia, veria isso com os próprios olhos. Ficou observando por mais um momento, para que a imagem se fortalecesse, então continuou a andar rumo ao seu destino.

Por fim, Harte chegou a uma galeria ampla e arejada, que continha uma série de altares medievais. Naquele momento, estava servindo de espaço para interesses menos elevados: o coquetel para os muitos convidados de J. P. Morgan. Criados usando túnicas de cores vivas carregavam bandejas de champanhe para os presentes, com suas joias e roupas de seda reluzentes.

Harte entregou o convite para o porteiro, que só lhe lançou um olhar apressado, entregou um panfleto da exposição e fez sinal com a cabeça para ele continuar andando. Mas, assim que passou pela porta, sentiu aquele alerta quente, assinalando que havia magia no ar. Quando foi examinado, a sensação tomou conta da sua pele, arrepiando seu cabelo.

“Os guardas são Mageus.”

Era um fato, no mínimo, inesperado e perturbador, mas Harte se obrigou a seguir em frente, atravessando a sala lotada como se não tivesse sentido nada. Era raro as pessoas sem afinidade conseguirem sentir a magia como os Mageus sentiam. Por isso, Harte não se permitiu parar nem por um instante. Pelo contrário: guardou dentro de si tudo o que era, trancando seu próprio poder com tamanha velocidade que a pele ficou gelada.

Os guardas não eram o único desafio que enfrentava naquela sala. A galeria estava cheia do verdadeiro *quem é quem* da sociedade de Nova York: banqueiros de Wall Street, políticos do Tammany e muitos dos milionários que tinham casas na Madison ou na Quinta Avenida. Uns poucos repórteres conhecidos estavam à espreita na

parede dos fundos, fazendo anotações com tocos de lápis em pequenas cadernetas que cabiam na palma da mão, observando os presentes com olhos aguçados e atentos. Harte reconheceu Sam Watson, o repórter do *Sun* que fizera uma matéria sobre seu *show*, no verão. A matéria ajudara a vender ingressos, mas Harte odiou o fato de o texto o fazer parecer um inseto em exposição.

Também odiou o fato de que devia o sucesso, pelo menos em parte, ao mesmo homem que tomara por missão escrever com tanta regularidade – e tanta maldade – sobre os perigosos Mageus, que podiam estar escondidos entre os imigrantes recém-chegados. Encontrar Watson naquela noite não foi nenhuma surpresa, mas a última coisa de que ele precisava era ter o repórter dando indiretas sobre seu *pedigree* – ou sobre a falta dele – na frente de Jack.

Antes que Harte pudesse fugir, Watson o viu e começou a atravessar a sala.

– Harte Darrigan – disse, estendendo a mão com um sorriso malicioso. – Que surpresa ver *você* aqui.

– Ah, é? – respondeu, apertando a mão do repórter. Seria muito fácil se livrar do jornalista. Mas, com aqueles guardas, Harte foi obrigado a enfrentá-lo.

– Essa não é sua plateia costumeira – continuou Watson, fazendo sinal com a cabeça para as pessoas que lotavam a sala. – Ou será que você será a atração da noite? – sugeriu, dando um sorriso de escárnio bem pouco simpático.

– Acho que você está me confundindo com as coristas de que tanto gosta – retrucou Harte, segurando as mãos atrás das costas para não dar um soco no imbecil. – Evelyn mandou lembranças.

– Verdade? – indagou Watson, um tanto empolgado demais. Mas, quando se deu conta de que Harte estava apenas brincando, a expressão ficou séria.

– E como andam as coisas no mundo do jornalismo? – perguntou, antes que Watson pudesse lhe dar mais uma alfinetada.

Enquanto o jornalista se exibia a respeito da última reportagem, algo chamou a atenção de Harte do outro lado da galeria. Um dos criados tropeçou, quase atropelando um homem de fraque na tentativa de não derrubar a bandeja cheia de copos vazios. O homem esticou braço para equilibrar o garoto, e quando fez isso, viu o criado logo colocando a mão no bolso dele.

Harte ficou observando com interesse o modo como o criado se aproveitou da confusão para enfiar sorrateiramente debaixo da túnica o que havia roubado.

Não. Dele, não... *dela*.

Ele quase caiu na gargalhada. Com aquela túnica larga e o cabelo escondido debaixo do chapéu, a garota tinha se camuflado muito bem em meio à criadagem. Ninguém, incluindo o próprio Harte, até aquele momento, estava realmente prestando atenção nas pessoas que carregavam as bandejas com drinks e canapés. Mas ele começou a prestar atenção.

– Você pode me dar licença? – perguntou para Watson. E não esperou pela resposta.

Estava quase chegando perto dela quando ouviu alguém chamar seu nome no meio do burburinho da multidão.

– Darrigan! – disse a voz de novo. Desta vez, inconfundível: era Jack.

Harte virou e viu Jack atravessando a sala, acenando para ele. Se fosse atrás da menina naquele momento, Jack provavelmente iria com ele. Então, balançou a cabeça para o herdeiro e fez sinal para um criado que carregava uma bandeja de champanhe. Pegou uma taça para si mesmo, outra para Jack, e foi desviando da multidão.

– Você é um bom homem – disse Jack, aceitando a bebida.

– Obrigado por ter me convidado – respondeu. Levantou então a taça, em um brinde silencioso, enquanto olhava em volta da sala, procurando a moça. – É um evento e tanto.

Jack bebeu o champanhe de um gole só, colocou a taça vazia na bandeja de um criado que estava passando e pegou mais uma.

– A mesma coisa de sempre, mas meu tio parece estar satisfeito. Talvez até feliz o suficiente para largar do meu pé por um tempo.

– Desejo-lhe boa sorte nessa empreitada – falou Harte, mal bebericando a bebida, continuando a procurar por algum sinal da garota. Ele não a encontrou, o que não o fez se sentir melhor, mas ignorou o nervosismo e colocou a máscara que sempre usava quando estava com Jack. – Você já teve oportunidade de ver a exposição?

– Tive – respondeu, com um brilho nos olhos. – Há pelo menos uma peça que me parece interessante: um dos selos babilônicos que meu tio coleciona.

– Selo? – repetiu Harte, tentando imaginar.

– Uma peça cilíndrica pequena, mais ou menos deste tamanho – explicou Jack, deixando uma distância de uns cinco centímetros entre o dedão e o indicador. – Eram muito usados como assinatura, mas meu tio tende a se interessar mais por aqueles que serviam de amuleto. Bem, a maioria era feita de cerâmica ou de pedra, mas creio que aquele que eu estava examinando era entalhado em um rubi não polido... Impressionante, na verdade, considerando seu tamanho. Só que meu tio me interrompeu antes que eu conseguisse me certificar. Agora vai ficar debaixo de uma caixa de vidro, sabe-se lá por quanto tempo...

Antes que Harte pudesse perguntar mais alguma coisa, ouviu-se um rufar de tambores, que terminou com um *créc* súbito. Soou um grito:

– Aiiiiiiiiieeeeeeee!

O público se virou, quase como se fosse uma pessoa só.

– Acho que o *show* vai começar. Provavelmente, será a única coisa que pode salvar essa noite tão tediosa – murmurou Jack. – Vamos?

– Você primeiro – respondeu Harte, com um tom afável, indo atrás de Jack. Teve que desviar dos corpos espremidos, já que a plateia se juntara em um canto para dar lugar aos artistas.

Uma verdadeira procissão estava passando pela grande entrada arqueada da

galeria. Primeiro, vieram dois homens com as mesmas calças bufantes dos criados, só que o figurino era mais extravagante, com bordados pesados e detalhes intrincados nos coletes e sapatos. Carregavam tambores largos e baixos, na altura do quadril e, atrás deles, vinha outro músico, que dedilhava uma melodia contagiante, feita para acordes menores, em um violão com formato de pera.

Uma figura enrolada em véus de seda esvoaçantes apareceu na porta e começou a rodopiar, deixando cair os véus no chão. Foi atravessando o recinto ondulando o corpo, até ficar no centro da sala. Suas curvas da barriga e do peito ora ficavam à mostra, revelando faixas da pele, ora voltavam a ser escondidas pelo tecido diáfano que ela sacudia à sua volta. Com os dedos, batia minúsculos címbalos no ritmo dos tambores, gíngando e serpenteando os quadris.

– Céus – disse Jack, rindo. Deu uma cotovelada tão forte em Harte que ele derrubou o champanhe na sua mão. – Que bom que o velho me deixou encarregado do *show*, não? – Engoliu o que restava do seu champanhe, lambeu os lábios e ficou observando a moça dançar.

Harte não podia condená-lo. Também estava com dificuldade de tirar os olhos da dançarina. A roupa tanto escondia quanto revelava, e ela provocava a plateia, movendo os quadris em um ritmo quase indecente. Era a própria encarnação do mistério, especialmente porque a parte de baixo do seu rosto estava coberta por um véu que flutuava abaixo dos seus estranhos olhos cor de violeta...

“Viola?”

Harte a olhou com mais atenção. Era *mesmo* Viola. Primeiro, aquela garota, e agora isso? Aquilo era a cara de Dolph Saunders, e Harte não queria estar por perto quando o que eles haviam planejado acontecesse.

Mas como poderia ir embora tão cedo sem que Jack ficasse desconfiado?

No centro da sala, Viola continuava dançando. Harte começou a se afastar, aproveitando-se do interesse de Jack na apresentação. Mas, quando o ritmo mudou, ela atirou os címbalos de dedo ao chão e, com um movimento dramático, levou as mãos atrás das costas e tirou uma série de finas facas de prata, que faiscavam na brilhante luz elétrica da galeria.

Harte ficou congelado, observando, com desconfiança, Viola dançar com as facas entre os dedos. Já ouvira falar a respeito do que a garçonete era capaz de fazer com uma faca na mão, que podia acertar qualquer vítima, a qualquer distância. Seja lá qual fosse a vítima naquela noite, não teria a menor chance. Mas, até aí, Viola também não teria. No instante em que usasse sua afinidade, seria descoberta.

De uma hora para outra, houve um toque seco nos tambores, e Viola atirou uma faca. *Vuuushh*. A arma saiu voando pelos ares e arrancou o chapéu de um criado, prendendo-o na parede que havia atrás dele. A plateia irrompeu em vivas. Jack o cutucou, absolutamente maravilhado com o *show*. Mas não houve nenhum pico de energia, nenhum calor que denunciasse a magia da garçonete.

“Talvez sua habilidade com as facas seja simplesmente isso: uma habilidade”,

pensou Harte, quando viu que nenhum dos guardas fora impedi-la.

À medida que Viola rodopiava, todos os presentes ficaram com os olhos fixos nela, esperando para ver qual seria o próximo passo, com uma espécie de empolgação nervosa. Algo que Harte já vira em brigas de cachorro e lutas livres. Era o desejo de ver a violência empregada em outra pessoa, de estar perto da lâmina do perigo sem ser cortado por ela.

Harte não se interessava mais por esse tipo de coisa. Já vira muita violência e correria muito perigo na vida. A única coisa que o interessava naquele momento era o que a menina estaria fazendo. Foi então que a viu, a única pessoa que se movimentava na sala em vez de assistir ao *show*, dirigindo-se aos poucos para a porta que levava à outra galeria.

“Então, é isso que ela está aprontando”, pensou, sentindo-se subitamente incomodado.

No meio da galeria, Viola ainda estava dançando. Agora se movimentava pela sala, puxando um dos guardas mal-encarados para dançar com ela. Os outros guardas riram, dando tapinhas uns nos outros enquanto observavam a moça arrastar o amigo até o centro da galeria. Afastando-o da porta que ele devia vigiar. “Desorientação”, entendeu Harte. Essa era a chave para qualquer número de ilusionismo, e a que Viola empregara fora muito efetiva.

Pssssssssssss.

Mais uma faca saiu voando pelos ares, prendendo a manga de outro guarda na parede. Mais risadas do público, enquanto ele tentava se soltar.

Harte começou a ir na direção da galeria fechada, onde encontrou a garota, de costas para a parede, com as mãos para trás. Mais uma vez, não havia nenhuma energia suspeita, nenhum sinal de que ela estava usando afinidade.

“Que ladra inteligente.” E talentosa também, se podia abrir aquela fechadura sem olhar e sem usar magia. Por sorte, a moça estava concentrada demais na tarefa para perceber que Harte se aproximara, mas parou completamente quando ele ficou do seu lado.

– Que prazer encontrá-la – disse, abaixando a cabeça para que ninguém mais ouvisse. Dessa vez, estava preparado para receber o efeito que a menina tinha sobre ele, o talento que tinha para distrai-lo justo nos momentos em que deveria estar mais atento.

A garota arregalou os olhos, mas esse foi o único sinal de surpresa.

– Vá embora – falou, ainda mexendo as mãos atrás das costas.

Harte teve que admirar a ousadia.

– Você sabe que não pode usar magia aqui dentro? Eles contrataram Mageus para ficar de olho.

– Eu sei – respondeu a menina, olhando para Harte.

Ele franziu a testa.

– Se você está fazendo o que penso que está fazendo, nunca vai conseguir sair

daqui sem usar magia.

– Que gentileza a sua achar que eu preciso de alguém para me salvar. Mas estou bem. Quer dizer, isso se você for bonzinho e me deixar em paz.

– Salvar você? – respondeu Harte, arregalando os olhos de um jeito dramático. – É isso que você acha que estou fazendo? – continuou, chegando mais perto. – Só estou interessado em salvar a mim mesmo. Se fizer o que acho que está prestes a fazer, posso ficar preso no meio do fogo cruzado.

– Então, talvez seja melhor você sair da frente.

Harte chegou mais perto e falou ainda mais baixo, para que só ela ouvisse:

– Talvez esses homens de terno preto estejam interessados em conhecê-la. Tenho certeza de que querem fazer algumas perguntas e saber por que você está vestida assim.

– Eu adoraria responder a essas perguntas – disse a garota, com um tom doce demais, batendo as pestanas, com ar de inocente. – E tenho certeza de que eles vão gostar muito de saber a respeito de um certo Mago que tem mais magia escondida nas mangas do que imaginam.

– Você não seria capaz – disse ele, achando graça, mesmo contra a sua vontade.

– Seria – ameaçou a menina. Mas os olhos sorriam para ele. – Decidi que meio que odeio você, sabia?

Sem sequer perceber, Harte sorriu.

– Posso lhe assegurar, querida, que o sentimento é mútuo.

– Bem, então... Já que nos entendemos, que tal você sair da frente?

E, então, o sorriso no rosto de Harte desapareceu.

– Sa...

A palavra ainda estava na metade quando Harte sentiu uma lufada de ar, e uma faca de prata voou no meio deles. Foi o que bastou para ele se afastar.

E, então, as luzes se apagaram.

MUDANÇA DE PLANOS

O coração de Esta ainda batia acelerado, surpreso por Harte Darrigan ter se materializado do nada. Ela estava tão concentrada sentindo a fechadura, deixando as vibrações da ferramenta guiá-la, que só o viu quando já era tarde demais.

Graças a Deus, Viola estava lá. Ou melhor: graças a Deus que Viola só o distraiu. Porque Esta tinha certeza de que a assassina de Dolph iria adorar esfaquear os dois. Isso ficou bem claro quando a menina explicou seu plano para a garçonete, de criar uma distração ao substituir a dançarina do grupo por Viola. Esta tinha a impressão de que Viola não era muito de perdoar.

Não que tivesse tempo de se preocupar. No instante em que as luzes se apagaram, Esta entrou de fininho na galeria ao lado, deixando para trás a plateia que ficara tagarelando, de queixo caído, na antessala.

– Jianyu – sussurrou. – Você está aqui?

– Onde mais eu poderia estar? – respondeu ele, no meio da escuridão. – O que está acontecendo? Isso não fazia parte do plano.

– O plano mudou – explicou Esta, acendendo, com um fósforo, um toco de vela que trazia debaixo da manga. Levantou a túnica e tirou debaixo dela as roupas que havia escondido.

– Eles contrataram Mageus como guardas. Se usar sua afinidade, nunca vai conseguir sair daqui. Tome – falou, entregando as calças transparentes e um véu. – Solte o cabelo e vista isso. E seja rápido.

Jianyu sentiu o tecido sedoso entre os dedos e disse:

– Isso são roupas de mulher.

– Sim. Ande logo.

Esta pegou os objetos que Jianyu havia roubado e começou a escondê-los debaixo das roupas. Amarrou a tela enrolada em volta da coxa e enfiou dois cilindros pequenos e entalhados no tecido que apertava seus seios.

Jianyu não estava trocando de roupa. Simplesmente olhava feio para ela.

– Você quer que eu me vista de *mulher*?

– Essa é a ideia – respondeu Esta, colocando outra tela pequena em volta do tornozelo e prendendo-a junto com as meias.

– Não – respondeu Jianyu, atirando a seda cor de safira no chão.

Esta virou para ele e avisou:

– Temos, *talvez*, dois minutos até as luzes voltarem. Ou seja: menos de dois minutos para tirar você daqui antes que isso se torne impossível. Em cerca de noventa segundos, vou estar do outro lado daquela porta, indo em direção à carruagem que está lá nos fundos, e você terá que se virar por conta própria. Ou você

esquece o seu frágil orgulho masculino e põe a droga da saia, ou lida com a Ordem sozinho.

Depois de um instante de silêncio pétreo, Jianyu começou a desmanchar a trança, olhando feio para Esta o tempo todo. Ele estava com cara de quem queria matar alguém, e a garota sabia que o rapaz era capaz disso. Mas Jianyu não reclamou mais, tirou o resto da roupa depressa e cobriu a cabeça e o rosto com o véu transparente. Que não escondeu muito bem sua masculinidade. Se alguém se desse ao trabalho de olhar com atenção, veria que era um homem vestido de mulher.

Não que, naquele momento, eles tivessem alternativa. Esta só podia torcer para que as pessoas enxergassem apenas o que esperavam ver ou sequer olhassem.

– Está linda – provocou, guardando o último objeto roubado na cintura. – Pronto? Jianyu olhou feio para ela.

– Quem sabe você não relaxa um pouco os ombros? – sugeriu Esta. – Se você quer sair daqui, precisa pelo menos *tentar*.

– *Estou* tentando – disparou ele, ficando com os ombros ainda mais tensos.

“Estamos tão ferrados.”

– OK. Bem, tente com mais empenho – retrucou Esta, arrumando o lenço sobre o rosto de Jianyu, para esconder a careta dele. – Quando sair daqui, precisa fingir que estava na outra galeria todo esse tempo. Siga as instruções de Viola.

Então, apagou a vela com a ponta dos dedos.

Do outro lado da porta, a plateia estava frenética. O que foi muito conveniente, porque abafou o som da tranca que tiveram de abrir para entrar na sala. Esta se certificou de que a tinha trancado de novo muito bem, para não parecer que a galeria fora arrombada.

– Ande – sussurrou Esta, empurrando Jianyu para o meio do público, no exato instante em que as luzes voltaram.

Houve um momento de silêncio, de choque, e então o público começou a falar de novo, ainda mais alto do que antes. Os homens gritavam, exigindo que alguém lhes explicasse o que havia acontecido, e as mulheres agarravam suas joias, para checar se ainda estavam no seu devido lugar.

– Um minuto de atenção, por favor...

A voz vinha de alguém do outro lado da galeria. Era grave e masculina, com o tom típico de quem se acha muito importante. Mas foram necessárias mais algumas tentativas para a plateia fazer silêncio o suficiente e ouvir o homem.

Ali perto, Harte Darrigan piscava com a claridade, espremendo os olhos para a visão se ajustar à volta repentina da luz. Esta fingiu estar confusa, como todo mundo, e foi se afastando dele. No outro canto, J. P. Morgan tinha encontrado algo para subir e pedia para o público se acalmar, que aquilo fora apenas um problema com a energia e que já fora resolvido, não havia motivo para se preocuparem. A noite transcorreria como planejado.

“Não exatamente como planejado”, pensou Esta.

Pegou uma bandeja que estava em cima de um carrinho e começou a circular entre as pessoas. Com medo de sacudir os objetos que estavam debaixo das suas roupas, andou bem devagar.

No meio da galeria, Morgan pedia para os músicos voltarem a se apresentar. Imediatamente, começaram a tocar outra melodia contagiante, só com tambores e címbalos. Esta se encolheu toda quando viu Jianyu parado, todo tenso, com os braços cruzados, em vez tentar se camuflar entre o grupo de artistas. Mas, pelo jeito, ninguém percebeu. Mais alguns minutos – mais uma volta de Viola e os rapazes pela galeria, o tempo de Esta sair com todo o cuidado – e todos estariam a salvo.

Esta manteve o passo firme e foi se aproximando cada vez mais do arco da entrada da galeria, recolhendo as taças vazias que as pessoas lhe entregavam. O público parecia estar disposto a esquecer a escuridão momentânea, já que as luzes haviam voltado. Viola, do outro lado da sala, cruzou o olhar com Esta e balançou sutilmente a cabeça. Então, foi guiando o grupo – incluindo Jianyu – em direção ao arco da entrada, que dava para o restante do museu. A música foi ficando mais fraca à medida que eles se distanciavam, até que parou completamente.

Eles tinham conseguido sair.

Agora dependia de Esta tirar o fruto do roubo – e a si mesma – dali em segurança. Se fosse pega, não haveria ninguém mais para ajudá-la.

Já estava quase na entrada, só faltavam alguns metros para conquistar a liberdade, quando Morgan começou a fazer o discurso sobre a coleção. A voz ecoava pela sala, declarando profunda afeição pelo Império Otomano, pelas suas grandes descobertas e arte mística.

“Quase”, pensou Esta, chegando mais perto da saída. “Só mais pouquinho.”

Foi quando alguém segurou seu braço, e ela levou um susto, quase deixando cair a bandeja cheia de taças no chão. Virou para trás e viu os olhos revoltos de Harte Darrigan, fixos nos seus. Com a bandeja equilibrada precariamente na outra mão, não conseguiu se soltar dele. Se Harte subisse a mão mais alguns centímetros, com certeza sentiria o rolo que Esta escondera ali. Depois da peça que Esta havia pregado em Harte no palco, não sabia o que ele seria capaz de fazer.

– Solte-me – sussurrou, furiosa.

O Mago a observou por mais alguns instantes, com aqueles olhos que pareciam carregar muito mais idade do que ele realmente tinha. Então, pegou a taça que estava segurando e colocou sobre bandeja.

– Você esqueceu uma – disse.

Esta estava encurralada.

O pânico fez a respiração ficar presa no peito, como se cada batida do seu coração fosse um passo rumo a um fim inevitável. A voz de Morgan ainda ecoava, mas estava muito distante, como se Esta a ouvisse através de um túnel. Parecia que ela estava presa nos espaços entre os segundos, incapaz de voltar no tempo e tomar uma decisão diferente. Incapaz de fazer algo para impedir o que estava prestes a

acontecer, sem colocar a si mesma – e a todo bando – em perigo.

Mas uma salva repentina de aplausos a fez recobrar o controle. Conseguiu ter uma visão clara da sala, e o pânico que a estrangulava diminuiu, transformando-se em dor sutil. A cabeça girava, de tantos pensamentos.

Estavam prestes a abrir as portas para outra galeria. A qualquer instante, descobririam que a coleção havia desaparecido. Assim que isso acontecesse, Esta estaria presa, com obras de arte de valor incalculável escondidas da cabeça aos pés. Precisava sair dali antes que isso acontecesse.

Mas Harte não a soltou.

– Você não quer ver a exposição? – perguntou, com a voz firme.

“Ele sabe.” E agora estava brincando com Esta.

A moça olhou feio para ele e tentou se soltar de novo, mas era tarde demais. O *clique* da tranca ecoou pela sala, e as portas da galeria se abriram, enquanto todos olhavam, esperando para ver a valiosa coleção de Morgan.

A plateia soltou um suspiro de surpresa quando as portas da galeria se abriram e revelaram que o local fora saqueado e que a coleção desaparecera.

O Mago olhou de relance para a galeria, enquanto a notícia do roubo corria de boca em boca. Então, olhou de novo para a garota. Seus olhos tinham uma expressão de curiosidade e, a menos que Esta estivesse enganada, de muita admiração.

Esta *não podia* ser pega. Não antes de salvar o Livro e recuperar sua pedra. Muito menos ali, em uma sala cheia de membros da Ordem.

Com um movimento rápido, atirou a bandeja na direção de Harte.

Por reflexo, o corpo inteiro de Harte começou a se movimentar. Ele soltou Esta e tentou pegar a bandeja antes que os copos fossem derrubados. Mas o estardalhaço que as taças fizeram ao cair no chão acabou chamando a atenção das pessoas que estavam em volta, que se viraram para olhar. E outro criado já estava vindo ajudar.

A saída da sala estava a poucos metros de distância, mas os homens de terno preto já se movimentavam, para bloquear todas as saídas. Esta jamais conseguiria escapar dali, a menos que...

Ela sabia que era um risco, mas não podia ficar presa no museu. Precisava tirar as obras de arte dali. Precisava tirar *a si mesma* dali. Então espichou o tempo à sua volta e correu na sua direção.

Não se deu ao trabalho de verificar se os guardas haviam percebido a magia quando passou por eles e entrou em outro salão. Não parou por nada, só correu o mais rápido que os pés conseguiram, desceu uma grande escadaria e atravessou a galeria de estátuas que dava na entrada de serviço. Passou raspando por outro guarda, congelado no meio da sua corrida em direção à galeria, e saiu do museu, no meio da noite silenciosa. Mas não parou de controlar o tempo. Movimentou-se sem nenhum esforço naquele mundo silencioso e parado. Os galhos sem folhas das árvores do Central Park – bem menores do que no seu próprio tempo – eram sombras escuras contra o céu repleto de estrelas. Ela passou pelo obelisco Agulha de

Cleópatra, com a ponta afiada. As árvores fizeram sinal para ela continuar andando, e Esta desceu a rua até o local onde a carruagem deveria estar esperando.

O resto do bando já devia ter ido embora, Esta sabia. Isso se tudo tivesse saído de acordo com o plano. Ela só parou de controlar o tempo quando alcançou o vulto escuro da carruagem. Os cavalos relincharam quando bateu na porta, no ritmo da senha combinada. Para o seu alívio, a porta se abriu.

Mas o alívio se transformou em cautela quando viu Dolph sentado, escondido nas sombras, esperando por ela.

– Você está com os objetos? – perguntou, quando Esta se sentou na sua frente.

A menina balançou a cabeça. Ele bateu duas vezes com a bengala no teto da carruagem, fazendo sinal para o cocheiro. O veículo começou a andar de sopetão, sacolejando pela rua de paralelepípedo.

Aquele espaço pequeno e escuro parecia muito estreito, muito apertado, já que as longas pernas de Dolph ocupavam quase toda a distância que havia entre os dois. Esta afastou, o quanto pôde, suas pernas das de Dolph, tentando se acalmar. O líder da gangue correria um risco ao permitir que ela o ajudasse, e tudo havia dado errado.

– E? – perguntou ele, com uma voz grave, de expectativa.

Esta começou a tirar os objetos roubados do seu esconderijo, debaixo das suas roupas. Dolph os pegou, um por um, mas foi quando viu um pequeno cilindro de pedra entalhado que a expressão dele se iluminou. Guardou-o no bolso interno do casaco, como se fosse mais importante do que os demais.

Depois de um longo tempo em silêncio, cortado apenas pelo guinchar das rodas debaixo dela, Dolph disse:

– Nibs me contou o que aconteceu hoje à noite.

– Contou? – repetiu Esta, com a boca seca.

– Você se arriscou muito ao continuar com o plano. Poderia ter ido embora e deixado Jianyu à mercê da sorte.

Esta relaxou um pouco. Dolph não estava falando do fato de ela ter usado magia.

– É verdade – admitiu ela. – Poderia mesmo.

– Você chegou a considerar isso – ele provocou, com uma expressão impenetrável, naquela escuridão da carruagem.

– Na verdade, não. Quando soube que Jianyu estava encurralado, isso nem passou pela minha cabeça.

– Isso é difícil de acreditar – falou Dolph.

Esta se inclinou para a frente, até que seu rosto fosse iluminado pela claridade bruxuleante que atravessava a pequena janela. Queria que Dolph visse que estava falando a verdade, que sua intenção fora sincera. Precisava que Dolph Saunders confiasse nela, se quisesse entrar na Mansão Quéfren. Precisava fazer parte daquela equipe se quisesse deter o Mago e pôr as mãos no Livro... ou na pedra. E o único modo de conseguir isso era por meio de Dolph.

– Nunca pensei em escapar sozinha – contou. – Você confiou em mim, e eu não

podia trair sua confiança. Só consegui pensar em encontrar um modo de tirar *todo mundo* dali em segurança. Fiz meu serviço, como prometi.

Dolph ficou pensativo por um momento, mas sua expressão não mudou. Ao contrário: esparramou-se no assento, tamborilando os dedos na Medusa de prata que havia na ponta da bengala.

– Seu serviço era limpar o público – disse. As sombras da carruagem faziam o rosto magro parecer sinistro.

– E quem disse que eu não fiz isso? – Esta puxou um colar cravejado com enormes diamantes e esmeraldas e o pendurou no dedo. As pedras reluziam enquanto a joia balançava. – A senhora Morgan lhe enviou isso e também mandou lembranças.

Dolph parou de mexer os dedos.

– É mesmo?

Só então Esta se permitiu esboçar um leve sorriso.

– Bem, talvez tivesse mandado lembranças, se soubesse que o colar sumiu.

Ele pegou colar, com expressão relutante de admiração. Esta não chegou a sentir o gostinho da vitória. Dolph podia até ter ficado satisfeito, mas ela não conseguia parar de pensar que o Mago a vira – e no que isso poderia significar. Harte Darrigan deduziria que Dolph estava por trás do assalto, e Esta não sabia o que ele poderia fazer com tal informação.

E não conseguia deixar de temer, por saber que sua decisão de usar magia para fugir teria seu preço. Um preço a ser pago por ela e por todos do bando.

UM BELO DE UM TRUQUE

Foi um belo de um truque, fazer todas aquelas obras de arte desaparecerem nos dois minutos em que as luzes ficaram apagadas, sem que ninguém usasse afinidade. Mas a garota deixara um rastro de confusão. Os restos de champanhe que cobriam Harte Darrigan e as taças de cristal esmagadas no chão eram o menor desses indícios.

Pelo jeito, a garota era capaz de, literalmente, desaparecer sempre que encontrava com Harte. Isso tinha a ver com a afinidade dela, ele tinha certeza. Ele deveria ficar irritado com aquele hábito de deixá-lo falando, com cara de bobo, mas esse também era um ótimo truque, e não podia deixar de admirá-la por isso. Mesmo que, dessa vez, Esta o tivesse deixado em uma situação precária.

Não teve como escapar de dar um depoimento ao atarracado capitão da polícia. E contou sua versão do que vira, de pé, pingando e cheirando a bordel barato.

Ele poderia ter entregado a garota, Dolph e o resto do bando, o que certamente contaria pontos com Jack. Mas isso teria seu preço, considerando que o tanto que a menina sabia sobre ele era suficiente para representar um perigo. Então, Harte não conseguiu se convencer de que contar tudo para polícia era mesmo a melhor ideia.

Melhor não se enredar na própria teia. Melhor ter algo na manga contra Dolph Saunders – e contra a garota –, só para garantir.

Se fosse mais esperto, teria ido embora no instante em que a viu. Ele sabia que algo estava prestes a acontecer, e devia ter saído de fininho em vez de tentar descobrir o que Esta estava aprontando. Agora, tinha se atrasado para o *show*, o que não caíria nada bem, ainda mais depois do sermão que ouvira de Toco. Teria de remediar a situação quando voltasse para o teatro.

– Os jornais vão se refestelar – disse Jack Grew, com ar tristonho, quando chegou ao lado de Harte. – A família inteira vai por a culpa em mim, sabia? Agora nunca mais vão largar do meu pé.

– Isso é muito injusto – concordou Harte, fingindo ter mais empatia do que realmente sentia. – Quanto eles conseguiram roubar?

– Quase tudo que tinha realmente valor. – Jack olhou de relance para a sala onde J. P. Morgan e seu filho ainda discutiam com o delegado. – Pelo menos três telas foram cortadas da moldura. Mesmo que sejam recuperadas, estarão irremediavelmente danificadas. E todos os selos sumiram, incluindo aquele do qual lhe falei. – Então, o herdeiro notou que a camisa e o paletó de Harte estavam um desastre: manchados e molhados. – Que diabos aconteceu com você?

Harte fez questão de examinar as lapelas molhadas, como se não soubesse de nada.

– Tive um acidente com um dos criados.

– Um acidente? – perguntou Jack, franzindo a testa e olhando para o paletó arruinado. – Qual deles foi? Vou verificar, garantir que deem um jeito nele por você.

– Ah, não se incomode – disse Harte, sacudindo a mão. A última coisa que queria era que Morgan ou qualquer outra pessoa prestasse atenção nele. Muito menos quando estavam investigando um crime. – Aconteceu quando as luzes se apagaram. Acho que não havia como ser evitado.

– Que confusão maldita – resmungou Jack. Então, olhou para Harte e falou baixo para ninguém ouvir: – O chefe da segurança falou para o meu tio que, definitivamente, isso é obra de Mageus.

– É? – disse Harte, tentando disfarçar a surpresa com uma indiferença entediada. – Eles têm certeza?

Jack olhou para o tio de novo e então puxou Harte para um canto, até um ponto tranquilo da galeria.

– É algo novo que o diretor estava tentando. Empregar pessoas com, digamos, qualidades *especiais*. Meu tio (e a Ordem) concordaram, acredita? Mas não se deram ao trabalho de me contar, senão eu teria dito que era um erro. Até parece que denunciariam um dos seus por espontânea vontade.

– Sorrateiros como ladrões... – concordou Harte, olhando para os guardas, que ainda protegiam a sala.

Então, pensou que a afinidade dos guardas não poderia ser assim, *tão* forte: se fosse, teriam pegado a garota. Mesmo assim, não valia a pena ficar ali.

– Bem... – disse ele, dando um tapinha no ombro de Jack para consolá-lo. – Já perdi a hora da minha apresentação. Preciso voltar para o teatro e dar explicações.

– Sinto *muito* por isso – disse Jack, franzindo a testa.

Harte estampou um sorriso simpático.

– Tenho certeza de que quando essa história sair nos jornais, amanhã, vou conseguir me livrar dessa incomodação.

Jack segurou o braço de Harte e perguntou:

– Por acaso, você não sabe como eles fizeram isso, sabe?

Harte congelou.

– Como?

– Como os ladrões conseguiram tirar tudo daquela sala trancada? Eu mesmo fiquei observando os guardas fecharem-na. Não havia ninguém lá dentro, e ninguém *conseguiria* entrar, muito menos com a galeria cheia de gente. As luzes não se apagaram por mais de um ou dois minutos – hesitou Jack, olhando para Harte. – Foi uma coisa parecida com um dos seus truques.

Um arrepio de tensão percorreu a espinha de Harte.

– Não faço truques – disse ele, cauteloso.

– Você entendeu o que eu quis dizer... No palco.

– Aquilo são *efeitos*, Jack. Demonstrações da minha habilidade. Seja lá qual foi a magia utilizada esta noite, não é nada de que eu tenha conhecimento. Sou uma

vítima, como qualquer outra: alguém conseguiu levar meu relógio no meio da confusão.

Mostrou, então, a corrente vazia, para provar que seu relógio de bolso havia sumido.

– Sei disso.

Jack passou a mão sobre a boca. Parecia cansado e de ressaca, e ainda não era nem meia-noite. Estava vulnerável.

– Desculpe por ter metido você nisso.

– Sabe... – falou Harte, aproveitando a oportunidade. – Talvez você tenha razão. Talvez eu *possa* ajudá-lo.

Jack olhou para o Mago.

– Poderia mesmo?

– É claro, Jack. É isso o que os amigos fazem. Eles se ajudam. Não sei nada sobre a antiga magia, é claro... Mas você tem razão: sei fazer coisas desaparecerem melhor do que qualquer um. Talvez possa descobrir como os ladrões conseguiram. Não estou fazendo nenhuma promessa, mas posso investigar, com todo o prazer.

Uma esperança desesperada fez os olhos de Jack brilharem.

– Eu ficaria muito grato, Darrigan. Muito mesmo.

– E, se por acaso conseguirmos descobrir, seu tio também ficaria grato, não é?

– Tenho certeza de que sim.

– E não teria mais motivos para lhe impedir de fazer parte do Conselho Supremo, teria?

Jack sacudiu a cabeça.

– E, quando você for um deles... poderia indicar o seu amigo, não poderia?

– É claro – disse Jack, entendendo aonde Harte queria chegar. Então, deu um sorriso sugestivo e completou: – É isso o que os amigos fazem.

Harte balançou a cabeça.

– Deixe-me pensar um pouco a respeito e ver o que posso fazer. Eu lhe darei notícias.

– Obrigado – disse Jack, apertando a mão de Harte.

– Mas não vamos contar isso para ninguém ainda, OK? Não quero que criem muita expectativa.

“Nem fiquem muito desconfiados”, pensou, arriscando-se a descarregar um leve pulso de seu poder na mão de Jack.

Quando soltou a mão de Harte, Jack o fitou por um instante, meio zozzo.

– Conversamos em breve, então – Jack disse. Em seguida, deu as costas e começou andar.

Harte ficou observando-o. Uma mistura da excitação de afinidade e adrenalina corria nas suas veias. Estava mais perto do que nunca de convencer Jack a conseguir entrar para a Ordem, tudo o que precisava para pôr as mãos no Livro. Se realmente quisesse ir embora daquela cidade, precisaria tomar muito cuidado e ir com calma.

Não havia espaço sequer para um passo em falso. A garota sabia demais. Dolph era muito poderoso. E, se Harte não tomasse cuidado, ele e todos os seus sonhos poderiam se despedaçar e perder o sentido, tais quais os cacos de cristal espalhados pelo chão.

PROFUNDEZAS ESCONDIDAS

Bella Strega

Sentada de pernas cruzadas no pequeno catre que lhe servia de cama, Esta mordia o lábio enquanto lia, mais uma vez, o recorte de jornal do Professor Lachlan. Assim que voltaram para o Strega, na noite anterior, Dolph lhe agradeceu de novo e a deixou sozinha. Mas Esta não conseguiu dormir muito, não depois de ler o recorte. Continuou lendo a noite inteira, na esperança de que algo estivesse diferente. Sim, as letras tinham parado de tremer, e as palavras finalmente haviam formado frases claras, mas isso não melhorou em nada a situação.

A história havia mudado.

Nada sobre um incêndio. Nada sobre a destruição da Mansão Quéfren. Em vez disso, a reportagem era um texto insípido sobre uma festa que a Ordem organizara para agradecer o seu mais novo membro, Harte Darrigan, por ter ajudado a prender o cérebro por trás do assalto ao museu Metropolitano, um dono de taberna chamado Dolph Saunders.

Alguns objetos ainda estavam desaparecidos, mas a reportagem dizia que, como Saunders morrera a caminho da prisão da Ilha Blackwell, as autoridades não tinham muita esperança de recuperá-los. Ainda mais depois de o bando de Saunders ter se dividido, abandonando a taberna e outros negócios, que estavam sendo confiscados pela prefeitura.

“Óbvio que ele morreu”, pensou Esta, com o estômago revirado. Para chegar à ilha, teriam que tirá-lo de Manhattan... Atravessando a Beira, Dolph não teria a menor chance de sobreviver. Nenhum deles teria.

Por algum motivo, o futuro mudara. Provavelmente, o fato de Esta estar ali causara a mudança. A traição do Mago era ainda pior, e ela não fazia ideia de quais seriam as outras consequências. Precisava consertar aquilo, mas não fazia ideia de como.

Alguém bateu à porta, e Esta levou um susto.

– Já vou – respondeu, colocando o recorte de volta no envelope de papel encerado, com os dedos tremendo, e o escondendo no corpete. Quando abriu a porta, Jianyu estava esperando.

– Posso ajudar?

A expressão dele era indecifrável.

– Dolph quer ver você.

Esta sentiu um aperto no peito.

– Por quê? – perguntou, satisfeita por sua voz não ter saído tão trêmula quanto

imaginara. Ela tinha achado que Dolph ficara satisfeito com o que ela havia feito, quando chegaram à Bowery tarde da noite, no dia anterior. Mas, com a descoberta perturbadora das mudanças no recorte de jornal, não conseguia encarar mais nada com tranquilidade.

– Não é minha obrigação perguntar – disse Jianyu, seco. – Ele está esperando no seu apartamento, lá embaixo.

– OK – respondeu Esta, alisando a saia amassada. – Você pode me dar um minuto?

Jianyu balançou a cabeça. Mas, no instante em que virou as costas para ir embora, mudou de ideia.

– Você fez eu me vestir de mulher.

– Fiz – admitiu Esta, sentindo-se cada vez mais incomodada a cada segundo que passava sob o olhar atento de Jianyu.

– Foi humilhante.

Esta fez careta.

– Só se você acreditar que as mulheres, por algum motivo, são inferiores aos homens.

– E não são? – perguntou Jianyu, sinceramente surpreso e confuso.

Esta sentiu uma pontada de frustração. “Estou em outra época”, lembrou. Mas mesmo assim...

– Uma mulher salvou sua vida. Então, eu é que lhe pergunto.

Jianyu ficou pensando por um momento.

– É verdade que a situação teria ficado difícil sem a sua ajuda.

Esta bufou.

– Você quis dizer impossível.

– Então, creio que estou em dívida com você.

– Ou podemos apenas ficar quites.

Jianyu a fitou por um instante, depois balançou a cabeça de um modo quase imperceptível e foi embora sem dizer mais uma palavra. Esta ficou observando o rapaz se afastar, imaginando o quê exatamente havia acontecido entre os dois. Não tinha certeza, mas pensou que, talvez, tivesse encontrado mais um aliado. Isso a fez sentir um pouco melhor, enquanto descia as escadas até o apartamento de Dolph Saunders. Hesitou por um momento, tentando se acalmar e recobrar o controle antes de bater na porta.

– Entre – respondeu a voz conhecida, lá dentro.

Como a porta estava destrancada, Esta foi entrando em seus aposentos e foi recebida por uma lufada bem-vinda de calor. Havia um aquecedor a carvão aceso no canto, perto dele. Dolph estava sentado em uma pequena mesa, fazendo anotações em um livro-caixa. Não se deu ao trabalho de olhar para Esta quando ela entrou. Vê-lo logo após ler sobre a morte dele abalou a moça. Se Esta não consertasse aquela situação, estaria olhando para um homem morto.

– Jianyu disse que você queria falar comigo.

Ele não deve ter percebido o tremor na voz dela, porque não tirou os olhos do livro-caixa e fez sinal para a garota se aproximar.

– Me dê apenas um instante.

– Claro – respondeu Esta, finalmente olhando em volta.

Dolph era um homem de poucas palavras. Nunca vestia nada que não fosse preto ou cinza-escuro, o que dava a impressão de que ele estava sempre esperando um funeral começar. Com esse jeito, Esta não imaginava que o apartamento dele pudesse ser tão aconchegante.

Um tapete florido e desbotado cobria as tábuas do chão, e a sala tinha uma leveza que o próprio quarto de Esta não possuía. Os móveis eram velhos e muito usados, mas os delicados detalhes das cadeiras de espaldar reto, perto da parede, e o gracioso encosto arqueado do pequeno divã só podiam ter sido escolhidos por alguém que tivesse interesse por decoração. No geral, o recinto tinha um claro toque feminino, ainda mais acentuado com os painéis de renda transparente que cobriam as janelas dos fundos da saleta.

Acima de uma estante pequena repleta de livros, havia um quadro que Esta reconhecera como uma das maiores pinturas a óleo que tinham roubado da coleção de Morgan na noite anterior. Um jovem reclinado debaixo de uma macieira, com um cachorro aos seus pés, observando uma maçã caída. Pelo jeito, Dolph não perdeu tempo e logo tomou posse dele.

O recorte de jornal mencionava a pintura como uma das evidências que tinham contra Dolph. Vê-la pendurada na parede da sua casa fez Esta se lembrar do novo destino. A garota teve vontade de pedir para ele se livrar do quadro, se livrar de todas as evidências, mas não conseguiria se explicar. Precisava que o líder do bando continuasse acreditando nela se quisesse consertar a situação. Então, em vez disso, apontou para a tela, que já tinha uma moldura nova.

– Seria Isaac Newton? – perguntou, examinando a cena. Havia uma maçã no chão, perto dos pés de Newton. Logo, poderia estar retratando a descoberta da gravidade. Tirando isso, era um quadro estranho. Havia um quarto crescente no alto e, do lado oposto, um sol reluzente. O livro que o homem segurava tinha símbolos esquisitos, que pareciam uma série de círculos e paralelogramos interligados, com uma estrela no centro. Nada que lembrasse a matemática ou a ciência que Esta conhecia.

Do outro lado da sala, Dolph largou o lápis e levantou o rosto. Seu único olho claro ficou examinando Esta por um bom tempo.

– É, sim.

– Mas parece tão... místico. Pensei que ele fosse cientista.

Dolph franziu as sobrancelhas.

– A linha que divide a ciência da magia nunca foi clara, principalmente naquela época. As ciências primeiras, como a alquimia e a teurgia, eram apenas formas que as pessoas sem afinidade tinham para tentar fazer o que os Mageus faziam. Newton

não era diferente, mas Newton é o detalhe menos interessante dessa obra.

Dolph voltou a olhar para o livro-caixa, deixando claro que não estava interessado em conversar sobre aquele assunto. Esta já ia perguntar qual era o detalhe mais interessante, mas ouviu a voz do Professor Lachlan na sua cabeça. “Tenha paciência, menina.” Quantas vezes ele não a lembrara de ter calma, de evitar agir por impulso até que tivesse pensado bem e considerado todas as possibilidades?

“Muitas. Até demais.”

E, naquele momento, havia muito mais em jogo.

Sendo assim, Esta não perguntou nada e tentou se ocupar olhando os livros da pequena coleção de Dolph: Voltaire, Rousseau, Kierkegaard, todos no original. Por algum motivo, a garota não se surpreendeu.

Por fim, ele terminou o que estava escrevendo no livro-caixa e o fechou.

– Conte-me tudo o que sabe sobre Harte.

– O Mago? – perguntou ela, desconfiada. “Ele não tem como saber”, lembrou. – Não muito – despistou. – Nibs me levou para ver o *show* dele, outro dia.

– Sei disso. Ele me contou que você ficou muito impressionada.

Esta franziu a testa.

– Não sei se eu usaria essas exatas palavras.

– É mesmo?

Dolph se recostou na cadeira, cruzou os braços e fuzilou Esta com o olho.

– E que palavras você usaria?

“Achei um pé no saco”, pensou Esta, tentando não demonstrar nervosismo. “E você vai achar um pé no saco também, se eu não conseguir detê-lo.” Não que Esta pudesse contar a ele o que sabia, sobre como as coisas poderiam ter mudado. Dolph não tinha motivos para acreditar nela e, sem sua pedra, Esta não tinha como provar nada.

– Não sei – disfarçou. – Ele parece ser bem talentoso, mas só fiquei uns cinco minutos no palco.

– Você falou com ele de novo no museu.

Esta sentiu o estômago se revirar mais uma vez.

– Eu não planejei...

– Não foi isso o que eu disse – murmurou Dolph. – Como falei, você parece impressionada por ele.

– Não estou interessada nele, se é isso que lhe preocupa.

– E se eu quisesse que você se interessasse?

– Mesmo assim, não me interessaria – respondeu Esta, com firmeza.

Dolph, em princípio, não disse nada, e Esta ficou ali parada, sentindo-se cada vez mais incomodada.

– Você precisava que eu fizesse alguma coisa? – perguntou, interrompendo o silêncio, porque não aguentava mais. – Ainda preciso trazer a minha cota de hoje, e não faz sentido bater carteiras se o dinheiro dentro delas já foi gasto.

– Você não precisa se preocupar com isso hoje.

– Por quê? – indagou Esta, com um aperto na garganta. – Fiz alguma coisa errada?

Dolph levantou da cadeira sem responder e lavou uma xícara e um pires, com toda a calma, na comprida pia esmaltada que havia na cozinha contígua. Esta ficou se mexendo no mesmo lugar, tentando não ceder à impaciência, enquanto ele punha a xícara para secar e atravessava a sala para pegar o casaco. Já tinha passado por Esta e saído pela porta quando disse:

– Venha comigo.

O tom de ordem não poderia ter sido mais claro.

Curiosa e muito preocupada com o que Dolph poderia estar pensando ao seu respeito, Esta não discutiu. Os dois atravessaram o corredor mal iluminado em um silêncio amistoso, desceram as escadas estreitas e saíram na Elizabeth Street.

– Posso perguntar aonde vamos? – disse Esta, depois ter caminhado ao lado de Dolph por mais de uma quadra sem que ele dissesse nada.

Ele olhou para a garota e respondeu:

– Se eu dissesse que não, isso impediria você de perguntar?

– Provavelmente não – admitiu Esta.

– E se eu não quiser lhe contar?

– Provavelmente, ficaria tão curiosa que seguiria você mesmo assim.

– Justo. Vamos fazer algumas visitas hoje.

– Visitar quem?

Dolph lhe lançou um olhar indecifrável e continuou andando.

Duas quadras depois, chegaram a um edifício que se parecia com todos os cortiços do bairro: as mesmas paredes gastas de tijolos vermelhos, as mesmas escadas de incêndio amontoadas, as mesmas crianças brincando na calçada, observadas por uma mulher que parecia cansada, com um lenço na cabeça para se manter aquecida. Lá dentro, o cheiro era de fumaça de carvão e de alho, de cebolas refogadas há dias e excesso de pessoas. Os corredores eram estreitos, como os que havia no andar de cima do Strega, e as paredes tinham manchas causadas pelos resíduos de lampião, que ardiam no espaço sem janelas.

Ao chegar no quarto andar, Dolph bateu em uma porta e foi atendido por uma mulher mais velha, que usava um vestido largo e um avental. Dentro do apartamento, o ar tinha um cheiro forte de produtos químicos. A mobília fora afastada para perto das paredes, e cinco crianças – nenhuma com mais de 10 ou 11 anos – estavam sentadas no chão, em volta de uma pilha de flores de seda. Mal se viraram para os visitantes e foram logo voltando os olhos para a tarefa que os esperava: colar as minúsculas pétalas de seda em um arame, uma por uma.

– Como vai você, Golde? – perguntou Dolph.

A mulher apenas encolheu os ombros.

Ele continuou, em alemão:

– Vim aqui ver seu marido.

A senhora sacudiu a cabeça.

– Ele não enxerga mais.

Dolph pareceu aceitar esse fato e não insistiu.

– Como ele está?

A mulher torceu as mãos no avental, sentou-se à mesa e começou a colar as próprias flores.

– Os médicos disseram que ele vai melhorar – respondeu.

– E o emprego?

Ela encolheu os ombros, um movimento pequeno, que denunciou medo e preocupação sem uma única palavra.

– Acho que deram para outra pessoa. Ele vai encontrar outro. Vamos dar um jeito.

Esta se agachou para olhar as crianças trabalhando, enquanto Dolph conversava com a mulher sobre a situação dela – o aluguel, que estava atrasado; a comida, que ela mal podia comprar. Os pequenos olharam para Esta com os mesmos olhos cansados e desconfiados da mãe, mas a mais nova lhe ofereceu uma flor de seda, com os dedos vermelhos, em carne viva, por causa do trabalho.

Esta pegou o delicado botão com cuidado e fingiu sentir seu perfume. A menina sorriu de leve. De repente, Esta sentiu a pulsação quente da magia, e as pétalas da flor começaram a se mexer, abrindo e fechando.

A criança deu um sorriso de orelha a orelha, orgulhosa da demonstração. Esta tirou uma moeda do bolso e a ofereceu para a menina, que arregalou os olhos.

– Pode pegar – sussurrou, mas a criança não entendeu. Então, Esta colocou a moeda na mãozinha e a fechou.

– Onde está Josef, seu filho mais velho? – perguntou Dolph, fazendo sinal com a cabeça na direção de onde Esta estava, com as crianças.

– Saiu – disse a mulher, com um tom triste. – Às vezes, ele vai de dia pegar carvão para nós. Pelo menos, ficamos aquecidos.

– E as outras vezes?

– Com o pai doente, ele anda por aí com um grupo de rapazes da rua – respondeu a mulher, encolhendo os ombros, derrotada. – Não gosto deles, mas o que posso fazer? Ele já tem quase 14 anos... Tenho sorte de ainda não ter ido embora.

– Mande ele ir falar comigo quando chegar em casa. Posso passar um trabalho para ele. – Ao ver que a mulher fez careta, Dolph tentou tranquilizá-la: – Nada de perigoso. Preciso de alguém para fazer algumas entregas, coisa pequena, e ele pode pegar carvão para vocês quando terminar.

– Meu marido não quer saber das suas barganhas – disse a mulher, desconfiada.

– Não é nenhuma barganha, e não vou pedir para o seu filho fazer um juramento, se é isso que a preocupa. Josef é muito novo para tomar esse tipo de decisão, mas precisa se ocupar. Kelly e Eastman não serão tão compreensivos se o garoto se meter com eles. E o menino pode manter um emprego até mesmo depois que seu marido

melhorar, desde que passe as noites em casa com vocês.

A mulher não discutiu mais, apenas balançou a cabeça e voltou a colar as pétalas da flor que estava fazendo.

Dolph olhou para Esta e falou:

– Temos mais algumas paradas.

No próximo prédio, eles visitaram uma moça que não devia ser muito mais velha do que Esta. Segurava, na altura do quadril, um bebê que não parava de se mexer, e uma criança pequena brincava aos seus pés. Dolph aceitou o café que ela ofereceu e sentou para conversar.

– *Dzién dobry*, Marta. Vim porque fiquei sabendo o que aconteceu com Krzysztof... Nenhum sinal dele até agora? Nenhuma notícia? – perguntou Dolph, em polonês. A moça sacudiu a cabeça e ficou de pé para pisotear uma boneca de papel, em que o pequeno tinha acabado de pôr fogo.

– *Nie* – respondeu ela, com um tom seco, batendo na mão da criança. O que a fez começar a chorar e o bebê também.

Dolph se abaixou para olhar o menino de perto e colocou o dedo sobre seus lábios. O pequeno levou um susto com a atenção repentina e ficou quieto, tentando recuperar o fôlego, com a pequena boca ainda tremendo. Dolph tirou um lenço do bolso e limpou o ranho que escorria do nariz do menino. Em seguida, passou a mão no seu cabelo e lhe ofereceu uma bala enrolada em papel encerado. Só então voltou a falar com a mãe da criança.

O garotinho continuou em silêncio, observando Dolph conversar com a mãe e mastigando a bala. Dolph prometeu que alguém levaria a roupa suja do Strega para ela lavar. Combinaram um preço generoso, e Dolph garantiu que ele mesmo procuraria o marido da mulher.

Durante todo o tempo que Dolph ficou conversando com a mãe do menino, Esta não pôde deixar de imaginá-lo acorrentado, dentro do barco da prisão, indo em direção à Beira.

Ela tinha 6 anos quando o Professor Lachlan lhe explicou sobre a Beira pela primeira vez. Esta não entendia que os dois estavam presos na cidade. O Professor a levou para a ponte do Brooklyn e lhe contou sobre a Ordem. Quanto mais eles caminhavam sobre a ponte, mais frio parecia o dia de verão. Mesmo antes de chegar aos altos arcos das torres, Esta ficou com tanto medo que começou a chorar. Os turistas olhavam para os dois, desconfiados, e o Professor a pegou no colo e a levou de volta para onde tinham começado a caminhada. Se fora tão aterrorizante apenas ficar perto da Beira, Esta não podia nem imaginar o horror que seria atravessá-la.

Dolph não merecia isso. *Ninguém* merecia.

A manhã foi passando, e Esta fingiu não ouvir as conversas de Dolph com uma família atrás da outra. Cada apartamento era mais lotado do que o anterior; cada família, mais desesperada. A maioria tinha filhos que estavam loucos para brincar do lado de fora, mas obviamente tinham afinidades que ainda não podiam controlar. E,

sem controle, as crianças precisavam ficar escondidas.

Quando passava do meio-dia, o sol já tinha espantado as nuvens, e o ar lhes provocava com a promessa da primavera.

– Está com fome? – perguntou Dolph.

– Eu até que comeria alguma coisa – respondeu, com o estômago roncando. Ainda não tinha entendido qual fora o propósito de Dolph levá-la com ele, mostrando tudo aquilo.

Esta voltou com ele, atravessando a vizinhança. Apesar de depender da bengala, ele andava rápido pelas ruas movimentadas. Pelo seu jeito de andar, parecia mais empertigado do que mancando. Um ar de confiança que confundia as pessoas, fazendo-as pensar que não havia nada de errado com a perna dele. Quando chegaram a Houston, Esta ficou surpresa ao ver que reconhecia aquele lugar. Na sua época, a Padaria Schimmel ficava do outro lado da rua. Mas quando entrou no estabelecimento minúsculo, o cheiro de pão de cebola tomou conta dela, e a garota sentiu uma pontada de nostalgia de uma hora para a outra. Voltou a ser criança, lembrando-se das vezes que Dakari a levava para fazer um lanche na rua depois dos treinos – um pedido de desculpas e uma recompensa ao mesmo tempo. E, muitas vezes, iam ao Schimmel comer um *knish*.

Esta deixou as lembranças de sua outra vida virem à tona por um instante. O sorriso gentil, meio cafaeste de Dakari, as respostas ácidas de Mari para cada uma de suas reclamações, até a presunção de Logan. E o Professor Lachlan... que confiara nela para fazer aquele serviço, por bem ou por mal.

Todos agora estavam inalcançáveis. Com as mudanças no recorte de jornal ainda encostadas na sua pele, Esta não sabia direito se, algum dia, poderia revê-los.

Em todas as suas viagens, em todos os serviços que havia feito, nunca se sentira tão alienada da própria história. Só podia torcer para ela estar em algum lugar, inalcançável, do futuro. Esta não tinha o costume de chafurdar na tristeza, mas se permitiu, por um instante, sentir saudades: do encanamento interno, da velocidade dos carros e das ruas que não eram repletas de merda. E das pessoas de quem gostava.

– O que você vai querer? – perguntou Dolph, olhando para Esta como se tivesse entendido que a garota estava com a cabeça em outro lugar. Mas não disse nada a respeito nem insistiu, e Esta ficou incrivelmente grata.

Eles pediram a comida para levar, e ficaram trocando os pesados pães de mão para não se queimarem.

“Ainda tem o mesmo gosto”, pensou Esta. Cem anos, e o modo como o recheio massudo do *knish* derretia na boca, denso e quente, com a quantidade exata de sal, fez com que tivesse 10 anos de novo. Levou-a de volta aos dias de outono, quando sentava com Dakari no banco do ônibus, tentando comer o pão inteiro antes que esfriasse, enquanto ele comentava a aula do dia, os progressos e erros dela

Esta já tinha quase 11 anos quando conseguiu comer um *knish* sozinha. Mas,

agora que a fome a dilacerava, um só não parecia suficiente.

– Quantas línguas você fala, exatamente? – perguntou Dolph.

De repente, o *knish* ficou com gosto de cinzas. Esta engoliu o bocado quase engasgando, porque seu estômago se revirou de nervoso. Então, olhou para Dolph com a expressão mais neutra que conseguiu.

– Do que você está falando?

Ele lhe lançou um olhar de impaciência.

– Fiquei observando você hoje, durante as visitas. Estava prestando atenção.

– Não, não estava...

Mas ele lhe lançou outro olhar, que a fez engolir o protesto.

– Quantas? – insistiu ele.

– Várias – admitiu Esta, por fim.

Fora uma parte importante do seu treinamento e, por sorte, ela aprendera rápido.

Dolph deu mais uma mordida no *knish*.

– E você não achou que essa informação era relevante?

Esta encolheu os ombros, escolhendo cada palavra com cautela.

– Nem todo mundo aprecia essa habilidade. Como você bem disse, eu *estava* prestando atenção. Muita gente vê isso mais como um defeito do que como uma vantagem.

Dolph balançou a cabeça.

– Para sua sorte, não sou uma dessas pessoas.

Esta piscou, aliviada.

– Não?

Ele sacudiu a cabeça.

– Mas não vá pensando que pode esconder coisas de mim sem prejudicar a confiança que tenho em você.

– Não vou cometer este erro de novo – garantiu, baixando a cabeça e torcendo para que ele não percebesse a mentira das suas palavras.

– Não cometa mesmo.

Depois disso, andaram em silêncio por um tempo até Esta criar coragem para fazer a única pergunta que havia lhe perturbado a manhã inteira.

– Por que você me trouxe hoje?

– Em primeiro lugar, porque eu queria ver a sua reação às pessoas que eu protejo. Muita gente pensa que deveríamos ficar entre os nossos e não está disposta a atravessar novos limites. Tem muita gente que jamais conversou com alguém que não seja do mesmo vilarejo onde cresceu. Muita gente que só está interessada em proteger seus compatriotas. É isso que a Ordem quer. Não querem que os Mageus se deem conta de que temos muito mais coisas em comum do que diferenças. Porque, nos mantendo divididos, o poder dela continua a salvo. Mas também queria que você visse com os próprios olhos o que estou tentando fazer, e o que está em jogo se fracassarmos. – Dolph colocou, então, o último pedaço de *knish* na boca e o engoliu

antes de completar: – A filha de Golde gostou de você. – Em seguida, apontou para a flor que ainda enfeitava o cabelo de Esta.

– Ela era um doce – disse Esta, ficando na defensiva.

– Era mesmo, mas que tipo de vida ela pode esperar? Vai passar o resto dos dias naquela sala, ou em uma sala parecida com aquela, sem ter nenhuma chance de fazer algo mais. Só porque é capaz de fazer uma flor de seda se abrir. Se tiver sorte, a Ordem jamais irá tocá-la diretamente, jamais colocará fogo no seu prédio, prender seu pai ou seu marido por crimes que não cometeram. Mas, provavelmente, não terá tanta sorte. Poucos têm. Marta não teve. Seu marido desapareceu há pouco mais de uma semana, e ela não tem mais nenhum parente aqui. Se eu não os ajudasse, o que seria de Marta e de seus filhos?

– E é só isso? – perguntou Esta, ainda tentando descobrir o que motivava aquele homem. Se todo mundo tinha fraquezas, todo mundo também tinha segundas intenções. Ela não acreditava que Dolph Saunders fosse diferente. – Você só ajuda as pessoas, sem esperar nada em troca? Sem condições?

Dolph pensou na pergunta por um momento e, quando finalmente respondeu, mediu as palavras:

– Não sou nenhum santo, Esta. Sou um homem de negócios com múltiplas propriedades, com empregados que dependem de mim, com pessoas nessa vizinhança cujo respeito eu conquistei. Quero continuar sendo esse homem. Sempre fui ambicioso, talvez ambicioso demais para quem veio de onde eu vim. Se a Ordem cair, vai ser bom para mim, para as minhas futuras oportunidades nesta cidade. Se eu for responsável por derrubar a Ordem, as pessoas ficarão gratas, e eu vou colher os frutos. Não tenha dúvidas. Eu estaria mentindo se não admitisse isso.

“Mas também sei o que é passar fome. Vivi na rua e aprendi a fugir daqueles que queriam me caçar. Sei a força de vontade que é necessária para sobreviver vindo de baixo, e sei que nem todo mundo a tem. Então, sim, tenho os meus próprios interesses. Mas não sou completamente sem coração, apesar dos boatos que correm por aí.”

Esta ficou observando Dolph, procurando sinais de que ele estava mentindo. O Professor Lachland havia lhe ensinado tudo o que podia, lhe treinado para derrubar a Ordem que os obrigava a levar vidas limitadas, mas nunca se preocupou com o mundo além do seu pequeno bando. Libertar a si e aos seus era suficiente. Mas ali estava Dolph Saunders, um homem que tinha todos os motivos para só pensar em si mesmo, para se preocupar com o poder que pudesse conquistar, falando outra coisa.

– E você confia neles? Acredita que todas as pessoas que ajuda não vão lhe entregar para a Ordem?

– E eu lá tenho escolha? – perguntou, com um tom de sarcasmo. – Ninguém consegue sobreviver sozinho. Nem mesmo eu. Você tem mais alguma pergunta? – disse Dolph, deixando bem claro, pelo tom de voz, que estava cansado de respondê-las.

Esta sacudiu a cabeça. Já tinha muito o que pensar.

– Você se virou muito bem ontem à noite. Jianyu provavelmente lhe deve a própria vida.

– Eu fiz o meu serviço.

– Tão humilde? – Dolph curvou de leve a boca e completou: – Acho que você tem profundezas que ainda esconde de mim, Esta Filosik. Não sei bem se gosto disso.

Esta franziu a testa, preocupada com a certeza que detectou no tom de voz de Dolph.

– Eu jamais faria mal a você ou a alguém que você protege.

O que era uma mentira, mas ela conseguiu contá-la com uma facilidade admirável. Afinal de contas, fora bem treinada.

Mesmo assim, todo o seu treinamento não pôde segurar a pontada de culpa que sentia, agora que conhecia Dolph e o resto do bando. Não havia como fazer o que o Professor pedira sem acabar prejudicando a todos. Se Esta fizesse mal Dolph, estaria fazendo mal a todas as pessoas que ele ajudava.

– Mas até onde você seria capaz de ir por eles?

Esta não respondeu de imediato. Percebeu que ele observava cada movimento seu, analisando cada palavra que dizia. Se concordasse rápido demais, pareceria tola – ou coisa pior. Quando finalmente respondeu, só falou a verdade:

– Para derrubar a Ordem? Eu arriscaria tudo.

– Eu também – disse ele. Então, pensou por um instante antes de falar de novo. – Tenho planos para a Ordem. Talvez possa me ajudar com esses planos. Nibs acredita que você é capaz.

Lambendo os lábios, Esta pensou cuidadosamente nas suas próximas palavras.

– Eu... Eu não tenho certeza de que Nibs tem razão, mas estou disposta a fazer tudo o que estiver ao meu alcance.

– Fico feliz de ouvir isso – falou Dolph, mas a expressão dele não se suavizou. – Se é assim, tenho um serviço para você. Podemos chamar isso de um teste para o seu nível de seriedade e o quanto posso depender de você. Para meus planos darem certo, preciso que alguém se junte a nós. Alguém que tem sido muito relutante.

– Harte Darrigan – falou Esta, juntando as peças do quebra-cabeça.

– Ele viu você no museu, e sabe que trabalha pra mim nisso. Isso faz dele um tendão de Aquiles.

– Vou garantir que não seja – prometeu Esta.

Ela consertaria todos os erros que haviam cometido e colocaria Harte no devido lugar.

Dolph deu risada.

– Se eu o quisesse morto, mandaria Viola – brincou. – Meus planos *dependem* da ajuda de Darrigan. Quero que você o traga para mim.

FAÍSCAS DE PODER

Docas

Aquele velho nunca ia parar de martelar. Jack andava para lá e para cá, sobre o chão de terra do armazém, enquanto o som de metal batendo em metal e do soldador irritavam seus nervos à flor da pele. Desde o assalto ao museu, estava pagando em dobro para o velho trabalhar dia e noite e terminar a máquina. Que já deveria estar pronta.

Finalmente, ele se afastou dela e deu mais uma olhada.

– Acho que resolveu.

– Você fez os ajustes que eu lhe enviei? – perguntou Jack, segurando um diamante bruto. Seria um inferno quando o pai descobrisse o quanto ele havia gastado naquela pedra. Mas, se funcionasse, não teria importância. Se aquilo desse certo, eles lhe agradeceriam. Ele seria um maldito de um herói!

Jack não sabia por que não havia pensado nisso antes, mas alguma coisa fez um *clique* quando ficou sabendo que a tia perdera uma herança de família no museu: um colar de valor inestimável, repleto de esmeraldas, e diamantes raros únicos, insubstituíveis... E eles lhe deram uma ideia.

Óbvio que ele não podia simplesmente gerar poder com uma máquina, por mais complexa e moderna que fosse. Precisava de um objeto para concentrar esse poder.

Mas, por acaso, a Ordem não dependia dos seus artefatos para garantir a segurança do *Mysterium*? Jack jamais os vira com os próprios olhos, mas ouvira falar deles: cinco gemas que foram recolhidas por um dos mais poderosos alquimistas já vivos, originárias de cinco civilizações antigas, impregnadas de magia. O alquimista conseguiu imbuir poder nos artefatos por meio de rituais complexos, poderes que a Ordem ainda conseguia invocar. Verdade que apenas os membros do Conselho Superior entendiam os segredos dos artefatos, mas Jack não era burro. Passara o último ano descobrindo tudo o que podia – tudo o que seu tio e os demais lhe permitiram descobrir. Se aquelas pedras podiam conter poder mágico, por que a sua não?

O diamante havia custado tudo o que ele tinha – e mais algumas coisas que, na verdade, não eram suas –, para convencer o antiquário a se desfazer da pedra. Mas Jack precisava de algo mais do que uma simples pedra preciosa. O diamante fora encontrado na tumba de Hatshepsut, que erigira o obelisco Agulha de Cleópatra, trazido do Egito para o Central Park. Havia uma simetria na pedra que aumentava a autoconfiança de Jack. Poderia funcionar.

– Fiz as alterações – disse o velho, com um olhar nada esperançoso, pegando a

pedra e a examinando. – Mas não vejo como um pedaço de pedra pode ser suficiente para dissipar o poder acumulado gerado por essa coisa.

– Você não está aqui para ver nada. Só siga as instruções – vociferou Jack. – Você *seguiu* as instruções, não seguiu?

O velho balançou a cabeça afirmativamente.

– Então, não deveremos ter problemas – disparou Jack. – Instale isso no globo central e depois ligue a máquina. Vejamos se você vai me decepcionar de novo.

O velho balançou a cabeça, preocupado, e depois voltou a mexer nos fios. Alguns minutos depois, conectou a força, e um ronco elétrico começou a soar, em algum ponto das profundezas da máquina. Em seguida, os grandes braços orbitais começaram a girar, primeiro devagar, depois mais rápido, até que o globo central começou a brilhar.

– Não vai segurar – disse o velho, protegendo-se atrás de uma grande caixa de ferramentas de metal e começando a puxar os fios.

Mas Jack estava confiante. Ou, se não confiante, desesperado o suficiente para dar uma chance à máquina.

– Não! Vamos esperar. Ver o que ela pode fazer.

“Céus, que coisa mais bela.” Moderna e elegante, poderosa em suas promessas. Os braços giravam, cruzando-se em um movimento muito rápido, como erráticos anéis de Saturno. Raios de energia – de magia – saltavam entre os dois polos da esfera. Um universo perfeitamente contido. Só que aquele era um cosmos que *Jack* controlaria.

A Ordem que risse de seus outros fracassos. No fim das contas, teriam que morder a língua. Com aquela máquina, Jack faria tudo o que eles tinham apenas sonhado. Daria um fim à ameaça crescente dos Mageus. Acabaria com eles, de uma vez por todas. Quando os Mageus tivessem desaparecido, quando a cidade estivesse livre da sua corrupção, a Ordem reconheceria o seu brilhantismo, e ele teria a sua recompensa, enquanto se dirigiriam ao futuro. Graças a ele, a cidade – e todo o país – voltaria a ser uma grande promessa.

– Senhor Jack – gritou o velho.

– Eu disse para esperar! – berrou, mal conseguindo ouvir as próprias palavras por causa do barulho que a máquina fazia. Estava de olhos arregalados, e seu cabelo batia no rosto, levantado pelo vento que a máquina havia criado no centro da sala. Parecia que estava à beira de um precipício, entre o passado e o futuro, e as violentas descargas de energia que atingiam sua pele só o faziam ter mais vontade de chegar perto do perigo.

O maquinista recuou ainda mais para trás da caixa de metal, mas Jack continuou parado, exposto, desafiando o destino a contradizê-lo de novo. Se aquela coisa maldita explodisse, que o levasse com ela. Seria mais fácil do que admitir que fracassara novamente. Ou explicar para o pai onde o dinheiro do seu fundo fiduciário tinha ido parar.

Mas a máquina não explodiu. Ganhou força, os raios de energia dançavam ao redor do globo central, resfriando o ar que passava em volta deles. Faíscas de vida, de poder.

– Está segurando! – disse, sem conseguir conter o riso, maravilhado, com uma perigosa esperança crescendo no peito. – Está funcionando!

O velho espiou, detrás da caixa de ferramentas, com os olhos arregalados.

Jack riu de novo. Alívio e entusiasmo se misturaram, em um coquetel inebriante que fez o seu sangue ferver. “Funciona!”

– Isso é apenas o começo – falou, mais para si mesmo do que para o homem que construíra a máquina.

Seria o *seu* começo. De mais ninguém.

Jack foi até os controles e fez alguns ajustes, regulando a máquina até o poder dela ficar concentrado exatamente onde ele queria. Apontou para a parte da cidade que não passava de um ninho de ratos, já que ali se escondia uma praga. Ele tomaria sua cidade de volta.

Jack sorriu.

“Equilíbrio, isso sim.”

– Avise-me se houver alguma mudança – disse, colocando o chapéu na cabeça e saindo do armazém para a noite fria. A máquina funcionava. Ele tivera razão a respeito do diamante. Tudo daria certo. Precisava beber para comemorar.

OUTRO TIPO DE PERIGO

Teatro Wallack

Depois da semana que tivera, Harte precisava de uma boa noite de sono. Tinha conseguido passar uma conversa em Toco, por ter perdido o *show* quando ficou preso no Metropolitan – a reportagem de capa que Sam publicara ajudara, mas, como também mencionava seu nome, os capangas de Paul Kelly voltaram. Kelly não ficou nem um pouco feliz de saber que Harte estava fazendo progresso com Jack e não o incluía.

Harte pensou que conseguiria convencer Torrio e Navalha de que precisava um pouco mais de tempo, mas passou o resto da semana esperando as coisas acontecerem. E evitando Jack, porque ainda não fazia ideia de como explicaria o roubo ao museu sem colocar a si mesmo em risco.

O fato de seu público andar com uma reação fria, sem se impressionar muito com os truques de ilusionismo e achando pouca graça quando ele tornava o impossível possível, não ajudava muito. Mas ainda não tinham lhe virado as costas. A casa estava quase cheia, e isso tinha tudo a ver com o que estava prestes a acontecer – estavam esperando, cada vez mais impacientes, pela estreia de seu mais novo número de escapismo, o que mais desafiaria a morte.

O homem que selecionara na plateia para fechar as algemas e correntes havia voltado para o seu assento com uma certeza presunçosa de que Harte não conseguiria se soltar de jeito nenhum. Harte fez questão de se contorcer e sacudir para mostrar o quanto estava preso, porque nunca é demais fazer um pouco de drama. Quando dois assistentes o baixaram dentro do tanque transparente cheio de água morna, todo acorrentado e usando apenas um calção de banho, a plateia ficou em silêncio – ainda bem –, enquanto foi descendo até o fundo do tanque.

Ainda não haviam descido a tela na frente do tanque quando as luzes do teatro resplandeceram, por um instante pulsando como um coração, para depois se apagarem completamente.

Mesmo debaixo d'água, Harte podia sentir o murmúrio frenético da plateia, e sua reação foi de pânico. Ele sabia que era impossível, mas jurou que o piscar das luzes tinha prejudicado sua afinidade, o fizera sentir aquela dor oca que obscurecia a visão e lhe dava tontura.

Mas, quando soltou um suspiro, a água que engoliu o fez lembrar de onde estava e do que estava em jogo. Obrigou-se a esquecer o pânico e se concentrar em tirar vantagem daquela situação inesperadamente dramática.

Rapidamente, tirou o alfinete de metal de baixo de uma ponta de dedo falsa e

começou a se contorcer, até conseguir enfiar o alfinete na fechadura das algemas. Quando os assistentes acenderam as lanternas de querosene na beirada do palco, alguns minutos depois, Harte já tinha saído do tanque. Estava pingando e segurando as pesadas correntes nas mãos estendidas.

A plateia enlouqueceu. Mesmo na penumbra, Harte podia ver rostos impressionados, o medo dera lugar à admiração. Ele não havia apenas escapado da água – dessa vez, também tinha derrotado a completa escuridão, capaz de alarmar até o mais cético dos homens da plateia.

Harte deu o seu sorriso mais encantador e fez uma reverência, deixando-se contagiar pela ruidosa aprovação do público. O aplauso retumbante, entretanto, não ajudou a aliviar o incômodo que se abatia sobre ele, tão gelado e desconfortável quanto o calção molhado. Agradeceu à plateia com um último cumprimento e depois cedeu o palco a Evelyn e suas “irmãs”.

Quando as três primeiras garotas desfilaram sob os holofotes, a plateia enlouqueceu de novo, dessa vez gritando e assoviando. Pelo jeito, um par de pernas era tudo do que o público precisava para esquecer que ficara maravilhado. Dar-se conta desse fato diminuiu a descarga de adrenalina que Harte costumava sentir, deixando-o tenso e nervoso, ansiando para usar a afinidade de novo.

Harte entregou as correntes a um assistente de palco, colocou um robe e foi andando pelo labirinto de cordas e roldanas da coxia, em direção ao seu camarim.

Por algum motivo, não ficou surpreso ao ver que a garota estava à sua espera. Já fazia dias que esperava por algo assim, desde o momento em que acabara com suas chances de fugir do museu. Mesmo assim, a aparência dela, uma explosão de cor e de fogo naquele seu camarim pequeno e sombrio, o deixou sem reação.

– Creio que Dolph mandou você vir aqui – disse ele, fechando a porta.

A moça usava uma saia cor de ameixa e uma blusa creme que delineava suas curvas, sem escondê-las. Seu cabelo estava preso na nuca, e delicados pentes entalhados em jade realçavam os cachos castanhos. Vestida daquele jeito, poderia passar por uma das damas da Park Avenue, mas a malícia dos seus olhos não combinava com a fineza das roupas.

Há pouco tempo, John Torrio se sentara ali, e Harte foi acometido pelo pensamento de que não sabia dizer qual dos dois era uma ameaça maior ao seu bem-estar.

– Veio bater em mim de novo?

Ele enfiou as mãos nos bolsos do robe e desejou com todas as forças que a garota não tivesse aparecido.

Mais do que tudo, desejou não ter aquele lado seu que ficou feliz em vê-la de novo, sã e salva. E no seu camarim.

– Infelizmente – disse ela, inclinando-se como se fosse contar um segredo –, tenho ordens claras para não fazer isso.

– Isso deve ser muito decepcionante para você – brincou ele, relaxando um pouco

com o tom bem-humorado da moça.

– Você não faz ideia.

A garota soltou um suspiro dramático e se acomodou na poltrona. As sombras formadas pelo abajur rodopiavam no seu rosto, e Harte teve a distinta impressão de que Esta, apesar da expressão séria, estava rindo.

– Eu queria lhe agradecer – disse ela.

Harte pôde perceber o quanto lhe custava dizer aquelas palavras.

Achando graça, mesmo contra a sua vontade, ele foi até o radiador, onde as roupas estavam.

– Pelo quê?

– Por não contar a ninguém o que você viu naquela noite.

Harte olhou para ela.

– Quem disse que eu não contei?

Ela franziu a testa, juntando as sobrancelhas castanhas.

– Morgan me pareceu bem chateado na foto que saiu na primeira página. Duvido que eu estaria aqui se ele tivesse alguma ideia de quem está envolvido no assalto.

– Ele estava mesmo – admitiu Harte. – Bastante chateado. Mas eu não diria “obrigado” por enquanto.

– Não?

A garota inclinou a cabeça de leve, um movimento quase imperceptível, mas que foi o suficiente para ele perceber que ficara preocupada.

“Ótimo. Ela que fique preocupada.”

Aquela moça lhe deixava com os nervos à flor da pele toda vez que o encontrava. Nada mais justo que ele fizesse a mesma coisa. Isso sem falar do quanto Harte estava gostando cada vez mais dos joguinhos da garota.

– Nunca se sabe quando eu poderei lembrar alguma coisa – falou, dando um olhar sugestivo. – Alguma coisa que a polícia possa achar interessante.

– Você está tentando me chantagear?

– Não, tentando, não. Pelo menos, não por enquanto – respondeu ele, dando um sorriso simpático, porque tinha a impressão de que isso a deixaria ainda mais irritada. – Mas, no seu devido tempo, posso pensar em algo que queira de você.

Esta soltou uma gargalhada de deboche.

– Pode ir sonhando.

Harte deu uma piscadela e provocou:

– Todas as noites, querida.

– Olhe, por mais que essa conversa tenha sido divertida, só estou aqui porque Dolph precisa de um favor seu.

– Sei muito bem o que Dolph quer de mim. Também tenho absoluta certeza de que minha resposta a essa questão foi muito clara.

– Supostamente, estou aqui para fazer você mudar de ideia – falou a garota, batendo as pestanas volumosas para ele.

Entendendo muito bem o ardil de Esta, Harte deu risada.

– Como, na minha área, mulher bonita é o que não falta, mesmo uma beldade como você, provavelmente, não será capaz de fazer a minha cabeça – falou, lançando um olhar sarcástico. Então, tirou o robe e o pendurou no biombo. – Sem querer ofender, é claro – completou.

– De modo algum.

Se o objetivo de Harte era deixá-la incomodada, não funcionou. Esta não parecia nem um pouco preocupada por ele estar ali, na sua frente, usando apenas um calção molhado. Muito menos por estar em uma sala quase escura sozinha com ele. Sequer desviou o olhar. Quando muito, parecia estar se divertindo. Aquela expressão Harte conhecia bem: era a empolgação da conquista. O que só serviu para deixá-lo ainda mais irritado.

– Levando em conta que eu tenho informações que podem tornar a vida de Dolph muito mais complicada, me parece que sou eu que tenho o direito de pedir favores.

– E que tipo de favor você gostaria de pedir? – perguntou Esta, sem parar de olhar para ele.

Harte tinha acabado de subir ao palco na frente de trezentas pessoas, mas, de uma hora para a outra, sentiu-se nu, de um modo inexplicável. Parecia que a moça usava o fato de Harte estar com pouca roupa contra ele.

– Cheguei a pensar um pouco sobre isso...

– Cuidado para não se machucar – disse ela, com os olhos arregalados, fingindo preocupação. Ele sacudiu a cabeça e foi parar atrás do biombo, para tirar o calção molhado, colocar uma roupa seca e conseguir pensar.

Era enervante, aquele jeito que a garota lhe olhava, tão diretamente, sem sequer ficar corada ou demonstrar qualquer sinal de desconforto. Harte também a admirava por isso... Não que estivesse nos seus planos permitir que ela levasse a melhor de novo.

– Deve haver algo que você queira – insistiu ela. – Algo que Dolph possa fazer para você mudar de ideia.

– Não quero nada de Dolph Saunders – respondeu Harte, sendo sincero, vestindo as calças quentes. Ouviu um som metálico vindo do outro lado do biombo e olhou para ver o que ela estava fazendo.

– Elas não têm chave – avisou, ao ver que Esta brincava com as algemas penduradas perto da penteadeira.

– É mesmo? Então, acho que devo tomar muito cuidado. – Com um movimento rápido, a garota fechou uma das algemas de ferro em volta do pulso. – Oops! – disse, aproximando a mão enluvada da boca. O que só chamou atenção para os lábios dela. Tão rosados. Tão macios. Tão doces, roçando os seus.

Harte se lembrava bem daqueles lábios... E também dos dentes por trás deles. Tem coisas que não valem o incômodo.

– Acho que fiquei presa – falou Esta, sem deixar de olhar Harte nos olhos. – Vou

ter que ficar aqui um pouquinho... até você mudar de ideia.

– Como eu disse, não estou interessado no que Dolph quer de mim. – O que não era completamente verdade. Harte estava mais interessado do que nunca em escapar daquela cidade, ainda mais com os capangas de Paul Kelly no seu encalço. Só que isso não era suficiente para ele querer ficar preso na teia de Dolph Saunders. Qualquer que fosse o seu plano, seria perigoso e imprudente, como sempre. Agora que Dolph não tinha Leena para manter seus pés no chão, era provável que fosse ainda pior. – Nunca tive tendências suicidas.

– Seu *show* diz o contrário – debochou ela, com a algema ainda pendurada no pulso, como se fosse uma joia. – Você quase morreu lá no palco.

– Engraçado. – Harte lhe lançou um olhar sinistro.

– Esse tipo de coisa já cansou, você não acha? – Esta foi andando devagar na sua direção, no mais descarado dos desafios. – Houdini já domina o mercado de escapismo. Você precisa de algo... – a moça sacudiu a mão, fazendo a algema balançar no seu pulso – ... sabe, que apimente as coisas. Eu adoraria lhe dar umas dicas, se você quiser.

Se as técnicas de sedução dela não fossem tão ruins, Harte teria ficado mais irritado com o comentário sobre Houdini. A garota teria feito melhor se fosse mais direta, não que ele fosse lhe dizer isso.

– *Você* vai me dar dicas?

Ele quis dar risada, mas Esta chegou bem perto. O perfume da moça perturbou seus sentidos e lhe deu um aperto na garganta.

– Você não está lembrado? – sussurrou ela, no seu ouvido. – A plateia nos amou.

– Foi?

Harte virou a cabeça, ficando com o rosto tão próximo de Esta que pôde perceber que a garota precisou recuperar o autocontrole.

“Interessante.”

A moça não queria que ele a tocasse, mas também não queria que percebesse que o estava evitando. Harte poderia se aproveitar disso.

– Bem, eles *me* amaram – disse ela, movimentando com graça os lábios. – Estavam apenas tolerando você.

Harte podia sentir o calor que irradiava dela, um aroma de raio de sol, de roupa lavada e sabonete. Assim, tão de perto, os olhos pareciam ainda mais da cor de mel, mas também guardavam um desafio. E Harte nunca foi homem de se esquivar de um desafio. Chegou ainda mais perto, deleitando-se com a tensão da garota e com o fato de ela ter parado de se afastar. Agora que ele estava gostando, a moça teve o próprio jogo virado contra si.

– Você disse me tolerando? – repetiu Harte, tendo que se segurar para não encostar os lábios no pescoço de Esta.

– ã-hã – murmurou, ficando quase sem fôlego de repente.

– E se eu quiser você?

– Eu responderia que não pode me ter.

– Não?

Então, Harte prendeu a outra algema no pulso dela.

Esta arregalou os olhos, afastando-se dele. Mas, para surpresa de Harte, a garota não entrou em pânico nem o xingou por ele ter desmascarado seu ardil. Não parecia nem um pouco decepcionada, só olhou para os pulsos algemados e fez a única coisa que ele não esperava: deu *risada*. Com os olhos brilhando de deleite.

– Você disse que não tem a chave? – Ela não parecia nem um pouco preocupada.

– Perdi há muitos anos – respondeu ele, encolhendo os ombros. Afastou-se de Esta e foi pegar a camisa que estava em cima do radiador. Vestiu a peça, sentindo seu calor, satisfeito com a situação que conseguira criar. Até o momento em que se lembrou da fechadura que a garota arrombara no museu.

Quando se virou, ela já tinha soltado os pulsos, e as algemas abertas estavam penduradas na ponta do seu dedo.

GOLPISTAS NÃO CAEM EM GOLPES

-Acho que vai ser um pouco mais difícil que isso para você se livrar de mim – disse Esta, divertindo-se com a cara que Harte Darrigan fez ao ver que ela tinha escapado tão rápido das algemas.

“Até que é um rosto bem bonito”, pensou. Ele tinha uma beleza rústica e pensativa, que não combinava com seu número refinado. E ambos só melhoravam com o *kajal* preto que passava debaixo dos olhos. Mas Esta sabia, pela experiência com Logan, que charme e beleza, muitas vezes, são superficiais. Darrigan era um artista bom demais para revelar o que estava por trás daquele charme, e ela, inteligente demais para se deixar levar apenas pelo charme – ou o que quer que estivesse por trás dele, afinal.

Mesmo assim, devia admitir que tinha gostado do que vira quando ele tirou o robe e deixou à mostra o calção molhado. Quem não gostaria? A peça apertava as coxas musculosas, que só realçavam a barriga lisinha e os ombros largos e bem definidos. Ele tinha uma ondulação angulosa, meio agressiva, no ombro direito, uma marca ou cicatriz, que não combinava com os modos de homem rico que ele fazia questão de sustentar. Um ferimento de alguma vida passada, suspeitou Esta. Tirando isso, o corpo dele era quase perfeito, droga – definitivamente, resultado de muito trabalho árduo.

Esta não podia deixar de admirá-lo, não só porque era bonito. Significava que Harte sabia o que era ter que trabalhar para conseguir algo, para dominar algo. Sabia o que era não depender *somente* da magia.

Essa era uma lição que ela aprendera ainda criança. A primeira vez que o Professor Lachlan a ensinou a pôr a mão no bolso de alguém e tirar uma carteira bem recheada, não permitiu que Esta usasse sua magia. Só quando ela conseguiu bater carteiras sem chamar a atenção das vítimas, o Professor lhe mostrou como a magia poderia amplificar as já desenvolvidas habilidades.

Com ou sem admiração, Esta não se permitiria ficar distraída. Muito menos pelos braços musculosos do Mago ou pelo sorriso provocante. O que, provavelmente, era mais uma máscara. De acordo com o recorte de jornal, o roubo da Mansão Quéfren *não era* mais um fato. Ela precisava convencer Harte Darrigan, garantir que ele fizesse parte da equipe e garantir que não entregasse Dolph. Não tinha tempo para ficar babando por um rapaz, por mais bonito que fosse.

Harte tirou as algemas das suas mãos, e franziu a testa ao examiná-las.

– Eu não as quebrei, se é isso que está pensando – disse Esta, quando ele fez uma expressão ainda mais confusa. Então, mostrou o grampo que usara. A única coisa útil naquele penteado elaborado que o pessoal de Dolph fizera.

Esta tentou dizer que Harte Darrigan não ficaria impressionado com uma roupa nova ou com seu cabelo, mas eles insistiram. “Seduza o homem”, disseram. Mas um golpe só funciona quando a vítima quer comprar o que você está vendendo.

O truque das algemas, pelo jeito, o deixara *bem* impressionado. Pelo menos, por um instante.

Um segundo depois, ele sacudiu os ombros, com indiferença, e voltou a usar a armadura, colocando as algemas de volta no lugar.

– É um truque fácil de fazer depois de alguma prática, creio eu. Não é segredo para ninguém que eu tenho essas algemas.

– Tente outro par, então – desafiou Esta. – Ainda está para surgir uma fechadura que eu não consiga abrir.

– Depois daquele seu truque no museu, não duvido nada. Mas eu também sei arrombar fechaduras, querida.

– Aposto que sou mais rápida.

Ele ficou observando Esta, e a garota pôde perceber que o Mago estava lutando contra um dilema. Por um lado – e disso Esta tinha certeza –, Harte estava louco para testá-la, para mostrar que *ele* era melhor. Mas o outro lado acabou vencendo.

– Como eu disse, não estou interessado nesses joguinhos. E ainda não estou interessado nos planos de Dolph Saunders, sejam lá quais forem.

– Talvez você devesse se interessar – insistiu Esta, chegando mais perto. – Quanto tempo você acha que esse seu *show* vai durar?

– O tempo que eu quiser.

Harte lhe lançou um olhar presunçoso e começou a abotoar a camisa.

– Esses truques batidos não vão funcionar por muito tempo.

– Não são truques – corrigiu Harte. – São *efeitos*. E eu sempre posso inventar novos.

– Só que para a mesma plateia batida. Uma hora ou outra, vão querer algo novo. *Alguém* novo.

– Você não sabe do que está falando – ele retrucou. Mas a expressão dele não era de certeza.

– Agora, se a Beira fosse derrubada... – continuou Esta, ignorando a explosão de Harte – ... você poderia sair da cidade.

– Quem disse que eu quero?

Esta não pôde deixar de rir. O desejo na expressão de Harte ficou tão claro que era inconfundível.

– Se você pudesse sair de Nova York, poderia ir para uma cidade nova sempre que quisesse. O mundo inteiro estaria de portas abertas para você.

Por um instante muito breve, uma expressão estranha passou pelo rosto de Harte, transformando a expressão dele. Mas, então, ele pareceu se controlar, e máscara costumeira de indiferença e simpatia voltou para o devido lugar.

– Quem disse que preciso de Dolph Saunders para sair dessa cidade?

Ele, então, terminou de arrumar o colarinho, de frente ao espelho, e pegou uma gravata de seda preta.

Esta não gostou nem um pouco dessa nova autoconfiança de Harte.

– Ele pode lhe oferecer proteção – disse ela, desesperada para encontrar outro argumento que o desarmasse. Então, utilizou a informação que era sua carta na manga: – Para você e para a sua mãe.

Harte ficou completamente parado.

– Não costumo lidar bem com ameaças.

– Não foi uma ameaça – respondeu Esta, confusa com a reação dele.

– Levando em consideração que pouquíssimas pessoas sabem que *tenho* mãe, não vejo como eu poderia encarar de outra forma – disse, ainda tenso.

– Todo mundo tem mãe – comentou Esta, dando uma risada apática, tentando parecer mais à vontade do que realmente estava. Algo havia mudado quando mencionara a mãe dele. Pelo jeito, Dolph e Nibs lhe deram a única informação extremamente necessária para que ela se enforcasse. Toda a confiança que conquistara de Harte se esvaiu, e esse não fora o único estrago.

Ele ficou em silêncio de novo, por um longo e constrangedor tempo, examinando Esta como se procurasse uma pista para descobrir qual era o joguinho dela. Naquele instante, pareceu ser exatamente o Mago que ela esperava encontrar. Frio e implacável, capaz de trair qualquer um.

Em seguida, ele falou:

– Pensarei na proposta de Dolph se você me contar uma coisa.

– Que coisa? – perguntou Esta, desconfiada.

– O que exatamente Dolph tem para usar contra você? – perguntou, chegando perto dela com a cabeça inclinada para o lado.

– Nada – mentiu Esta. Harte estava perto demais e, de repente, o camarim lhe pareceu muito apertado. Ela levantou queixo e completou: – Sou útil para ele.

– É só isso que você é? – perguntou, observando com mais atenção. – Útil? Isso me parece tão... prosaico.

Dentro da cabeça dela, Esta não conseguia parar de enxergar Charlie Murphy, na rua com o rosto vermelho. E não conseguia parar de pensar em Dolph, indo de barco para a ilha Blackwell, indefeso face à Beira.

– Ah, então ele tem, *sim*, algo contra você – disse Harte, satisfeito. – Adivinhei.

– Adivinhou errado – retrucou Esta, mas ele já tinha virado o jogo. Ela conseguira se manter firme no começo, talvez até o tivesse pegado de surpresa com as algemas, mas agora era Harte quem estava na ofensiva.

O Mago sacudiu a cabeça.

– Não, acho que não. Dolph nunca gostou de fazer caridade. Seja qual for a ajuda que lhe prometeu, irá cobrá-la em espécie. É assim que todos os líderes de gangue do centro agem, e Saunders não é nem um pouco diferente. Assim que você entra, é impossível sair.

– Você não sabe do que está falando – disse Esta, levantando o queixo. Ela não vira, com seus próprios olhos, o que Dolph estava fazendo? Que estava ajudando os mais fracos entre os fracos?

Ele ignorou o protesto.

– Conte-me, você já está com a marca dele?

– Que marca? – perguntou, sem conseguir segurar a curiosidade.

Esta xingou Harte em pensamento quando ele sorriu, porque entendeu que acabara de revelar que havia coisas sobre Dolph Saunders que não conhecia, coisas que Harte Darrigan sabia, o que lhe dava uma vantagem que Esta não podia se dar ao luxo de permitir.

– Com certeza você já viu a tatuagem que ele faz em quem entra no seu bando. Sempre foi o preço pago pela proteção – explicou. Em seguida, virou de costas para Esta e pegou o colete que estava pendurado em um gancho na parede. – E é um preço que não estou disposto a pagar – continuou, com os olhos revoltos fixos nos dela, determinados. – Nunca.

Não fazia muito tempo que Esta morava ali, mas tinha notado as tatuagens que algumas pessoas que frequentavam o Strega tinham. Só não entendia o que significavam.

– Talvez ele esteja disposto a negociar esse ponto específico – disse, no mais absoluto dos blefes.

Harte lhe lançou um olhar de desconfiança e começou a abotoar o colete.

– Não consigo imaginá-lo fazendo isso. Sem marca, não tem como Dolph me controlar.

Nesse exato momento, a porta do camarim se entreabriu. Esta se virou e viu uma mulher com um cabelo ostensivamente vermelho e rosto maquiado espiar pela fresta.

– Harte, querido – ronronou ela. Mas, então, viu Esta e espremeu os olhos. – Ah, me desculpe – disse a mulher, não parecendo nem um pouco sincera. – Não sabia que você tinha visita.

– Não tenho – falou Harte.

A mulher entrou no camarim sem ser convidada.

– Eu estava tendo uma conversa muito agradável com um velho amigo – interrompeu Esta, usando a aparição inesperada a seu favor e recuperando o controle da situação. Falou com um sotaque do leste europeu e estendeu a mão para a mulher. – É um prazer conhecer uma de *seus* amiguinhas do teatro – completou, dando um sorriso da mais pura e condescendente presunção. – Sou Esta von Filosik, é claro.

Os olhos da mulher ficaram vidrados.

– Você disse que é amiga dele?

– Não – começou Harte, mas Esta já estava falando.

– Claro! – mentiu ela, sem cerimônia. – Nós nos conhecemos há séculos, em Rastenburg, quando ele estudou com meu pai. Éramos apenas crianças, naquela época, mas nos tornamos... – Esta fez uma pausa dramática e lançou um olhar

carinhoso para Harte. – ... muito *íntimos*. Não foi, *querido*?

– Então, esse é o motivo para você sempre sair correndo? – comentou a mulher, apertando os lábios.

Para a imensa satisfação de Esta, Harte Darrigan – pela primeira vez – ficou sem palavras.

– Ele partiu para continuar os estudos, mas agora nos reencontramos – continuou, aconchegando-se em Harte e passando o braço no dele, em um gesto possessivo. Ele começou a se afastar, mas Esta o segurou. – E você é?

– Evelyn DeMure – respondeu a mulher, fazendo questão de olhar Esta de cima abaixo.

Quando fez isso, Esta sentiu o calor da energia da magia de Evelyn tomar conta do seu corpo, sentiu-se subitamente atraída por ela e teve uma vontade repentina de soltar Harte. Parecia que não conseguia evitar que seus braços caíssem.

– Evelyn... – advertiu Harte.

Um instante depois, o calor passou, mas Esta já tinha soltado o braço de Harte.

– Você precisa de alguma coisa? – perguntou ele, com um tom claro de frustração.

Evelyn sorriu para Esta, mostrando todos os dentes, depois se dirigiu a Harte.

– Acabaram de entregar uma carta para você – respondeu, mostrando um envelope todo amassado. – Da próxima vez, peça para outra pessoa receber sua correspondência, sim? Não sou seu garoto de recados.

– Ninguém poderia confundir você com um garoto, Evelyn – disse ele, com um sorriso que, claramente, tinha o objetivo de seduzir, mas a mulher não se acalmou. Quando pegou o envelope da sua mão, o sorriso desapareceu. Harte rasgou o canto do envelope e, mesmo depois de tirar a folha de papel dobrada de dentro, Evelyn não pareceu se importar em ir embora.

– Achei que você não ia mais permitir visitas ao seu camarim – falou Evelyn, lançando para Esta um olhar mais mortífero do que as facas de Viola.

Harte não prestou atenção no que Evelyn disse. Estava ocupado demais lendo o bilhete, com as sobranceiras franzidas e os olhos espremidos. Então, de uma hora para outra, amassou o papel, fechando a mão. Quando levantou o rosto, seus olhos refletiam tanta fúria que Esta teve vontade de se afastar dele.

– Normalmente, eu não permito – disse Harte, olhando para ela com uma expressão dura, impenetrável. – Mas, para uma *velha amiga*, tive que abrir uma exceção.

O corpo de Esta ficou em estado de alerta. Ela não faz ideia do que estava escrito naquele bilhete, mas algo em Harte havia mudado. Toda a leveza tinha sumido. Ela não sabia qual seria sua nova tática, e teve a sensação de que era melhor não ficar para descobrir.

– Na verdade, eu já estava de saída – disse para Evelyn. – Foi um grande prazer vê-lo de novo, Harte. Você pensará na minha proposta?

Ele encarou fixamente Esta, com os lábios espremidos.

– Talvez possamos discuti-la com mais detalhes? – disse, seco. – Logo, logo.

O que foi uma vitória, mas Esta não conseguia evitar a sensação de que havia algo mais acontecendo, algo que ela não entendia e de que não tinha controle.

– Amanhã, quem sabe? – perguntou, esperançosa e desconfiada ao mesmo tempo. – Poderíamos continuar nossa discussão?

Os olhos cinzentos de Harte a fitaram.

– Não sei se posso amanhã... Tenho que resolver algumas coisas. Pode demorar alguns dias – respondeu. A voz dele tinha um tom curioso de determinação.

– Esperarei ansiosamente – disse Esta, tentando não demonstrar a inquietação. Em seguida, estampou um sorriso. – Nos vemos em breve? Foi um prazer conhecê-la – falou para Evelyn, batendo em retirada.

Quando ela já estava abrindo a porta, Harte segurou-a pelo pulso e a puxou de volta.

– Não é assim que velhos amigos se despedem, é? – perguntou baixinho, quase em tom de brincadeira. Mas não era isso que a expressão demonstrava. Ele puxou Esta para perto e completou: – Como você bem disse, já fomos muito... *íntimos*.

Esta teve de se segurar para não empurrá-lo. Precisava que Evelyn, que ainda a observava com um olhar gélido, acreditasse que ela era quem dizia ser. Dentro de uma hora, o teatro inteiro ficaria sabendo da curiosa visita que Harte Darrigan recebera no camarim. E esse tipo de fofoca, tão eficaz, *não há* dinheiro que compre. Harte teria que engoli-la.

No entanto, antes que Esta conseguisse se soltar, ele a tomou nos braços. Em um estalar de dedos, ela estava no Haymarket de novo. Os olhos de Harte não brilhavam de carinho e sedução, mas Esta sentiu um frio no estômago mesmo assim, por causa da intensidade que transmitiram.

Harte lhe concedeu um instante para se afastar, para se recusar o que estava – Esta tinha certeza – prestes a acontecer. Mas se afastar dele destruiria o disfarce que Esta estava tentando montar. Então, em vez disso, olhou bem nos seus olhos e encarou o desafio de cabeça erguida. Desafiou-o a ir até o fim.

“É uma encenação”, pensou Esta, quando os olhos cinzentos de Harte brilharam de alegria, e ele ficou com uma expressão levemente mais suave. O Professor Lachlan a alertara a respeito do Mago. “Não se deixe levar por ele. Pegue o livro antes do Mago e impeça...”

Foi então que ele colou os lábios nos seus, e Esta sentiu a energia quente da afinidade dele tomar conta de si, penetrar na sua pele. Violando os limites entre os dois de um jeito para o qual ela não estava preparada e não tinha como se proteger. A energia dele era quente, eletrizante, havia algo nela que a atraía, por mais que Esta soubesse que era uma armadilha.

Apesar do calor da magia de Harte, o beijo em si não continha paixão nem calor. Terminou logo depois de começar, mas algo acontecera. O Mago conquistara algo que ia além da vergonha que Esta sentiu.

– Nos vemos depois, então, querida? – Harte murmurou, soltando Esta. A expressão dele era impassível, por mais que os olhos brilhassem, vitoriosos.

– Mal posso esperar – respondeu ela, aliviada por sua voz ter tremido bem de leve apenas. Mas não foi por medo, e, sim, por fúria – estava furiosa porque Harte pusera as mãos nela, estava furiosa consigo mesma, por ter sido pega de surpresa. Então, saiu do camarim e espichou o tempo à sua volta para conseguir sair do teatro sem que ninguém a visse tremer.

A MENSAGEM

Harte ficou olhando para a porta aberta, tentando entender o que acabara de ouvir e de ver. Os pensamentos loucos e as imagens que rodopiavam na cabeça da moça não faziam o menor sentido.

– Bem... – debochou Evelyn apertando os lábios pintados de vermelho – isso foi bem instrutivo.

– É – disse Harte, mais para si mesmo do que para ela. – Foi mesmo. – Só que não conseguia deixar de pensar que sabia ainda menos agora do que antes.

– Vocês dois são velhos amigos? – perguntou Evelyn, bufando de modo indelicado. – E eu sou a Virgem Maria.

As palavras da mulher acordaram Harte, que estava perdido em pensamentos. Ele finalmente se deu conta de que Evelyn ainda o observava. Aquele cabelo espalhafatoso e o rosto maquiado demais pareciam acabados e berrantes na luz fraca do abajur do camarim. E não eram apenas as sombras sobre o rosto que a faziam parecer mais velha, mas uma casca gasta de quem já fora um dia. É que, agora, Darrigan olhava para ela comparando-a com a garota – com *Esta* – e via a diferença intrínseca.

O beijo o deixou com mais perguntas do que respostas, e o abalara de tal maneira que não conseguia pensar direito.

Pelo modo como a garota havia saído correndo dali, Harte teve a impressão de que também ficara abalada. “Com razão”, pensou. Afinal de contas, quando Harte a pegou desprevenida, vencendo suas defesas, ficou com a sensação de que ela até podia ter vindo lhe trazer uma mensagem de Dolph, mas também viera por si mesma.

– E o bilhete... Era importante ou não? – perguntou Evelyn, inclinando a cabeça na direção do papel.

– Só algo que preciso resolver – respondeu Harte. Em seguida, enfiou o papel amassado no bolso e pegou o paletó. – Tenho um compromisso.

Ele deixou Evelyn sozinha no camarim e foi embora, com o pressentimento de que poderia ser tarde demais.

O papel era timbrado com o conhecido símbolo da gangue Cinco Pontos: uma cruz com um braço a mais, que reproduzia o lendário cruzamento das ruas Orange, Cross e Anthony, território de Paul Kelly. Era o mesmo símbolo que tinham gravado na pele do seu ombro, quando ele decidira aceitar a oferta de Kelly. Ver aquele símbolo, já teria sido o bastante para deixá-lo com os nervos à flor da pele, mas o endereço escrito com uma letra forte e inclinada – do próprio Kelly – ficava apenas a uma quadra do apartamento que Harte alugara para sua mãe, em maio.

Na mesma hora, ele teve certeza de que o bilhete era um aviso, alertando o quanto Paul Kelly ainda podia controlar o seu futuro. Certo de que seria inútil ir ao apartamento da mãe, saiu em busca do endereço que constava no bilhete. Os grã-finos que frequentavam as zonas pobres ao sul da Houston podiam até pensar que as casas de ópio de Nova York ficavam em Chinatown. Mas, na verdade, havia espeluncas dessas espalhadas por toda a cidade. Conhecendo sua mãe, Harte não se surpreendeu quando o endereço escrito no papel o levou a uma das piores que ele já vira.

Quando a encontrou em uma espécie de plataforma baixa, em um porão encardido da Broome Street, já era tarde. Sua mãe estava quase inconsciente, com a cabeça apoiada em um pequeno banco de madeira, em uma posição estranha, mal segurando um longo cachimbo. Espalhadas pelo chão, perto dela, havia três conchas, o fundo curvo contendo a sombria evidência da última recaída.

Ele desconfiava de onde a mãe poderia ter conseguido uma quantidade tão grande daquela droga doce e doentia, mas não queria saber a verdade. Já era ruim o suficiente vê-la daquele jeito. E se dar conta de que ainda se importava com ela a ponto de ficar decepcionado.

Mesmo com tanta droga, os lábios rachados da mãe começaram a se movimentar, em uma espécie de conversa silenciosa, parte do sonho induzido pela droga, provando que ela estava viva e, na medida do possível, sã e salva. O que a mãe lhe fizera – o que ele a obrigara a fazer –, os cacos da mulher que Harte conhecera, estavam enterrados debaixo de anos de decepção e loucura. Em parte, ela sempre seria aquela criatura parecida com uma fada, que contara lendas de uma terra distante para o garotinho que ele fora um dia.

Era culpa sua o fato de a mãe ter resolvido abandoná-lo. Culpa sua, por tê-la obrigado a ir embora.

Ela já estava de cabelo branco, e Harte não conseguiu evitar de se encolher todo quando tirou os fios enebados da frente do rosto dela.

– Mãe – disse ele, baixinho, tentando não assustá-la. – Venha, temos que ir.

A mulher abriu os olhos sonolentos. As íris claras estavam vidradas, as pupilas, dilatadas e vazias. Mas ela sorriu e fechou os olhos de novo.

– Não, mãe – falou, entredentes. – A senhora precisa acordar. Temos que ir.

Ele precisava tirá-la dali. Precisava levá-la para um lugar seguro antes que Kelly ou seus capangas a encontrassem de novo. Ou antes que ela acumulasse uma conta ainda maior para Harte pagar.

Ela respondeu com um leve gemido gutural, mas o rosto permaneceu frouxo, e a respiração, curta. Então, abriu os olhos novamente e, por um instante, focou-os no filho.

– Não – sussurrou. – Por favor, não...

– Não vou machucar a senhora, mãe – disse Harte, tirando a mão dela.

– Deixe-me em paz – respondeu, com a voz rouca de medo e aversão. – Seu

menino anormal. *Você* o fez ir embora. *Você* o roubou de mim.

– Eu sei – disse ele, firme, porque era mais fácil concordar do que discutir. – É tudo culpa minha. – O que era a única verdade que ainda tinha importância.

Ele era apenas um garoto. Não sabia o que era capaz de fazer nem controlar o poder. Quando a mãe descobriu que Harte fizera o pai – um bêbado que preferia usar as mãos para bater do que para trabalhar –, ir embora, ela se virou contra o filho. Arriscou tudo para tentar cruzar a Beira e encontrar o pai do garoto.

Só que ela não conseguiu atravessar. Nem o desespero para encontrar o homem que amava foi suficiente para obrigá-la a atravessar a terrível fronteira. Mas tentou. Sentiu o poder da Beira, e ele, com certeza, a transformou. Havia dias em que Harte pensava se a morte não teria sido um destino menos cruel. Quando a encontrou de novo, anos depois, a mãe não era a mulher que havia sido. Em vez disso, passava os dias indo atrás de qualquer coisa que acalmasse a dor que o vazio da Beira lhe causara.

Talvez Harte devesse odiá-la por tê-lo abandonado. Talvez, bem lá no fundo, a odiasse mesmo. Mas, no fim das contas, guardava o verdadeiro ódio para o pai, que os havia abandonado muito antes de ir embora.

E para *si mesmo*, por tê-la afastado.

A mãe de Harte levantou as mãos devagar e ficou olhando para elas com os olhos sem foco, como se as tivesse vendo pela primeira vez.

– Essas mãos faziam milagres. As mulheres me procuravam, mesmo quando eu ainda era criança – disse ela, ainda trazendo na voz as notas suaves do tempo em que Harte era menino. Então, fez uma expressão amarga e completou: – Mas você tirou isso de mim.

O maxilar de Harte ficou tenso.

– A senhora pode me culpar depois. Agora precisamos ir para casa.

Ela olhou para o filho, os olhos verdes claros perdidos em suas próprias lembranças.

– “A pequena Molly O’Doherty é capaz de deixar uma mulher tão bonita que conquistará qualquer homem”, diziam. Não sou mais, e isso dói... – A voz dela falhou, e ela voltou a fechar os olhos. – É uma dor tão terrível. Eu quero que pare, mesmo que só por um momento. Eu precisava...

– A senhora não precisa me explicar – disse Harte, com um aperto na garganta. De remorso e vergonha pelo que a mãe havia se tornado. Pelo que *ele* a obrigara a se tornar. – A senhora consegue levantar?

Ele não queria tocar na mãe de novo. O cheiro forte de suor – ou de coisa pior – já era nauseabundo que chegava até onde ele estava. Trazia lembranças demais do que lhe custara o abandono daquela mulher – das noites dormidas em pilhas de lixo para tentar se aquecer, do fedor dos corpos que não tomavam banho e que o perseguiram só porque podiam fazer isso.

Só porque não havia ninguém para impedi-los.

Porque, lá no fundo, Harte sabia que merecia tudo aquilo.

Soltou um palavrão quando a mãe não se mexeu, e se perguntou se não podia pagar o homem que vigiava a porta para cuidar dela até o efeito da droga passar. Então, poderia buscá-la – ou mandar alguém buscá-la.

Ele precisava ir embora. Tinha acalmado a respiração, mas já começava a sentir a tontura causada pelo ópio à sua volta, drenando a energia frenética que a garota e o bilhete de Kelly haviam deixado. Odiava a sensação. Odiava como aquilo entorpecia quem e o que ele era. Odiava o fato de um lado seu querer ficar e deixar aquele vazio silencioso lhe preencher só por um tempinho...

– Estou indo, mãe – disse, ignorando a tentação. – Volto pela manhã, quando a senhora estiver se sentindo melhor.

Harte levantou e olhou para a mãe uma última vez, odiando aquela mulher e a amando ao mesmo tempo. Ela era mais uma coisa que o prendia na cidade, seu dever para com ela era como uma camisa de força que o segurava contra a sua vontade. Uma caixa trancada da qual ele não conseguia escapar.

Mal saíra pela porta quando ouviu gritos histéricos e se deu conta de que havia uma multidão reunida no fim da rua. O cheiro de madeira queimada com mais alguma coisa, algo mais forte e químico, tomava conta do ar. Então, viu que os prédios próximos pegavam fogo. No começo e no fim da quadra, as chamas vinham, furiosas, em direção ao centro – em direção ao prédio onde a mãe estava.

Não podia ser um acidente, dois prédios em chamas, daquela maneira. Dois prédios bem ao lado de onde a mãe estava, semiconsciente. Ainda mais depois daquele bilhete, amassado no bolso.

O bilhete, pelo jeito, não tinha sido a única mensagem que Paul Kelly lhe enviara.

Sem parar de falar palavrões, desceu correndo as escadas até a espelunca no porão, gritando para o guarda de olhos sonolentos para acordar os demais. Harte segurou a mãe, e seu estômago se revirou, sua garganta fechou, ao sentir o fedor do cabelo sujo e das roupas dela. O ar da noite, tomado de fumaça, seria um alívio perto daquele cheiro, mas Harte engoliu a repulsa e a tirou do prédio, desviando da multidão e indo até um táxi, que o esperava perto da sarjeta. Passou o endereço da mãe para o cocheiro e tentou deixá-la ereta, enquanto a carruagem começou a sacolejar pelas ruas esburacadas.

Quando se debruçou na janela, para fugir do cheiro dela, viu os capangas de Paul Kelly o observando, no meio das sombras.

O CENTRO NÃO VAI SEGURAR

Bella Strega

Normalmente, o ruído do bar lotado era suficiente para acalmar os nervos de Dolph, mesmo nos dias mais frustrantes. Ele sempre se sentava perto da parede dos fundos. Em parte, porque só precisava olhar em uma direção para se prevenir de um possível ataque. Em parte, porque conseguia assistir aos acontecimentos da noite sem se envolver. Da sua mesa cativa, podia observar tudo o que construía, sentir o clima da Bowery e planejar tudo o que ainda queria conquistar sem que ninguém o incomodasse.

Apesar de o salão já estar quase lotado de gente bebendo e dando risada, Dolph estava inquieto. Fora avisado de um incêndio na Broome Street. Mandou alguns homens para ajudar a apagar as chamas e salvar os inocentes, mas havia limites para o que eles podiam fazer sem levantar suspeitas. Haveria feridos, e ele estava impotente diante da situação.

Tilly saíra para fazer alguma tarefa, senão ele estaria na cozinha, deixando que a menina o tranquilizasse com seu jeito doce. Precisava tomar um pouco da sua sopa, daquele brodo dourado e inebriante, repleto de bolas de *matzo*. Ou então comer uma fatia do pão que a garota fazia, que tinha sabor de vida.

Precisava do *Livro*. Mas, para pôr as mãos no Livro, precisava da ajuda de Harte Darrigan.

Esta não era seu último recurso para convencer Harte – ele *sabia* disso –, mas ela estava quase conseguindo. E fazia muito tempo que havia saído.

Era enervante não saber ainda do que a moça era capaz. Era uma ladra, com certeza. Provavelmente, confiável, baseado no que fizera no museu. Mas a garota ainda escondia algo de Dolph, e como não sabia como a afinidade dela funcionava, não tinha como prever como Esta poderia se voltar contra ele. E não podia perguntar sem revelar que sua própria afinidade fora perdida: o bando esperava que ele já soubesse.

Há bem pouco tempo, Dolph não estaria nem um pouco preocupado. Leena, com sua força tranquila, teria sido capaz de neutralizar a garota, caso ela o atacasse com magia. Antes da Beira, ele estaria preparado, saberia o gosto que aquela magia tinha no instante em que se conheceram.

Antes da Beira, era capaz de fazer muito mais. Se a garota apenas sacudisse a mão, Dolph poderia usar sua magia em benefício próprio, por algum tempo, sem fazer mal a ela, assim como a de qualquer outro Mageus. Houve um tempo em que esse talento o tornava sem limites. Agora tinha que se contentar em fingir, em

aplicar um longo golpe nas pessoas que confiavam nele.

Não era ingênuo a ponto de pensar que esse truque duraria para sempre. Alguém, alguma hora, perceberia sua fraqueza... e tiraria vantagem dela. A questão era quem, e quando esta traição ocorreria.

Como que incitada pelos pensamentos sombrios de Dolph, uma comoção se formou na frente do prédio. Ele ficou alerta, preparado para enfrentar o possível perigo, quando as portas do bar foram escancaradas com tanta força que bateram na parede. O público do bar se virou quase ao mesmo tempo para ver quem havia chegado. Em seguida, começaram os murmúrios, que se espalharam pelo salão como o fogo que, com frequência, destruía os cortiços mais dilapidados da Bowery. Como o que houvera naquela noite.

Dolph já estava quase na metade do salão quando viu que não havia perigo nenhum, só Jianyu, parado diante da porta aberta. A expressão de aflição no seu rosto arrepiou os pelos da nuca de Dolph, que ficou alarmado. Mas andou mais rápido quando viu quem Jianyu estava carregando.

– O bar está fechado – gritou. – Viola! Feche tudo. Sanguessuga, tire todo mundo daqui!

Seu bando era bem treinado: ninguém fez perguntas nem hesitou. Todos começaram a se movimentar, como uma máquina bem ajustada. Os empregados já estavam acompanhando os fregueses até a saída, mas todo mundo virava o pescoço para ver o que estava causando a confusão.

– Ele vai matá-la! – alguém gritou, e Dolph sentiu o ódio e o medo dos fregueses se voltarem, quase como se fossem uma pessoa só, contra Jianyu.

Os murmúrios dispersos se transformaram em uma grande confusão de línguas, raivosa e barulhenta. Houve um pico de energia que atravessou o salão, pois cada um invocou sua própria afinidade – para se proteger ou para atacar, Dolph não soube dizer. Um segundo depois, o primeiro impropério ecoou pelo salão. O som gutural foi tão feio e cruel quanto o ódio que aquela palavra continha, e a atitude do público mudou, transformando-se em algo mais perigoso.

Dolph levantou a bengala e bateu com a ponta de prata no sino que avisava a hora da saideira, causando um barulho de furar os tímpanos.

– Já disse que o bar está fechado! Saiam! Todos vocês!

Então, deu um passo à frente, brandindo a bengala, sem se importar com quem acertava, ajudando a empurrar o público para fora.

– Tirem isso do caminho – mandou Dolph, apontando para duas mesas quadradas mais baixas que estavam perto da parede, enquanto passava a tranca na porta. – Coloque-a ali no chão, onde ela não tem como fazer mal a si mesma.

O QUE ACONTECEU NA FULTON STREET

Jianyu carregou Tilly, que se contorcia e gemia, até o lugar que tinham aberto para eles. O bando de Dolph chegou mais perto dos dois, e ele podia sentir a desconfiança e a descrença das pessoas.

Antes que Jianyu conseguisse colocar Tilly no chão, Viola chegou na frente dele, limpando as mãos no avental.

– *Che cos'è?* – começou a dizer, mas as palavras morreram na sua língua assim que viu quem Jianyu estava carregando, e a garçonete ficou perigosamente quieta. – O que você fez com ela? – vociferou.

Jianyu sentiu a magia de Viola antes mesmo de ela pegar nas facas. Quente, raivosa, o atingiu como a explosão de uma fornalha, e a dor que tomou conta do seu corpo o deixou sem ar. Parecia que o sangue estava em chamas, que os pulmões eram feitos de cimento endurecido. Teve dificuldade para continuar de pé, para não derrubar Tilly no chão, que se contorcia tanto que era quase impossível segurá-la.

– Viola! Já chega! – berrou Dolph, segurando Jianyu pelo cotovelo antes que ele caísse. – A menos que você queira que ele derrube Tilly no chão, deixe-o em paz. Alguém vá chamar Nibs. Já!

Os olhos de Viola ainda estavam aguçados e brilhantes. Mas, um segundo depois, o calor do sangue de Jianyu passou, e ele respirou fundo, com alívio. De repente, se deu conta de que Dolph segurava seu braço e o puxou, dando alguns passos e colocando Tilly no chão.

– Segure as pernas dela para mim, Vi – instruiu Dolph, enquanto prendia os braços dela para que a menina parasse de arranhar o rosto e o pescoço. A pele já estava vermelha, com vergões causados pelas próprias unhas.

Tilly ainda se debatia e gemia de agonia, mas a cor do rosto sumira durante a longa caminhada para voltar ao Strega – ela estava com uma palidez mórbida.

– O que foi que aconteceu? – indagou Dolph, com expressão gélida.

Jianyu ficou em estado de alerta com o tom de desconfiança na voz de Dolph. Fora burro ao baixar a guarda, ao acreditar que podia construir uma vida para si, longe da própria família. Ao acreditar que poderia ser aceito fora das ruas de Chinatown, quando mal lhe aceitavam dentro dos limites do bairro.

É claro que já tinha ouvido os mesmos impropérios dirigidos a ele – e a outras pessoas – pelas ruas de Nova York. Deveria ter se acostumado, mas a surpresa foi ouvir aquilo justo *ali*, no lugar que acreditava ser seu lar. Ser acusado de matar a menina que estava tentando salvar? Não deveria ser algo inesperado. Mas aí Viola também se virou contra ele. E agora Dolph o fitava com uma expressão gélida.

Esperava sentir, a qualquer momento, uma ardência na tatuagem que tinha nas

costas. Mas, para sua surpresa – e alívio –, isso não aconteceu. O que significava que Dolph ainda devia confiar nele. Saber disso bastou para abrir sua garganta e libertar as palavras. Mas Jianyu não sabia se seria suficiente para pôr fim ao clima de desentendimento que sentiu no salão.

– Não sei bem...

– Tente – ordenou Dolph, ficando irritado. – O que Tilly estava fazendo perto da Beira?

– Ela não estava na Beira – respondeu Jianyu. – Isso aconteceu na Fulton Street.

ALGO NOVO

Quando Esta voltou para a Bowery, o choque do que quer que fosse que Harte Darrigan fizera quando a beijou havia quase passado, mas ela não se sentia nem um pouco melhor. Dentro do bonde, indo para o centro, não conseguia parar de ler o recorte de jornal. Que ainda não havia mudado. O progresso que fizera – se é que fizera com algum – com o Mago não fora suficiente. Esta não sabia o que *poderia* ser suficiente.

Carregou essa preocupação consigo até a Bowery. No instante em que pôs os pés no Strega, a sensação aumentou. Havia algo de muito, muito errado. Era tarde, passava do horário em que o bar enchia, com uma horda de Mageus bebendo para afogar tristezas e estresse, mas o salão estava quase vazio.

– O bar está fechado! – berrou um dos rapazes de chapéu-coco, já bloqueando a entrada. Ele se chamava Sam ou Sean – algo com “S”, mas Esta ainda era muito nova no bando, e o garoto não a reconheceu.

Por sorte, antes que Esta fosse obrigada a discutir, Nibs chegou e fez sinal para ela entrar.

– O que está acontecendo? – perguntou, percebendo que havia um pequeno grupo de pessoas no fundo do salão. A energia que impregnava o ar era quente, errática. Mesmo do outro lado do bar, ela pôde sentir que todo mundo estava prestes a usar sua magia, seja lá qual fosse, e o medo dos presentes serpenteava pelo lugar, como se fosse um ser vivo.

– Dolph fechou as portas há mais ou menos uma hora – disse Nibs, com a expressão mais insegura que Esta já vira. – É a Tilly.

Quando Nibs finalmente a levou para a frente do grupo, Esta viu Dolph conversando em voz baixa com Jianyu, enquanto Viola segurava as pernas de Tilly no chão, para evitar que ela se contorcesse. A menina de cabelo cor de rato se retorcia, como se o corpo estivesse pegando fogo. Estava com os olhos arregalados, fixos no teto. A garganta e o rosto vermelhos: parecia que ela tinha arranhado a própria pele.

– O que aconteceu com ela? – perguntou Esta, vendo o rosto de Tilly se retorcer, enquanto ela gemia e tentava desesperadamente se soltar.

– Não sabemos – respondeu Nibs.

– Traga um pouco de Nitewein – Dolph pediu para Jianyu. – Com o dobro de ópio.

Jianyu balançou a cabeça, com uma expressão sinistra. Desviou das pessoas e voltou alguns minutos depois, com uma garrafa contendo um líquido viscoso. Dolph pediu para alguém ajudar Viola a segurar Tilly. Ficou de joelhos e colocou a bebida

na boca da garota.

Tilly tomava um gole por vez, hesitante, engasgando no começo. Depois começou a engolir o líquido desesperadamente. Pouco a pouco, foi parando de se contorcer. Os braços caíram inertes ao lado do corpo, e os olhos ficaram vidrados e vazios.

Dolph esperou para ter certeza de que Tilly se acalmara antes de se levantar. Ele estava vermelho, e havia um brilho de suor em cima do lábio quando ele passou a mão no cabelo ondulado.

– Levem-na lá para cima – disse para dois rapazes de chapéu-coco, e um dos quais pegou a menina nos braços. – Vá ficar com ela – falou para Viola, entregando a garrafa de Nitewein. – Avise se houver alguma mudança.

Nibs começou a cochichar com Esta, como se não quisesse que mais ninguém ouvisse:

– Dolph pensou que fosse coisa da Beira, mas Jianyu disse que tudo aconteceu na Fulton Street, perto da Zona Morta.

– O que ela estava fazendo na Fulton Street? – perguntou Esta.

– Tentando ajudar alguém – respondeu Dolph, aproximando-se. – O filho de Golde, Josef. Lembra-se dela? Fomos à casa dela outro dia. O menino estava com um grupo de rapazes fazendo uma brincadeira, desafiando uns aos outros a irem cada vez mais para o centro, e algo deu errado. Um deles veio aqui pedindo ajuda. Como todo mundo estava tentando apagar o incêndio na Broome Street, Tilly foi. Encontrou Jianyu no meio do caminho.

– Senti uma energia gelada no ar, avisando para irmos embora – contou Jianyu. – Mas ela insistiu em ajudar o menino. Mal tinha esticado a mão para tocá-lo quando ficou dura como um cabo de vassoura e caiu para trás. – O rapaz fechou os olhos por um instante, como se tentasse se lembrar do que vira. – Então, Tilly começou a tremer e a gemer, parecia que era açoitada. Eu chamei, mas ela não me ouviu. Depois a puxei, tirei de perto do corpo caído do menino e a trouxe para cá.

– E o menino? – perguntou Nibs.

– Não consegui carregar os dois. Não podia correr o risco de ser abatido, se quisesse trazê-la de volta em segurança. Tilly ainda respirava, e pensei que, talvez...

– Você fez bem – disse Dolph, dando um tapinha no ombro de Jianyu. – Você poderia ter deixado Tilly lá, muitos teriam feito isso. Sou grato por você tê-la trazido de volta, e também sou grato por ter voltado.

As bochechas de Jianyu ficaram vermelhas, e, pela expressão, ele não pareceu concordar. Pela cara de desconfiança, de incerteza, ficou claro que o rapaz achava que havia fracassado.

Pelo jeito, Dolph não percebeu.

– Precisamos mandar alguém para ver se o menino ainda está lá – falou, para Nibs. – Se estiver, não quero que ninguém chegue perto e acabe como Tilly. Jianyu disse que parecia coisa da Beira. Então, enquanto não tivermos mais informações, vamos tratar como tal. Leve alguém com você que não corra risco de ser afetado.

– E a mãe do menino? A Golde? – perguntou Nibs.

– Eu mesmo conto para ela.

Nibs franziu a testa e perguntou para Jianyu:

– Você acha que isso pode estar acontecendo em toda a Zona Morta?

– Não sei – respondeu ele.

– Vamos torcer para que não – falou Dolph. – Isso dividiria a cidade ao meio. Ainda mais assim, algo tão grande... Alguém deve saber alguma coisa. – Então, olhou para Jianyu e disse: – Preciso de mais informações. Alguém deve ter comentado alguma coisa.

Jianyu balançou a cabeça, sério.

– Pode deixar que eu vou – respondeu.

– Faça isso – murmurou Dolph.

Jianyu fez uma reverência discreta e saiu pela noite. Dolph se virou para Nibs e falou:

– Depois de cuidar do garoto, você precisa avisar as pessoas. Precisamos ficar alertas, pelo menos até descobrirmos o que está causando isso.

– Pode deixar – disse Nibsy. Em seguida, saiu correndo em direção à Bowery, levando consigo um grupo de rapazes de chapéu-coco.

Dolph esperou todos saírem, então olhou para Esta.

– E? – perguntou, dispensando as cordialidades.

A garota sabia do que ele estava falando.

– Acho que ele vai falar com você – contou Esta, torcendo para que isso fosse suficiente para consertar o futuro, para salvar Dolph daquele destino. – Disse que precisava resolver algumas coisas, mas deve falar com você logo, logo.

– Que mais? – indagou Dolph, olhando para Esta como se tivesse certeza de que havia algo a mais.

A garota hesitou, mas acabou contando:

– Ele não quer ser marcado por você.

Dolph não disse nada, e ela continuou:

– Falei que isso era negociável.

Ele franziu a testa.

– Você não tinha o direito de dizer isso.

– Não tive muita escolha, queria que ele continuasse interessado. Talvez, se você tivesse me avisado, ou se pelo menos eu soubesse o que é a tal marca, eu poderia ter inventado outra coisa – respondeu Esta. Então, lançou um olhar de frustração para Dolph, ignorando o perigo que ele representava. – Harte está disposto a falar com você. Até onde eu sei, é mais do que qualquer um conseguiu arrancar dele até agora.

Dolph olhou feio para Esta, mas não discutiu. Depois de um momento longo e tenso, virou-se para a porta que levava aos apartamentos do andar de cima, para onde haviam carregado Tilly. A passagem estava vazia e silenciosa.

– É grave? – perguntou Esta. Mas Dolph não precisou responder para ela saber a

verdade. Podia adivinhar pela expressão angustiada dele, pela postura tensa.

– Para Tilly, não tem como ser mais grave. Para nós? É algo novo, coisa que raramente cai bem com pessoas da nossa espécie.

O PESO DA NOITE

Dolph esperou até o Strega ficar completamente vazio, trancou as portas e saiu para tentar descobrir alguma coisa. Enrolou--se na capa, baixou a aba do boné e saiu andando em direção ao sul, rumo à Fulton Street e à notória Zona Morta. Quando as luzes da Bowery diminuíram, e as ruas ficaram ainda mais escuras, colocou o tapa-olho, para conseguir se movimentar à noite sem cair em cima de um depósito de carvão ou de alguma outra armadilha para pegar vítimas desprevenidas.

Ratos rastejavam pela sarjeta enquanto ele passava, o vento atravessava sua pesada capa, mas o ar gélido de março mal o tocava. Nem poderia, já que todo mundo dizia que, nas suas veias, corria gelo.

“Deixe que falem”, pensou com amargura. Com ou sem gelo, essas atitudes tinham lhe protegido, e ele não pediria desculpas por elas. Conquistara uma vida a duras penas, não? Lutara contra todas as adversidades para conseguir o que possuía. A própria família o via como um estorvo, havia jogado Dolph fora quando ele não conseguiu mais trabalhar na fábrica que o mutilou quando criança. Para eles, era mais uma boca que não podiam alimentar. Assim, o expulsaram, para salvar as demais.

Dolph não podia culpá-los, não de verdade. O desespero e o medo podem obrigar qualquer um a fazer quase qualquer coisa. E, às vezes, é preciso sacrificar um para salvar muitos.

Naquela época, Dolph tinha tanta raiva, tanta amargura... Era muito cabeça-dura para aceitar, com ou sem o pé estropiado, que a vida era uma escolha entre a morte ou ir para o orfanato, onde os meninos tinham que trabalhar. Era inteligente demais para ir atrás dos outros. Enquanto os demais trombadinhas imploravam por uma fatia de pão ou roubavam moedas de bolsos bem recheados, os segredos que Dolph roubava lhe ajudaram a se tornar o homem que era. Esse segredos acabariam por salvá-lo – ou matá-lo.

Os outros que lutassem por aqueles pedaços de terra dilapidados que nunca poderiam possuir. Dolph tinha conhecimento da verdade: que havia uma terra inteira feita para ele e para os de sua espécie. Ou logo haveria, se dependesse dele. Assim que a Beira fosse destruída, os Mageus seriam livres para fazer o que quisessem. Assim que a antiga magia fosse reinstaurada, ninguém mais poderia detê-los. Sem a Ordem da Ortus Aurea para oprimi-los, poderiam transformar o país inteiro em uma terra de magia. Aqueles que não a possuíssem poderiam sentir na pele como é ter uma vida limitada, cheia de sacrifícios.

Estavam tão perto de conseguir isso, mais perto do que nunca. Logo, logo, Dolph conquistaria Darrigan. E, em seguida, Jack Grew. Então, a Ordem estaria ao seu

alcance. Mas, antes, precisava lidar com aquele novo perigo que surgira no meio deles.

Ele continuou caminhando, sem se incomodar com as figuras sombrias que se encolhiam perto das portas, com os cigarros que brilhavam como vagalumes no gélido ar noturno. Uma quadra antes de chegar à Fulton Street, ele já conseguia sentir que havia algo errado: uma energia gelada faiscava no ar como uma corrente elétrica, alertando os que possuíam magia para se afastarem.

Dolph insistiu, chegou ainda mais perto, até que não conseguiu mais se forçar a avançar. Na esquina da Fulton com a Nassau, virou à direita e seguiu a energia gelada por toda a rua. Tinha a sensação de estar andando pelo perímetro de uma cerca de alta tensão, invisível aos olhos. “Parece que a Zona Morta ganhou vida.”

Dolph continuou caminhando, sentindo a Zona ao percorrer a Fulton. Enquanto andava, resistiu ao estranho desejo de esticar a mão e passar os dedos na energia que estava além da calçada, de tocar naquele poder.

Talvez fosse um novo tipo de armadilha. Ou talvez fosse porque Dolph já tinha sido tocado pela Beira, e aquele poder fazia parte dele.

A magia é assim. Seja natural – como a dos Mageus – ou corrompida – como o poder que a Ordem conseguia exercer. Os semelhantes se atraem. A magia, seja qual for a forma, pode tentar os fracos com promessa de poder. E, em parte, era isso o que os Sundren temiam: que a magia fosse uma droga, como o ópio, que tinha aprisionado tantas pessoas. Quem não tinha afinidade, temia que a magia fosse compulsão. Aqueles que conheciam seu poder sabiam que esse não era um medo completamente infundado.

Nos países do Velho Mundo, havia histórias de magia e de Mageus que tinham perdido o controle. Pragas e mortes eram imputadas às mesmas pessoas que um dia foram chamadas para curar e guiar. Mas isso foi antes do Desencantamento, antes da Ortus Aurea e de outros Sundren como eles começarem a caçar pessoas como Dolph – a engaiolá-las e destruir até mesmo a lembrança de um mundo permeado pela antiga magia –, tomando o poder para si mesmos.

Os membros da Ordem se acreditavam homens de razão, denominavam-se iluministas. Mas, no fim das contas, eram meros humanos. Queriam ter o que não tinham e roubavam o que não era seu só porque podiam fazer isso.

Aquele novo perigo definitivamente havia sido criado pelo homem, não era natural. O poder que irradiava parecia defeituoso, como se uma parte do mundo tivesse se soltado do resto. Seja lá o que tivesse acontecido com a Zona Morta, assim como a Beira, era criado para controlar, para punir.

Dolph não fazia ideia de como aquela nova ameaça funcionava. Não sabia ao certo se era apenas uma linha ou se seu poder compreendia todo o lado sul de Manhattan. E não sabia se era como a Beira, que permitia entrar, mas não sair da cidade, ou se destruiria qualquer um que a atravessasse.

Se aquela nova linha era *mesmo* a Beira, se marcava uma restrição no seu

território, quem poderia garantir que não se moveria de novo? Se continuasse se arrastando em direção ao norte, os Mageus não teriam para onde ir.

Do outro lado da rua, Jianyu se materializou no meio da noite e começou a andar na direção de Dolph.

– O que você descobriu?

Jianyu sacudiu a cabeça.

– Ninguém fala nada. A Mansão Quéfren está um breu. Se isso é coisa da Ordem, eles estão muito quietos.

– Mas só pode ser coisa da Ordem – argumentou Dolph. – As coisas estão mudando, e não posso dizer que estão mudando para melhor – completou. Olhou para Jianyu e percebeu a tensão na coluna do rapaz, a expressão fechada. – A propósito... Desculpe pelo que Viola fez.

A expressão de Jianyu não mudou.

– Ela estava com medo. As pessoas fazem todo tipo de coisa quando o medo comanda o coração.

– Mesmo assim. Você é um dos nossos, e não quero que duvide disso jamais. E as coisas que as pessoas do bar disseram... não refletem minha opinião. Não vou mais permitir que entrem e venham causar confusão no meu estabelecimento.

O rapaz inclinou a cabeça, mas não respondeu. Dolph ficou sem saber se ele acreditara ou não que o pedido de desculpas fora sincero.

Não podia condená-lo. Depois de tudo que Jianyu havia passado, depois de tudo o que aquela cidade e aquele país haviam feito ao seu povo, porque confiaria em alguém, ainda mais em Dolph, cujo negócio era, justamente, permanecer o mais misterioso e impenetrável possível?

– Você pode continuar procurando? – perguntou. – Pela Tilly? – completou, sabendo que, não importando o que Jianyu pensasse dele, faria tudo o que estivesse ao seu alcance pela menina.

– É claro.

E, com outra reverência discreta, desapareceu no meio da noite.

Com o peso da noite sobre seus ombros, Dolph voltou para a Bowery, voltou para o apartamento de Golde, onde havia um lugar vazio na mesa. Voltou para as suas ruas, para o seu lar e para todas as pessoas que não sabia mais se conseguiria proteger.

UM QUARTO TOMADO PELO MEDO

Quando o céu começou a clarear do lado de fora da janela de Viola, Esta esfregou os olhos e se espreguiçou para aliviar a dor nas costas. Finalmente, tinha convencido Viola a dar um pouco mais de Nitewein para Tilly, poucas horas antes do amanhecer. A primeira pessoa que fora gentil com ela naquela cidade estava largada na cama, ao seu lado, com o corpo magro banhado em suor, os olhos vidrados e sem foco. Parecia estar à beira da morte. Mas, pelo menos, parara de gritar.

Esta mergulhou de novo o pano no balde cheio de água turva e o colocou, mais uma vez, na testa febril de Tilly. Ao sentir o pano gelado, a garota gemeu.

Viola ficou parada até Tilly se acalmar. Em seguida, voltou a andar para lá e para cá, no canto do quarto apertado.

– Você já pode sentar, se quiser – falou Esta.

Nem sinal da assassina fria e destemida: Viola passara a noite praticamente cavando um buraco no chão, de tanto andar.

– Continuo não gostando nada disso. Tilly jamais havia tomado Nitewein. Aposto que ia odiar ficar desse jeito – disse Viola, com a voz trêmula, apontando para a menina estirada na cama.

– Ela não estava exatamente se divertindo quando estava gritando e gemendo sem parar – murmurou Esta. Se achasse que Viola aceitaria compaixão, teria demonstrado. Em vez disso, deu à garçonete uma oportunidade de atacá-la, de se distrair da sua preocupação.

– O que foi que você disse? – indagou Viola.

– Nada. Esqueça.

Esta molhou o pano de novo e colocou mais uma vez na testa febril de Tilly. Nenhuma das duas disse nada por um bom tempo, mas o medo de Viola tomou conta do quarto, e ela voltou a andar para lá e para cá.

– Tilly sabe o que você sente por ela? – perguntou Esta, baixinho, sem olhar para a garçonete.

Viola parou de andar e ficou quieta por um bom tempo. Durante o silêncio constrangedor, Esta ficou se perguntando se não tinha ido longe demais. Mas então...

– Não – respondeu Viola, quase sussurrando, mas transmitindo tanta mágoa que mal cabia naquela pequena palavra.

Esta olhou Viola nos olhos.

–Você nunca contou para ela?

A garçonete soltou um suspiro abafado e olhou para Tilly deitada na cama. Em seguida, sacudiu a cabeça.

– Não tem importância. A amizade dela me basta.

Esta pegou pano e molhou de novo, sem saber o que dizer, sem saber como confortá-la. Não sabia se Tilly tinha conhecimento ou entendia os sentimentos de Viola. Mas, pelos sorrisos carinhosos que vira as duas trocarem, não podia deixar de pensar que a menina talvez soubesse. E tinha certeza de que Tilly gostava de Viola, ainda que não fosse da mesma maneira. Mesmo assim, não tinha certeza se falar do assunto ajudaria Viola ou pioraria ainda mais a situação. Por isso, guardou seus pensamentos para si mesma.

Mas ficou ali.

A manhã passou devagar e se transformou em tarde. As ruas do lado de fora foram ficando mais barulhentas com o corre-corre do dia, mas nada dentro do quarto mudou. Tilly não havia melhorado... Quando muito, parecia ainda mais pálida, e seus gritos, mais desesperados, toda vez que o efeito do Nitewein passava.

Os gritos de Tilly apertavam Viola com a força de um garrote. Ela explodia toda vez que precisavam dar mais Nitewein para menina. E a garganta de Esta era a única à vista dentro do quarto. O que não seria um fardo tão pesado se Esta não soubesse o quanto Viola podia ser mortal. Quando chegou à tarde, seus ombros estavam tensos, e parecia que alguém tinha jogado areia nos olhos, de tanto sono que sentia. Não sabia dizer a última vez que comera alguma coisa. E, por mais que quisesse ajudar Tilly, queria que alguém – qualquer pessoa – viesse trocar de lugar com ela.

Como que em resposta às suas preces, a porta do quarto se abriu. As dobradiças tortas guincharam, e Dolph Saunders entrou mancando no quarto, com o cabelo todo bagunçado e pronunciadas olheiras debaixo dos olhos. Quando o viu, Viola se aproximou, ficando entre ele e Tilly.

– Calma, Vi. Não vim aqui para isso – disse Dolph, parecendo cansado, exaurido.
– Apesar das suas habilidades impressionantes, você sabe muito bem que não conseguiria me deter.

Viola cerrou os dentes, mas não discutiu.

Dolph se virou para Esta.

– Você dormiu? – perguntou, com a voz rouca.

– Quase tanto quanto você, pelo jeito.

– E passou o dia inteiro aqui? – Ele parecia surpreso.

– A maior parte da noite também. Não dava para dormir com o barulho que ela fazia – falou Esta, inclinando a cabeça na direção de Tilly.

– Que barulho? – indagou Dolph, olhando para Viola.

– Foram os gritos que me mantiveram acordada – explicou Esta, encolhendo os ombros, tentando se livrar da exaustão. – Achei que, já que não ia conseguir dormir, era melhor ajudar.

– A menina deveria estar sedada – disse Dolph, olhando feio para Viola.

A garçonete cruzou os braços.

– Ela está agora, se isso o deixa feliz – retrucou Viola.

– Imensamente – debochou Dolph. Em seguida, se virou para Esta e perguntou: – Como ela está?

– Não faço ideia. Mas agora se acalmou.

Viola interveio:

– Ela vai melhorar. Não precisa se preocupar.

Lançando um olhar impaciente, Dolph disse para Viola:

– Vou me preocupar quando achar que preciso, nem um segundo antes. – Então, a expressão cansada se suavizou, e ele se apoiou na bengala. – Vamos esperar mais um pouco. Mantenha-a sedada desta vez – completou, sério.

– Tilly ia odiar isso – murmurou Viola, sem tirar os olhos da menina pálida deitada na cama.

– Odiando ou não, precisamos acalmá-la. É tudo o que podemos fazer por ela agora. Tilly ainda tem sua afinidade, mas está prejudicada de algum modo. Ela é que terá de decidir se tem forças para continuar a viver sem seu poder.

– É claro que terá forças – falou Viola, determinada. – Sempre teve.

– Não discordo, mas sobreviver a isso vai exigir um outro tipo de força do qual Tilly nunca precisou. Dê um tempo a ela. – Em seguida, se dirigiu a Esta: – Venha comigo.

E não esperou para ver se a garota ia mesmo segui-lo.

Quando Esta estava quase chegando na porta, Viola segurou seu pulso. Os estranhos olhos cor de violeta da moça a fitaram.

– Obrigada pelo que você fez por ela – disse, com a voz falhando. – E por mim.

– Não foi nada – respondeu Esta.

O que era bem verdade.

Mas Viola só apertou ainda mais seu pulso.

– Ninguém mais apareceu... – falou pouco antes de soltar a garota.

Esta saiu do quarto e encontrou Nibs e Dolph esperando por ela no corredor.

– Devo tomar as providências? – perguntou Nibsy.

Dolph sacudiu a cabeça.

– Ainda não. Existe uma pequena chance de que ela sobreviva. Vamos dar tempo ao tempo.

Nibs franziu a testa.

– Ela é uma curandeira talentosa.

– Tenho consciência disso – respondeu Dolph, descendo a escadaria no final do corredor estreito. – Mas Tilly sempre foi mais forte do que a maioria. E a magia dela não sumiu completamente. Essa menina tem sido leal a mim. Por isso, vou dar um tempo a ela e à Viola antes de tomar minha decisão.

– Que decisão?

Esta não pôde deixar de perguntar.

– Não vou permitir que ela sofra – respondeu Dolph, seco. – E não posso permitir que ela se torne um ponto fraco na nossa organização.

Esta se deu conta da verdade sombria.

– Então, você vai...

– Farei o que for preciso para proteger aqueles que dependem de mim – berrou Dolph, empertigando-se, como se quisesse desafiar Esta a contrariá-lo. Ao ver que a garota não faria isso, disse: – Darrigan me mandou um recado e, como você disse, vai se encontrar comigo dentro de dois dias. Já que Viola e Tilly estão impossibilitadas, gostaria que você estivesse presente, caso eu precise da sua ajuda.

Esta balançou a cabeça.

– Algo mais?

– Sim – disse Dolph, olhando-a de cima abaixo. – Vá dormir. Parece que você saiu da sarjeta.

UMA ESPÉCIE DE VOLTA AO LAR

Teatro Wallack

Harte olhou para garrafa de Nitewein que alguém deixara em cima da penteadeira do seu camarim e pesou as opções. Pedir proteção a Dolph Saunders já seria bem ruim se fosse um último recurso. Pior ainda era ser forçado a fazer isso.

Pegou a garrafa e ficou movimentando-a de um lado para o outro, observando o líquido escuro e viscoso escorrer pelas paredes de vidro verde. Tirou a tampa e cheirou o conteúdo. O aroma de flores e de algo doce cortava a acidez do vinho barato. Tinha cheiro de casa de ópio misturado com taberna, nauseabundo e cativante ao mesmo tempo.

Será que seria tão ruim assim, se a bebida o fizesse esquecer aquilo que precisava fazer?

Serviu uma taça e ficou sentado, observando seu próprio reflexo. Tinha o queixo da mãe e o cabelo cacheado como o dela, mas enxergava muito do pai ali refletido, para o seu gosto.

Com os nervos à flor da pele, levantou a taça devagar.

Aquele odor o atingiu em cheio, doce, floral, enjoativo. Na mesma hora, trouxe à tona uma lembrança da época em que resgatara a mãe do bordel de Kelly. Ela nunca conseguia ficar sóbria por muito tempo e, toda vez que sumia, Harte tinha que procurá-la pelos porões esfumaçados, para evitar que arranjasse mais problemas. Tentava não olhar enquanto a mãe ajeitava as roupas e a arrastava de volta para casa. De qualquer maneira, na manhã seguinte, ela o odiava por tê-la visto daquele jeito e por ter lhe tirado a única coisa que se permitira amar além do pai de Harte.

“Menino anormal.”

Pousou a taça sobre a penteadeira e fechou a garrafa. No espelho, o reflexo o fitava, desconfiado. Quando terminou de catalogar seus defeitos e de esconder os arrependimentos, tateou o colete, em busca do relógio de bolso, e então lembrou que fora roubado.

Não que se importasse muito de chegar atrasado.

Harte odiava absolutamente tudo o que existia no mundo abaixo da Houston: as ruas podres, repletas de lixo, as fileiras decrépitas de cortiços, exalando desespero e sofrimento. Até o ar, que era permeado pelo fedor que saía dos banheiros externos, atrás dos prédios. Por isso, odiou ainda mais o que estava prestes a fazer.

Ele não precisava entrar, pensou, ao chegar ao clube de boxe Filhos do Diabo. Deveria ter fugido meses atrás – talvez, nada daquilo estivesse acontecendo. Mas não havia nada que o impedisse de virar as costas e voltar para o seu lugar, a parte

rica da cidade, para o seu teatro e seu apartamento de cômodos limpos e arejados. Para a banheira de porcelana com água escaldante. Para a vida que construía do zero. Uma vida que ainda *podia* ser o suficiente.

Mas não era isso o que o incêndio dizia.

Harte conseguira deixar a mãe sóbria o bastante para levá-la a um novo endereço. Mas quanto tempo levaria até Kelly e seus capangas a encontrarem de novo? E, *com certeza*, a encontrariam, porque Harte não tinha nenhuma intenção de deixar Paul Kelly chegar perto de Jack. Não conseguia sequer imaginar o que Kelly poderia querer com a Ordem da Ortus Aurea. Mas, se o bandido conseguisse ser apoiado por tal poder, não seria nada bom para os Mageus. Muito menos para o próprio Harte.

Por mais que odiasse admitir, Dolph Saunders era a única alternativa que conseguia enxergar. Afinal de contas, tinha fama de proteger os proscritos da ira dos outros chefes de gangue do centro, incluindo a própria irmã de Kelly, Viola. Eles que digladiassem entre si, enquanto Harte punha o plano em prática. Se Dolph tivesse razão a respeito do conteúdo do Livro, estaria fora da cidade, em segurança, do outro lado da Beira, antes que qualquer um deles se desse conta do que tinha acontecido. Ficariam presos em Nova York, sem conseguir alcançá-lo. Harte estaria livre.

Ele ignorou a pontada de culpa que sentiu quando pensou nos outros Mageus, que ficariam presos para sempre. “Mas eles já estão presos. Quando muito, a vida deles melhoraria um pouco se a Ordem não tivesse mais o Livro”, tentou se convencer.

Disse seu nome ao menino que estava do outro lado da porta, que o deixou entrar no comprido e conhecido corredor que levava aos fundos do prédio. Quanto mais se aproximava do final do corredor, mais forte ficava o cheiro de suor e de sangue, e as lembranças, mais vívidas.

Harte passara o ano depois que a mãe o abandonou – antes de ser obrigado a entrar na gangue de Paul Kelly – convivendo com os membros do Filhos do Diabo. Naquela época, Dolph ainda era um adolescente magrelo, mas parecia alguém impressionante para Harte, que tinha 12 anos. Apesar de mancar, Dolph exigia respeito de todos que o conheciam na região da Bowery, de qualquer um que ousasse contrariá-lo. Era por esse tipo de respeito que Harte ansiava, e Dolph acabou se tornando uma espécie de irmão mais velho, o mentor e o protetor que o pai jamais fora. O clube de boxe se tornou um porto seguro. Ou, pelo menos, mais seguro do que as ruas onde ele passava a noite. Ali dentro, aprendeu a lutar, a se defender de maneiras que não tinham nada a ver com magia, e passara incontáveis noites comendo na mesa de Dolph e Leena, no apartamento em cima do Bella Strega.

Depois de se envolver com a gangue de Kelly, afastou-se dos dois. Fazia mais de três anos desde a última vez que falara com Leena, mas a dor de tê-la perdido o atingiu em cheio, de uma hora para a outra, tarde demais. Leena era poucos anos mais velha do que Harte, mas cuidou dele de maneiras que a própria mãe jamais conseguira cuidar. Mesmo assim, mesmo depois que ficou sabendo que ela perdera o

bebê que esperava, Harte não quis correr o risco de contrariar Kelly – nem Dolph – indo visitá-la. Mas, agora que tinha voltado ao clube, cercado por lembranças que acreditava estarem esquecidas, sentiu-se sufocado ao pensar que ela se fora. Leena era muito teimosa e determinada para fazer algo contra a própria vontade. Mas Dolph jamais deveria tê-la colocado naquela situação, correndo o risco de ser ferida pela Ordem.

Leena era tudo para Dolph. Por isso mesmo, Harte não tinha muitas ilusões a respeito do quão descartável *ele* poderia ser. E não sentiu tanto remorso pelo que planejava fazer. O Livro seria seu e, se dependesse dele, Dolph Saunders podia ir se ferrar.

Quando chegou à sala principal de treinos, encontrou Dolph no mesmo lugar em que tantas vezes o vira: empoleirado em um banco baixo, com o queixo apoiado na ponta de prata da bengala, assistindo a dois dos seus boxeadores se digladiando em cima do ringue. Os rapazes estavam de peito nu, com a pele brilhando de suor, arfando de exaustão. Não deviam ter mais de 15 ou 16 anos, mas já traziam na pele a tatuagem que os marcava como propriedade de Dolph: um duplo ouroboros, com um esqueleto de cobra entrelaçado em uma cobra viva.

“Vida é morte”, explicara Dolph, quando ainda eram amigos. A sobrevivência é uma questão de equilíbrio. A ameaça da morte pode inspirar alguém a lutar por uma vida que valha a pena viver.

Houve uma época em que Harte quis muito receber a marca de Dolph, mas ele dissera que, com 12 anos, era novo demais para tomar esse tipo de decisão. O Mago pensara no assunto de novo quando quis sair da gangue de Kelly. Dolph podia muito bem ter lhe passado os segredos de que Harte necessitava para comprar sua liberdade.

Ele achou que trocar uma marca pela outra era algo com que conseguiria lidar, e foi até o clube de boxe fazer exatamente isso. Só que chegou mais cedo naquele dia, e viu o que acontecia com aqueles que contrariavam Dolph Saunders. Foi então que entendeu o que a marca era capaz de fazer, o que *Dolph* era capaz de fazer.

Harte jamais esqueceria: como aquele homem, muitos anos mais velho do que Dolph, tinha se acovardado e implorado mais uma chance. O olhar frio de Dolph, ao rejeitar os apelos patéticos do velho. Ele fizera um sinal para dois capangas segurarem o homem, então simplesmente o tocou com a ponta da bengala. No instante em que a medusa de prata encostou na tatuagem, a marca ganhou vida. As duas cobras começaram a se mexer, e a pele do homem se enrugou, enquanto a tinta ficava cor de sangue.

E, então, se transformou em sangue de verdade. O homem gritava, desesperado, até que os dois rapazes o soltaram, e ele caiu inconsciente no chão. Àquela altura, o ar da sala já estava gelado, e a energia crepitava, mas Dolph sequer percebeu. Balançou de leve a cabeça, e os dois rapazes arrastaram o homem dali. Se estava inconsciente ou morto, Harte não soube dizer.

Naquele dia, Harte virou as costas e foi embora, jurando que jamais seria marcado de novo. Faria tudo sozinho, não confiaria em ninguém a não ser em si mesmo. Ainda que isso significasse nunca escapar *de verdade* do alcance de Paul Kelly.

Só que agora poderia haver um modo. Roubar o *Ars Arcana* da Ordem – de Dolph – podia até ser uma loucura, uma espécie de desejo de morte, mas Harte estava desesperado a ponto de fazer isso.

– Você está atrasado – disse Dolph, com a rudeza costumeira. Nem se deu ao trabalho de se virar. – Não gosto de ficar esperando.

– Até onde sei, não sou um de seus lacaios.

– Ainda não – retrucou Dolph, finalmente virando para trás e fuzilando Harte com o olhar de um olho só.

– Não ponha o carro na frente dos bois, velho.

Dolph não teve a reação de sempre ao ouvir o apelido. Em vez disso, soltou um suspiro cansado e lançou um olhar indecifrável para Harte.

– Que bom que você veio.

Desconfiado, Harte atravessou a sala e foi até o lugar onde ele estava sentado.

– Só vim até aqui porque aquele seu rabo de saia me aplicou um golpe. – O que não era verdade, é claro, mas era melhor que Dolph pensasse que a vantagem ainda estava com Harte.

Um dos rapazes acertou o outro com um soco de direita, que fez voar sangue por todos os lados. Algumas gotas caíram nas botas perfeitamente engraxadas de Harte, e ele precisou usar todo seu autocontrole para não limpá-las, enojado.

– Já chega por hoje – disse Dolph, para os dois meninos ensanguentados. – Se caiu na conversa de um rostinho bonito, Harte, sinal que está perdendo o jeito.

– O que eu posso dizer? Ela foi persuasiva. Mas não faz meu tipo – respondeu Harte, observando os rapazes irem embora. – Se bem que ela me lembra um pouco Leena, osso duro de roer... Talvez ela faça o seu tipo, afinal de contas. Minhas sinceras desculpas.

– Nem comece – berrou Dolph.

– Onde você a encontrou? – insistiu Harte, ignorando a tensão que surgira no ambiente ao mencionar Leena. Sabia que era golpe baixo, que ela o repreenderia por isso se estivesse viva, mas estava disposto a usar qualquer coisa que pudesse lhe trazer alguma vantagem. E culpava Dolph pelo que acontecera com ela.

– Você não veio aqui por causa da garota – falou Dolph, olhando para ele. – Pensa que eu não sei que os capangas de Kelly andam atrás de você?

Harte congelou.

– Ah, pare com isso – continuou Dolph. – Tenho olhos por todos os cantos desta cidade. Fiquei sabendo do incêndio que aconteceu outro dia, e sei que Navalha Riley ajudou a a começá-lo.

Harte levantou as mãos.

– Quer saber do quê? Acho eu me enganei. Acontece que não posso fazer isso –

disse, dando um passo para trás, preparando-se para ir embora. – Eu diria que foi bom revê-lo, Dolph, mas você não merece o esforço que eu teria que fazer para mentir.

Em seguida, deu as costas e foi em direção à porta, mas ainda não tinha acabado de atravessar a sala quando Dolph falou:

– Você sabe que eu posso protegê-lo de Paul Kelly. E posso proteger sua mãe também. Teria feito isso anos atrás, se você não fosse tão orgulhoso e cabeça-dura.

Harte parou onde estava e odiou Dolph ainda mais por ele saber da única coisa capaz de fazê-lo continuar ouvindo.

– Ainda não estou disposto a pagar o preço da sua ajuda. Não vou permitir que me marque – falou, mantendo os olhos fixos à sua frente.

– Eu não lhe ofereci a minha marca – retrucou Dolph, ríspido.

– Já ofereceu uma vez – respondeu Darrigan. Em seguida, virou para trás e olhou para Dolph, para que o velho amigo visse que ele não se deixaria levar. – Eu vim até aqui naquele dia, sabia? Vi o que você fez àquele homem, o que a *sua marca* fez com ele.

Havia levado mais dois anos para Harte conseguir acumular o suficiente dos segredos de Kelly e negociar a saída da gangue, mas resolvera seus próprios problemas sozinho naquela época. E faria tudo de novo se fosse preciso.

– Eu não fazia ideia...

– Leena sabia? – perguntou Harte. – Ela fazia alguma ideia das forças com as quais você estava brincando?

Naquela época, Harte fora embora porque ficara com medo. Mas agora sabia o suficiente para entender que aquilo que a marca de Dolph fizera tinha cheiro de magia ritual.

Dolph cerrou os dentes.

– Isso não é da sua...

– Leena jamais concordaria com isso.

– Ela não sabia o quanto corríamos perigo – disparou. – Nem o quanto a situação era precária. – Então, respirou fundo, como se estivesse tentando se acalmar, e completou, baixinho: – Leena era boa demais para este mundo.

– A sua Leena? – Harte deu risada. – Talvez ela fosse *mesmo* uma santa. Deve ter sido, para aguentar você. Mas também era dura como uma pedra e mais inteligente do que qualquer um. Aposto que ficou lívida quando descobriu que você andava se metendo com magia ritual. Eu compraria ingressos para assistir a essa luta.

Pelo modo como as bochechas de Dolph ficaram vermelhas, Harte teve certeza de que adivinhara.

– Ela entendeu.

– Aposto que sim – debochou Harte, sacudindo a cabeça.

– Você acha mesmo que sou o primeiro Mageus que tenta aumentar o próprio poder? – perguntou Dolph.

– Claro que não.

As histórias de Mageus tentando ficar mais poderosos usando cerimônias ou objetos ritualísticos eram tão antigas quanto a própria magia. Eram as fontes das lendas a respeito de bruxas e xamãs, das criaturas mágicas temidas pelos Sundren.

Não, Dolph não era o primeiro que tentava dominar um poder maior do que aquele com o qual nascera. E não seria último.

– Não foi *você* que me ensinou o custo daquilo que a Ordem estava fazendo, que seus membros prejudicavam a própria magia toda vez que manipulavam os elementos e invocam um poder que não possuíam?

Dolph fez careta.

– Você não estava presente naquela época. Não tem ideia de como era... Eu não sabia em quem podia confiar e de quem podia depender. Então, sim, fiz o que precisava ser feito para proteger o que era meu. Com o que mais eu poderia lutar contra a Ordem?

– Não sei – respondeu Harte, sacudindo a cabeça. Dolph era incapaz de enxergar quantos limites tinha ultrapassado para conseguir o que queria. – Mas não era para você ter *se tornado* um deles.

– Não sou *nada* parecido com a Ordem – disparou Dolph.

– Não? – insistiu Harte. – A Ordem acredita que aquilo que faz está certo, que está apenas protegendo o que é seu: suas terras, seu povo, seu país. É assim que todo mundo vê. A cidade inteira acredita neles, acredita que os Mageus são algo a ser temido, e deixa a Ordem fazer o que bem entende. A sua marca pode destruir pessoas. *Já* destruiu uma. Como isso pode ser *diferente* das coisas que a Ordem faz? Como você vai ser diferente depois que puser as mãos neste Livro que está procurando?

O músculo no maxilar de Dolph saltou, e o corpo inteiro dele irradiava tensão.

– A julgar pela sua intimidade com Jack Grew, não posso imaginar que se importe.

– Tem razão: eu não me importo.

A Ordem, a Bowery, a cidade em si... Era tudo a mesma coisa para Harte. Coisas que o mantinham preso, engaiolado. E ele as derrubaria, uma por uma, até se ver livre. Ou morreria tentando.

Dolph olhou feio para Harte.

– Você veio porque finalmente está disposto a se juntar a nós ou apenas para relembrar meus fracassos?

Finalmente tinham chegado ao ponto. Harte não tinha certeza se conseguiria fazer aquilo até pronunciar as palavras:

– Você quer a minha ajuda. Estou disposto a oferecê-la em troca de proteção. Quero que Kelly saia do meu pé para sempre e quero que minha mãe fique em segurança. Mas vai ter que aceitar minha palavra como garantia. Não vou deixar você me marcar por nada neste mundo.

Era uma aposta. Se Dolph rejeitasse a oferta, ele teria que lidar com Kelly sozinho. Se exigisse que Harte aceitasse a marca, ele ficaria tão acorrentado a Dolph quanto fora a Paul Kelly. Harte não queria – não podia – permitir que isso acontecesse.

Um bom tempo passou, os dois ficaram parados, em um silêncio pétreo, esperando para ver quem falava primeiro.

– Tudo bem – disse Dolph, apertando a bengala com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. – Aceito sua palavra, mas, se mudar de ideia, vou destruir a vida que você construiu, tijolo por tijolo. Vou garantir que a cidade inteira saiba quem realmente é. Se a Ordem não acabar com você, Viola acaba.

– Por mim, tudo bem. – Se tudo saísse de acordo com o planejado, ele não estaria mais na cidade nem precisaria se importar. Se tudo desse errado, e poderia dar, Harte aceitaria de bom grado ter uma morte rápida nas mãos de Viola, para não ter que encarar o que Paul Kelly ou a Ordem fariam. – Preciso dizer que fiquei um pouco surpreso por você ter concordado.

– As coisas mudaram – falou Dolph. – Não podemos nos dar ao luxo de esperar o próximo passo da Ordem.

Em seguida, contou para Harte o que tinha acontecido com Tilly, que sua magia lhe fora arrancada e que, naquele exato momento, ela estava lutando para sobreviver.

– Você acha que a Beira mudou de lugar? – perguntou Harte, com medo só de pensar.

– Não sei, mas esse último ataque me trouxe mais certeza do que nunca: precisamos derrubar a Ordem para fazer isso. Preciso do Livro. Para pôr as mãos no Livro, precisamos dar um jeito de entrar na Mansão Quéfren. Assim como precisamos dar um jeito de *sair* de lá sem que isso implique a morte de todos nós.

Harte deu uma risada vazia.

– Isso é tudo?

– Provavelmente, não, mas é o mínimo. Se você ainda não fисgou Jack Grew, vai fисgar. É só uma questão de tempo. Já ouvi falar dele: prepotente, esquentado, com algo a provar. A vítima perfeita.

– Aí é que está o problema: *todo mundo* já ouviu falar dele, e Jack sabe disso. É arisco, imprevisível. A família sabe, e não tira os olhos dele. Não sou um deles, por mais verniz que eu tenha. Se falarem alguma coisa, Jack lhes dará ouvidos, porque tem muito a perder neste momento – argumentou Harte. Em seguida, lançou um olhar sugestivo para Dolph e completou: – Principalmente, depois daquela confusão no Metropolitan...

– Então, faça-o pensar que ele não tem como perder – disse Dolph, com um olhar impaciente.

– Tenho tentado, mas não é tão fácil assim. Jack quer que eu descubra o que aconteceu no museu – respondeu Harte. Então, ficou em silêncio por alguns instantes, sem sequer piscar, deixando bem claro que sabia que Dolph estava por trás

do assalto. – Presumo que você não vá querer que ele descubra a verdade.

– Conte a ele uma história melhor, então.

– O que você está propondo?

– Use a garota. Ela pode ajudar a fisgá-lo. A menina já inventou um disfarce, não?

– O velho golpe do amor perdido... – disse Harte, se dando conta de como o joguinho que Esta fizera, no dia anterior, fora bem planejado. Ele caíra como um patinho.

– Filha de um dos seus ilustres professores. Aposto que a garota tem segredos que Jack Grew adoraria descobrir – falou Dolph, dando um sorriso satisfeito. – Segredos que fariam dele um grande sucesso na Ordem. É *isso* que Jack realmente quer.

Harte odiou o fato de Dolph ter razão.

– Já disse para ela que só trabalho sozinho – falou.

– Não mais. Principalmente, se quiser minha proteção. Não precisa aceitar a marca, mas *vai* trabalhar com Esta. Do contrário, fique à vontade para lidar com Kelly e os capangas dele por conta própria. E para proteger sua mãe também. Não vou repetir esta oferta.

Harte apertava tanto os dentes que as têmporas doíam.

– Posto desta maneira, não tenho muita escolha.

Dolph fez pouco-caso.

– Sempre existe escolha. A questão é com qual delas você está disposto a viver.

– Você ou Kelly – disse Harte, com uma voz tão ameaçadora quanto seu estado de espírito. – Por que tenho a sensação de que estou entre a cruz e a espada?

– Ainda assim, é uma escolha – debochou Dolph.

Harte sacudiu a cabeça.

– Você sempre foi um filho da puta.

– É quem diz – retrucou Dolph, achando graça.

– Tudo bem. Façamos as coisas ao seu modo. Mas, quando tudo isso acabar, não me perturbe de novo. Não entre em contato comigo nem tente me procurar. Se já não estivermos todos mortos, você sequer me conhece. Ponto final.

A graça desapareceu da expressão de Dolph.

– Combinado. Mas, se eu tiver qualquer indício de que está se voltando contra mim ou contra um dos meus, não vou pensar duas vezes antes de acabar com você. Com ou sem a minha marca, vou arrancar tudo que lhe é caro.

– Você deveria ter seguido a carreira dos palcos – falou Harte, ríspido. – Desenvolveu um belo pendor para o drama. Isso é tudo?

– É tudo – encerrou Dolph. Então, suavizou o tom de voz: – É realmente muito bom ver você de novo.

– Não posso dizer que o sentimento é mútuo – respondeu Harte. Mas não pôde deixar de sorrir. – Mantenha Paul Kelly longe da minha mãe e você jamais vai precisar se preocupar comigo. Vou conseguir o que precisa.

Em seguida, estendeu a mão para selar o acordo.

Dolph sacudiu a cabeça.

– Não nasci ontem, Destemido. Tenho algumas coisas para resolver, mas mando Esta lhe procurar dentro de uns dois dias.

– O que você quer dizer com isso? – perguntou Harte, abaixando rápido a mão.

– Ela vai ficar com você, ficar de olho nas coisas enquanto vocês dois trabalham juntos.

– Ela não pode ficar comigo – respondeu Harte, sacudindo a cabeça. – Não quero essa garota lá.

Dolph deu risada.

– Não vou desmascarar essa sua mentira, mas você terá que abrigá-la.

– Você sabe que isso acabará com ela – argumentou Harte, sentindo uma raiva inesperada só de pensar. – A reputação dela ficará arruinada.

– Isso não terá a menor importância se a Ordem nos matar – respondeu Dolph, ficando de pé. – Preocupe-se em fazer a sua parte do nosso trato. Esta me contará se houver qualquer mudança indesejada nos planos.

Harte só conseguiu ficar parado, cada vez mais frustrado, enquanto observava Dolph ir na mesma direção que os dois meninos tinham ido, dispensando-o sem sequer se despedir. O fedor acre e azedo de sangue seco tomou conta da sua garganta, deixando-o sem ar. Não sabia se tinha negociado bem e conseguido um bom acordo ou se simplesmente tinha amarrado uma corda em volta do próprio pescoço.

– Então, é isso? – gritou. – Você vai me mandar a garota, e eu tenho que adivinhar o resto? Eu corro todos os riscos, e você fica sentado, protegido no seu castelo?

– Eu já lhe dei tudo o que você precisa – respondeu Dolph, olhando para trás. – Mas...

– Sim? – disparou Harte, louco de frustração.

– A garota está atualmente sob minha proteção – falou Dolph, baixinho. – Então, se você *realmente* prejudicá-la, terá de se ver comigo.

P A R T E

III

ARRUINADA

Docas

A máquina estava em ruínas. Fragmentos de metal ficaram alojados nas paredes de madeira e no peito do velho. O imenso globo central parecia ter derretido.

Jack cutucou o corpo com o dedo do pé.

“Raios.”

Todo o seu trabalho fora em vão. Meses de trabalho. Meses de espera. Tudo desperdiçado.

– Limpe isso tudo – disse para o garoto que lhe dera a notícia. Em seguida, lhe atirou uma moeda. – Depois espalhe por aí que preciso de um maquinista. Já.

– E o velho? – perguntou o menino, olhando para o corpo, desconfiado.

– Jogue no rio.

Jack não ficou lá para se certificar de que o serviço fora feito. O armazém, mesmo com todos os seus metros quadrados, lhe deu claustrofobia. Parecia que as paredes estavam o apertando, espremendo, até não restar mais nem uma gota de sangue. Ele arriscara tudo, apostara tudo, e estava *tão* perto de conseguir.

“Raios.”

Chutou um barril, e duas ratazanas saíram correndo.

Ainda havia algo que lhe escapava. Alguma chave para fazer a máquina funcionar. Tinha que haver, porque ele não se permitiria acreditar que *eles* eram mais poderosos.

A razão e a lógica venceriam.

Ele venceria.

A máquina deveria estar funcionando perfeitamente. O problema deveria ser muito simples de resolver, se o Sumo Sacerdote apenas lhe deixasse consultar o *Ars Arcana*. Certamente, o artefato mais importante da Ordem, o texto mais sagrado, teria as respostas de que ele precisava. Mas havia partes da Mansão Quéfren às quais apenas o Conselho Supremo tinha acesso. E o *Mysterium*, com todos os seus segredos, era uma delas. Então, a menos que algo mudasse, ele estava por conta própria.

Puxando o colarinho da camisa, Jack saiu pisando firme e voltou para a carruagem. Quando o pai descobrisse o que acontecera com o dinheiro do seu fundo fiduciário... Quando o tio e o resto do Conselho Supremo descobrissem...

“Jesus.”

Jamais permitiriam que ele entrasse para o Conselho. Pior ainda: jamais permitiriam que ele pusesse os pés na sociedade novamente.

“Raios.”

Precisava obter mais informações. Precisava que a Ordem confiasse nele o bastante para deixá-lo entrar no Mysterium, porque tinha certeza de que a resposta estava lá. Resolver o assalto ao Metropolitan contribuiria muito para cair nas graças deles, mas Harte Darrigan andava o evitando nos últimos dias. Jack estava tentando ser paciente, tentando dar ao Mago uma chance de resolver o problema. Mas, naquele ritmo, a máquina nunca ficaria pronta em tempo para o Conclave.

Ele precisava descobrir o que estava deixando passar, e rápido, ou estaria arruinado.

Mas, mais do que tudo, precisava de uma bebida.

A DIFERENÇA ENTRE SONHO E REALIDADE

Bella Strega

Alguma coisa havia acontecido. Algo que havia chegado de repente, como uma onda que domina um pequeno barco navegando no mar, e feito Viola ficar à deriva, lutando para conseguir se manter fora da água. Por três dias, ela ficou observando a amiga sofrer, se contorcendo e gemendo apesar do láudano misturado com vinho. Por três dias, andou sem parar, para lá e para cá, no quarto de Tilly. Ou sentava na beirada da cama estreita, segurando a mão da moça e sussurrando tudo o que queria dizer havia tanto tempo.

Ficou ali noite e dia. Tilly não podia ouvi-la, mas noite e dia Viola continuou sussurrando em sua língua-mãe, porque as palavras assim lhe pareceram mais adequadas. Seu significado, por algum motivo, parecia combinar mais com o ritmo suave e melódico do país onde nascera.

Mas palavras e orações não foram suficientes.

Nem poder.

Viola era uma assassina, mas só porque o mundo quis assim. Porque o irmão precisava da mão sombria da morte para dizimar inimigos, e sua família dava mais valor à vida dele. Podia até ter sido obrigada a se tornar uma assassina, mas sua afinidade jamais teve por objetivo servir à morte. E nada do que eles fizeram, nada que ninguém pudesse fazer, mudaria isso.

Mas não era o suficiente. *Ela* não era o suficiente.

Ainda podia sentir o sangue de Tilly, o bater do seu frágil coração, a energia, que era o principal sinal de que havia vida dentro de um corpo. Ainda tentava transmitir tudo o que era, cada gota de poder que tinha, para a amiga. Estava fazendo isso havia dias. Mas, por mais que fizesse, a parte destruída não cicatrizava.

Porque Viola só tinha poder sobre a carne, e o que estava destruído em Tilly era outra coisa.

Perto do amanhecer, algo mudou. A onda atingiu as duas, gelada como o oceano solitário que ela cruzara, e as forças da amiga sumiram. Aquela faísca de energia que sinalizava vida começou se apagar, e, pela primeira vez desde que Viola vira Tilly se contorcendo nos braços de Jianyu, realmente teve medo de que ela não sobrevivesse.

Desde então, a pele de Tilly ficava cada vez mais cinzenta. E agora ela estava inerte, com o peito subindo e descendo, em uma respiração curta e descompassada, que gogolejava na sua garganta. Viola já ouvira esse som, mas não podia – não queria – se permitir acreditar no seu aviso.

Nem percebeu quando Esta saiu do quarto para buscar Dolph, muito menos

quando ele chegou. Mesmo quando o quarto começou a ficar repleto de gente do bando que amava Tilly, que dependia da sua presença tranquila e firme na cozinha do Strega, Viola mal reparou. Logo ela, cujo dia a dia era dominado pelo marejar de rios de sangue, pelas batidas de um mundo repleto de corações.

Se as pessoas que estavam dentro do quarto naquela manhã fossem de pedra, ela sequer teria notado, de tão concentrada que estava lutando contra aquela verdade que jazia na cama de Tilly. Fez questão de ignorar que as mãos da amiga tinham ficado geladas, que as pontas dos dedos e as unhas haviam perdido toda a cor.

Dolph levantou de sua vigília aos pés da cama.

– Você sabe o que precisa ser feito, Vi. Você sabe que chegou a hora de deixá-la partir.

Viola sacudiu a cabeça e apertou os lábios.

– Ela vai estar melhor amanhã, sei que vai.

Dolph pôs a mão no ombro de Viola.

– Eu entendo – disse, baixinho. – Sei exatamente como é ter que observar alguém de quem a gente gosta escorregar pelos dedos. Ver o próprio coração parar de bater.

Viola engoliu a dura pedra que sentia na garganta, virou-se para ele e respondeu:

– Tilly não está morrendo.

– A magia de Tilly se foi – falou. – Há dias. Agora ela também está indo. Está na hora de deixarmos que ela vá. Está na hora de *você* deixá-la partir.

– Ela não vai morrer – repetiu Viola, sussurrando. – Tilly vai lutar, vai melhorar. Só preciso dar mais tempo a ela.

– Você sabe que isso não é verdade – insistiu Dolph, com um tom carinhoso. – Sim, Tilly lutou. Você ajudou, e ela lutou bastante. Mas o que aconteceu foi grave demais. Teria sido para qualquer um de nós. Pense o que significaria perder o seu poder. Você pode imaginar como seria não poder tocar em uma parte de si mesma? Sentir que algo lhe foi arrancado? – Nesse instante, a voz de Dolph falhou, e ele ficou um instante em silêncio para se recompor. – Viver sem isso...

Viola fez uma careta.

– Não – sussurrou. E foi aí que se deu conta de como Dolph deveria ter se sentido ao ver Leena morrer. Não era para menos que ele parecia tão mudado.

– Tilly lutou o bastante. Permita que ela tenha o descanso que merece.

Viola foi tomada pela raiva, que afogou a dor com uma fúria que lhe pareceu um direito. Ninguém mandaria nela. Ela *não* se transformaria em um instrumento da morte. Não desta vez. Usaria sua afinidade para fazer o coração da amiga continuar batendo e compensar todos aqueles outros corações que já fizera parar. E ninguém poderia impedir. Nem sequer Dolph Saunders. Nem mesmo lhe ameaçando com sua marca.

Dolph cambaleou um pouco. Contorceu-se de dor quando Viola deixou seu poder tomar conta da sala, quando encontrou as partes que faziam dele um homem vivo e começou a separá-las uma por uma. Devagar, para que pudesse sentir o que ela

estava sentindo. Estava tão concentrada que nem percebeu que os outros, tomados pelo medo, se afastaram.

– Você sabe que eu tenho razão – disse Dolph, ofegante, agarrando-se à bengala para tentar continuar de pé. – Faça essa última coisa por ela.

Viola sacudiu a cabeça com a visão borrada pelas lágrimas e seu poder crepitou por todo o quarto.

– Liberte Tilly – insistiu Dolph, quase sem conseguir se equilibrar. As veias nas bochechas tinham ficado escuras, pareciam rios minúsculos que haviam subido até a superfície da pele. – Pode me matar, se quiser. Mas deixe-a partir – disparou.

Sim. Viola seria capaz de matar Dolph, só por ter feito essa sugestão. Já tinha matado por motivos menores. Mas, ao contrário do que os outros acreditavam, ela não matava daquele modo com frequência. Anos atrás, aprendera a atirar facas, a arrancar vidas com a ponta afiada de uma lâmina, porque sabia que seu Deus a condenava por usar sua dádiva para tirar vidas, como o irmão queria, e não para salvá-las, como ela podia. Naquele momento, no entanto, usaria tudo o que era. Arriscaria arder no fogo do inferno e tudo mais que viesse com ele. Por Tilly. Por si mesma.

Dolph foi ficando de joelhos à medida que Viola direcionava sua afinidade para ele, sentindo seu pulso, sua luz... e as partes danificadas que nem mesmo ela seria capaz de curar.

Foi então que Viola descobriu o que Dolph carregava desde a noite em que perderam Leena. O segredo que escondia de todos eles.

Sua vontade de lutar sumiu, ela parou de exercer sua afinidade, o libertou e se encolheu perto do peito de Tilly, que mal se movia, e não conseguiu mais segurar o grito de dor, que rasgou sua garganta. Ficou ali, desfazendo-se de toda a dor e de todo o seu sofrimento, sabe-se lá por quanto tempo.

Até que não sobrou mais nada.

Até que finalmente sentiu uma mão quente e firme no seu ombro.

Sacudiu-se para se livrar de Dolph e secou as lágrimas do rosto.

– Está na hora – disse ele. – Deixe que ela vá em paz.

Viola se virou para o quarto lotado, com os olhos ardendo de tanto chorar. Quem eram aquelas pessoas? Não era a família que a criara, dizendo que os laços de sangue deviam ser mais fortes do que qualquer coisa. Não, aquela família lhe dera as costas. Queriam que Viola fosse algo que jamais poderia ser, então ela escolheu ter outra. E, naquele momento, Viola era capaz de ver, naquele bando tão diversificado, que fizera uma boa escolha. Assim como Tilly.

– Ela não ia querer que eles estivessem aqui – disse, para Dolph. – Não ia querer que assistissem.

Porque assistir àquilo seria muito difícil, e Tilly teria odiado que os amigos sofressem. Porque Viola sabia, de algum modo, que Tilly não ia querer que eles vissem o que Viola realmente era capaz de fazer.

Tilly vira além da máscara que Viola usava, nunca acreditou que ela era a assassina sem coração que os outros enxergavam. Bastava que uma única pessoa tivesse conhecimento da sua verdade. Tinha que bastar, porque o papel que Viola representava era o escudo que lhe permitia sobreviver em um mundo que preferia vê-la morta. Tilly também entendeu isso e lhe ofereceu amizade, mesmo sem nada além disso para oferecer.

Dolph balançou a cabeça, e uma por uma, em silêncio, as pessoas começaram a sair do quarto. Algumas tiveram coragem de chegar perto e encostar de leve nas costas ou no ombro de Viola antes de sair do quarto. Então, a garota nova, Esta, veio se despedir.

Esta encostou no ombro de Viola muito de leve, com a mesma leveza de um passarinho que pousa em um galho.

– Acho que Tilly sabia o que você sentia por ela – sussurrou.

Viola sacudiu a cabeça, perguntando-se, mais uma vez, como aquela garota estranha podia vê-la tão claramente.

– Ela teria me desprezado – murmurou.

– Não acho. Tilly compreendia as pessoas – respondeu Esta, apertando de leve o ombro de Viola. – Ela amava você. Qualquer um podia enxergar isso, mesmo que não fosse da maneira que você queria.

Viola levantou o rosto, querendo acreditar naquelas palavras, e viu que os olhos de Esta estavam cheios de lágrimas e sem nenhum sinal de mentira. Sem, também, nenhum sinal do julgamento que ela esperava encontrar.

– Ainda não sei se gosto de você, mas Tilly gostava, e você tem razão: ela compreendia *mesmo* as pessoas. Melhor do que eu. Você vai ficar?

– Sim – sussurrou Esta. – Claro.

A garganta de Viola estava apertada demais, e ela só conseguiu balançar a cabeça para agradecer. Então, voltou o olhar para Tilly. Tinha medo de virar o rosto, medo de que, no instante em que piscasse ou parasse de olhar, perdesse o último suspiro da amiga. Ou o causasse.

Um silêncio sufocante tomou conta do quarto, quebrado apenas pela respiração curta e irregular de Tilly.

– Viola... – murmurou Dolph – Está na hora.

Ela o ignorou e segurou a mão de Tilly, passando o dedo na pele pálida, enquanto seu corpo inteiro tremia do esforço em não permitir que sua dor lhe afogasse. Encostou a mão inerte da amiga no próprio rosto, fechou os olhos e imaginou, por um instante, que tinha a força necessária para salvá-la. Que tudo aquilo não passava de um sonho, de um pesadelo terrível.

Mas Viola sabia muito bem diferenciar sonho de realidade. Conhecia o cheiro forte e o som áspero que vinha da garganta de Tilly. Jamais deixara de encarar a morte. Não faria isso agora.

Viola abriu os olhos, respirou fundo e colocou a mão de Tilly com cuidado em

cima da barriga dela. Em seguida, sussurrou uma última coisa no ouvido da menina.

Tilly piscou, virou os olhos muito de leve na direção de Viola. Por um instante, seu olhar ficou focado, como se tivesse voltado apenas para ver quem estava ali com ela – apenas para dizer adeus.

Com a visão borrada pelas lágrimas, Viola puxou a mão, e, junto com ela, a afinidade de Tilly, aquele fio frágil que segurava a menina neste mundo.

Vida e morte, dois lados da mesma moeda. A família de Viola a via como assassina, então ela se tornou uma. Todo mundo acreditava que ela realmente era uma assassina porque esqueciam que a morte é apenas o outro lado da vida. Mas Viola jamais esqueceu. Não podia esquecer. Tentara salvar a amiga e havia fracassado.

O peito de Tilly subiu, respirando uma última vez. Então, seu corpo afundou na cama, inerte, e os olhos verdes ficaram vazios, olhando para o teto.

A ÁRVORE DO CONHECIMENTO

Esta sentiu que o quarto ficou frio, a magia foi drenada do local como o ar é sugado por um aspirador. Viola esticou o braço. Suas mãos, sempre tão firmes, estavam tremendo. Passou os dedos de leve no rosto de Tilly, fechando os olhos dela, depois ficou olhando, muda e sem derramar uma lágrima, para o corpo inerte da menina.

Ao ver a cena, Esta lembrou de repente de Logan, pálido e inconsciente na cama estreita, depois da confusão na mansão Schwab. Como fora possível ela ficar sem pensar no rapaz por tantos dias? Será que a vida naquela cidade era tão extenuante que perdera a noção do porquê estava ali? Então, pensou no recorte de jornal, ainda guardado perto da pele. Se o assalto não acontecesse, se ela tivesse mudado muito as coisas só por estar ali, o que aconteceria com todas as pessoas que tinha deixado para trás?

– Venha – sussurrou Dolph, inclinando a cabeça na direção da porta. – Viola precisa ficar sozinha para chorar o luto.

No corredor, ele balançou a cabeça em silêncio, indicando que Esta devia segui-lo. Quando chegaram ao apartamento dele, no andar de baixo, ele abriu a porta e a fez entrar. Em seguida, fez sinal para ela sentar em uma das cadeiras perto da estante e serviu uma bebida para si mesmo.

Esta estava quase dando graças a Deus de ver que Dolph parecia tão abalado quanto ela, depois do que tinham acabado de testemunhar. Depois de beber o uísque de um gole só, Dolph serviu mais uma dose e se sentou na poltrona na frente de Esta. Não falou nada de imediato. Ficou rolando o copo lascado entre as mãos grandes e cheias de calos antes de tomar mais um grande gole. Finalmente, olhou para ela e disse, quase sussurrando:

– Obrigado por ter ficado.

Estava apertando os dentes, e os olhos refletiam a dor de ter perdido Tilly. E, se Esta não se enganava, talvez a dor de algo mais.

– Não foi nada – respondeu ela, ainda abalada pelo efeito da magia de Viola.

– Isso não é verdade. – Os olhos de Dolph estavam escurecidos pelas noites sem dormir e de preocupação. – A maioria das pessoas não está disposta a testemunhar uma dor que não pode ser remediada. A maioria acha mais fácil simplesmente dar as costas. Em nome de Viola e de Tilly, eu a agradeço por ter feito isso.

Os dois continuaram sentados ali por um bom tempo, em uma espécie de homenagem póstuma improvisada. Dolph de vez em quando tomava um gole de uísque, e Esta esperava que ele dissesse alguma coisa ou a dispensasse, para poder fugir daquele silêncio pesado.

Ele pôs o copo em cima da mesa.

– Harte Darrigan me fez uma visita ontem. Chegamos a um acordo. Graças a você.

– Que bom. Fico feliz por ter ajudado.

– Vou mandar você para ele.

– Quê? – perguntou Esta, endireitando-se na cadeira.

– Você precisa arrumar a mala.

– Espere aí... Você *me passou* para ele? – indagou, incrédula.

– Claro que não. Quero um par de olhos da minha confiança em cima de Darrigan o tempo todo. O que você fez no museu por Jianyu e pelo resto do bando, o que fez hoje por Viola... Você é uma de nós agora. Acredito que pode mantê-lo na linha.

Esta sentiu uma necessidade instintiva de discutir. Não queria sair do Strega, não queria ficar na casa de Harte Darrigan. Mas resistiu. Era isso que ela queria desde o começo, não era? Dolph estava lá entregando de bandeja a situação perfeita: uma oportunidade de se aproximar do Mago. Uma oportunidade de detê-lo antes que ele arruinasse o futuro de todos. Não podia desperdiçar essa chance.

– O que você precisa dele?

– Darrigan nem sempre foi o mago refinado que é hoje. Houve um tempo em que não era diferente de qualquer menino da Bowery. Mas conseguiu construir uma nova vida. E, com essa vida, vieram amigos muito poderosos.

– Ele conhece gente da Ordem?

Dolph afirmou com a cabeça.

– Especificamente, ele se tornou amigo de um camarada chamado Jack, que, por acaso, é sobrinho de J. P. Morgan. Não preciso explicar o quanto isso é importante, ainda mais depois do que aconteceu com a Tilly. Preciso obter informações, e Darrigan é nossa melhor chance de consegui-las. Os contatos dele são nossa melhor oportunidade de colocar uma equipe dentro da Mansão Quéfren.

Esta fingiu surpresa.

– Você não está planejando roubá-los, está?

Dolph balançou a cabeça.

– É um risco ainda maior do que o Metropolitan – disse ela, fingindo estar mais preocupada do que realmente estava.

– É, sim. Mas, se fizermos tudo direito, as recompensas também serão maiores. Quero acabar com o reinado da Ordem sobre esta cidade, sobre a nossa espécie. – Dolph se inclinou e pegou um livro da estante, depois completou: – Quero que esta terra seja segura para a magia.

Então, abriu o livro: uma espécie de livro-caixa ou diário. As páginas eram preenchidas com a mesma letra forte e regular. Em seguida, pegou um pequeno envelope do meio das páginas e retirou dele um retalho de tecido gasto, que entregou para Esta.

Ela olhou com atenção as letras borradas e desbotadas.

– Isto é *sangue*.

Ele confirmou.

– Uma pessoa morreu para me transmitir essa mensagem. Uma mulher chamada Leena Rahal, a mulher a quem eu confiava minha própria vida.

– O que significa? O que está escrito? – perguntou Esta, franzindo a testa, fazendo-se de boba para Dolph continuar falando. Não precisava que ele ficasse sabendo que sabia latim também. – Algo sobre um livro?

– Você já ouviu falar do *Ars Arcana*?

Esta sacudiu a cabeça, sem tirar os olhos das letras escritas com sangue, para que Dolph não percebesse a mentira. Ele folheou as páginas do diário e, ao encontrar a que queria, lhe entregou o volume. No papel, havia uma imagem que ela prontamente reconheceu, de uma das muitas aulas com o Professor Lachlan: a Árvore do Conhecimento. Só que aquela imagem era diferente das outras que Esta já vira. Normalmente, os galhos frondosos da árvore tinham símbolos que representavam antigos mistérios, fórmulas alquímicas que tentavam explicar a inter-relação entre o céu e a terra. Naquela versão, contudo, a árvore estava em chamas, e a fonte dessas chamas era um livro. Como o arbusto que Moisés encontrou, com o peixe no centro da Mão do Filósofo, o livro não estava sendo destruído pelo fogo.

– Existem histórias transmitidas ao longo dos tempos, a respeito de um livro que guarda os segredos da antiga magia: o *Ars Arcana* ou o Livro dos Mistérios. Há quem acredite que ele contém o próprio princípio da magia. Outros creem que suas páginas relatam a história dos Mageus. Mas reza a lenda que quem detiver o livro, pode deter também o poder contido nele. É claro que, assim como o velocino de ouro ou a pedra filosofal, supostamente, o livro não passa de uma história, um mito. Mas eu acredito que o *Ars Arcana* existe, e acredito que a Ortus Aurea está com ele.

– Por causa disso? – perguntou Esta, segurando o retalho.

– Em parte. Mas, quanto mais pesquiso, mais tenho certeza. Esta imagem não é apenas um mero desenho. É uma combinação complexa de símbolos: o livro em chamas, a lua e as estrelas em volta. Você deveria reconhecê-la.

Então, Dolph apontou para o quadro pendurado acima das prateleiras, que Esta ajudara a roubar.

– Newton está segurando o mesmo livro, com os mesmos símbolos – percebeu ela, ao comparar os dois.

– O símbolo circular é chamado de Sigilo de Aemeth ou Selo da Verdade. A Ordem acredita que o mago iniciado pode usá-lo para desbloquear o poder sobre todas as criaturas abaixo do céu, e algumas acima também. O *Ars Arcana*, acredita-se, contém o único selo verdadeiro. Não me parece coincidência que J. P. Morgan, um dos membros de mais alto escalão da Ordem, fosse dono do quadro. Acho que Morgan não pôde deixar de exibir seu conhecimento. A Ordem está com o *Ars Arcana*. Tenho certeza.

– Você quer roubar o Livro – disse Esta, demonstrando empolgação.

– Poderíamos usar o conhecimento contido nele para destruir a Beira. Sem a Beira

e sem o Livro, a Ordem estaria acabada. Mais do que isso, acredito que poderíamos fazer a magia, a antiga magia, a *verdadeira* magia, correr livre de novo. *Libero libro*. O livro nos libertará.

– E Harte sabe de tudo isso?

– Ele sabe o que eu estou procurando – admitiu Dolph. – E sabe que o Livro pode derrubar a Beira.

“E é por isso que ele o pegou. Queria ficar com o Livro só para si”, entendeu Esta.

Mas, então... por que o Mago desapareceu? Por que *o Livro* desapareceu? Não fazia o menor sentido. Alguma coisa a mais devia ter acontecido, e Esta precisava ser esperta – ou mais paciente do que jamais fora – para descobrir. Caso contrário, correria o risco de estragar ainda mais o futuro.

– Por que você está me contando tudo isso agora?

– Porque preciso que você entenda a importância do que estamos fazendo. Será difícil fazer o que estou planejando. A Mansão Quéfren é uma fortaleza. Sem alguém de dentro, será impossível. Jack Grew é nossa porta de entrada, e Harte Darrigan, nossa porta para Jack Grew. Então, você vai ficar com Darrigan e garantir que ele fisque Jack.

Antes que Esta pudesse fazer mais alguma pergunta, os dois foram interrompidos por uma forte batida na porta.

– Entre – respondeu Dolph, sem parar de encarar Esta.

Nibs abriu a porta.

– Temos notícias.

– Bem, entre aqui e me conte – rosnou Dolph.

Balançou a cabeça, entrou na sala e fechou a porta com cuidado.

– O que quer que tenha acontecido na Zona Morta acabou. Sumiu.

Dolph franziu as sobrancelhas.

– Como assim, sumiu?

– O pessoal que você mandou para patrulhar a Fulton disse que a coisa simplesmente desapareceu. Estava lá e, um minuto depois, houve um clarão de energia e eles não conseguiram sentir mais nada.

– Quando foi isso?

– Há umas duas horas. Eu fui lá verificar antes de vir falar com você. Queria ter certeza. Mas acabou, acabou mesmo.

– Bem na hora em que Tilly piorou – percebeu Esta.

– Foi mesmo – concordou Dolph, com expressão dura. Em seguida, terminou de tomar seu uísque e disse: – Pegue suas coisas e vá para casa de Darrigan. Quero Grew no esquema. E quero antes que mais alguém precise morrer.

ATÉ GATINHAS TÊM GARRAS

Apartamento de Harte

Sabendo como Dolph Saunders operava, Harte meio que esperava que a garota o estivesse esperando, quando voltasse ao teatro. Na verdade, tinha até se planejado para isso. Durante a longa caminhada de volta do clube de boxe Filhos do Diabo, foi pensando em tudo o que queria dizer para ela: as regras que estabeleceria para colocá-la no seu devido lugar e para mantê-la ali. Ao ver que Esta não tinha aparecido, não pôde evitar de se sentir quase decepcionado. E, quando descobriu que ela ainda não aparecera ao final do segundo *show* da noite, ficou apenas se perguntando o que Dolph estaria aprontando e se cumpriria o trato que haviam feito.

Mesmo preparado, a última coisa que esperava encontrar quando entrou no apartamento, tarde da noite, era a moça, enrolada como um gato gigante no sofá estreito da sala de visitas. Esta dormia profundamente, com a cabeça apoiada no braço, respirando tranquila. Em um primeiro momento, Harte ficou apenas parado, olhando. Dormindo, as feições dela pareciam diferentes: mais suaves, por algum motivo.

Não que isso o enganasse, a ponto de achar que ela era inofensiva. Até gatinhas têm garras, afinal de contas. Ele tivera experiências suficientes com aquela em especial para saber que as suas garras eram mais afiadas do que as da maioria.

Ficou se perguntando há quanto tempo a moça estava ali. Parecia tão desconfortável, com o pescoço para o lado, em um ângulo estranho. Usava um vestido azul de um tom que o fazia se lembrar do céu de primavera, mas a bainha estava suja da lama das ruas de inverno. Harte se encolheu todo ao ver as botas molhadas da menina em cima do estofamento limpo de *chintz*. Se ela continuasse ali, mancharia o sofá.

Soltou um suspiro e foi até ali.

– Esta – sussurrou. – Ande, acorde. – Como parecia que ela não estava ouvindo, ele se abaixou e sacudiu de leve o braço da garota. – Eu disse para você...

Quando Harte se deu conta, Esta estava deitada de costas no tapete, olhando para o teto. Ele não fazia ideia de como ela conseguira se movimentar tão rápido, já que estava dormindo profundamente, mas a garota levou menos de um segundo para derrubá-lo no chão, usando o tornozelo, e torcer os braços dele. Os olhos estavam arregalados e furiosos, mas não completamente alertas. Até que piscou para afugentar o sono e viu Harte debaixo dela.

– Ah – disse ela, com uma expressão intensa e, ao mesmo tempo, confusa.

– Licença? – respondeu Harte, quase sem ar.

– Desculpe – murmurou Esta, com a voz ainda rouca de sono, saindo de cima dele. – Mas você não deveria me agarrar desse jeito – completou, seca, como se o fato de quase ter quebrado o pescoço de Harte fosse culpa *dele*.

– Você não deveria invadir a casa dos outros se não quer ser agarrada – retrucou Harte. Então, levantou e foi acender mais uma luz. – E eu *não* agarrei você. Estava tentando acordá-la. Suas botas estão estragando meus móveis.

Esta piscou, com o rosto todo enrugado, confuso, e olhou para os próprios pés.

– As botas estão limpas – argumentou. Mas se abaixou e começou a desabotoá-las mesmo assim. Quando as tirou, largou-as no chão e não se deu ao trabalho de cobrir os tornozelos magros.

– Como você conseguiu entrar aqui? – indagou Harte, tentando recuperar o autocontrole. Deveria estar dizendo alguma coisa para a garota naquele momento, alguma das coisas que havia pensando. – Esperava encontrar você ontem à noite no teatro, não no meu apartamento, que é muito bem trancado e bastante seguro. E não no meio da noite.

– Não é *tão* seguro assim – retrucou Esta. – E mal passa da meia--noite. Não queria ter pegado no sono – completou, segurando um bocejo.

O cabelo dela estava todo bagunçado, meio solto pela posição em que dormira, mas Harte tentou se concentrar no que realmente importava... Se ao menos conseguisse lembrar o que era...

Esta desistiu de segurar o bocejo. E esse movimento só serviu para chamar a atenção de Harte para a boca dela, o que o fez lembrar de outras coisas que não o ajudaram em nada naquele momento.

Cometera um erro. Um erro tático. Aquilo nunca iria funcionar se ele não conseguisse se concentrar tempo suficiente para recobrar o controle da situação.

– Então, vou dormir no sofá ou você vai bancar o cavalheiro e me ceder a cama? – perguntou Esta, batendo as pestanas, com ar de inocente.

– O único modo de você deitar na minha cama é eu estando em cima dela – respondeu Harte.

– Pouco provável.

– Bem, acho que você vai dormir no sofá, então. É melhor que você saiba desde já: não sou nada cavalheiro.

– Já imaginava – disse Esta, atirando uma almofada em Harte e se dirigindo para a parte dos fundos do apartamento.

– Aonde você vai?

– Preciso usar o toalete.

Só que Esta passou direto pela porta aberta do banheiro e foi para o quarto dele. E, antes que Harte se desse conta do que estava acontecendo, a garota fechou a porta do quarto e girou a tranca, deixando-o ali parado, segurando a almofada.

Levou um tempinho para ele entender o que acabara de acontecer. Mas, assim que se deu conta, atravessou a sala correndo e bateu com força na porta do quarto.

- Abra esta porta, Esta.
- Não, obrigada. Estou bem aqui.
- Estou falando sério. Vou derrubar a porta se for preciso.

Então, Harte ouviu um farfalhar vindo de dentro do quarto e se recusou a pensar muito no assunto. Não podia ser o som da anágua de Esta caindo no chão nem do seu vestido sendo desamarrado. Ele não ia se permitir imaginar aquela garota se despindo do outro lado da porta. E, se isso estivesse mesmo acontecendo, não se permitiria dar importância ao fato.

– Sinta-se à vontade. A casa é sua – respondeu Esta. E, pelo tom de voz, Harte quase pôde ouvir a garota dando de ombros.

Harte passou a mão no cabelo, exasperado.

- O que você está fazendo aí dentro?
- O que você acha que eu estou fazendo?

De repente, ele teve uma visão: Esta deitada na cama dele, com o cabelo castanho-escuro esparramado sobre o travesseiro. Mas bloqueou essa imagem com todas as forças.

– Acho que você está tentando roubar minha cama – respondeu, gemendo em pensamento ao pensar no azar que tinha.

– Acho que, a esta altura, não estou tentando – falou a garota, mais perto da porta.

A cama de Harte ficaria com o cheiro de Esta se ela dormisse ali, e então nunca mais ele conseguiria dormir direito de novo. Harte esmurrou a porta mais uma vez e ficou olhando para ela. Provavelmente, conseguiria arrombá-la.

– Quero minha cama, Esta.

A porta se entreabriu, e o rosto da garota apareceu na sua frente. Os ombros desnudos, cobertos apenas pelas tirinhas da combinação, e ela soltara os cabelos, deixando os cachos caírem.

– Pense em mim como um modo de você se melhorar como pessoa – disse ela, atirando um pequeno objeto em Harte.

Por instinto, agarrou o objeto no ar, dando a Esta exatamente o tempo que precisava para bater a porta na sua cara e passar a tranca de novo.

– Melhorar como pessoa? – perguntou ele, olhando para o objeto que a garota havia atirado. Era o relógio de bolso que perdera na exposição do Metropolitan. – O que isso quer dizer?

– Apenas o que eu disse, Darrigan. Quando eu terminar o que vim fazer, você será um verdadeiro cavalheiro.

Na manhã seguinte, quando Harte acordou, estava com o pescoço duro, por ter dormido no sofá. Levantou e passou a mão no rosto, tentando afugentar a sonolência e apagar os sonhos que tivera com certos cabelos castanhos e sedosos e certas combinações de renda que o deixaram inquieto e abalado. Ainda estava com as roupas do dia anterior, já que Esta o trancara para fora do próprio quarto. Mas, naquele momento, do outro lado do apartamento, a porta estava aberta.

Aproximou-se dela, desconfiado, e viu que a cama estava desfeita, toda bagunçada. As cobertas estavam jogadas e, no centro, o colchão estava mais fundo, marcado pela pessoa que ali dormira. Mas a garota não estava no quarto. Também não estava na cozinha minúscula do apartamento. Quando pegou uma camisa limpa, teve a esperança – breve e infundada – de que a noite anterior fora parte de um terrível pesadelo. Foi quando ouviu uma voz desafinada cantando no banheiro.

Harte bateu na porta.

– Esta?

De repente, a cantoria parou.

– Você não me disse que tinha banheira – respondeu ela.

– Também não disse que você podia usá-la – falou Harte, tentando não pensar em Esta mergulhada em sua banheira de porcelana branca.

Não que se importasse com o fato de a moça estar conspurcando seu lugar sagrado – um símbolo do quanto sua vida *de agora* era diferente da anterior. Não precisava ter na cabeça a imagem dos braços morenos de Esta, ou de qualquer outra parte daquele corpo, nu e banhado de água quente. Da *sua* água quente.

Então, ouviu um barulho de água sendo esparramada e, um segundo depois, a porta se abriu. Esta apareceu, enrolada em uma das toalhas de banho de Harte. De novo com os ombros nus, e mechas do cabelo – que ela enrolara no alto da cabeça – grudadas na pele molhada. A água ainda escorria pelo pescoço e pelas pernas, formando poças no chão de azulejo.

Por um instante, Harte não conseguiu pensar. Muito menos falar.

– Você tem uma *banheira* – repetiu ela, pronunciando a palavra como se fosse algo milagroso. O rosto estava bem limpo, rosado por causa do calor da água, e ela sorria como se Darrigan tivesse acabado de salvar sua vida. – Nunca mais vou embora.

E, então, bateu a porta na cara de Harte. *De novo*.

O Mago cerrou os punhos na lateral do corpo e, por um instante, teve de se concentrar para conseguir respirar. Não podia esquecer que, no fim das contas, tudo isso valeria a pena. Teria valido a pena quando ele fosse embora daquela cidade, como um homem livre, deixando tudo aquilo para trás.

Então, deu as costas, sem dizer uma palavra. Alcançou uma laranja da fruteira que estava em cima do balcão da cozinha, pegou o casaco e o chapéu no mancebo próximo à porta e saiu, batendo a porta. Ia para o teatro. Lá podia ter gente que engolia facas, dançava com ursos, rebolava seminua no palco... Mas, pelo menos, era uma gente que não o fazia sentir que tinha enlouquecido.

CHEIRO DE TRAIÇÃO

Bar de Paul Kelly

O tempo mais ameno trazia algo que fazia os desesperados perderem um pouco o juízo. Com a primavera, vinham mais barcos. Com os barcos, mais imigrantes esperando arrancar o próprio pedaço da fruta podre que era a cidade de Nova York. À medida que a primavera provocava, com a promessa do verão, os ânimos começavam a se exaltar. Sempre querendo provar alguma coisa, a nova leva de garotos tentava a sorte com facas ou revólveres, ensaiando se apoderar de míseros pedaços de território. Esquinas. Becos. Nada pelo qual valesse a pena morrer, mas eles morriam mesmo assim.

De bengala e mancando, era quase impossível Dolph passar despercebido pelos desavisados. Seria mais fácil usar o disfarce da noite para fazer o que precisava ser feito, mas alguns assuntos exigiam a luz dura do dia: deixando claro que ele não tinha medo de ninguém naquela cidade. Nem da Ordem da Ortus Aurea, cuja presença constante fazia aqueles da sua espécie rastejar pela sarjeta. Nem dos homens do Tammany, que conseguiram dominar a cidade com suas garras, esquecendo que tinham nascido nos cortiços. E muito menos de Paul Kelly, que estava tentando se estabelecer como um verdadeiro rival.

Kelly se vestia como um almofadinha. Se não fosse por aquele nariz quebrado e torto, evidência dos seus tempos de boxeador, provavelmente teria conseguido se misturar bem entre os frequentadores da Metropolitan Opera. Bem, ele certamente gastava muito em roupas para parecer o que não era. Mas, no fundo, Kelly – seja lá o que o sobrenome que adotou sugeria – era um proletário. As roupas finas, o estilo bem arrumado, eram apenas um disfarce, para que ele pudesse fingir que era diferente de qualquer outro imigrante recém-saído do navio, arrastando-se no estrume da cidade para tentar vencer na vida.

Quando Dolph entrou, os capangas de Kelly ficaram alertas: tatearam o casaco, à procura das armas ali escondidas, mas Kelly fez sinal para eles pararem.

– Dolph Saunders. *Quel est votre plaisir?* – perguntou, em um francês perfeito.

“Então, ele não quer que seus capangas nos compreendam”, entendeu Dolph.

– *Il est temps de rappeler vos hommes.*

“Está na hora de você chamar seus homens.”

Kelly entortou a boca larga.

– Não sei se posso. Meus meninos estão se divertindo – disse, fazendo sinal com a cabeça para John Torrio, sentado numa mesa do outro lado da sala.

– Eles foram longe demais causando aquele incêndio – berrou Dolph. – Seis

peessoas morreram, quatro delas, crianças.

Kelly deu de ombros, sem se importar.

– Você disse que queria pressionar Darrigan.

– Darrigan, sim. Mas matar inocentes não fazia parte do trato.

– Não existe ninguém inocente nesta cidade – falou Kelly.

Pegou uma cigarreira de prata do bolso e escolheu com toda calma um dos cigarros finos e perfeitamente enrolados.

“O homem tem estilo”, admitiu Dolph, sentindo-se cansado, como se tivesse muito mais do que seus 26 anos. Paul devia ser apenas uns dois anos mais novo do que Dolph, mas algo nele parecia novidade. Kelly tinha um estilo diferente, que atraía os meninos que lotavam o bar em que estavam. O que poderia ser perigoso, se ele um dia encontrasse uma plateia maior.

Dolph sentou-se de frente a Kelly, sem esperar ser convidado.

– Pode até ser, mas Darrigan já está comigo. Nosso trato está feito.

Kelly deu duas longas tragadas no cigarro e deixou a fumaça sair pelas largas narinas.

– Sabe, andei pensando... Por que raios Dolph Saunders precisaria de Harte Darrigan? E por que Harte Darrigan estaria rondando Jack Grew, ainda mais ele sendo um membro da Ordem? Imagino que essas duas coisas não sejam mera coincidência – falou. Em seguida, apertou um pouco os olhos e deu mais uma tragada. – Então, me perguntei: o que eles sabem que eu não sei?

– Não sei do que você está falando – respondeu Dolph, sem pestanejar. – Harte era meu, primeiro, só isso. Eu o queria de volta.

– Que bela história – comentou Kelly, sorrindo com o cigarro na boca. – Mas não acredito. Não é a primeira vez que você pega algo que não é seu. Falando nisso, como anda minha irmãzinha querida?

Dolph se permitiu dar um sorriso frio.

– Ela manda lembranças. Junto com uma faca e um punhado de palavrões que eu não ousa repetir na companhia de outras pessoas. Pode ofender a sensibilidade dos seus delicados rapazes.

– É bem a cara da Viola – retrucou Kelly, lançando um olhar desafiador para Dolph. – Ela vai trair você uma hora ou outra, sabe? E voltar para mim. Sou da família, e minha irmã tem consciência da importância da família. *Il sangue non é acqua.*

– Não sei bem se *ela* acha que isso é verdade.

– Vai achar – disse Paul, deixando clara a ameaça.

– Viola está sob minha proteção.

– Por enquanto – falou Kelly, como se não fosse nada demais. Então, mudou de assunto: – Tenho ouvido boatos pela cidade a respeito dessa grande farra que os rapazes da Ordem estão planejando: esse tal de Conclave, no fim do ano. Dizem que todo mundo que é alguém nesta cidade estará lá.

– Só se você for membro da Ordem – respondeu Dolph.

A expressão de Kelly não mudou.

– Então, talvez, eu me torne um membro.

Dolph soltou uma risada de surpresa, mas então se deu conta de que o rival estava falando sério.

Kelly se inclinou para a frente, com uma expressão determinada.

– Não sou igual a você, Saunders. Meu objetivo é ser alguém um dia.

– Você já é alguém – argumentou Dolph. – Controla metade das quadras ao sul da Houston atualmente. E não precisou da Ordem para conquistar isso.

– Não, não precisei. Mas não seria nada mal ter este tipo de poder do meu lado, seria?

Deu um sorriso, com uma expressão de escárnio que deixou todos os instintos de Dolph em alerta.

– É um sonho impossível, Kelly. A Ordem só aceita gente como eles. Você pode ter poder e pode até ter dinheiro suficiente, mas jamais o tipo *certo* de dinheiro para entrar no clube das pessoas de sangue azul.

Kelly deu mais uma longa tragada no cigarro e olhou para Dolph como se estivesse pesando os prós e os contras de revelar mais alguma informação. Então, apagou o pito no cinzeiro de cristal que estava em cima da mesa, ao seu lado, e amassou a bituca fina entre os dedos gordos.

– Talvez você tenha razão. Mas, como eu disse, fiquei curioso e comecei a perguntar por aí. E também comecei a ouvir. E o que eu ouvi dizer é que você quer um livro que a Ordem possui.

De repente, Dolph se sentiu paralisado. “Alguém abriu o bico.” Alguém em quem ele confiava tinha falado demais, tinha revelado demais. Havia uma maçã podre na sua organização, talvez até um dedo-duro.

– Então, pensei: eu e Dolph Saunders somos dois homens inteligentes, estudados, eruditos e tudo o mais. Mas não pode haver um livro que valha o risco de provocar a ira dos preciosos rapazes do prefeito. A menos que seja um livro poderoso.

– Se esses boatos forem verdade, eu bem que merecia um castigo por ser tão burro – disse Dolph, esparramando-se na cadeira e fazendo questão de demonstrar que tinha achado graça.

Kelly sorriu, como se conseguisse enxergar através de Dolph.

– Fazer-se de burro não combina com você, Rudolpho.

Dolph continuou em silêncio. Não se permitiu qualquer mudança na expressão.

– Não sei do que você está falando.

– Então, é assim que vai ser? – perguntou Kelly, dando de ombros e acendendo outro cigarro. – Tudo bem. Isto aqui não é nenhum encontro de damas. Você quer que eu peça para os meus rapazes saírem do encalço de Darrigan. Vou precisar que me faça mais uma coisinha, algo que Darrigan não pode fazer. E você sabe, tão bem quanto eu, que ele pode fazer muita coisa. E esse tal livro... ao que parece, *ele*

também pode fazer muita coisa. Talvez até mais do que você.

– Trato é trato, Kelly – disse Dolph, levantando para ir embora. – Já lhe dei a informação de que você precisava sobre o prefeito, e Darrigan está se comportando.

Paul Kelly deu risada. A fumaça do cigarro saía pelo seu nariz, fazendo-o parecer com uma besta demoníaca.

– Não sou seu cachorrinho, Saunders. Não vou me fingir de morto. Até onde eu sei, Darrigan ainda é meu. Se você o quer para sempre, vai ter que pagar o preço.

Enquanto Kelly pronunciava aquelas palavras, Dolph já estava planejando como iria lidar com aquela nova situação. Apertou ainda mais a bengala.

– Diga o seu preço.

– Quero o Strega.

Dolph deu risada.

– A gente se encontra no inferno antes disso.

– É você que está dizendo, não eu – retrucou Kelly, sem pensar duas vezes.

– Você vai se arrepender de ter me me ludibriado – respondeu Dolph, levantando.

Paul Kelly deu um sorriso que mostrou todos os dentes.

– Duvido muito, Saunders. Duvido *muito*, muito mesmo.

Dolph não disse nada e deu as costas. Se fosse sincero consigo mesmo, teria admitido que o cheiro de traição estava ficando mais forte havia semanas. Aquela energia perturbadora de mentira sendo dita, aquela empolgação inebriante que assinalava um jogo de dados marcados.

Mas Dolph não fora sincero nem no dia em que nasceu, e, com certeza, não havia melhorado nem um pouco. Muito menos depois de ter perdido tanta coisa. E menos ainda quando tudo dependia de manter as perdas em segredo.

A TENTAÇÃO ASSUME MUITAS FORMAS

Teatro Wallack

A garrafa de Nitewein ainda estava em cima da penteadeira de Harte. Ele podia jurar que o líquido chamava por ele desde que a garota fixara residência no seu pequeno apartamento.

Já era bem ruim ela ter estragado sua vida tranquila e bem organizada só com sua presença. A cantoria desafinada, que atravessava a porta do banheiro enquanto ela mergulhava na banheira de porcelana; as meias de seda esticadas em cima dos móveis da sala de visitas; o aroma do sabonete floral que ela usava e que em nada combinava com a postura pragmática em relação a tudo – mas que combinava com ela mesmo assim. O perfume permeava o ar do apartamento, e ele tinha a impressão de que aquele cheiro continuaria no ambiente mesmo depois que Esta fosse embora.

E ela *iria* embora. Assim que o serviço terminasse, ela iria embora. Como todo mundo. Como o próprio Harte, que iria embora assim que pudesse.

“Bem, já vai tarde.”

Queria que ela fosse embora.

Queria sua vida de volta.

Queria uma saída para aquela confusão na qual se metera. Pegou a garrafa de Nitewein e a rolou entre as mãos.

Evelyn apareceu diante da porta do camarim, que estava aberta.

– Você está horrível – disse ela.

– Obrigado.

A colega não estava errada. Harte tinha olheiras profundas por causa da falta de sono. Mas como conseguiria dormir, naquele sofá duro, onde mal cabia, ainda mais sabendo que ela estava a menos de três metros de distância? Talvez estivesse mesmo havia tempo demais sem se envolver com uma mulher. Só podia ser isso.

Harte olhou para Evelyn.

A dançarina pareceu ler os pensamentos.

– Que foi? – falou ela, com um sorriso malicioso.

– Nada – respondeu Harte, ignorando a ideia. Seria um erro pior do que beber uma taça de Nitewein.

Mas Evelyn devia mesmo ter lido seus pensamentos, porque já estava atravessando o camarim. Ele sentiu a carícia da magia dela. Deveria tê-la impedido – “deveria *mesmo*” –, mas o calor que roçava no seu corpo acalmou algo dentro dele. Aquele seu lado que ficara inquieto, andando para lá e para cá, na primeira vez que a garota abriu a porta do banheiro usando nada além de uma toalha. “Uma toalha, pelo

amor de Deus.” Até parece que qualquer homem em sã consciência teria resistido.

Harte *resistiu*, sim. Precisou dar uma bela caminhada e tomar duas doses fortes e sem gelo, antes de fazer a apresentação naquele dia, e não voltou para o apartamento antes de ter certeza de que Esta estava dormindo. E também tinha resistido a Evelyn, porque nada de bom poderia resultar se contrariasse uma sereia.

– Você precisa de alguma coisa? – perguntou ele, olhando para seu reflexo no espelho. Então, pegou o pote de *kajal*, o pincel fininho e começou a passar o produto debaixo dos olhos. Mas as mãos estavam trêmulas, e ele se borrou. Solto, então, um palavrão entredentes.

– Deixe comigo – disse Evelyn, tirando o pincel das mãos de Harte. Em seguida, sentou-se no colo dele, e antes que pudesse impedi-la, ela já limpava o borrão com a ponta dos dedos. A cada batidinha suave, faíscas de calor relaxavam o corpo de Harte.

Assim, tão de perto, o Mago se deu conta de que os olhos da dançarina eram do mais incrível tom de azul. Como mar aberto. Como liberdade e suas múltiplas possibilidades.

Evelyn esboçou um sorriso, pegou o pincel e aplicou o *kajal* com cuidado nos olhos de Harte. À medida que ela o maquiava, o Mago foi se sentindo relaxado como havia dias não se sentia. Como havia *semanas* não se sentia. O peso leve da mulher sobre o colo parecia uma âncora em um porto tomado pela tempestade.

Quando Evelyn terminou de maquiá-lo, deu uma última esfumada no olho esquerdo, e ele não conseguiria se controlar mesmo se quisesse. Um segundo depois, as duas bocas se enroscaram. “Ela tem gosto de vinho”, pensou Harte, vagamente, ao puxá-la mais para perto, desesperado por mais contato. Cada vez mais, à medida que as bocas se espremiavam em um ataque de calor e fúria impaciente.

Parecia que Harte estava se afogando, e que Evelyn era o ar. Ele queria mais, mais dela. Sequer ouviu a porta se abrir. O fato de alguém entrar no camarim mal chegou à superfície da sua consciência.

– Bem, que linda cena – disse uma voz muito distante, mas Harte a ignorou e beijou Evelyn com mais sofreguidão.

Foi só quando a dançarina foi arrancada do seu colo, com Harte sentado, ofegante, que compreendeu que era Esta quem havia entrado. Segurava Evelyn pelos cabelos e a arrastava para fora do camarim. O Mago, no entanto, só conseguiu ficar sentado, observando, mudo.

– Rameira – disse a garota, empurrando Evelyn para fora do camarim. – Chegue perto dele de novo e será a última vez.

– Você, por acaso, vai trazer uma tropa para me impedir? – debochou Evelyn.

– Vou deixar isso aos cuidados de Dolph Saunders.

– Dolph Saunders? – De repente, Evelyn parecia preocupada.

– Vejo que já nos entendemos – respondeu Esta, carregando no sotaque falso.

– Entendi muito bem – retrucou Evelyn. – Você vai se arrepender.

Esta não se deu ao trabalho de responder, apenas bateu a porta na cara da dançarina. Em seguida, virou-se para Harte, com fogo nos olhos dourados.

– Seu rosto está sujo – disse, pegando o copo d’água que havia em cima da penteadeira, e, sem mais aviso, jogando na cara dele.

Harte balbuciou, surpreso.

– Quê?

– Ah, nem se dê ao trabalho... Você tem sorte de eu ter chegado na hora – disse, cruzando os braços. – Não acredito que caiu na conversa dessa mulher.

– Não lhe devo satisfações – disparou ele, sentindo-se mais incomodado do que bravo. Mas, por dentro, Harte era uma bola de pânico e fúria.

“Que diabos acabou de acontecer?”

– Depois dessa ceninha, talvez você devesse. Bem sei que não consegue se cuidar sozinho – retrucou Esta, sacudindo a cabeça. – Tem tanta magia no ar que daria para sufocar alguém.

– Magia? – perguntou Harte, espantado. Sua cabeça ainda não tinha entendido muito bem o que estava acontecendo... o que *tinha* acontecido.

Esta ficou olhando para ele como se esperasse que o Mago somasse dois mais dois.

E foi quando Harte sentiu: a afinidade de Evelyn ainda serpenteava pelo recinto, como fumaça de ópio, enrolando-se nele. Ainda o chamava. “Merda.” Justo quando mais precisava manter a cabeça no lugar, estava metendo os pés pela cabeça.

Virou-se para o espelho e viu o desastre que estava seu rosto: linhas pretas escorriam debaixo dos olhos, por causa da água, e a boca estava borrada de vermelho, como um dos palhaços do famoso circo Barnum & Bailey. Não era para menos que Esta parecia querer matá-lo. O próprio Harte quis se matar quando percebeu quão burro havia sido ao permitir que Evelyn o tocasse.

– De nada – disse Esta.

– O que, aliás, você está fazendo aqui? – perguntou Harte, descontando a frustração na moça.

– Você anda me evitando – respondeu ela, com a testa enrugada. – Nem voltou para casa ontem à noite.

– Você já estava dormindo – explicou Harte, tentando limpar a boca vermelha.

– E não estava em casa hoje de manhã – insistiu ela.

– Saí cedo.

– Como eu disse, você anda me evitando. Prometeu para Dolph que ajudaria a convencer Jack. Fez um trato.

Mas o Mago já tinha aturado mulher o suficiente naquele dia.

– Ele que vá se danar.

– Você não entende, não é? – disparou Esta. – Tem gente desaparecendo. Tilly *morreu* – contou, com a voz falhando ao revelar a última informação.

– Morreu? – Harte não fazia ideia. – Eu sabia que ela estava mal, mas...

– Ela se foi.

Esta afundou os ombros, e pareceu que todo aquele seu fogo tinha se apagado.

– Quando?

– Há uns dois dias. Antes de Dolph me mandar para a sua casa.

– Sinto muito – ele disse, baixinho.

– Sente mesmo? – perguntou a moça, com um tom sério, frio.

Harte ficou sem resposta, e ela continuou:

– Isso que estamos fazendo vai além de Dolph, vai além de nós dois. Não importa o que você pensa de mim nem se está bravo porque eu estou grudada em você. Para mim, isso também não é nenhuma diversão, sabia? Mas precisa pôr a cabeça no lugar e superar. Precisamos pôr as mãos na massa antes que você perca Jack Grew por completo. – Então, falou em um tom mais manso: – Ou antes que mais alguém morra.

As palavras de Esta atingiram Harte como uma bofetada, mas ele ignorou a pontada de culpa que sentiu quando viu a tristeza nos olhos dela. A moça não era nenhuma inocente, por mais que fingisse ser. Estava lá porque Dolph Saunders o tinha encurralado, mas Harte tinha certeza de que esse não era o único motivo.

– Belo discurso. Mas me diga uma coisa, Esta: por que você realmente está aqui?

De repente, os olhos da moça ficaram com uma expressão de desconfiança.

– Não sei do que você está falando. Dolph me mandou para ficar de olho em você. Que mais eu teria para fazer aqui?

– Eu é que pergunto. Quem é o velho? – perguntou, dando um passo na direção dela.

– Quê? – disse Esta, ficando sem cor. – Não sei do que você está falando.

A menina se virou para ir embora, mas o Mago segurou o pulso dela.

Ele lembrou das imagens que vira da última vez que a beijara no camarim.

– Sei do velho de muleta, naquela sala repleta de livros.

– E como você pode saber disso? – sussurrou a garota, sem ser dar ao trabalho de desmentir. Os olhos dourados se arregalaram de incredulidade.

– Sei que você não está aqui *apenas* por causa de Dolph – insistiu Harte, ignorando a pergunta de Esta. – Você está aqui por si mesma, porque o velho a mandou para encontrar o Mago.

– Por favor – disse ela, tentando se soltar. – Você está me machucando.

Foi então que Harte percebeu o quanto estava apertando o pulso dela, e o soltou imediatamente.

– Desculpe – disse, abalado ao ver a marca vermelha que deixara na pele delicada. Afastou-se dela, que esfregou o pulso, odiando a si mesmo por ter perdido a calma com tanta facilidade. Por ter se tornado filho do pai com tanta facilidade.

Quando se virou, Esta tinha os olhos fixos nele, maquinando.

– Você leu meus pensamentos – falou, chegando mais perto, acabando com a distância que Harte impusera entre os dois. – É isso o que você faz? Entra na cabeça

das pessoas e viola seus pensamentos mais íntimos? Você tem ideia do quanto isso é *errado*?

Harte ignorou a conhecida onda de vergonha.

– Você me encurralou no meu camarim e mentiu para Evelyn a respeito de quem é. Então, sim... Dei uma olhada. Precisava me proteger. Precisava saber com certeza qual era o seu joguinho.

– Quando você me beijou... – entendeu Esta, encostando os dedos nos lábios – ... já devia saber a resposta.

Em seguida, ergueu o queixo, com os olhos cheios de aversão. E, a menos que Harte estivesse enganado, de medo.

– Não é bem assim que funciona – disparou ele, odiando as próprias limitações. E odiando o que havia feito... o que *era*. Tinha deixado Esta com medo... assim como fizera com a mãe.

A garota abafou o riso.

– Você realmente espera que eu acredite nisso? – perguntou ela. Mas a voz dela tremia, contrariando a encenação de autoconfiança.

– É verdade. Só consigo ter essas visões se me concentrar muito. Caso você não se lembre, eu estava um pouco distraído demais para conseguir me concentrar – explicou, enfiando as mãos nos bolsos. – Vi o velho, a biblioteca, e o ouvi dizer “Encontre o Mago”. É isso. É tudo o que eu sei. – Harte não desviou o olhar, não ia se esquivar daquilo. – Quem *é* ele, Esta? Preciso saber por que você veio me procurar. Preciso saber por que *realmente* está aqui.

A moça apertou os lábios. Por um instante, Harte pensou que ela continuaria mentindo. Por fim, Esta falou:

– É meu pai. – Os olhos firmes, apesar de a voz tremer. – Quer dizer, é o mais próximo que eu já tive de um pai. Ele me criou. Me ensinou a arrombar portas, fechaduras e a bater carteiras. Ele me ensinou a ser quem eu sou.

Harte ficou examinando o rosto de Esta, procurando sinais de mentira, mas só encontrou uma dor aguda que ele conhecia muito bem.

– E onde ele está agora?

– Morreu – respondeu ela com a voz abafada. – Foi-se.

Mesmo afetado pela nuvem de magia que Evelyn deixara, Harte se sentiu um verdadeiro canalha.

– Desculpe, eu não fazia ideia.

– É, bem... – falou Esta, apertando os lábios. – Você tem uma afinidade e tanto, não é mesmo?

Harte ignorou o insulto.

– Se ele está morto, por que você veio procurar o Mago mesmo assim?

Esta lambeu os lábios.

– Porque ele me pediu. Ele tinha visões. Tinha uma afinidade que lhe permitia saber coisas que estavam para acontecer.

– E por que você precisava me encontrar?

Esta respirou fundo, ainda em dúvida, mas acabou olhando Harte nos olhos.

– Ele disse que você ia sumir com o Livro que Dolph está procurando. Se você fizer isso, o Livro jamais será recuperado. Você destruirá *todas* as chances que teremos de derrotar a Ordem.

– E você acreditou? – perguntou Harte, com frieza repentina.

– Ele nunca me levou na direção errada.

Pelo menos essa parte pareceu ser verdade.

– Só para constar, destruir o Livro não está nos meus planos.

– Só para constar, não vou permitir que você faça isso.

Então, Esta sacudiu a cabeça e saiu do camarim.

O lugar ficou estranhamente frio quando ela foi embora. Parecia que tinha levado algo vital consigo. Harte olhou para o seu reflexo de novo, para os borrões debaixo dos olhos, a mancha vermelha que fazia os lábios parecerem estar sangrando.

Até onde Evelyn seria capaz de chegar se Esta não os tivesse interrompido? Harte devia um favor a ela, mesmo que a moça só tivesse feito aquilo porque Dolph precisava dele. Mas ele não sabia como poderia retribuir senão com traição.

O CAIXÃO DE VIDRO

Harte continuava evitando Esta. Sempre chegava tarde em casa, bem depois de ela ter pegado no sono, e saía de manhã antes de a moça acordar. Depois de ela ter contado tudo, talvez fosse mais seguro assim. A menina tinha sido encurralada e agido por instinto. Pena que seus instintos costumavam metê-la em confusão.

“Como o que aconteceu com o Logan.”

A cada dia que passava, o recorte de jornal continuava impassível, insistindo em dizer que Dolph Saunders morreria.

“Já chega.” Ela tinha um serviço a fazer: precisava daquele Livro e da Chave de Ishtar. E Dolph tinha certeza de que não podiam fazer nada sem Harte, ou seja: Esta precisava do Mago também. Ele não podia evitá-la para sempre.

Depois do café da manhã, ela saiu e foi ao teatro para confrontá-lo, mas não foi Harte que encontrou quando chegou. A primeira pessoa com quem deparou foi a harpia ruiva.

– Você voltou – falou Evelyn, como quem diz “Vá embora”.

– É claro. Vou passar muito tempo por aqui daqui para a frente – respondeu Esta, com o sotaque falso, encaminhando-se para o camarim de Harte.

– Ele não está aqui – falou a mulher, em tom de deboche. – Está lá embaixo.

Endireitando a postura, Esta deu um sorriso frio para Evelyn, virou as costas e atravessou o labirinto de corredores das coxias e desceu a escada até uma sala cheirando a mofo, embaixo do teatro. Achou ter ouvido barulho de água e se perguntou se o teatro não fora construído em cima de um dos rios escondidos da cidade. Logo à frente, havia uma luz acesa, e Esta foi andando nessa direção. Então, ouviu uma voz conhecida soltando um rosário de palavras.

– Harte? – chamou, tentando se movimentar na área de armazenagem abarrotada, até encontrar o local onde ele trabalhava.

O Mago havia desaparecido como em um passe de mágica: o rapaz diante dos seus olhos poderia facilmente ser qualquer trabalhador operário, qualquer proletário de Nova York. Usava calças marrons surradas, presas apenas por suspensórios. Ficavam largas nos quadris estreitos, e ombros e braços estavam à mostra por baixo da camisa sem mangas, empapada de suor. Parecia mais à vontade e humano do que da última vez que Esta o vira.

Então, levantou o visor da máscara de proteção e acabou com a ilusão.

– Entre – disse ele, apontando para a mesa onde havia um estranho tanque em formato de caixão, no qual ele estava trabalhando. Os olhos dele tinham certa expressão de loucura.

Esta deu um passo para trás.

– Estou falando sério. Entre. Preciso ver se você cabe aqui dentro.
– Por quê? – perguntou a menina, desconfiada. – Está procurando maneiras novas e inventivas de se livrar do meu corpo?

– Cheguei a pensar nisso uma ou duas vezes – respondeu Harte, seco.

Esta deu uma risada abafada.

– Que gentileza a sua providenciar um caixão de vidro. Madeira é tão *démodé*.

Harte olhou feio para ela, coçando o queixo.

– Não é um caixão. É um... Espere. Talvez você tenha razão.

– Eu costumo ter.

Por mais que os olhos de Harte tivessem uma expressão dura, Esta sentiu que ele estava empolgado demais para ficar bravo de verdade.

– *Poderíamos* dizer que é um número que desafia a morte. O Caixão de Vidro é um bom nome, você não acha?

Esta ficou olhando para ele.

– Como assim, *poderíamos*?

– Eu e você. Já que não posso me livrar da sua presença, vou me aproveitar da situação.

– Achei que você tinha resolvido me evitar – disse Esta, cruzando os braços.

– Você não disse que precisamos pôr as mãos na massa? – retrucou, ele franzindo a testa. – Comecei a fazer os preparativos.

Ela espremeu os olhos, desconfiada daquela expressão de empolgação.

– Preparativos para quê?

– Vamos aplicar a herdeira perdida em Jack.

– E por acaso eu deveria saber o que isso significa?

Harte fez careta.

– É um golpe. Se der certo, Jack acreditará que temos algo que vale qualquer coisa para conseguir. *Você* vai ser a herdeira perdida.

– Herdeira *do quê*, precisamente? – perguntou Esta, chegando mais perto para passar os dedos enluvados no vidro liso.

– Você, querida, por acaso, é a filha ilegítima há muito tempo perdida do barão von Filosik. Que, de acordo com os boatos, descobriu o segredo da transmutação dos elementos básicos, antes da morte prematura.

– E esse barão realmente existiu?

– Claro que sim. – Harte ficou em silêncio por um instante, depois completou: – Isso tudo não fazia parte do plano de Dolph? Achei que foi por isso que você se apresentou com esse nome para Evelyn.

Esta tirou os olhos da caixa de vidro, tentando disfarçar a surpresa. Afinal de contas, o que ela dissera aquele dia no camarim saíra de improviso. Dera o nome real, não um inventado por Dolph. Mas Harte não precisava saber.

– É claro que fazia parte do plano – respondeu, tentando continuar no controle da situação. – Quem foi o barão von Filosik? O que ele fez?

- Dolph não explicou para você?
 - Ele só me disse o nome – mentiu Esta.
- Harte lhe lançou um olhar sugestivo.
- É, isso é bem coisa dele.

Esta relaxou um pouco quando percebeu que o Mago engolira a história, mas não conseguiu deixar de se perguntar se o Professor, quando escolheu esse nome depois de encontrá-la no parque, sabia que um dia seria útil.

– E? – insistiu Esta. – Para esse golpe funcionar, preciso conhecer meu próprio pai fictício.

– Você vai conhecê-lo, mas, por enquanto, tudo o que precisa saber é que a transmutação dos elementos é praticamente o Santo Graal para a maioria dos alquimistas. O estimado barão morreu em um incêndio há alguns anos, junto com todos os seus segredos. Ou, pelo menos, era isso que as pessoas achavam. – Harte remexeu as sobrancelhas e completou: – Mas, agora, a filha secreta dele voltou para dar continuidade ao trabalho do pai. E vive solitária e com medo. Bem que poderia ter um protetor.

Esta revirou os olhos.

– Eu é que vou ser essa *filha*? – perguntou, cética.

– Se eu acho que você consegue? Sim – garantiu Harte. – Para Jack Grew, você acabou de chegar na cidade, precisando da ajuda de um velho amigo: que sou eu. Só precisamos fazê-lo acreditar que seria melhor *ele* ser a pessoa com quem você pode contar. Afinal de contas, seria muito grata a essa pessoa, não seria? Poderia até estar disposta a dividir os segredos do seu pai.

– Então, vamos fazer Jack acreditar que tenho os falsos arquivos secretos do meu pai?

– E vamos fazê-lo acreditar que você está tão vulnerável que abriria mão de seus segredos em troca do *incentivo* certo. No caso, a entrada na Mansão Quéfren.

– Você acha mesmo que isso vai funcionar?

– É tudo o que temos.

– O que é uma garantia *tão* incontestável...

– Olha, já faz meses que Jack tem mostrado interesse nos meus números. Mas ele é como o resto dos ricos: acredita que o *status* e o dinheiro de sua família nos torna fundamentalmente diferentes. E é aí que vamos pegá-lo: ele não será capaz de aceitar que você prefere ficar comigo do que com ele.

– Ele vai me salvar de você – entendeu Esta, admirando a simplicidade do golpe, que se valeria da própria ganância de Jack e da estreiteza de pensamento dele.

– É mais ou menos essa a ideia. Ele vai precisar provar seu valor a você de alguma maneira, e é aí que vamos pegá-lo.

– Mas o que essa armadilha mortal tem a ver com o fato de eu ser filha de um barão falecido?

– Você precisa se sustentar de alguma maneira – respondeu Harte, dando um

sorriso sarcástico. – Por isso, está me ajudando com as minhas apresentações.

– Não sei... – hesitou Esta, olhando para a caixa. – Isso não me parece necessário.

– É tudo parte do golpe – explicou ele. Passou a mão na caixa de vidro e completou: – Aquele seu truque de desaparecer causou um grande furor. Vamos nos aproveitar dele para fazer Jack acreditar que você tem segredos que poderiam ajudá-lo nos experimentos que ele anda fazendo.

– Que tipo de experimentos?

– Não faço ideia – admitiu Harte. – Ainda não consegui fazer que me contasse. Como eu disse, Jack ainda não confia completamente em mim. Ele tem me usado para conseguir informações, mas sempre mantém certa distância. – Harte olhou para a escada, como se quisesse garantir que não havia mais ninguém ouvindo. – Então, como você fez aquilo? – sussurrou. – Desaparecer daquele jeito. Preciso saber com o quê estou lidando.

– Posso lhe contar de bom grado. Assim que você me contar quais são os seus verdadeiros planos para o Livro. Porque não acredito, nem por um segundo, que você realmente pretende entregá-lo para Dolph.

Harte se afastou, com um olhar de desconfiança.

– Ou então podemos dar outro jeito.

Esta deu de ombros.

– Já que você insiste...

Os dois ficaram se olhando por um instante, porque nenhum queria ser o primeiro a ceder. A revelar mais informações. Para alívio de Esta, a empolgação de Harte para lhe mostrar a caixa acabou vencendo.

– OK... Venha dar uma olhada no que eu fiz. Quero que veja como funciona. – Harte fechou a tampa articulada e em seguida a abriu, para mostrar como o mecanismo era perfeito. Quando apertou uma alavanca escondida na ponta da caixa, a tampa de vidro escorregou em silêncio para fora da moldura, como se fosse um vidro de carro sendo aberto. – Já faz um tempo que estou trabalhando nisso, mas finalmente consegui resolver.

Em seguida, o Mago deu um sorriso de orelha a orelha.

Esta sentiu seu estômago revirar de modo inesperado – e, definitivamente, indesejado.

Quando Harte sorria daquele jeito, dando um sorriso de verdade ao invés daquele falso e presunçoso que dava no palco, parecia quase infantil. Quase parecia alguém que ela gostaria de conhecer melhor... Como se ela não fosse quem era, e ele não fosse ele. Como se ele não tivesse acabado de admitir que tinha seus próprios planos.

Mas eles *eram* quem eram, e ela não podia esquecer que *ele* era a pessoa que devia deter. Se Harte traísse o bando, significaria mais do que a perda do Livro. Também poderia significar a morte de Dolph Saunders. O que aconteceria com seu bando – com todas as pessoas que dependiam dele – se Dolph morresse? Que chances teriam contra a perversidade daquela cidade e da Ordem, que a controlava,

sem Dolph para guiá-los e protegê-los?

– Foi você que fez? – perguntou, dando a volta, para a caixa de vidro ficar entre os dois.

– Foi. Faz tempo que tenho desenvolvido essa ideia. Eu mesmo ia fazer o número, mas com seu... seja lá o que você faz, acho que vai ser melhor. – Em seguida, colocou o vidro de volta no lugar e fechou a tampa. – A maioria cria esse efeito atrás de uma tela ou com uma caixa, sem que ninguém consiga ver o que a garota está fazendo. Mas, com você, podemos fazer algo novo – explicou, passando a mão no caixão de vidro. – A garota, ou seja, você, vai desaparecer diante dos olhos da plateia. Sem espelhos nem telas, sem capas nem esconder nada. *Puf*. Você vai sumir. Desde que, é claro, você consiga.

– Eu consigo. Mas você não acha que é meio arriscado me fazer desaparecer desse jeito? Vai levantar suspeitas sobre como fiz isso. Talvez sobre quem eu sou.

– Não, não vai – respondeu Harte, com olhos sonhadores. – Aí é que está a beleza da coisa. Ninguém vai acreditar que *realmente* desapareceu, porque ninguém espera que você tenha magia verdadeira. As pessoas acham que tudo o que faço em cima do palco é um truque, uma ilusão. Metade da plateia ficará dizendo para a outra metade que sabe como o número foi feito.

Por mais que Esta soubesse que Harte estava aprontando alguma, *aquela* versão do Mago a desarmou. O rosto sujo, e o cabelo todo arrepiado, com os cachos soltos. As roupas amarrotadas. Por mais que estivesse tentando demonstrar que aquilo não era nada demais, estava praticamente tremendo de tanta empolgação. Era algo cem vezes mais cativante do que tudo o que Esta vira Harte fazendo no palco. Parecia tão autêntico. Aquele Harte Darrigan parecia tão *verdadeiro*.

“É tudo parte da encenação”, lembrou. Até onde sabia, era só mais um golpe.

– Você vai entrar ou não?

Esta hesitou.

– Você não vai me prender aí dentro, vai?

– Não prometo nada – brincou Harte. Mas, quando Esta lhe lançou um olhar desconfiado, ele bufou, impaciente. – Você viu como o mecanismo funciona, não viu?

Ele, então, estendeu a mão, com um olhar desafiador.

Franzindo a testa, Esta segurou a mão dele e permitiu que ele a ajudasse a subir na mesa e entrar na caixa de vidro. Com as saias volumosas que estava usando, o caixão parecia apertado.

– Ótimo – disse ele, olhando para a garota. – Agora, deite-se, por favor. Preciso me certificar de que a caixa não está nem muito comprida nem muito curta.

Esta mal tinha espaço para colocar as mãos ao lado do corpo.

– Tem uma pequena alavanca perto do seu dedão do pé direito. É preciso um pouco de prática para encontrar...

A garota bateu na alavanca, e Harte teve que dar um pulo para segurar a tampa de

vidro e impedir que ela descesse depressa demais.

– O que você disse?

Harte fez careta para ela.

– E, *agora*, fechamos a tampa.

– Mas...

Antes que Esta conseguisse protestar, o Mago já estava baixando a tampa e trancando a caixa com um cadeado de bronze. A respiração de Esta começou a embaçar o vidro, que ficava a apenas alguns centímetros do seu nariz. De repente, o ar parecia muito quente, muito sufocante.

– A caixa não tem nenhum buraco – gritou Harte, com a voz abafada pelo vidro. – Você precisa se mexer rápido.

“Nenhum buraco para respirar?”

Esta queria matá-lo.

Ela bateu o fundo da caixa com o pé, mas não conseguiu acertar a alavanca.

“Isso se ele não acabar comigo primeiro.”

– Precisamos combinar uma senha – berrou Harte, apontando para a alavanca perto do pé de Esta. – Algum tipo de gesto ou sinal para...

A garota espichou o tempo à sua volta, diminuiu a velocidade dos segundos, e apertou o mecanismo. O vidro se soltou, e ela o tirou da frente do seu rosto. Então, ficou um instante respirando o ar frio e embolorado do porão, esperando os arrepios de pânico pararem de percorrer sua pele, antes de sair da caixa. Depois de se recompor, secou as mãos suadas nas saias, fechou a tampa e olhou para Harte – que estava quase petrificado, de boca aberta, com um brilho nos olhos.

“Ele adorou.”

Por mais que o Mago tivesse fingido, por mais que tivesse aprontado alguma ou que ainda fosse aprontar, Esta pôde perceber que ele não estava fingindo a empolgação diante do novo truque. “Que seja.” O fato é que ele adorava aquilo como Esta adorava a emoção de bater uma carteira bem recheada ou de ouvir o *clique* que os cilindros de um cofre faziam ao se encaixar no lugar certo.

Ela sentiu um incômodo estranho no estômago, do qual não gostou nem um pouco. Então, parou de controlar o tempo e ficou observando Harte gaguejar.

– ... avisar você... *Oh!* – exclamou, dando um sorriso surpreso. Os olhos de tempestade se acenderam, incautos e sem a consciência de que revelavam algo novo sobre o dono. – Sim! É isso mesmo! – Em seguida, o Mago pareceu se dar conta de que tinha se exposto demais. – Você precisa esperar o meu sinal, é claro – disse, voltando à sua postura arrogante de sempre. – Você não pode sair da caixa antes da hora e estragar tudo. Precisamos...

– Você me trancou em uma caixa sem ar – interrompeu Esta.

Ele franziu a testa.

– Mas é essa a ideia. Se não tiver algum perigo, o público não dá importância.

– Você. Me. Trancou. Em. Uma. Caixa. *Sem ar* – repetiu Esta, pronunciando cada

palavra entredentes.

– Acho que podemos adicionar mais algum detalhe – falou Harte, sem dar atenção ao protesto de Esta.

– Você podia ter me avisado antes de eu entrar na caixa. Você *devia* ter me avisado.

Ele passou a mão no cabelo, já bem bagunçado.

– Você conseguiu sair – disse Harte, olhando para Esta como se não entendesse por que ela estava reclamando.

– Você podia ter me matado!

– Eu não... – começou a falar o Mago. Mas, quando Esta começou a vir na direção dele, ele levantou as mãos, em uma postura defensiva. – OK, você tem razão. Desculpe. Eu devia ter avisado.

– Dolph não vai gostar nem um pouco se eu acabar morrendo.

– Você, provavelmente, tem razão quanto a isso também – respondeu. Em seguida, abaixou a cabeça e abriu o cadeado de bronze. – Mas, tirando o fato de quase ter morrido, o que você achou?

Esta deu de ombros, relutando em elogiá-lo.

– Achei OK.

– OK? – Harte deu risada. – Não, será algo *já* visto. Se isso não convencer Jack de que você tem algo que ele quer, nada convencerá. Tem que funcionar.

– E vai – falou a garota, olhando mais uma vez para o caixão de vidro. – Vamos fazer funcionar. Juntos.

– Acho que vamos – concordou Harte, mudando de expressão. – Um brinde à derrocada da Ordem.

Em seguida, estendeu a mão, com um ar sério. Esta pensou em todas os motivos pelos quais não deveria permitir que Harte a tocasse, mas acabou apertando a mão dele com a sua, enluvada. Ele a apertou de leve, mas o calor que sentiu percorreu o seu corpo de um modo que não tinha nada a ver com o típico rastro de energia que a magia deixava.

O clima entre os dois ficou tenso, carregado. Esta puxou a mão.

– Esta... – disse Harte, mas hesitou, como se não soubesse direito o que queria dizer.

Antes que conseguisse descobrir, ouviu uma voz vinda de perto.

– Harte? – chamou Evelyn, aparecendo sob a luz da luminária do Mago.

Já que a dançarina havia arruinado aquele momento, Harte se afastou de Esta, parecendo subitamente envergonhado. Ou culpado.

– Sim? – respondeu, secando nas calças a mão que acabara de tocar em Esta.

– Toco pediu para eu avisar que você sobe no palco em vinte minutos.

– Ele mandou você descer aqui? – perguntou Harte, retorcendo os lábios.

Evelyn pôs as mãos nos quadris e indagou:

– Algum problema?

– Não. Desculpe. Obrigado por me avisar. Subo em um minuto.

– Vejo você lá em cima – respondeu ela, com doçura. Depois lançou um olhar mortífero para Esta e voltou para o lugar de onde viera.

Esta ficou observando a dançarina ir embora, imaginando há quanto tempo Evelyn estaria escondida nas sombras. O quanto ela ouvira. Mas, se Harte ficou preocupado, não demonstrou.

– Olhe, preciso me aprontar para o *show*, mas fique aqui, sim?

Esta lhe lançou um olhar surpreso. Harte jamais a convidara para ficar no teatro e assistir à apresentação. Nem pedira para esperar por ele.

– Para podermos treinar de novo – completou Harte, puxando os suspensórios. – Acho que, assim que conseguirmos acertar o tempo, posso chamar Jack. Não devemos demorar muito para deixar tudo em ordem.

– Ah, sim – respondeu Esta, sentindo-se burra de repente. “É claro.” – Dolph quer que a gente ande logo com isso. Já demoramos muito.

– Então, você me espera?

– Sim – disse ela, fingindo um sorriso de incentivo. – Com absoluta certeza.

Depois que o Mago sumiu escada acima, Esta tirou o sorriso dos lábios e passou a mão pelo vidro liso da caixa. Era uma boa ideia, um bom efeito, tinha que admitir. *Poderia* até ser suficiente para convencer Jack Grew de que Esta tinha algo que ele queria, mas não podiam se arriscar. O truque tinha que ser mais do que bom: tinha que ser espetacular.

IMPROVISO

Harte nunca vira Esta com os nervos tão à flor da pele. Depois de ter explicado que iria aplicar o golpe da herdeira perdida em Jack, eles entraram em um ritmo constante – para não dizer confortável –, enquanto se preparavam para a apresentação de sexta-feira à noite. Todos os desafios que ele propusera – e foram muitos –, Esta devolveu na mesma moeda, com um sorriso malicioso que denunciava que estava se divertindo. Mas, ali nas coxias, com o vestido cor de maçã-verde brilhando sob as luzes do palco, parecia que a garota ia fazer um buraco nos próprios lábios de tanto que os mordida, enquanto assistia ao *show* que precedia o dele.

– Você vai se sair bem – disse ele, pousando as mãos nos ombros desnudos da moça. Harte percebeu que Esta ficou tensa, mas não se afastou, nem mesmo quando passou o dedo de leve na cicatriz rosada que ela tinha no braço. Esta não queria contar, de jeito nenhum, como a conseguira, mas aquela faixa de pele machucada chamara sua atenção e o deixava preocupado.

– Não faça isso – sussurrou ela, virando-se para olhar para Harte e fazendo careta. Os olhos cor de mel tinha uma expressão séria. E, a menos que ele estivesse enganado, amedrontada.

– Eu não ia... – respondeu o Mago. – Jamais.

Esta bufou, demonstrando que não acreditava naquelas palavras, mas não se afastou. E Harte se deu conta de que gostava da sensação da pele da menina debaixo das pontas dos seus dedos. Era suave, e fazia muito tempo que havia suavidade na sua vida. Ele tinha consciência de que não podia depender disso, porque era algo que não podia durar. Ainda mais quando havia tanta coisa entre os dois. Harte precisava sair daquela cidade, e, para isso, não podia esquecer que Esta era mais um obstáculo no caminho.

Ele tirou as mãos dos ombros da moça.

– Você acha que ele está aqui? – perguntou Esta, olhando para a plateia.

– No segundo camarote à direita – respondeu Harte. – Não precisa ficar nervosa. Vai dar tudo certo.

– Não estou nervosa – retrucou Esta, inclinando a cabeça para o lado. – Apenas preparada.

– Você vai entrar quando eu der a deixa, como nós ensaiamos.

– Eu sei. Eu sei. Você me explicou uma centena de vezes. *Duas* centenas de vezes. – Mas a voz dela não tinha o tom confiante de sempre.

– Não se esqueça de... – O órgão tocou a melodia que dava início à apresentação, e era tarde demais para Harte passar mais instruções. – *Igualzinho* ao que ensaiamos.

Você vai se sair bem.

Esta balançou a cabeça, mas havia algo nos seus olhos que o deixou preocupado.

– Esta...

– O que você está esperando? – disparou Toco. – Essa era a sua deixa!

Sem poder mais esperar, Harte lançou um olhar para Esta que, esperava, a encorajasse. E subiu ao palco.

A notícia de que ele ia apresentar um novo número se espalhara, e o teatro estava quase lotado. A plateia fez um silêncio gratificante quando o Mago ficou sob a luz dos holofotes. Quando levantou os braços para saudar o público, sentiu o estrondoso aplauso tomar conta do seu corpo, acalmando seus nervos e selando sua resolução. Fez os números de sempre, e a plateia pareceu disposta a assistir, porque sabia que algo maior e melhor estava por vir.

– Senhoras e senhores... – As palavras saíram da sua boca com a mesma facilidade das orações que a mãe lhe ensinara quando menino, mas, dessa vez, havia muito mais em jogo na apresentação do que um bom *show*. – Tenho uma surpresa especial para vocês nesta noite. Uma nova demonstração e uma nova beldade para deleite dos olhos.

Então, esticou a mão, como haviam ensaiado, e Esta entrou desfilando no palco.

A menina podia ter ficado nervosa, mas não dava mais nenhum sinal disso. Movimentava-se como uma debutante da alta sociedade, como se tivesse nascido para estar em cima do palco. E talvez tivesse mesmo. Depois de observá-la nos últimos dias, Harte entendera que Esta era uma das melhores golpistas que já conhecera. Talvez até melhor do que ele.

– Permitam-me apresentar a senhorita Esta von Filosik, de Rastenburgo. Estudei com o pai dela, o mais destacado mestre na transmutação dos elementos. O barão fez grandes avanços nas ciências herméticas antes da morte prematura. E, agora, a senhorita Filosik veio para essas bandas para compartilhar os segredos do pai com todos vocês. Esta noite, ela demonstrará seu poder sobre as forças do Além, desafiando a morte... – Harte fez uma pausa dramática, para que o público ficasse ainda mais empolgado – ... no Caixão de Vidro.

Murmúrios exaltados surgiram na plateia. Enquanto o assistente trazia a caixa para o palco, Harte aproveitou para olhar de relance para o camarote de Jack, e ficou aliviado quando o viu debruçado no parapeito, observando tudo com grande interesse.

– Faça a gentileza – disse Harte, estendendo a mão para Esta, como haviam ensaiado.

Só que ela hesitou, e não segurou a mão dele, como combinado.

– Querida... – falou Darrigan, estendendo a mão mais uma vez.

– Ah, eu não sei...

Esta sacudiu a cabeça e deu um passo para trás.

O Mago estendeu a mão de novo e se obrigou a continuar sorrindo.

“Isso não pode estar acontecendo. De novo, não. Agora, não.”

– Venha, querida. Não há perigo algum.

A moça esboçou um sorriso, e Harte teve a sensação de que não ia gostar do que viria em seguida.

– Aposto que você diz isso para todas as donzelas – falou Esta, para a plateia, com o sotaque gutural fingido, atravessando o palco e ignorando a mão estendida de Harte e todos os seus planos meticulosamente traçados.

O Mago praticamente conseguia sentir a confusão da plateia, a graça que tinham achado. Ouviu pessoas cochichando enquanto esperavam para ver o que a moça faria em seguida, e se o Mago conseguiria recuperar o controle da situação.

Harte Darrigan sobrevivera ao fato de ter sido abandonado pela mãe, sobrevivera a uma infância nas ruas que ele preferia esquecer e também a um chefe que acreditava ser mais fácil matar pessoas do que conversar com elas. Construíra a vida mantendo-se calmo em situações difíceis. Mas nada disso o havia preparado para ficar sob os holofotes – os *seus* holofotes –, quando Jack Grew estava na plateia, e ele, completamente à mercê daquela garota.

Teve medo de olhar para Jack, medo de ver sua reação. O golpe todo dependia de ele acreditar que Harte era um verdadeiro adversário, de achar que devia provar alguma coisa e derrotar alguém.

“Ela pode estragar tudo.”

Harte se permitira acreditar que estava no controle da situação, mas tinha caído em um golpe, como uma vítima qualquer, enganado por um par de olhos cor de mel, lábios rosados e suave aroma de flores. Sabia que Esta devia estar aprontando alguma. Pior: permitira-se esquecer que alguém que trabalhava para Dolph Saunders só podia ser uma cobra. E tinha a clara impressão de que acabara de ser picado.

Então, o clima na plateia mudou. Os murmúrios diminuíram, como se as pessoas quisessem ver o que viria a seguir.

O Mago ainda não perdera a atenção do público. Ainda podia salvar a apresentação.

– Por favor, a senhorita poderia fazer a gentileza de entrar no caixão, para continuarmos a demonstração? – disse, estendendo a mão. – *Como planejamos* – completou, entredentes.

Esta soltou um suspiro dramático, levantando a mão na altura do peito. Um gesto – Harte não teve dúvida – intencional.

– Ah, tudo bem, *querido* – respondeu ela, dando uma piscadela para o público. – Mas *existem* modos mais simples de se livrar de mim.

Alguém na plateia deu risada.

– Meu pai sempre disse que eu ia morrer por causa de um rostinho bonito – falou Esta, fazendo drama. Então, encolheu os ombros e completou: – Odeio quando ele tem razão.

Finalmente, deu a mão para Harte e subiu os degraus para entrar na caixa de

vidro.

– O que você está fazendo? – sussurrou Harte, fazendo questão de ajudá-la a ajeitar as saias.

– Estou improvisando – respondeu ela, com um sorriso.

“Improvisando? Você vai ver o que é improvisar.”

Esta arregalou os olhos quando se deu conta do que Harte estava prestes a fazer, mas não teve tempo de detê-lo antes que ele fechasse a tampa do caixão.

Foi errado da parte dele, talvez até um pouco cruel. Harte sabia que Esta odiava ficar ali dentro. Ao longo de todos os ensaios, percebera que havia algo no fato de estar dentro daquele espaço pequeno, confinado e sem ar, que deixava a moça angustiada como nenhuma outra coisa conseguia deixar. Os dois tinham combinado tudo para que o Mago só fechasse a tampa no último segundo.

Só que isso foi antes de ela resolver não seguir o roteiro. Harte não podia se dar ao luxo de permitir que a moça “improvisasse” de novo. Por isso, fechou bem a tampa, passou o cadeado e atirou a chave para a plateia, fazendo um floreio. Esta foi bem dramática, esmurrando o vidro freneticamente para sair. Pelo menos, foi o que Harte pensou, com uma pontada de culpa: que a garota estava apenas encenando.

Em seguida, fez sinal para o assistente de palco trazer a segunda parte do truque: uma tralha que segurava um peso de ferro preso por uma corda em cima da caixa de vidro.

– Fogo. O mais volátil dos elementos – disse para a plateia, ateando fogo em um sinalizador que estava na sua mão e usando-o para acender a vela debaixo da corda. – Se eu não conseguir invocar meu controle sobre os poderes do Além, a chama consumirá essa corda, e o peso cairá, estraçalhando o caixão... e a senhorita Filosik.

As pessoas estavam na beirada das poltronas, assistindo à garota ser debater contra o vidro, observando a vela devorar a frágil corda. Esperando, com uma excitação violenta, para ver se a moça iria viver ou morrer.

Harte segurou a capa escarlate e a fez rodopiar sobre a cabeça. “Um...”

Por cima do caixão, onde a menina se debatia e esmurrava o vidro. “Dois...”

Ele fechou os olhos e fez uma oração rápida para o deus do qual há muito desistira, pedindo que não tivesse exagerado na autoconfiança. Em seguida, fez a capa rodopiar à sua frente, tapando a visão da plateia por menos de um segundo, enquanto a chama devorava o último pedaço de corda.

Bem na hora em que o peso caiu, estraçalhando o vidro.

“Três.”

UM PASSO EM FALSO

Esta esperou por um instante para se deleitar com o olhar atônito e aliviado de Harte, antes de abrir o seu mais encantador sorriso para a plateia em estado de choque.

– Acho que papai estava enganado – disse ela, e o público enlouqueceu. Levantou o braço com toda a calma, como Harte lhe ensinara, e fez uma reverência. A emoção dos aplausos estrondosos da plateia tomou conta dela, aquecendo algo no fundo de sua alma.

Naquele momento, Esta compreendeu Harte um pouco melhor.

O Mago a fitava e, pela primeira vez, ficara sem palavras. Não que Esta o condenasse. Ela não o avisara da troca de figurino que tinha orquestrado. Pagara a costureira do teatro, Cela, para criar aquela roupinha improvisada que estava vestindo, pois passara dias observando nas coxias, e toda aquela observação ensinara algo: não era apenas a surpresa e o assombro que garantiam o sucesso de um número. Mostrar um pouco de pele não fazia mal nenhum.

Evelyn e as irmãs – se é que eram realmente irmãs – tinham tanto talento quanto um trio de gatos vira-latas em um dia de calor. Mas sabiam mostrar um pouco de perna aqui e fazer uma provocação ali. E conquistavam a atenção do público todas as noites, sem exceção.

O rosto de Harte estava ficando com um tom alarmante de vermelho quando Esta fez a última reverência e saiu do palco, pela esquerda. Mal tinha saído debaixo dos holofotes quando o Mago veio furioso atrás dela. Arrancou o robe das mãos do camareiro e o enrolou em volta de Esta.

– Que diabos foi aquilo? – perguntou. – E o que é isso que você está vestindo?

– Você gosta? – provocou ela, abrindo o robe para o Mago conseguir ver melhor.

No seu próprio tempo, o figurino – uma blusa com amarração de espartilho e mangas caídas nos ombros e um *short* bufante na altura da coxa – seriam risíveis de tão recatados. A roupa era feita de uma maravilhosa seda azul-petróleo e tinha sido bordada com cristais que reluziam mesmo na fraca luz da coxia, como um campo de estrelas. Por mais que fosse ultrapassada, Esta a adorava. Não só porque tinha sido confeccionada com esmero. Mas, depois de passar semanas usando saias longas e muitas camadas de tecido, sentia-se mais leve. Mais ela mesma.

Harte abriu a boca, mas só conseguiu emitir um ruído abafado. Em seguida, fechou o robe de novo.

Esta resolveu encarar aquilo como um elogio.

Ele ainda estava balbuciando de raiva quando Evelyn apareceu e limpou a bochecha dele com o dedo.

– Tem uma coisa no seu rosto. Bem aqui.

Então, deu risada dele e foi embora.

Harte levantou a mão, ainda sem palavras, e esfregou o ponto do rosto que Evelyn havia tocado. Franziu a testa ao ver a mancha vermelha na ponta dos seus dedos. Quando se olhou no pequeno espelho pendurado na parede, ficou ainda mais vermelho.

– Você me beijou?

Esta deu de ombros.

– Achei que seria um belo toque.

Ela não havia planejado isso, mas quando espichou os segundos à sua volta, pareceu tão fácil apenas sair da caixa e tirar o vestido verde. Harte tinha passado a tarde sendo tão mandão que ela não pôde resistir a brincar um pouco com ele – a se vingar do que lhe fizera. Então, deixou a marca dos lábios vermelhos na bochecha dele, antes de parar de controlar o tempo.

Aos olhos da plateia, tudo aconteceu de uma vez só: o incrível número de escapismo, a metamorfose no novo figurino e a marca na bochecha do Mago. Para eles, Esta fora das portas da morte à vitória, em um piscar de olhos.

– Você devia ter me perguntado se podia – disse Harte, esfregando a mancha vermelha e ficando ainda mais borrado.

– Que engraçado. Pensei a mesma coisa todas as vezes que você *me* beijou. Além disso, funcionou, não?

– Se funcionou ou não, não tem importância – reclamou o Mago, virando-se para Esta com uma expressão tão furiosa que ela recuou um passo para trás.

A menina se enrolou melhor no robe e saiu em direção ao camarim de Harte. Não se deu ao trabalho de verificar se ele veio atrás dela. Nem precisou: praticamente podia sentir a respiração do Mago na sua nuca.

Quando entrou no camarim, tirou o robe. Antes que conseguisse se virar, Harte bateu a porta, confinando os dois naquele espaço apertado, a sós, longe dos olhos curiosos dos outros artistas. Esta se virou, de braços cruzados, e se encostou na penteadeira, recusando-se a ficar intimidada.

– Qual é o seu problema? O *show* foi bom. Mais do que bom: a plateia adorou.

– Este *show* é *meu* – disse ele, chegando mais perto de Esta. – *Eu* é que decido o que acontece lá no palco. Você não tem o direito de mudar nada sem a minha permissão.

Esta sabia que Harte ficaria um pouco irritado, talvez até chateado, por ela não ter falado nada, mas realmente não pôde prever que a pequena intervenção no número o deixaria tão *furioso*. O clima de parceria quase amigável dos últimos dias a fizera esquecer qual era seu devido lugar. E tinha julgado mal, esquecido como as coisas eram diferentes entre homens e mulheres naquela época. Harte até podia ser um pouco mais esclarecido do que a maioria, mas não deixava de ser um homem do seu tempo. É claro que levaria pelo lado pessoal qualquer ajuste na sua apresentação.

Esta deveria ter se dado conta disso.

Não que fosse pedir desculpas. O risco tinha valido a pena, e Harte teria que encarar os fatos. A garota ficou de costas para ele, de frente para o espelho, e começou a tirar a maquiagem.

Seu rosto apareceu no espelho, atrás dela, espreitando por cima de seus ombros.

– Achei que, depois dessa semana...

– Darrigan! – Toco abriu a porta antes que a menina pudesse terminar a frase. – Belo trabalho, fedelho. Que número fenomenal vocês dois apresentaram – disse, entrando no camarim, com um charuto entre os dentes. Deu um tapa forte nas costas de Harte que, pelo jeito, calou sua boca, e lhe entregou um pedaço de papel. – Mensagem para você – falou, dando mais um tapa no ombro do Mago. Então, saiu e fechou a porta do camarim.

– O que é?

Esta tentou espiar o bilhete enquanto Harte usava os ombros e a altura para esconder o papel dela.

– É de Jack – respondeu. – Quer jantar conosco amanhã à noite.

Esta tentou não se achar – tentou *mesmo* –, mas não pôde conter o sorriso.

– De nada – falou.

– Nem comece – vociferou ele, com uma expressão dura. – Isso não aconteceu por causa do que você fez em cima do palco. Aconteceu *apesar* do que você fez – completou, sacudindo o papel na cara de Esta. – Você poderia ter estragado tudo.

– Mas...

O sorriso da menina se esvaiu.

– Você chegou a pensar que seu pequeno improvisado poderia não ter funcionado? Nós não tínhamos ensaiado aquilo. Passei meses tentando fazer Jack acreditar que eu sou quem eu digo que sou. Tínhamos *uma* chance de Jack ver você pela primeira vez. *Uma*. Qualquer passo em falso poderia ter arruinado tudo.

– Sinto muito – disse Esta, dando-se conta, de repente, do quanto fora impulsiva. Do quanto fora descuidada.

– Você tem sorte de eu não cancelar essa coisa toda. Poderia muito bem contar tudo o que sei sobre você, sobre o Metropolitan, para Jack. Poderia lavar as minhas mãos e deixar Dolph Saunders e toda essa confusão que ele criou para trás.

– Não! – gritou Esta, segurando o braço de Harte. – Por favor, não faça isso.

– E por que eu não faria? Por que eu não deveria lavar as mãos e abandonar todos vocês?

A garota ficou vermelha de vergonha, e poderia muito bem estar na biblioteca do Professor Lachlan, ouvindo as mesmas palavras.

– Porque não é culpa deles – respondeu, baixinho. – Não os castigue pelo meu erro.

O Mago ficou olhando para ela, e Esta mal conseguia respirar enquanto esperava a resposta.

– Estamos falando da Ordem, Esta. Se eles descobrirem o que somos – se *Jack* descobrir o que sou –, isso não vai acabar nada bem. Não vou permitir que a sua falta de cuidado me derrube junto com você. Se vamos fazer isso, tenho que poder confiar que fará o que disse que ia fazer. Do contrário, para mim chega. Estou fora. Dolph e todos vocês que se explodam.

– Você não tem com que se preocupar – prometeu Esta. – Isso não vai se repetir.

Então, obrigou-se a olhá-lo nos olhos, torcendo para que o Mago não percebesse a mentira.

– Você tem certeza?

– Sim – insistiu ela, rezando para que ele acreditasse. – Você pode confiar em mim.

“Pelo menos, até o último segundo.”

UMA NOVA PARCERIA

Haymarket

Desde que a confrontara depois do *show*, Harte percebeu que Esta estava mais dócil. Não que estivesse acuada, de modo algum, mas estava mais cautelosa, como se estivesse esperando que algo acontecesse. Mas, à medida que o coche se aproximava do destino, ela parecia completamente nervosa.

– Não vou entrar aí – disse, quando se deu conta de que a carruagem havia parado.
– Você deveria ter me avisado. Eu jamais teria vindo.

– Achei que você fosse gostar da surpresa – falou Harte, confuso com a reação da moça. – Afinal de contas, foi *aqui* que nós nos conhecemos.

– Você não entende – disse ela, tentando, mais uma vez, se desvencilhar dele. – As pessoas aí dentro... – hesitou, como se procurasse a palavra certa. – Eles podem me reconhecer. Poderia estragar tudo.

Ignorando a postura tensa dela, Harte a abraçou, mantendo certa distância, e parou um segundo para olhar para ela. Esta usava o vestido que ele havia escolhido, entre os que ela comprara – ou roubara. Com Esta, nunca dava para saber. Era dourado com miçangas que refletiam a luz, não importando o modo como ela se movimentasse. Tiras de contas eram tudo o que cobria seus ombros, e o decote era dramático, realçando a suave curva do peito. Usava ainda um colar de granada em volta do pescoço. A garota parecia uma chama de carne e osso.

Esta argumentou que um traje mais discreto seria melhor. No final, acabou concordando com Harte que Jack precisava ficar impressionado com ela e pôs o vestido. Mas vê-lo dentro do apartamento era diferente de observá-lo à luz da lua. E saber que fora ele que havia escolhido, que Esta usava aquele vestido *especialmente* para ele, era outra coisa, completamente diferente. E ele não queria pensar muito em como aquilo o fazia se sentir.

– Eles não vão reconhecer você – falou, lançando um olhar ardente que tinha o objetivo tanto de provocar quanto de tranquilizá-la. Ninguém a reconheceria, não vestida desse jeito.

O elogio teve o efeito desejado, e Esta bufou, cruzando os braços.

– Sei muito bem reconhecer um galanteio, Darrigan.

Antes de responder, Harte olhou bem nos olhos da moça.

– Então, você devia saber que isso não foi um galanteio.

Esta fez a cara feia de sempre, mas os ombros relaxaram um pouco, e ela parecia mais à vontade.

Ele, então, pegou a mão dela e colocou debaixo do seu braço.

– Pronta?

– Acho que não...

– Tudo vai dar certo. É só ficar perto de mim que você se sairá bem.

Em seguida, Harte começou a levá-la em direção ao Haymarket. No entanto, quando estavam quase chegando à porta, ele parou, porque tinha se lembrado de algo.

– Se alguma coisa acontecer hoje à noite...

– Você acabou de me dizer que tudo vai dar certo.

– E vai – garantiu. – Mas, haja o que houver, nada de magia enquanto estivermos lá dentro. Os seguranças de Corey são treinados para detectá-la, e não pensarão duas vezes antes de entrar em ação se perceberem que você está usando magia. Tem sorte de ter conseguido escapar antes que eles a pegassem da última vez.

Esta parou de súbito e olhou para Harte. A boca dela estava entreaberta, e ela o observava como se o tivesse vendo pela primeira vez.

– Você estava tentando me ajudar... – disse. – Naquela noite, a primeira vez que nos vimos. Você tinha um motivo para me agarrar, não tinha?

– Não sei do que está falando.

Antes que Esta pudesse insistir no assunto, Harte a levou até a entrada do salão de baile.

Lá dentro, a banda tocava uma balada. Ele reconheceu a melodia de uma das canções que Evelyn castigava no palco todas as noites. Seguiu com Esta, desviando do amontoado de pessoas, contornando pelos cantos do andar principal do salão de baile.

– Quero uma mesa lá em cima, onde podemos ver o andar inteiro. Não quero perder quando Jack entrar.

Vestindo uma aura de charme e segurança como se fosse uma armadura, Harte foi atravessando o recinto devagar, sabendo exatamente o quanto a moça estava incomodada por estar sendo exibida e apresentada para as diversas pessoas que encontraram. Ela sorria e falava as palavras certas. Mas, toda vez que Harte parava para conversar com alguém, a postura dela ficava mais rígida, e o sorriso, mais forçado. O Mago convivera com Esta tempo suficiente para começar a perceber as sutis mudanças no humor da garota. Ela até podia fingir o tempo todo que nada a atingia. Mas, naquela noite, seus olhos a entregavam. Ela ainda estava com os nervos à flor da pele.

Por fim, Harte encontrou uma mesa vazia perto do corrimão do mezanino, com uma vista ampla do primeiro andar. Lá embaixo, o Haymarket estava repleto de cores. Mulheres de vestidos coloridos e berrantes rodopiavam pela pista de dança, e homens de rosto vermelho se apoiavam no balcão central, rindo muito alto e segurando copos de uísque. Sentada à sua frente, Esta estava quieta, observando o salão com olhos cautelosos.

Depois de alguns minutos de silêncio, ela falou, dando um susto em Harte, que

estava perdido em pensamentos.

– Você adora tudo isso, não?

– Quê?

O Mago tirou os olhos da porta e se virou para Esta.

Ela estava sentada com os cotovelos apoiados na mesa, o queixo em cima das mãos, com um olhar indagador.

– Essa atenção. O fato de tantas pessoas saberem quem você é e quererem conversar com você. Você se faz de indiferente, mas, por baixo disso tudo, parece um gato em frente a uma tigela de leite.

Ele ignorou o incômodo que sentiu ao ser tão bem interpretado por Esta.

– Não posso reclamar. Há maneiras muito piores de passar a noite.

“Como morrer de fome na sarjeta. Ou tentar permanecer limpo quando o mundo inteiro está determinado a deixá-lo imundo.”

– No que você estava pensando agora há pouco? – perguntou ela, endireitando-se na cadeira, com os olhos completamente focados em Harte. – Sua expressão estava tão... fechada.

Aquela moça era mais do que perspicaz.

– Nada – respondeu ele, fingindo ignorar a preocupação.

Ficou claro que a garota não acreditou. Ainda o fitava como se Harte fosse revelar todos os seus segredos, caso ela tivesse paciência de esperar. Mas isso não podia acontecer. Harte chamou o garçom e pediu uma garrafa de champanhe. E evitou olhar nos olhos de Esta e pensar nas expectativas dela, enquanto o garçom servia duas taças.

– À nossa nova parceria – falou, com o sorriso ensaiado e simpático, levantando a taça para fazer um brinde.

Esta só ficou olhando para aquela expressão, com os olhos sempre tão sérios, e não se deu ao trabalho de levantar a taça nem de dar um gole.

– Essa máscara que você usa é impressionante. Mesmo sabendo que ela está aí, mal consigo perceber.

Harte colocou a taça em cima da mesa, intocada, como a de Esta.

– Não sei se entendi o que você quer dizer – falou, seco. – Sou exatamente o que aparento ser.

– Isso, provavelmente, é mais verdadeiro do que você possa imaginar.

Ainda sem tocar no champanhe, Esta se virou para observar o salão no andar de baixo.

Depois de alguns minutos, Harte sentiu falta da atenção da garota, e queria que ela se virasse, nem que fosse para provocá-lo de novo. Isso, pelo menos, seria mais divertido do que aquele silêncio pesado. Mas Esta estava concentrada, observando o andar de baixo. Tamborilava os dedos de leve na base da taça de champanhe, como se estivesse esperando que alguma coisa acontecesse.

“Ou talvez esteja esperando alguém”, pensou Harte, com uma pontada súbita,

perturbadora e indesejada de ciúme.

Isso só serviu para lembrá-lo de que eles não estavam realmente ali por escolha própria. Esta não era dele nem estava ao seu lado. Os dois estavam sentados em lados opostos da mesa, jogando um contra o outro, na esperança de ganhar o mesmo prêmio. Mas Harte tinha muito mais coisa em jogo, e, se as circunstâncias o obrigassem, não permitiria que ela saísse vitoriosa.

Ele ficou de pé e estendeu a mão para Esta.

– Dance comigo – pediu, sem se permitir pensar na motivação por trás do impulso.

Esta olhou para ele, e os olhos denunciaram que ficara surpresa. Mas, à parte isso, não fez nenhum movimento para aceitar o convite.

Ali, parado, Harte se sentiu um idiota.

– Acho que nossa vítima chegou – mentiu, quando começou a temer que Esta recusasse seu convite e que ele seria obrigado a sentar, humilhado.

– Oh...

Mesmo assim, a garota não pegou na sua mão.

Harte sentiu um calor no pescoço. As pessoas da mesa ao lado deram risada de algo – provavelmente dele –, e o Mago teve que resistir ao impulso de puxar o colarinho e arrumar as abotoaduras.

– Precisamos garantir que Jack nos veja – insistiu.

– Claro – murmurou Esta. Mas não havia nenhum sinal de prazer ou empolgação nos os olhos dela quando *finalmente* segurou a mão de Harte e permitiu que ele a levasse até a pista de dança.

Harte percebeu o erro quase que imediatamente. Nunca fora um pé de valsa, normalmente preferia ficar no canto do salão ou com os homens perto do balcão. Por isso, esquecera a sensação de segurar a cintura de uma garota, de segurar a pequena mão na sua e puxá-la para perto enquanto rodopiava pelo salão. Esquecera-se de como a cabeça girava ao ouvir o ritmo hipnotizante da música, de como um mundo inteiro poderia se resumir a um par de olhos dourados.

Subitamente, sentiu-se bêbado, mesmo sem ter sequer encostado no champanhe. Desequilibrado. Tomado de assalto pela canção, pelo momento, de forma inexplicável, e, indo contra todo o seu bom senso, por *ela*.

Bastou olhar de relance para o rosto de Esta para perceber que ela não se sentia da mesma maneira. Movia-se com graça, permitindo que ele a levasse pelo salão, mas não estava realmente *com* ele. A atenção dela estava concentrada no espaço que os cercava, não naquele mundo pequeno e privado que estavam criando, com a proximidade dos braços e o ritmo dos passos. Perceber isso foi como levar um balde de água fria, e, quando a música chegava perto do fim, Harte já estava sóbrio de novo. O que foi muito conveniente, porque, quando Esta fez a última reverência, Harte viu Jack Grew por cima da cabeça de Esta.

Ao sair da pista, ofereceu o braço para acompanhá-la, e quando ela aceitou, Harte

abaixou a cabeça.

– Pronta?

Esta balançou de leve a cabeça e olhou Harte nos olhos. Ele não soube ao certo como interpretar o que viu. Determinação? Resignação? Ficava preocupado por não conseguir interpretá-la, por não saber o que a moça estava pensando. Não sem usar a afinidade, e fazer isso significaria perder a única aliada – por mais tênue que fosse essa aliança – que tinha. Mas não podiam mais esperar. Tinham um trabalho a fazer.

JOGAR A ISCA

A orquestra do Haymarket acabara de tocar uma valsa enjoativa de tão sentimental que deixou Jack com os nervos ainda mais à flor da pele. Ele estava por um fio. Tinha investido tudo o que lhe sobrara – e muito do que não era dele – para reconstruir a máquina. Os novos maquinistas trabalhavam dia e noite para reconstruir o amontoado de metal e fios. Ela estava quase pronta para uma nova tentativa. Mas essa nova tentativa seria inútil, se ele não descobrisse, antes, como impedir aquela coisa maldita de explodir.

O prazo de Jack estava acabando: o pai partiria de Londres em um navio dali a uma semana. Quando chegasse a Nova York, seus homens de negócios contariam tudo sobre as contas bancárias vazias, e Jack embarcaria com uma passagem só de ida em um trem para Cleveland ou para algum outro lugar pouco civilizado e esquecido por Deus, na natureza selvagem do Meio-Oeste. Não estaria na cidade para o Conclave, muito menos para fazer o triunfante retorno às boas graças da Ordem.

Pelo menos, o Haymarket servia um *scotch* tragável.

Levou o copo à boca, ansioso por sentir a ardência anestesiante e o gosto de fogo e fumaça, mas, quando virou copo, percebeu que estava vazio. Olhou para baixo, tentando se lembrar de quando tinha terminado de bebê-lo. Então, levantou o copo vazio para fazer sinal à garçonete, para que servisse mais um, enquanto esperava por Harte e a cortesã. Ao pensar em encontrá-los, animou-se um pouco. A demonstração que fizeram na noite anterior fora formidável. Impossível. E ele bem que podia ter o impossível ao seu lado naquele momento.

Mesmo com o burburinho do salão, ouviu alguém chamar seu nome. Levantou a cabeça e viu Harte andando na sua direção. De braço dado com ele, estava a moça da noite anterior. Alta e magra, podia ter sido uma amazona em uma vida passada. Mas, naquela, era uma verdadeira miragem que usava um vestido da cor do ouro. Se o vestido não foi o suficiente para convencê-lo de que a moça era diferente dos tipos comuns do mundo do teatro, as pedras no pescoço foram. Nenhuma corista tinha joias como aquelas.

– Obrigado pelo convite – disse Harte, aproximando-se e estendendo a mão para Jack.

– Que bom que você veio – Jack respondeu, apertando a mão de Harte.

“Que se dane se não for de bom tom vê-lo de novo”, pensou, de repente. “Tudo vai dar certo.”

Darrigan fez um discreto floreio com a mão e trouxe a garota mais para a frente.

– Permita-me apresentar a senhorita Esta von Filosik – falou, dando um sorriso

carinhoso para a moça. – Esta, este é um grande amigo meu. Um homem *muito* importante na nossa cidade, o senhor Jack Grew.

Jack não conseguiu deixar de se pavonear ao ouvir o elogio.

– Senhorita Filosik – respondeu, inclinando de leve a cabeça. Assim, tão perto, viu que a primeira impressão fora correta. O rosto não tinha um pinga sequer de maquiagem, e as roupas caíam tão bem que só podiam ter sido feitas sob medida.

– Deve me chamar de Esta – corrigiu ela, estendendo a mão. Falava com leve sotaque estrangeiro, mas não com aquele som gutural que lotava os salões da Lower Manhattan. Ao contrário, tinha o refinamento de alguém que fora bem criada e que era culta. – Qualquer amigo de Harte é meu amigo também.

– Então, hei de chamá-la de Esta.

Jack segurou a mão da moça e se abaixou, fazendo uma reverência e levantando os olhos para espiar o corpete justo do vestido e o volume suave do peito.

A garota sorriu para ele devagar, olhando por baixo das pestanas, mas então arregalou os olhos. E abriu a boca num discreto “oh”.

“Ora, ora”, pensou Jack, empolgado, ao ver que a garota o fitava como se estivesse gostando do que via...

– Chegamos um pouco cedo, estávamos dando uma volta pelo salão. Temos uma mesa reservada lá em cima – falou Harte. – Se lhe parecer razoável.

Jack soltou a mão da moça.

– Parece-me ótimo – respondeu.

– Excelente – disse a garota, dando-lhe um sorriso lento e encorajador. – Acredito que o champanhe ainda deva estar gelado.

– Você disse champanhe? – perguntou Jack, olhando para o copo vazio com a sensação de que dias muito melhores viriam. – Isso me parece tão perfeito quanto a sua aparência, querida.

Por dentro, Esta se encolheu toda com a cantada óbvia de Jack. Cem anos e os homens não entenderam que galanteios desse tipo nunca funcionam.

Enquanto Harte a acompanhava até a mesa, Esta precisou se esforçar para manter a expressão relaxada. Ainda estava perturbada pela premonição que tivera quando Jack se abaixara e olhara por cima da sua mão enluvada. Ficara incomodada com a lembrança daqueles mesmos olhos em um corredor escuro, quando o herdeiro apontou uma arma para ela e depois para Logan.

Se Harte não tivesse começado a falar, ela provavelmente ainda estaria congelada. Mas tentou recordar que não havia como ele se lembrar dela: haviam se conhecido em 1926, cerca de 24 anos depois. Ela se sairia bem. Enfrentaria aquilo sem maiores problemas.

Dez minutos depois, contudo, arrependeu-se de estar na companhia de Jack. Harte era outra pessoa perto dele: presunçoso, desprezando todo mundo, incluindo Esta. “É parte do plano”, pensou. Harte estava apenas dando uma deixa para Jack, usando a menina – a amante maltratada – como isca. Mesmo assim, era uma tortura.

Harte era ainda pior do que Logan, pensou Esta, enquanto ouvia os dois conversando em tom de galhofa. Logan tinha uma espécie de charme natural, que usava para desarmar as vítimas. Só que Harte tinha algo mais. O charme que aparentava fora cultivado e estudado com a precisão de um artista. Era impressionante o fato de a vítima não ter escolha a não ser se render a ele.

Esta conhecia isso muito bem, e quase caíra no charme do Mago, admitiu, pensando no frio na barriga que sentira quando dançara com ele. No instante em que ele a tomou nos braços, sentiu-se encurralada e protegida ao mesmo tempo, e se odiou por ter quase gostado da sensação. Odiou ter que se concentrar em alguma coisa – *qualquer coisa* – enquanto dançava, porque o Mago a olhava com uma intensidade que fez suas bochechas ficarem quentes.

Aquela tortura toda a fazia sentir coisas sobre as quais Esta não queria pensar. Impaciente. Inquieta. E, talvez a mais perigosa de todas: insegura.

“É tudo parte do joguinho de Harte”, lembrou Esta. O joguinho que ela *tinha* que vencer.

Mantendo a atenção dividida entre a conversa e o salão de baile, não pôde deixar de pensar que o canivete de Dakari bem que podia estar em algum lugar daquele prédio. Saber que era uma ladra que sequer conseguia roubar algo que lhe pertencia a deixava irritada. E também preocupada de voltar para seu próprio tempo sem aquela prova de como as coisas costumavam ser. Depois que o recorte de jornal mudara daquela maneira, quem poderia saber para que tipo de futuro Esta voltaria?

Jack já tinha quase acabado com a primeira garrafa de champanhe quando o reluzir de um cabelo acobreado chamou atenção de Esta. No andar de baixo, Bridget Malone se movimentava no canto do salão.

Esta levantou antes de se dar conta do que estava fazendo.

– *Querida?* – perguntou Harte, com um tom de advertência e carinho ao mesmo tempo.

Esta não prestou atenção na advertência, entretanto. Jack já estava comendo na mão de Harte, afinal de contas. Ela *precisava* tentar.

– Os cavalheiros podem me dar licença?

– Aonde você vai? – insistiu Darrigan, entredentes.

Ela ainda conseguia ver o cabelo cor de fogo de Bridget se movimentando no meio do público.

– Só vou retocar a maquiagem, *doçura* – disse, com um sorriso tímido. – Só vou levar um minutinho... Um de vocês pode me dizer onde é o toalete?

– Atrás do balcão – respondeu Jack, pegando a garrafa de novo. O rosto inchado e vermelho por causa do calor do lugar e da quantidade de champanhe que bebera.

Esta pôde perceber que Harte queria protestar, mas prometeu que voltaria logo, antes que ele pudesse fazê-lo, e foi andando no meio das pessoas. Começou indo na direção que Jack indicara. Mas, quando saiu do campo de visão dele, desviou por baixo da parte avançada do mezanino e foi na mesma direção de Bridget Malone.

Ao chegar ao canto do salão, descobriu que Bridget desaparecera. Não havia uma porta no corredor por onde a cafetina pudesse ter passado, mas a mulher simplesmente sumira. Esta foi tomada pela confusão e tentou encontrar uma explicação para o sumiço de Bridget.

Um instante depois, a encontrou, quando parte da parede se abriu, com um mecanismo de correr, e uma das garçonetes apareceu carregando uma bandeja cheia de copos limpos. Antes que o painel se fechasse, Esta acelerou o ritmo e entrou de fininho pela abertura, chegando ao silêncio sombrio de um corredor vazio.

No final dele, Esta só conseguia enxergar o brilho da chama que Bridget segurava na mão. Pelo cheiro de carne assada que tomava conta do ambiente, a passagem também se conectava com a cozinha. Mas Esta ficou se perguntando aonde mais levaria, e se tinha alguma conexão com os andares de baixo. A sala em que Bridget a prendera ficava mais embaixo, na adega do prédio.

A luz bruxuleou, então a mulher fez uma curva e o corredor ficou na penumbra. Raios de luz passavam através de pequenos buracos na parede, e Esta foi até um deles e espiou, encontrando uma sala de jantar privativa. Pelo jeito, a passagem tinha outras aberturas, provavelmente para que a administração pudesse ficar de olho nos fregueses sem que eles soubessem.

Esta espiou pelo próximo conjunto de buracos e viu outra sala, repleta de homens fumando charutos e falando alto devido ao álcool e a um sentimento de invencibilidade. Entre eles, estava o homem que atacara há algumas semanas,

Charlie Murphy. O nariz continuava torto, mas os machucados no rosto haviam sarado. Não que isso tivesse melhorado a aparência dele. Esta ficou observando os homens, tentando acompanhar a conversa. Estavam discutindo algum evento – uma festa de gala para celebrar o equinócio de primavera, pelo que ela pôde entender. E foi aí que ela se deu conta: todos eram membros da Ordem.

– Não duraram muito – argumentou um homem careca, batendo na mesa, fazendo as taças tremerem.

– Quase um ano – disse outro.

– No passado, duravam quase uma década. As pedras estão morrendo.

“As pedras?”

– Não estão morrendo – insistiu o careca. – Mas concordo que há algo de muito errado. Só não acredito que seja com os artefatos em si. Quem sabe um problema com o ritual?

– Quero ver você falar isso para o Conselho Supremo – respondeu Murphy, dando risada. – Acho mais provável que seja um problema com os vermes que conseguimos encontrar. Meu pai dizia que os irlandeses eram ruins, mas esses recém-chegados? São sujos, ignorantes. E não vou nem falar desses judeus e desses católicos.

– Você deve ter razão. Que poder daria para ser tirado dessa ralé? Sabe o que precisa acontecer...

Um garçom entrou carregando travessas de comida, e, pelo jeito, os homens interpretaram isso como um sinal de que deviam mudar de assunto. Dolph comentara que pessoas andavam sumindo. Esta se perguntou se esse fato tinha alguma relação com aquela conversa.

No final do corredor, todos se deram conta, e o garçom se exibiu ao trincar o assado. Na presença dele, os homens só falaram de amenidades. Esporte, ações e o maldito congestionamento, que não parava de aumentar. De qualquer assunto que não fosse magia.

Esta começou a ficar impaciente. Já havia passado muito tempo. Se quisesse recuperar o canivete de Dakari, tinha que ser já. Se pelo menos pudesse usar a afinidade... Se pudesse retardar o tempo, poderia fazer isso em um piscar de olhos. Mas não podia se arriscar. Precisava fazer uma escolha. Iria atrás do canivete ou ficaria ali para ver o que mais conseguia descobrir? Dakari ou o bando de Dolph? O próprio passado ou o novo presente? Não havia tempo para os dois.

Ela tinha uma única tarefa: roubar o Livro e voltar para casa. Nada era mais importante do que isso, nem mesmo Dakari. Mas os homens do outro lado da parede falavam que havia um problema, como se a Ordem tivesse uma fraqueza. O que era um dado que podia ajudá-los. Ajudar Dolph e o Professor Lachlan – ajudar todos os Mageus.

“Dakari vai entender.”

Esta espiou pelo buraco e continuou prestando atenção na conversa. Mas, antes

que pudesse entender do quê estavam falando, ouviu uma voz conhecida.

– O que *você* está fazendo aqui?

Bridget Malone apareceu de repente, ao seu lado, na escuridão. E não parecia nem um pouco feliz em vê-la.

UMA ARMADILHA NA ARMADILHA

Harte ficou olhando para o salão, no andar de baixo, à procura de algum sinal de Esta. Fazia muito tempo que a moça tinha saído da mesa. Será que estava com algum problema? Ou será que estava aprontando alguma?

– Conte-me, Darrigan, como você *realmente* conheceu a encantadora senhorita Filosik? – perguntou Jack, vertendo o champanhe que restava na garrafa dentro de sua taça. – Você e ela...? – completou, fazendo um movimento sugestivo com as sobancelhas.

– Somos amigos desde que éramos crianças – respondeu Harte, deixando a resposta no ar, para que Jack tirasse as próprias conclusões.

– Mesmo? – insistiu Jack, com um sorriso malicioso.

– Sim. Acredite ou não, a história que contei no palco é verdadeira. Conheci Esta durante minhas viagens ao exterior. O pai dela foi um dos meus primeiros professores. Talvez você tenha ouvido falar dele... O barão von Filosik?

O rosto de Jack se contorceu, Harte praticamente podia enxergar o cérebro entorpecido pelo álcool tentando lembrar onde ouvira aquele nome. Demorou um pouco, mas então os olhos injetados do homem se arregalaram de leve.

– Por acaso não é o barão *Franz* von Filosik?

– Ele mesmo – respondeu Harte, sem pestanejar, aliviado por Jack finalmente ter dado o primeiro passo para entrar no seu jogo.

– *Você* conheceu o barão?

Harte fingiu não perceber que Jack ficara surpreso.

– Tive a sorte de morar com o barão quando estava apenas começando a minha busca pelo conhecimento dos mistérios dos estados elementares. Ele julgou que eu tinha talento e admirava minha disposição para entender os segredos das artes ocultas. Foi ele que me sugeriu ir ao Extremo Oriente e me apresentou para as pessoas necessárias a fim de que eu terminasse os estudos. Tudo isso, antes da sua morte prematura, claro.

Jack franziu a testa, perplexo.

– Não sabia que ele tinha filhos.

– Pouca gente sabe. Franz jamais se casou com a mãe de Esta. Talvez tenha sido isso que a salvou, quando a mansão do pai ardeu em chamas. Tenho certeza de que ficou sabendo, da grande tragédia que foi. Todos os avanços do barão foram perdidos. O vasto conhecimento dele desapareceu.

– Provavelmente, nos causou um retrocesso de cinquenta anos, talvez até mais – concordou Jack.

Harte se inclinou para a frente, falando baixo.

– Só que não acredito que tudo foi destruído.

As sobranças de Jack levantaram, apesar de ele mal conseguir focar a visão. Harte pôde ver seu interesse refletido neles. Praticamente podia sentir o desejo de Jack de ser convencido, de acreditar. Não faltava muito para que ele fosse cativado por completo.

– Esta tem um baú que mantém trancado a sete chaves. Não quer me contar o que há dentro dele, nem me deixar ver o que tem lá dentro. – Então, Harte olhou para todos os lados, para garantir que parecesse que ele estava com medo de que alguém mais ouvisse. E aí falou ainda mais baixo: – Acho que podem ser alguns dos papéis do seu pai.

– Não me diga...

Harte balançou a cabeça.

– Você sabe o que o barão estava estudando quando morreu, não sabe?

Jack pareceu momentaneamente confuso.

– Ah, sim. Não era o...? – falou, hesitante. – O, humm...

Então, estalou os dedos, como se as palavras estivessem na ponta da sua língua.

– A transmutação dos elementos básicos – completou Harte.

– É claro – concordou Jack. Piscou os olhos bêbados, como alguém que acabara de acordar. – Você, por acaso, está me dizendo que ele criou a pedra filosofal?

– Dizem que o estimado barão estava *muito* perto de conseguir um grande avanço – continuou Harte, inclinando-se mais para a frente. – Nas últimas cartas que me enviou, deu a entender que tinha conseguido isolar com sucesso a quintessência...

– Éter? – sussurrou Jack, claramente empolgado, apesar dos olhos vidrados.

Harte confirmou.

– Mas ele morreu antes de conseguir responder qualquer uma das minhas questões ou me contar mais a respeito.

– De fato. Uma terrível tragédia.

– Seguramente – hesitou Harte, como se não tivesse certeza se podia compartilhar aquele segredo. – Ainda mais se, como acredita Esta, a morte não tenha sido um acidente, como pareceu.

Jack piscou.

– Ela acredita que foi proposital?

Harte chegou ainda mais perto.

– A senhorita Filosik acredita que alguém descobriu o que o barão estava fazendo, que ele estava muito perto de desvendar os segredos do poder divino. Imagine o que seria possível fazer com essas informações. Manipular os elementos da forma que bem entender.

– Sim – respondeu Jack, lambendo os lábios. – Imagine só isso... Mas quem poderia querer impedir que ele fizesse uma descoberta tão maravilhosa?

– Quando estudei com o barão, ele suspeitava que estava sendo vigiado. Confidenciou estar com medo que houvesse pessoas no vilarejo, Mageus, que não

queriam que ele tivesse sucesso. Então, tomou providências para que seu trabalho não fosse perdido, caso alguma coisa ruim acontecesse. Se o tal baú de Esta contém o que acho que contém, seria uma descoberta assaz importante, Jack.

– Você acha que podemos convencê-la a dividir esse segredo conosco? – perguntou ele, com uma expressão descaradamente ávida.

– Isso é problema meu – respondeu Harte, fazendo careta. – Somos velhos amigos, mais do que amigos, na verdade... – disse, com um tom lascivo. – Mas ela ainda não me deixou ver o que há dentro do baú. Acho que ainda está me testando para ver se tenho como ajudá-la. Está cansada de viver à margem da sociedade. É filha de um barão. Enquanto o pai era vivo, vivia como tal. Mas, com a morte dele, perdeu a fonte de renda e a posição no vilarejo onde nasceu. Por isso, veio para o nosso país, como tantos outros, recomeçar a vida. Esta quer a antiga vida de volta, quer viver como filha de barão que é. E acredita que o que há dentro daquele baú é suficiente para garantir sua entrada na alta sociedade. – Darrigan olhou em volta de novo e abaixou ainda mais a voz. – Ela tem dado a entender que quer chamar a atenção da Ordem. E, é claro, pensei em você. Com a sua ajuda, com os seus contatos, pode estar disposta a dividir o trabalho do pai conosco.

– Mas ela também pode não ter nada – falou Jack, franzindo a testa. – Pode estar apenas enganando você. É da natureza feminina ser manipuladora e ardilosa.

– Esta pode mesmo estar mentindo – reconheceu Harte. – Mas foi ela quem criou o efeito que você viu ontem à noite. É capaz de fazer coisas realmente extraordinárias.

– Criou aquilo *sozinha*?

– Por mais que me custe admitir. E, mesmo assim, não quis contar como conseguiu fazer aquilo. Acho que está me provocando, sonhando informações para conseguir o que quer.

– Bem, não podemos deixá-la sair impune, podemos? – sugeriu Jack, com um sorrisinho ardiloso.

– Você tem alguma ideia?

– Talvez, com o incentivo certo, eu consiga amaciá-la um pouco, descobrir se está dizendo a verdade a respeito do que tem.

– Você faria isso por mim? – perguntou Harte, engolindo uma pontada inesperada de ciúme.

– É claro. Somos amigos, não somos, Darrigan? – respondeu Jack, tomando mais um grande gole de champanhe. – E não posso dizer que será exatamente um fardo desarmar as defesas dessa senhorita.

Harte cerrou os punhos por baixo da mesa, mas manteve uma expressão exemplar de gratidão e cobiça.

– Serei terrivelmente grato. Odiaria ser enganado. Mas, se a moça tem mesmo os segredos do pai, pode me ser muito útil.

– Útil para nós dois. A senhorita Filosik e seus segredos não têm a menor chance

– falou Jack, levantando a taça.

– Nem a mínima chance – concordou Harte, satisfeito, observando Jack esvaziar a taça. A noite não teria sido mais proveitosa nem que ele tivesse escrito um roteiro. Jack mordera a isca exatamente como havia planejado com Esta, mas Harte não conseguia se livrar da sensação de ter dado um passo em falso. Não conseguia dizer exatamente o que era, nem como aquilo se voltaria contra ele mais tarde.

Mesmo assim, conquistas existem para serem comemoradas. Assim, ele estampou seu sorriso mais encantador e estava prestes a pedir mais uma garrafa quando uma sombra se abateu sobre a mesa. Harte olhou para cima e viu Paul Kelly de pé, ao seu lado.

– Olá, Darrigan – disse Kelly, simpático. Estava impecavelmente vestido, como sempre, com um terno elegante. Mas seus olhos tinham um ar de ameaça. – Que prazer encontrá-lo aqui.

Houve um momento de silêncio, em que Harte ficou chocado demais pela aparição de Kelly para dizer uma palavra sequer. Parecia que havia acordado e descoberto que todos aqueles meses de liberdade não passavam de um sonho. Tinha 13 anos de novo, olhando para a morte certa.

– Você não vai nos apresentar? – perguntou Kelly, com um tom de expectativa e acordando Harte do estupor.

Jack olhou para Kelly e depois para Harte.

– Você conhece este cavalheiro? – perguntou.

Harte podia ver a confusão nos olhos enevoados de Jack, enquanto o herdeiro examinava as roupas bem cortadas de Kelly e o nariz havia muito quebrado.

Harte estava encurralado. Kelly ficara tão famoso que Jack poderia ter ouvido falar dele. E, se isso tivesse acontecido, arruinaria todo esforço que Harte fizera para parecer respeitável. Mas, se o Mago se recusasse a apresentá-lo, Kelly certamente faria uma cena.

– É um velho conhecido meu, Jack. Paul Kelly, Jack Grew. Jack, permita-me apresentar o senhor Kelly.

Jack, que – graças a Deus – não deu nenhum sinal de ter reconhecido aquele nome, apertou a mão de Kelly. Em seguida, para horror de Harte, convidou o bandido para se sentar com eles.

– Estamos apenas comemorando uma oportunidade com a qual deparamos e que vai beneficiar a nós dois – contou.

– É mesmo? – perguntou Kelly, sentando no lugar que Esta deixara vago, reparando na taça de champanhe sobrando. – Também sou uma espécie de homem de negócios.

Jack balbuciou um pouco, inventando desculpas para não ter que revelar sobre o que estavam conversando, enquanto Paul Kelly sentava-se do outro lado da mesa, com o olhar gélido de sempre.

Harte ficou sem ar. Arriscara tudo – incluindo a vida da própria mãe – para

manter Kelly longe de Jack, e agora os dois estavam sentados na mesma mesa. “Preciso sair daqui”, pensou, olhando de novo para o andar de baixo e torcendo para ver algum sinal de Esta.

– Você tem que ir para outro lugar? – perguntou Kelly, tirando um cigarro fino de uma cigarreira de prata.

– Não – mentiu Harte. – Lugar nenhum.

Antes que Kelly pudesse desmascarar a mentira, soou um apito no andar de baixo. Harte se virou bem na hora em que um esquadrão de policiais usando capacetes entravam no salão, dando início a uma batida para prender as prostitutas que desfilavam pelo lugar e acabar com os jogos de azar ilegais que, com frequência, aconteciam nas salas dos fundos do Haymarket.

– Bem, cavalheiros – disse Kelly, não parecendo nem um pouco surpreso com a ação policial. – Acho que está na hora de batermos em retirada.

O CANIVETE PERDIDO

Sombras encobriam o rosto de Bridget, mas Esta conseguiu enxergar os traços de um machucado arroxado na lateral do rosto da cafetina.

– Vim buscar meu canivete – disse a garota, percebendo, assim que as palavras saíram da sua boca, quanto eram tolas.

– Que canivete? – perguntou Bridget, parecendo atormentada e confusa ao mesmo tempo.

– Aquele que você pegou da minha bota – insistiu Esta.

– Não peguei nada – retrucou Bridget, olhando para a entrada da passagem. – Você só pode estar louca se pensa que fiz isso, e é louca por ter voltado aqui depois de todo o trabalho que eu tive para tirar você deste lugar.

– Tinha um canivete – insistiu Esta, sentindo o sangue gelar.

Tinha que ter. “Porque, se não houver canivete, pode não haver Dakari.” Mas a cafetina não parecia estar mentindo.

– Não sou nenhuma ladra... como certas pessoas – disparou Bridget. – Você precisa dar o fora daqui. Tem alguma ideia do que pode acontecer com você se Corey a vir aqui?

Em seguida, ela segurou o pulso de Esta e a arrastou em direção ao salão. Mas, quando abriu o painel para entrar no recinto, o lugar havia se tornado um pandemônio. Mulheres gritavam, e homens tropeçavam uns nos outros para evitar as cacetadas que a polícia dava na cabeça de quem tentava resistir.

– Precisamos sair daqui – disse Bridget. – Venha. Se nos virem desacompanhadas, vão presumir que somos mulheres da vida. É esse o objetivo da batida. Vão nos prender, com certeza.

Só que Esta estava acompanhada. Olhou para cima, na direção do mezanino. Mas, com aquela confusão toda de gente tentando fugir, não pôde ver se Harte continuava lá.

– Aonde você vai? – gritou Bridget, quando Esta se soltou e começou a atravessar o salão, desviando da maré de gente. Estava tão determinada a procurá-lo que não notou que havia um policial atrás dela, até ouvir o barulho estridente do apito. E não percebeu que ele segurava um cassetete até a arma acertar sua cabeça.

O LIMITE DA ÁGUA

O salão era um verdadeiro caos. Assim que o apito soou, Harte se sentiu paralisado pelas lembranças o tomaram de assalto. Tinha 11 anos de novo, estava encurralado no beco onde fizera sua cama para dormir naquela noite, sem ter por onde escapar.

– Darrigan! – Jack o puxava, dizia alguma coisa.

Mas o som dos apitos e os gritos abafavam tudo, a não ser a lembrança de ser arrastado enquanto dormia até a carroça da polícia, que estava tão lotada de homens e mulheres imundos que Harte não conseguia se mexer. Não conseguia se livrar do fedor deles. Não conseguia se livrar das suas mãos. Que o apalpavam, puxavam...

Harte não conseguia respirar.

A voz de Jack entrou na sua consciência, vinda de algum lugar muito distante.

– Por aqui, Darrigan.

Harte deixou que o levassem, a confusão e o pânico o impediam de processar o que estava acontecendo, até sair em um beco que fedia a carne podre e a mijo, os odores da sua infância. Precisou de todas as suas forças para não vomitar.

Quando o ar fresco da noite atingiu seu rosto, ele soltou um suspiro de alívio, aspirando-o para dentro dos pulmões. Mal se lembrava de Jack apertando a mão de Paul Kelly, agradecendo o bandido por tê-lo ajudado a sair do salão.

– Foi bom ver você de novo, Darrigan – disparou Kelly, dando um tapa forte na suas costas. Em seguida, fez sinal para um táxi e desapareceu no meio da noite.

À medida que voltava a si, Harte foi se dando conta – muito depois do ocorrido – de que não estava mais dentro do Haymarket.

– O que estamos fazendo aqui fora, Jack?

– Estamos fugindo da batida policial, ora – respondeu ele. O cabelo estava grudado de um jeito esquisito, e o ombro do paletó estava rasgado. Mas ele parecia muito satisfeito consigo mesmo. Deslumbrado com a fuga.

– Foi uma tremenda gentileza Paul Kelly nos ajudar a sair daquela confusão.

– Não podemos ir embora sem Esta – disse Harte, já começando a voltar para o Haymarket.

Jack o segurou pelo braço.

– Você enlouqueceu? A moça vai ficar bem. Com todas aquelas pedras preciosas? A polícia não irá prendê-la. Diabo, eles, inclusive, devem acompanhá-la até em casa. Venha. Não posso me envolver nisso, e não consigo imaginar que você queira passar uma noite nas Tumbas.

Em seguida, puxou o braço de Harte, mas ele não se mexeu. “Não posso ser levado para as Tumbas”, pensou, sentindo mais um onda de pânico. “De novo, não.”

– Você vem ou não? – perguntou Jack, puxando novamente.

Harte olhou de novo para a porta dos fundos do Haymarket.

– Mas Esta...

– Ela vai ficar bem.

O Mago, então, se virou para Jack e falou:

– Você não tem como saber.

Jack sacudiu os ombros.

– Tem razão. Não tenho mesmo. Tente pensar da seguinte forma: se ela se encrencar no meio dessa confusão, pelo menos não vai mais esconder os diários do barão de nós.

Em seguida, deu uma cotovelada em Harte e riu da própria piada.

Harte cerrou os punhos e precisou usar todas as suas forças para não socar os belos dentes brancos de Jack. Fazer isso arruinaria o golpe e todas as suas chances de pôr as mãos no Livro.

– Vamos – insistiu. – Quero lhe mostrar uma coisa.

Harte não podia abandonar Esta, mas também não podia deixar Jack escapar. Ainda mais agora, que estava chegando tão perto do seu objetivo.

– E? – perguntou Jack, impaciente.

Esta, provavelmente, já devia ter saído, estaria a caminho do apartamento deles – “do *meu* apartamento”, corrigiu-se. A garota ficaria bem, tentou se convencer. Se a situação fosse inversa, ela provavelmente faria a mesma coisa. Esta “improvisaria”, não é mesmo? Era muito boa nisso.

– Tudo bem – disse, olhando uma última vez para a porta. – Vamos embora.

Andaram uma quadra para a direita, para fugir do barulho que vinha da Sexta Avenida, onde alguns fregueses do Haymarket e garçonetes tentaram se esconder da polícia, mas acabaram dando de cara com ela. Se Esta tivesse ido naquela direção...

“Se ela tiver ido naquela direção, vai conseguir escapar.” Seja lá qual fosse a magia que permitia a Esta se movimentar como um raio, desaparecer e reaparecer em menos de um piscar de olhos, a moça ficaria bem. Harte precisava ficar com Jack. Estavam perto demais de atingir o objetivo para deixá-lo escapar.

Parecia que alguém tinha passado mal dentro do táxi que conseguiram. Mas Jack não deu nenhum sinal de que percebera o cheiro. Pelo contrário, esparramou-se no banco com os olhos semicerrados, enquanto a carruagem começava a rodar.

Só que, depois de um tempo, ficou claro que ele não estava indo na direção das mansões da Quinta Avenida, como Harte esperava. Quando viu os pináculos da Igreja da Trindade, marco histórico que ficava bem além da segurança da Canal Street, começou a ficar preocupado.

– Aonde vamos? – perguntou Harte, enquanto a carruagem continuava sacolejando.

Jack entreabriu os olhos.

– Você vai ver só – disse, com um sorriso de satisfação. Em seguida, fechou os olhos de novo e, alguns segundos depois, começou a roncar.

Enquanto andavam, Jack cochilava, bêbado, e Harte ficou pesando suas opções. Mas a carruagem não parava, fazendo um caminho que atravessava as ruas fracamente iluminadas, cada uma mais escura e silenciosa do que a anterior.

Quando chegaram perto do limite leste da ilha, Jack bufou e acordou em um pulo. Quando viu que estavam ali, ficou empolgado, ansioso e, subitamente, mais sóbrio do que estivera a noite inteira. Mas, à medida que seguiam pela costa, chegando mais perto da altíssima torre, mais perturbado Harte ficava.

Não podia cruzar aquela ponte, mas também não podia parar a carruagem sem arriscar todo esforço que fizera para deixar Jack tão à vontade. Mais do que isso: não podia permitir que ele percebesse o *verdadeiro* motivo para não poder cruzar aquela ponte.

A cada quadra que passavam, a ponte ficava mais perto. Harte olhou para o pulso de Jack, percebendo uma pequena faixa de pele à mostra entre o punho da camisa e as luvas. Decidiu esperar até virarem na direção da ponte, só para garantir. Até que o perigo da Beira fizesse o risco valer a pena...

Foi quando Jack bateu na janelinha do cocheiro, e a carruagem parou de chofre.

– Chegamos – disse ele, com olhos brilhando de empolgação e entusiasmo, apesar dos efeitos do champanhe.

Harte respirou fundo, aliviado por a carruagem ter finalmente parado, mas não baixou a guarda.

As docas que margeavam o rio naquela parte da cidade eram uma floresta de mastros de navios e um labirinto de armazéns bem baixos. Harte não conhecia aquela área. A margem do rio era domínio dos estivadores e ratos d'água, que controlavam o negócio de cargas. A maioria das pessoas tinha a inteligência de se manter longe das docas, onde não era raro os rufiões se fazerem de cegos quando um corpo era despejado no rio. A maioria dos Mageus jamais se arriscaria a chegar tão perto da Beira que circulava a ilha silenciosamente, em algum ponto do rio não muito longe dali. Mesmo naquele momento, mesmo com a água ainda a alguma distância, Harte podia jurar que sentia aquela energia gélida.

Jack mandou o cocheiro esperar e foi atravessando com Harte aquela confusão de prédios banhados pela luz da lua, balançando os braços e assoviando uma melodia fora de tom, como se os dois estivessem passeando pelo Central Park e não por uma das regiões mais suspeitas da cidade. Harte jamais acreditara naquele tipo de confiança cega. Normalmente, servia para mascarar a ignorância. E, de acordo com a sua experiência, ambas eram perigosas.

Por todos os lados, havia sombras à espreita, farfalhando perto das portas e se encolhendo contra as paredes das construções. De vez em quando, uma das sombras produzia fogo na ponta dos dedos. Uma chama começava a brilhar, uma baforada de fumaça circulava o rosto momentaneamente iluminado, então a noite voltava à escuridão.

“Não é magia”, lembrou Harte. Apenas um mero acender de um fósforo, o brilho

comezinho da ponta ardente de um cigarro.

Ali, tão perto do rio, ele podia quase detectar o cheiro da água. Do outro lado, estava tudo aquilo que ele jamais conseguira alcançar, um país inteiro que ia além das ruas fedorentas e a correria cotidiana da cidade. Um mundo onde ele poderia ser mais do que um rato preso em uma armadilha.

Quando respirou de novo, o cheiro da água foi coberto pelo odor pesado de graxa e de fuligem, de peixe podre e de conchas de ostra. Só para lembrá-lo de que ainda faltava muito antes que pudesse fazer planos de um futuro diferente.

Por fim, chegaram a um armazém comprido, semelhante aos outros. Jack tirou um molho de chaves do casaco e abriu rapidamente os cadeados pesados da porta de madeira. Antes de abrir o último, virou-se para Harte.

– Você provavelmente nem precisaria de chave, não é? – perguntou, inclinando a cabeça para o lado.

O rosto dele estava coberto pelas sombras, mas o corpo estava tenso, como se finalmente estivesse sóbrio o suficiente para entender o que estava fazendo. Para ficar na dúvida.

– Não sou ladrão, Jack.

– Sei disso – respondeu ele, pulando de um pé para o outro, incomodado. – Mas estou correndo um risco ao lhe mostrar isso. Acho que você entenderá, e acredito que despertará seu interesse a ponto de eu não precisar me preocupar.

– Mesmo que não me interesse, você não precisa se preocupar comigo. Não quero causar problemas.

Jack franziu a testa, como se estivesse confuso. Por um segundo, Harte pensou que ele fosse mudar de ideia, então fez uma cara de tédio e de impaciência moderada.

– Olhe, não lhe pedi para me trazer aqui. Podemos andar logo com isso? Preciso voltar e ver se Esta está bem. Então, se não vamos entrar...

– Não – falou Jack, dando um sacolejo perceptível em si mesmo. – Você veio até aqui, precisa ver. Quero que veja – respondeu. Em seguida, empurrou a porta. Atrás dela, a escuridão completa, mas Jack foi logo acendendo um lampião a querosene que estava perto da porta. – Você primeiro – completou.

No meio do armazém, havia um grande objeto desconjuntado, coberto por um pano. Com um sorriso que iluminava seu rosto tanto quanto o lampião, Jack puxou a pesada lona, revelando algo que poderia ter saído das páginas de Júlio Verne. Era visível que a máquina ainda não estava pronta, mas Harte conseguiu ter uma ideia: um grande globo central feito de algo que parecia vidro, cercado por três braços circulares concêntricos, que brilhavam à luz do lampião.

Parecia algo muito inofensivo, daquele jeito, parado e silencioso. Mas algo naquela máquina deixou Harte nervoso.

– Incrível, não? – falou Jack, empurrando um dos grandes braços orbitais, que fez os demais começarem a girar lentamente em seus próprios eixos.

– Que diabos é isso? – perguntou Harte, tentando se livrar da sensação de apreensão que sentia ao ficar perto daquela coisa.

– Isso é o futuro, Darrigan – respondeu Jack Grew, exultante.

– Futuro? – repetiu Harte, lançando um olhar desconfiado para ele.

– Venha aqui dar uma olhada.

Jack passou por Harte e foi até uma longa bancada de trabalho, no lado esquerdo do armazém. Em cima dela, havia diversas plantas e mapas empilhados de modo aleatório, segurados por compassos, esquadros, réguas e outros instrumentos. Ele fez sinal para Harte chegar mais perto.

Sem querer se aproximar demais da estranha máquina, Harte foi até a bancada pelo outro lado do armazém. Na ponta, havia uma maquete, um pequeno prédio retangular com uma única torre no centro. A torre tinha um telhado estranho, em formato de cebola, que fez Harte se lembrar da foto de uma igreja russa que um dia vira.

– O que é tudo isso?

Jack apontou para a maquete.

– Meu tio está construindo a versão grande disso lá em Long Island. Será um transmissor sem fio. Tesla é que está fazendo o projeto. Quando estiver pronto, transmitirá grandes mensagens telegráficas, talvez até imagens, através do ar. Meu tio acredita que vai revolucionar o mundo dos negócios.

– Você não acredita? – perguntou Harte, ao perceber o tom de voz de Jack.

– Acho que ele está pensando pequeno, esquecendo-se completamente do verdadeiro objetivo – respondeu. Em seguida, começou a remexer em uma pilha de papéis. – Aqui, olhe.

Jack alisou uma das folhas amassadas para Harte poder examinar.

– É a Mão do Filósofo – disse ele, olhando para Jack antes de voltar a se concentrar na folha de papel. Harte conhecia bem aquela imagem: tinha estudado alquimia o suficiente para reconhecer o símbolo e saber qual era seu significado.

– Exatamente. Eu sabia que você entenderia – concordou Grew, com um brilho nos olhos. – Cinco dedos para os cinco diferentes elementos, a base de tudo que sabemos e compreendemos a respeito dos poderes do Além. Todo mundo que estuda as artes ocultas sabe que os elementos são a chave para desvendar os segredos da magia. Quando se isola os elementos individuais, pode-se extrair sua energia e comandá-los a seu bel-prazer. Mas veja só o que os mantém unidos.

O desenho mostrava uma mão bem aberta, com um símbolo diferente em cada dedo: uma chave, uma coroa, uma lanterna, uma estrela e a Lua. Na palma aberta, estavam o peixe e a chama, símbolos do...

– Mercúrio – disse Harte, batendo o dedo no centro do desenho. – O elemento que transcende todos os outros. Muitas vezes, é chamado de Fogo Antinatural.

– Ou Éter – completou Grew. – A mesma substância que o barão conseguiu isolar, caso você tenha razão.

– Do que você está falando, Jack? – perguntou Harte sentindo um arrepio perturbador percorrer a espinha. Talvez ele tivesse aplicado o golpe bem demais: o herdeiro não tinha só mordido a isca, estava também arrastando o Mago para o alto-mar. – E o que isso tem a ver com aquela máquina? Ou com o futuro?

– Tudo. Tem *tudo* a ver com o futuro. Todos os dias, o mundo não para de enviar seu lixo para cá. Entre eles, chegam os Mageus, escondidos. Imundos. Bárbaros. *Perigosos*. O simples fato de existirem ameaça a nossa civilização e, como podemos ver com nossos próprios olhos, a segurança de nossas propriedades e de nossos cidadãos. Só que essa máquina vai mudar tudo, Darrigan – explicou, passando o dedo na ponta do telhado da torre. – Vai acabar com essa ameaça de uma vez por todas.

– A Beira já mantém os Mageus no seu devido lugar.

– Isso até pode ter sido verdade em uma época mais simples. Quando a Beira foi criada, vinha muito menos gente para cá. Bastava prendê-los na ilha. Mas os números não param de aumentar. Houve tentativas de conter essa ameaça crescente, é claro. A quarentena em Ellis Island, por exemplo, supostamente deveria ter impedido os Mageus de pisar nas nossas terras. Mas essas medidas não foram suficientes. Trapaceiros que são, a cada dia mais vermes escapavam dos inspetores. Existem até casos de alguns que conseguiram sair da ilha e chegar à cidade. Isso não pode mais ser tolerado. A Ordem sabe que precisa tomar uma atitude. Estão trabalhando em um plano para aumentar o alcance da Beira, mas o que estão fazendo não vai funcionar.

– Não?

Harte manteve os seus treinados olhos fixos na maquete, fingindo interesse para poder ocultar o medo.

– Não enquanto usarem ideias ultrapassadas, magia ultrapassada, em vez de ciência moderna. E ainda menos enquanto continuarem pensando pequeno.

– A Beira é pequena? – perguntou Harte, tentando não levantar a voz.

Jack confirmou balançando a cabeça.

– Mas a minha máquina não será. Pense nisso, Darrigan. A torre de Tesla irá revolucionar a transmissão sem fio, é bem verdade, mas isso é apenas o *começo* do que pode ser feito com ela. Com o tipo de poder que o seu receptor pode gerar, poderia tornar a Beira obsoleta – explicou. Então, alisou de novo a folha de papel amassada com o desenho da Mão do Filósofo. – A Beira foi criada há mais de um século, por meio de um ritual de manipulação dos elementos, por meio do Éter. É uma alquimia ultrapassada: cinco artefatos, cada um imbuído com o poder de um dos elementos básicos, foram usados para completar o ritual. Como esta mão: todos os elementos são conectados pelo Éter, a palma. Cria uma espécie de circuito. Quando um Mageus a atravessa, seu poder desequilibra o circuito, e a magia que possui é atraída pelas energias elementais da Beira, que tenta se reequilibrar.

Jack continuou, empolgado:

– Todo o sistema se autoperpetua, alimentado pela própria magia selvagem que consome. E é por isso que durou tanto, exigindo tão pouca manutenção. Mas a chave é o Éter. Só que a Beira tem dois problemas. Primeiro, o poder arrancado de qualquer Mageus que tenta atravessá-la se torna parte do circuito, mas não conseguimos fazer mais nada com este poder. Para todos os efeitos, se perde. Não podemos *usá-lo* – falou olhando para Harte. – O que é um desperdício, você não acha?

– Sim – obrigou-se a dizer Harte, com o estômago revirado. – Enorme.

– Esta máquina dará fim nisso. Em vez de redistribuir o poder que recolhe, o coleta e o armazena separadamente.

– E o segundo problema?

– A Beira tem um limite de tamanho. Quando foi criada, ninguém sabia que a cidade cresceria tão rápido nem que os selvagens do Brooklyn e de outros lugares mais além se tornariam o que são. Ninguém podia imaginar quantas pessoas viriam para cá. Ninguém imaginou que viriam *apesar* da Beira.

– Pessoas desesperadas tomam atitudes desesperadas – murmurou Harte.

Elas arriscariam conviver com a Beira e se comprometer a viver em uma cidade que é uma verdadeira ratoeira porque, mesmo assim, seria melhor do que o lugar de onde vieram, lugares ainda devastados pelo ódio incitado durante o Desencantamento. Porque a esperança de um futuro diferente era *assim* poderosa.

– Não é desespero, Darrigan. É um completo desrespeito pelo nosso modo de vida. A Ordem tem conhecimento do problema, é claro. Esperam revelar seu grande plano no Conclave, quando todos os membros estiverem reunidos, mas não está funcionando. Os artefatos originais não têm o poder de expandir a Beira sem torná-la instável. Agora estão tentando replicar a criação original da Beira, na esperança de que, talvez, possam recriá-la em outros lugares, prender qualquer Mageus que tenha conseguido sair de Nova York. Mas isso também não funcionou – contou Jack, sacudindo a cabeça, com uma expressão de deboche. – Mas você acha que o Conselho Supremo me dá ouvidos?

– Não? – perguntou Harte, tentando disfarçar a esperança.

– Claro que não. Estão presos ao passado, e esse peso os está esmagando. Esmagará a *todos* nós. – Com um movimento violento, Jack fez todos os papéis voarem de cima da mesa, fazendo-os flutuar no ar e pararem no chão perto dos pés de Harte. – Estão tão concentrados em conter os vermes que não se dão conta de que isso nunca funcionou. Parecem ratos, pelo jeito como se multiplicam. E, como ratos, precisam ser *exterminados*. Quando eu conseguir fazer minha máquina funcionar, é exatamente isso que vamos fazer. – Então, foi até a máquina e passou a mão no metal reluzente de um dos braços orbitais. – Assim que essa máquina for instalada na torre de Tesla, terá energia suficiente para dizimar a magia selvagem em um raio de 160 quilômetros. *Muito* mais eficiente do que os velhos rituais. Imagine instalar uma máquina dessas em todas as grandes cidades? Transmitiria uma mensagem, um

aviso a qualquer um que quisesse vir para este país e tentasse interferir no nosso destino.

– Cento e sessenta quilômetros? – perguntou Harte, quase a ponto de desmaiar. – Você tem certeza?

– Da última vez que a testamos, o campo de força que ela gerou chegou até a Fulton Street. E isso foi apenas uma fração da sua capacidade – respondeu Jack, com um sorriso ardiloso.

– Deveras impressionante – comentou Harte, mas pensou em Tilly ao dizer essas palavras e se sentiu enjoado. Não havia se dado conta do que Jack era capaz. Estivera instigando o herdeiro, incentivando-o, quando deveria estar prestando atenção.

– É mesmo, não é? Quando eu multiplicar o que essa máquina é capaz de fazer com o poder do transmissor de Tesla, poderemos livrar Manhattan da magia selvagem, com toda a facilidade. Talvez até Filadélfia e Boston. Mas, ao contrário da Beira, o poder que essa máquina gerar quando for instalada na torre de Tesla poderá ser *usado*. Imagine só: a magia selvagem sendo erradicada, transformada em um poder civilizado, que pode ser aproveitado para guiar e definir o futuro deste novo século. Ou... poderia se tornar uma arma diferente de tudo o que nosso mundo já viu. Este país poderia se tornar ainda mais grandioso do que os impérios da Europa depois do Desencantamento.

Harte não tinha a menor ideia de como responder sem deixar transparecer seus verdadeiros sentimentos. Não tinha se dado conta de que a Beira armazenava o poder que arrancava dos Mageus. Mas aumentar esse perigo?

Se Jack tivesse sucesso, se a Ordem um dia controlasse uma máquina como aquela, a magia estaria fadada a desaparecer *em todos os lugares*, assim como todas as pessoas que tivessem alguma afinidade. Se Jack estivesse correto em relação às possibilidades da máquina, os planos que Harte fizera de sair da cidade seriam inúteis. Se ele não encontrasse um modo de detê-lo, de destruir a máquina, não teria onde se esconder.

– Você disse que a máquina não funciona?

– Não – respondeu Jack, passando a mão no cabelo, frustrado. – Pelo menos, não por enquanto. Ainda não descobri como estabilizar o poder que ela armazena. Há algo na magia selvagem que a torna instável. A última que eu construí não chegou a durar uma semana, antes de explodir e matar meu maquinista. – Os olhos do herdeiro percorriam o metal silencioso com uma expressão um tanto louca, como se a máquina pudesse lhe sussurrar segredos se Jack tivesse paciência de esperar. – E todo poder que ela gerou foi perdido.

“Assim como Tilly.”

A existência da máquina explicava aquela estranha fronteira na Fulton Street. Mas se a menina morrera quando a máquina explodiu... o que isso podia representar para o plano de Dolph de destruir a Beira?

– Não é um problema com a máquina – continuou Jack, sem perceber o desânimo de Harte. – O projeto não tem falhas: eu mesmo o fiz. O mecanismo funciona perfeitamente quando é posto em movimento. Mas, depois de conhecer a sua senhorita Filosik, descobri o que estava faltando.

– Descobriu? – perguntou Harte, sem gostar nem um pouco daquilo.

– Eu estava me esquecendo do *Éter*.

– Do *Éter*?

Harte mal conseguiu pronunciar aquela palavra.

– Sim, é claro! Não sei como isso não me ocorreu antes. – Jack passou a mão trêmula no cabelo mais um vez, ficando ainda mais desganhado e descompensado.

– Sem isolar o *Éter*, o poder fica instável, imprevisível. Na Mão do Filósofo, é ele que estabiliza os elementos. Então, talvez também possa estabilizar o poder que a máquina armazena. O problema é que ninguém, desde o Último dos Magos, conseguiu isolá-lo ou produzi-lo.

– O Último dos Magos? – indagou Harte, ainda com a cabeça girando. – Temo não saber quem é.

– Não?

Jack franziu as sobrancelhas, surpreso, e uma desconfiança indesejada brilhou nos seus olhos.

– Pelo menos não por esse nome em especial – arremedou Harte. Parecia que tudo estava fugindo do seu controle.

Jack ficou observando-o por mais um tempo.

– O Último dos Magos era alguém como nós, que se devotou ao estudo das artes herméticas, muitos séculos atrás. Há rumores de que alcançou progressos que nunca mais ninguém conseguiu alcançar. Alguns de seus progressos ajudaram a criar a Beira.

– Ele era membro da Ordem?

– Não exatamente, mas a obra da Ordem foi construída com base em seu trabalho. Temos seu diário, um registro de tudo que ele aprendeu e conquistou. Um tomo chamado *Ars Arcana. Arcanum*, é claro, é outro nome para a pedra filosofal.

– Isso não pode ser uma mera coincidência – falou Harte, tendo a certeza de que Jack não poderia nunca, *jámais*, pôr as mãos no Livro. – Você acha que esse livro pode ajudar a isolar o *Éter*?

– Acho, mas a Ordem o mantém trancado a sete chaves. Só os membros do mais alto escalão têm acesso a ele. Faz meses que estou tentando dar uma olhada, mas não faço parte do Conselho Supremo. Só que isso não tem mais importância – falou Jack, com expressão de empolgação nefasta. – Se você tiver razão a respeito da senhorita Filosik, posso nem precisar desses registros. Muito menos se conseguimos convencê-la a compartilhar os segredos do pai conosco.

A cabeça de Harte fervia, tentando se manter à frente de Jack. Aquela máquina mudava tudo...

Harte, de repente, lembrou-se da premonição do velho, de que ele, de algum modo, destruiria o Livro. Ele não acreditara completamente em Esta, não acreditara na premonição. Mas, naquele momento, entendeu, porque conseguia ver claramente o que precisava fazer.

Precisava do Livro, mais do que nunca.

– Você teria que conquistar a confiança dela – disse Harte, tendo uma ideia: se Jack estava interessado em Esta, se ainda não se dera conta de que estava sendo enganado, poderiam prosseguir com o golpe. Se pudessem dominar Jack e pôr as mãos no Livro, ele ainda teria chance de sair da cidade. Assim que saísse, destruiria o Livro e todas as chances de Jack ou da Ordem de finalizar aquela máquina.

Não poderia contar nada para Esta até que tudo terminasse. Ela não entendia o que estava em jogo, senão agora com Jack, em outro momento, com outra pessoa. Ele sabia que a fé de Esta nas palavras do velho jamais permitiria que Harte a convencesse de que o Livro era perigoso demais para continuar existindo.

Mas isso não significava que a garota não pudesse mais ajudá-lo.

Quando tudo aquilo terminasse, quando os dois estivessem em segurança, talvez ele pudesse explicar. Talvez Esta até o perdoasse.

“E se ela não me perdoar?”

Harte já tinha sobrevivido a coisas piores.

– Tenho certeza de que isso não será um problema – falou Jack, dando um sorriso demoníaco. – É possível que minha máquina esteja funcionando antes do Conclave, como planejei.

– A Ordem não terá escolha a não ser reconhecer sua genialidade – disse Harte, escondendo os verdadeiros sentimentos atrás do mais encantador dos sorrisos. Por dentro, parecia que mal podia respirar.

– E os vermes não terão a menor chance.

Harte concordou, balançando a cabeça, e deu um tapinha nas costas de Jack. Mas, em silêncio, jurou fazer tudo o que estava a seu alcance para garantir que aquele futuro jamais visse a luz do dia.

MUDANÇA DE PLANOS

Já eram quase três da manhã quando Harte finalmente conseguiu se livrar de Jack e voltar para casa. Entrou no apartamento, esperando encontrar Esta já trancada no quarto. Ou melhor, mais provável: de olhos bem abertos, pronta para esganá-lo por tê-la abandonado. Só que, depois do que Jack havia lhe mostrado, ele enfrentaria a fúria da garota de bom grado. Afastou-se das docas, do pesadelo que era aquela máquina, o mais rápido que pôde. Mas, quando acendeu as luzes, não havia nenhum sinal de Esta.

Resolveu esperar mais uma hora e se obrigou a sentar. Ficou com os olhos fixos no relógio que havia na mesinha, vendo os segundos passar. Depois de 37 minutos, cansou-se. Pegou o casaco, o chapéu e saiu de casa novamente para procurá-la.

As ruas já estavam vazias havia muito tempo quando conseguiu chegar ao Haymarket. Havia barreiras policiais, e a porta do salão de baile fora lacrada com tábuas de madeira. O cheiro de fumaça ainda estava no ar. As calçadas estavam quase vazias, mas havia um menino dormindo em uma das portas ali perto, enrolado no chão. Harte deu um tapinha de leve para acordá-lo. Quando o garoto abriu os olhos, bravo com a interrupção, Harte lhe ofereceu um dólar e viu que os olhos dele se arregalaram.

– Você viu uma mulher de vestido dourado hoje à noite?

– Vi um monte de mulheres – respondeu o garoto, ajeitando o boné e esticando a mão para pegar o dinheiro.

Harte tirou a nota de alcance.

– Ela estava usando um colar com granadas e diamantes que parecia uma gola. E plumas pretas no cabelo.

– Posso ter visto – falou o menino, olhando para ele.

– Onde?

– Acho que ela estava junto com o pessoal que foi levado para as Tumbas – falou. Então, tirou o dinheiro da mão de Harte. – Mas todas elas tinham a mesma cara, então pode ter sido outra pessoa.

O garoto escondeu o dinheiro na camisa e deu as costas para Harte.

“Para as Tumbas?”

A lembrança do chão úmido e de uma cela cheia de mãos ásperas voltou para estrangulá-lo. Era tudo culpa dele. Harte ficara tão bravo com Esta depois da ceninha que a garota fizera no palco que a forçara além do limite. Permitira que Esta levantasse e ficasse circulando. Então, a deixou para trás.

Precisava contar para Dolph. Eles tinham que tirar Esta de lá antes que alguma coisa acontecesse com ela. Porque havia muitas maneiras de morrer que não exigiam

ser enterrada em uma cova. Harte, mais do que ninguém, deveria saber disso. O Strega estava quase vazio quando Harte chegou à Bowery. Viola estava passando um pano no balcão do bar quando ele entrou.

– Já vamos fechar – disse ela, quando ele passou pela porta. Ao reconhecê-lo, falou: – Ah, é você... – Em seguida, perguntou, dirigindo um olhar duro para Harte: – Onde está Esta?

Ele olhou em volta e, só então, fez sinal para Viola se aproximar.

– Preciso falar com Dolph – disse.

– Ele não está aqui.

– E onde diabos ele está?

Viola fez pouco-caso.

– Às vezes, Dolph fica meio inquieto a essa hora da noite. Ele saiu.

– Bem, a que horas Dolph volta? Preciso conversar com ele.

– Só Deus sabe. Ele anda mal-humorado – respondeu Viola, espremendo os olhos.

– Cadê a nossa garota?

Harte franziu a testa.

– É sobre isso que preciso falar com Dolph.

Em uma fração de segundo, Viola pegou a faca e encostou no pescoço de Harte. O Mago podia sentir a ardência afiada da ponta da lâmina pressionada contra seu pescoço.

– O que você fez com ela? – indagou Viola.

– Não fiz nada – respondeu ele, olhando-a bem nos olhos, para que a garçonete visse que não estava mentindo. – Mas houve uma batida no Haymarket hoje. Ela pode ter sido levada pela polícia.

A ponta da faca pressionou a pele dele com mais intensidade.

– Como assim, levada?

– No meio da confusão, acabamos nos separando. E ela não voltou para o meu apartamento. Pode ter sido levada para as Tumbas. Preciso de ajuda para descobrir se foi isso mesmo e tirá-la de lá, caso tenha sido presa.

– Eu *sabia* que não gostava dessa sua carinha bonita.

Harte sentiu o beliscão da faca e, em seguida, o calor do seu próprio sangue, porque uma gota escorreu pelo pescoço.

Ele continuou imóvel, porque não queria que Viola percebesse o quanto ele estava nervoso. Nem que a faca perfurasse sua pele ainda mais fundo.

– Se você vai me matar, ande logo com isso – falou, fingindo bravata. – Senão, diga onde Dolph está para eu poder resgatar Esta.

Viola fez cara feia por mais um instante.

– Realmente, não sei – respondeu, tirando a faca do pescoço de Harte e limpando a ponta ensanguentada na saia. – Talvez o fedelho saiba. Dolph às vezes conta para ele. – Em seguida, franziu a testa, lançou um olhar na direção de Nibsy e voltou a encarar Harte. – Você *vai* resgatá-la.

Não foi uma pergunta.

– É esse o plano – disse ele, indo na direção de Nibsy, que estava sentado, escrevendo em um caderno, em uma das mesas mais ao fundo do salão.

– Preciso encontrar Dolph – falou Harte, sem cumprimentá-lo. – Agora.

– Ele saiu – respondeu o menino, sem se dar ao trabalho de olhar para ele. – Deve voltar dentro de algumas horas.

– Eu não tenho algumas horas.

Nesse momento, o garoto olhou para Harte, mas não havia um pinga de preocupação no seu rosto. Só curiosidade.

– Por causa de Esta. Ela foi pega em uma batida. Acho que pode ter sido levada para as Tumbas.

O garoto inclinou a cabeça para o lado e ficou observando através das lentes grossas dos óculos.

– Dolph disse que você ia encontrar Jack Grew hoje à noite. Conseguiu físgá-lo?

Harte passou os dedos no cabelo, fervendo de frustração.

– Sim, quase.

– Quase? Ou com certeza?

– Isso não tem importância – disparou Harte. – Jack pode esperar.

– Ela o enfeitiçou, não foi? – falou Nibs, parecendo muito satisfeito consigo mesmo. – Achei mesmo que isso poderia acontecer.

– Não é nada disso – retrucou Harte.

Mas, assim que pronunciou essas palavras, teve certeza de que era uma mentira.

– Não? – perguntou Nibs, curioso.

– *Não* – respondeu Harte, recusando-se a admitir que Nibs tinha razão. – Precisamos dela, só isso. Não podemos pôr as mãos no Livro sem Esta.

– Claro que podemos – retrucou Nibsy, fazendo pouco-caso. – Punguistas e ladrões existem em todas as esquinas.

– Não como ela, não mesmo – falou Harte, sem se dar conta, até ter falado, que queria dizer “nós”. – Precisamos tirar Esta de lá antes que alguma coisa aconteça com ela.

“Porque preciso dessa garota”, pensou. Por nenhum outro motivo.

– Anda bancando o cavaleiro do cavalo branco, Darrigan? Esse papel não lhe cai muito bem – debochou o garoto. – Esqueça a moça. Neste momento, sua obrigação é se concentrar em Jack Grew. Esta vai sair de lá quando puder. Ou não. Isso não tem mais muita importância.

– Claro que tem – berrou Harte.

Nibs sacudiu a cabeça.

– A garota já fez o que precisávamos que ela fizesse – disse ele. Um sorriso zombeteiro apagou a expressão inocente e cândida que ele costumava ter, e os olhos brilharam. – Ela conquistou você, não foi?

Harte sabia o tempo todo que estava sendo manipulado. Mas, por algum motivo,

ouvir isso posto daquela maneira tão direta, por Nibs, entender que Esta não era nada além de um peão para Dolph, o fez perder a paciência. Em um piscar de olhos, arrancou o garoto da cadeira e o prensou contra a parede. Sentiu os olhos atentos de Viola o observando do outro lado do salão, mas não se importou.

Nibs sequer piscou.

– Não sou uma vítima imbecil – vociferou Harte.

– E essa é exatamente a sua maior fraqueza, Darrigan. Você acha que não pode ser manipulado. Mas Esta provou que você está enganado, não foi? Sabia que ela ia conseguir, quase no mesmo instante em que a vi pela primeira vez. Esta manipulou você *lindamente*.

Naquele momento, Harte não queria mais nada, apenas fazer o garoto pagar pelas palavras. Só conseguia ver fogo, sangue e ódio quanto enfiou um soco na cara de Nibsy. Ouviu o *créc* do osso e sentiu o esmigalhar nauseante. Ao mesmo tempo, sua magia fulgurou, e ele transmitiu cada gota da sua afinidade para Nibs, indo bem fundo por baixo da aparência inocente do garoto.

O choque do que viu o atingiu como um murro de um boxeador campeão. Harte sempre soube que devia haver algo mais naquele moleque além do sorriso cândido e do temperamento tranquilo, mas jamais esperou que fosse *aquilo*. Dolph era muito inteligente, muito poderoso. Como o fedelho conseguiu enganá-lo? Enganar a todos eles?

Abalado pelo que vira, Harte soltou o colarinho de Nibsy e deixou o garoto cair no chão. Um instante depois, contudo, sentiu outro solavanco: o impacto chocante da magia de Viola batendo contra ele. Sem ar, foi cambaleando na direção da parede, mal conseguindo ficar de pé.

– Está tudo bem – disse Nibs, levantando-se. – Solte-o, Vi. Foi um simples mal-entendido.

Harte não estava enxergando direito e não viu a reação de Viola. Mas, um segundo depois, o poder ardente que a garçonete dirigira contra ele havia se dissipado, e ele conseguiu respirar de novo. Continuou com uma das mãos na parede, porque as pernas ainda tremiam. Do outro lado do salão, Viola o observava com atenção.

– Eu mandaria Viola matar você se ainda não precisasse da sua ajuda – disse Nibsy. – Jamais se esqueça disso. Quando deixar de me ser útil, será um homem morto.

Harte ignorou a ameaça e falou mais baixo, para Viola não conseguir ouvir:

– Você acha mesmo que esse seu plano irá funcionar?

Nibs secou o nariz com as costas da mão.

– Acho que já está funcionando.

– Você vai trair a sua própria espécie? Pelo quê? – falou Harte, com a cabeça girando. – Dolph ia *libertar* você. Diabos, ele quer bancar o bom samaritano e libertar todo mundo.

– Você não pode acreditar nisso de verdade – disse Nibs, ríspido, sacudindo a cabeça com uma expressão de nojo. – Dolph não é nenhum santo: você sabe muito bem disso. Já viu o que ele é capaz de fazer. Já viu o que ele faria para conseguir poder. Esse homem amava Leena mais do que qualquer outra pessoa, e encontrou um jeito de usá-la, de acabar com ela.

– Mas o que a Ordem fez não foi culpa dele – respondeu Harte, finalmente aceitando aquela verdade.

Harte ainda podia querer culpar Dolph, mas não tinha sido ele que criara a Beira. Não foi ele que empurrou Leena para cima do limite invisível.

– Não, mas as marcas foram. Como você acha que as marcas funcionam, Darrigan?

– Com magia ritual. Você não está me contando nada novo – debochou Harte, recusando-se a permitir que Nibsy o incitasse a atacá-lo novamente. Muito menos com Viola por perto.

– Então, você sabe que ele usou a afinidade de Leena para criá-las? – perguntou Nibsy, com olhos vidrados. – É claro que não sabia. Ninguém sabia desse detalhe em especial.

– Dolph jamais faria isso com Leena – argumentou Harte, tentando transmitir uma confiança que não sentia.

– Não se engane: Leena sempre foi o escudo protetor de Dolph. A habilidade dela de impedir que qualquer Mageus no seu campo de visão usasse uma afinidade contra Dolph ou contra seu bando sempre o protegeu. Mas tudo o que eles construíram juntos não foi suficiente. Então, ele fez um ritual para que as marcas criassem vida e usou afinidade *de Leena* para isso. Isso a enfraqueceu. Também a deixou brava. Leena disse que perdoou, mas não sei se isso é bem verdade. – Nibsy inclinou a cabeça, pensativo. – Talvez, se Dolph não tivesse tirado tanto poder dela, Leena teria conseguido lutar contra a Ordem. Talvez não tivesse morrido na Beira.

– Todo mundo morre na Beira – retrucou Harte, sem cair na provocação.

Nibs inclinou mais a cabeça.

– É por isso que me pergunto por que você quer que ela continue existindo...

– Concordei em ajudar Dolph, não concordei? – respondeu Harte, ficando cada vez mais inquieto. “O menino não tem como saber.” – Nós temos um trato. Você sabe muito bem disso.

– Eu sei o que você *disse* para Dolph. Mas também sei que você é um excelente mentiroso, Darrigan – provocou Nibs, sacudindo a cabeça. – Sei muitas coisas. Sobre você. Sobre Dolph. E sobre como as pessoas funcionam e as decisões que podem tomar. Você poderia até dizer que tenho uma afinidade para isso.

“Então, esse é o talento do garoto?”

A certeza absoluta que o fedelho aparentava deixou Harte todo arrepiado.

– Você não sabe merda nenhuma.

– Sei que Dolph está cego pela necessidade de consertar o erro que cometeu com

Leena. De vingá-la. Mas acabar com a Beira não vai destruir ódio e a superstição que alimentam o poder da Ordem. Será apenas o primeiro tiro de uma guerra que ele não está preparado para travar. Você acha mesmo que ele vai simplesmente entregar o poder do Livro quando se der conta de quem é nosso verdadeiro inimigo? Dolph não foi nem capaz de deixar Leena ter o poder que tinha.

Harte ficou se mexendo no mesmo lugar, inquieto. Não confiava em Nibs – muito menos depois de ver o que havia no coração e na mente do menino. Mas o que ele dizia fazia sentido, ainda que de um modo doentio. Mesmo assim, sabia quais eram suas intenções...

– Então, você tomou para si a tarefa de miná-lo? Você quer ficar com o poder do Livro? Usá-lo para governar os Mageus que sobrarem?

– Você viu isso, não viu?

– Eu vi tudo, Nibs.

– Então, você deve saber que eu e você não somos, assim, tão diferentes, Darrigan. Nós dois estamos trabalhando contra Dolph. Nem eu nem você temos um pingão de vontade de destruir a Beira. E é por isso que vamos continuar trabalhando juntos. E, em troca, eu lhe darei o que você mais quer: uma maneira de ir embora dessa cidade.

– Você está esquecendo que fez um voto de lealdade a Dolph? Quando ele descobrir quais são os seus planos, é bem provável que você morra.

– Você diz isso por causa da marca? – perguntou o menino, levantando a manga para mostrar a tatuagem que tinha perto do cotovelo. – Vou lhe contar um segredinho, Darrigan. Quando Dolph tentou salvar Leena, a Beira arrancou sua habilidade de nos controlar. As marcas agora são inúteis.

Isso não podia ser verdade. E, mesmo assim, Dolph *concordara*, quase sem discutir, quando Harte se recusou a receber a marca.

– Mesmo que isso seja verdade, você está subestimando Dolph.

– Não, acho que minhas estimativas foram perfeitas. Minhas estimativas *sempre* são perfeitas. – Em seguida, o garoto sacudiu os ombros, sem conseguir disfarçar presunção.

– Nem tão perfeitas assim. Aposto que você não tinha nenhuma estimativa de que ficaria com o nariz quebrado hoje à noite.

Nibs franziu a testa, mas não discutiu.

– O que importa é que Dolph fez tudo o que eu esperava que ele fizesse até agora. E você também.

– Não mais. Estou fora – disse Harte, afastando-se. – Não quero participar desses seus planos. Você pode até precisar de mim, mas eu não preciso de você.

Nibs deu risada. Escorria sangue pelos lábios e pelo queixo enquanto ele falava, mas o menino sequer parecia notar.

– Você não entende, não é mesmo? *Não tem* como você cair fora, Darrigan. Você está nessa até o fim.

– Até parece, diabos.

Nibs deu um passo na direção de Harte.

– O que você acha que vai fazer? Sei dos seus planos desde sempre. Você acha que vai pegar o Livro e fugir, não acha? Deixar todos nós presos aqui enquanto sai em busca da liberdade. Mas permita-me fazer uma pergunta: você faz alguma ideia de onde está a sua mãe neste momento?

Harte congelou.

– E o que isso tem de importante?

– Eu é que lhe pergunto.

– Depois do que essa mulher fez comigo, ela pode apodrecer, se depender de mim – falou Harte, seco, mas já sentindo uma onda de pânico invadir o estômago.

– Ah, que ótimo – retrucou Nibs, batendo palmas bem devagar. – Bela encenação. Se você não tivesse pedido para Dolph escondê-la de Kelly, eu até poderia acreditar. Mas sua mãe é seu ponto fraco, Darrigan. Sempre foi. Dolph sabe disso. E é por isso que mandou Kelly ir atrás de você.

– Dolph jamais iria se mancomunar com Kelly.

– Para pegar você, faria isso, sim. E *fez*. Foi sugestão minha, e funcionou *lindamente*. Os dois fizeram uma pequena troca: os segredos de Dolph pelo laçao de Kelly. E você reagiu exatamente como ele esperava – continuou Nibs, lambendo os lábios. – Dolph ainda está muito enrolado com Kelly para se dar ao trabalho de me causar problemas. Mas você caiu direitinho na rede dele. A verdade é que você se importa, *sim*, com a sua mãezinha. E, enquanto não cortar os laços com ela, esses mesmos laços vão ser a corda na qual irá se enforcar.

– Você não sabe do que está falando – disparou Harte. Se pelo menos ele conseguisse se aproximar de Nibsy, apenas o suficiente para tocá-lo de novo sem Viola perceber...

Mas a assassina ainda o estava observando, e Harte tinha impressão de que, se fizesse mais alguma coisa contra Nibs, ela entraria no modo matar primeiro e perguntar depois.

– Sabe, Dolph me encarregou de pô-la na linha. Ela gosta de ópio, não gosta, a sua mãezinha? – provocou Nibs, chegando mais perto de Harte e sorrindo, com os dentes sujos de sangue. – Você não vai cair fora. E não vai soltar um pio sobre a nossa conversinha para ninguém. A menos que você queira que eu dê um jeito de tirar sua mãe da jogada também. Posso garantir que ela receba todo ópio que quiser. Não para matá-la. Pelo menos, não imediatamente. Mas existem coisas piores nesta vida do que morrer, não?

Harte esticou o braço de novo, mas, dessa vez, o garoto conseguiu escapar.

– Não, acho que não. Sei que você pode fazer mais do que ler pensamentos, Darrigan. Acho que não quero que você encoste em mim de novo.

– Só encosto em você se for para matar – berrou.

– Fique à vontade para tentar. Até hoje, ninguém conseguiu. Sempre estou três

passos à frente, e sempre estarei – desafiou Nibs, com olhar ameaçador. – Vá fisgar o sobrinho de Morgan. Quero aquele Livro. Se não, vou garantir que tudo o que lhe é caro seja destruído. Seu nome. Sua mãe. Até sua namorada.

– Eu não me importo.

– Não vamos perder tempo com mentiras, Darrigan. Saia daqui antes que eu diga para Viola que ela precisa retirá-lo à força – ameaçou o garoto, dando um sorriso satisfeito. – Ela vai acreditar em mim, sabia? Todos vão, porque sou um deles. E você *nunca* será.

Harte deu um passo para trás, travando uma luta interna. Todos os seus planos meticulosos estavam se esfacelando à sua volta. Mas então ele pensou em Esta, trancafiada naquela prisão úmida e infestada de ratos. Esta, que era capaz de roubar qualquer coisa. Harte jamais poderia contar para ela tudo o que havia planejado. Mas, com sua ajuda, talvez desse certo.

– Você confiou demais na suas cartas, Nibs.

– Não – disse o garoto, com um sorriso assustador. – Isso é o que você pensa.

O FIO SE DESENROLA

Viola ainda estava lavando copos atrás do balcão quando Dolph voltou, cansado e frustrado. Foi até o balcão, e a garçonete lhe serviu dois dedos de uísque, sem que ele pedisse.

– Você está agora com uma cara ainda pior do que quando saiu.

Dolph ficou olhando para a bebida, mas não a tomou.

– Não fui caminhar para melhorar minha saúde. Kelly está aprontando alguma. Os fedelhos dele esfaquearam três dos nossos hoje à noite.

– Achei que você tinha feito um trato com ele – respondeu Viola, franzindo a testa.

Dolph ignorou a pergunta subentendida.

– Ele está planejando alguma coisa a mais. Tramando alguma outra jogada. Até Jianyu está com dificuldade para descobrir o que é.

Em seguida, pegou o copo e passou o dedo na superfície lisa.

– Eu poderia tentar descobrir para você?

– Não – respondeu Dolph. E, ao ver que Viola fizera careta, explicou: – Não é que eu não confie em você, que ache que não consegue se virar. Mas não preciso que Kelly fique sabendo que estamos preocupados.

A garçonete continuou com a testa franzida, olhando para baixo, para o ponto do balcão onde as facas estavam. Dolph a deixara chateada, mas ela não discutiu.

O silêncio quase o incomodou mais. Viola andava muito quieta desde a morte de Tilly. Ele tentou se convencer de que era normal, dentro do esperado. Mas, com tudo que andava ocorrendo, não sabia se havia mais alguma coisa acontecendo com Viola.

– Jianyu já voltou? – perguntou ele.

– Não, mas Darrigan apareceu não faz muito tempo. Disse que Esta foi presa no Haymarket. Estava procurando você, mas aí conversou com Nibs e saiu soltando fogo pelas ventas.

– É mesmo? – indagou Dolph, olhando de soslaio para o menino, que estava nos fundos do salão. – Sobre o quê?

– Aí você vai ter que perguntar para Nibs.

O garoto estava sentado na mesa de sempre, nos fundos do salão, trabalhando com afinco nos livros-caixa, que eram fechados todas as noites. Seus óculos estavam apoiados no nariz inchado, e seu olho direito estava de um verde arroxeadado que doía só de olhar.

– Não sabia que você tinha virado boxeador – falou Dolph, sentando-se na sua cadeira cativa.

– Não por vontade própria – falou Nibsy, olhando para cima. – Foi obra de Darrigan.

– É mesmo?

– Acho que o provoquei demais quando o lembrei que o Livro é mais importante do que a garota.

– Viola falou que Esta foi presa na batida de hoje. Precisamos mandar alguém?

– Darrigan vai tirá-la de lá – respondeu Nibs. – Pelo jeito, está mais atraído por ela do que planejamos.

– Isso é bom, não é? – perguntou Dolph. – É exatamente isso que eu queria. Talvez, se estiver atraído por ela, não faça nenhuma bobagem.

– A menos que a moça também esteja atraída por ele – comentou Nibs, fazendo mais uma anotação no livro-caixa.

– E isso seria um problema?

– Seria, se os dois começarem a ter ideias – falou Nibsy, franzindo a testa. – Não queremos que eles ajam por conta própria e nos deixem de fora.

O garoto estava sempre pensando, sempre fazendo planos. Era uma habilidade que Dolph valorizava. Quando tinha meios de controlá-lo. Quando pôr sua marca em alguém significava que essa pessoa fizera voto de lealdade. Mas, depois que as marcas se tornaram mortas, inúteis – e Nibsy sabia –, Dolph começara a se perguntar quanto podia confiar no menino, cujos planos raramente davam errado.

Só que, ao ver o nariz quebrado de Nibs e o rosto machucado, ele abandonou essa ideia quase tão rápido quanto a teve. Estava ficando muito paranoico. Afinal de contas, o garoto tinha levado um soco de Darrigan por ele – e bem forte, pelo jeito. Isso devia significar alguma coisa.

Conversaria com Esta para se certificar de que as coisas estavam progredindo. Não faria mal nenhum lembrá-la do que tinha a perder.

– Alguma notícia sobre a causa da batida? É muita coincidência que, depois de meses sem fazer nada, a polícia tenha escolhido justo esta noite.

– Bridget ainda não deu notícias, se é isso que você está perguntando – falou Nibs, olhando para Dolph. – É estranho, agora que parei para pensar. Normalmente, a uma hora dessas, ela já teria mandado alguém para contar alguma coisa. Você não acha que foi ela que deu a dica para a polícia, acha?

– Duvido muito – respondeu Dolph, fazendo careta. – Bridget odeia a Ordem e quase todo mundo. Não teria nada a ganhar ajudando essa gente.

– Então, para onde foi, já que sumiu?

– Não sei – respondeu Dolph, incomodado.

Entendera o que Nibs estava sugerindo, mas Bridget Malone lhe devia demais para ir contra ele. Afinal de contas, Dolph a tinha libertado do marido bêbado e violento. Dera a Bridget uma segunda chance, a liberdade de ter uma vida nova. E ela lhe pagou enviando novos talentos antes que os outros líderes de gangue os descobrissem. A maioria dos Mageus sabia do acordo. Se uma garota se visse em

uma situação ruim, sabia que deveria procurar Bridget. Dolph não conseguia nem imaginar o que ela teria a ganhar causando a batida policial.

– Você conseguiu resolver suas coisas? – perguntou Nibs, voltando a trabalhar nos livros-caixa. – Achei que você fosse voltar muito antes.

– Tivemos problemas com Kelly. Um grupinho de rapazes dele atacou três dos nossos. Bateram tanto que os meninos quase viraram geleia. Será uma grande sorte se Higgins voltar a andar.

Nibs olhou por cima da armação dos óculos.

– Eles invadiram o território de Kelly?

– Claro que não – respondeu Dolph. Seus homens sabiam tomar cuidado. – Aconteceu na Elizabeth Street, a menos de duas quadras daqui. Os capangas de Kelly nem deviam estar lá.

– Você tem certeza de que foi coisa de Kelly? – indagou Nibs.

Dolph balançou a cabeça.

– Fizeram a marca da Cinco Pontos à faca no rosto deles. Mesmo que se recuperem dos outros ferimentos, terão uma cicatriz. Ficarão marcados pelo resto da vida.

– Pensei que você tinha dito que Kelly estava sob controle.

Dolph franziu a testa.

“As coisas estão mudando”, pensou. “Rápido demais.” E, pela primeira vez desde que escolhera aquele caminho, Dolph se perguntou se seria capaz de continuar nele.

– Vou mandar Viola cuidar disso, ela pode dar um jeito em quem fez isso sem deixar nenhuma evidência.

Nibsy levantou a sobrelanceira.

– Não seria melhor se Kelly ficasse sabendo? Isso poderia colocá-lo no seu devido lugar.

– Não. Deixe que ele fique imaginando quem foi. Que ele se preocupe com sua fraqueza e com quem podem ser seus inimigos. Quanto mais incomodado Kelly ficar, mais vulnerável estará.

Mas, ao dizer essas palavras, Dolph não pôde deixar de se perguntar se estava falando de Paul Kelly ou se o discurso era uma advertência para si mesmo.

AS TUMBAS

Salões da Justiça

Os Salões da Justiça da cidade, mais conhecidos como Tumbas, eram uma espécie de bolo feito com camadas de depravação. Nos andares de cima, ficavam os criminosos comuns: batedores de carteira, estelionatários e outros infratores menos violentos. Quanto mais baixo o andar, piores eram os prisioneiros. No segundo, viviam os ladrões e assassinos. Já o térreo era a casa dos piores de todos: donos de casas de jogos de azar, advogados vigaristas, falsos usurários de fiança. E, é claro, a polícia. Que era tão dominada pelo Tammany que “justiça” não passava de uma palavra saída da sua boca, como uma piada suja.

Harte passara uma noite ali não muito tempo depois que sua mãe o abandonou. Trancafiado em uma cela cheia de adultos, não teve como fazer mais do que apenas sobreviver àquela noite encolhido no canto, livrando-se dos avanços indesejados da única maneira que sabia: usando magia. Para que isso funcionasse, contudo, tinha que permitir que o tocassem, deixar que os homens roçassem a pele na sua.

Conseguira sobreviver, mas não sem sequelas. Depois daquela noite, entendeu *exatamente* do quê as pessoas eram capazes.

Mesmo agora, que estava na mais completa segurança, olhando para as colunas ornamentadas e para os lintéis das janelas do prédio criado para se parecer com uma câmara mortuária do Egito Antigo, sentia-se tão sujo quanto a fachada da construção, que já fora branca um dia. Só podia imaginar o que poderia estar acontecendo com Esta.

“Tudo culpa minha.”

Ele a obrigara a ir para o salão de baile, apesar de a menina estar visivelmente preocupada. Tinha fustigado Esta durante todo o jantar: uma encenação feita para enganar Jack, mas que ele tinha gostado um pouco demais por causa do que Esta fizera durante o *show*. E, como se não bastasse, a abandonara. E, por causa dele, a moça estava dentro da prisão que ainda assombrava seus sonhos. E Harte não faz ideia de como tirá-la dali.

Mas precisava libertá-la. Se quisesse impedir Jack de terminar a máquina, evitar o futuro que Nibsy planejava e se livrar de Dolph, precisaria da ajuda da garota.

Na noite que passou atrás das paredes das Tumbas, Harte jurou para si mesmo que jamais se colocaria em uma situação em que ficasse tão indefeso de novo. A maior parte do tempo, conseguira cumprir o juramento. Até aquele momento. De algum modo, no transcorrer de uma noite, tudo se transformara em uma grande merda.

Soltou um rosário de palavrões entredentes que teria constrangido até um guarda

da prisão.

– Sabia que você tinha um lado bandido por baixo de todo esse verniz – zombou uma voz vinda detrás dele.

Harte se virou e deu de cara com Esta, que estava usando um casaco esfarrapado por cima do vestido de baile. Seu cabelo estava quase todo solto, e as plumas pretas que adornaram o penteado na noite anterior estavam ou quebradas ou tortas. O choque de vê-la ali, sã e salva, fez Harte sentir uma onda tão grande de alívio que, sem pensar duas vezes, ele a abraçou bem forte, quase sem perceber que a garota o empurrava para longe dela.

Foi só o cheiro do casaco que o fez recobrar a consciência. Fedia a suor, cebola e tabaco azedo. Quando a soltou e deu um passo para trás, para conseguir respirar, de repente se deu conta do quanto agira impulsivamente ao vê-la. De como seria perigoso se permitir esquecer tudo o que estava em jogo.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou Esta.

– Vim salvar você – respondeu ele, tendo plena consciência do quanto as palavras eram ridículas. Esta estava parada ali, bem na sua frente. Estava sorrindo. Obviamente, não precisava que ninguém a salvasse. – Como conseguiu sair?

– Eu lhe falei no dia em que tentou me prender com aquelas suas algemas ridículas: não existe fechadura que eu não consiga abrir.

Harte franziu a testa, tentando desesperadamente recobrar o autocontrole.

– Você se arriscou, usando a afinidade lá dentro. Afinal, alguém pode ter notado – falou, morrendo de vergonha por ter dito algo tão imbecil.

– Não. Não usei a afinidade, quero dizer. Sou muito boa, mesmo sem ela. Depois que saí da cela, troquei o colar por esse casaco, então passei a mão nisto – explicou, mostrando um crachá de visitante. – Eles não são as pessoas mais inteligentes da face da Terra, sabia?

– Pessoas desesperadas raramente são.

Esta enrugou de leve o nariz ao apertar mais o casaco, escondendo completamente o vestido.

– Você fez algum progresso com Jack?

“Isso é tudo que ela tem a dizer?”

– Você não vai me perguntar por que eu abandonei você?

Esta piscou, com um ar surpreso.

– Não sabia que você tinha me abandonado.

– É – falou Harte, endireitando os ombros, desafiando Esta a reclamar da decisão que ele havia tomado. – Saí de lá com Jack quando a polícia entrou no salão. Ele estava interessado, e não quis perdê-lo de vista. Deixei você para trás – provocou.

Esta franziu a testa, mas muito de leve.

– Que bom, se você conseguiu arrancar alguma coisa dele.

Não era essa resposta que Harte estava esperando.

– É mesmo?

A garota deveria estar mais zangada. Deveria estar furiosa por Harte tê-la deixado para trás. Ele estaria.

Mas aquela moça nunca tinha reações previsíveis. Era algo enlouquecedor.

Ela revirou os olhos.

– Não sou nenhuma florzinha indefesa, Harte. A essa altura, você já deveria saber. Se a situação fosse inversa, eu provavelmente teria feito a mesma coisa.

– Teria mesmo, não é? – falou, lembrando-se das razões que tinha para não confiar nela.

– Quê? – perguntou Esta, desconfiada.

– Aonde você foi ontem à noite? Quando me deixou falando com Jack.

– Eu lhe disse. Tive que retocar a maquiagem.

“Ela manipulou você lindamente.”

Fora isso que Nibsy dissera. Será que Esta ainda estava manipulando Harte?

– Você demorou tanto que poderia ter maquiado o corpo inteiro – falou, cruzando os braços. – Tente de novo. E, desta vez, tente sem as mentiras.

– Você não confia em mim? Achei que já tínhamos superado isso.

Harte bufou, sem acreditar no que estava ouvindo.

– Você também não confia em mim. Se acreditasse, me contaria porque demorou tanto para voltar à mesa. Você foi se encontrar com alguém?

– Não sei do que você está falando – disse ela, e virou as costas para ir embora, mas Harte segurou o pulso dela e a puxou para perto.

– Há coisa demais em jogo para continuar havendo mentiras entre nós. Vim aqui hoje para salvar você – falou Harte, com delicadeza, tentando uma abordagem diferente.

Esta ficou com uma expressão fechada, distante.

– Não preciso que você me salve.

Harte estava tão frustrado que teve vontade de descontar nela, mas se segurou. Manteve a calma. Aquilo era importante demais para dar um passo em falso por causa do seu ego.

– Não é esse o ponto. Eu *vim*.

– Mas por quê? Você está tentando se livrar de mim desde que Dolph me mandou ficar na sua casa. Esta seria a oportunidade perfeita.

– Porque não posso fazer isso sem você. Preciso que fisque Jack, mas preciso saber de que lado está.

– Estou do lado de Dolph – respondeu ela, franzindo as sobrancelhas. – Como você deveria estar.

– Está mesmo? Ou está do lado de Nibsy?

– Ele trabalha para Dolph. Não é a mesma coisa?

– Claro. – Harte passou a mão sobre a boca, coçando os pelos do bigode que começavam a crescer e a incomodar. – Você tem razão.

– Você está bem?

- Se vamos dar esse golpe, precisamos poder confiar um no outro.
- Você voltou mesmo para me salvar? – perguntou Esta, inclinando a cabeça para o lado, fazendo um único cacho dos cabelos cair na frente dos olhos.
- Voltei, sim – respondeu Harte, com as mãos nos bolsos, para não cair na tentação de tocá-la, de tirar aquela mecha de cabelo da sua testa só para poder senti-la entre os dedos.

Harte ainda se sentia incomodado. Mas, se queria pôr as mãos no Livro e mantê-lo bem longe de Jack e de Nibsy, precisava de Esta. Ainda mais agora, que não podia depender de mais ninguém. Só precisava manter o coração trancado e a cabeça erguida.

COISAS PONTIAGUDAS

Apartamento de Harte

Esta sentou na beirada da banheira de porcelana de Harte, olhando para o recorte de jornal. Ela tinha mudado alguma coisa ou, pelo menos, dado início a uma mudança. O relato da prisão e da morte de Dolph ainda estava impresso no papel, mas o texto continuava borrando, como se as palavras não soubessem qual futuro escolher. Ela pensou que *quase* conseguira ler outra história flutuando logo abaixo da superfície da página, como se outro tempo estivesse esperando que Esta pulasse nele. Mas aí, quando piscava, já havia sumido.

Na verdade, estava apenas adiando o momento inevitável em que teria que encarar Harte de novo. O Mago fora tentar salvá-la, e Esta não fazia ideia do que pensar disso.

Talvez estivesse encarando tudo da maneira errada. O Professor Lachlan dissera que Esta devia deter o Mago, e ela presumiu que isso significava trabalhar contra ele. Mas seu verdadeiro objetivo era pôr as mãos no Livro. Talvez, para conseguir isso, fosse mais fácil trabalhar *com* ele. Talvez os dois não precisassem ser inimigos.

Só que, no fim, Esta ainda o trairia. Assim como trairia todos os demais.

Isso era algo que não podia ser evitado. Não podia ser contornado. Para concluir seu serviço, Esta precisava do Livro. Se roubasse o Livro, os demais sairiam perdendo. Não importava – não *podia* importar – o que pensava deles como amigos. Já tinha amigos: Dakari e Mari, e até mesmo Logan. Só que Mari sumira por causa de um erro que Esta cometera. E, se não cumprisse a tarefa que fora fazer ali, poderia estar sacrificando o futuro de Dakari e de Logan, assim como o seu próprio. Não tinha como salvar todo mundo.

Mas ela não estava ali para salvar todo mundo, lembrou, mesmo que ficasse com um aperto na garganta. Tinha um futuro para o qual devia voltar. Por mais que tivesse aprendido a gostar daquele tempo, aprendido a respeitar e a admirar aquelas pessoas, recusava-se a se arrepender do que tinha a fazer.

Tirou a tampa da banheira e ficou observando a sujeira da noite anterior descer pelo ralo, junto com quase toda a autoconfiança que tinha conseguido reunir. “Pare com isso”, pensou, enquanto vestia o robe de Harte. O que estava feito, estava feito. Aquela não era hora de começar a ter arrependimentos.

Quando saiu do banheiro cheio de vapor, Harte estava sentado no sofá, esperando por ela com uma cara emburrada. Na mesa, ao seu lado, havia uma pilha bem organizada de cascas de laranja sobre um lenço de bolso. Esta quase conseguia ouvir os pensamentos dele, só pelo jeito que estava sentado ali: coçando a barba por fazer

do maxilar e olhando para o nada.

Harte estava tão perdido nos próprios pensamentos que só percebeu que Esta estava ali quando ela se sentou do seu lado.

– Está se sentindo melhor? – perguntou Harte, olhando para cima.

– Sim, muito melhor.

Esta dobrou as pernas por baixo do corpo.

– Você não prefere pôr uma roupa?

Harte parecia perturbado, ao examinar o robe que ela estava usando. Quase nervoso.

Por ela, tudo bem. Tiraria proveito de qualquer vantagem que pudesse.

– Não, estou bem assim – disse Esta, esparramando-se confortavelmente no sofá.
– É *incrível* ficar sem aquele espartilho.

Harte lhe lançou outro olhar incomodado, mas não disse mais nada. Esta teve a impressão de que ele estava prestes a tomar uma decisão, mas não tinha certeza se devia entrar de cabeça.

Então, talvez, ela pudesse lhe dar um empurrãozinho.

– Obrigada por ter ido me resgatar – falou, baixinho, encostando na mão dele.

Harte ficou momentaneamente surpreso, mas foi logo tirando a mão e se recompondo.

– Não pense que isso significa grandes coisas. – Em seguida, pegou o jornal e fingiu que estava lendo a primeira página. Mas os movimentos eram duros, e ficou claro que os olhos não estavam focados nas manchetes. – Preciso que você convença Jack. Do contrário, eu a deixaria apodrecendo lá de bom grado.

– Então, acho que foi bom eu não ter precisado da sua ajuda, afinal de contas – debochou Esta, frustrada com o mau humor de Darrigan. Era óbvio que aquela abordagem não estava funcionando, então ela se levantou do sofá. Pensaria melhor e descobriria outra maneira.

Harte segurou a mão dela, com gentileza dessa vez. Esta poderia ter se afastado, mas se virou e olhou para ele. Ele tinha uma expressão indecifrável, que a fez ficar bem quieta.

– Não comece a inventar histórias sobre mim na sua cabeça, Esta. Não sou nenhum cavaleiro de armadura reluzente.

– Nunca disse que era.

– Não tenho um coração de ouro escondido. Sou um filho da puta, em todos os sentidos.

Parecia que Harte estava tentando convencer a si mesmo tanto quanto a Esta.

– Jamais cheguei a pensar outra coisa.

– Eu sei como as mulheres são – murmurou ele.

Esta olhou para Harte e viu algo de diferente nele: uma tristeza refletida nos seus olhos. O jeito como estava encolhido, como se estivesse esperando levar um tabefe.

– Você não sabe nem a metade do que acha que sabe – respondeu ela, baixinho.

– Sei mais do que você imagina. Vi muito bem o que aconteceu com a minha mãe por ter confiado demais em um homem.

Os lábios de Harte estavam apertados.

– Sinto muito...

– Não sinta. Eu deveria ter morrido em alguma sarjeta antes de completar 12 anos. E bem que merecia, depois do que fiz.

Esta não conseguiu se segurar e chegou mais perto dele.

– E o que você pode ter feito de tão grave para merecer isso com apenas 11 anos?

– Eu obriguei meu pai a ir embora de casa – disse ele.

Em seguida, levantou o queixo, como se estivesse esperando ser julgado por Esta.

Ela sacudiu a cabeça, sem entender.

– Você era apenas uma criança. Como poderia ter obrigado um homem adulto a ir a qualquer lugar que ele não quisesse?

Harte olhou para Esta, com olhos de tempestade escurecidos por uma emoção velada.

– Sou capaz de fazer muito mais do que entrar na cabeça de uma pessoa para ver o que tem lá dentro. Você se lembra daquele dia, em cima do palco? Quando Nibsy levou você para o teatro pela primeira vez? Inseri uma sugestão na sua cabeça. Falei o que eu precisava que você fizesse para que o efeito desse certo. Eu lhe dei uma Ordem, e você obedeceu.

Esta franziu a testa.

– Pelo que lembro, não foi bem assim...

Harte fez uma careta.

– É, bem... Você não estava no armário como deveria estar, mas fez todo resto. E se esqueceu de tudo no mesmo instante em que a porta do armário se abriu, exatamente como eu mandei.

Foi bom ter a resposta para aquela pergunta que Esta se fazia havia tanto tempo. Mas levantou tantas outras...

– Você mandou mesmo seu pai ir embora de casa?

Harte balançou a cabeça.

– Além de bater em mim e na minha mãe, ele só bebia. Eu queria um pouco de paz. Só queria que minha mãe fosse feliz de novo. Então, mandei que ele fosse embora. E meu pai foi.

– Você tentou salvar sua mãe.

– Ele nunca voltou. Saiu da cidade. Ou, pelo menos, tentou. Mas não chegou a ir muito além da Beira.

Os olhos de Harte estavam vazios, sem nenhuma emoção.

– Você era apenas uma criança. Não tinha como saber – disse Esta, pensando na própria incapacidade de controlar sua habilidade quando tinha aquela idade. Sempre fora muito impulsiva, mas naquela época era pior. Como na vez que estava com Dakari e viu um turista com a mochila aberta no Central Park. Ele lhe disse para não

roubá-lo, mas Esta pensou que podia tirar a carteira lá de dentro sem que ninguém notasse. Só que ainda não sabia segurar os segundos por muito tempo, e foi pega com a mão dentro da mochila. Só conseguiu escapar graças à reação rápida de Dakari. Mas seu treinador era um homem negro em uma cidade onde a lei permitia que pessoas como ele fossem paradas e revistadas. Dakari acabou deitado no chão, com os braços torcidos para trás. E Esta não pôde fazer nada além de ficar observando, com os olhos cheios de lágrimas.

Ele acabou tendo que passar a noite preso na delegacia. Esta nunca se esqueceu daquele dia. Dakari sobreviveu e a perdoou. Mas, pelo jeito, o pai de Harte não teve a mesma sorte.

– Minha mãe não se importava com isso. Quando descobriu o que eu tinha feito, o que eu era *capaz de fazer*, ficou horrorizada. Foi atrás dele. E me odiou por eu ter feito o que fiz. Arriscou atravessar a Beira para encontrá-lo.

– Ah, Harte...

– Ela não foi muito longe, mas só chegar perto da Beira a transformou – continuou Harte, com uma voz átona e quase sem emoção. Parecia que estava contando a história de outra pessoa, não a própria.

– Sinto muito *mesmo*.

– Não precisa. Isso fez de mim uma pessoa mais forte. Fez de mim a pessoa que sou.

Os dois não eram, assim, tão diferentes. Ambos tinham sido abandonados pelos pais. Mas, pelo menos, Esta pôde contar com o Professor. Que vira algo nela que, julgou, valia a pena salvar. Só que Harte jamais teve isso. Esta até podia continuar sem confiar nele, mas podia entendê-lo. A persistência que fazia dele quem ele era, a determinação para provar seu próprio valor – a necessidade profundamente arraigada de se encaixar em algum lugar – eram coisas que Esta conhecia muito bem.

E também entendia a mágoa. O medo de que talvez houvesse alguma coisa intrinsecamente errada com ela, que fazia as pessoas que deveriam amá-la irem embora. O fato de ser fortalecida pelo medo ou destruída por ele. Esse sentimento se tornou uma espécie de couraça para Esta, mais uma arma do seu arsenal. E ela suspeitava que também era assim para Harte.

– Não me olhe dessa maneira – falou Harte, espremendo os olhos.

– De que maneira?

– Como se você soubesse alguma coisa a meu respeito. Será mais fácil para nós dois se conseguir entender que não preciso que nenhuma mulher venha me consertar. A vida arrancou de mim qualquer suavidade que eu possa ter. Só sobraram pontas afiadas. Isso é tudo que terei. É tudo que *quero* ter.

Esta ficou observando-o: os ombros tensos, os dentes cerrados, e aqueles olhos de tempestade que a desafiavam a julgá-lo. Teve vontade de provocá-lo mais uma vez. Queria ver o menino que encontrara no porão do teatro, o garoto amarrotado cujos olhos brilhavam de esperança e não de desespero. Queria desarmá-lo para que Harte

perdesse aquele olhar distante, só por um instante. Queria ver se conseguiria.

– Não estou aqui para salvá-lo.

Em seguida, sentou-se de novo no sofá, ao lado dele, e sentiu uma onda de satisfação quando Harte enrugou a testa.

– Não está mesmo, não é? – perguntou ele, olhando para Esta com a mais estranha das expressões.

– Não – falou Esta, sendo sincera, passando os dedos acariciando o cabelo dele. – Não me daria nem ao trabalho de tentar.

– Não mesmo?

Ele parecia desconfiado, mas não se afastou. Parecia congelado, quase hipnotizado.

– Quem foi que disse que eu quero que você seja diferente do que é? Gosto das suas pontas afiadas – respondeu, torcendo para que ele percebesse o quanto aquelas palavras eram verdadeiras. – Também tenho as minhas, sabia? Muitas.

– Eu sei – respondeu Harte. A voz com um toque de esperança e de desespero.

Esta sorriu ao ver o nervosismo estampado nos olhos dele.

– Eu estraçalharia você se fosse mais mole e suave.

Harte olhou para Esta pelo que pareceu uma eternidade, como se estivesse com medo de se mexer. Como se estivesse com medo de não se mexer.

– Estraçalharia mesmo, não é?

Ela balançou a cabeça. Harte tinha cheiro de laranja. Esta podia imaginar como seria se ela se aproximasse demais e tocasse seus lábios. Beijá-lo de propósito seria como tudo o que acontecia entre os dois: uma batalha de egos. Um choque de temperamentos. Um entendimento não verbal do qual nenhum dos dois poderia se afastar ou desistir.

“E depois?”

Pensar nisso foi como um balde de água fria. Afinal de contas, Esta teria que roubar o Livro dele, de Dolph também, e abandonar todos eles naquele passado, para que enfrentassem seu destino sozinhos.

– Isso é uma péssima ideia – murmurou.

– Eu sei – disse Harte, chegando mais perto.

“Nada é mais importante do que o serviço.” As palavras do Professor Lachlan ecoavam na sua cabeça, fazendo-a lembrar a última vez que esquecera o que era realmente importante. Fazendo-a lembrar que tinha outra vida, outras responsabilidades, à sua espera. Talvez não precisasse lutar contra Harte, mas não podia se permitir começar a acreditar que havia um futuro em que os dois pudessem ficar juntos. Pelo menos, não um futuro que não terminasse em traição.

Esta se afastou, ignorando a sensação de aperto na garganta que mais parecia desejo. Mas não sabia direito o que desejava – se era Harte, se era ficar um tempo sem precisar estar em guarda, se era um lugar só para ela.

– Há muita coisa em jogo para estragarmos tudo fazendo isso – disse, apontando

para eles dois.

Aquele olhar de urgência sumira dos olhos de Harte, e Esta não conseguiu mais interpretar a sua expressão. Então, afastou-se. A distância entre eles, que então era maior do que o seu braço, de repente, lhe pareceu impossível de transpor.

– Você tem razão.

– Desculpe, Harte, eu...

– Não. Não diga nada. Não precisa. Apenas nos deixamos levar pelo momento. Nada além disso. Eu é quem deveria pedir desculpas. Não podemos nos empolgar dessa forma de novo.

Levantou do sofá e foi para a cozinha.

Ainda nervosa, Esta foi atrás dele.

– Então, você disse que correu tudo bem com Jack ontem à noite? – perguntou, com a voz um pouco mais alta do que o normal. Desesperada para que as coisas voltassem para os trilhos.

– Correu – ele respondeu, servindo-se um copo d’água. Parecia que queria que a mesa ficasse entre os dois. Por Esta, tudo bem.

– E?

Harte tomou um grande gole d’água e falou:

– A boa notícia é que você foi brilhante. Jack acredita firmemente que você é a herdeira perdida. Agora depende de você enrolá-lo, mas não deve ser difícil. Ele está louco para provar seu valor, com certeza cometerá muitos erros.

– Jack irá assistir ao *show* de novo esta noite – continuou Harte. – Está tudo acertado. Você só precisa fingir que está interessada nele quando Jack for ao camarim depois da apresentação. Massageie o ego dele um pouco e deixe-o cavar a própria cova. Apenas o incentive o suficiente para conseguir que sejamos indicados para entrar na Mansão Quéfren. Só precisamos de um motivo para Jack nos querer por lá.

Esta, então, se lembrou do homem que vira atrás da parede do Haymarket.

– Acho que tenho uma ideia.

– Tem?

Ela balançou a cabeça.

– Ouvi algo no Haymarket que pode nos ajudar. – Harte lhe lançou um olhar receoso, mas ela ignorou o ar de indagação. – A Ordem está organizando uma grande festa para comemorar o equinócio. Seria uma pena se os artistas contratados para esta noite tão especial cancelassem a apresentação, você não acha?

Ele mudou de expressão.

– Isso não deve ser muito difícil. Vou falar com Dolph. Ele vai ficar feliz por participar da ação.

Algo parecido com alívio brilhou nos olhos de Harte, normalmente tão revoltos, suavizando o olhar. De repente, ele parecia o menino no porão do teatro, aquele menino que Esta queria conhecer melhor.

O menino que ela acabaria traindo.

Esta sentiu um aperto no coração, mas ignorou. Aquela encenação era necessária. Como o Professor Lachlan lhe ensinara: as emoções são uma armadilha. Nada é mais importante do que o serviço.

O EQUILÍBRIO DO PODER

Quase uma semana depois, Dolph Saunders ficou observando, da janela do apartamento de Harte Darrigan, Jack Grew ajudar Esta a sair de uma carruagem comum. A garota sorria para o herdeiro e permitira que ele a acompanhasse até a porta. Mas, assim que o casal chegou perto do edifício, Dolph não conseguiu mais vê-los.

– Os dois já voltaram? – perguntou Nibs, na porta da cozinha.

– Esta, sim. Já está subindo.

Os cômodos eram grandes e arejados, limpos e bem decorados. O menino tinha se saído bem, conquistado aquilo tudo sozinho. O próprio Dolph jamais tivera a chance de criar uma vida como aquela. Por um instante, ficou imaginando como seria se tivesse escolhido outro caminho. Se Leena tivesse se casado com ele, os dois poderiam ter construído uma vida baseada em mentiras, se mudado para a parte rica da cidade e fingido ser um casal como outro qualquer, uma família como outra qualquer.

Mas tinham começado a trilhar aquele caminho juntos, e ele não podia mais tomar outro rumo.

Alguns minutos depois, a moça entrou. Levou um susto – bem leve – quando viu Dolph e Nibsy dentro do apartamento, esperando.

Tirou a capa e o chapéu com toda a calma, pendurando-os no mancebo perto da porta.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou, virando-se para Dolph.

– Esperando um de vocês dois voltar – respondeu ele, seco. – Viemos ver como estão.

– Não sabia que vocês prestavam serviço personalizado – falou ela, curta e grossa. A voz transmitia fragilidade, e a expressão era dura como pedra. Dolph teve uma indesejada sensação de que algo havia mudado para ela e não soube dizer por que isso o incomodava. Mas sabia que não tinha sobrevivido por tanto tempo sem confiar nos instintos.

– Normalmente não, mas quando sinto que tem gente escondendo alguma coisa de mim, estou disposto a abrir exceções.

– Não estou escondendo nada. Conte tudo para ele desde que você me mandou ficar aqui – respondeu Esta, inclinando a cabeça na direção de Nibs. – Você podia pedir para ele parar, sabia? Não preciso que venha saber notícias todos os dias. Um dia sim, um dia não, seria bom, para variar.

Nibs deu um sorriso sarcástico.

– E eu que pensei que você estava começando a gostar de mim.

– Já chega – disse Dolph, antes que Esta pudesse responder. Avistara a mesa da cozinha repleta de papéis e de mapas, de desenhos e plantas. Tinham avançado mais do que ele pensava. – Você tem certeza de que contou *tudo* para Nibs?

– Sim, é claro.

Esta olhou bem nos olhos de Dolph, com uma expressão calma e determinada.

Ele ficou esperando uma mentira, mas não teve essa sensação. Talvez Esta simplesmente estivesse conseguindo esconder melhor seus pensamentos. A moça continuava com clara consciência das suas próprias habilidades, a mesma que tinha na noite em que se conheceram, e o ar à sua volta ainda tinha gosto de desejo e ambição. Dolph gostava disso em Esta, mas essas características também continuavam deixando-o preocupado.

– Bem? – perguntou, dispensando as gentilezas. – Mostre-me.

– Está tudo na cozinha.

Dolph e Nibsy seguiram Esta até o pequeno cômodo. Nibs pegou uma laranja da fruteira que havia em cima da mesa, e a moça se debruçou sobre uma planta da Mansão Quéfren. Fez uma anotação no lado oeste do prédio e, em seguida, contou tudo para os dois: sobre as quatro vezes que fora jantar com Jack, sobre como ele estava determinado a exibir conhecimento sobre a Ordem. Ficou claro que ele estava tentando usar seu *status* para impressioná-la e se aproveitar dela, como esperado.

– Jack anda se achando para Harte, dizendo que sou muito fácil de conquistar, já que ele tem aquele rostinho bonito e os bolsos recheados. Como se eu não soubesse que todo o seu dinheiro é da família. Eu até sentiria pena dele, sabendo da sua situação quando acabarmos de usá-lo, mas o homem é tão insuportável.

– Você se saiu bem – disse Dolph, olhando para Nibs. O garoto tinha omitido vários detalhes do progresso nos dois relatórios... Alguém estava mentindo. Mas, para sua frustração, Dolph não conseguia ver quem era. Confiava em Nibs há muito tempo, mas a garota também lhe parecia sincera.

– O Mysterium só pode estar debaixo dessa sala – falou ela apontando para o mapa.

– Achei que esse era o lugar da caldeira – comentou Nibsy, virando o papel para enxergar melhor.

– E é. Mas Jack comentou algo hoje que, acho, pode nos ajudar – respondeu Esta, visivelmente empolgada. – O prédio é mais profundo neste ponto do que pensávamos.

Em seguida, apontou uma área na planta embaixo da sala de reuniões principal da Mansão Quéfren.

– Você tem certeza? – perguntou Dolph.

– Absoluta. Ao que parece, escolheram de propósito esse lugar específico para construir o quartel-general. Alguma coisa relacionada à congruência dos elementos – explicou, lançando um olhar confuso para Dolph. – Não entendi muito bem metade do que Jack disse, mas o principal é que o lugar foi construído em cima de um dos

rios perdidos de Nova York. Algo que tem a ver com garantir que os poderes elementais fiquem equilibrados.

– Você tem certeza disso?

Dolph tornou a sentir receio de que a menina desistisse do plano.

– A mais absoluta certeza. Jack estava tão ansioso para garantir que eu soubesse que *ele* entendia tudo a respeito da importância de alinhar os elementos que praticamente me desenhou um mapa.

Esta sorriu para Dolph, e, por um instante, ele pensou em Leena.

“Isso é ridículo.” Aquela garota não era nem um pouco parecida com Leena. Mas havia algo na sua atitude, na sua autoconfiança, que trazia à tona lembranças que deveriam ficar enterradas. Talvez Viola tivesse razão: Dolph era muito mole com ela. Só podia torcer para não se arrepender disso.

– E isso muda alguma coisa? – perguntou Dolph para Nibsy.

O garoto ficou pensativo por um momento.

– Se existe um rio ali embaixo, teríamos uma segunda forma de entrar. Ou de sair. Precisamos levar isso em consideração.

– Você já contou para Darrigan? – ele perguntou para Esta.

– Sim – disse uma voz vinda de trás deles. – Você *já contou* isso para Darrigan?

UM CONVITE

-Harte...

Esta pareceu surpresa por um instante – até, talvez, um pouco culpada – quando se virou e viu Harte parado perto da porta. E foi a expressão de culpa que o deixou desconfiado.

– Vejo que estão bem à vontade – falou, entrando na cozinha do seu apartamento. Não esperava que Esta já tivesse voltado do encontro com Jack. A cada noite, ela voltava cada vez mais tarde, e Harte fora para casa para poder ficar sozinho por um tempo no próprio apartamento. Não estava preparado para encontrá-la mexendo nas suas anotações com Dolph. Com Nibsy. Ao ver o fedelho ali, na sua casa, sua visão ficou borrada pela ira, e todos os seus instintos entraram em alerta. Mas ele manteve o controle. – Estão fazendo uma reuniãozinha sem mim?

Esta franziu a testa.

– Não estaríamos fazendo reunião nenhuma sem você se estivesse aqui quando cheguei.

Talvez ela estivesse dizendo a verdade. Talvez pudesse confiar na garota. Afinal de contas, Dolph também estava lá. Mas o modo como ela andava o deixando de fora pouco a pouco já o incomodava faz tempo. E o fato de ter dado de cara com Nibs...

– Fazia mais de uma semana que você não chegava em casa tão cedo. O que eu deveria fazer, ficar sentado esperando? Tinha assuntos para resolver no teatro – respondeu ele com os dentes cerrados.

Esta deu uma bufada de desprezo.

– Tenho certeza de que sim.

– O que você quer dizer com isso? – perguntou, chegando mais perto dela.

– Nada – respondeu Esta. – É que não é você que tem que ficar o tempo todo se defendendo das patas de Jack. Juro que ele deve ser meio polvo.

– Você não precisaria ficar se defendendo se me deixasse ir junto.

Mas, nas últimas duas noites, Esta insistira que Jack queria vê-la a sós.

A garota pensou que os dois poderiam chegar mais longe se ele acreditasse que estava tirando vantagem de Harte, roubando sua namorada. Harte concordara, ainda que relutante, mas não podia deixar de ficar preocupado, com medo de que Esta tirasse vantagem da situação enquanto ele não estava por perto. Por mais que tivessem declarado trégua, Harte não podia esquecer por que não devia confiar completamente em Esta. Por mais que quisesse.

Harte deu um sorrisinho irônico.

– E até onde ele conseguiu chegar hoje à noite?

– Seu bunda... – a garota começou a xingar, com as bochechas vermelhas.
– Vocês dois já encerraram? – perguntou Dolph, com um tom de impaciência.
– Não estou nem perto de encerrar – respondeu Harte, sem tirar os olhos de Esta.
– Aliás, o que você está fazendo aqui?

– Vim checar como andam vocês dois – falou Dolph, com tom de voz que Harte jamais ouvira. Aquele fio costumeiro de autoconfiança parecia estar desgastado, quase se rompendo.

Ele olhou para Dolph.

– Você não precisa vir aqui ver como estou – disse, tirando o casaco e o pendurando nas costas da cadeira. – Estou cumprindo com a minha palavra, como prometi. – E ignorou Nibs de propósito. Não teria como continuar com aquele ardil se tivesse que reconhecer a presença do fedelho.

Os olhos gélidos de Dolph cruzaram com os seus.

– Está mesmo?

– Sim – respondeu Harte, quase arrancando o lenço que estava no pescoço e puxando o colarinho da camisa engomada.

– Jianyu me contou que Paul Kelly foi visto bebendo com Jack Grew. Por acaso, você não tem nada ver com isso, tem?

Nibs mudou de posição, como se quisesse prestar atenção na resposta.

O pânico fechou seus dedos em volta da garganta de Harte, mas ele resistiu.

– Não vou descumprir com a minha palavra – disse Harte, respondendo à pergunta subentendida e não à que ele fizera diretamente. Mas, quando Dolph não respondeu e o ficou só fuzilando com aqueles olhos de quem sabe tudo, Harte completou: – Kelly conseguiu falar com Jack sem a minha ajuda.

– E quando foi isso?

– Na noite do fiasco no Haymarket. Fui até o Strega para lhe contar, mas você tinha saído.

– Sim – disse Dolph. – Pude ver sua *conversa* com Nibs.

– Não fiz nada que ele não merecesse.

– Não guardo mágoa, Darrigan. Não deveria tê-lo provocado num momento em que estava tão perturbado por Esta ter sido presa.

Então, o fedelho deu um sorriso para Esta, quase envergonhado, que fez Harte ter vontade de socá-lo de novo.

– Você estava perturbado por minha causa? – perguntou Esta, confusa.

– Ele me deu um belo sopapo – respondeu Nibs, com um tom bem claro de ameaça.

– Você deu um soco nele?

– Ninguém comentou nada sobre o fato de você ter encontrado Kelly – falou Dolph, quase berrando.

Harte ignorou os outros dois e se concentrou em Dolph.

– Acabei esquecendo que encontrei Kelly. Precisava tirar a sua donzela da cadeia

antes que ela não servisse para mais nada.

Foi um risco revelar esse detalhe... Harte, provavelmente, não deveria estar provocando Nibs. Se pelo menos tivesse mais sorte na procura por sua mãe... Assim que ela estivesse a salvo, seria muito fácil contar para Dolph tudo que vira naquela noite, quando socara Nibsy. Mas, enquanto não tivesse certeza de que Nibs não faria mal a ela, Harte estava praticamente amordaçado.

– E depois? – perguntou Dolph, com uma expressão assustadora. – Você teve bastante tempo para me contar.

– Tenho estado meio ocupado desde então – falou, apontando para as evidências sobre a mesa. – Além disso, não foi você que disse que tinha dado um jeito em Paul Kelly? Achei que ele não era mais um problema.

Dolph cerrou os dentes.

“Isso não é um bom sinal.”

Harte aproveitou o intervalo para mudar de assunto.

– O que você não me contou? – perguntou para Esta.

– Tirando o que descobri hoje à noite, contei tudo – disparou ela.

– E quando você planejava me contar?

– Assim que eu lhe encontrasse, é claro. Mas você ficou todo sarapantado porque Dolph e Nibs estavam aqui...

– E o que eu deveria ter pensado?

Ver Esta com Dolph, ser excluído da conversa, qualquer que fosse, só serviu para enfatizar de modo ainda mais duro o quanto a sua situação era precária. Harte estava colocando uns contra os outros. Se não tomasse cuidado, acabaria no meio do fogo cruzado.

Esta olhou feio para ele.

– Você deveria ter calado a boca por um minuto e controlado esse seu ego frágil de macho para que eu pudesse contar que aconteceu hoje à noite.

– Certo. – Ela tinha razão. Não que ele fosse admitir abertamente, muito menos na frente de Dolph, que parecia estar achando muita graça naquela conversa. – Então, fale logo.

– Como eu estava prestes a contar para eles, e teria *lhe* contado, se você tivesse esperado um segundo, lembra que a Ordem estava organizando uma espécie de sarau para comemorar o equinócio de primavera? É daqui a uma semana e, pelo jeito, os artistas que costumam animar as suas festas disseram, de uma hora para outra, que não podem comparecer.

– Uma lástima – disse Dolph, com um tom dramático.

Esta olhou para ele.

– Não é mesmo? E eles acabaram precisando de alguém assim, de última hora. Sugerir seu nome, é claro – completou ela, fazendo pausas dramáticas e se deleitando com o olhar de expectativa de Harte.

– E?

Esta, então, tirou um cartão em alto-relevo da bolsa que estava pendurada no seu pulso.

– Fomos convidados para fazer uma apresentação na Mansão Quéfren.

P A R T E

IV

A HISTÓRIA DO AGORA

Esta conseguia sentir os olhos de Harte sobre ela na escuridão da carruagem.

Lá fora, a cidade encharcada pela chuva passava em um ritmo lento e constante.

“Vou sentir falta disso”, pensou, com uma pontada súbita de nostalgia. Aquela cidade era tão diferente da sua, mas, mesmo assim, tinha se tornado seu lar. Esta adorava o fato de ela parecer saber que estava no ápice da sua grandeza, como se estivesse simplesmente esperando os anos passarem e revelarem aquilo que se tornaria. Depois de passar tantas semanas caminhando naquelas ruas de paralelepípedos, sempre veria *aquela* cidade ali, por baixo da sua. Especialmente de noite, ela não precisaria mais da ajuda da Chave de Ishtar para sentir aquele tempo, aquele lugar, logo abaixo do presente. Fora do alcance das suas mãos.

Porque não haveria volta. Assim que pusesse as mãos na sua pedra, até *poderia* voltar. Mas tinha certeza de que, assim que fosse embora, jamais voltaria. Não teria motivos. Poderia simplesmente olhar os registros e jornais antigos, como o recorte que ela guardava na segurança do corpete. Mas muitas das pessoas que ela aprendera a respeitar eram invisíveis, de pouca relevância para os homens burocráticos que escreviam as histórias..

Não podia permitir que isso a distraísse, contudo. Encostado na sua pele, o envelope de papel encerado com o recorte de jornal servia para lembrar que Esta tinha outras responsabilidades e deveria estar em outro lugar. Por mais afeição que tivesse por aquele tempo, por aquela cidade, o recorte era um lembrete de que ela tinha um dever para com o futuro. Tinha que garantir que o passado permanecesse exatamente como deveria ter sido. Caso contrário, sabia-se lá o o que o futuro poderia reservar...

E a única maneira de fazer isso era garantir que Harte não ficasse com o Livro. Traí-lo – traí-los todos.

– Você está pronta? – perguntou Harte, em voz baixa.

– É claro – respondeu Esta, mas não sabia direito se era ou não mentira.

Não que isso ainda tivesse importância. Antes que aquela noite chegasse ao fim, o Livro e a pedra seriam dela, e Esta iria embora.

– Tudo vai dar certo – disse Harte, com um olhar firme. – Como ensaiamos.

Em seguida, esticou o braço e passou os dedos nos ombros de Esta, massageando de leve os músculos tensos do seu pescoço.

Por um instante, ela apenas sentiu uma estranha onda de alívio, como se toda a tensão que havia entre os dois, toda falta de confiança e a raiva tivessem ido embora junto com a tensão dos seus músculos. Por um instante, Esta se permitiu sentir um verdadeiro arrependimento pelo que estava prestes a fazer. E, assim que se permitiu

relaxar com o calor dos dedos de Harte, também sentiu o calor da sua magia.

Esta deu um pulo, afastando-se, com o coração disparado.

“Sou tão imbecil.”

– Fique longe da minha cabeça, Harte.

Harte ficou apenas olhando para ela, com uma expressão indecifrável, até Esta virar o rosto, imaginando o que o Mago poderia ter visto para ficar com aquela cara. Imaginando o que aquilo poderia significar para os seus planos tão meticulosos.

Ficaram o resto do caminho em um silêncio perigoso. Esta não parou de olhar pela janela, ignorando-o solenemente e aproveitando o tempo para organizar os pensamentos. Praticamente podia senti-lo olhando para ela, mas se recusou a virar o rosto e lhe oferecer qualquer outra coisa. O caminho era longo demais. E Harte poderia ter descoberto coisas demais com aquele único toque.

A carruagem parou de chofre.

– Chegamos – disse ele, como se Esta não conseguisse perceber isso sozinha.

Harte saiu da carruagem primeiro e abriu um grande guarda-chuva preto antes de lhe dar a mão para ajudá-la a descer. Esta olhou para o cocheiro, Nibsy, que parecia molhado e infeliz sentado ali, sob a chuva torrencial. Despediu-se dele balançando a cabeça, torcendo para que o cumprimento transmitisse autoconfiança. Gostaria de poder pedir desculpas. Afinal de contas, dentro de duas horas, Esta o trairia também.

– Está na hora – falou Harte.

Esta endireitou as costas e tentou endireitar também a determinação. Tudo o que havia acontecido com ela, tudo o que era, resumia-se àquela noite. Sabia que tanto Dolph quanto Harte queriam o Livro. Que os dois tentariam ficar com ele.

E os dois teriam que sair perdendo.

NO NINHO DAS COBRAS

Mansão Quéfren

-**E**stá na hora – falou Harte, sentindo que Jack já estava observando os dois do pórtico coberto. Mas Esta apenas o olhou com uma expressão indecifrável. Ele teria ficado mais tranquilo se ela tivesse uma expressão de fúria nos olhos. Mas, naquele momento, a moça o fitava com uma emoção que ele não conseguia identificar, e que o deixava muito mais preocupado do que a raiva.

Talvez tivesse sido um erro usar a afinidade nela mais uma vez, mas precisava saber quais eram seus planos. Esta andava tão reservada desde o dia em que Dolph aparecera sem avisar no apartamento... Fazia tudo conforme as regras, mas nunca revelava seus pensamentos. Ele odiava aquilo: os dois ficarem pisando em ovos quando estavam juntos. Sempre houve tensão entre eles, uma sensação de que eram adversários do mesmo jogo, mas Harte sentia que o jogo estava escapando por entre seus dedos. E, naquele momento, conheceu a verdade.

Seu desejo... Harte não sabia qual era seu desejo. Não ter visto as intenções por trás daqueles olhos cor de mel? Não ter previsto a traição com tanta facilidade? Ou, quem sabe, burro que era, desejava poder evitar machucá-la, o que era inevitável? Mas desejos eram coisas de criança, e fazia muito tempo que ele se tornara adulto. Apenas um dos dois poderia vencer aquele jogo, e *tinha* que ser ele.

– Uma hora ou outra, você vai ter que falar comigo. Jack irá perceber se você não falar. Vai suspeitar que alguma coisa está errada.

– Não se preocupe comigo – respondeu Esta, com uma expressão desprovida de emoção. – Vou fazer meu serviço. Apenas faça o seu.

Harte olhou de relance para Nibsy. O fedelho parecia uma ratazana afogada ali, sentado no lugar do cocheiro, mas os olhos estavam alertas, e ele tinha uma expressão que advertia que era melhor não provocá-lo. Harte o cumprimentou balançando a cabeça e deu o braço para Esta. A garota estava dura, era óbvio que não queria que ele a tocasse. Parecia estar com medo, e não alguém que planejava trai-lo antes que a noite chegasse ao fim.

“As aparências enganam”, pensou, ignorando a pontada de arrependimento que sentiu. “Que comecem os jogos.”

Jack estava esperando, nervoso e inquieto, com um copo na mão, que deveria conter o costumeiro uísque. Tomou a bebida de um gole só e veio cumprimentá-los.

– Que beleza de noite, não? – disse, suando nas têmporas.

Harte estendeu a mão.

– Que gentileza a sua ter nos convidado, Jack.

Ali, ao seu lado, sentiu que Esta se transformou.

– Jack, *querido*... – falou. Em seguida, afastou-se de Harte e estendeu as duas mãos para cumprimentar Jack, carregando no sotaque. – Estou *tão* ansiosa para conhecer seus amigos.

Jack lhe deu um sorriso lascivo que fez Harte cerrar os punhos. “Ela não é para mim”, lembrou.

– Eles também estão ansiosos para conhecê-la – ele disse, com certo tom de depravação. Esta apenas sorriu.

Harte limpou a garganta.

– O equipamento necessário para nossa demonstração já chegou?

Jack respondeu sem tirar os olhos de Esta:

– Chegou esta tarde. Já está tudo montado, pronto para a apresentação.

– Que bom, que bom – falou Harte, dando um tapinha no ombro de Jack e sacudindo-o de leve. – Vamos entrar?

De repente, Jack parecia menos seguro, mas balançou a cabeça e os levou até uma pequena antecâmara iluminada por arandelas que lembravam tochas, presas na parede. Lá dentro, deu o nome dos dois para um homem sentado em uma saleta gradeada, que fez Harte se lembrar da bilheteria do teatro. Depois que o funcionário viu que os nomes estavam na lista, o *clique* de uma trava soou, e a parede bem na frente deles começou a se abrir, permitindo que a luz dourada do próximo recinto entrasse naquele espaço diminuto.

Do outro lado da parede, o lugar era completamente diferente. Nada dos painéis de madeira e pisos de mármore, típicos dos clubes de cavalheiros. Ao atravessar aquela abertura na parede, tinha-se a sensação de estar entrando em uma tumba do Egito Antigo. Havia ouro brilhando nas paredes, destacando as faixas de um azul-índigo vivo e os símbolos verde-água talhados nas colunas de arenito. Mesmo conhecendo o tamanho da construção, Harte não tinha como esperar nada daquilo. Era uma sala feita com o objetivo de inspirar, de deslumbrar, e ele detestou ter que admitir que funcionava.

– Impressionante, não? – falou Jack, dirigindo-se a Esta, que balançou a cabeça, parecendo estar tão maravilhada quanto Harte.

A garota sorriu para Jack, um sorriso com ar de segredo que fez o estômago de Harte se revirar.

– É tão lindo quanto você disse – murmurou ela.

– Por aqui. Preparamos a demonstração no anfiteatro.

Os dois foram atrás de Jack até outra sala de recepção. Com sedas coloridas em tons de pedras preciosas penduradas no teto alto, o lugar lembrava as Arábias. Havia palmeiras encostadas nas paredes, e uma mulher de vestido transparente e brilhante dançava, rodopiando os quadris e o torso, serpenteando pela sala. Quando passaram por ela, os olhos cor de violeta cruzaram com os de Harte.

“Que bom”, pensou ele.

Pelo menos, essa parte estava saindo conforme planejado.

A próxima hora foi uma procissão interminável dos homens mais ricos da cidade. Cada um que veio cumprimentar Esta olhou Harte de cima a baixo. À medida que atravessavam a sala, ele teve plena consciência de que todo mundo o observava, esperando que cometesse algum erro que denunciasse sua falta de *pedigree*. Mas não lhes daria aquela satisfação. Não mesmo. Aquela era a sua noite, dele e de ninguém mais.

– Ora, ora – ouviu uma voz dizer bem atrás dele. – Harte Darrigan, você anda com a agenda lotada ultimamente, não?

Harte parou de súbito, fechou os olhos pelo tempo necessário para recobrar o autocontrole – e a paciência – e se obrigou a dar um sorriso.

– Sam Watson – começou a dizer, virando-se para cumprimentar o repórter com o sorriso de sempre. Mas congelou quando viu quem estava de braço dado com ele. – Evelyn?

A dançarina usava um vestido de seda preta e tinha um brilho satisfeito nos olhos.

– Harte – ela falou, com uma voz presunçosa. – Que surpresa mais agradável.

O modo como retorceu a boca para cima fez Harte levantar a guarda. Se aquilo era surpresa, então Evelyn era ruiva natural.

– O que *você* está fazendo aqui? – perguntou Harte.

Parecia que a sala girava. Evelyn e Esta. Evelyn *ali*, com Sam Watson. Na Mansão Quéfren. Na noite em que nada poderia dar errado.

Olhando-o de cima abaixo, a dançarina lhe deu um sorriso.

– Eu poderia perguntar a mesma coisa.

– Fui eu quem a convidei – falou Sam, passando braço pelos ombros desnudos de Evelyn. – Estou cobrindo a comemoração desta noite para o *Sun*.

– É mesmo? – indagou Darrigan. – Primeiro a noite de gala no Metropolitan e agora isso? Ora, Watson... Você se tornou um colunista social.

Os olhos do repórter brilharam de fúria, mas ele conseguiu manter o autocontrole.

– Não sei, Darrigan. Tenho a impressão de que, assim como aconteceu naquele papelório do museu, vou ter uma reportagem melhor do que os meus editores estão esperando esta noite. Você não?

– Certamente não tenho como saber – disse Harte, seco, negando--se a reagir àquela provocação explícita. – Sou apenas a atração da noite. Falando nisso, acho que devemos ir nos preparar. Podem nos dar licença?

– Claro – respondeu Sam, todo simpático. – Mal posso esperar para ver o que você vai aprontar. – Então, deu um sorriso que mostrou todos os seus dentes e completou: – Vemo-nos mais tarde?

Harte balançou a cabeça para o jornalista, sem querer se comprometer com a resposta e depois levou Esta na direção das portas do anfiteatro.

– O que ela está fazendo aqui? – sussurrou Esta, assim que se afastaram o suficiente.

– Não sei.

Mas o que quer que Evelyn estivesse fazendo, não poderia ser nada bom.

– Precisamos cair fora daqui.

– Ela é minha amiga, Esta. Não faria nada...

Esta agarrou o braço de Harte. Era a primeira vez que ela o tocava por vontade própria desde que tinham saído da carruagem.

– Ela *sabe*, Harte.

– Quê?

Ele sacudiu a cabeça, confuso.

– Lembra aquele dia, no teatro... quando você estava me mostrando o caixão de vidro, e ela apareceu, o procurando? Aposto o que quiser que ela ouviu você falando da herdeira perdida, do nosso plano para Jack.

Harte sentiu a boca ficar seca de repente.

– Você não tem como ter certeza disso. Além do mais, ela é uma de nós. O que teria a ganhar ajudando Jack?

Esta apertou os lábios, com um olhar de impaciência.

– Não sei, mas por que ela está *aqui*? Por que justo esta noite? Você deve ter visto o olhar de satisfação daquela mulher. Que deveria estar nervosa em um salão cheio de membros da Ordem. Nós estamos, e temos toda uma equipe para nos ajudar. Não... Ela está planejando alguma coisa. E quem é aquele homem que está com Evelyn?

– Sam Watson, repórter do *New York Sun*.

– Sam Watson?

Esta ficou sem cor.

– Evelyn e Sam se conhecem há muito tempo – explicou Harte, fazendo questão de sorrir para as pessoas que passavam pelos dois com um olhar questionador. – É possível que tenha procurado Evelyn porque zombei dele no museu.

Mas seus instintos gritavam, dizendo que Esta tinha razão. Evelyn estava aprontando alguma. Se ela soubesse *mesmo* a respeito da herdeira perdida... Depois de tê-la rejeitado tantas vezes, e depois de ter sido humilhada por Esta naquele dia, dentro do seu camarim, a dançarina tinha muitos motivos para prejudicá-los. Especialmente se ganhasse alguma coisa com isso.

– Você não acredita nisso de verdade, acredita?

– Não – admitiu Harte. – Mas essa mulher só pode estar louca de vir aqui esta noite.

– Só que a recompensa seria enorme. Evelyn não seria o primeiro Mageus a trair sua própria espécie na esperança de ter uma vida melhor – falou Esta, com uma expressão indecifrável. Ela parecia perdida nos próprios pensamentos e muito, muito distante de Harte.

– Você está bem?

Esta piscou, apertou os lábios e balançou a cabeça, decidida.

– Nós devíamos ir embora. Posso fingir que estou passando mal. Assim, Jack não vai desconfiar, e podemos tentar de novo outra hora. É muito arriscado fazer isso com Evelyn aqui, *especialmente* se ela souber de tudo.

Provavelmente, os dois conseguiriam se safar ilesos se cancelassem tudo, mas a Ordem não era a única coisa que Harte tinha a temer. Se não dessem prosseguimento ao esquema, ele não tinha dúvidas de que Nibsy encararia isso como motivo para retaliação. Harte até poderia conseguir se salvar, mas isso significaria prejudicar sua mãe... De novo.

– Já lançamos os dados – falou, meio anestesiado. – E agora vamos ter que lidar com o número que sair quando eles caírem na mesa.

– Mas...

– Ande logo.

Harte deu o braço para Esta, segurando o dela bem apertado, e a levou até o espaço cavernoso do anfiteatro. O tempo todo, teve a impressão de que estava se dirigindo à sua própria – e certa – ruína.

UMA AURORA DOURADA

O auditório parecia um daqueles cinemas antigos que as pessoas do tempo de Esta sempre tentavam preservar. Fora projetado para parecer um anfiteatro romano ao ar livre, montado debaixo de um toldo azul-safira. Havia estátuas de corpos nus com pernas e braços compridos, em cima de balaustradas de mármore e colunas altíssimas. Acima, em vez de teto, chumaços de nuvens encantadas passavam vagarosamente, em um ritmo constante, pelo céu cheio de estrelas.

Jack abanou para eles na frente do recinto, perto do palco, com uma expressão ansiosa.

– Você está pronta? – murmurou Harte.

– Nem um pouco.

Evelyn sabia o que ela e Harte estavam planejando – Esta seria capaz de apostar a própria vida, de tanta certeza que tinha – e nada de bom poderia surgir daí. Principalmente, depois de ela ter tratado tão mal aquela mulher.

Ainda poderia fingir que estava passando mal ou criar alguma outra distração para sair daquele lugar. Não precisavam pôr o plano em prática. Podiam ir embora, pensar melhor. Tentar de novo quando a situação fosse menos perigosa ou mais garantida... Mas, por instinto, Esta sabia que era tarde demais. Havia um recorte de jornal roçando na sua pele – aquele, assinado por Sam Watson – para lembrá-la do quê estava em jogo ali. Se fugisse naquele momento, talvez não tivesse outra chance de pôr as mãos na pedra. Então, permitiu que Harte a levasse, pelo meio da multidão, até onde Jack estava esperando, perto do palco.

Pelo menos, todos estavam dispostos a comemorar. Os membros da Ordem e suas esposas cheias de joias flutuavam nos rios de champanhe que haviam bebido durante o coquetel, e o riso pontuava todas as conversas.

“É um bom sinal”, pensou. “Tem que ser.”

Mas não conseguia se livrar da sensação de estar a poucas horas, a poucos minutos, de saber se tudo o que fizera fora suficiente. Poderia ter sucesso e estar de volta à sua própria cidade quando amanhecesse ou...

“Não.” Sequer pensaria na outra possibilidade.

Pelo jeito, Jack relaxara um pouco, mesmo que tivesse sido por causa do copo cheio de um líquido cor de âmbar que estava na sua mão. Ele os levou até as coxias, onde esperariam sua deixa. Em seguida, foi sentar na plateia.

Ali onde estavam, conseguiu enxergar todo o público. As pessoas começavam a se sentar e viravam os rostos pálidos para o homem que estava em cima do palco.

Aqueles homens e aquelas mulheres da plateia não pareciam monstros. Nenhum dos rapazes mal-encarados que patrulhavam a Bowery à procura de Mageus estava

sentado ali. As mulheres em seus vestidos de seda, os homens de *smoking*... Esta podia jurar que nenhum jamais sujara as próprias mãos daquele modo. Talvez não soubessem quais eram os impactos da Ordem. Talvez não se dessem conta da dor e do sofrimento que a Ordem da Ortus Aurea causava para as pessoas que viviam nas ruas da Lower Manhattan.

No entanto, no momento em que o Sumo Sacerdote – um dos membros do mais alto escalão – começou a falar, qualquer pensamento benévolo que estivesse passando pela cabeça de Esta evaporou.

– Como lá em cima... – conclamou o Sumo Sacerdote, e a plateia respondeu em uníssono: – Cá em baixo.

– Estamos aqui reunidos para celebrar o equinócio, tempo de equilíbrio, de renascimento, de lembrar nosso dever solene para com nosso povo, para com nosso modo de vida.

– Acho que vou passar mal – sussurrou Esta.

Harte fez *shhhhh*, mas tinha os dentes cerrados, os punhos fechados ao lado do corpo, dando a impressão de que também se sentia mal.

– Estamos aqui reunidos, irmãos que se dedicaram aos princípios da Razão e ao projeto iniciado pelos nossos antepassados, pilares do Iluminismo – continuou o Sumo Sacerdote, de modo monótono. O tom de voz e a cadência deixavam claro que aquele discurso fora repetido muitas vezes.

– Estamos apoiados nos ombros de gigantes, acumulando progressos a partir do que os fundadores desta grande nação conquistaram. Como lembra o grande pensador John Locke, o conhecimento de um homem nunca vai além de sua experiência. Sendo assim, tomamos como nosso dever mergulhar nossa existência na experiência, ultrapassar os limites do que é conhecido acerca da Grande Cadeia do Ser, desvendando seus mistérios com nossa dedicação e nosso trabalho.

A plateia irrompeu em vivas. O orador esperou que os aplausos diminuíssem, esboçando um leve sorriso nos cantos da boca. A energia no recinto era eletrizante, mas não tinha o calor da magia. Ao contrário, o salão estava tomado pela pulsação de excitação que costuma contagiar as multidões antes de partir para uma ação nefasta: o chiado dos elétrons, o sabor marcante do ozônio, um senso inebriante de retidão, que só pode vir da fé em um propósito, por mais insidiosa que seja essa crença. Por mais que seja sustentada pelo ódio, que faz bater os corações perversos.

O Sacerdote continuou, incitado pela plateia:

– Trabalhamos incansavelmente por mais de um século para aumentar nosso conhecimento, pelo bem de nossa terra. E essa terra deve muito à nossa Ordem. Desde o começo, a Ordem da Ortus Aurea deu prosseguimento ao projeto do Iluminismo nessas bandas. Mas agora encaramos uma ameaça que não para de crescer. Escondido entre aqueles que vêm para nossas terras, com a inocente disposição de se tornar parte da nossa grande nação, está um elemento indesejável.

Alguém na plateia gritou, com a língua enrolada, e o resto do público ficou

inquieto. Mas o Sumo Sacerdote apenas sorriu, benevolente.

– Sim, os tais Mageus não vêm para cá com o coração aberto, dispostos a abandonar a superstição do seu passado. Mas, sim, com uma intenção insidiosa. Eles se escondem nas sombras da nossa sociedade, usando seus poderes para se aproveitar dos inocentes, baseiam-se na degradação do nosso padrão de vida e na dissolução da nossa cidadania. É contra esse elemento que trabalhamos incansavelmente, porque não existe causa mais importante do que o caráter dos nossos cidadãos e o padrão de vida do nosso povo. Então, reunimo-nos aqui hoje para reafirmar nosso propósito e nossa dedicação a essa grande nação. Demos as boas-vindas a todos aqueles que vêm para nossa terra dispostos a serem cobertos pelo manto da democracia e da Razão. Mas tenhamos sempre consciência de que existem aqueles que representam uma ameaça ao nosso estilo de vida em si. Porque o seu poder, descontrolado, que não é baseado no estudo da Razão, mas no impulso ignorante, é a antítese dos fundamentos da democracia. Que não seja permitido que o seu poder crie raízes nesta terra, porque deixaria o solo fértil da nossa nação estéril e desprovido de promessas.

– Vamos nos comprometer novamente, nesta noite, com a nossa vocação divina e nos preparar para uma nova aurora, uma aurora dourada de Razão e de Ciência, para nos equilibrar contra o perigo que espreita nosso meio...

– Definitivamente, estou passando mal – sussurrou Esta quando o Sumo Sacerdote terminou seu discurso, sob os aplausos estrondosos da plateia. Sabia – *é claro* que sabia – o que a Ordem representava, mas ter que ficar ali parada, encará-los e fingir que aquelas palavras não falavam dela, de todos que conhecia e gostava?

– Apenas se concentre no que temos que fazer – falou Harte. – Nada mais importa. – Então, se virou para ela e completou: – Bloqueie tudo isso. Você não pode deixar que eles lhe atinjam, principalmente agora.

O Sumo Sacerdote levantou os braços e esperou o anfiteatro lotado ficar em silêncio.

– Para celebrar esta noite, teremos, para o nosso deleite, uma demonstração dos poderes da Razão... O mesmo poder que nossa organização tanto divulga. Permitam-me apresentar o senhor Darrigan, que saiu da obscuridade por sua própria força de vontade, através do estudo das ciências ocultas. E sua assistente, a senhorita von Filosik, filha do falecido barão, a quem o estudo da alquimia deve tantos progressos.

Estava na hora. Não havia outro lugar para ir, a não ser para cima do palco. Harte estendeu a mão, Esta lhe deu a sua, enluvada, forçando um sorriso reluzente, e permitiu que o Mago a levasse até o brilho das luzes da ribalta.

UM TRUQUE DE CARTAS

Se Harte não tivesse dedicado tantos anos da sua vida a aprender a sutil arte do fingimento, até poderia ter hesitado. Poderia ter se sentido enfraquecido pelo ataque do discurso do Sacerdote, pelo ódio perturbador que fervia no salão. Mas tinha vivido à beira da sobrevivência por tanto tempo que simplesmente confiou em suas habilidades – que já haviam se tornado um instinto – e subiu ao palco com sua exaltação estudada de sempre. Esta, era perceptível, estava nervosa. Ele podia sentir sua tensão pela postura e ver o medo refletido em seus olhos. Só podia torcer para que as luzes da ribalta brilhassem tanto que a plateia não percebesse isso também.

Primeiro, fez alguns dos seus melhores efeitos: o truque das agulhas indianas e uma manipulação ousada de fogo, só para começar. Então, fez sinal para as coxias, anunciando a última demonstração da noite, e os assistentes do palco trouxeram um cofre grande e reluzente.

Esta olhou para Harte, com os olhos arregalados. Confusa.

Ele sabia o que a moça estava pensando. Haviam se preparado a semana toda para Esta fazer o número do Caixão de Vidro. Haviam se preparado para *ela* roubar o Livro e os artefatos. Mas, depois do que descobrira a respeito de Nibsy, não acreditou que a garota não fosse cair naquela encenação de inocência do fedelho, como todo mundo. Enquanto ensaiavam, Harte fez seus próprios planos: um truque de cartas em grande escala. Em princípio, pensou em protegê-la, para que não fosse implicada quando Dolph ou Nibs descobrissem o que ele fizera. Mas, agora que sabia quais eram os planos de Esta, ficou feliz por ter guardado segredo.

Deu uma piscadela que, aos olhos da plateia, pareceria uma interação jocosa, mas teve certeza de que Esta a entenderia. “Estou um passo à frente de você.” Porque ele trabalhara por muito tempo e chegara longe demais para ser detido por algo tão clichê quanto um rostinho bonito. Com a ameaça da máquina de Jack, havia muita coisa em jogo.

Harte foi até a frente do palco, levantou o braço e saudou a plateia. Nunca fizera uma apresentação em que houvesse tanta coisa em jogo. Nunca tivera um público tão perigoso. Porém, ter todas as possibilidades contra si jamais o impediria de fazer nada. E não o impediria de fazer o que precisava ser feito naquele momento.

– Cavalheiros... – disse, virando-se para o Sacerdote e os demais membros do alto escalão da Ordem, que estavam ao lado dele. – Poderiam fazer a gentileza de vir aqui inspecionar esse cofre? Sejam meticulosos. Não deixem pairar dúvidas quanto à sua resistência.

– Na verdade... – respondeu o Sacerdote – ... preparamos uma pequena surpresa para o senhor.

Em seguida, fez sinal com a cabeça para alguém na coxia, e Sam Watson apareceu com um conjunto de correntes e algemas. Evelyn veio com ele, e praticamente comeu os holofotes quando se aproximou de Harte e Esta.

Harte sentiu um aperto na garganta quando Sam lhe deu um sorriso, mostrando todos os dentes, que não prometia nada de bom. Mas manteve a expressão calma, indiferente, por mais que a cabeça girasse, pensando em todas as possibilidades, em como tudo estava prestes a dar muito errado.

– Todos nós já ouvimos falar do que o senhor é capaz de fazer, senhor Darrigan. Então, esperamos que aceite um pequeno desafio. Em vez de usar suas próprias correntes, tenho certeza que não se importará de testar suas habilidades com as *nossas*. Estas algemas foram trazidas diretamente dos Salões da Justiça. Todas as correntes e todos os cadeados foram mantidos sob minha supervisão até este momento, para garantir que não fossem manipulados de forma alguma. Creio que isso não será um problema.

– É claro que não.

Harte deu para Sam o seu sorriso mais encantador, aliviado. Algemas e correntes não significavam nada para ele. Sua vida inteira era baseada na arte do escapismo. Se aquilo era tudo o que a Ordem tinha para ameaçá-lo, ele podia encarar.

Esta, contudo, parecia bem menos confiante.

Enquanto prendiam as algemas e enrolavam Harte nas correntes, o Sacerdote inspecionou o cofre. Quando ficou satisfeito, testemunhou sua integridade para a plateia.

Assim que terminaram de fechar todos os cadeados, Harte se dirigiu ao público:

– Este cofre de aço tem uma espessura de cinco centímetros, com um mecanismo de trava dupla. Uma vez dentro dele, tem-se dez minutos para escapar antes que o ar comece a rarear. Depois de 20 minutos, sente-se tontura e perde-se a capacidade de pensar racionalmente. Depois de 45 minutos, o ar acaba – explicou. Então, fez uma pausa dramática, deixando que o silêncio se abatesse sobre a plateia. – Ficar preso tanto tempo significa morte certa... A menos que, é claro, a pessoa consiga manipular a matéria da qual estas correntes são feitas e se liberte antes que isso aconteça. A menos que possa comandar o próprio ar para manter-se viva.

Um murmúrio interessado percorreu o público.

Harte ignorou o peso desconhecido das algemas.

– Cavalheiros – disse, se dirigindo aos homens que lhe acorrentaram –, os senhores poderiam fazer a gentileza de me trancar lá dentro?

XEQUE-MATE

Dolph Saunders saiu da barulheira do Filhos do Diabo e entrou no sagrado, sagrado, silêncio da noite. Não perdeu tempo: foi andando com agilidade pelas ruas vazias, mantendo-se nas sombras. Ainda precisava fazer mais uma parada antes de voltar para o Strega e esperar as notícias.

O cemitério estava banhado pela luz pálida da Lua. Dolph só tinha 26 anos, mas sentia as dores de um homem muito mais velho. Estava combalido, exausto. Cansado dos joguinhos constantes, da necessidade de estar sempre dois passos à frente do perigo que mordia seus calcanhares.

Se tudo corresse bem naquela noite, esses joguinhos terminariam. Por bem ou por mal.

“Acabou, Streghina. Será esta noite. *E você será vingada*”, completou, baixinho. Só não soube dizer direito por que falou baixo. Porque, com certeza, os mortos podiam ouvir o que estava guardado nas mais profundas volutas do seu coração gasto e partido.

Ajoelhou-se no túmulo que Leena agora compartilhava com o filho deles, o filho que perdera por causa do que Dolph fizera. Ele rezou pelo seu perdão. Rezou para que o que estava fazendo – a tentativa de roubar o Livro e destruir a Beira e a Ordem de uma vez por todas – compensasse o erro. Mas, antes que terminasse sua oração, Dolph teve a sensação de que alguém entrara no cemitério.

O intruso ficou esperando nas sombras, perto do portão, permitindo que Dolph terminasse a sua conversa particular com os mortos, mas ele conseguiu sentir sua impaciência.

– O que foi, Nibsy? – falou, dirigindo-se à própria noite. Não tirou os olhos da lápide quando o menino se aproximou dele. – Não é possível que já tenha terminado... – comentou, sabendo que notícias boas nunca chegam tão rápido.

– Não, o serviço não terminou. Ainda não – disse Nibsy.

Um tiro ecoou, esfacelando o silêncio da noite antes que Dolph sequer se desse conta de que o garoto tinha uma arma na mão, antes que conseguisse se virar e lutar.

– Mas você, sim.

À medida que Dolph caía em cima do túmulo de Leena, tudo começou a fazer sentido.

Naquele instante, teve certeza de que deveria ter se dado conta de tudo havia muito tempo, mas estivera cego por vontade própria. É claro que fora Nibs a pessoa que guiara todas as suas decisões depois que Dolph perdera Leena. O único que sabia o que a Beira lhe arrancara, que dera a sugestão de usar Paul Kelly para pressionar Harte.

Mesmo antes de tudo isso, fora Nibs quem garantira que Leena não correria perigo. Até que ponto chegara o ardil daquele garoto? Até que ponto chegara a cegueira de Dolph, causada pela ânsia de confiar em alguém?

Queria ter um às escondido na manga e acabou escolhendo uma cobra.

Mas essa revelação chegara tarde demais. Dolph sentiu seu coração bater uma vez, mais duas, e então a noite fria foi se apagando, e o mundo à sua volta foi tomado pela escuridão.

UM SEGREDO REVELADO

Mansão Quéfren

O clique que a pesada porta do cofre fez quando se abriu ecoou pelo anfiteatro. Esta só pôde ficar observando aqueles homens carregarem Harte para dentro do imenso cofre. Os dois haviam ensaiado para aquele momento. E, todas as vezes, o ensaio envolvera *Esta* entrando no Caixão de Vidro, *Esta* indo até o Mysterium. *Esta* encontrando o Livro e a pedra. E, depois disso tudo, *Esta* levaria os artefatos, atravessando as camadas do tempo, e os entregaria para o Professor Lachlan, onde era o seu devido lugar.

Fora tão burra de não ter previsto que Harte faria algo assim, mas não se renderia sem lutar.

– Espere! – gritou, chamando a atenção dos homens. – Um beijinho de boa sorte?

Os homens trocaram olhares, deram de ombros e saíram da frente.

– Ela pode ter uma chave – disse Evelyn. – Vocês deviam revistá-la, só para garantir.

Mas, se Evelyn tinha a intenção de desmascará-la, não funcionou. Esta só levou um segundo para abrir a boca e provar que não tinha nenhuma chave ou grampo escondidos, e os homens a deixaram passar.

A expressão de Harte foi ficando séria à medida que eles se aproximam.

– Boa sorte, querido – falou Esta, para todos no palco ouvirem. Em seguida, passou os braços pelo pescoço dele e inclinou o rosto na sua direção. À medida que seus lábios se aproximavam da boca do Mago, ela viu o questionamento – o desafio – refletido nos seus olhos. E, então, parou o tempo.

Harte soltou um suspiro de surpresa quando o mundo desacelerou à sua volta, arregalando os olhos. Primeiro, de confusão. Em seguida, de assombro.

– Então, é isso que você faz? – murmurou. – É essa a sua afinidade?

– Cale a boca e se concentre – disparou Esta. – Não temos muito tempo.

– Parece que temos todo o tempo do mundo – retrucou Harte, sarcástico, fazendo sinal com a cabeça para o anfiteatro quase congelado.

– O tempo só está mais lento, não parou completamente. Não consigo segurá-lo para sempre – explicou ela, sacudindo-o de leve. – Que *diabos* você está fazendo?

– Eu poderia fazer a mesma pergunta – respondeu ele, com um tom frio. – Mas já sei a resposta.

Esta sentiu o estômago revirar quando lembrou que Harte a tocara dentro da carruagem.

– Não sou eu que está mudando todo o número.

Mas as palavras pareciam fracas, até para si mesma.

– Não? Você não estava planejando pegar tudo e deixar todo mundo na mão?

– Você não entende...

– Você me disse que o velho, seu pai, estava morto. Mas isso não é verdade, é? Você vai levar o Livro para ele – disse Harte, confrontando seus piores medos. – Eu tinha começado a confiar em você. *Todo mundo* confiava em você.

– Talvez não deversem ter confiado – retrucou Esta, com a voz muito mais fraca, muito menos confiante do que pretendia.

De repente, tomou consciência, de um modo doloroso, de que as luzes se espichavam, as bolas de poeira estavam suspensas, imóveis, em volta deles, dos facho de luz dos holofotes, como estrelas que chegavam até a Terra. Queria explicar tudo, contar para Harte por que exatamente precisava do Livro, mas ele tinha razão. Esta levaria o Livro para o Professor Lachlan, como era seu dever, mas não podia mentir para si mesma, se enganar a respeito do que isso significaria para as pessoas do tempo em que estava.

– Espero mesmo que isso seja verdade – falou Harte, com uma expressão devastada. – Porque irão atrás de Dolph, sabia? Irão atrás de todos esses seus amigos.

– Irão atrás deles de qualquer modo. *Preciso* levar o Livro. Para protegê-lo. *Para protegê-los*. Se eu não fizer isso, todos irão morrer: Dolph, Nibs... Só Deus sabe quem mais.

Harte lhe lançou um olhar frio.

– Isso é tudo que Nibsy ganha com a sua traição?

– Isso não tem nada a ver com ele.

Harte deu risada, uma lufada de desprezo que pareceu tão estilhaçada quanto a confiança que havia entre eles.

– Isto tem *tudo* a ver com ele.

O que Harte dizia não fazia o menor sentido, mas Esta tinha que fazê-lo entender. Tinha que convencê-lo:

– Se você levar o Livro agora, todos os Mageus desta cidade estarão perdidos.

– Estarão perdidos se eu não levar o Livro – ele falou. Então, contou para Esta sobre a máquina que Jack construía.

– Por que você não me contou isso hoje de manhã?

– Provavelmente, pelo mesmo motivo que você não me contou a verdade sobre o velho que chamou de pai. Nunca confiou em mim.

– E por um bom motivo. Olhe o que você está fazendo! Está me deixando à mercê da Ordem enquanto foge com o Livro.

– Você não entende, não é? Nada disso tem o objetivo de lhe fazer mal – falou Harte, com um tom claro de arrependimento. – Era só um número de desorientação, para afastar as suspeitas de você. Eu ia voltar para buscá-la. Iríamos embora da cidade juntos. Destruir o Livro juntos... Isso antes de eu ter visto o que eu vi. Antes

de eu entender quais eram seus planos.

Esta sentiu um aperto no peito.

– É muito fácil você dizer isso agora.

– Não, não é. É a coisa mais difícil do mundo admitir que você desistiu – respondeu. Então, Harte levantou o rosto até sua testa tocar a de Esta. – A menos que você tenha mudado de ideia... Venha comigo. Ajude-me a destruir o Livro. É a única maneira de garantir que os Mageus fiquem salvos de Jack e de todos os que são como ele.

– Não posso – respondeu Esta, odiando a si mesma porque desejava muito dizer “sim”. – Mesmo que eu quisesse, jamais daria certo.

Harte afastou-se dela, com uma expressão dura, por ter sido rejeitado.

Esta ignorou a mágoa refletida nos seus olhos, a raiva que sua expressão transmitia.

– Isso não diz respeito apenas a mim – sussurrou. – É algo muito maior do que nós dois. Sua vida não significará nada se você puser esse plano em prática. Se roubar o Livro, talvez consiga mantê-lo longe de Jack, mas também condenará toda a sua espécie a mais um século de vida sob o controle da Ordem. Você condenará a magia e, com ela, todos os Mageus a uma existência enfraquecida, a uma sobrevida. E isso *jamaiz* poderá ser recuperado. *Nós* jamais poderemos nos recuperar. Não há escapatória.

– Você não tem como ter certeza disso.

– Tenho, *sim*. Eu vi. Eu *vivi* isso. Sei, por experiência própria própria, qual serão as consequências das suas escolhas sobre a nossa espécie e sobre o nosso mundo, se puser esse plano em prática. Mas, se parar agora, talvez possamos consertar tudo. Talvez possamos *mudar* tudo.

Harte olhou para ela, com seus olhos revoltos tentando detectar se aquelas palavras eram verdade. Esta sabia que eram inacreditáveis, mas aquela era sua única chance de terminar o que havia começado quando fora até ali.

– Você tem que acreditar em mim – falou. Em seguida, segurou o rosto de Harte, sentindo as bochechas recém-barbeadas e o calor da pele na ponta dos dedos. – E *você* sabe o que precisa fazer para ver se estou falando a verdade.

Algum dia, talvez, Esta desse um beijo que fosse mais do que enganação e manipulação. Algum dia, talvez, apertaria seus lábios contra os de outra pessoa por nenhum outro motivo senão um ardente desejo. *Talvez*.

Mas aquele não seria esse dia.

Chegou mais perto de Harte. No instante em que encostou os lábios nos dele, parou de controlar o tempo. À medida que o mundo voltava a girar, transmitiu cada gota do seu ser através do beijo, puxando-o para perto, enroscando-se na sua boca, torcendo para que ele aceitasse o que estava oferecendo ao abrir sua mente para o Mago. Porque, se ele roubasse a pedra, se roubasse o Livro e o destruísse, Esta estaria perdida. *Tudo* estaria perdido.

Os lábios de Harte, em princípio, ficaram impassíveis. O estômago de Esta se revirou ao entender que ele não aceitaria o que estava lhe oferecendo. Mas então sentiu o pulsar da magia de Harte, quente e muito mais conhecida do que deveria ser. Dessa vez, Esta não se afastou nem se encolheu. Pelo contrário: incentivou o Mago a pegar tudo o que quisesse. A magia dele a abraçou quando ele abriu os lábios, e Esta se permitiu ficar completamente exposta, arriscar tudo para que Harte não levasse adiante o que havia planejado.

Foi apenas quando a plateia aplaudiu vigorosamente que lembrou onde estava e o quê os dois estavam fazendo. Afastou-se de Harte, com o rosto pegando fogo, mas a expressão dele era impassível. Indecifrável.

“Não importa se ele não acredita em mim”, pensou. “Só preciso retardar o tempo para poder fugir...”

– Por que você não se senta aqui comigo, querida? – disse Sam Watson, segurando o braço dela e puxando Esta para longe do cofre, antes que ela pudesse ter qualquer reação. Não soltou o braço, mas lhe deu uma piscadela. – É melhor garantir que não restem dúvidas que o seu senhor Darrigan não teve ajuda de ninguém.

– É claro – murmurou ela, olhando para a mão de Watson no seu braço. Enquanto o repórter estivesse lhe tocando, Esta não podia usar a afinidade. Não sem levá-lo consigo. Não podia fazer nada a respeito de Harte, nem de seus planos, nem a respeito do que ele planejara fazer com o Livro. Apenas podia ficar observando o Mago ser trancado dentro do cofre e esperar. E torcer para que aquilo que ela lhe contara fosse suficiente.

O MYSTERIUM

Ainda perplexo com o que Esta lhe mostrara, Harte movimentou-se por instinto, fazendo força contra a parte de trás do cofre, para soltar os parafusos, ajustando a posição dos braços para se libertar das correntes, o tempo todo lutando para entender o que acabara de ver.

O que descobrira quando atravessara a mente de Esta era inacreditável. Parecia algo saído de um livro de H. G. Wells. “Ela só pode estar mentindo.”

Mas ele sabia que tinha a capacidade de reconhecer se houvesse mentira nas intenções. E, por mais que tivesse procurado, não encontrara nenhuma. Sua cabeça girava, com as estranhas imagens, enquanto saía pela parte de trás do cofre, onde Jianyu já o esperava, bloqueando a visão de quem pudesse estar observando. Juntos, foram para os fundos do palco. Quando Harte viu que o caminho estava livre e que podia sair de fininho para o corredor, balançou a cabeça para Jianyu, para avisá-lo de que estava tudo bem.

O que vira na cabeça de Esta não mudava nada.

“Mudava tudo.”

Ao virar no corredor, quase esbarrou com Viola, escondida nas sombras. Tinha se vestido de preto, parecendo uma verdadeira assassina.

– Onde está Esta?

– No palco, onde deveria estar.

– Não era esse o plano.

Harte sentiu a energia lancinante da magia de Viola. Um segundo depois, parecia que sua cabeça estava sendo apertada por uma prensa. A visão começou a ficar borrada, e ele teve a impressão de que, a qualquer momento, tudo poderia virar um completo breu.

– Dolph não lhe contou o plano todo – disse Harte, resistindo à vontade de gritar por causa da pressão que sentia atrás dos olhos.

Viola levantou somente uma de suas sobrancelhas arqueadas, e uma pontada de dor atingiu-o no peito.

– Dolph confia em mim.

– Dolph não confia em ninguém neste momento – disse Harte, sem ar. – Ninguém sabe do plano completo a não ser eu e ele. – Outra pontada de dor atravessou seu peito, quase fazendo as pernas ficarem sem força. – É melhor assim. Não poderão acusá-la de nada se Esta estiver no palco com eles. Se não puderem acusá-la, não terão como chegar até Dolph – explicou, e a pressão diminuiu um pouco. – Além disso, ela não está sozinha. Jianyu está lá, não está? Vai garantir que Esta consiga escapar.

Viola encostou uma das facas no pescoço de Harte e disse:

– Não gosto nem um pouco disso.

Harte encarou olhar desconfiado de Viola de frente, tentando lutar contra a dor que ainda sentia.

– Podemos ficar discutindo ou podemos terminar o que viemos fazer aqui e cair fora.

Viola olhou feio para ele por mais um momento e, então, a pressão que Harte sentia na cabeça passou completamente. Ele quase desmaiou de tanto alívio.

– Se você estiver mentindo para mim, não sairá vivo deste lugar.

Em seguida, balançou a cabeça, e Harte a seguiu em silêncio até o salão egípcio. Os dois permaneceram nos cantos do recinto, usando as sombras dos grandes deuses egípcios para se esconder, até conseguirem chegar ao outro lado.

Portas duplas douradas, com elaborados desenhos da Árvore da Vida, marcavam a entrada para o Mysterium. Se Jack estivesse certo, passar por aquelas portas era privilégio do Conselho Supremo, para os membros do mais alto e exclusivo escalão da Ordem. O próprio Jack jamais vira o que havia por trás daquelas portas. E, se dependesse de Harte, jamais veria.

Viola despachou o guarda do outro lado da porta antes que ele pudesse sequer levantar o dedo para acionar o alarme. Assim que entraram, encontraram um corredor largo, inclinado para baixo, como uma espécie de rampa. O piso era de granito preto polido, que refletia a luz esverdeada das luminárias penduradas nas paredes, todas gravadas com símbolos alquímicos dourados. De onde estavam, não conseguiam enxergar o final do corredor. Que se estendia para baixo, em direção ao solo, depois virava para a direita, em um ângulo agudo.

Harte e Viola se movimentaram rapidamente, seguindo pela passagem até encontrar uma gaiola de bronze.

– Vamos – falou Harte, puxando para o lado a porta gradeada do elevador.

Viola ficou em dúvida.

– Você quer que eu entre aí?

– A menos que você prefira esperar aqui – respondeu Harte.

Em seguida, entrou no elevador. Viola, fazendo cara feia, também entrou, desconfiada, naquele pequeno espaço, que mais parecia uma caixa.

Assim que ela entrou, Harte fechou a porta puxou a alavanca para que o elevador começasse a descer devagar. O granito polido deu lugar ao concreto e depois a um leito de rocha, à medida que foram descendo, chegando às profundezas do edifício – ao coração da própria ilha de Manhattan.

– Devemos estar preparados para tudo – disse ele. Mas, quando viu, Viola já estava com as facas na mão.

Quando o elevador finalmente parou, Harte pôde ouvir um rumorejar de água ali perto. O ar era frio e úmido. Não havia ninguém à espera deles quando saíram do elevador. Mas, no instante em que saíram, encontraram outra porta dupla, de ferro e

gravada com imagens espelhadas da Mão do Filósofo.

Quanto mais perto chegavam das portas, mais ele sentia a energia gelada que as permeava. Jack não mencionara nada a respeito de algum tipo de proteção no próprio *Mysterium*. Mas agora que estavam prestes a entrar nele, Harte não sabia se iriam conseguir.

– Não tem como atravessar isso – falou. De repente, teve consciência de uma verdade esmagadora: todos os riscos que correria naquela noite podiam ter sido inúteis. – Isso não vai dar certo. Preciso voltar para o palco antes...

Mas Viola não pareceu nem um pouco preocupada. Tirou um objeto pequeno de um bolso escondido e o apontou na direção das portas.

– Dolph tinha mesmo um pressentimento de que poderíamos encontrar algo assim.

– O que é isso? – perguntou Harte, olhando para um pedaço de pedra rosada que Viola segurava. Havia alguma coisa gravada na sua superfície, algo escrito que ele não conseguiu decifrar.

– É algo que roubamos do museu: um amuleto em forma de selo. Se Dolph estiver certo, a inscrição deve quebrar qualquer proteção que haja aí.

Ao fazer sinal para Viola ir em frente, Harte ficou se perguntando se aquela era a mesma peça pela qual Jack demonstrara interesse. A assassina segurou o objeto entre o dedão e o indicador e começou a rolá-lo sobre a porta.

– Para quebrar a falsa magia – disse ela –, é preciso usar magia falsa.

Em seguida, desenhou um intrincado padrão de círculos e formas concêntricas na porta. À medida que fazia isso, o selo deixava uma impressão brilhante dessas marcas na superfície. Os sinais começaram a inchar e a sangrar, até que a porta inteira ficou iluminada pela energia. De uma só vez, a luz se apagou, e o frio abandonou o lugar, até restar apenas a porta.

Harte ficou imediatamente grato por não ter entregado Dolph para a polícia, como pensara em fazer depois do assalto ao *Metropolitan*. Sem o selo, jamais teriam conseguido passar por aquelas portas.

Balançou a cabeça em silêncio. Juntos, ele e Viola entraram com cautela no *Mysterium*. Lá dentro, encontraram uma câmara parecida com uma catedral, com uma enorme abóbada. O local inteiro era iluminado pelas mesmas chamas sobrenaturais do corredor acima.

“Algum tipo de reação química”, presumiu.

Os dois foram adiante, em direção a uma mesa alta e quadrada, no centro do recinto. As quatro pernas estavam apoiadas sobre discos de prata. No meio, uma tigela baixa e dourada, contendo uma substância cristalina que não parecia ser líquida nem sólida, com brilho próprio. Ao lado da tigela, havia um colar com uma enorme turquesa e um bracelete de prata que Harte já vira antes: nas imagens que Esta acabara de lhe mostrar, quando o beijou no palco.

Era mais um sinal de que ele não podia simplesmente ignorar o que a moça lhe mostrara. Ela não teria como saber que aparência o bracelete tinha, a menos que

aquilo que lhe revelara fosse verdade.

Em volta do salão, cinco luminárias esverdeadas lançavam misteriosa luz sobre as paredes curvadas de pedra. Debaixo de três delas, havia corpos deitados no facho suave de luz, suspensos no ar como se estivessem sobre uma mesa invisível.

– *Madonna* – sussurrou Viola, fazendo o sinal da cruz. – Conheço essas pessoas. – Foi até o corpo que estava mais perto, um homem com cabelo grisalho e barba espessa. Estava vestido com um robe branco, as mãos cruzadas sobre o peito e, no dedo indicador, um anel com uma enorme pedra. Tão clara que quase parecia líquida. – É Krzysztof Zeranski. Desapareceu há algumas semanas. – Então, foi até o segundo corpo, uma mulher de cabelo claro usando coroa de ouro. Também trajava um robe branco e estava inconsciente. – Frieda Weber.

O último corpo estava do outro lado do salão. Mas, mesmo na penumbra, mesmo àquela distância, os dois puderam reconhecer o tom vivo de cobre do cabelo cacheado de Bridget Malone. Viola foi até ela, estendendo a mão como se pudesse impedir o que já estava acontecendo.

– Não – sussurrou, olhando para Harte. – Ela desapareceu na noite da batida no Haymarket.

Bridget não tinha nenhuma joia, como os outros dois. A lâmina de uma adaga estava enfiada no seu torso.

– Ela ainda está respirando – falou Harte, mesmo sabendo que isso era impossível. Muito menos atravessada por uma faca, como Bridget estava.

– Mas não está sangrando.

– Devemos ajudá-los? – pensou Harte, em voz alta.

Viola sacudiu a cabeça.

– Acho que não há nada que possa ser feito aqui. Precisamos encontrar o Livro e cair fora. – Em seguida, foi até a mesa e ficou observando. – Já vi esse símbolos antes – disse, apontando para os quatro discos debaixo das pernas da mesa.

Harte franziu a testa, examinando os símbolos. Eram desenhos geométricos complexos: um pentagrama dentro de outras formas, todas ligadas por círculos concêntricos.

– Eu não.

– Dolph tem um quadro, que ele roubou do museu. E tem esse símbolo pintado – explicou. Então, levantou o rosto e olhou para Harte com uma expressão determinada. – É isso.

Quando olhou em volta, procurando pelo Livro, ele percebeu que todo o chão da câmara era um deslumbrante e vívido mosaico da Árvore da Vida, feito com pedras preciosas. Os galhos saíam do tronco central e, no final de cada um dos cinco galhos menores, havia uma reentrância vazia no chão. Harte se deu conta de que era uma espécie de quebra-cabeças – uma enorme fechadura com uma chave de cinco partes.

– Acho que precisamos destrancá-la – ele falou.

– Destrancar o quê?

– Esta imagem. A Árvore da Vida é uma receita alquímica. Na alquimia, as imagens são símbolos de elementos ou reações químicas. Acho que o chão é uma versão maior dessa fórmula. Se queremos encontrar o Livro, acho que precisamos completá-la. Em seguida, olhou em volta, procurando respostas, então se deu conta: – O bracelete e o colar, traga-os até aqui.

Tentou encaixar primeiro o colar e depois o bracelete em uma das reentrâncias, mas nenhuma das duas joias entrou. Então, foi tentando encaixá-las nas próximas, até encontrar uma que serviu para o colar. Quando a pedra turquesa entrou no lugar, o galho inteiro começou a brilhar, como se as pedras preciosas que o formassem estivessem acesas por dentro. Em seguida, repetiu o processo para encontrar o lugar correto para o bracelete.

Quando a pedra do bracelete se encaixou, Harte virou para Viola, que estava observando tudo com uma ruga de desconfiança bem no meio das sobrancelhas.

– Precisamos pegar aquelas também – disse ele, se referindo às joias que estavam nos corpos, nas beiradas da sala.

Viola fez careta, mas balançou a cabeça.

Primeiro, foram até Krzysztof. Mas, quando Viola tentou encostar no anel, tirou a mão de cima dele no mesmo instante.

– Que sensação de morte. Como vamos tirá-las?

– O mais rápido que pudermos. Você ainda está com aquele selo?

Ela balançou a cabeça de novo, entendendo o que ele queria dizer, e passou o selo em cima dos dedos de Krzysztof e do anel.

– Vamos tentar de novo – falou Harte, quando a mão inteira ficou iluminada pelas marcas do selo. Seus dedos coçavam enquanto ele se preparava para remover a joia. Poderia ter usado Esta naquele momento, com a habilidade dela de roubar qualquer objeto em um piscar de olhos. E, por um breve momento, arrependeu-se de tê-la deixado para trás, naquele palco. Mas, então, recuperou o controle e se concentrou na tarefa que precisava realizar.

No instante em que encostou no anel, Harte sentiu seus dedos formigarem com energia gelada. Mas conseguiu removê-lo, o mais rápido que pôde. Assim que o anel saiu do dedo de Krzysztof, o homem caiu no chão, sem vida. Viola soltou um palavrão e fez o sinal da cruz de novo, mas Harte se obrigou a continuar se movimentando. Já tinham demorado demais.

– Vou tentar encaixar o anel. Você toma conta de Frieda.

Então, encontrou o local certo para encaixar o anel e, junto com Viola, achou a ranhura onde a coroa se encaixava. Em seguida, foram até Bridget.

– Vamos ter que tirar a faca dela – percebeu Darrigan. Seu estômago se revirou só de pensar. – Você se dá melhor com facas do que eu.

Como Viola apenas olhou feio para Harte, ele passou o selo na barriga de Bridget, onde a faca estava enfiada. Quando não podia mais adiar, pegou o cabo, que tinha uma granada encrustada, e puxou com força. Sentiu a resistência dos músculos e da

pele na faca, e ouviu o vácuo do corpo de Bridget ao se libertar do pedaço de metal. Ela caiu no chão, como um peso morto, e a ferida começou a sangrar.

Harte virou o rosto, antes que o estômago se revoltasse de vez, e se concentrou na tarefa que tinha por fazer. Só havia um espaço sobrando. Ele tinha que enfiar a faca na vertical, para que a lâmina afundasse no chão reluzente. Quando a pedra no cabo finalmente se encaixou no lugar, o último galho se acendeu, e o chão inteiro começou a tremer. E, em seguida, a se movimentar.

O altar central começou a levantar, flutuando apoiado nos discos de prata. Embaixo dele, um pedaço do chão também levantou, e, à medida que a larga coluna do chão ia surgindo, Harte viu que o altar, na verdade, era parte de cima de um armário muito maior. Dentro do armário, havia um livro.

Os dois se aproximaram devagar, com cuidado, com receio de que a mesa fosse algum tipo de armadilha. O Livro não parecia nada de especial: era pequeno, não muito maior do que qualquer livro-caixa que Toco usava no teatro para registrar a venda de ingressos. A capa estava rachada e escurecida pelo tempo e tinha o mesmo desenho geométrico dos discos de prata no chão. As páginas estavam presas de modo desigual, como se tivessem inserido novas folhas ao longo dos anos.

– É isso? – perguntou Viola, com certo tom de desprezo. – Toda essa confusão, todo esse desperdício, por essa coisa feia?

Harte esticou a mão devagar, esperando encontrar outra armadilha. No instante em que as pontas dos seus dedos encostaram na capa, as chamas verdes que havia nas paredes se inflamaram, brilhando com uma explosão de cores tão intensa que tanto ele quanto Viola tiveram que se afastar. Uma fumaça começou a tomar conta do ambiente, enjoativa, doce e muito conhecida.

“Ópio.”

– Precisamos ir embora – disse Viola, esticando a mão para pegar o Livro.

Mas Harte não tinha se esforçado tanto para sair perdendo. Antes que Viola pudesse alcançar o Livro, ele o pegou.

No instante em que seus dedos seguraram a capa, uma energia quente e excruciante subiu pelo seu braço, até o peito, e a cabeça foi tomada pelo som de centenas de vozes. *Milhares de vozes*. O barulho só durou alguns segundos. Mas, para Harte, pareceu uma represa interminável de gritos, cantos e vozes em línguas para as quais ele não tinha palavras para descrever. Pareceu que o tempo ficou parado enquanto as vozes lhe atacavam. Então, tão depressa quanto vieram, foram embora.

Ou, se não foram embora, pelo menos se aquietaram. Harte ainda podia senti-las dentro da sua cabeça. Dentro *dele*. Elas tinham fome.

Harte sacudiu-se, tentando se livrar do restante do barulho que ainda sussurrava nas camadas mais profundas da sua consciência. Ele não deveria ter compreendido aquelas vozes estranhas, mas entendeu o que elas estavam tentando lhe dizer. Tocar no Livro era como ler uma pessoa: cheio de impressões e imagens. Só que mais

fortes, mais claras.

No mesmo instante, entendeu quanto se equivocara a respeito de tudo. Como todos foram tão míopes e tinham entendido tudo tão errado. No mesmo instante, teve certeza do que precisava ser feito.

– O que foi? – perguntou Viola, quando viu que Harte ficou ali, parado com o Livro nas mãos.

– Nada – disse ele, colocando o Livro dentro de um saco e recolhendo os outros artefatos que havia na sala. – Vamos. – Então, colocou o saco debaixo do casaco enquanto a mesa começava a descer de novo. – Preciso voltar para dentro do cofre antes que percebam que desapareci ou que tudo dê errado.

– Antes disso, vou pegar esse Livro – avisou Viola, com uma faca encostada no pescoço dele. Harte começou a sentir uma pressão aguda e pulsante dentro do crânio. Era o jeito que Viola tinha de avisá-lo para não abusar da própria sorte.

Darrigan hesitou por um instante. Mas, com aquelas vozes ainda assombrando seus pensamentos, instigando-o a ir em frente, ele soube o que precisava fazer.

A fumaça de ópio ficava mais espessa, e Harte não sabia até que ponto Viola tinha sido afetada. Resolveu arriscar, acreditando que a droga tivesse enfraquecido a assassina o suficiente para que ele conseguisse escapar. Antes que Viola pudesse tornar a dor na sua cabeça mais forte, atirou o saco para cima e, quando os olhos da garçonete seguiram o embrulho, Harte atacou.

A REVELAÇÃO

Eos minutos foram passando.

Dez.

Quinze.

“Por que está demorando tanto?”

Esta não tinha dúvida de que Harte conseguiria sair do cofre. Já o vira fazer números de escapismo bem mais difíceis – pelo menos, o cofre não estava cheio d’água –, mas ele não era um ladrão. Assim que Harte saísse, ela não faz ideia de como ele conseguiria fazer o resto sozinho, antes que a Ordem se desse conta do que estava acontecendo.

Vinte minutos.

A plateia começou a murmurar, ansiosa. Esta se obrigou a manter o sorriso agradável e despreocupado estampado no rosto, mas tinha sensação de que cada par de olhos do público estava fixo nela.

– Ele está demorando bastante – disse o Sumo Sacerdote, com expressão insegura.

Esta sabia que o homem estava preocupado. Uma coisa era pregar uma peça inocente em um artista. Mas observar o homem morrer no palco enquanto se fica parado, sem fazer nada para ajudar, é outra, completamente diferente.

Sam Watson parecia mais do que satisfeito. Inclinou-se, como se fosse sussurrar, mas falou tão alto que qualquer pessoa em cima do palco pôde ouvir.

– Talvez o grande Harte Darrigan não seja o fabuloso mestre dos elementos que alega ser.

Do outro lado do palco, Evelyn deu um sorriso de deboche.

– Tenho certeza de que o senhor está enganado – disse Esta, tentando se soltar dele, sem muito sucesso. – Acredito piamente que Harte irá conseguir. Ele comanda forças que estão muito além do seu entendimento.

Mas, à medida que os segundos foram passando, sua fé começou a ficar abalada.

Depois de meia hora, a plateia estava gritando, pedindo que abrissem o cofre e deixassem o Mago sair. Mas Esta pediu que esperassem. Se tinha alguma esperança de que ter revelado todos os seus segredos havia funcionado, precisava dar tempo a Harte: para pegar o Livro, os artefatos e voltar para o cofre, para que os dois pudessem fugir juntos.

Do outro lado do palco, o Sumo Sacerdote ficava cada vez mais agitado, e Evelyn a observava com a boca vermelha retorcida em um sorrisinho de desprezo, os olhos brilhando de expectativa. Logo em seguida, a dançarina encostou no braço do Sumo Sacerdote e se inclinou para sussurrar algo no ouvido dele.

Os olhos do velho ficaram curiosamente vazios, e, por mais que parecesse

completamente calmo, ele berrou, ordenando que o cofre fosse aberto.

“Isso foi obra de Evelyn.”

A plateia ficou em silêncio, enquanto a combinação era passada e o grande mecanismo do segredo era girado com cuidado. Esta tentou se soltar de Sam Watson, que parecia ter mãos de aço. Se, pelo menos, conseguisse sair dali, poderia retardar o tempo e encontrar Harte. Poderia até conseguir trazê-lo de volta para o cofre antes que alguém entendesse o que estava acontecendo.

Mas, antes que conseguisse se desvencilhar do repórter, a porta do cofre se abriu.

Um suspiro de surpresa percorreu o teatro quando o público se deu conta de que Harte não estava mais lá dentro.

– É coisa da garota! – falou Evelyn, apontando para Esta e atravessando o palco, até o lugar onde Sam ainda a segurava. – Eu falei para você, não falei? Avisei que os dois estavam aprontando alguma.

– Avisou mesmo – confirmou Sam Watson, apertando ainda mais o braço de Esta e a virando para que ficasse de frente para o Sumo Sacerdote.

– Isso tudo faz parte do efeito... parte do *show* – tentou dizer Esta, mas não conseguiu falar sem que sua voz tremesse. – Os senhores simplesmente precisam fechar o cofre e dar ao Mago uma oportunidade de reaparecer.

– Ela está mentindo – acusou Evelyn, chegando ao lado de Sam e de Esta. – Harte Darrigan faz os outros desaparecerem. Jamais desiste do próprio palco. Está aprontando alguma, e ela está ajudando, exatamente como eu falei. Não é filha de barão, coisa nenhuma. Isso não passa de um golpe. Eu mesma ouvi os dois conversando. “Um brinde à derrocada da Ordem.” Não foi isso que vocês disseram?

Esta sacudiu a cabeça, mas não conseguiu fazer as palavras saírem da sua boca.

– Onde está o Mago? – vociferou o Sacerdote, tão perto do rosto de Esta que ela conseguiu sentir seu bafo de álcool. – Onde está Darrigan?

– Não sei – respondeu ela, sendo sincera. Não que o Sacerdote fosse acreditar. Não que alguma daquelas pessoas fosse acreditar.

– Tranquem o prédio todo – gritou o Sumo Sacerdote, com o rosto envelhecido ficando de um tom de vermelho alarmante. – Quero que cada centímetro deste lugar seja revistado até encontrarmos esse homem. E você... – disse, apontando para Jack Grew, que estava sentado na primeira fila, com a cara branca e os olhos arregalados. – Isso é tudo culpa *sua*. Jamais esquecerei que foi *você* quem os trouxe para cá. – Então, se dirigiu a Sam Watson: – Leve-a para a sala de segurança. E, se algum dia quiser ter a chance de ser um membro de verdade, *não* a deixe escapar.

O Sacerdote desceu os degraus correndo, misturando-se à multidão caótica, deixando Esta presa pelas mãos fortes de Sam Watson. O teatro inteiro virara um verdadeiro caos.

Esta tentou se livrar de Watson, mas cada vez que tentava se desvencilhar, o repórter se defendia com facilidade. Por fim, a segurou de um modo que ela não conseguiu mais se movimentar.

– Por favor... Isso é apenas um mal-entendido. Não tenho nenhuma relação com o desaparecimento do Mago.

– Cale essa sua boca mentirosa – disse Watson, puxando os braços de Esta para trás até ela ter vontade de gritar de dor. – Você acha que eu não sei que você também faz parte desse golpe? Sei que você é um deles...

Antes de conseguir terminar a frase, Watson ficou duro e soltou Esta. De repente, sua cabeça foi para trás, e o corpo foi lançado para frente, dobrando-se e caindo no chão.

Esta ficou apenas olhando, em estado de choque.

– Jianyu?

A garota nem teve tempo de reagir antes que Jianyu se materializasse na sua frente.

– Venha – falou ele, apontando para os fundos do teatro, onde havia um homem alto bloqueando a saída.

Jianyu levantou os braços, pronto para atacar, mas Esta segurou a mão dele e espichou o tempo. À sua volta, os movimentos do salão se tornaram mais lentos. A atividade frenética se aquietou. Homens de *smoking* ficaram parados com os pés no ar, tentando subir uns em cima dos outros, com uma expressão que era um verdadeiro retrato de ódio e medo. O rosto demasiadamente maquiado de Evelyn congelou, em uma expressão de choque e surpresa, com o braço esticado na direção de Sam, caído no chão.

Jianyu arregalou os olhos, então deu um sorriso bem devagar para Esta.

– Entendi – disse, balançando a cabeça, cheio de admiração. – Venha. Vamos juntos. – Esta ficou olhando o rapaz manipular os pequenos discos e viu uma sombra cair sobre eles. – Assim é mais seguro.

Em seguida, o rapaz começou a guiá-la na direção dos fundos do palco.

– Precisamos deter Harte – falou Esta, puxando Jianyu na direção contrária. – Ele mudou o número. Foi buscar o Livro.

– Eu sei – respondeu Jianyu, recusando-se a mudar de direção.

– Sabe?

– Tudo faz parte do plano.

Jianyu deu mais um puxão em Esta, que estava tão confusa que deixou que ele a levasse até o salão que parecia uma tumba egípcia. Quando os dois estavam de volta à câmara ornamentada, ela o fez parar.

– Não consigo entender. – O prédio à sua volta estava em silêncio, e os olhos das enormes estátuas ao longo das paredes pareciam observá-los. – Você *sabia* que Harte ia mudar o número e não me contou?

Jianyu balançou a cabeça.

– Ele veio dar essa ideia para Dolph há uns dois dias. Disse que queria afastar as suspeitas de você.

– Não, isso não está certo. É outro truque – respondeu ela, certa de que aquilo era

apenas mais um nível no joguinho de Harte Darrigan. Tinha que ser.

– Se for mesmo um truque, Viola se livrará dele logo, logo. Venha.

Esta não confiava em Harte, mas sabia do que Viola era capaz. Então, permitiu que Jianyu a levasse pelo caos do prédio até a rua.

Do lado de fora, a noite era uma verdadeira confusão. Ela já podia ouvir o som estridente das brigadas de incêndio vindo na direção dos dois. Chamas ardiam no lado oeste do prédio, a fumaça escura saía pelas janelas quebradas. Jianyu e Esta se aproveitaram da confusão para sair correndo, na direção do lugar onde a carruagem de Dolph estava esperando.

Quando conseguiram chegar até a carruagem, Nibs olhou para eles, do alto do lugar do cocheiro.

– Onde está Darrigan?

– Ele ainda não saiu? – perguntou Jianyu.

Nibs sacudiu a cabeça.

Esta sentiu um aperto tão forte no peito que não conseguiu respirar. Ela lhe revelara tudo, e não fora suficiente.

Então, ouviu o som de passos vindo na sua direção, e os três se viraram como se fossem uma só pessoa. Por um instante, a esperança tomou conta do peito de Esta. Por apenas um segundo, ela esperou ver Harte.

Mas era Viola, toda de preto, que corria na direção deles.

– Anda! – gritou ela, fugindo de um grupo de homens que saíam pela porta. Então, se virou apenas o tempo suficiente para atirar uma faca, acertando um deles na garganta, que caiu na calçada.

– Mas, Darrigan... – falou Nibs, enquanto Viola subia na carruagem.

– Não tem importância. Estou com o Livro.

– Tem certeza? – perguntou Nibsy, olhando rapidamente para o edifício.

– Dei um jeito nele.

– O que você quer dizer com isso? – indagou Esta, sem querer realmente entender. Mas entendendo mesmo assim.

– Ele já era, *capisce*? – respondeu Viola, mostrando o saco. – Temos o que viemos buscar – completou, batendo a porta da carruagem.

Nibsy chicoteou os cavalos, e a carruagem começou a se afastar, deixando Harte Darrigan para trás.

Viola olhou Esta nos olhos.

– Sinto muito – disse ela, e havia arrependimento verdadeiro, dor verdadeira naqueles olhos. – Sei que vocês dois ficaram bastante chegados, mas eu não podia permitir que Harte roubasse isso. – Viola esticou braço e tocou com cuidado o joelho de Esta. – Se houvesse qualquer outra maneira...

– Eu sei – respondeu Esta, sendo sincera. Mas não conseguiu impedir as lágrimas de se acumularem no fundo dos olhos.

– Você matou Darrigan mesmo? – perguntou Jianyu.

– Ele me atacou primeiro.

Jianyu franziu a testa.

– Dolph confiava nele.

Viola olhou nos olhos dele e respondeu:

– Não deveria ter confiado.

Esta virou o rosto para os dois, fingindo olhar pela janela da carruagem. Em vez disso, tirou o recorte de jornal do corpete do vestido. Apesar de tudo ter dado errado, sentiu certo alívio ao ver que o texto voltara à sua forma original.

Não, Dolph jamais deveria ter confiado em Harte Darrigan. Mas, pelo menos, ele não saíra ganhando. O passado parecia ter voltado ao seu caminho original, e o Livro estava seguro, sob os cuidados de Viola. O que significava que Esta ainda tinha uma chance de completar o serviço que fora fazer ali.

Ela já roubara de Viola e de Dolph. Poderia fazer isso de novo.

Deveria se sentir aliviada, satisfeita, por ter salvado o serviço. Por isso, não entendeu por que seu peito doía tanto quando pensava no fato de Harte ter morrido, por que parecia que a noite a engoliria por inteiro.

LOUCURA NAS RUAS

Bella Strega

Quando chegaram ao Strega, Dolph não estava em lugar nenhum.

– Vamos esperar por ele – falou Viola, quando Nibs tentou pegar o saco que ela tinha trazido da Mansão Quéfren. O garoto tentou puxar com mais força, mas ela se recusou a soltá-lo. – Vou entregar isso para Dolph e ninguém mais.

Nibsy franziu a testa.

– Então, acho que devemos mandar alguém ir buscá-lo.

Ninguém esperava que os meninos de chapéu-coco voltassem carregando o corpo dele.

Eles o encontraram com um tiro nas costas, já morto, caído em cima do túmulo de Leena. Os rapazes o carregavam com uma solenidade silenciosa, que não combinava com as camisas e os coletes espalhafatosos. Colocaram-no em cima do balcão de zinco do bar. Mesmo na morte, com a pele tão pálida quanto a mecha branca no cabelo, a presença de Dolph ainda dominava o ambiente.

O grupo diversificado de homens e mulheres que ele unificara com sua marca ficou parado, em um silêncio constrangedor. Não havia sinal do calor costumeiro da magia no salão. Tudo fora drenado do ar, como se Dolph tivesse levado tudo consigo ao dar o último suspiro, como se cada uma daquelas pessoas entendesse que a única coisa que as ligava se fora. E que, na sua ausência – na ausência do poder da sua marca –, jamais chegariam a um novo consenso.

– Dolph iria querer que nós seguissemos em frente – falou Nibsy, com a voz grave. – Ele iria querer que terminássemos o que começamos.

Os integrantes mais próximos do bando de Dolph se reuniram em volta da mesa cativa: Viola, Jianyu e Nibsy. Em um primeiro momento, Esta ficou para trás, mas Viola a pegou pelo braço e a levou até os fundos do salão. Jianyu lançou um olhar de incentivo para Nibs, e o garoto abriu o saco e olhou o que havia lá dentro.

Na mesma hora, Esta teve certeza, pelo modo como a expressão do garoto se transformou, de que havia algo de errado. Com as mãos trêmulas, ele jogou o conteúdo do saco em cima da mesa. Algumas pedras disformes. Um pequeno livro-caixa, com o logotipo do teatro. E as cascas secas de uma laranja.

Todos ficaram olhando para os objetos em silêncio, horrorizados.

– Não... – Nibsy sacudiu a cabeça e ficou batendo naqueles objetos, virando-os, examinando-os. – Não! – gritou, derrubando-os de cima da mesa e deslizando o braço sobre ela com violência. Em seguida, dirigiu-se à Viola: – Isso é culpa *sua* – disse. Estava com um dedo na cara dela, com expressão homicida. – Você permitiu

que isso acontecesse!

Viola ficou olhando para a mesa vazia, sacudindo a cabeça, como se quisesse negar o que todos estavam vendo.

– *Não*. Peguei o saco dele. Eu o *matei*.

– Você tem certeza disso? – perguntou Nibs, franzindo a testa.

– *Ecco!* Sei muito bem quando mato alguém – disparou, com uma cara de quem faria de Nibs a próxima vítima.

– Darrigan encostou em você?

– Quê? Do que você está falando?

– Ele *encostou* em você? – berrou Nibsy. O rosto dele estava de um tom violento de vermelho e tão perto de Viola que ela poderia tê-lo mordido.

A garçonete o empurrou para trás e limpou a saliva do fedelho que respingara no seu rosto.

– Ele lutou comigo para ficar com o Livro. Então, sim, Darrigan encostou em mim. Mas morreu um segundo depois.

– Se ele encostou em você, pode ter manipulado sua mente.

– Do que você está falando? Eu *matei* Darrigan.

– É isso que Darrigan faz – debochou Nibs, sacudindo a cabeça. – Ele é capaz de ler pensamentos e pode enfiar ideias na sua cabeça também. E só precisa de um único toque, encostar a pele dele na sua. Você, provavelmente, não deve nem ter notado.

– Ele tem razão – falou Esta, entorpecida, sem acreditar no que estava acontecendo.

Viola sacudiu a cabeça.

– Não. Não é possível. Tinha ópio ou alguma coisa do tipo. Uma nuvem que tomou conta da sala quando tiramos o Livro do lugar. Não tem como Darrigan ter feito qualquer coisa antes de eu matá-lo. Minhas facas não precisam de magia para funcionar.

– Onde está a faca que você usou? – perguntou Nibs.

A assassina puxou a Libitina, a adaga favorita, e a mostrou para que todos vissem.

– Onde está o sangue dele?

– Deveria ter sangue... – sussurrou Viola.

– Darrigan era um ilusionista, sua imbecil. Treinado para segurar a respiração por mais tempo do que qualquer outra pessoa. O ópio não deve ter tido efeito nenhum sobre ele, se não o respirou.

– Não... – sussurrou Viola de novo, sacudindo a cabeça. Como se recusasse a acreditar que ele a tinha enganado com tanta facilidade, que ele destruíra tudo.

Dolph estava morto, e a Ordem os perseguiria, e eles não estavam com o Livro.

Nibs apenas olhou feio para ela.

– Então, cadê o Livro? Cadê os artefatos?

Viola ficou sem resposta.

Mas, para Esta, essa notícia era *ainda mais* devastadora. Ela fracassara. Harte Darrigan – o *Mago* – estava com o Livro e desaparecera.

Assim como os artefatos. Assim como a sua pedra.

Assim como suas chances de voltar para casa.

Não demorou muito para as coisas começarem a desmoronar.

Antes do amanhecer, uma quadra inteira de cortiços pegou fogo. As brigadas de incêndio sequer chegaram perto, mas os meninos que tinham a marca da gangue Cinco Pontos foram vistos no meio da multidão. Observando. Detendo qualquer um que tentasse apagar o incêndio ou recuperar seus pertences. Sua aliança com o prefeito – e com a Ordem – parecia estar cada vez mais consolidada.

Com a proteção do Tammany Hall, os integrantes da gangue de Kelly não hesitavam mais em atacar qualquer um que vissem como ameaça. Brigas começavam por causa de olhares inocentes. Balas choviam pela rua, atingindo qualquer um que estivesse perto do fogo cruzado.

Ninguém na Bowery estava em segurança. Muito menos enquanto a Ordem estivesse decidida a se vingar.

É claro que todo o conflito foi noticiado como mais uma evidência da ameaça que as massas de imigrantes representavam. Depois de escrever sobre o incêndio na Mansão Quéfren, Sam Watson transformou a coluna diária em um espaço de denúncia contra os Mageus, contra a ameaça que representavam para a cidade. Criminosos, degenerados e ladrões não paravam de atravessar as fronteiras, argumentava ele, e nada estava sendo feito. Se podiam destruir uma instituição tão antiga e importante quanto a Mansão Quéfren – Watson fez questão de lembrar –, também poderiam ameaçar o próprio estilo de vida do país.

Perto da Herald Square, damas com chapéus de plumas e cavalheiros de luvas brancas apertavam os lábios e sacudiam a cabeça, estalavam a língua, fazendo *tsc, tsc* para a dificuldade do prefeito de controlar tal ameaça. Acima da Houston, as pessoas de Manhattan levavam sua vida de sempre, ignorando de propósito a loucura que fervia as ruas mais abaixo.

Já os cidadãos nas regiões próximas de Cinco Pontos e da Bowery viviam ameaçados pelo medo. Sabiam que aquela loucura não era culpa deles. Todo mundo estava ficando apavorado.

Todo mundo, exceto Nibsy Lorcan, ao que parecia. O garoto tinha, de algum modo, assumido o lugar de Dolph Saunders com uma facilidade que surpreendeu Esta. Ninguém questionou quando Nibs começou a dar ordens, enquanto o corpo de Dolph ainda estava quente, em cima do balcão. Ao contrário dos demais, que se recolheram, ficaram silenciosos e desconfiados com a evidência irrevogável da morte de Dolph, Nibs parecia ter crescido dez centímetros da noite para o dia. Sentava-se na antiga cadeira de Dolph como se ela tivesse sido criada para ser sua.

“Cedo demais”, pensou Esta. E não pôde evitar de se lembrar das palavras de Harte: “Isso tem *tudo* a ver com *ele*”.

Só que ninguém mais parecia questionar a subida de Nibsy ao poder. Ou, se questionava, ainda estava muito atordoado com o choque do que tinha acontecido para dar importância a esse fato.

Uma semana depois, eles estavam reunidos na cozinha do Strega, longe do restante da gangue de Dolph, quando três meninos de chapéu-coco entraram pela porta. Os quatro – Nibs, Viola, Jianyu e Esta – viraram na mesma hora, já se preparando para o pior. O mais alto dos três meninos foi até o lugar onde Nibs estava sentado e balançou a cabeça, como se quisesse falar com ele em particular.

Nibs levou o garoto mais para o lado e ficou escutando com atenção. Suas narinas se abriam, e sua expressão foi ficando dura à medida que o menino falava.

– Como assim, a mãe dele sumiu? – sussurrou Nibs, alto o suficiente para as outras pessoas que estavam ali se virarem e ficarem olhando.

– É o que eu acabei de dizer. Eles diz que você mandou levar ela pra outro canto.

– Para onde? – indagou Nibsy, furioso.

– Eles diz que não sabe – falou o menino, encolhendo os ombros.

– Bem, e quem a levou?

O garoto pensou por um momento, com um ar confuso.

– Eles diz que foi *você*.

Do outro lado da mesa, Viola lançou um olhar de curiosidade para Esta, mas a garota sacudiu a cabeça. Não sabia do que os meninos estavam falando. Olhou para Jianyu, mas ele estava ocupado demais observando em silêncio Nibs e o outro menino.

– Não fiz tal coisa – vociferou Nibsy, mal conseguindo controlar o volume da própria voz.

– Tem outra coisa – disse o garoto. E levantou a guarda, como se fosse desviar de um soco.

– O quê? – perguntou Nibs, arfando.

O menino mostrou uma folha de papel dobrada.

– Eles diz que era pra eu entregar isso aqui pra você.

Nibsy arrancou o papel das mãos do menino com tanta violência que ele foi para trás, assustado.

– Saia daqui – berrou. Esperou até os três irem embora, antes de abrir o bilhete. Quando terminou de ler, olhou para Esta.

Tanto Jianyu quanto Viola se endireitaram na cadeira.

– Quê? – perguntou Esta, não gostando nem um pouco da cara que Nibs fazia.

Era um panfleto de propaganda. As letras garrafais proclamavam que o grande Harte Darrigan tentaria o impossível, enganando a morte ao pular da ponte do Brooklyn. E, por cima de um desenho da ponte, havia uma mensagem escrita com uma letra bem conhecida: “Se você quer o Livro, traga-me a garota”.

– Pelo jeito, Harte Darrigan não está morto, afinal de contas. Pelo menos, ainda não – disse Nibs, olhando Esta nos olhos quando ela terminou de ler. – Tem alguma

coisa que estou deixando passar... – falou, olhando para o nada. Pensando, sem dúvidas. Fazendo conexões. Então, olhou para Esta e completou: – Eu não posso acreditar que ele não tenha deixado escapar nada sobre o que estava planejando.

Esta entrou em modo de alerta. Já fazia dois dias que Nibs a observava, e toda vez que o pegava olhando para ela, tinha uma sensação incômoda. Como se o garoto visse algo nela de que não gostasse.

– Ele me usou, assim como usou todo mundo – respondeu, cuidadosa. – Se parecia que éramos chegados, era apenas parte do seu joguinho.

– Não... – falou Nibs, encarando Esta, com uma expressão enigmática. – Não acho que seja esse o caso. Não mesmo. Você significava alguma coisa para ele.

Ela deu risada, uma explosão fria de ar que carregou cada gota do seu desdém.

– Posso lhe garantir: eu não significava nada para ele. Ou será que você esqueceu que Darrigan me abandonou naquele palco sem dizer nada?

– É isso que *você* diz – disse Nibs, baixinho.

– É isso que eu sei. Ele me deixou em uma sala cheia de membros da Ordem. Se não fosse por Jianyu, eu ainda estaria lá.

Nibsy deu uma risada abafada.

– Ela está falando a verdade – interveio Jianyu. – Darrigan abandonou Esta lá sem nenhuma proteção. Não tinha como ele saber que eu estaria lá, esperando. Isso foi algo que Dolph combinou.

Esta hesitou por um instante ao ouvir a mentira que saíra com tanta facilidade dos lábios de Jianyu.

– Viu só? – disparou ela. E precisou de todo o seu autocontrole para não olhar para Jianyu. – Por mim, Harte Darrigan pode ir para o inferno.

Essa parte era verdade.

Ele a abandonara. Traíra todos eles, mas *a* abandonara. E Esta odiava a si mesma por dar importância a isso, por esquecer – mesmo que apenas por um instante – por que estava ali, naquela cidade. Mas aquilo ainda não havia terminado. Ela teria mais uma chance de impedir que o Mago destruísse o Livro – mais uma chance de salvá-los.

E não fracassaria de novo.

UMA ÚLTIMA NOITE

Docas

Assim que a noite lançou seu manto escuro sobre a cidade, Harte ficou observando o barco que levava os artefatos da Ordem sair deslizando das docas, com os motores desligados. Quando estava bem distante da praia, as grandes caldeiras se acenderam, e a embarcação começou a se movimentar mais rápido, deixando um rastro nas águas turvas, onde as estrelas estavam refletidas. Harte permaneceu onde estava até o barco se transformar em um ponto no horizonte, tendo certeza de que jamais teria oportunidade de fazer aquela viagem, jamais saberia o que aquelas outras terras tinham a oferecer.

Nibsy Lorcan dera um passo em falso ao alertar Harte. Deu um certo trabalho – teve que passar algumas madrugadas acordado e esconder alguns segredos de Esta. Mas, nos dias anteriores ao assalto, ele conseguira molhar as mãos certas e obter informações sobre o paradeiro de sua mãe. No fim das contas, foi até fácil, principalmente quando se dava o toque certo.

Assim que descobriu que a mãe estava em um porão embolorado de um bordel perto das docas, esperar se tornou um inferno, mas ele sabia que não podia simplesmente tirá-la dali sem que Nibs ficasse sabendo. Se o garoto percebesse que tinha perdido sua vantagem, jamais permitiria que Harte chegasse perto da Mansão Quéfren ou do Livro. Sendo assim, ele esperou, sem querer correr nenhum risco até a noite do assalto, quando seria tarde demais para Nibs tentar impedi-lo.

Quando finalmente conseguiu entrar em contato com a mãe, haviam lhe dado tanto ópio que seria um milagre se ela conseguisse se recuperar. Mesmo assim, tirou-a dali, como havia prometido. Depois de dar ao velho casal que gerenciava o bordel uma pilha de notas para compensá-los pelo incômodo, só precisou roçar o dedo na palma de suas mãos. Um toque quase imperceptível, até porque o casal estava com os olhos fixos no dinheiro. E, no instante seguinte, não se lembravam mais dele.

A mãe estava em segurança. Tanto quanto possível. E ele precisava se dedicar a outros assuntos.

Fazia dois dias que vigiava o armazém de Jack. Não havia sinal dele nem de ninguém. Harte finalmente teve certeza de que não havia perigo em tentar entrar no local. Não podia dar o assunto por encerrado até destruir a máquina e o projeto que permitiria que construíssem outra. Afinal de contas, Harte Darrigan até podia ser um filho da puta, podia ser um biltre canalha e traidor, mas não era tão baixo a ponto de deixar uma máquina como aquela em perfeitas condições antes de bater em retirada.

Muito menos depois de saber o perigo que representava para centenas – talvez milhares – de pessoas inocentes.

Aquilo não bastaria para acabar com os planos de Jack indefinidamente. Ele sabia. Mas o deteria por um tempo. E, talvez, daria a outros como Harte uma chance de sobreviver. Principalmente depois que ele – e o Livro – desaparecessem.

“Primeiro, a máquina.”

A chave inglesa que pesava no bolso do seu sobretudo daria conta do recado. Ele destruiria criação de Jack e atearia fogo naquele lugar maldito.

Em seguida, procuraria Esta. Explicaria tudo.

Uma sombra se movimentou perto de uma das construções baixas atrás dele, e os instintos de Harte entraram em alerta. Ninguém tinha como saber que ele estava ali. Tinha tomado todas as precauções, apagado todos seus rastros, duas vezes. Mas não havia como se enganar: tinha a sensação de estar sendo perseguido.

– Quem está aí? – falou, mas o suave bater das ondas foi tudo o que ouviu. – Sei que alguém está aí.

Harte esperou, prestando atenção aos ruídos, mas a sensação de estar sendo observado não passou.

– Se você está pensando em me matar, devo avisar que não é uma boa medida. Se eu morrer, nunca descobrirá onde escondi o que está procurando – disse, sem saber se era alguém do bando de Dolph ou um membro da Ordem. E também sem se importar. Por ele, podiam muito bem matá-lo, poupando-lhe o trabalho. Não tinha mentido: jamais encontrariam o Livro nem os estranhos artefatos, muito menos o lugar onde os escondera.

– Saia do seu esconderijo – gritou, já segurando a chave inglesa dentro do bolso. Como se a ferramenta fosse oferecer muita proteção...

Jianyu apareceu em um raio de luar. Talvez Harte devesse ficar aliviado por não ser Viola, mas ainda sentiu um tremor de medo percorrer sua espinha.

“Deixe-me explicar”, teve vontade de dizer. Mas não o fez. A escuridão perto da beira do rio não era lugar para fazer súplicas. Em vez disso, endireitou a postura.

– Foi Dolph que mandou você vir aqui? – perguntou, fingindo uma confiança que não sentia.

– Dolph está morto – contou Jianyu, com um tom tão frio que confirmava aquelas palavras.

– Foi isso que ouvi dizer. – Mas que não quis acreditar.

– Levou um tiro nas costas perto do túmulo de Leena – explicou o rapaz, mesmo sem ter sido perguntado. Harte quase podia sentir a raiva – e angústia – na voz de Jianyu, normalmente tão calma. – Na noite em que você nos traiu.

– Eu não traí Dolph. Tínhamos um trato, e cumpri com a minha palavra.

Só que, quando ouviu os boatos a respeito da morte de Dolph, Harte teve certeza de que tudo havia dado errado.

– Então, onde está o Livro?

– Em um lugar seguro.

Jianyu retorceu os lábios.

– Ficaria mais seguro comigo.

– Se ficasse com você, ficaria com Nibs, e todos nós estaríamos perdidos.

Jianyu não disse nada, apenas continuou olhando fixamente para Harte, a uma curta distância.

– Eu não matei Dolph.

– Se eu achasse que o matou, você já estaria morto.

Harte não confiava naquela calma toda de Jianyu.

– Se você não veio aqui para me matar, por que veio?

– Vim porque Dolph está morto – respondeu Jianyu, lançando um olhar enigmático para Harte e chegando mais perto. – Mas, o que vamos fazer daqui para a frente... depende de você.

ME ENGANA QUE EU GOSTO

Apartamento de Jack

Jack Grew estava terminando de fazer a última mala quando recebeu a mensagem. Dentro de uma hora, estaria embarcando no trem em direção a Cleveland, para assumir seu novo posto de assistente do subsecretário de uma refinaria nas margens do lago Erie. Mas a mensagem mudara tudo isso. Ou, pelo menos, adiara por um tempo.

Jack segurou o pedaço de papel dobrado como se fosse uma boia salva-vidas.

Não que confiasse em Harte Darrigan. Não, não seria enganado de novo por aquele charlatão.

Filha do barão von Filosik? Coisa nenhuma. Jack mandara pessoas revistarem o apartamento de Darrigan enquanto o casal fazia seu *showzinho* na Mansão Quéfren, e não encontraram nenhum sinal de baú nem nada que indicasse que a moça era realmente quem dizia que era. A ruiva tinha razão. Os dois tinham-no enganado. E Harte pagaria por isso.

“Estou com o Livro. Venha sozinho”, dizia o bilhete.

Sem chance.

Quando a carruagem de Jack parou aos pés da ponte na manhã seguinte, bem cedo, ele viu um fluxo contínuo de pessoas indo na mesma direção. Pelo jeito, haviam bloqueado a passagem de bondes e carruagens por toda a ponte. Então, Jack parou um homem e perguntou aonde todos estavam indo. O homem não entendeu direito o que ele estava dizendo, mas lhe entregou um panfleto amassado.

Por baixo das manchas de gordura e das dobras no papel, Jack viu um desenho da ponte e o sorriso irônico de Harte Darrigan.

Não deveria ter ficado surpreso por ter entrado em um verdadeiro circo, levando em consideração a pessoa com quem estava lidando. Mas, se Harte Darrigan estava pensando que ele ficaria intimidado com aquela multidão, estava muito enganado. Tinha aprendido a sua lição. E agora Darrigan estava prestes a aprender a *sua*.

Jack contou para o tio – que, é claro, contou para o Sumo Sacerdote – que recebera o bilhete. E a Ordem assumiria o controle da situação a partir daí.

Ele olhou para trás, para a fileira de prédios que dominava a orla. Mal podia enxergar o atirador de elite, que estava na janela do quarto andar de um prédio. Se qualquer coisa desse errado, a Ordem não permitiria que Darrigan escapasse. Se ele tentasse voltar para cidade, seria um homem morto. Se tentasse chegar à região mais distante do Brooklyn, haveria patrulhas da Ordem à sua espera. E, se o próprio Jack, porventura, ficasse na linha de tiro... o Sumo Sacerdote já havia deixado bem claro

que ninguém se importaria.

Um leve tremor percorreu a espinha de Jack Grew.

Aquilo não iria acontecer. Se alguém fosse matar aquele Mago de merda, seria ele.

Então, foi se aproximando da ponte junto com a multidão, percorrendo a longa subida que passava por cima da orla e levava às torres altíssimas da ponte. Escolheu a entrada da direita, por onde normalmente passavam os bondes e os trens. Quanto mais caminhava, mais densa ficava a multidão. Mas aquilo não era nenhuma plateia refinada da Broadway. À sua volta, gritos em diversas línguas machucaram seus ouvidos. Guturais e insolentes, as vozes era uma balbúrdia barulhenta que o fazia sentir como se *ele* fosse o peixe fora d'água.

Aquilo só serviu para deixá-lo ainda mais irritado. Afinal de contas, sua família praticamente construíra aquela cidade.

Mesmo assim, a multidão dificultaria as coisas para a Ordem. Jack abaixou a aba do chapéu, cobrindo a testa, e começou a andar em direção aos arcos da primeira torre. A multidão parara por ali. Uma ralé de todos os tipos: vestida de cetins ordinários e tafetás chamativos, que não entendia nada de elegância. Uma gente que comprava roupa pronta, três temporadas depois que a moda passara. E, no meio da turba, parado como uma rocha no leito de um rio, estava o Mago.

CARTADA FINAL

Ponte do Brooklyn

Até fingir autoconfiança foi difícil com uma arma apontada encostada nas suas costas, mas Esta fez o que pôde. Não podia usar sua afinidade, não com aquele garoto forte segurando seu braço, mas ainda podia usar outro tipo de magia que o Professor Lachlan lhe ensinara quando era pequena.

“A autoconfiança é a chave de qualquer golpe. Se perceberem que está insegura, é morte certa.”

A brisa matinal ficou mais forte quando eles atravessaram a ponte até os arcos da primeira torre, que segurava os monstruosos cabos de suspensão. A cada passo, Esta sentia que os integrantes que restavam do bando de Dolph ficavam mais nervosos. E quem poderia condená-los? Apesar de o dia estar quente, havia algo de gelado no ar. Uma energia fria, maldosa, que tinha cheiro de perigo. Um lembrete de que, logo ali em frente, ficava o fim do mundo para todos os que possuíam magia.

Esta não pisava naquela ponte desde que era criança.

E, naquele momento, quanto mais se aproximava da torre, mais se sentia criança. Só que o Professor Lachlan não estava lá para ajudá-la, e ela tinha um pressentimento de que, se alguém a carregasse dali no colo, seria porque ela estaria morta.

Endireitou a coluna, ignorando a pressão da arma. Tiraria o Livro e a pedra das mãos de Darrigan ou, então, morreria tentando.

O menino ia desviando da multidão, arrastando Esta com ele, e Nibs os seguia de perto. Viola também estava lá, em algum lugar, pronta para intervir se fosse necessário, assim como Jianyu e mais alguns integrantes do bando de Dolph. Todos estavam ali para garantir que tudo saísse conforme desejavam, e para se certificar de que Harte Darrigan jamais voltasse para a cidade.

Conseguiram chegar na frente da multidão. A cada passo, aproximavam-se mais das correntes geladas de energia, que eram um alerta de desastre e de morte. Por fim, alcançaram um ponto de onde Esta podia ver Harte, já aquecendo a plateia com alguns truques simples. Quando o Mago olhou para cima e a viu, uma emoção que ela não conseguiu decifrar – e sobre a qual não queria pensar muito – brilhou nos seus olhos.

– Senhoras e senhores – anunciou ele. – Vejo que minha assistente já chegou. – Em seguida, estendeu a mão, como se nada tivesse acontecido entre eles. Como se nunca a tivesse traído, nunca a tivesse abandonado para morrer em um teatro cheio de membros da Ortus Aurea. – Esta, querida?

Ao perceber que a moça não se moveu, o Mago pediu para a plateia ajudá-lo a incentivá-la.

Houve uma salva de palmas. E, quando Esta olhou de relance para Nibs, em busca de alguma indicação do que deveria fazer, viu que ele estava indeciso. Espremia os olhos, observando Harte, mas então balançou a cabeça e disse:

– Se tentar fazer qualquer coisa, é uma mulher morta.

Ela estava cansada daquela ameaça. Bufou de frustração e foi em direção a Harte.

– Senti a sua falta, querida – disse ele, assim que pegou a mão dela, fazendo questão de beijá-la e se exibindo para o público.

– Que engraçado – respondeu Esta, com os olhos cheios de lágrimas que não tinham nada a ver com o vento. – Não pensei nem um pouco em você.

A plateia estava perto o bastante para ouvi-la e urrou, aprovando a atitude.

Harte já tinha tirado a capa, e a entregou para Esta. Em seguida, tirou o colete também. Antes que conseguisse terminar de desabotoá-lo, houve uma comoção no meio da multidão, um murmúrio amedrontado, e um homem se aproximou, de arma em punho.

A expressão de Harte mudou muito de leve, e ele deu o seu mais encantador sorriso para Jack Grew.

– Jack! Que bom que você veio.

– Entregue-me o Livro, Darrigan – disse Jack, apontando a arma diretamente para o seu peito. – E os artefatos também.

– Você já vai recebê-los...

– O Livro! – ele gritou, destravando revólver. – Não vou permitir que você me faça de bobo novamente.

Harte ficou sério.

– Você terá que ter paciência, Jack. Se atirar em mim agora, jamais colocará as mãos no que veio buscar aqui. Então, abaixe logo essa coisa...

Pareceu que tudo acontecia ao mesmo tempo. Esta estava em cima da ponte e também parada no corredor da mansão Schwab. Estava olhando para Harte, prestes a levar um tiro, e via Logan sangrando no chão. Dois momentos, dois lugares, em tempos diferentes, mas o mesmo atirador. A mesma arma letal disposta a pôr fim a uma vida.

Ela segurou Harte e retardou o tempo no mesmo instante em que a arma disparou, no mesmo instante em que a bala começou sua trajetória mortal. Quando olhou para cima, viu o projétil passar raspando por eles, tão perto que sentiram seu calor.

– Pensei que você não tinha sentido minha falta... – falou Harte, ao seu ouvido.

Esta se deu conta de que, talvez, estivesse abraçando Harte com um pouco mais de força do que o necessário.

– Onde está o Livro? – perguntou, sem soltá-lo, mesmo quando se afastou dele e do seu cheiro de laranja e de sabonete.

– Está na minha capa – respondeu o Mago, apontando para a peça de roupa, que já

estava nos braços de Esta. – Assim como o seu bracelete.

– Meu bracelete...

A garota sentiu um aperto no peito.

– Aquele, que você me mostrou. O que estava procurando.

À sua volta, o mundo estava no mais completo silêncio.

– E o restante dos artefatos?

– Sumiu – disse, tirando uma mecha de cabelo dos olhos de Esta. – Mande-os para bem longe daqui ontem à noite. Neste instante, estão divididos entre vários trens, a caminho de lugares que eu jamais irei.

Esta apertou o tecido sedoso da capa que estava em suas mãos.

– Por que você fez isso?

– A Ordem não pode possuí-los, muito menos com os planos que Jack tem em mente. E eu não queria que Nibs ficasse com eles também.

– Nibs?

O que Harte estava dizendo não fazia o menor sentido.

– Ele planejou tudo isso desde o começo: a morte de Leena, Dolph se interessar pelo Livro, até mesmo você... – Então, apertou os lábios e completou: – Foi Nibs quem matou Dolph.

– Não – falou Esta, sacudindo a cabeça. – Dolph levou um tiro na noite do assalto. Nibs estava conosco.

– Será que estava? Você tem certeza de que ele ficou esperando do lado de fora da Mansão Quéfren aquele tempo todo?

– Não posso acreditar que ele seria capaz de... – começou a dizer Esta, mas as palavras morreram na boca.

Isso explicaria tanta coisa... O clima tenso do Strega nos últimos dois dias, o fato de Nibs ter insistido em manter uma arma apontada para as suas costas...

– Você estava lá conosco – argumentou Esta. – Você não tem como saber...

– Eu sei quais eram as intenções dele – continuou Harte, com um tom de urgência. Mas sem olhar Esta direto nos olhos. – Apesar de toda sua habilidade para prever o desenrolar dos acontecimentos, ele não esperava que eu lhe desse um soco naquela noite que você foi levada para as Tumbas.

Esta olhou para Nibs, para o seu rosto congelado em uma espécie de fúria controlada, e, de repente, viu o garoto sob uma luz diferente. Fora tola por não ter percebido nada desde o começo.

– Ele manipulou Dolph esse tempo todo. Dolph não fazia a menor ideia.

A garota sacudiu a cabeça de novo, querendo negar tudo o que ele estava lhe contando. Só podia ser mais uma das suas mentiras.

– Você devia ter alertado Dolph.

– Eu estava com as mãos atadas – disse Harte, ainda sem olhá-la nos olhos. – Nibs estava com a minha mãe, e já causei muito mal a ela nesta vida. Não poderia feri-la ainda mais. Achei que podia enrolar Nibs. Achei que podia salvar você também.

Mas, naquela noite, as coisas não saíram muito como eu havia planejado.

– Você deveria ter me contado.

– Eu não poderia arriscar que Nibs descobrisse o que você sabia. O único modo que consegui pensar para enganá-lo era manter você às escuras. Havia muita coisa em jogo.

– A vida de Dolph, por exemplo? – argumentou Esta.

– Nunca quis que Dolph morresse. Mas era algo que ia muito além da vida dele. Ele compreendia isso. Nibs *não pode* pôr as mãos no Livro. Você me entende? Ele não quer libertar os Mageus desta cidade. Quer dominá-los. Quer usá-los, assim como está nos usando, contra os Sundren – continuou Harte, cerrando os dentes. – O Livro é perigoso, Esta. Não é o que você pensa. Não é o que *nenhum de nós* pensávamos. Se cair nas mãos erradas, trará um poder devastador para essa pessoa. Se Nibs puser as mãos nele, será mais poderoso do que qualquer Mageus que já viveu sobre a face da Terra. E não consigo nem imaginar a destruição que isso pode causar. Ninguém estaria a salvo.

– Não posso... – falou Esta. O que ele dizia era tão grave que ficava difícil de acreditar. – Por que agora? Por que está me contando tudo isso quando é tarde demais para fazer qualquer coisa respeito?

– Porque não é tarde demais para você. Estou lhe dando uma saída.

Harte segurou a mão de Esta e colocou um objeto pesado e liso nela. *O bracelete com a Chave de Ishtar*. No mesmo instante, a garota sentiu o calor da pedra. A certeza do seu poder chamando por ela.

– Faça o que você tem que fazer. Mas, seja lá o que for, saia daqui e leve o Livro embora. Não pode permitir que ele caia nas mãos de Nibs nem nas de Jack. *Tudo* depende disso. Você entendeu? Leve-o para algum lugar aonde eles não possam ir.

– Mas eu...

– *Você entendeu?* – repetiu Harte.

– E você? – perguntou Esta, ainda tentando descobrir qual era a jogada, procurando alguma indicação de que aquilo tudo era parte de um grande golpe de Harte.

– Vou morrer de qualquer modo. O Livro não é um livro normal. É uma espécie de ser vivo. – Ele fez uma careta e, então, olhou Esta nos olhos. As íris cinzentas, que haviam se tornado tão conhecidas para ela, estavam diferentes. A garota pensou que podia ver algo além de seu próprio reflexo nelas, cores para as quais não tinha um nome brilhando naquelas profundezas. – Quando eu o toquei, pude lê-lo com mais facilidade do que leio uma pessoa. Vi o que havia lá dentro, e agora isso faz parte de mim. Mesmo que você leve o Livro para um lugar inacessível para eles, a Ordem jamais vai parar de me perseguir – explicou Harte, sacudindo a cabeça. – Não posso correr esse risco. Se eles me virem pular, me virem morrer, não terão motivo para ir atrás de você... nem de ninguém. Você quer proteger as pessoas que Dolph protegia? Essa é a única maneira – completou, dando um sorriso de partir o

coração. – Haja o que houver, o grande Harte Darrigan não será esquecido tão cedo depois do que eu fizer aqui hoje.

Esta sentiu uma dor no coração. “Será, sim.” Ela sabia disso. Se Harte pulasse daquela ponte, sua memória não duraria uma semana nem um mês, quem dirá anos.

– Vamos acabar com a Beira antes que isso aconteça – falou. – Vamos libertar todo mundo agora mesmo e roubar o poder da Ordem.

Não era esse o serviço que ela tinha ido fazer ali, mas era essa a intenção do Professor Lachlan, Esta raciocinou.

– Você não entende. *Nenhum de nós* pode entender. A Beira não é apenas uma prisão, Esta. Foi construída para *proteger* a magia. Se for derrubada, não libertará os Mageus. Pense em Tilly: quando a máquina de Jack explodiu, levou sua vida com ela. Destruir a Beira causaria a mesma coisa. Destruiria toda magia que a barreira já consumiu. Se isso acontecer, estraçalhará tudo que tiver alguma conexão com essa magia. Você, eu, todos os Mageus que existem estão conectados à antiga magia. Quando uma parte disso morre, uma parte de nós também morrerá. E, sem a nossa magia...

Harte não conseguiu terminar a frase.

Esta ficou sem resposta. Era uma mentira muito ridícula e muito grande para ser verdade. A Beira *matava* Mageus, não os protegia.

– Você não pode esperar que eu acredite nisso.

– Estou aqui, não estou? – disse ele, engolindo em seco. – Se o Livro tivesse me revelado uma maneira de sair dessa cidade, você não acha que eu estaria bem longe a uma altura dessas? Você realmente acha eu estaria aqui, no meio desse circo? Eu *poderia* ter usado o Livro para atravessar a Beira, mas a magia que ele contém é poderosa demais. Nem a Beira a suportaria. Jack me contou como a Ordem a construiu: conectando os elementos através do Éter. A Ordem está tentando encontrar uma maneira de torná-la maior e mais poderosa, mas Jack me disse que as conexões feitas por meio do Éter são instáveis demais. O Livro poderia até ter me permitido atravessá-la, mas um nível tão alto de magia poderia sobrecarregar o circuito. Se isso acontecesse, seria pior do que qualquer apagão elétrico.

– Porque apagaria toda a magia – disse ela, começando a encaixar as peças do quebra-cabeça.

– Exatamente. Se eu tivesse como escapar, teria escapado. Teria até levado você comigo. Mas não posso correr o risco de destruir o circuito feito por meio do Éter. Ainda estou aqui porque não há maneira de eu ir embora sem destruir toda a Beira. E destruí-la seria uma ameaça para a magia como um todo. Para todos os Mageus.

Esta ficou encarando Harte, procurando alguma rachadura na sua máscara que pudesse denunciar a mentira que ele estava contando. Mas acreditou em uma única coisa: se houvesse uma maneira de sair da cidade, se houvesse uma maneira de atravessar a Beira, Harte Darrigan *já teria* feito isso.

Mas não fizera.

Ainda por cima, estava lhe entregando o Livro e abrindo mão da única coisa que sempre quisera, desde o início. Se isso não era o bastante para convencê-la, o medo refletido nos seus olhos de tempestade seria.

– Preparada? – perguntou ele.

– Não – respondeu ela. Ainda havia um milhão de perguntas que queria fazer. Tinha que haver outro modo. – Não posso...

Ele encostou o dedo nos lábios dela para impedi-la de falar.

– Vamos acabar logo com isso.

Então, soltou-se dela. À medida que Harte foi se afastando, Esta parou de controlar o tempo, e o mundo voltou a girar.

Quando viu que Harte ainda não pulara, Jack ficou parado, chocado demais para se mexer, o que deu à multidão tempo para arrancar a arma da mão dele. Só levou alguns instantes para que fosse preso e arrastado para longe dali, sem parar de gritar.

Assim que o público se acalmou, Harte tirou a camisa, com toda a calma. Os músculos dos seus braços revelavam o quanto estava tenso, enquanto ele fazia questão de se despir na frente do público. O vento gelado arrepiou seus ombros, mas os olhos tinham uma expressão firme, tranquila.

– Um beijinho de boa sorte, querida? – perguntou, com um ar determinado nos olhos cinzentos.

Como a plateia não parava de gritar, entusiasmada, Esta não pôde recusar o pedido. Permitiu que ele encostasse a boca na sua, mas não foi o beijo que ela desejara receber naquela noite, no apartamento de Harte. Os lábios dele estavam frios, como se a água lá embaixo já o tivesse engolido, e não tivesse sobrado nada naquele rápido roçar das duas bocas além de uma determinação resignada.

Esta não tinha certeza se acreditava em Harte, mas saber que ele estava prestes a morrer?

“Posso levá-lo comigo”, pensou, de repente. “Que se dane se alguém enxergar que desaparecemos.”

Com um floreio, Harte subiu na grade de proteção. Seus olhos percorreram a multidão, avistaram a cidade, e Esta pensou ter visto uma faísca de arrependimento no seu rosto.

Nibs apareceu no meio da multidão.

– Faça o parar! – gritou.

Esta viu alguns rapazes do bando de Dolph se aproximarem da grade de proteção. Mas, antes que pudessem chegar mais perto, a polícia entrou em massa na ponte. Uma confusão começou, e a multidão se espalhou por todos os lados, para escapar dos cassetetes e dos apitos estridentes da polícia. No meio do tumulto, Esta foi arrastada para longe da grade, para longe de Harte.

Não havia como alcançá-lo. Como movê-lo do que pretendia fazer. Ela tinha salvo o Livro, mas não podia salvar Harte.

Harte cruzou o olhar com o dela.

“Vá!”, a boca dela gesticulou, sem emitir som. Parecia que o ar em volta dela brilhava. O sol resplandeceu quando ele se soltou do cabo e, em seguida, desapareceu.

O coração de Esta parou de bater.

“Tarde demais.”

Ela se acotovelou no meio da multidão para chegar até a grade, até o ponto onde ele havia desaparecido. Lá embaixo, não havia nenhum sinal do Mago. E Esta ficou olhando, esperando que ele aparecesse ou que houvesse algum sinal de que ele conseguira escapar. Mas, apesar do tumulto e do ódio da multidão atrás dela, a água estava em silêncio, guardando seus segredos de forma tão absoluta quanto um túmulo.

Esta não percebeu que Nibs havia se aproximado dela. Estava ocupada demais tentando respirar depois do choque causado pelo que acabara de acontecer. Mas, ao se agarrar na capa de Harte, sentiu os contornos duros do Livro. O bracelete estava quente, em suas mãos.

No fim das contas, Harte não a traíra. Pelo contrário: dera tudo do que ela precisava.

Mas, antes que pudesse compreender completamente que o Mago havia mesmo desaparecido, sentiu alguém segurar o seu braço.

– Ele o entregou para você? – indagou Nibs, com o rosto pálido bem perto do seu.
– Sei que ele lhe contou onde está.
– Quê?

Esta tentou se desvencilhar do garoto, mas ele a segurava com tanta força que o braço doía.

– Conte-me – exigiu ele, tirando uma pistola de cano curto do casaco e colocando o cano debaixo do queixo de Esta. – Conte ou vai fazer companhia para ele.

A garota não conseguia respirar. Não conseguia entender o que estava acontecendo.

– Conte o que ele fez com o Livro! – gritou Nibsy, com o bafo quente e azedo bem no rosto de Esta, enquanto o cano frio da arma pressionava sua garganta.

– Eu...

Naquele instante, Esta teve certeza de que Harte tinha razão. Não podia entregar o Livro para o garoto. Teve certeza de que, não importava o que acontecesse, Nibsy jamais seria digno do poder que o Livro continha. Tentou pensar o mais rápido que pôde em uma mentira, mudando a capa de posição para que Nibs não percebesse o volume do Livro.

Foi quando o fedelho destravou a arma. Mas, antes que conseguisse puxar o gatilho, o seu corpo ficou rígido, e ele soltou um suspiro de dor. A pistola caiu da sua mão. Ele soltou Esta e segurou a própria perna.

A garota se afastou dele, olhou para cima e viu Viola parada a poucos metros de distância, com o rosto crispado, observando Nibs tirar a faca da coxa. A garçonete

assentiu a cabeça para Esta, com um ar solene, então sumiu, misturando-se à multidão, como se jamais tivesse estado ali.

A sensação do bracelete na sua mão, quente, convincente e categórica, foi a única coisa capaz de fazer Esta recobrar a razão. Ela se entregou ao magnetismo da Chave de Ishtar, permitindo que o calor de sua energia a expandisse, até conseguir enxergar as camadas do tempo e da história naquele lugar: todos os segundos futuros que não teriam a presença de Harte Darrigan.

Nibs olhou para ela, com o rosto retorcido de ódio e de raiva. Apontou a arma, mas era tarde demais. Esta encontrara a camada de tempo que procurava e desapareceu.

UM CÉU SEM ESTRELAS

Dias atuais – Ponte do Brooklyn

Esta mal teve tempo de desviar do caminhão que passou correndo por ela. Tentando recuperar o fôlego, ficou parada do lado da estrada. A rajada de vento causada pelo tráfego levantou seu cabelo e fez suas saias chicotarem as pernas. Já era noite, mas o brilho da cidade – da *sua* cidade – estraçalhava a escuridão. O ronco suave dos automóveis tomou o lugar do barulho que as rodas de madeira faziam ao passar pelas ruas de paralelepípedos. E, ao olhar para cima, Esta não conseguiu ver as estrelas.

Parecia que tudo estava acontecendo rápido demais. Depois de passar semanas em uma cidade que se movia na velocidade de um cavalo ou de um trem elevado arrastado, aquela agitação de carros e de pessoas lhe parecia demais.

A capa de Harte ainda estava em seus braços, o Livro ainda pesava entre as dobras da peça de roupa. Se ela apenas conseguisse ignorar o fato de que estava com o cheiro dele, com aquela combinação de sabonete e de um suave aroma de laranjas, ficaria bem.

Precisava ficar bem. Ainda tinha trabalho a fazer.

Continuou com a cabeça baixa e fez a longa caminhada para voltar até Midtown, para o estacionamento de onde saíra, debaixo da coroa do Empire State. Para ela, tinham se passado semanas. Mas, para aquela cidade, continuava tudo igual. A noite de verão estava mais quente do que aquela, no final de março, quando Esta partira. Quando chegou ao seu destino, estava suando por causa das saias pesadas e do ritmo acelerado da caminhada.

Ao virar a esquina, parou de repente e foi para trás. A rua onde Dakari estacionara o carro estava bloqueada, e um pequeno grupo de pessoas havia se formado. Faíscas vermelhas brilhavam, refletidas nas janelas de luzes apagadas dos prédios ao redor, vindas dos carros de polícia. Do ponto onde estava, Esta não conseguia enxergar a rua onde Dakari caíra e não podia ver se ele ainda estava ali.

Esta tentou voltar alguns minutos depois de seu horário original de partida, como o Professor Lachlan ensinara. Mas, depois de ter caminhado da ponte até ali, chegara tarde demais. Se tivessem pegado Dakari... Se ele estivesse ferido ou coisa pior...

Esta tinha que consertar aquilo. Tinha que voltar no tempo e salvá-lo.

A menina se forçou a ignorar as sirenes e as luzes que brilhavam à sua volta e se concentrou em encontrar as camadas do tempo. A pedra do bracelete que tinha no braço esquentou, mas Esta não deu atenção ao calor e foi folheando os momentos, descascando os minutos e segundos até achar que estava perto do instante em que a

arma disparara. Quase podia enxergá-lo: as luzes dos carros de polícia começaram a esmaecer, o volume das sirenes foi ficando mais baixo, até desaparecer no silêncio da noite anterior ao momento em que partira.

Mas, no mesmo instante em que encontrou aquele momento, a mesma sensação agourenta tomou conta dela, fazendo-a sentir que seu corpo inteiro queimava, como naquela noite, há tantas semanas, quando partira. A pedra estava ardente, uma espécie de advertência abrasadora diretamente na sua pele. Igualzinho à outra vez.

“Tem alguma coisa errada.”

Esta respirou fundo, lutando contra o próprio pânico, esforçando-se para voltar ao segundo antes de Dakari ser atacado. Mas, dessa vez, seus próprios instintos a estavam sabotando. Deu um soluço e perdeu controle sobre o tempo. O presente – com todas as suas luzes e o seu barulho – voltou, inundando aquele momento. Esta dobrou o corpo para se acalmar, com o coração batendo acelerado e a pele, gelada, apesar do calor da noite de verão. Apesar do calor da pedra encostada na sua pele.

– Não – sussurrou, como se ouvir a própria voz fosse ajudá-la a vencer o medo. Só que a voz transmitia pavor, dúvida. Era muita coincidência sentir-se daquele modo duas vezes. Mas se era por causa daquele momento em especial, da pedra ou de alguma outra coisa, ela não sabia. O que Esta sabia é que a vida de Dakari dependia dela. Precisava tentar de novo, por Dakari. Só que, antes que conseguisse fazer isso, uma mão segurou seu ombro e a puxou para trás, enquanto outra mão cobriu sua boca, impedindo que a menina soltasse o grito assustado que queria.

– Shhhhh – disse uma voz conhecida, bem perto do seu ouvido. – Vou soltar você, mas vai ter que ficar quieta.

Esta se virou e viu Dakari atrás dela, mas não fez nada além de abrir e fechar a boca, procurando por palavras que não conseguiu pronunciar.

– Como você... – disse, por fim, mas não conseguiu terminar a frase. Não entendia o que estava vendo, por mais aliviada que estivesse de encontrá-lo ali, são e salvo, bem na sua frente.

Dakari rasgou a camisa, mostrando por baixo dela um colete à prova de balas danificado.

– Estou sempre preparado, E – disse ele, esfregando o próprio peito e fazendo careta. – Aqueles tiros vão deixar marca.

Esta, então, percebeu que havia sangue nas calças dele.

– Dakari, a sua perna...

– Eu sei, mas precisava esperar você voltar. Agora que voltou, precisamos sair daqui. – Ao longe, Esta já podia ouvir outra sirene estridente ecoando pelos prédios. – Venha – disse ele, levantando-se do chão. – Você dirige.

Esta pegou as chaves que Dakari lhe atirou.

– Quem sabe você faz aquela coisa com o tempo que sabe fazer? E me levar de volta mais rápido? – perguntou Dakari.

– Certo – respondeu Esta, ainda tão aliviada de vê-lo que mal conseguia respirar.

“Ele não se foi”, pensou, retardando os segundos. – Achei que você tinha morrido.

Então, ajudou Dakari a entrar no carro, em meio à cidade silenciosa.

– Nãããã. Sou mesmo duro de matar – falou Dakari, batendo de novo no colete à prova de balas e se encolhendo todo ao sentar no banco de trás e esticar a perna machucada.

– Quem são aqueles caras? – perguntou Esta, sentando-se no banco do motorista e olhando pelo retrovisor.

A expressão de Dakari ficou sombria.

– Sei lá – disse ele, mas não olhou a menina nos olhos. – Por quanto tempo você ficou fora dessa vez? – perguntou, segurando a perna enquanto Esta dava partida no carro e começava a dirigir, percorrendo aquele estranho quadro vivo, a cidade quase parada.

– Semanas – respondeu, sentindo-se subitamente esmagada ao se dar conta de que todos estavam mortos. O que quer que tivesse acontecido naquela ponte, fazia mais de cem anos. Jianyu, Viola, o restante do bando do Strega... Todos já deviam ter virado pó nos túmulos. E ela jamais teria a oportunidade de se despedir deles.

– Você conseguiu pegar o que precisava? – perguntou Dakari, olhando atentamente para Esta pelo retrovisor.

A menina confirmou balançando a cabeça, e o alívio estampado no rosto de Dakari foi tão forte que a surpreendeu. Será que seu treinador pensara que ela não conseguiria?

– O Professor vai ficar satisfeito.

– Talvez.

– O que você quer dizer com isso? – perguntou Dakari, franzindo a testa, preocupado.

– Acho que não vamos conseguir destruir a Beira – respondeu ela, lembrando-se de tudo que Harte lhe contara. – Mesmo que conseguíssemos... não sei se *devemos*.

Dakari ficou com uma expressão séria.

– Não diga isso.

– Não sei de mais nada. Preciso conversar com o Professor Lachlan. Ele saberá o que fazer.

Dakari ficou sem falar nada por um bom tempo.

– Você tem razão, E. Passou por muita coisa. Talvez não esteja conseguindo pensar direito. Vamos voltar para casa, aí resolvemos tudo.

Depois disso, não disse mais nada, mas não parou de olhar para Esta, inquieto, enquanto ela percorria as últimas quadras que faltavam para chegar à Orchard Street.

A fachada do prédio não parecia nem um pouco diferente do que era quando Esta partira, semanas atrás. Mas por que mudaria? Para as pessoas do seu próprio tempo, ela só ficara fora por alguns minutos. A menina olhou para cima, para os tijolos escuros, e viu o edifício com novos olhos. Era um antigo cortiço e, iluminado pela lua, cheio de luzes em volta e com a vizinhança silenciosa, poderia ser a cem anos

atrás. Quase podia se imaginar caminhando as quatro quadras até a Elizabeth Street e entrando pela porta dos fundos do Strega. Por um instante, imaginou que as pessoas que conheceu naquele tempo e que aprendeu a admirar, não tinham morrido.

Dakari abriu a porta da frente do edifício, e os dois entraram no *hall* vazio. Para alívio de Esta, o lugar estava igualzinho ao que era antes dos erros que cometera na mansão Schwab. Isso era – assim esperava – um bom sinal. Sinal de que, talvez, tivesse conseguido consertar seus erros.

Mas aquele lugar não lhe dava mais a sensação de estar em casa.

Havia um ar de limpeza, quase estéril, que não parecia certo aos olhos de Esta. Um prédio como aquele deveria ser cheio de vida. Deveria ter crianças brincando pelos corredores e o cheiro de cinco jantares diferentes sendo cozinhados em apartamentos diversos. Mas ela jamais ouvira barulhos de criança naqueles corredores desde que fora morar ali.

A porta do apartamento 1A se abriu, revelando a verdadeira entrada do prédio. Logan estava esperando do outro lado da porta.

– Você saiu da cama – disse Esta, surpresa por vê-lo são e salvo. – Você está bem?

O garoto franziu a testa.

– Por que não estaria?

– Você levou um tiro – falou ela, confusa.

Logan olhou para Dakari e disse:

– Não sei bem do que você está falando.

Esta sentiu um aperto no estômago.

– Você levou um tiro durante o serviço na mansão Schwab. Quando parti, nem tinha recobrado a consciência ainda... Você não se lembra de ter levado um tiro do homem loiro, de Jack?

– Não tinha nenhum homem loiro – respondeu Logan, olhando para Esta como se ela tivesse enlouquecido. – Você tentou salvar uma criada e quase foi expulsa, mas eu não me lembro de nenhum homem loiro. E, definitivamente, lembraria se tivesse levado um tiro.

– Bom, fico feliz de ver que você está bem.

Logan lhe lançou mais um olhar desconfiado e disse:

– O Professor está lá em cima. Esperando.

Dakari entrou com ela no elevador e apertou o botão que levava ao último andar.

– Tinha mesmo um homem loiro – disse Esta, precisando que Dakari acreditasse nela. – Logan quase morreu. Eu o trouxe de volta para cá. Alguma coisa mudou. De algum modo, está tudo diferente.

– Eu estou diferente?

Esta olhou bem para Dakari e respondeu:

– Não. Acho que não. Você ainda está aqui.

Ele pareceu surpreso com a resposta.

– E onde mais eu poderia estar?

– Em lugar nenhum. E Mari?

– Deve estar na oficina dela. Por que a pergunta?

Esta não tinha tempo para explicar o sumiço de Mari. O elevador já estava parando, e logo Dakari estava puxando a grade e abrindo a porta para ela passar.

“Devo ter feito alguma coisa certa.” Mas aquela vitória lhe pareceu vazia quando se lembrou de todos os erros que cometera. Quando pensou em Harte Darrigan prestes a pular da ponte e pedindo para ela ir embora.

A biblioteca do Professor parecia quase igual, mas as pilhas estavam mais organizadas e havia algo de diferente na disposição das cadeiras e das mesas. Do outro lado da sala, o Professor Lachlan estava sentado, olhando, com uma grande lente de aumento, as páginas de um livro aberto. Não levantou o rosto, mesmo tendo ouvido o elevador chegar, mas terminou a passagem que estava lendo e fez uma anotação em um caderno.

Quando finalmente olhou para cima, espremeu os olhos e perguntou:

– Você conseguiu?

Esta mostrou a capa.

– Está aqui – respondeu.

– Que bom – falou o Professor, estendendo a mão. – Pode me dar.

Esta hesitou. Ele parecia diferente. Mais distante, mais mandão.

“Ele sempre foi mandão”, lembrou. Mesmo assim, sentia que havia alguma coisa errada. Por um instante, pensou em tirar o Livro do bolso interno da capa, para não precisar entregar as duas coisas para ele. Parecia errado, por algum motivo, dar aquele pedaço de Harte para outra pessoa, já que era tudo o que lhe restava do Mago.

– Esta? – insistiu o Professor Lachlan, com o maxilar tenso. – Entregue o Livro.

Dakari saiu detrás dela.

– Vamos, E. Entregue o Livro para o Professor – disse, baixinho, mas havia um tom duro na sua voz que ela jamais tinha ouvido.

Confusa com o comportamento dos dois, entregou a capa sem mais discutir.

O Professor demorou para encontrar o bolso secreto. Em vez de se dar ao trabalho de procurá-lo, pegou uma pequena faca. Esta não pôde fazer nada a não ser ficar olhando enquanto ele rasgava o tecido e tirava o Livro lá de dentro.

Era menor do que Esta esperava, pelo peso que sentira na capa de Harte.

– É isso? – perguntou, olhando para o pequeno volume de capa escura.

Sabia que era. Na capa, havia o mesmo símbolo do quadro no apartamento de Dolph e do livro que ele lhe mostrara. Não teve dúvidas de que aquele tomo pequeno e comum era o *Ars Arcana*, o Livro desejado por tantas pessoas. O Livro pelo qual morreram tantas pessoas.

Os olhos do Professor Lachlan brilhavam, ávidos. Ele ignorou a decepção de Esta e passou os dedos por cima do símbolo.

– Depois de tanto tempo...

– Esta estava me dizendo que acha que não devemos destruir a Beira – comentou Dakari.

– Não foi isso que eu disse. E eu mesma ia contar para o Professor.

Esta olhou para a expressão rígida de Dakari, e a sensação perturbadora que teve desde que entrara no prédio ficou ainda mais forte.

– O que, *exatamente*, você ia me contar?

– Tem a ver com a destruição da Beira. Acho que não podemos fazer isso, nem mesmo com o Livro – respondeu ela, balançando um pouco. Esta só queria se atirar no sofá antigo e contar tudo para o Professor, mas tinha a sensação de que aquilo era importante demais para que pudesse relaxar.

– E o que faz você pensar isso?

– Harte... Quero dizer, o Mago me contou quando me entregou o Livro. Disse que destruir a Beira poderia destruir a magia como um todo.

O Professor não parecia nada feliz.

– E você acreditou nele?

– Não sei – respondeu ela, sendo sincera. – Mas acho que devemos tomar cuidado com isso. E com a Beira. Acho que precisamos nos certificar de que sabemos muito bem o que estamos fazendo.

– Pensar essas coisas não faz parte do seu serviço.

– Eu sei. É só que... Achei que o senhor deveria saber antes de tomar qualquer atitude.

O *tique-taque* do ponteiro dos segundos do relógio de parede era o único som que se ouvia na biblioteca silenciosa.

– Ele entrou na sua cabeça.

– Não, não é isso – argumentou Esta, mas não sabia se estava dizendo a verdade.

– O Mago a convenceu a mudar de lado – afirmou o Professor Lachlan, com um tom átono e repleto de aversão.

– *Não*. Eu trouxe o Livro. Fiz o meu serviço.

Mais um longo silêncio sufocou o ambiente.

– É claro que fez – disse o Professor, mas não parecia nem um pouco feliz. – Tenho certeza de que está apenas cansada. Exaurida. Afinal de contas, imagino que tenha passado por um martírio e tanto. Quem sabe você vai para o seu quarto, descansar?

– Pode ser. Foi um dia longo – respondeu Esta, dando uma risada fraca. – Foi um mês longo.

– Podemos conversar mais sobre isso amanhã – falou Professor Lachlan, dando atenção apenas para o Livro que tinha nas mãos.

Esta se virou para o elevador. Já tinha quase atravessado a sala quando algo chamou a sua atenção: algo prateado e emoldurado, que não se lembrava de ter visto ali antes. Por um instante, olhou para o quadro, sem entender o que estava vendo. Mas, de repente, entendeu.

– Isso era de Viola.

Seu estômago se revirou ao ver as finas lâminas dos punhais cruzadas e emolduradas. Não havia como confundir as marcas fundas em forma de “V” nos cabos sem revestimento de cada uma das facas.

– Como o senhor as conseguiu?

– O que foi que você disse?

Esta chegou mais perto da parede, para ver melhor as facas.

– Como é que o senhor pode ter essas facas?

O Professor olhou para ela e respondeu:

– Eu as tenho há séculos. Ou será que você não está lembrada? – Então, fez sinal com a cabeça para Dakari e completou: – Talvez seja melhor você acompanhar Esta até o quarto.

– Não precisa...

Antes que conseguisse terminar de falar, Dakari já estava de novo ao seu lado.

– Sinto muito – disse ele, com expressão de dor nos seus olhos castanhos e doces.

– Quê? – perguntou Esta, confusa com o que ele havia dito. Antes que conseguisse entender o que estava acontecendo, o treinador esticou braço e a prendeu contra o seu corpo. Esta sentiu uma picada aguda no bíceps. – Dakari?

A menina olhou para baixo e viu uma seringa saindo do seu braço, mas já estava enrolando a língua e ficando com a visão borrada.

UM VELHO AMIGO

Esta foi acordando devagar, com a cabeça latejando. Ao abrir os olhos, viu que estava deitada no chão de um quarto sem janelas. Ainda usava o corpete e as longas saias – as roupas do passado. Por isso, de início, achou que tudo não passara de um pesadelo. Que ainda estava no seu quartinho apertado em cima do Strega. Mas podia ouvir uma sirene distante, um lembrete estridente de que ela não estava mais com Dolph e o resto do bando. Estava em casa. Mas aquela dor no braço, no ponto onde Dakari lhe enfiara uma agulha, e aquele torpor nebuloso não era a recepção que havia esperado. Parecia que tudo estava de ponta-cabeça.

Não sabia direito onde estava nem se ainda estava no prédio do Professor Lachlan. Sua cabeça ficou girando quando ela tentou se levantar e tatear as paredes do quarto, à procura da porta. Já tinha passado pelos três cantos do espaço apertado quando encontrou duas saliências onde deveria haver uma porta, mas não havia maçaneta nem fechadura, só uma placa lisa de metal em cima de onde o mecanismo deveria estar.

Por mais que procurasse, não conseguiu encontrar nenhuma fechadura para arrombar ou uma dobradiça para forçar. Era uma prisão à prova de ladrão.

Era a prisão que *ele* havia construído para Esta. Podia ter passado minutos ou horas ali, sentada na escuridão, até que finalmente ouviu vozes vindas do outro lado da parede. Voltou correndo e tentou se concentrar para retardar os segundos. Mas o tempo fugia dela – Esta não conseguia encontrar os espaços. Sentiu-se do mesmo modo que se sentira no porão do Haymarket: incapaz de invocar sua afinidade e à mercê de quem quer que estivesse prestes a atacá-la.

A parede deslizou, abrindo-se, e Esta piscou, protegendo os olhos da luz que vinha do corredor.

– Venha, E.

– Dakari? É você?

Queria muito que fosse ele, mas também não sabia se ainda podia confiar no seu treinador. Um instante depois, Dakari a levantou – as pernas de Esta ainda tremiam – e arrastou para fora do quarto.

– O que está acontecendo? – perguntou a menina. Ao ver que Dakari não respondeu, tentou se desvencilhar dele. – Aonde estamos indo?

Só que Dakari a segurava com força, recusando-se a responder às perguntas, e meio que a levava, meio que a arrastava pelo corredor, em direção ao elevador.

– Por que você está agindo dessa maneira, Dakari? Sou *eu*. Você me conhece.

Se pelo menos ainda estivesse com o canivete dele, talvez Esta conseguisse convencê-lo. Mas a arma tinha ficado perdida no passado. Se as coisas não

melhorassem, não sabia o que o futuro podia lhe reservar.

– *Por favor* – insistiu.

Dakari sequer olhou para ela, e a empurrou para dentro do elevador, segurando-a o tempo todo, enquanto a cabine subia, devagar e barulhenta, até o último andar.

– Apenas responda o que o Professor perguntar e faça o que ele pedir. Prove que está do lado dele que tudo dará certo. Tudo pode voltar a ser o que sempre deveria ter sido.

Mas Esta duvidava de que as coisas pudessem voltar a ser o que eram. Tinham acontecido mudanças demais.

Quando o elevador parou na biblioteca, Dakari a fez sair.

– Ande – ordenou.

Já era noite, mas Esta não fazia ideia de quanto tempo passara apagada pela droga que haviam lhe dado, e não fazia ideia de quanto tempo tinha passado naquela prisão sem janelas. As luzes da biblioteca estavam apagadas, com exceção de um pequeno abajur, que iluminava o rosto do Professor. Que estava debruçado, sério e muito concentrado, sobre o *Ars Arcana*. Perto dele, em cima de uma mesa, estavam os cinco artefatos, dispostos em linha reta.

Quando ouviu que os dois se aproximavam, ele tirou os olhos do Livro e perguntou:

– Você está se sentindo melhor?

– O senhor me drogou e me trancou em uma sala sem portas – respondeu Esta, com plena consciência de que estava provocando o Professor. – O que eu fiz para merecer isso? Eu lhe trouxe o Livro.

– E também ficou falando uma bobagem a respeito de a Beira ser indestrutível.

– Eu estava apenas tentando avisar o senhor.

– Sim. E onde você conseguiu essa informação?

– Com Harte – disse ela, sabendo que aquilo podia arruiná-la.

– É claro que sim. Porque você acabou confiando nele, não foi? Era exatamente isso que eu temia que acontecesse. Foi exatamente por isso que lhe dei um pequeno incentivo para voltar.

– Que incentivo?

O Professor Lachlan sequer piscou.

– Você é impulsiva, mas também é previsível. Eu tinha certeza de que, se você acreditasse que a vida de Dakari corria perigo, iria voltar, sem se importar com os seus sentimentos pelas pessoas do passado.

Esta sentia-se anestesiada, não apenas pela droga que haviam lhe dado, mas porque a imagem do corpo de Dakari se retorcendo com o impacto das balas lhe veio à cabeça. Ele estava usando um colete à prova de balas, mas aqueles projéteis não eram de festim. Tinham atravessado as pernas dele.

– O senhor poderia ter matado Dakari!

– A vida de Dakari jamais correu perigo – retrucou ele, ignorando-a.

Esta olhou para Dakari, mas a expressão do velho amigo era indecifrável, ele parecia fechado e distante. Se ficou chateado ou surpreso com aquela revelação, não demonstrou.

– O senhor pôs a vida de Dakari em risco porque não confiava em mim?

– Eu não confiaria tanto assim em ninguém, muito menos em você, sendo a garota impulsiva que é. Então, não. Não podia confiar que você não ficaria balançada por Dolph Saunders ou mesmo pelo Mago. Não podia confiar que você olharia uma única vez nos olhos cinzentos e bonitos de Harte Darrigan, ouviria aquela historinha triste, de pobre menino perdido, e não resolveria dar uma chance a ele. Eu precisava ter alguma garantia. Por isso lhe dei um incentivo para voltar.

Então, o Professor ficou olhando fixamente para ela, com as narinas abrindo e fechando, exausto de tanto falar.

Ao ouvir aquelas palavras, alguma ficha caiu dentro de Esta, e ela foi tomada pela apreensão.

– Como o senhor sabia que ele tinha olhos cinzentos?

– Quê? – retrucou o Professor, com o rosto retorcido de irritação.

– Harte Darrigan. O senhor não teria como saber a cor dos olhos dele. Fotos não teriam mostrado esse detalhe.

A expressão dele ficou mais frouxa, como se tivesse se dado conta do escorregão. Então, um leve sorriso se esboçou nos seus lábios.

– Você sempre foi observadora demais, para seu próprio azar.

Esta ficou muito apreensiva.

– O senhor sempre me disse que isso fazia de mim uma boa ladra.

– Fazia. Mas também faz de você um problema – respondeu. Em seguida, dirigiu-se a Dakari: – Dakari, pode prendê-la que eu assumo daqui para a frente.

Esta sabia o que estava por vir, mas ainda não conseguia acreditar no que estava acontecendo quando Dakari a atirou em cima de uma cadeira e amarrou seus braços e suas pernas com uma corda.

– Apenas conte a verdade para ele, E. Se você ainda está do nosso lado, tudo vai ficar bem.

– Dakari... – suplicou Esta, mas ele não lhe deu ouvidos. Já estava saindo, indo para o elevador.

– Sabe, não era para você ter voltado para cá. Nada disso precisaria acontecer se apenas tivesse feito o que devia fazer. Se apenas tivesse me entregado o Livro naquele dia, na ponte...

Esta virou para trás e olhou nos olhos do Professor Lachlan.

– Como eu *poderia* ter lhe entregado o Livro? Aquilo foi há cem anos.

O Professor não falou nada de imediato, mas alguma coisa na sua expressão deixou Esta arrepiada.

– Talvez você não seja assim, tão observadora, afinal de contas. Você não sabe quem eu sou, sabe? Será que mudei tanto?

– O senhor está exatamente igual à última vez que o vi – respondeu Esta, confusa com a pergunta.

– Algumas semanas, uma vida inteira... Engraçado como dois períodos de tempo podem ser tão parecidos. Naquela época, tive razão a seu respeito. Tive razão a seu respeito desde o início.

Foi então que Esta enxergou o que já deveria ter visto havia muito tempo.

– Não... – Ele mudara com o passar dos anos. Mas, por baixo daquelas manchas senis e das rugas, por baixo daquele cabelo branco e escasso, por baixo daquele corpo frágil, Esta pensou ter visto o menino que um dia ele fora. – Nibs? – perguntou, com a voz quase inaudível de tão fraca.

– Sempre odiei esse nome – respondeu ele.

– Não pode ser. Você *não pode* ser ele. Isso é impossível.

– É *improvável*, não impossível. O que é um século quando se encontram curandeiros como Dakari para manter nosso corpo são? – respondeu o Professor, com um olhar de reprovação. – O que é um século quando se espera pôr as mãos na chave dos nossos planos? Sou um homem paciente, Esta. Você já devia saber disso a essa altura.

– Você matou Dolph. Ele confiava em você, e você o matou – disse Esta, sacudindo a cabeça. – Não consigo entender: Dolph queria destruir a Beira. Queria derrubar a Ordem. Vocês dois estavam *do mesmo lado*. Não havia motivos para matá-lo.

O Professor Lachlan – Nibs – deu uma risada de escárnio.

– Dolph tinha o grande plano de destruir a Beira e libertar todos os Mageus da cidade. Mas o que isso teria causado? Teria dado início a uma guerra com os Sundren, uma guerra que não podíamos vencer porque estávamos muito fracos... Pelo menos, se o Livro fosse parar nas mãos *dele*.

– Eram mãos melhores do que as suas.

– Dolph achava que precisávamos do Livro para conquistar nossa liberdade, como se o Livro dos Mistérios, o mais antigo e sagrado registro de magia, fosse um mero manual de bruxaria, que ele poderia usar para quebrar um feitiço maldoso – debochou o Professor Lachlan. – Dolph nunca foi muito bom nos tempos verbais latinos. Entendeu errado a mensagem que Leena lhe enviou antes de a Ordem levá-la. Sei disso porque ela me explicou quando me entregou o bilhete... Não que eu tenha me dado ao trabalho de corrigi-lo. Desde que ele continuasse indo atrás do Livro, por mim tudo bem. Mas eu sempre soube que não era o Livro que poderia nos libertar, e sim, nós é que poderíamos libertar *o Livro*... E é exatamente isso que pretendo fazer.

– Mas a Beira...

O Professor Lachlan ignorou o protesto de Esta.

– Nunca dei nenhuma importância à possibilidade de destruir a Beira. Ela nunca me impediu de fazer o que eu queria fazer. Por mim, pode continuar lá. É um mero

inconveniente, comparado ao conteúdo do *Ars Arcana* – falou, batendo o dedo na capa do Livro. – Isso aqui não é apenas um registro dos mais importantes avanços da magia através da história. É um objeto imbuído com a própria *fonte* da magia. Quem conseguir desvendá-lo o controlará. E quem o controlar terá o mundo aos seus pés.

Esta lembrou do que Harte lhe dissera na ponte – ninguém entendia realmente a verdadeira natureza do *Ars Arcana*. Ele estava enganado. Nibs entendia. Nibs *sempre* o entendera. E manipulara todo mundo.

– E o senhor acha que deveria ter esse poder? – perguntou Esta, incentivando-o a continuar falando enquanto tentava pensar em alguma maneira de escapar daquela confusão em que havia se metido.

– Por que não eu? A Ordem mal poderia tocar o poder que essas páginas contêm. Seus membros sabem do que o Livro é capaz, e é por isso que eles o guardavam a sete chaves. Mas nunca tiveram coragem de usá-lo de verdade. Foram avisados pela última pessoa que teve coragem de tentar desvendar os segredos do Livro e invocar seu poder, depois de quase ter enlouquecido por causa dele.

– Um membro da Ordem? – indagou Esta, dando-se conta de que a droga que haviam lhe dado estava começando a perder o efeito. Não sabia quanto tempo ainda ia demorar para se livrar dela, mas talvez pudesse esperar. Precisava manter o Professor distraído, fazê-lo continuar falando. Mais um pouco, e poderia tentar fugir.

– Um de seus fundadores – contou o Professor Lachlan. – A maioria das pessoas não sabe que Isaac Newton começou a sua carreira um alquimista. Antes de se sentar debaixo de qualquer árvore, ele procurou a pedra filosofal, um modo de isolar a quintessência. Tive muito tempo para estudar a respeito do *Ars Arcana*, muito tempo para estudar os segredos de Newton. Ele chegou a criar os cinco artefatos, imbuindo objetos antigos, pertencentes às cinco dinastias místicas, com o poder dos Mageus cujas afinidades, por acaso, alinhavam-se com os elementos. Mas parou antes de conseguir unificá-los e usá-los para controlar o poder do Livro. Os historiadores acreditam que ele teve um colapso nervoso em 1693, mas não foi isso que aconteceu. Não mesmo. Foi efeito do Livro. O colapso foi resultado de uma tentativa de controlar esse poder. Depois de se recuperar, Newton desistiu da alquimia e confiou o Livro à Ordem, por segurança.

– O senhor sempre me disse que a magia elemental não é magia verdadeira – argumentou Esta, ainda dando corda para ele. – Ou será que isso também era uma mentira?

– Não é, não. Magia elemental *não é* magia verdadeira. Exige que o mago despedace partes da criação, dividindo-as, enfraquecendo-as para controlá-las. Mas a magia verdadeira controla a criação como um todo, os espaços entre os elementos que compõem a própria tessitura da existência. Mageus não precisam dos elementos, mas podemos usá-los. Sempre fomos capazes de usá-los. Com os rituais certos, os elementos podem ser muito úteis para aumentar o poder natural. É isso que fez da Ordem o que ela é. É isso que fez de você quem é – disse ele, levantando o bracelete

e examinando-o sob a luz do abajur.

– A Ordem não possui magia verdadeira – argumentou Esta. Já estava se sentindo mais forte, mas precisava fazer o Professor continuar falando até conseguir descobrir um modo de fugir. Então, continuou insistindo, provocando-o com ceticismo. – Eles não são Mageus. Todo poder que têm é roubado.

Ele colocou o bracelete de volta na mesa e só então olhou para a garota.

– Isso até pode ser verdade agora, mas nem sempre foi assim. A Ordem da Ortus Aurea começou como uma mera fachada. Como tantas sociedades ditas secretas, foi formada para que os mais ricos e influentes Mageus pudessem se esconder às vistas de todos. Mas a Ordem é uma das mais antigas dessas sociedades e conseguiu manter o poder mesmo depois que o Desencantamento destruiu a magia.

Aquela revelação contradizia tudo o que Esta havia aprendido, tudo em que sempre acreditara.

– O senhor está querendo me dizer que os membros da Ordem já foram Mageus?

– É claro que sim. Sempre existiu magia no mundo. Houve uma época em que a maioria das pessoas podia tocá-la, até que preferiram se esquecer da sua existência. O Desencantamento contribuiu muito para isso. Quando o clima no Velho Mundo ficou perigoso demais, os Mageus que conseguiram ir embora partiram. E trouxeram sua pequena sociedade para o Novo Mundo, porque achavam que podiam recomeçar a vida e acreditavam que as novas terras eram um lugar onde a magia poderia criar raízes. Não deu certo, é claro. Longe de sua terra natal, depois de algumas gerações, o poder dessas pessoas se enfraqueceu. Então, usaram os segredos contidos nessas páginas para criar a Beira, como uma forma de proteger sua magia.

“Mas não conseguiram controlá-la. O que começou como um modo de aumentar poder acabou se tornando uma armadilha: a magia continuou se enfraquecendo. Mais algumas gerações, e a única magia que lhes restou foi o poder que conseguiam roubar através dos experimentos. A Beira nunca teve o objetivo de ser uma arma, mas acabou se tornando uma.

“Na época em que minha família finalmente chegou em Manhattan, no ano de 1888, a Ordem já tinha esquecido o que antes fora, de onde viera. Seus membros temiam o poder que estava chegando ao seu país, então tentaram eliminá-lo. Voltaram-se contra os fracos, contra os pobres, contra aqueles que não tinham voz nem poder para contra-atacar. Mataram meu pai porque ele tentou denunciá-los, e depois caçaram minha mãe, meus irmãos e minhas irmãs. Só escapei porque eu estava fora de casa, trabalhando. Uma criança de 11 anos, trabalhando em uma fábrica, só para pôr pão em cima da mesa.

“Eles não tinham ideia do que significava ter medo, mas terão. Newton sabia que, se alguém pudesse terminar o que ele começou e controlar o poder do Livro, seria tão poderoso quanto um Deus, seria o último mago que o mundo conheceria. Agora que tenho o Livro e as pedras, posso desbloquear o poder do *Ars Arcana*. Estou esperando há uma vida. Na verdade, mais, por este momento.”

– Então, faça isso logo – desafiou Esta. – Está aqui parado, fazendo um monólogo, como um vilão de história em quadrinhos. Se tem todas as peças, o que está esperando?

Ele sorriu. Uma curva vagarosa e assustadora surgiu naqueles lábios finos.

– Estava esperando *você*, Esta.

– Não vou ajudá-lo.

– Ah, acho que vai.

Quando o Professor se levantou da cadeira e contornou a mesa até o local onde ela estava sentada, Esta percebeu que não estava usando a muleta de sempre. As mãos estavam apoiadas em uma bengala com uma medusa de prata na ponta.

– Isso era de Dolph – disse Esta, entredentes, tomada pela raiva.

– Sim, era. Pode-se dizer que ele a deixou para mim como herança.

– O senhor quer dizer que roubou isso dele.

– Meras questões semânticas... O que realmente importa é que estou quase ganhando esse jogo. Dolph Saunders não pôs as mãos no Livro. Por causa do seu trabalho, Esta. Harte Darrigan também não.

Esta sentiu o nojo subir pela sua garganta.

– Eu *já* vou ajudá-lo.

O Professor Lachlan inclinou a cabeça para o lado, com uma expressão tranquila.

– E o que faz você pensar que terá escolha?

A ESCOLHA IMPOSSÍVEL

Esta se debateu contra as cordas, desesperada para afrouxá-las um pouco e conseguir se soltar. Não havia nada que ela quisesse mais do que destruir aquele homem que estava na sua frente. Mas as cordas que a prendiam estavam apertadas demais. Mal se mexeram.

O Professor Lachlan se empertigou e disse:

– Desse jeito, você só vai se cansar, e ainda quero que você faça muita coisa. Ainda quero algo de você.

– Engraçado. Eu não quero mais nada com o senhor – disparou ela.

O Professor deu risada e foi até a mesa onde estavam os artefatos, pegou-os e os trouxe até onde Esta estava, ainda amarrada na cadeira.

– Você certamente herdou a fúria de sua mãe, não foi?

Quando Esta finalmente conseguiu falar, a voz estava tão rouca que parecia que tinha engolido cascalho:

– O senhor conheceu a minha mãe?

O Professor olhou para Esta por um bom tempo, analisando-a, com um brilho sonhador nos olhos.

– Vestida desse jeito, você se parece um pouco com ela, sabia? Não muito, só um pouco. Os mesmos olhos. Cabelo mais claro – disse. Em seguida, colocou a coroa com o Olho do Dragão na cabeça da menina. O metal frio apertou a testa dela. – Você certamente é tão impulsiva quanto ela. E cabeça-dura também.

– O senhor me disse que me encontrou em um parque – falou Esta. Parecia que sua própria voz estava muito distante, e que a sala à sua volta era um túnel.

– Eu menti – respondeu ele, fechando o colar com a Estrela de Djinni em volta do pescoço de Esta.

– Ou talvez esteja mentindo agora.

– Será?

Em seguida, ele enfiou o anel com a ágata transparente, chamada Lágrima de Delfos, no dedo médio da mão esquerda de Esta.

A garota conseguia sentir o calor das pedras, mas elas não a atraíam, não como a Chave de Ishtar. O Professor Lachlan ainda estava segurando o bracelete. Se pelo menos o colocasse no seu braço – se pelo menos Esta conseguisse vencer o efeito da droga que corria no seu sangue –, talvez conseguisse escapar.

– O senhor só pode estar mentindo.

Porque, se ele não estivesse, tudo o que Esta acreditara sobre si mesma durante toda a sua vida também seria uma mentira.

– Fico surpreso que você não tenha juntado as peças sozinha. Você pode até ser

impulsiva, talvez um pouco emotiva demais, mas nunca pensei que fosse burra – provocou, dando uma gargalhada. – Mas não juntou, não é mesmo?

Ele a observou um pouco mais e continuou falando:

– Na verdade, agora que estou olhando para você, vejo que, definitivamente, é mais parecida com seu pai. Por que será que ninguém notou a semelhança? Não que eles conseguissem ligar as duas coisas, ainda mais depois de todo mundo achar que a filha de Dolph e de Leena tinha morrido no parto.

– Dolph? – sussurrou Esta.

– E Leena... Que não era *exatamente* esposa dele.

O Professor Lachlan deu um tapinha pouco amigável na bochecha de Esta, mas ela sequer sentiu o ardor quando a mão dele bateu na sua pele.

“Não.”

Dolph Saunders não podia ser seu pai. Ela tinha sentado à sua frente inúmeras vezes, tinha conversado, discutido com ele. Esta teria percebido. Quando ele lhe pagou aquele *knish* na padaria Schimmel e lhe contou o que pretendia fazer, será que Esta não teria se dado conta? Quando trouxeram corpo dele, pálido e sem vida, e Esta ficou de luto como o restante das pessoas do bando, será que não teria sentido algo – *qualquer coisa* – que lhe permitisse reconhecer o que aquele homem era dela?

– Isso não é possível – falou Esta, com a garganta apertada. – Dolph Saunders morreu há mais de cem anos.

O Professor Lachlan lhe lançou um olhar de pena.

– Você é capaz de viajar através tempo, não é? – respondeu ele, segurando a Chave de Ishtar. – Desde que tenha o equipamento certo, quer dizer.

– Eu teria lembrado...

– Você era nova demais para se lembrar de qualquer coisa. Não devia ter mais de 3 anos quando tudo deu errado. Depois que Darrigan roubou o Livro e destruiu metade da Mansão Quéfren, as patrulhas do Tammany e a influência da Ordem fizeram da Bowery um inferno. Você sabe disso por experiência própria.

– Não – sussurrou Esta, como se pronunciar aquela única sílaba pudesse mudar a verdade que estava bem na frente da sua cara. – Eu estava lá. Ele não tinha nenhuma filha.

– Ele não *sabia* que tinha uma filha. Leena escondeu isso dele depois que Saunders a traiu. Ele estava tão desesperado naquela época para aumentar seu poder que não contou para Leena que estava mexendo com magia ritual. Ela só descobriu quando era tarde demais que ele roubara parte do seu poder e usara para transformar suas marcas em armas. O choque dessa revelação a fez entrar em trabalho de parto muito cedo. E, quando você nasceu, Leena disse para todo mundo que a criança tinha morrido.

– Como ela pôde fazer isso?

– Naquela época, até que era bem fácil. Os pais não se envolviam tanto nesses assuntos. Mas acho que o que você realmente quer perguntar é *por quê* – disse ele,

dando de ombros. – Porque ficou claro desde o início que você era especial, algo raro e poderoso, e Leena não confiava em Dolph a ponto de ter certeza de que ele não usaria você também.

– Ele jamais ficou sabendo? – perguntou Esta, horrorizada com o fato de alguém poder fazer uma coisa daquelas.

– Dolph nem sequer a viu. Leena estava desesperada para protegê-la, e você deveria saber muito bem que pessoas desesperadas são capazes de fazer coisas terríveis. Mas também dão ótimas vítimas.

– Ela confiava em você – entendeu Esta. Era o único jeito pelo qual Nibs poderia ter descoberto.

O Professor Lachlan balançou a cabeça.

– Ela precisava de um aliado e acreditava em mim. Acho que nunca teve intenção de esconder você por muito tempo, mas as mentiras têm certa tendência a ganhar vida própria. Nós dois sabíamos que a sua afinidade era diferente. Talvez, tenha havido uma época em que mais pessoas podiam fazer o que você faz, mas elas foram caçadas e eliminadas durante o Desencantamento. Você era algo raro, mesmo em 1902. Uma anomalia inesperada, filha de pais inesperados.

“Foi bem fácil tirá-la do meu caminho. Dolph Saunders acreditou em mim quando eu disse que Leena não corria perigo se trabalhasse na casa de Morgan. Era para ele ter morrido naquela noite também, aquele filho da puta cabeça-dura. Mas, no fim das contas, também foi muito fácil me livrar de Saunders.”

– O senhor matou os dois – sussurrou Esta, ainda tentando processar o que o Professor acabara de lhe revelar. De repente, ficou feliz por estar sentada, porque as pernas não teriam conseguido sustentar seu próprio peso. – Você mentiu para mim a respeito de tudo.

– E também salvei você. A vida é repleta de contradições, não é mesmo? – debochou. Mas toda graça que sentia sumiu da expressão dele, e ele chegou ainda mais perto. – No final daquele ano, as coisas só tinham piorado. O Conclave estava se aproximando, e a Ordem estava ficando cada vez mais desesperada para encontrar os artefatos. Eu sabia que, se você fosse presa em uma batida policial, a Ordem jamais lhe soltaria. Como não podia correr o risco de perdê-la, fiz a única coisa que estava ao meu alcance. Usei a Chave de Ishtar para esconder você.

O Professor levantou o bracelete e examinou a pedra. Que não tinha mais a rachadura que a cortava ao meio na superfície lisa. Mesmo àquela distância, Esta podia sentir o magnetismo da gema.

– Eu já tinha feito alguns testes com ela, e sabia que podia ser usada para concentrar ou amplificar o poder mágico, apesar de não ter certeza do que a gema poderia fazer por você. Você era muito pequena para ter qualquer controle sobre o seu poder, mas eu tinha certeza de que, se eu conseguisse assustá-la o bastante, usaria sua afinidade. Então, tranquei você dentro de um armário. Quando parou de chorar, abri a porta e descobri que você tinha sumido. Exatamente como eu

esperava. Fora do alcance da Ordem.

– Fui preso, é claro, e o interrogatório não foi nada fácil. Eu não não posso dizer que saí ileso – continuou ele, apontando para a própria perna. – Quando voltei, a velha que deixei vigiando o quarto disse que você não tinha aparecido. Eu esperava que você fosse voltar dentro de alguns minutos, talvez algumas horas depois que os homens da Ordem fossem embora. – O Professor franziu a testa e continuou: – A Chave de Ishtar era mais poderosa do que eu imaginava, e você me fez esperar muito tempo antes de finalmente aparecer. Mais de noventa anos. Mas, no fim das contas, eu tinha razão: deu tudo certo. Eu esperei e, enquanto esperava, fui fazendo meus planos. E você acabou aparecendo. Exatamente como eu havia previsto.

– O senhor me *roubou*. Roubou toda a minha vida.

– Eu *criei* você. Eu lhe dei uma vida que você jamais poderia ter naquela época. E agora vai me pagar esse favor – falou, colocando o bracelete no braço de Esta.

A garota podia sentir o calor da pedra preciosa, o chamado da magia. Mas, como seu sangue ainda não estava completamente livre da droga que ele havia lhe dado, não conseguiu invocar o poder da gema.

– Você sabe o que é o tempo, Esta? – O Professor Lachlan sorriu ao ver que a menina não respondeu. – É a substância que conecta tudo, a qualidade indefinível que transcende *tudo*. É a quintessência da existência: *Éter*. Eu queria você por um motivo, salvei você por um motivo.

– Éter? – perguntou Esta, lembrando-se das palavras de Harte em cima da ponte.

Ele pegou a adaga, aquela, que Esta roubara da mansão Schwab, naquela noite fatídica quando tudo começou a dar errado, e examinou a ponta.

– Sei que é um tanto primitivo, mas essas coisas tendem a funcionar melhor com um pouco de sangue.

Esta ficou bem parada, recusando-se a mexer um músculo sequer quando o Professor chegou perto dela com a faca. Bem devagar, ele passou a adaga no seu peito, bem embaixo da clavícula. Ela mal sentiu a picada da lâmina. Seu mundo inteiro acabara de implodir – havia traído seus amigos do passado e agora estava sendo traída pela pelo único familiar que já conhecera. Tudo o que sabia a respeito de quem era, do motivo por ter sido salva, era mentira. Tudo estava contra ela, não havia escapatória.

O que era um pouco de sangue, um pouco de dor, face a tudo aquilo?

Quando o Professor terminou de cortá-la, quando a ferida começou a ficar quente, ele enfiou a faca no corpete do vestido de Esta, para que a lâmina ficasse apontando para sua barriga, e o Coração do Faraó, encostado na sua pele.

– O Éter conecta todos os elementos – explicou ele. – Da mesma forma, usarei a sua afinidade para conectar as pedras. Assim que estiverem interligadas, poderei controlar o poder do Livro.

– E eu? – perguntou Esta, detestando o tremor na própria voz. – O que vai acontecer comigo?

– Presumo que a mesma coisa que aconteceu com todos os Mageus cujo poder foi roubado para criar as pedras originais – respondeu, lançando-lhe um olhar enigmático. – Você é apenas o receptáculo.

Esta tentou se debater contra as cordas de novo. Mas, com a adaga encostada na sua pele, não tinha como se mexer sem se cortar toda.

– Calma, calma. São só mais alguns minutos – disse o Professor Lachlan. Em seguida, deu um leve sorriso, que não era o mesmo o sorriso frio de Nibsy Lorcan, mas aquele sorriso que Esta conhecia desde a infância, que desejara tão desesperadamente quando era criança.

A traição a feriu mais fundo do que qualquer adaga poderia ferir.

Mas Esta ergueu queixo. Não permitiria que o Professor percebesse o quanto estava com medo. Só lhe demonstraria o seu ódio.

O Professor Lachlan voltou para a mesa e pegou o Livro. Ignorou Esta enquanto abria a página que estava cuidadosamente marcada, e começou a ler em voz alta.

Em princípio, pareciam palavras em latim. Mas, à medida que as recitava, em um ritmo monótono, o tom da sua voz mudou, como se algo o tivesse possuído, e Esta não conseguiu mais entender as palavras. À medida que o Professor entoava o que estava escrito, as sílabas ficavam cada vez mais estranhas, até não se parecerem mais com palavras. Até a voz dele não parecer mais humana. Enquanto continuava entoando, as pedras engastadas nas peças de metal encostadas na pele de Esta começaram a esquentar. O Professor continuou recitando, até parecer que o tempo perdera completamente o sentido. Até parecer que o calor das pedras queimaria sua pele até alcançar os ossos. Até um vento estranho começar a rodopiar pela biblioteca, levantando os papéis. Até o vento ficar tão forte que as folhas voaram pelos ares. Até as luzes começarem a piscar. Até um terrível rugido, de uma hora pra outra, tomar conta dos ouvidos de Esta.

E, então, tudo escureceu.

O ar ficou da biblioteca ficou parado.

Mas Esta ainda não se fora.

CONTINGÊNCIAS

Uma chama bruxuleava ali perto, iluminando as rugas profundas do rosto do Professor Lachlan, que chegou perto de Esta.

– Você ainda está viva – disse, baixinho, como se estivesse falando consigo mesmo e não com ela. – Não funcionou.

– Não posso dizer que sinto muito.

O Professor Lachlan chegou mais perto e se debruçou sobre Esta.

– Mas vai sentir.

Pelo interfone, pediu para Logan checar os disjuntores do porão e começou remover os artefatos do corpo de Esta, um por um, começando pelo bracelete. Depois de um instante, as luzes se acenderam.

– Será que o senhor pronunciou errado alguma das palavras? – perguntou ela, provocando-o de propósito.

– Não. Pronunciei tudo perfeitamente – respondeu o Professor, tirando o último dos artefatos. – Temia que isso pudesse acontecer. Temia que tivesse passado tempo demais.

– Então, o seu grande plano não vai funcionar, afinal de contas?

Mas Esta não se permitiu ter esperança. Não enquanto ainda estivesse amarrada naquela cadeira.

– Claro que vai. Pode não haver energia suficiente no mundo para o ritual dar certo agora, mas já houve. Então, você vai levar o Livro de volta para o menino que eu fui um dia, para um mundo onde a magia ainda tinha poder, e eu ainda era jovem o suficiente para usá-la.

– E por que eu faria isso?

O Professor ficou olhando para Esta por mais um instante e respondeu:

– Porque, se não fizer, é muito provável que você desapareça. Se a Chave de Ishtar não estiver no passado, não vou poder dá-la para a sua versão criança.

A cabeça de Esta girava.

– Então, eu já deveria ter desaparecido – desafiou ela. – O fato de eu ter trazido a Chave de Ishtar de volta para casa, para este tempo, já teria mudado a minha vida. A esta altura, a data em que você me deu a pedra já teria passado. Eu não teria crescido nesta época, e nós não estaríamos tendo esta conversa.

– A menos que você já tenha feito isso. Não acho que este momento mudaria, a menos que você faça a escolha consciente de mudar o passado – respondeu o Professor. Em seguida, sorriu, claramente satisfeito consigo mesmo. – Eu chequei cada conexão, fiz planos para todas as contingências. É um *talento* especial que eu tenho.

“Então, esse era o poder de Nibsy? Não é de se surpreender que ele guardasse o segredo a sete chaves.”

Esta levantou queixo e disse:

– Talvez eu prefira desaparecer do que permitir que você vença. Por acaso se planejou para isso?

– Na verdade, me planejei, sim.

O Professor foi até a mesa e apertou um botão. Um instante depois, o elevador começou a se mexer, subindo até onde eles estavam.

Ele tirou um revólver de uma gaveta na sua escrivaninha e apontou diretamente para Esta. Havia um silenciador no cano.

– Não vou ajudar você a desbloquear o poder deste Livro – disse ela, feliz por sua voz não ter tremido como o corpo tremia. – Prefiro morrer.

O Professor Lachlan deu um sorriso.

– Tenho certeza de que sim. Mas quem você estaria disposta a sacrificar junto com você?

A porta do elevador se abriu neste instante.

– O senhor me chamou, Professor? – disse Dakari, entrando na biblioteca.

– Não! – gritou Esta, debatendo-se contra as cordas que a amarravam. – Dakari, vá...

Mas era tarde demais. A arma disparou, um ruído baixo seguido pelo som alto que Dakari fez quando bateu no chão.

– Não – gritou Esta, mais uma vez, com os olhos já ardendo de lágrimas. Ela ainda se debatia contra as cordas, contra a verdade do que tinha acabado de acontecer.

O Professor Lachlan foi até ela e levantou o queixo dela, obrigando Esta a olhar para ele.

– Parece que você tem mesmo escolha, afinal de contas. Pode escolher sumir. Escolher desaparecer e nunca existir. Talvez isso aconteça imediatamente. Talvez você tenha tempo de ver todo mundo de quem já gostou, morrer, assim como Dakari. Logan. Mari. A família inteira dela, de que você sempre gostou tanto. Vou trazer todos até aqui, para ter certeza de que vai poder vê-los implorando pela própria vida antes que eu os mate. Para que saibam que foi você quem assinou a sentença de morte deles. Ou você pode fazer o que eu estou pedindo e levar o Livro de volta para a minha versão mais jovem.

– Não – sussurrou Esta, sacudindo a cabeça.

– Você gosta de salvar os outros, não? Pense só: poderia reescrever esse futuro e dar uma nova vida a Dakari, em um mundo sem a Ordem. Uma vida em que ele não terminaria como uma pilha no chão da minha biblioteca. Se for muito boa, pode até convencer a minha versão mais jovem a ter misericórdia pelo bando de Saunders.

Esta não conseguiu impedir que as lágrimas rolassem pelo seu rosto. Virou-se porque não tinha estômago para aguentar o Professor Lachlan tão perto dela. Do

outro lado da sala, as facas de Viola reluziam na luz fraca.

“Jianyu. Viola.”

Talvez ela não pudesse salvar Dolph, mas ainda podia salvá-los. Se não desistisse, poderia voltar e tentar mudar as coisas mais uma vez.

– Tudo bem – disse ela, sem tirar os olhos das facas de Viola, para que o Professor Lachlan não pudesse ver o ódio refletido nos seus olhos. – Eu volto. Mas vou lutar contra você a cada passo do caminho.

O Professor Lachlan – Nibs – seja lá quem ele fosse – sorriu.

– Não esperaria nada menos, menina, mas fique sabendo: você está tentando vencer um jogo de cartas marcadas. Já pensei em tudo o que você pode fazer, já considere todos os possíveis resultados. Pode lutar o quanto quiser, mas o futuro será meu.

O Professor Lachlan não tinha mentido quando disse que tinha se preparado. Pelo jeito, tinha pensado em todas as contingências.

Logan segurou no braço de Esta para garantir que ela não usaria sua afinidade sem levá-lo. A arma era apenas por precaução, disseram. Caso Esta inventasse de fazer alguma coisa. Não que a menina tenha acreditado neles. Assim que os dois estivessem no passado, Logan poderia matá-la com a maior facilidade.

Tinham lhe dado algum tipo de droga, cronometrando o tempo para que, enquanto caminhavam as seis quadras até o parque, o efeito passasse apenas o suficiente para permitir que Esta usasse a Chave de Ishtar para levar Logan de volta a 1902: ela não teria chance de escapar antes disso, não sem encarar a arma.

Haviam lhe passado uma data específica, um dia depois daquele dia na ponte. Assim que estivesse no passado, Logan tinha ordens específicas do quê procurar. Se Esta tentasse levá-lo para qualquer outra época, o rapaz a mataria. Ou ele causaria um ferimento grave o suficiente para convencê-la a cooperar.

Assim que estivessem no passado, seria fácil caminhar até o Strega. Haveria pouquíssimas chances de Esta fugir ou de estragar o plano do Professor Lachlan, de que os dois lhe entregassem o Livro e as pedras. E, assim que tudo estivesse em poder de Nibs, não teriam como detê-lo.

Para piorar, Esta não reconhecia Logan – não aquela versão de Logan. Não tinham as mesmas lembranças de seus momentos em comum, e tudo o que ela tinha para tentar prever suas atitudes era a esperança de que a natureza intrínseca de uma pessoa era constante e imutável, qualquer que fosse a sua trajetória de vida. O rapaz até poderia ter sido um pé no saco, mas jamais fora mau. Jamais machucaria alguém de propósito. Esta só podia torcer que isso ainda fosse verdade.

Mas não sabia se acreditava nisso.

Ficou com a cabeça abaixada, encolhida, como se o peso do mundo – do passado, do presente e do futuro – estivesse sobre os seus ombros. “Deixe que achem que venceram.” Deixe que pensem que estava encurralada. Por mais que Esta não soubesse como faria para escapar.

O Professor olhou para o relógio, e quando chegou a hora em que o efeito da medicação teria abrandado, balançou a cabeça, sério.

Logan enfiou ainda mais o revólver nas costas de Esta, a deixa para começar o processo. Mas ela ainda se sentia lerda e anestesiada por causa dos resquícios da droga. Foi mais difícil do que o normal encontrar o momento exato, o tempo exato que deveria atingir. Foi descendo pelas camadas dos anos, até sentir o magnetismo conhecido daquela época. “Que estranho”, pensou. Quase tinha a sensação de estar voltando para casa.

Mas Esta se forçou a ignorar esse sentimento piegas. Precisou de todas as suas forças para guiá-los até o momento que queria. Lá longe, a Torre da Liberdade – o gesto de um dedo só que a cidade de Nova York dava para o resto do mundo – começou a desaparecer. A cidade ficou borrada, e Esta sentiu aquela sensação de empuxo, como se fosse se despedaçar e voltar a si mesma, tudo ao mesmo tempo, enquanto os levava até a data necessária. O parque foi sumindo, e a cidade de outrora começou a se materializar. Quando ela estava quase chegando, logo antes de o presente desaparecer e de o passado se tornar realidade, Logan começou a gritar e a rasgar a sacola que tinha presa ao peito, a sacola que continha o Livro e os demais artefatos.

Por instinto, Esta entendeu que aquela seria a melhor oportunidade de escapar. Girou o braço com força, desvencilhando-se dele. E Logan, que ainda estava concentrado na sacola, a soltou, bem quando eles aterrissaram nas ruas úmidas de paralelepípedos da antiga Nova York.

O corpo inteiro de Esta tremia por causa do esforço que fizera para se soltar do rapaz, e o bracelete no seu braço estava quente. A vizinhança estava estranhamente silenciosa, apesar de já passar do meio-dia. Ao longe, ouviu sinos tocando e sentiu o cheiro forte de produtos químicos, característicos de prédios pegando fogo.

Viajar no tempo sempre deixava Logan momentaneamente zonzo, e dessa vez não foi diferente. O garoto mal tinha conseguido tirar a sacola do corpo e jogar para longe quando um grupo de rapazes de roupa escura virou a esquina.

“São da Cinco Pontos.”

Os olhos dos meninos brilharam quando viram os dois ali, estirados na calçada. Logan ainda estava zonzo, e o grupo começou a andar mais rápido.

Mas, antes que pudessem chegar perto de Esta, ela retardou o tempo e pegou a sacola. Tentou limpar a sujeira da rua do seu vestido, naquele mundo silencioso e parado, e começou a caminhar. Tinha um lugar para ir, uma vida para salvar. Tinha que voltar. Tinha que ir até a ponte. Logan sabia se defender sozinho.

O MAGO

Março de 1902 – Ponte do Brooklyn

O Mago ficou parado no limite do seu mundo e lançou um último olhar para a cidade. À sua volta, o caos havia se instaurado em cima da ponte, mas seus olhos estavam fixos na única coisa que lhe importava: Esta.

“Vá!”, insistiu ele. Esta precisava levar o Livro para algum lugar em que todos estariam a salvo do objeto. Tinha que levar *a si mesma* para esse lugar, longe de Nibs, de Jack ou de qualquer pessoa que pudesse se aproveitar dela. Incluindo o próprio Mago. Se a Ordem um dia descobrisse o que Esta era, o que era capaz de fazer...

“Vá!”

Mas a moça continuava com a mesma expressão teimosa que fizera todas as vezes que ele tentara convencê-la de alguma coisa. *Ela não ia embora*. Não fugiria enquanto ainda era possível. Harte já esperava a sua teimosia, sabia que teria que tomar essa decisão por ela. Só faltava um passo. Um único passo, e tudo acabaria.

Fechou os olhos, sentiu o vento no seu rosto pela última vez e se inclinou para a frente...

Um instante depois, já estava caindo, e o ar à sua volta o esticava e puxava, pressionando seu corpo até ele ficar tão tonto que pensou que fosse vomitar, a cabeça latejando por conta daquela pressão que não era natural. Foi caindo, caindo, até bater no chão, com algo – alguém – lhe prensando contra o chão.

Ouviu um gemido suave, feminino, e sentiu o peso sair de cima dele.

– Jianyu? – A voz de Esta chegou até Harte como se ele estivesse sonhando. – O que você está fazendo aqui?

Harte demorou um pouco para conseguir falar, para entender o que estava vendo, mas era Esta. Era *mesmo* Esta. Não um sonho. A ponte estava vazia e silenciosa, e a moça estava esparramada em cima das costas de Jianyu. Nunca a vira tão confusa. E ele não tinha morrido.

– Jianyu estava me ajudando – respondeu Harte, ficando de pé. Ainda tentava se recuperar do choque de ter visto Esta. Da absoluta maravilha de continuar vivo, quando, havia poucos instantes, pensara que Jianyu resolvera deixá-lo cair.

– Ajudando? – perguntou Esta, saindo de cima de Jianyu, que continuou deitado no chão, inconsciente. – Ajudando você a fazer o quê?

– Forjar minha própria morte – respondeu ele, engolindo em seco, constrangido, ao ver que a expressão de Esta parecia mais brava do que aliviada.

A garota ficou só olhando para ele, com os olhos arregalados, e uma expressão

absolutamente alarmada. Talvez aquela fosse a primeira vez que Harte a via ficar sem palavras.

– Você está tremendo – disse Harte, encostando no seu rosto com a mão trêmula. Esta estava pálida, com o cabelo todo bagunçado.

– Estou bem – falou ela, mas não o empurrou. Então, de uma hora para outra, seu rosto se retorceu. – Seu imbecil – falou, dando um tapa na cara de Harte. – Você me disse que ia pular. – Sua voz era quase maníaca, e seus olhos estavam revoltos, cheios de lágrimas. – Achei que você tinha morrido – gritou, com a voz trêmula e o queixo também.

– Não morri – disse Harte, baixinho, feliz de perceber que sua voz não tremia, apesar de ele estar tão abalado. – Não sabia se Jianyu estaria mesmo lá, como eu tinha planejado. – Quando se inclinou, na direção do vento, Harte se obrigara a depositar toda a sua confiança, toda a sua vida, nas mãos de outra pessoa.

Esta lhe deu mais um tapa. Ele levantou o braço para se esquivar do ataque, mas acabou caindo, porque o movimento lhe deu tontura.

– Pare, Esta!

– Você mentiu para mim de novo!

– Tive que mentir – explicou ele, levantando mais uma vez. Segurou as mãos de Esta, com cuidado, para a menina não conseguir bater nele de novo. – Precisava que você levasse o Livro para longe de Nibs e de Jack, e eu tinha certeza de que você não iria embora se eu não fizesse isso.

Mas a expressão da moça não se suavizou. Os olhos dourados ainda estavam pegando fogo.

– Você me disse que a Ordem jamais iria parar de caçá-lo.

– E não vai mesmo.

Jianyu soltou um gemido, mas ainda não tinha recobrado completamente a consciência.

– Então, por que mentiu para mim?

Como Esta parecia ter se acalmado, ele soltou as mãos dela.

– Eu ia voltar para a cidade, para deter Nibs e a Ordem... Para criar um futuro diferente para o qual você pudesse voltar.

Esta ficou parada, com ar de desconfiança.

– E eu sou obrigada a acreditar em você agora?

– Ele está falando a verdade – interveio Jianyu, gemendo e, finalmente, ficando de pé. – Combinamos tudo depois que o corpo de Dolph foi encontrado. – O rapaz olhou em volta e se deu conta de que a ponte estava vazia. – O que foi que aconteceu? Para onde foi todo mundo? – perguntou, confuso.

– As pessoas foram embora horas atrás – explicou Esta.

– Horas?

– Para você, deve ter parecido um segundo. Achei que eu estava apenas segurando Harte. Não me dei conta de que você também estava lá quando estiquei o braço.

Jianyu parecia absolutamente perplexo.

– Como assim, esticou o braço?

– Através do tempo. Não consegui voltar tudo. Então, eu meio que só... puxei vocês para um instante depois do momento em que vocês dois estavam, em um tempo diferente – esclareceu. Em seguida, esfregou braço, e a dor tomou conta da sua expressão. – É uma longa história.

Jianyu ficou olhando para Esta, confuso e muito curioso.

– Tenho muito interesse em ouvir a sua explicação.

– Depois – disse Harte, virando-se para Esta. – Precisamos fazer a Ordem, Nibs, *todo mundo*, acreditar que eu morri – falou, tentando explicar. – Diabos, era para você também acreditar. Era para você ficar no seu próprio tempo, onde estaria segura.

– Não existe mais tempo nem lugar seguro – disse Esta, baixinho. Em seguida, olhou para Jianyu e perguntou: – Viola também sabe? Também participou disso?

– Achei que, quanto menos pessoas soubessem, melhor. Ficaria mais difícil de despertar as suspeitas de Nibs – explicou Jianyu.

– Nibs... – murmurou Esta, com a voz falhando.

Então, contou para eles tudo sobre Nibs e o Professor Lachlan, sobre a morte de Dakari e a traição de Logan.

– Como você conseguiu fugir? – perguntou Harte.

– Improvisei – respondeu ela, esboçando um sorriso. – E agora estou com isso. – Tirou o Livro da sacola que levava a tiracolo, mas seus olhos ainda estavam fitando o interior da bolsa, enquanto ela ficava sem cor. – Não.

– Que foi? – indagou Harte, tentando imaginar o que poderia tê-la deixado com aquela expressão, depois de tudo o que haviam passado.

Esta tirou um pedaço de metal carbonizado, que lhe pareceu estranhamente conhecido.

– Por acaso é...

– Sumiram – sussurrou Esta, virando o conteúdo da sacola no chão. Todos os artefatos que Harte havia roubado, estavam tão queimados que era quase impossível reconhecê-los. – Isso já aconteceu. Quando vim aqui pela primeira vez, encontrar você, eu lhe mostrei isso, lembra?

– O seu bracelete – falou Harte, lembrando-se das estranhas imagens que passaram pela sua cabeça quando Esta o beijara em cima do palco. – O que aconteceu com as joias?

– Não sei. Mas imagino... Quando vim para cá pela primeira vez, senti o mesmo calor e a mesma dor que senti agora, quando tentei puxar você através do tempo. Deve ser alguma coisa com as pedras. Não deve ser possível coexistirem com elas mesmas, numa mesma época.

Harte pensou por um momento, então disse:

– Nibs não teria mandado as pedras junto com este tal de Logan se soubesse que

isso poderia acontecer. Ele também não poderia pôr as mãos nelas. Pelo menos, não onde eu as escondi. Estamos seguros. Acabou.

– Não acabou, não – argumentou Esta, olhando para ele com uma expressão indecifrável. – Algum dia, Nibs as encontrará. Já fez isso antes. Precisamos pegar as pedras antes dele.

– Mas elas parecem não ter conserto – falou Jianyu, apontando para os restos carbonizados no chão.

– Não estas – corrigiu Esta –, as outras. – Então, olhou Harte nos olhos e completou: – As pedras que ainda deveriam estar *neste* tempo.

– Estão fora da cidade, e Nibsy está *dentro*. Não vai conseguir atravessar a Beira.

– Mas as pedras não ficarão fora da cidade para sempre. Uma hora ou outra, acabarão voltando para cá. Sei disso porque já roubei cada uma delas. – Esta segurou o braço de Harte e continuou falando: – E o que é ainda pior: Logan está aqui agora. Deixei-o deitado na calçada há mais ou menos uma semana daqui, no futuro. Ele vai encontrar Nibs, e vai contar tudo o que pode acontecer. Não podemos permitir que ele tenha essa informação *e* as pedras. *Precisamos* encontrar as pedras antes de Nibsy.

Harte franziu a testa.

– Mas não tem como atravessar a Beira sem destruí-la.

Esta arregalou os olhos, com uma expressão indecifrável. Mas Harte podia perceber que ela estava pensando, maquinando ideias na cabeça. Então, algo fez *clique*, algo mudou na sua expressão.

– Talvez tenha – disse ela, com a voz estranhamente calma.

– Esta, eu já expliquei...

– Eu sei. Você me disse que a Beira é como um circuito. Que atravessá-la com o Livro pode causar um curto, por conta do excesso de poder. Energia. Mas *existem* maneiras de atravessar um circuito. Existem maneiras de tocar na eletricidade. Veja só os passarinhos nos fios: é só não ser o fio terra.

Harte sacudiu a cabeça, sem entender.

– Como assim, fio terra?

– Talvez não seja essa a palavra. Mas você tem medo de que a energia do Livro faça a Beira entrar em curto, certo? Só precisamos impedir que o Livro interrompa a corrente da Beira. Algo que o Professor Lachlan, Nibs, disse poder ajudar. Éter e tempo são a mesma coisa. Por que não podemos usar a minha afinidade com o tempo para impedir que a energia do Livro interrompa o Éter da Beira? Aí, o circuito não ficaria sobrecarregado e, talvez, não haja um blecaute de magia.

– Isso pode funcionar – falou Jianyu, pensativo. – Não é tão diferente do que eu faço com a luz para desaparecer. Eu a curvo em volta de mim. E, se Esta conseguir direcionar o Éter da Beira em volta do Livro em vez de através dele...

– Você não entende, Esta. Isso não vai funcionar.

– Por que não? Se é um circuito, só precisamos...

Harte pôs a mão no ombro de Esta, impedindo-a de continuar falando.

– Não vai funcionar porque toda essa energia não está mais no Livro. – Então, engoliu em seco, finalmente se forçando a aceitar o que sabia desde que as vozes o possuíram no *Mysterium*. – Toda essa energia está em *mim*.

Esta ficou boquiaberta.

– Em *você*?

Harte balançou a cabeça, sem conseguir falar nada. Porque não sabia o quanto ainda conseguiria viver com aquilo dentro dele, por quanto tempo conseguiria controlar aquilo.

– É isso que você estava escondendo? – perguntou Jianyu, num tom sombrio.

Ele passou de um pé para o outro, sentindo-se ligeiramente culpado. Jianyu tinha arriscado tanta coisa para ajudá-lo.

– Eu lhe contei tudo o que eu podia contar.

– Você deveria ter me contado *tudo* – respondeu Jianyu, com um tom de raiva que Harte jamais ouvira, nem mesmo naquela noite que ele o encontrara nas docas.

Esta sacudiu a cabeça.

– Isso não tem mais importância. Precisamos das pedras.

Harte olhou para ela, com mais atenção, para o cabelo que caía no seu rosto, as roupas completamente amassadas. Provavelmente, seria morte certa para ambos seguir com aquele plano maluco. Mas, com o Livro vivendo dentro dele, minando suas forças um pouco mais a cada dia, Harte já era um homem morto. Se o plano de Esta realmente desse certo, talvez a garota conseguisse salvar os dois. Senão, ele aceitaria de bom grado tantos minutos quanto pudesse ter naquele mundo louco, principalmente se fossem minutos em que lutaria ao lado de Esta.

– Você precisa encontrar Viola e contar tudo o que aconteceu – falou ela, para Jianyu. – Ainda temos algum tempo antes de chegar o momento em que fugi de Logan. Se conseguirem impedi-lo de falar com Nibs, teremos mais tempo ainda. Porque, assim que ele ficar sabendo que voltei, nada poderá impedi-lo de pôr as mãos no Livro. – Então, se voltou para Harte, com os olhos já brilhando de determinação. – Ele não vai saber que você não pulou de verdade, e não vai saber o que aconteceu com as pedras. Isso nos dá uma vantagem. Mas, mesmo assim, vamos precisar de muita sorte para que isso funcione.

– Vamos precisar muito mais do que sorte – murmurou ele, com a cabeça ainda girando por causa de tudo que acontecera, de tudo o que Esta queria fazer.

– Vou encontrar Viola, e juntos, vamos impedir seu amigo de chegar perto de Nibs – prometeu Jianyu. – Vamos lhe dar todo o tempo que conseguirmos.

– E depois? – perguntou Harte, ainda não se permitindo ter esperanças.

– Depois reuniremos as pedras, e controlaremos o poder do Livro – respondeu Esta.

Harte franziu a testa.

– Não sei se alguma pessoa deveria controlá-lo.

– Também não sei, mas não estou disposta a permitir que Nibs nem a Ordem tomem essa decisão. Você está?

– Eu, pelo menos, não estou – falou Jianyu, estendendo a mão para ajudar Harte a se levantar. Em seguida, entregou a ele um pacote que tirou de dentro do próprio casaco. – Vá com Esta. Eu cuido das coisas por aqui.

Ele hesitou por um instante.

– Preciso lhe agradecer por ter confiado em mim mesmo quando não mereci. Por me ajudar. Você podia muito bem ter me deixado cair.

– Fiz isso por Dolph – respondeu Jianyu. – Não se esqueça da sua promessa e não me faça passar por bobo. – Então, fez uma reverência com a cabeça e sumiu, deixando Harte e Esta sozinhos em cima da ponte.

Harte ficou olhando para o lugar onde Jianyu acabara de estar. Depois de um instante, abriu o pacote e vestiu a camisa que estava dentro dele.

– Então, você vai me ajudar? – perguntou Esta, enquanto Harte abotoava camisa. – Vai me mostrar como fazer para atravessar a Beira usando o Livro?

Ele se deu conta de que não era mais de manhã. O sol tinha acabado de se pôr, e todo o horizonte estava ardendo com o brilho do crepúsculo refletido nos prédios. Parecia uma cidade em chamas, um lugar poderoso e estonteante.

Em seguida, enfiou a barra da camisa dentro das calças e endireitou as mangas.

– Você não deveria ter voltado.

– Não tive escolha – respondeu Esta, com os olhos dourados enevoados de dor.

– O que você está me pedindo, o que você está planejando, pode nos matar.

– Se não fizermos isso, todos podem morrer. Nibs não pode pôr as mãos nessas pedras. E a Ordem também não.

– E se piorarmos tudo? – As vozes dentro da cabeça de Harte estavam mais altas, sussurrando promessas e ameaças. “Eles sabiam o que Esta é. Eles queriam Esta aqui.” Esfregou a nuca, em uma tentativa vã de acalmar aquelas coisas que agora viviam dentro dele.

– Mesmo assim, precisamos tentar.

Ele olhou mais uma vez para o outro lado da ponte, para aquele mundo que, pensava, jamais poderia conhecer. “Mas Esta voltou”, sussurraram as vozes. Então, quem sabe, quem sabe...

Não havia como demovê-la, como desviá-la do seu caminho. E, por um lado, Harte não queria fazer isso.

Então, lhe estendeu a mão.

– Se você estiver pronta.

Esta olhou para a mão estendida e sacudiu a cabeça, ficando de pé sozinha.

– Até parece.

Então, enlaçou seu braço em Harte e, juntos, começaram a andar na direção do gélido poder da Beira.

AGRADECIMENTOS

Este livro é grande e exigiu a ajuda de muitas pessoas para ser publicado.

Obrigada, em primeiro lugar, a Michael Strother, que adorou a apresentação que fiz sobre esta história e cujas orientações a tornaram muito melhor. Sou *tão* grata a Sarah McCabe, por ter se disposto a adotar este monstro e por suas astutas ideias e seu apoio (mesmo quando a contagem de caracteres não parava de aumentar). Todos da equipe da Simon Pulse: são meus heróis, por terem me concedido a dádiva de tentar acertar mais uma vez, além da dádiva que foi seu apoio a esta história. Craig Howell e Cliff Nielsen fizeram a *mais* incrível arte de capa, e ainda estou maravilhada com o lindo mapa que Drew Willis desenhou. Estou muito em dívida com os olhos aguçados de Penina Lopez e de Valerie Shea, que cuidaram do texto. E com Clare McGlade, que fez uma leitura crítica.

Obrigada a todas as pessoas que leram as primeiras versões do manuscrito: Kristen Lippert-Martin me ajudou a resolver um grande problema no enredo e salvou o livro; as palavras sinceras de Hope Cook me ajudaram a enxergar erros que eu não tinha a intenção de cometer, o que salvou o livro; Olivia Hinebaugh me ajudou a continuar animada quando eu achava que o projeto não fazia sentido e salvou o livro. Kathryn Rose e Helene Dunbar também me deram dicas essenciais para que essa história ficasse mais forte, e sou muito grata por sua ajuda.

Obrigada a Flavia Brunetti, Guillaume Amphoux e Cristina Ketchum, que me ajudaram com algumas das palavras e expressões que não são da língua inglesa. Todos os erros que possam aparecer, é claro, são culpa minha. As pessoas incríveis do Lower East Side History Project foram inacreditavelmente solícitas e me acompanharam pelas áreas de Nova York que aparecem no livro, além de me ajudarem a encontrar o endereço de todos os personagens. E também indicaram lugares excelentes para comer *dim sum*.

Não sei o que eu faria sem a minha sensacional agente, Kathleen Rushall.

Acho que também preciso agradecer Chris Cornell, já que sua música foi minha trilha sonora enquanto eu escrevia esta história. Só Deus sabe por que *Higher Truth* combina com a Nova York de 1902, mas combina.

À minha família, que conviveu com este livro pelo mesmo tempo que eu. Não foi fácil de escrever, o que significa que, em muitos momentos, também não foi fácil de conviver com ele. A J., que me possibilita fugir para Nova York e fazer pesquisa, e nunca duvida de que escrever é mesmo o que eu devo fazer; e a H. e X., que são meu coração: não conseguiria ter feito nada disso sem seu apoio, e também não ia querer.

Por fim, como tantas pessoas neste país, sou filha de imigrantes. Há alguns anos, eu estava lendo os registros dos navios que chegaram à Ellis Island e notei que

nenhuma das minhas tataravós constava como alfabetizada. Tenho certeza de que essas mulheres me achariam uma criatura estranha, com meus diplomas finos e meu completo desinteresse pelas tarefas de casa. Mas tenho esperança de que se orgulhariam de mim. Afinal de contas, foi por causa dos sacrifícios que elas fizeram e da sua determinação que hoje estou aqui, ganhando a vida com as palavras que essas mulheres não conseguiam ler quando chegaram a este país. Então, a essas mulheres, e a todas que vieram antes delas, meu muito obrigada.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para **opinioao@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, out. de 2017

FONTES Bembo Std 11,5pt; Weiss Std 10pt

PAPEL Luxcream 60 g/m²

IMPRESSÃO Intergraf

LOTE I277424



MEGAN SHEPHERD

O MISTÉRIO^{dos} CAVALOS ALADOS

PLATA
FORMA 3D

O mistério dos cavalos alados

Shepherd, Megan

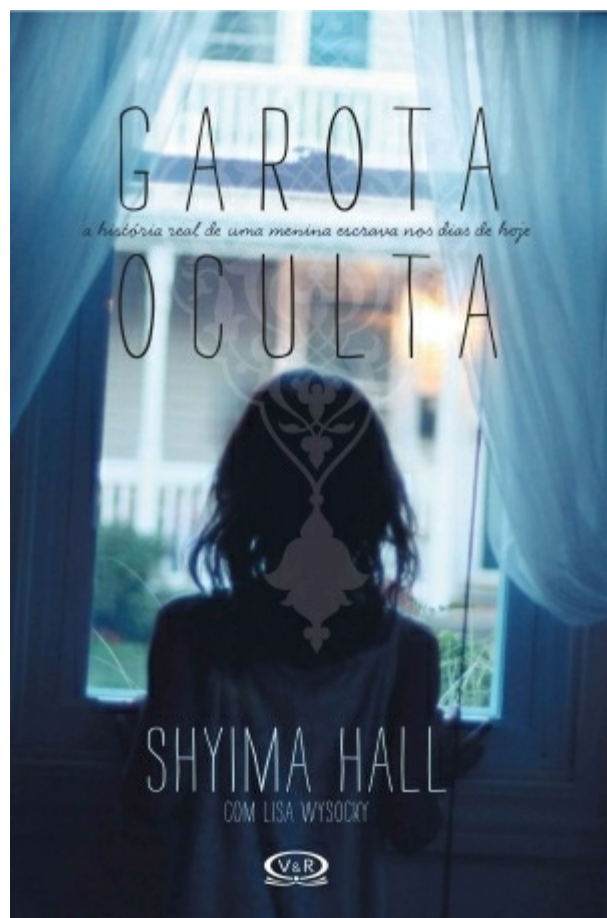
9788592783150

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Existem cavalos alados nos espelhos do Hospital Briar Hill – esses espelhos refletem os elegantes quartos que já pertenceram há uma princesa, mas que agora são o lar de crianças doentes. Somente Emmaline pode enxergá-los. Este é o seu segredo. Certa manhã, a menina escala o muro dos jardins abandonados do hospital e descobre algo incrível: um cavalo branco com a asa quebrada que deixou o mundo dos espelhos e invadiu a realidade. Esse cavalo branco – uma égua chamada Lume de Luar – está se escondendo de uma força sombria e sinistra: o Corcel Negro. Para Emmaline mantê-lo longe de sua nova amiga, ela precisa rodear Lume de Luar com tesouros de tons brilhantes. Mas como a menina encontrará cor em um mundo tão cinzento? Ambientado durante a Segunda Guerra Mundial, 'O mistério dos cavalos alados' traz uma prosa que se aproxima do lirismo e, assim como 'O jardim secreto' e 'A princesinha', já pode ser considerado um clássico. Um livro que será amado por muitas gerações.

[Compre agora e leia](#)



Garota oculta

Hall, Shyima

9788576838142

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Convicções fortes e honestas caracterizam esta inquietante autobiografia. Com simpatia e respeito, o relato de Shyima Hall inevitavelmente conquista o leitor" Publishers Weekly Shyima vivia em situação de pobreza com sua família no Egito. Quando tinha 8 anos, uma de suas irmãs mais velhas – empregada doméstica de um casal rico do Cairo – foi demitida por furto. Seus pais, então, fizeram um acordo com os ex-patrões da irmã: para pagar a dívida, Shyima ficaria no lugar dela. Assim iniciou sua escravidão. Os raptos de Shyima referiam-se a ela como "garota estúpida" e a forçavam a fazer de tudo como servente. O pouco dinheiro recebido em troca de seu trabalho era enviado diretamente a seus pais, com os quais Shyima passou a ter muito pouco contato. Dois anos depois, seus raptos mudaram-se para os Estados Unidos e Shyima foi levada ilegalmente com eles. As mais diversas formas de escravidão contemporânea são uma realidade terrível para milhares de adultos e crianças no mundo inteiro. Shyima foi uma dessas vítimas. Conheça sua trajetória inspiradora rumo à liberdade neste relato comovente.

[Compre agora e leia](#)

O FUTURO EXTRAORDINÁRIO

INSIGNIA

CATALISADOR

VOL. 3

S. J. KINCAID



Insígnia: o catalisador

Kincaid, S. J.

9788576838135

458 páginas

[Compre agora e leia](#)

Último capítulo da saga traz um final avassalador! Tom Raines e seus amigos estão ansiosos para voltar à Agulha Pentagonal e continuar seu treinamento nas Forças Intrassolares. Ainda que este seja um momento em que as coisas não pareçam estar tão bem. Tom não se intimida e persiste em lutar. O que começar como um ajuste de contas intrigante entre Tom e seu pai logo se transforma em uma mudança perigosa, pois há agente suspeitos em posições de poder, bem como revelações sobre um novo controle militar. Isso significa, talvez, que Tom tenha que manter segredos inclusive se seus aliados. Em seguida, uma figura misteriosa, outro fantasma na máquina, inicia uma luta contra as corporações, mas os métodos adotados por Tom para combatê-lo são chocantes. Neste terceiro volume, vemos Tom e seus jovens amigos, os cadetes, diante de um futuro impossível, o qual eles nunca poderiam prever. Em Catalisador, S. J. Kincaid nos presenteia com um final eletrizante, concluindo uma jornada heroica e fantástica de tirar o fôlego. "Um final perfeito para esta série e um questionamento aos leitores: como lidar com as grandes ideias?" Kirkus Reviews

[Compre agora e leia](#)

O IMPOSSÍVEL É APENAS O COMEÇO

INSIGNIA

A ARMA SECRETA



S. J. KINCAID



Insígnia: a arma secreta

Kincaid, S. J.

9788576835738

502 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Você não vai conseguir parar de ler." - Veronica Roth, autora de Divergente, best-seller do New York Times. É a Terceira Guerra Mundial. O inimigo está vencendo. E se a arma para virar o jogo fosse você? Mais do que qualquer outra coisa, Tom Raines quer ser alguém importante. Aos 14 anos, com uma aparência pouco digna de atenção e uma vida cheia de incertezas, ele está bem longe de realizar o seu desejo. Exceto por sua habilidade com games, Tom não tem muito com o que contribuir. Um zero à esquerda. Durante anos, o garoto perambulou de cassino em cassino com seu pai, um jogador completamente sem sorte e que fazia de seu vício um meio de sobrevivência. A cada dia, iniciava-se uma nova jornada em busca de um "lar", mesmo que isso significasse um quarto qualquer pago com o pouco dinheiro ganho em apostas. Mas, certo dia, o que parecia ser uma existência fadada ao fracasso, muda radicalmente. Da noite para o dia, Tom é convidado para integrar a elite do Exército e utilizar seu talento como jogador para ajudar seu país a vencer a Terceira Guerra Mundial. Tom, então, tem a oportunidade de se tornar alguém importante: uma supermáquina de guerra com habilidades tecnológicas jamais imaginadas. E de quebra, ganha a chance de conquistar tudo aquilo que parecia reservado aos outros: sucesso, amigos, um amor de verdade. Mas o acesso a tudo isso tem um custo. Será que vai valer a pena? Com personagens fascinantes e um enredo de tirar o fôlego, Insígnia faz uma eletrizante viagem ao futuro e revela um mundo onde as fronteiras entre humanos e máquinas não podem mais ser distinguidas.

[Compre agora e leia](#)

O Clã das Freiras Assassinas LIVRO II

DIVINA VINGANÇA

A história de Sybella

ROBIN LAFEVERS



Divina vingança

LaFevers, Robin

9788576839507

394 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sybella nunca soube ao certo o que era amor. Não sem segunda intenções. Desde sua infância, ela teve de confiar em si mesma para conseguir sobreviver.

[Compre agora e leia](#)

O ÚLTIMO DOS MAGOS



BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

LISA MAXWELL

PLATA
FORMA 21

O ÚLTIMO DOS MAGOS



BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

LISA MAXWELL

PLATA
FORMA 21

Table of Contents

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Mapa](#)

[O mago](#)

[Parte 1](#)

[A ladra](#)

[À beira](#)

[Um salto no tempo](#)

[Libero libro](#)

[A chave de Ishtar](#)

[Filhos do diabo](#)

[Por trás do efêmero momento presente](#)

[Parte II](#)

[O canto da sereia](#)

[Um céu de estrelas](#)

[Uma boca e tanto](#)

[Desperdício de botas](#)

[A abordagem](#)

[Na calada da noite](#)

[Bridget Malone, creio eu](#)

[Uma nova era](#)

[A Bella Strega](#)

[Ambição e desejo](#)

[Um péssimo negócio](#)

[Roubar a cota da noite](#)

[A zona morta](#)

[Como lá em cima, cá embaixo](#)

[Segredos: uma moeda de troca](#)

[Trabalho de base](#)

[Desorientação clássica](#)

[Mestre do além](#)

[Velhos amigos](#)

[Mudando de plumagem](#)

[O coração da magia](#)

[O metropolitano](#)

[Ladra inteligente](#)

Mudança de planos
Um belo de um truque
Profundezas escondidas
Faíscas de poder
Outro tipo de perigo
Golpistas não caem em golpes
A mensagem
O centro não vai segurar
O que aconteceu na Fulton Street
Algo novo
O peso da noite
Um quarto tomado pelo medo
Uma espécie de volta ao lar
Parte III
Arruinada
A diferença entre sonho e realidade
A árvore do conhecimento
Até gatinhas têm garras
Cheiro de traição
A tentação assume muitas formas
O caixão de vidro
Improviso
Um passo em falso
Uma nova parceria
Jogar a isca
Déjà-vu
Uma armadilha na armadilha
O canivete perdido
O limite da água
Mudança de planos
O fio se desenrola
As tumbas
Coisas pontiagudas
O equilíbrio do poder
Um convite
Parte IV
A história do agora
No ninho das cobras
Uma aurora dourada
Um truque de cartas
Xeque-mate

[Um segredo revelado](#)

[O mysterium](#)

[A revelação](#)

[Loucura nas ruas](#)

[Uma última noite](#)

[Me engana que eu gosto](#)

[Cartada final](#)

[Um céu sem estrelas](#)

[Um velho amigo](#)

[A escolha impossível](#)

[Contingências](#)

[O mago](#)

[Agradecimentos](#)

[Colofão e sua opinião](#)